
MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
KING OF THORNS
DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Súmario

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49

Todos clamam pelo rei!

Apesar de Jorg continuar a ser o mais maquiavélico dos protagonistas, sem hesitação para matar, mutilar ou destruir, caso isso o ajude a alcançar seus objetivos, passamos a compreendê-lo melhor neste livro, e é impossível não torcer por ele. Ele consegue renovar e dar uma reviravolta brutal, explodindo com todas as armadilhas românticas da grande fantasia - lealdade, honra, o bem contra mal e a fé em um causa maior. Às vezes, quando você vê aquele cavaleiro branco em seu cavalo, com uma armadura reluzente e um sorriso brilhante, só quer atirá-lo no chão e dar-lhe um murro na cara dele por ser tão perfeito. Se você já teve essa sensação alguma vez, Jorg é o cara.


1. Endless
2. Rye
3. Hanuer
4. Pântano de Cantanlona
CUMBRA
OFFA
MAR CALMO
ILHAS SUBMERSAS
KARLSWATER
MALADON
OSHEIM
ORIENTAL
OCIDENTAL
CONAUGHT
BELPAN
NORMARDY
KEN
ANCRATH
BRIT
ATTAR
BELLETH
LUX
Lemoges
LION
RHONE
ORLANTH
SCORRON
VYENE
ADORA
RED MARCH
PORT KINGDOMS
ANDALUTH
CANTANLONA
BARLONA
ALBA
MORROW
COSTA EQUINA
WENNITH
ILHAS CORSAIR
ROMA
320 km

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

PRÓLOGO

Encontrei estas páginas espalhadas, amarrotadas contra as rochas por um vento oscilante. Algumas estavam chamuscadas demais para revelar suas palavras, outras se desfizeram em minhas mãos. Eu as persegui, contudo, como se fosse a minha história que elas contavam e não a dela. A história de Katherine, tia Katherine, irmã de minha madrasta, Katherine que eu desejei todos os momentos dos últimos quatro anos, Katherine que escolhe estranhos caminhos que atravessam meus sonhos. Poucas dúzias de páginas esfarrapadas, pesando nada em minha mão, com flocos de neve deslizando por elas, frios demais para grudarem.

Eu me sentei sobre as ruínas de meu castelo cobertas de fumaça, sem me preocupar com os corpos amontoados e fedorentos. As montanhas, que se projetavam por todos os lados, tornavam-nos minúsculos, faziam O Assombrado e as armas de cerco espalhadas por ele parecerem brinquedo, desmerecendo seu propósito. E com os olhos ardendo por causa da fumaça,

o frio do vento dentro de mim, chegando até os ossos, eu li suas memórias.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *3 de outubro, ano 98 interregno*

ANCRATH. CASTELO ALTO. SALA DO CHAFARIZ.

A sala do chafariz é tão feia quanto qualquer outra sala neste castelo deplorável. Não há chafariz, apenas uma fonte que pinga em vez de borrifar. As damas de companhia de minha irmã tumultuam o lugar, bordando, sempre bordando, fazendo cara feia para mim por estar escrevendo, como se a tinta de minha pena fosse uma mancha que nunca mais saísse.
Minha cabeça dói e erva-lombrigueira não a alivia. Eu encontrei uma lasca de cerâmica no ferimento, embora frei Glen tenha dito que o havia limpado. Homenzinho medonho. Mamãe me deu aquele vaso quando vim embora com Sareth. Meus pensamentos vagueiam, minha cabeça dói e esta pena fica tremendo.
As damas costuram com seus pontos rápidos e precisos, ponto haste, ponto cruz, ponto caseado. Agulhinhas afiadas, cabecinhas lentas. Eu as odeio, com suas reprovações e seus dedos atarefados e o sotaque preguiçoso de Ancrath, enrolando as palavras.
Voltei para ver o que escrevi ontem. Eu não me lembro de ter escrito, mas diz como Jorg Ancrath tentou me matar após assassinar Hanna estrangulando-a. Suponho que se realmente quisesse me matar ele teria feito um trabalho melhor em vez de quebrar o vaso de mamãe na minha cabeça. Ele é bom em matar, pelo menos isso. Sareth me contou que o que ele disse na corte, sobre todas aquelas pessoas em Gelleth, reduzidas a pó... é tudo verdade. O castelo de Merl Gellethar se foi. Eu o conheci quando criança. Um homem de rosto corado muito malicioso. Parecia que ficaria feliz em me devorar. Não lamento por ele. Mas todas aquelas pessoas. Elas não podem ter sido todas más.

Eu deveria ter apunhalado Jorg quando tive a chance. Se minhas mãos fizessem o que eu mandasse com mais frequência. Se elas parassem de tremer a pena, aprendessem a costurar direito, apunhalassem sobrinhos assassinos quando instruídas... Frei Glen diz que o garoto rasgou a maior parte do meu vestido. Certamente está arruinado agora. Além do salvamento até mesmo por essas damas vazias com suas agulhas e linhas. Estou sendo cruel demais. Culpo a minha dor de cabeça. Sareth me diz para ser boa. Ser boa. Maery Coddin não é só costuras e fofocas. Embora esteja lá costurando e fofocando com o resto delas. Vale a pena falar com Maery sozinha, suponho. Pronto. Já fui boa o suficiente por um dia. Sareth é sempre boa e veja aonde chegou. Casada com um velho, e não um velho gentil, mas um frio e assustador, e sua barriga está toda gorda com um filho que provavelmente será tão selvagem quanto Jorg Ancrath.
Vou mandar enterrar Hanna no cemitério da floresta. Maery diz que ela descansará em paz ali. Todos os criados do castelo são enterrados ali, a menos que suas famílias os requeiram. Maery diz que encontrará uma nova criada para mim, mas isso me parece tão frio, simplesmente substituir Hanna como se ela fosse uma renda rasgada ou um vaso quebrado. Nós sairemos de charrete amanhã. Um homem está fazendo seu caixão agora. Sinto como se ele estivesse martelando os pregos na minha cabeça.
Eu deveria ter deixado Jorg morrer no chão da sala do trono. Mas não parecia certo. Maldito seja ele.
Enterraremos Hanna amanhã. Ela era velha e sempre reclamava de suas dores, mas isso não significa que estivesse pronta para partir. Sentirei sua falta. Era uma mulher dura, cruel talvez, mas nunca comigo. Não sei se irei chorar quando a colocarmos sob a terra. Eu deveria. Mas não sei se vou.
Isso é para amanhã. Hoje nós temos uma visita. O Príncipe de Arrow chegou com seu irmão Príncipe Egan e seu séquito. Acho que Sareth gostaria de achar um pretendente para mim ali. Ou talvez seja o velho, Rei Olidan. Poucas são as ideias próprias de Sareth hoje em dia. Veremos. Acho que vou tentar dormir agora. Talvez minha dor de cabeça tenha passado pela manhã. E os sonhos estranhos também. Talvez o vaso de mamãe tenha arrancado aqueles sonhos de mim.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

1

Dia do Casamento

***A**bra a caixa, Jorg.*

Eu a observei. Uma caixa de cobre, com um espinho entalhado, sem trinco ou trava.
Abra a caixa, Jorg.
Uma caixa de cobre. Não era grande o suficiente para caber uma cabeça. O punho de uma criança caberia.
Um cálice, a caixa, uma faca.

Eu observei a caixa e os reflexos opacos do fogo na lareira. O calor não chegava até mim. Deixei queimar. O sol se pôs e sombras tomaram conta do recinto. As brasas atraíam meu olhar. A meia-noite preencheu o salão e eu ainda não me mexia, como se fosse esculpido de pedra, como se o movimento fosse pecado. A tensão me deu um nó. Ela fazia cócegas nas maçãs de meu rosto e apertava minha mandíbula. Eu sentia a textura da mesa sob as pontas de meus dedos.

A lua nasceu e propagou uma luz fantasmagórica pelo chão de pedras. O luar encontrou o meu cálice com o vinho intocado e fez a prata brilhar. Nuvens engoliram o céu e, na escuridão, a chuva caiu, suave como antigas memórias. Na madrugada, abandonado pelo fogo, lua e estrelas, peguei minha lâmina. Encostei a fria borda afiada no meu pulso.

A criança ainda jazia no canto, seus membros em ângulos cadavéricos, quebrados demais para todos os cavalos do rei e todos os homens do rei. Às vezes, sinto como se houvesse visto mais fantasmas do que pessoas, mas este garoto, esta criança de quatro anos me assombra.

Abra a caixa.

A resposta estava na caixa. Isso eu sabia. O garoto queria que eu a abrisse. Mais de metade de mim a queria aberta também, queria deixar jorrar aquelas memórias, quão sombrias, quão perigosas fossem. Havia uma força nela, como a beira do precipício, mais forte a cada instante, prometendo libertação.

"Não." Eu virei minha cadeira em direção à janela e à chuva, que agora virava neve.

Carreguei a caixa de um deserto que poderia lhe queimar sem precisar do sol. Por quatro anos eu a guardei. Não tenho nenhuma lembrança da primeira vez em que pus as mãos sobre ela, nenhuma imagem de seu proprietário, poucos fatos, apenas que ela contém um inferno que quase fundiu minha mente.

Fogueiras piscavam distantes através da neve. Eram tantas que revelavam a forma da terra sob elas, a ascensão e queda das montanhas. Os homens do Príncipe de Arrow tomavam três vales. Um só não daria conta de seu exército. Três vales abarrotados de cavaleiros e arqueiros, soldados de infantaria, lanceiros, homens de machado e homens de espada, carros e vagões, armas de cerco, escadas, corda e piche para queimar. E lá embaixo, em um pavilhão azul, Katherine Ap Scorron, com seus quatrocentos, perdida na multidão.

Pelo menos ela me odiava. Eu preferia morrer nas mãos de alguém que queria me matar, que isso significasse alguma coisa para ela.
Dentro de um dia eles nos cercariam, selando o último dos vales e os caminhos pela montanha a leste. Aí nós veríamos. Por quatro anos eu mantive O Assombrado desde que o tomei de meu tio. Quatro anos como Rei de Renar. Eu não o deixaria facilmente. Não. Isso seria difícil.
A criança estava à minha direita agora, sem sangue e em silêncio. Não havia luz nela, mas eu sempre conseguia vê-la no escuro. Até através das pálpebras. Ela me observava com olhos que se pareciam com os meus.
Eu tirei a lâmina de perto do meu pulso e bati com a ponta em meus dentes.
"Deixe-os vir", eu disse. "Será um alívio."
Isso era verdade.
Eu me levantei e me espreguicei. "Fique ou vá, fantasma. Eu vou dormir um pouco."
E isso era mentira.

Os criados chegaram à primeira luz e eu os deixei me vestirem. Parece uma bobagem, mas acontece que reis precisam fazer o que reis fazem. Até reis de coroas de cobre com um único castelo feioso e terras que passam a maior parte de seu tempo subindo e descendo em um ângulo indecente, povoadas por mais cabras do que pessoas. Acontece que homens são mais propensos a morrer por um rei vestido por camponeses pernósticos toda manhã do que por um rei que sabe se vestir sozinho.
Fiz o desjejum com pão quente. Eu mando meu escudeiro esperar à porta de meus aposentos com o pão pela manhã. Makin apareceu atrás de mim, enquanto eu andava a passos largos para a sala do trono, com a sola de seus sapatos batendo no piso de pedra. Makin sempre teve talento para fazer barulho.
"Bom dia, vossa alteza", ele diz.
"Guarde essa merda." Farelos por toda a parte. "Temos problemas."
"Os mesmos vinte mil problemas que tínhamos à nossa porta noite passada?", Makin perguntou. "Ou problemas novos?"
Avistei a criança em uma porta conforme passamos. Fantasmas e a luz do dia não se misturam, mas esta podia se mostrar em qualquer pedaço de sombra.
"Novos", eu disse. "Vou me casar antes do meio-dia e não tenho nada para vestir."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

2

Dia do Casamento

A Princesa Miana será acompanhada pelo padre Gomst e as Irmãs de Nossa Senhora", relatou Coddin. Ele ainda parecia desconfortável usando os veludos de camareiro; o uniforme de capitão da guarda caía melhor nele.
"Há exames a serem feitos."
"Vamos apenas nos contentar por ninguém ter que verificar a *minha* pureza."
Eu me recostei ao trono. Extremamente confortável: plumas de ganso e seda. Reinar já é um pé no saco sem uma dessas cadeiras góticas. "Como ela é?"

Coddin deu de ombros. "Um mensageiro trouxe isto ontem." Ele ergueu uma caixa de ouro do tamanho de uma moeda.
"Então, como ela é?"
Ele deu de ombros novamente, abriu a caixa com a unha do polegar e semicerrou os olhos em direção à miniatura. "Pequena."
"Aqui!" Peguei o camafeu e dei uma olhada nele. Os artistas que levam semanas para pintar essas coisas com um único fio de cabelo nunca desperdiçam seu tempo fazendo uma pintura feia. Miana parecia aceitável. Ela não tinha o olhar duro que Katherine tem, o tipo de olhar que demonstra que a pessoa está realmente viva, devorando cada momento. Mas no fim das contas eu acho a maioria das mulheres atraentes. Quantos homens são seletivos quando têm dezoito anos?
"E aí?", Makin perguntou do lado do trono.
"Pequena", eu disse, e coloquei o camafeu dentro de meu manto. "Sou jovem demais para o matrimônio? Eu me pergunto..."
Makin franziu os lábios. "Eu me casei aos doze."
"Seu mentiroso!" Nunca em todos esses anos Sir Makin havia mencionado uma esposa. Ele me surpreendera; segredos são difíceis de guardar na estrada, entre irmãos, bebendo cerveja em volta da fogueira após um árduo dia de derramamento de sangue.
"Sem mentira", ele disse. "Mas doze é jovem demais. Dezoito é uma boa idade para o casamento, Jorg. Você já esperou bastante."
"O que aconteceu com sua esposa?"
"Morreu. Havia uma criança também." Ele pressionou os lábios.
É bom saber que não se sabe tudo a respeito de um homem. Bom que sempre possa haver mais por vir.
"Então, minha futura rainha está quase pronta", eu disse. "Vou subir ao altar nestes farrapos?" Puxei minha pesada gola de seda com fios de ouro que arranhava meu pescoço. Eu não me importava, claro, mas um casamento é um espetáculo, tanto para os bem-nascidos quanto para os malnascidos, uma espécie de feitiço, e compensa fazê-lo direito.
"Alteza", Coddin disse, andando para lá e para cá diante do trono. "Essa... distração... é inoportuna. Nós temos um exército em nossos portões."
"E para ser justo, Jorg, ninguém sabia que ela estava vindo até aquele cavaleiro chegar", disse Makin.
Abri os braços. "Não sabia que ela chegaria ontem à noite. Não sou mágico, sabe." Vislumbrei a criança morta abaixada em um canto distante. "Eu

esperava que ela chegasse antes de o verão terminar. De qualquer modo, aquele exército tem uns bons cinco quilômetros para marchar se quiser chegar aos meus portões."
"Talvez um atraso seja possível?" Coddin odiava ser camareiro com cada fibra de seu ser. Provavelmente por isso ele era o único em quem eu confiasse para fazê-lo. "Até que as condições sejam menos... inclementes."
"Vinte mil à nossa porta, Coddin. E mil dentro de nossas muralhas. Bem, a maioria do lado de fora porque meu maldito castelo é pequeno demais para que caibam todos aqui." Eu me peguei sorrindo. "Acho que as condições não vão melhorar. Então podemos muito bem dar ao exército uma rainha além de um rei por quem morrer, né?"
"E com relação ao exército do Príncipe de Arrow?", Coddin perguntou.
"Esta vai ser uma daquelas vezes em que você finge não ter um plano até o último momento?", perguntou Makin. "E aí acaba realmente não tendo um?"
Ele pareceu austero, apesar de suas palavras. Pensei que talvez ainda pudesse ver sua própria criança morta. Ele havia enfrentado a morte comigo antes e o fizera com um sorriso.
"Você, garota!", gritei para uma das criadas à espreita no fim do corredor. "Diga àquela mulher para me trazer um manto apropriado para se casar. Nada com renda, aliás." Eu me levantei e levei a mão ao punho de minha espada. "As patrulhas noturnas devem estar de volta agora. Vamos descer até o pátio leste e ver o que eles têm a dizer. Eu mandei Kent, o Rubro, e o Pequeno Rikey junto com uma das patrulhas da guarda. Vamos ouvir o que eles acham desses homens de Arrow."
Makin liderou o caminho. Coddin havia se tornado inseguro com assassinos. Eu sabia o que se escondia nas sombras de meu castelo e não era com assassinos que me preocupava. Makin virou a esquina e Coddin segurou meu ombro para me manter para trás.
"O Príncipe de Arrow não quer que eu seja esfaqueado por algum encapuzado, Coddin. Ele não quer veneno misturado no meu pão da manhã. Quer nos atropelar com vinte mil homens e nos moer terra adentro. Já está pensando no trono do Império. Ele acha que já está com o pé no Portão Gilden. Está construindo sua história agora e não será sobre facas no escuro."
"Claro, se você tivesse mais soldados talvez valesse a pena esfaqueá-lo." Makin virou a cabeça e sorriu.

Nós encontramos a patrulha à espera, andando a esmo no solo gelado. Algumas mulheres do castelo mexiam-se em torno dos feridos, dando um ponto ou dois. Deixei o comandante contar sua história a Coddin enquanto chamei Kent, o Rubro, para meu lado. Rike pairava atrás dele sem ser convidado. Quatro anos de castelo não apararam nenhuma das arestas de Rike, ainda com um péssimo temperamento de mais de dois metros e com um rosto que combinava com sua alma brusca, malvada e brutal.
"Pequeno Rikey", eu disse. Fazia tempo que não falava com ele. Anos. "E como vai aquela sua adorável esposa?" Na verdade eu nunca a vira, mas ela deve ter sido uma mulher formidável.
"Ela quebrou." Ele deu de ombros.
Eu me virei sem comentar. Há algo em Rike que me faz querer ir ao ataque. Algo elementar, vermelho em dentes e garras. Ou talvez seja apenas por ele ser grande à beça. "Então, Kent", eu disse, "conte-me as boas notícias."
"Há muitos deles." Ele cuspiu na lama. "Eu vou embora."
"Hum..." Eu passei um braço em volta dele. Kent não aparenta tanto, mas é sólido, todo músculo e osso, e muito rápido também. O que o define, porém, o que o diferencia é a mente de um matador. Caos, ameaça, assassinato sangrento, nada disso o incomoda. A todo momento, em uma crise, ele estará considerando os ângulos, contando as armas, procurando uma abertura e aproveitando-se dela.
"Hum..." Eu o puxei para perto, com a mão segurando sua nuca. Ele hesitou, mas a seu favor não buscou uma lâmina. "Está tudo muito bem." Eu o conduzi para longe da patrulha. "Mas suponha que isso não fosse acontecer. Só por uma questão de argumentação. Imagine que fosse só você aqui e vinte deles lá fora. Isso não é tão diferente das adversidades que superou quando o encontramos perto daquele lago em Rutton, né?" Por um instante ele sorriu com aquilo. "Como você venceria então, Kent, o Rubro?" Eu o chamava de Rubro para lembrá-lo daquele dia, quando ficou se tremendo inteiro, com seu sorriso branco de lobo em meio ao escarlate do sangue de outros homens.
Ele mordeu o lábio, olhando além de mim, para algum outro lugar. "Eles estão aglomerados ali, Jorg. Naqueles vales. Aglomerados. Um homem contra muitos precisa ser rápido, atacar e se mover. Cada homem é seu escudo para o próximo." Ele balançou a cabeça, olhando novamente para mim. "Mas você não pode usar um exército como um homem."

Kent, o Rubro, estava certo. Coddin havia treinado bem o exército, especialmente as unidades da Guarda da Floresta de meu pai, mas na batalha a coesão sempre vai embora. Ordens são perdidas, desviadas, não ouvidas ou ignoradas, e mais cedo ou mais tarde tudo vira um sangrento massacre, cada homem por si, e os números começam a ter importância.
"Alteza?" Era a mulher do guarda-roupa real, com alguma espécie de manto em suas mãos.
"Mabel!" Abri os braços bem largos e dei-lhe meu sorriso perigoso.
"Maud, majestade."
Precisei admitir que a velhota tinha coragem. "Maud, então", eu disse. "E é com isso que eu vou me casar, é?"
"Se lhe aprouver, majestade." Ela fez até uma pequena reverência.
Eu o peguei de suas mãos. Pesado. "Gatos?", perguntei. "Parece que foram necessários muitos deles."
"Zibelina." Ela apertou os lábios. "Zibelina e fios de ouro. O conde..." Nesse momento ela engoliu as palavras.
"O Conde Renar se casou com ele, foi?", perguntei. "Bem, se foi bom o suficiente para aquele bastardo, então servirá para mim. Pelo menos parece quente." Meu tio Renar me devia pelos espinhos, por uma mãe perdida, um irmão perdido. Eu havia tomado seu castelo e sua coroa, e ele ainda me devia. Um manto de pele não encerraria nossa conta.
"Melhor andar logo com isso, alteza", disse Coddin, com os olhos ainda procurando por assassinos. "Precisamos checar duplamente as defesas. Planejar o abastecimento dos arqueiros Kennish e também considerar as condições." Nesta última parte, para seu crédito, ele olhou diretamente para mim.
Eu devolvi o manto a Maud e a deixei me vestir com a patrulha observando. Eu não respondi a Coddin. Ele parecia pálido. Sempre gostei dele, desde o momento que tentou me prender, antes mesmo do momento que ousou mencionar rendição. Corajoso, sensato, capaz, honesto. O melhor homem.
"Vamos acabar logo com isso", eu disse e fui em direção à capela.
"Isso é necessário, esse casamento?" Coddin de novo, obstinadamente interpretando o papel que eu lhe dei. Fale comigo, eu lhe disse. Nunca pense que eu não possa estar errado. "Como sua esposa, as coisas podem ficar difíceis para ela." Rike deu uma risadinha com aquilo. "Como hóspede, ela seria resgatada de volta para a Costa Equina."
Sensato, honesto. Eu não sei nem como fingir essas coisas. "É necessário."

Chegamos à capela por uma escada em espiral, passamos por cavaleiros da távola de armadura, com as marcas do Conde Renar ainda visíveis sob as minhas no peitoral, como se eu reinasse aqui há quatro meses em vez de quatro anos. Os nobres de nascimento, pobres demais, burros demais ou leais demais para ter fugido, estavam enfileirados do lado de dentro. Os camponeses aguardavam no pátio do lado de fora. Eu podia sentir o cheiro deles.

Parei diante das portas, erguendo um dedo a fim de interromper o cavaleiro com as mãos sobre a barra. "Condições?"

Vi o menino novamente, embaixo de bandeiras cruzadas penduradas à parede. Ele crescera comigo. Anos atrás era um bebê, observando-me com olhos mortos. Parecia ter quatro anos agora. Tamborilei os dedos em minha testa em um ritmo rápido.

"Condições?", eu disse mais uma vez. Eu só havia dito isso duas vezes, mas a palavra já soava estranha, perdendo o significado com a repetição. Pensei na caixa de cobre em meu quarto. Ela me fez suar. "Não haverá condições."

"É melhor que padre Gomst diga suas palavras rapidamente, então", disse Coddin. "E olhe para as nossas defesas."

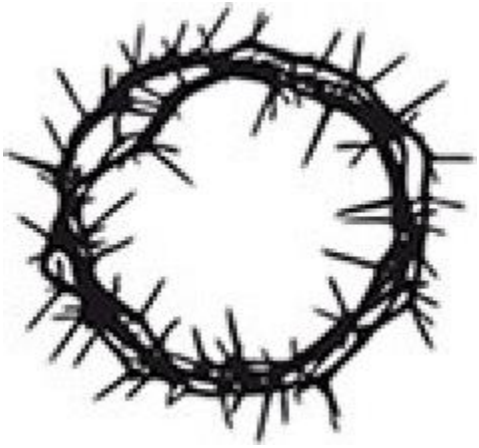
"Não", eu disse. "Não vai haver defesa. Nós vamos atacar."

Empurrei o cavaleiro para o lado e escancarei as portas. Corpos lotavam o salão da capela de um lado a outro. Parece que meus nobres eram mais pobres do que eu pensava. E à esquerda, um toque de azul e violeta, damas de companhia e cavaleiros de armadura, enfeitados com as cores da Casa Morrow, as cores da Costa Equina.

E lá no altar, de cabeça baixa, sob uma grinalda de lírios, minha noiva.

"Ah, diabos", eu disse.

Pequena estava correto. Ela parecia ter doze anos.



Na paz, o irmão Kent volta ao normal, um camponês assolado pela bondade, procurando por Deus nas casas de pedra nas quais os piedosos se lamentam.
A batalha liberta tais correntes.

Na guerra, Kent, o Rubro, se aproxima do divino.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

3

Dia do Casamento

O casamento sempre foi a cola que segurava a Centena em algo que se assemelhava à união, o bálsamo que induzia a momentos esporádicos de paz, pausas no progresso sanguinário da Guerra Centenária. E este estava pairando sobre mim há quase quatro anos.

Andei pelo corredor da capela entre os ricos e poderosos de Renar, nenhum deles muito rico ou muito poderoso, verdade seja dita. Eu verifiquei os registros e metade deles tem avós que são pastores de cabras. Surpreendeu-

me terem ficado. Se eu fosse eles, teria agido com o sentimento de Kent, o Rubro, e ido embora pelas Matteracks com o que conseguisse carregar nas costas.
Miana me observava, tão fresca e empertigada quanto os lírios em sua cabeça. Se o lado esquerdo deformado de meu rosto a assustava, ela não demonstrou. A necessidade de contornar os sulcos das cicatrizes em minha bochecha coçou em meus dedos. Por um instante, o calor daquele fogo correu em mim e a lembrança da dor apertou minha mandíbula.
Eu me juntei à minha futura esposa no altar e olhei para trás. E em um momento de clareza compreendi. Essas pessoas esperavam que eu as salvasse. Elas ainda pensavam que com meu punhado de soldados podia manter este castelo e ganhar o dia. Eu estava quase decidido a contar a eles, a dizer apenas o que qualquer pessoa que me conhecesse sabia. Há algo frágil em mim que se quebra antes de se entortar. Talvez se o Príncipe de Arrow houvesse trazido um exército menor eu poderia ter a sensatez de fugir. Mas ele exagerou.
Quatro músicos completamente uniformizados ergueram suas gaitas de fole e soaram a fanfarra.
"Melhor usar a versão curta, padre Gomst", eu disse em voz baixa. "Há muito a se fazer hoje."
Ele franziu a testa, com suas sobrancelhas grisalhas se roçando uma contra a outra. "Princesa Miana, eu tenho o prazer de apresentar sua alteza Honório Jorg Ancrath, Rei das Terras Altas de Renar, herdeiro das terras de Ancrath e de seus protetorados."
"Encantado", eu disse, inclinando a cabeça. Uma criança. Ela não chegava acima de minhas costelas.
"Agora eu sei por que sua miniatura estava de perfil", ela disse, e esboçou uma reverência.
Aquilo me fez sorrir. Pode ser que este casamento seja destinado a ser curto, mas talvez não seja enfadonho. "Você não tem medo de mim, afinal, Miana?"
Ela estendeu a mão para pegar a minha como forma de resposta. Eu recuei.
"Melhor não."
"Padre?" Acenei para Gomst prosseguir.
"Caros irmãos", disse o padre. "Estamos aqui reunidos na presença de Deus..."
E então, com velhas palavras de um homem velho e sem ninguém "aqui presente" apenas com razão, ou pelo menos apenas razão e colhões para

dizer, o pequeno Jorgy Ancrath se tornou um homem casado.
Eu conduzi minha esposa pela capela com os aplausos e os vivas da nobreza ecoando atrás de nós – quase, mas não totalmente, sufocando aqueles foles horríveis. A gaita de fole, uma especialidade das Terras Altas, é para a música o que os javalis são para a matemática. Bastante desconexa.
As portas principais levam a uma escadaria de onde se pode ver o maior pátio do Assombrado, o local em que cortei o antigo proprietário. Várias centenas de pessoas ocupavam o espaço entre o muro e as escadas, e outras se amontoavam além do portão, aglomerando-se sob a porta levadiça, com uma neve fina cirandando sobre todos eles.
Uma saudação surgiu quando viemos à luz. Eu peguei a mão de Miana, apesar da necromancia oculta em meus dedos, e a levantei bem alto para agradecer à multidão. A lealdade do súdito com seu senhor ainda me impressionava. Eu engordava e enriquecia à custa dessas pessoas ano após ano enquanto eles levavam uma vida horrível nas encostas das montanhas. E aqui estavam elas, prontas para encarar a morte certa comigo. Quero dizer, até essa fé cega na minha habilidade de desafiar as probabilidades tinha de dar um bom espaço para a dúvida.
Eu tive a primeira noção propriamente dita sobre isso alguns anos atrás. Uma lição que a vida na estrada não havia me ensinado, nem a meus irmãos. O poder da posição.
Minha presença real foi requisitada para um pouco de justiça no que chamam de "vila" nas Terras Altas de Renar, mas em qualquer outro lugar as pessoas chamariam aquilo de três casas e algumas cabanas. O lugar fica lá em cima nos picos. Eles o chamam de Gutting. Ouvi dizer que há um Pequeno Gutting um pouco acima no vale, embora não possa ser muito mais do que um barril particularmente espaçoso. De qualquer modo, a disputa era por causa de onde terminavam as pedras de um camponês sarnento e começavam as de outro. Eu e Makin nos arrastamos por novecentos metros montanha acima para mostrar um pouco de boa vontade nos negócios do reinado. De acordo com relatos, vários homens da vila já haviam sido mortos na contenda, embora analisando mais de perto as mortes se limitassem a um porco e à perda da orelha esquerda de uma mulher. Não faz muito tempo eu teria simplesmente matado todo mundo e descido a montanha com as cabeças deles em um espeto, mas talvez estivesse apenas cansado após a subida. Enfim, eu deixei os camponeses sarnentos contarem seus casos e eles o

fizeram longa e entusiasticamente. Começou a escurecer e as pulgas estavam mordendo, então abreviei a história.
"Gebbin, não é?", perguntei ao reclamante. Ele assentiu. "Basicamente, Gebbin, você odeia à beça esse camarada aqui e eu realmente não consigo entender o motivo. O problema é que estou entediado, meu fôlego já voltou e, a menos que você possa me dizer o verdadeiro motivo pelo qual você odeia o..."
"Borron", Makin completou.
"Sim, Borron. Diga-me o real motivo e seja honesto ou será pena de morte para todos, exceto essa boa mulher de uma orelha só, e nós a deixaremos no comando do porco remanescente."
Demorou um momento para ele perceber que eu realmente estava falando sério e mais alguns murmúrios até ele finalmente soltar e admitir que era porque o sujeito se tratava de um "rasteiro". Descobriu-se que *rasteiro* queria dizer forasteiro, e o velho Borron era um forasteiro porque havia nascido e morado no lado leste do vale.
Os homens saudando Miana e a mim, balançando suas espadas, batendo seus escudos e gritando até ficarem roucos devem ter contado a qualquer um que perguntasse quão orgulhosos eles estavam por lutar por sua alteza e sua nova rainha. A verdade, porém, é que no fim das contas eles simplesmente não queriam os homens de Arrow marchando sobre suas pedras, ficando de olho em suas cabras e talvez olhando maliciosamente para seu mulherio.
"O Príncipe de Arrow tem um exército muito maior do que o seu", Miana disse. Nada de "sua alteza", nada de "meu senhor".
"Sim, ele tem." Eu continuava a acenar para a multidão, com um grande sorriso em meu rosto.
"Ele vai vencer, não vai?", perguntou. Ela parecia ter doze anos, mas não soava como tal.
"Quantos anos você tem?", perguntei olhando rapidamente para ela, ainda acenando.
"Doze."
Merda.
"Pode ser que eles vençam. Se cada um de meus homens não matar vinte dos dele há uma boa chance disso acontecer. Principalmente se ele nos cercar."
"A que distância eles estão?", ela perguntou.
"A linha de frente deles está acampada a cinco quilômetros daqui", respondi.
"Você deve atacar agora então", ela disse. "Antes que eles nos cerquem."

"Eu sei." Eu estava começando a gostar da garota. Até um soldado experiente como Coddin, um bom soldado, queria se esconder atrás das muralhas do Assombrado e deixar que o castelo se defendesse. O problema, porém, é que castelo nenhum ficaria de pé com as chances que tínhamos. Miana sabia o que Kent, o Rubro, sabia; o mesmo Rubro que havia destroçado uma patrulha de dezessete homens armados em uma manhã quente de agosto. Matar requer espaço. Você precisa se mover para atacar, para recuar e às vezes para simplesmente correr.
Mais um aceno e eu virei as costas para a multidão e andei rapidamente para dentro da capela.
"Makin! A guarda está pronta?"
"Está." Ele assentiu. "Meu rei."
Eu desembainhei minha espada.
A repentina aparição de um metro e vinte de lâmina de aço na casa de Deus causou um agradável efeito de sobressalto.
"Vamos."

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *6 de outubro, ano 98 interregno*

ANCRATH. CASTELO ALTO. CAPELA. MEIANOITE.

A capela dos Ancrath é pequena e dada a correntes de ar, como se houvesse sido feita às pressas. As velas dançam e as sombras nunca ficam paradas. Quando eu sair o ajudante do frei irá apagá-las.
Jorg Ancrath se foi há quase uma semana. Ele levou Sir Makin das masmorras consigo. Fiquei feliz por isso, eu gostava de Sir Makin e sinceramente não posso culpá-lo pelo que aconteceu a Galen: aquilo foi Jorg mais uma vez. Uma balestra! Ele nunca poderia vencer Galen com uma espada. Não há honra no garoto.
Frei Glen diz que Jorg quase arrancou meu vestido após me atingir. Guardo-o no fundo do longo armário com o enxoval que mamãe fez para mim antes de deixarmos Scorron Halt. Guardo-o onde as empregadas não

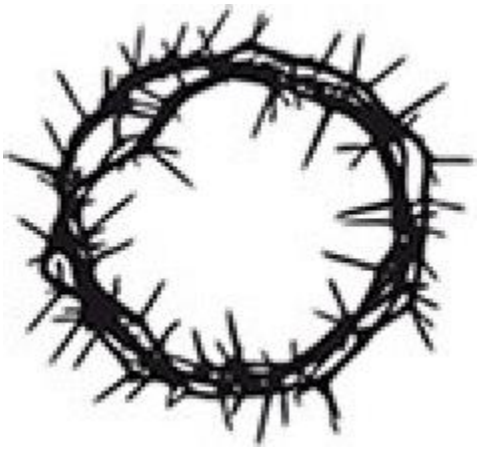
podem vê-lo e minhas mãos me levam de volta para lá. Eu passo os farrapos por meus dedos. Cetim azul. Eu o toco e tento me lembrar. Eu o vejo de pé ali, de braços abertos, desafiando a faca em minha mão, balançando-se como se estivesse cansado demais para ficar em pé, com a pele branca como a morte e a mancha negra em volta do ferimento no peito. Ele parecia tão jovem. Uma criança, quase. Com aquelas cicatrizes por toda a parte onde os espinhos o perfuraram. Sir Reilly diz que eles o encontraram pendurado, quase sem sangue, após uma noite nos espinhos, com a tempestade em volta dele e sua mãe caída morta.
E então ele me bateu.
Eu estou tocando o local agora. Ainda está dolorido. Tem uma crosta alta. Imagino se dá para ver através do meu cabelo. E aí me pergunto por que eu me importo.
Estou machucada aqui embaixo também. Um machucado preto, como aquela mancha. Quase consigo ver as linhas de dedos em minha coxa, a marca de um polegar.
Ele me bateu e depois me usou, me estuprou. Não era nada para ele, um mercenário da estrada, não significava nada para ele, apenas mais uma coisa para roubar. Isso era pouca coisa entre seus crimes. Talvez nem fosse o maior até mesmo contra mim, porque sinto falta de Hanna e realmente chorei quando a enterramos, e sinto falta de Galen pela ferocidade de seu sorriso e pelo calor que ele me causava toda vez que se aproximava.
Ele me bateu e depois me usou? Aquele garoto doente, desafiando a faca, que mal conseguia ficar de pé?

11 de outubro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. MEUS APOSENTOS.

Eu vi frei Glen no Salão Azul hoje. Parei de ir a suas missas, mas o vi no salão. Observei suas mãos, seus dedos grossos e seus polegares grossos. Eu os observei e pensei naqueles hematomas desaparecendo, agora

amarelos, e vim ao armário alto, e aqui estou com o cetim rasgado em minhas mãos.



Pele, ossos e travessuras formam o irmão Gog. Nascido monstro e criado monstro, mas há pouca diferença entre ele e Adão, salvo o pontilhado carmesim-sobre-preto de sua pele, as cavidades escuras de seus olhos, garras
de ébano nas mãos e nos pés e as saliências espinhosas que começavam a crescer em sua coluna. Observe-o brincar e correr e rir, e ele parece muito à
vontade em ser uma fenda no mundo pela qual todos os fogos do inferno possam jorrar.

Observe-o queimar, contudo, e você irá acreditar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

4

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Tomei o trono de meu tio em meu décimo quarto ano e achei aquilo do meu agrado. Eu tinha um castelo e uma equipe de empregados para explorar, uma corte de nobres para subjugar, ou pelo menos o que contava como nobres nas Terras Altas, e um tesouro para saquear. Pelos três primeiros meses eu me ative a essas atividades.

Acordei ensopado de suor. Normalmente acordo de repente com a mente alerta, mas eu me sentia como se estivesse me afogando.
"Muito calor..."
Rolei e caí com tudo da cama.

Fumaça.
Gritos ao longe.
Descobri a lamparina da cama e aumentei o pavio. A fumaça vinha das portas, sem passar por baixo ou pelo meio, mas elevando-se de cada centímetro da madeira chamuscada e subindo como uma cortina ondulada.
"Merda..." Morrer queimado sempre foi uma preocupação minha. Chame de meu ponto fraco particular. Algumas pessoas têm medo de aranhas. Eu tenho medo da imolação. De aranhas também.
"Gog!", berrei.
Ele estivera ali na antessala quando me retirei. Eu me aproximei das portas, chegando a elas pelo lado. Um calor terrível emanava delas. Eu poderia sair por ali ou tentar passar pelas barras de qualquer uma das três janelas antes de negociar a queda de trinta metros.
Peguei um machado exposto na parede e fiquei de costas para a pedra, próximo das portas. Meus pulmões doíam e eu não conseguia enxergar direito. Balançar o machado foi como balançar um homem adulto. A lâmina mordeu e as portas explodiram. Fogo laranja-esbranquiçado rugiu quarto adentro, quente como uma fornalha, em uma labareda espessa que se bifurcava vez após vez. E, quase tão repentinamente, o fogo desapareceu como o fim de uma tosse, deixando apenas o piso chamuscado e a cama queimando.
A antessala parecia mais quente que meu quarto, carbonizada do chão até o teto, como um enorme carvão em brasa no centro. Cambaleei de volta em direção à minha cama. O calor evaporou a água de meus olhos e por um instante minha visão clareou. O carvão era Gog, curvado como um recémnascido, pulsando com ardor.
Algo grande irrompeu na entrada que dava para o recinto dos guardas adiante. Gorgoth! Ele pegou o garoto com sua mão de três dedos e o estapeou com a outra. Gog acordou com um choro agudo e o fogo se extinguiu dele em um instante, deixando apenas uma criança sem energia, com a pele pontilhada de vermelho e preto, e o fedor de carne queimada.
Sem palavras, passei tropegamente por eles e deixei meus guardas me ajudarem a sair.
Eles praticamente tiveram que me arrastar para a sala do trono antes que eu recuperasse minhas forças. "Água", consegui dizer. E, quando havia acabado de beber e usado minha faca para aparar as pontas queimadas de meu cabelo, eu disse, tossindo: "Tragam os monstros".

Makin bateu os pés salão adentro, ainda ajeitando sua manopla. "De novo?", ele perguntou. "Outro incêndio?"
"Grande desta vez. Um inferno", respondi. "Pelo menos não vou ter mais que olhar para a mobília de meu tio."
"Você não pode deixá-lo dormir no castelo", disse Makin.
"Eu sei disso", respondi. "Agora."
"Acabe logo com isso, Jorg." Makin arrancou a manopla. Não estávamos sendo atacados, afinal.
"Você não pode libertá-lo." Coddin chegou, com olheiras escuras. "Ele é perigoso demais. Alguém irá usá-lo."
E era isso. Gog precisava morrer.
Três estrondos nas portas principais e elas se escancararam. Gorgoth entrou na sala do trono com Gog, flanqueado por quatro cavaleiros meus que pareciam crianças ao lado dele. Vista entre homens, as leucrotas pareciam tão monstruosas quanto no dia em que as encontrei sob o Monte Honas. Os olhos de gato de Gorgoth tinham fendas apesar da escuridão, pele vermelha como sangue, quase preta como se infectada pela noite.
"Você tem o quê, Gog, oito anos agora? E fica tentando incendiar meu castelo." Eu senti os olhos de Gorgoth sobre mim. As grandes vergas de suas costelas se flexionavam para dentro e para fora a cada respiração.
"O grandão vai resistir", Coddin murmurou em meu ombro. "Ele vai ser difícil de derrubar."
"Oito anos", Gog repetiu. Ele não sabia, mas gostava de concordar comigo. Sua voz era aguda e doce quando nos conhecemos sob o Monte Honas. Agora ela era bruta e carregava por trás de si o crepitar de uma chama, como se fosse começar a exalar aquilo feito um maldito dragão.
"Eu o levarei embora", Gorgoth disse, quase grave demais para escutar. "Para longe."
Mova suas peças, Jorg. Um silêncio se estendeu.
Eu não estaria sentado neste trono se Gorgoth não houvesse segurado o portão. Ou sentado aqui se Gog não houvesse queimado os homens do conde. A pele de meu rosto ainda estava esticada, meus pulmões ainda doíam e o fedor de cabelo queimado ainda preenchia minhas narinas.
"Sinto muito pela sua cama, irmão Jorg", disse Gog. Gorgoth deu um peteleco em seu ombro com um dedo grosso, suficiente para atordoá-lo. "Rei Jorg", Gog se corrigiu.

Eu não estaria sentado no trono se não fosse por um monte de gente, uma porção de chances, algumas improváveis, outras roubadas, se não fosse pelo sacrifício de muitos homens, alguns melhores, outros piores. Um homem não pode contrair novos fardos de dívida a cada esquina ou ele sucumbirá ao peso e não poderá se mover.
"Você estava pronto para dar esta criança aos necromantes, Gorgoth", eu disse. "Ele e o irmão dele." Eu não perguntei se ele morreria para proteger Gog. Isso estava escrito nele.
"As coisas mudam", disse Gorgoth.
"Melhor que eles tenham uma morte rápida, você disse." Eu me levantei. "As mudanças virão rápidas demais neles. Rápidas demais para suportar. As mudanças irão virá-los do avesso, você disse."
"Deixe-o correr o risco", Gorgoth disse.
"Eu quase morri em minha cama esta noite." Desci do tablado, com Makin atrás de mim agora. "Os aposentos reais estão em cinzas. E morrer deitado nunca esteve nos meus planos. A menos que fosse como imperador, na minha velhice, embaixo de uma jovem e superenergética concubina."
"Não pode ser ajudado." As mãos de Gorgoth se fecharam em punhos enormes. "Está no seu dena."
"Seu o quê?" Minha mão se apoiou no punho de minha espada. Eu me lembrei do quanto Gog lutara para salvar seu irmãozinho. Quão pura fora aquela fúria. Eu sentia falta daquela pureza em mim. Ontem mesmo cada escolha era fácil. Certo ou errado. Esfaquear Gemt no pescoço ou não. E agora? Indecisão. Um homem pode se afogar em suas indecisões.
"Seu dena. A história de cada homem, escrita em seu interior, o que ele é, o que ele será, escrita em um espiral no centro de todos nós", Gorgoth disse. Eu nunca havia escutado o monstro dizer tantas palavras seguidas. "Eu já abri muitos homens, Gorgoth, e se tem algo escrito ali está escrito de vermelho sobre vermelho e cheira mal."
"O interior de um homem não se encontra pela sua geometria, alteza." Ele me fixou com aqueles olhos de gato. Ele nunca havia me chamado de alteza antes também. Provavelmente aquilo era o mais perto de uma súplica que ele jamais chegaria.
Olhei fixamente para Gog, agachado agora, olhando para mim e para Gorgoth. Eu gostava do garoto. Simples assim. Nós dois com um irmão morto que não pudemos salvar, nós dois com algo que queimava dentro de

nós, alguma força elementar de destruição querendo sair a cada momento de cada dia.
"Majestade", disse Coddin, sabendo o que eu estava pensando pela primeira vez. "Esses assuntos não precisam ocupar o rei. Fique em meus aposentos e nós conversaremos novamente pela manhã."
Saia e nós faremos o trabalho sujo para você. A mensagem era bastante clara. E Coddin não queria fazê-lo. Se ele conseguia me ler eu certamente conseguia lê-lo. Ele não queria cortar a garganta de seu cavalo quando uma pedra solta o aleijou. Mas ele o fez. E ele o faria agora. O jogo dos reis nunca foi um jogo limpo.
Mova suas peças.
"Não dá para evitar, Jorg." Makin pôs a mão em meu ombro, com a voz suave. "Ele é perigoso demais. Não dá para saber o que ele se tornará."
Mova suas peças. Vença o jogo. Tome o caminho mais árduo.
"Gog", eu disse. Ele se levantou lentamente, os olhos nos meus. "Eles estão me dizendo que você é perigoso demais. Que eu não posso ficar com você. Ou libertá-lo. Que você é um risco que não pode ser corrido. Uma arma que não pode ser manuseada." Eu me virei, apreciando a sala do trono, as abóbadas altas, as janelas escuras, e encarei Coddin, Makin, os cavaleiros de minha távola. "Eu despertei o Sol dos Construtores sob Gelleth e esta criança é demais para mim?"
"Aqueles eram tempos de desespero, Jorg", Makin disse analisando o chão.
"Todas os tempos são de desespero", eu disse. "Você acha que estamos seguros aqui, na nossa montanha? Este castelo pode parecer grande do lado de dentro. A um quilômetro e meio de distância você pode cobri-lo com o polegar."
Eu olhei para Gorgoth. "Talvez eu precise de uma nova geometria. Talvez nós precisemos encontrar esse dena e ver se a história não pode ser reescrita."
"O poder da criança está fora de controle, Jorg", disse Coddin, um homem corajoso para me interromper quando eu estou com a corda toda. O tipo de homem que eu precisava. "E só vai ficar mais selvagem."
"Vou levá-lo a Heimrift", eu disse. *Gog é uma arma e lá eu vou forjá-lo.*
"Heimrift?" Gorgoth relaxou os punhos e suas juntas estalaram ruidosamente.
"Um lugar de demônios e fogo", Makin murmurou.
"Um vulcão", eu disse. "Quatro vulcões, na verdade. E um mago do fogo. Pelo menos foi o que meu tutor me contou. Então vamos colocar os

benefícios de uma educação real à prova, certo? Pelo menos Gog irá gostar de lá. Tudo queima."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

5

— QUATRO ANOS ATRÁS —

"Esta é uma má ideia, Jorg."
"É uma ideia perigosa, Coddin, mas isso não significa que seja ruim." Eu apoiei minha faca no mapa para ele parar de enrolar.
"Quaisquer que sejam as chances de sucesso, você deixará seu reino sem um rei." Ele colocou um dedo sobre o mapa, apontando para O Assombrado, como se quisesse me mostrar meu lugar. "Só faz três meses, Jorg. As pessoas ainda não estão certas a seu respeito, os nobres irão começar a tramar assim que você partir. E quantos homens armados você levará consigo? Com o trono vazio, as Terras Altas de Renar parecerão um prêmio fácil. Seu nobre pai pode até resolver aparecer com o exército do Portão. Na hora de

defender este lugar, eu não sei quantas tropas de seu tio irão se reunir ao seu clamor."
"Meu pai não enviou o Portão quando minha mãe e meu irmão foram assassinados." Meus dedos se curvaram em torno do cabo da faca por vontade própria. "É improvável que ele aja contra O Assombrado agora. Especialmente quando seus exércitos estão ocupados tomando o que restou de Gelleth."
"Então quantos soldados você levará?", Coddin perguntou. "A guarda não será suficiente."
"Não vou levar nenhum", respondi. "Eu poderia levar o exército inteiro e isso só me poria em guerra nas terras de outra pessoa." Coddin fez que ia protestar. Eu o interrompi. "Levarei meus irmãos. Eles gostarão de um período na estrada. Nós conseguimos andar por toda a parte numa boa não faz tanto tempo e ninguém nos dava tanta importância."
Makin voltou com vários rolos grandes de mapas sob o braço. "Disfarçados, é?", ele disse e sorriu. "Ótimo. Verdade seja dita, este lugar me dá uma coceira nos pés."
"Você vai ficar, irmão Makin", eu lhe disse. "Eu levarei Kent, Algazarra, Grumlow, o jovem Sim... e Maical, por que não? Ele pode ser um imbecil, mas é duro de matar. E, claro, o Pequeno Rike..."
"Ele não", Coddin disse com o rosto sério. "Não há lealdade naquele lá. Ele o deixará morto em uma cerca viva."
"Eu preciso dele", eu disse.
Coddin franziu a testa. "Ele pode ser útil em uma briga, mas não há sutileza nele, não há disciplina, ele não é inteligente, ele..."
"A maneira que eu vejo", disse Makin, "é que Rike não consegue fazer uma omelete sem estar até as coxas com o sangue das galinhas e usando suas entranhas como um colar."
"Ele é um sobrevivente", eu disse. "E preciso de sobreviventes."
"Você precisa de mim", disse Makin.
"Você não pode confiar nele." Coddin esfregou a testa como sempre fazia quando a preocupação se instalava nele.
"Preciso de você aqui, Makin", eu disse. "Quero ter um reino para o qual voltar. E eu sei que não posso confiar em Rike, mas quatro anos na estrada me ensinaram que ele é a ferramenta certa para esta tarefa."
Eu levantei minha faca e o mapa se enrolou novamente. "Já vi o suficiente."
Makin ergueu os olhos e derrubou seus mapas fechados sobre a mesa.

"Trace uma rota decente para mim, Coddin, e mande aquele rapaz escriba copiá-la." Fiquei de pé e me alonguei. Eu precisava de algo para vestir. Uma de minhas empregadas havia queimado meus trapos velhos, e veludo não é bom para a estrada. É como um ímã para poeira.

Padre Gomst se encontrou comigo, Makin e Kent a caminho dos estábulos. Ele havia corrido da capela, com o rosto vermelho, a bíblia mais pesada debaixo de um braço e a cruz do altar na outra mão.
"Jorg..." Ele parou para recuperar o fôlego. "Rei Jorg."
"Você vai se unir a nós, padre Gomst?" A maneira como ele empalideceu me fez sorrir.
"A bênção", ele disse ainda sem ar.
"Ah, sim, pode abençoar."
Kent ficou de joelhos na mesma hora, o assassino mais devoto que já conheci. Makin o acompanhou com uma pressa imprópria para um homem que havia saqueado uma catedral na sua época. Desde que Gomst saiu de Gelleth, à luz do Sol dos Construtores, sem nem um bronzeado para exibir, os irmãos pareciam pensar que ele fora tocado por Deus. O fato de que todos nós fizemos a mesma coisa com muito menos tempo à nossa disposição não lhes atinava.
De minha parte, por todos os males da Igreja de Roma, eu não conseguia mais detestar Gomst como antes. Seu único crime verdadeiro era ser um homem fraco e impotente, incapaz de transmitir a promessa de seu senhor, o amor de seu salvador, ou até mesmo colocar o jugo de Roma em volta do pescoço de seu rebanho com convicção.
Eu abaixei a cabeça e ouvi a prece. Não faz mal nenhum se precaver.

No pátio oeste, meu bando desigual se reuniu, verificando o equipamento. Rike tinha o maior cavalo que eu já vira.
"Eu consigo correr mais rápido que este monstro, Rike." Olhei por trás dele só de brincadeira. "Você não trouxe o arado quando o roubou?"
"Ele serve", respondeu. "É grande o bastante para a pilhagem."
"Maical não vai levar o carro-chefe?" Olhei em volta. "Cadê ele, aliás?"
"Foi buscar o tordilho", Kent disse. "O idiota não monta nenhum outro cavalo. Diz que não consegue."
"Isso é que é lealdade." Lancei um olhar para Rike. "E cadê essa sua esposa nova, irmão Rikey? Não vem se despedir de você?"

"Está ocupada arando." Ele deu um tapa em seu cavalo. "Arranjou um trabalho agora."
Gorgoth surgiu pelo portão da cozinha, agigantando-se atrás de Rike. É desconcertante ver algo sobre duas pernas que seja mais alto e mais largo que Rike. Gog saltou por detrás dele. Pegou minha mão e eu o deixei me guiar. Não são muitos que pegam minha mão desde que a necromancia se enraizou em mim. Há um toque de morte em meus dedos, não só a frieza. As flores murcham e morrem.
"Aonde estamos indo, irmão Jorg?" Ainda era uma voz de criança, apesar da crepitação.
"Encontrar um mago do fogo. Acabar com essa queimação de camas", eu disse.
"Vai doer?" Ele me observou com os olhos arregalados, poços de escuridão. Eu dei de ombros. "Talvez sim."
"Medo", ele disse, apertando mais a minha mão. Eu podia sentir o calor surgindo de seus dedos. Talvez anulasse o frio dos meus. "Medo."
"Bem", eu disse, "estamos no caminho certo."
Ele franziu a testa.
"Você precisa caçar seus medos, Gog. Derrotá-los. Eles são seus únicos inimigos de verdade."
"Você não tem medo de nada, irmão Jorg", ele disse. "Rei J..."
"Tenho medo de me queimar", eu disse. "Especialmente em minha cama." Eu olhei para trás, para os irmãos guardando armas e suprimentos. "Eu tinha um primo que gostava de queimar as pessoas, não tinha, irmão Algazarra?"
"Ah, é", ele assentiu.
"Meu primo Marclos", eu disse. "Conte a Gog o que aconteceu com ele."
Algazarra testou a ponta de uma flecha com o polegar. "Jorg foi até ele sozinho e o matou no meio de cem de seus soldados."
Olhei para Gog. "Eu tenho medo de aranhas também. É por causa do jeito que elas se mexem. E do jeito que ficam paradas. Aquela corridinha." Eu imitei com a mão.
Gritei de volta para Algazarra. "Como eu sou com aranhas, Algazarra?"
"Esquisito." Algazarra cuspiu e amarrou a última flecha. "Você vai gostar dessa história, Gog, por ser um monstro ímpio e tudo mais." Ele cuspiu novamente. O irmão Algazarra gostava de cuspir. "Passamos uma semana entocados em uns celeiros de grãos, uma vez. Escondidos. Não passamos fome. Grãos e ratazanas dão um bom cozido. Só que o Jorg aqui não gostou

nada. O lugar era cheio de aranhas, sabe. Grandes e cabeludas." Ele esticou os dedos até as juntas estalarem. "Durante uma semana inteira Jorg as caçou. Não comeu nada além de aranha por uma semana. E nem era cozida. Nem mesmo morta."
"E cozido de rato passou a ter gosto bom depois daquela semana", eu disse.
Gog franziu a testa e seus olhos perceberam o brilho em meu pulso. "O que é isso?", ele apontou.
Arregacei a manga e ergui o braço para que todos vissem. "Duas coisas que eu encontrei no tesouro de meu tio que valiam mais que o ouro em volta delas. Pensei em trazê-las comigo para o caso de necessidade." Fiz questão de que Rike visse a prata em meu pulso. "Não precisa mais revirar meus alforjes à noite, Pequeno Rikey. O tesouro está aqui e se você acha que pode pegá-lo tente agora."
Ele escarneceu e amarrou outra correia.
"Que isso?" Gog observava, fascinado.
"Os Construtores o fizeram", eu disse. "Tem mil anos."
Algazarra e Kent, o Rubro, vieram ver.
"Disseram-me que chamam de relógio", eu disse. "E dá para ver por quê."
Na verdade, eu mesmo olhava muito para ele. Havia um fundo nele atrás do cristal, com doze horas marcadas e sessenta minutos, e dois braços pretos que se moviam, um devagar, outro mais devagar ainda, para indicar a hora. Encantado, eu abrira a traseira com a ponta de minha faca e contemplei as entranhas da coisa. A portinhola se abriu com uma dobradiça minúscula, como se os Construtores soubessem que eu iria querer ver lá dentro. Rodas dentro de rodas, minúsculas, dentadas e girando. Como eles fizeram essas coisas tão pequenas e tão precisas eu nem imagino, mas para mim é uma maravilha maior que qualquer sol ou luz brilhante feita pelo homem.
"O que mais você tem, Jorg?", perguntou Rike.
"Isto." Eu o tirei do bolso fundo em minha cintura e o coloquei sobre a laje. Um palhaço de metal gasto com resquícios de tinta em seu justilho, cabelo e nariz.
Kent deu um passo para trás. "Parece do mal."
Eu me ajoelhei e soltei um trinco atrás da cabeça do palhaço. Com uma sacudida e um zumbido, ele começou a bater seus pés de metal e a juntar suas mãos de metal, batendo os pratos que segurava. Ele se movia em círculo, batendo os pés e os pratos, indo a lugar nenhum.

Rike começou a rir. Não aquele "hur, hur, hur" dele, que parece outro tipo de raiva, mas uma risada de verdade, que vinha da barriga. "Parece... Parece..." Ele não conseguia dizer as palavras.
Os outros não conseguiram se segurar. Sim e Maical riram primeiro. Depois Grumlow, roncando através do bigode de rato molhado que estava deixando crescer. Em seguida, Kent, o Rubro, e, por último, até Algazarra, todos rindo feito crianças. Gog assistia, admirado. Até Gorgoth não conteve o sorriso, exibindo os dentes de trás que pareciam lápides.
O palhaço tombou e continuou a pisotear o ar. Rike veio abaixo com aquilo, socando o chão com o punho, perdendo o fôlego.
O palhaço desacelerou e depois parou. Há uma mola de aço lá dentro que você aperta com uma chave. E quando ele acaba de bater e fazer barulho a mola está solta novamente.
"Burlow... Burlow devia ter visto isso." Rike limpou as lágrimas dos olhos. A primeira vez que eu o escutara mencionar um dos falecidos.
"Sim, irmão Rike", eu disse. "Sim, ele devia." Eu imaginei o irmão Burlow rindo conosco, com a barriga balançando.
Nós tivemos nosso momento ali, um daqueles pontos de passagem pelos quais a vida é lembrada, a irmandade refeita e pronta para a estrada. Nós tivemos nosso momento – o último momento bom. "Hora de partir", eu disse.
Às vezes eu me pergunto se não temos todos uma mola de aço dentro de nós, como aquele dena de Gorgoth enrolado bem apertado no interior. Eu me pergunto se todos nós não pisoteamos e batemos, batemos e pisoteamos em nossos pequenos círculos, indo a lugar nenhum. E eu me pergunto quem é que ri de nós.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

6

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Três meses antes eu havia entrado no Assombrado sozinho, coberto de sangue que não era meu e brandindo uma espada roubada. Meus irmãos me acompanharam. Agora deixava o castelo nas mãos de outro. Eu queria o sangue de meu tio. Peguei sua coroa porque outros homens disseram que eu não poderia tê-la.

Se O Assombrado lhe parece uma caveira, como parece a mim, então os fragmentos de cidade em torno dos portões podem ser considerados o vômito seco de seu último suspiro. Um curtume aqui, um abatedouro ali, todos os males necessários porém fétidos da vida moderna, estabelecidos

além dos muros onde o vento possa limpá-los. Mal havíamos passado do último casebre quando Makin nos alcançou.
"Já estavam com saudades?"
"A Guarda da Floresta me diz que temos companhia chegando", disse Makin, recuperando o fôlego.
"Nós realmente devíamos rebatizar a guarda", eu disse. O melhor que as Terras Altas podiam oferecer em termos de floresta era um ocasional amontoado de árvores tristemente encolhidas em um vale profundo, todas torcidas e curvadas contra o vento.
"Cinquenta cavaleiros", Makin disse. "Carregando a insígnia de Arrow."
"Arrow?" Eu franzi a testa. "Eles andaram um bocado." A província ficava no limite do mapa que havíamos recentemente enrolado.
"Eles parecem descansados o bastante, sob todos os aspectos."
"Acho que os encontrarei na estrada", eu disse. "Pode ser que arranquemos uma história mais interessante deles como um bando de irmãos da estrada." A verdade é que eu não queria trocar de roupa, para sedas e arminho, e passar por todas as formalidades. Eles estavam indo em direção ao castelo. Não se manda cinquenta homens de armadura para uma missão discreta.
"Eu vou com vocês", Makin disse. Ele não aceitaria um "não" dessa vez.
"Você não passaria por irmão da estrada", eu disse. "Você parece um ator que invadiu o baú de adereços para pegar o melhor equipamento de cavaleiro."
"Rola ele na merda", Rike disse. "Aí ele vai passar."
Nós calhamos de estar ao lado dos estábulos de Jerring e um monte de esterco estava ao alcance da mão. Eu apontei para ele.
"Não tem muita diferença da vida na corte", Makin sorriu e jogou seu manto no carro-chefe. Maical o amarrara ao tordilho por força do hábito.
Quando o capitão de minha guarda parecia mais um cavaleiro andante no final de sua sorte nós seguimos adiante. Gog veio comigo, segurando firme. Gorgoth corria junto, porque nenhum cavalo o aceitava, e não era só por causa de seu peso. Algo nele os assustava.
"Já foi a Arrow, Makin?", perguntei, aliviando meu cavalo contra o vento.
"Nunca", respondeu. "Um principado bem pequeno. Mas eles são bem fortes lá, ao que tudo indica. Dão dor de cabeça aos vizinhos já há anos."
Nós continuamos sem conversar por um tempo, apenas o barulho dos cascos e o rangido da carroça para interromper o silêncio da montanha. A estrada – ou trilha, para ser honesto, pois os Construtores nunca exerceram sua magia

nas Terras Altas – serpenteava para baixo, curvando-se para lá e para cá a fim de domar a inclinação. Enquanto descíamos, comecei a perceber que nos vales baixos já seria primavera. Mesmo aqui, um pouco de verde aparecia de vez em quando e fazia os cavalos farejarem o ar.
Nós vimos o batedor dos cavaleiros uma hora depois e a coluna principal um quilômetro adiante. Algazarra começou a sair da trilha.
"Eu direi quando for a hora de desviar e quando permanecemos firmes, se você não se incomodar, irmão Algazarra." Lancei-lhe um olhar. Os irmãos começavam a se esquecer do velho Jorg – ficaram tempo demais vagabundeando no Assombrado, com suas malvadezas.
"Há muitos deles, irmão Jorg", disse o jovem Sim, mais velho que eu, claro, mas ainda com pouca utilidade para uma lâmina, caso se descontasse o corte de gargantas.
"Quando se está indo ao castelo do rei é falta de educação cortar os viajantes no caminho", eu disse. "Até mesmo para os desonrosos como nós." Eu continuei adiante. Uma pausa e os outros acompanharam.
A subida seguinte mostrou-os mais próximos, dois deles, lado a lado, trotando lentamente, um par de bandeiras estreitas agitando-se no vento de Renar. Não eram ralé, mas cavaleiros de uma alta corte, uma harmonia em seus braços e armaduras que envergonhava a minha própria guarda.
"Esta é uma má ideia", disse Makin. Ele fedia à merda de cavalo.
"Se você um dia parar de dizer isso saberei que é a hora de começar a me preocupar", eu disse.
Os homens de Arrow continuaram a avançar. Podíamos ouvir seus cascos na pedra. Tive vontade de parar no meio da trilha e exigir um pedágio. Essa seria uma boa história, mas talvez curta demais. Eu me contentei em ficar de lado e observá-los se aproximar. Dei uma olhada para nossa tropa. Um bando feio, mas as leucrotas ganhavam o prêmio.
"Veja se consegue se esconder atrás do cavalo de Rike, Gorgoth", eu disse. "Sabia que esse cavalo de arado seria útil."
Tirei a faca de meu cinto e comecei a limpar a sujeira sob as unhas. As garras de Gog se apertaram abaixo da minha couraça quando os primeiros homens nos alcançaram.
Os cavaleiros reduziram a velocidade para uma caminhada, conforme se aproximavam. Alguns viraram a cabeça, mas a maioria passou sem olhar, com os rostos escondidos atrás das viseiras. No meio da coluna estavam dois homens que chamavam a atenção, ou pelo menos suas armaduras,

polidas até brilhar, caneladas no estilo teutônico, que cintilavam com matizes coloridos onde o metal oleado encontrava a luz. Um cão de caça corria entre os cavalos deles, de pelo curto, peito estufado e focinho longo. O da esquerda da dupla ergueu a mão e a coluna parou, até os homens à frente dele, embora parecesse não haver jeito de eles o terem visto.
"Ora, ora", ele disse, as palavras precisas e firmes.
Tirou o capacete, o que pareceu ser uma tolice, pois ele podia ser o alvo de balestras escondidas, e balançou a cabeça. O suor mantinha seu cabelo loiro grudado em sua fronte.
"Bom dia, Senhor Cavaleiro", eu disse e acenei uma pequena reverência. Ele me olhou de cima a baixo com calmos olhos azuis. Ele me lembrava o defensor de Katherine, Sir Galen. "Quanto falta para o castelo de Renar, garoto?", ele perguntou.
Algo me dizia que aquele homem sabia exatamente quanto faltava, assim como corvos voam e coxos mancam. "O castelo do Rei Jorg fica a uns bons dezesseis quilômetros para lá." Balancei minha faca na direção da trilha. "Uns dois quilômetros de subida."
"Um rei, é?" Ele sorriu. Bonito como Galen também, daquele tipo loiro de maxilar quadrado que faz a cabeça das garotas. "O velho Renar não se dizia rei."
Eu comecei a odiá-lo. E não somente pela piada. "Conde Renar tinha apenas as Terras Altas. Rei Jorg é herdeiro de Ancrath e das terras de Gelleth. Isso é terra suficiente para fazer um rei, pelo menos por estas bandas."
Fiz questão de olhar para a couraça do camarada. Havia dragões ali, desenhados e esmaltados de vermelho, cada um exuberante, segurando uma flecha vertical mais alta que si próprio. Belo trabalho. "É de Arrow que vocês são, milorde?", perguntei. Sem esperar pela resposta, eu me virei para Makin. "Sabe por que essa terra se chama Arrow, Makin?"
Ele balançou a cabeça e analisou a alça de sua sela. A vontade de dizer "esta é uma má ideia" se contorceu em seus lábios.
"Dizem que se chama Arrow porque você pode atirar uma flecha da costa norte até a sul", eu disse. "Pelo que ouvi dizer, poderiam tê-la chamado de Espirro. Imagino só como chamam o homem que governa lá."
"Você entende muito de heráldica, garoto." Os olhos ainda calmos. O homem ao lado dele levou a mão à espada, com a manopla batendo no cabo. "Eles chamam o homem que governa lá de Príncipe de Arrow." Ele sorriu. "Mas você pode me chamar de Príncipe Orrin."

Parecia imprudente cavalgar para outro reino com cinquenta homens, mesmo cinquenta como aqueles. Exatamente o que eu era contra nas minhas próprias viagens.
"Você não está preocupado de o Rei Jorg aproveitar a oportunidade para enfraquecer o campo nessa nossa Guerra Centenária?", perguntei.
"Se eu fosse vizinho dele, talvez", o príncipe disse. "Mas me matar ou até me capturar para meus inimigos só tornaria os vizinhos dele mais seguros e aptos a prejudicá-lo. E eu ouvi dizer que o rei é bem atento às suas chances. Além disso, não seria fácil."
"Eu achei que você estivesse procurando por um conde, mas agora parece que você já sabe sobre o Rei Jorg e quão atento ele é", eu disse. Ele veio preparado.
O príncipe deu de ombros. Ele pareceu jovem nesse momento. Vinte anos talvez. Não muito mais. "Essa é uma bela espada", ele disse. "Mostre-a para mim."
Eu havia enrolado o cabo com couro velho e passado terra por cima. A bainha era mais velha que eu e estava gasta pelo tempo. A espada de meu tio pode ter sido qualquer coisa, mas não estava bela agora. Não até eu a sacar e exibir seu metal. Cogitei lançar meu punhal. O loirinho talvez não enxergasse tão bem com a lâmina do punhal projetada em seu olho. Talvez ele até tivesse um irmão em casa que ficaria satisfeito em ser o novo Príncipe de Arrow e me devesse um favor futuramente. Eu conseguia visualizar aquilo. O belo príncipe com minha adaga em seu rosto e nós correndo pelas encostas.
Não sou dado a "deverias". Mas eu deveria.
Em vez disso, guardei a faca e saquei a espada de meu tio, uma relíquia da linhagem de sua família, feita com o aço dos Construtores, com a lâmina capturando a luz do dia e refletindo-a de volta com força.
"Ora, ora", Príncipe Orrin disse novamente. "Uma espada incomum essa que você tem aí, garoto. De quem você a roubou?"
O vento da montanha soprou frio, encontrando cada fenda em minha armadura, e eu me arrepiei, apesar do calor pulsando de Gog às minhas costas. "Por que o Príncipe de Arrow viria até aqui, às Terras Altas de Renar, com apenas cinquenta cavaleiros, eu me pergunto?" Desci do cavalo. Os olhos do príncipe se arregalaram ao ver Gog na sela, seminu e listrado como um tigre.

Eu fiquei de pé sobre uma das pedras maiores ao lado da estrada para mostrar que não iria correr.
"Talvez tais motivos não sejam da conta de uma criança bandida na estrada segurando uma espada roubada", ele disse ainda irritantemente calmo.
Eu não podia argumentar contra "roubada" então me ofendi com "criança".
"Catorze é idade de homem por estas terras e eu empunho esta espada melhor que qualquer um que a possuiu antes de mim."
O príncipe riu, suave e espontaneamente. Se houvesse estudado um livro dedicado à arte de me enfurecer ele não se sairia tão bem. O orgulho sempre foi a minha fraqueza e, ocasionalmente, minha força.
"Minhas desculpas então, rapaz." Vi seu defensor franzir a testa, mesmo por trás da viseira. "Eu viajo para ver as terras que dominarei como imperador, para conhecer as pessoas e as cidades. E para conversar com os nobres, os barões, condes... e até com os reis, que me servirão quando eu me sentar no trono do Império. Prefiro conquistar seus serviços com sabedoria, palavras e auxílio, em vez de com espada e fogo."
Um discurso bastante pomposo, talvez, mas ele levava jeito com as palavras. Ó, meus irmãos, e a maneira como ele as dizia. Um novo tipo de mágica, isso. Mais sutil que as armadilhas suaves de Sageous – até mesmo aquele bruxo pagão manipulador de sonhos invejaria esse tipo de persuasão.
Percebi por que o príncipe havia tirado seu elmo. O feitiço não estava só nas palavras, mas no olhar, na honestidade e na confiança em tudo aquilo, como se cada homem que escutasse fosse digno de sua amizade. Um talento que requeria cautela, talvez até mais potente que o poder que Corion usou para me mandar correndo pelo Império e conduzir meu tio por trás de seu trono.
O cão de caça se sentou e lambeu a baba de suas bistecas. Ele parecia grande o suficiente para engolir um carneiro pequeno.
"E por que eles o escutariam, Príncipe de Arrow?", eu perguntei. Reconheci certa petulância em minha voz e a odiei.
"Esta Guerra Centenária precisa acabar", ele disse. "Ela vai acabar. Mas quantos precisam se afogar em sangue antes da paz? Deixe que o trono seja reivindicado. Os nobres podem manter seus castelos, governar suas terras, recolher seu ouro. Nada será perdido; nada acabará a não ser a guerra."
E lá estava novamente. A mágica. Eu acreditei nele. Mesmo sem ter dito, eu sabia que ele realmente buscava a paz, que ele reinaria com justiça e igualdade, que ele se importava com as pessoas. Ele deixaria os fazendeiros

plantarem, os comerciantes venderem e os estudiosos procurarem seus segredos.
"Se lhe oferecessem o trono do Império", ele disse, olhando somente para mim, "você o aceitaria?"
"Sim." Embora eu preferisse tomá-lo sem que ele me fosse oferecido.
"Por quê?", ele perguntou. "Por que você o quer?"
Ele lançou uma luz sobre meus recantos sombrios, esse príncipe de livros de histórias com os olhos calmos. Eu queria vencer. O trono era apenas a prova que demonstrava a vitória. E eu queria vencer porque outros homens disseram que eu não poderia. Eu queria lutar porque a luta estava em mim. Eu dava menos pelas pessoas do que pela pilha de bosta em que rolamos Makin.
"É meu." Foi toda a resposta que consegui encontrar.
"Ah, é?", ele perguntou. "É seu, comissário?"
E em um floreio ele mostrou sua mão. E mostrou minha vergonha. Você deveria saber que os homens que lutam na Guerra Centenária, e eles são todos homens, exceto pela Rainha de Vermelho, brotam dos dois lados de uma grande árvore. A linhagem dos comissários, como nossos inimigos nos chamam, traça a linha mais clara até o trono, mas para o Grande Comissário, Honório, que serviu durante cinquenta anos quando a descendência do Império fracassou. E Honório sentava-se *diante* do trono em vez de sentar-se nele. Ainda assim, era um forte direito ser herdeiro do homem que atuou como imperador em tudo, menos no nome, para ocupar aquele trono do que um fraco pretexto de ser herdeiro do último imperador. Pelo menos é assim que nós comissários vemos. De qualquer modo, eu abriria sozinho um caminho até o trono, mesmo que algum pastor bastardo houvesse me concebido em uma puta de sarjeta – a genealogia pode trabalhar a meu favor ou eu corto a árvore genealógica para fazer um aríete. Qualquer um está bom.
Muitos da linhagem dos comissários são feitos na mesma forma que eu: magros, altos, cabelos e olhos escuros, pensamento rápido. Até nossos inimigos nos chamam de astutos. A linhagem do imperador é confusa, perdida em bibliotecas incendiadas, maculada por loucura e excessos. E muitos da linhagem, ou aqueles que alegam ser dela, são como o Príncipe Orrin: brancos, de braços grossos, às vezes gigantes como Rike, embora agradáveis aos olhos.

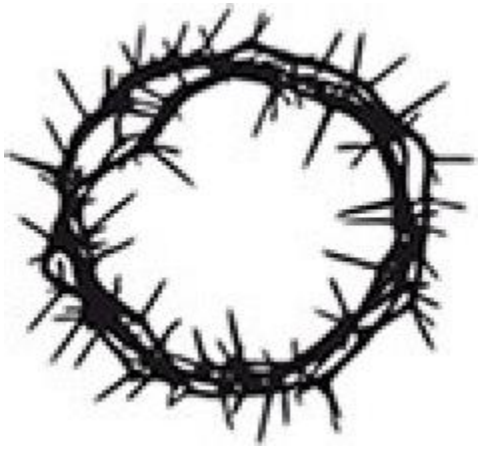
"Agora é comissário, é?" Virei o pulso e minha espada dançou. O cão de caça dele se levantou, mordaz, sem um rosnado.
"Guarde-a, Jorg", ele disse. "Eu conheço você. Você tem a aparência dos Ancrath. O galho mais escuro da árvore dos comissários que já cresceu. Vocês ainda estão se matando, pelo que ouvi?"
"É Rei Jorg para você", eu disse, sabendo que soava como uma criança mimada e incapaz de evitar. Algo no temperamento calmo de Orrin, pela luz dele, fazia sombra sobre mim.
"Rei? Ah, sim, por causa de Ancrath e Gelleth", ele disse. "Mas me disseram que seu pai denominou o jovem Príncipe Degran seu herdeiro. Então talvez..." Ele abriu as mãos e sorriu.
O sorriso foi como um tapa na cara. Então meu pai nomeara o novo filho que havia feito com a puta Scorron. E o presenteou com o meu patrimônio. "E você está pensando em dar a ele as Terras Altas também?", perguntei.
Mantive o sorriso feroz em meu rosto, embora ele quisesse desaparecer.
"Você deveria saber que há cem homens de minha guarda escondidos nas pedras prontos para cravar flechas pelas fendas dessa armadura extravagante, príncipe." Talvez fosse até verdade. Eu sabia que pelo menos parte da guarda estaria vigiando os cavaleiros.
"Eu diria que está mais para vinte", Príncipe Orrin disse. "Acho que eles não são homens de montanha, são? Você os trouxe de Ancrath, Jorg, quando fugiu? Eles são habilidosos o bastante, mas homens de montanha propriamente ditos seriam mais difíceis de detectar."
Ele sabia demais, esse príncipe. Estava seriamente começando a me irritar. E, como você sabe, ficar com raiva me deixa com raiva.
"Ainda assim", ele continuou, como se eu não estivesse prestes a explodir, como se eu não estivesse prestes a enterrar minha espada inteira através do corpo dele, "eu não vou matá-lo pelo mesmo motivo que você não me matará. Isso substituiria dois reinos fracos por um mais forte. Quando a estrada para o trono do Império – para o meu trono – me trouxer aqui, eu preferiria encontrar você e seus amigos engraçados aterrorizando os camponeses e bebendo do que encontrar seu pai ou o Barão Kennick mantendo a ordem. E espero que, quando eu chegar, você tenha se tornado um rapaz mais sensato, além de mais alto, e abra suas terras para mim como imperador."
Eu saltei da minha pedra e o cão se postou no meu caminho, mais rápido que um raio, ainda sem rosnar, mas com dentes demais à mostra, todos brilhando

com baba. Olhei fixamente em seus olhos, o que é um bom jeito de ter seu rosto arrancado a mordidas, mas eu quis ameaçar a besta. Segurando minha espada pelo cabo e pela lâmina, com o lado plano para frente, dei outro passo, com um rosnado surgindo em mim. Eu tive um cachorro uma vez, um bom cão que amei, antes de tais palavras doces serem arrancadas de mim, e eu não tinha o menor desejo de matar este aqui. Mas eu o faria. "Para trás." Mais rosnado do que palavra. Meus olhos nos dele.
E com as orelhas para trás em sua cabeça a besta ganiu e se escondeu entre as pernas dos cavalos. Acho que ele sentiu a morte em mim. Uma refeição amarga, o coração daquele necromante. Outro passo para longe do mundo. Às vezes parece que eu estou a três passos além da vida de outros homens. Um pelo coração. Outro pelo espinheiro. E talvez o primeiro por aquele cachorro que me recordo em sonhos.
Eu o chamo de meu, mas o cachorro pertencia ao meu irmão William e a mim. Um cão-lobo de alguma espécie, maior que nós dois, um cavalo de batalha para dois jovens cavaleiros. Ele conseguia levar William nas costas, Will só tinha quatro anos, mas se eu subisse também ele nos jogava para fora e mordia minha perna. Nós o chamávamos de Justiça.
"Impressionante", disse Príncipe Orrin, parecendo tudo menos impressionado. "Se você já tiver terminado com meu cachorro nós já vamos. Eu pretendo atravessar a Orlanth pela Passagem Alta ou pela Passagem da Lua Azul, se estiver segura, e fazer uma visita ao Conde Samsar."
"Você irá quando eu disser", eu lhe falei, ainda desejando... alguma coisa. Medo talvez? Talvez apenas um ato de respeito servisse. "E pela rota que eu permitir." Não gostei que ele parecesse saber a situação de minha terra melhor do que eu.
Ele ergueu uma sobrancelha, mantendo um sorriso ao largo e me aborrecendo mais do que um sorriso faria. "E então qual é o seu julgamento sobre este assunto, Rei Jorg?"
Cada fibra minha desejava machucá-lo. Em qualquer outro homem suas palavras soariam presunçosas, arrogantes, mas aqui nesta encosta fria de montanha elas soavam honestas e sinceras. Eu o odiei por ser tão abertamente melhor que eu. Olhei para ele e naquele momento eu soube. Ele tinha pena de mim.
"Cruze espadas comigo, irmão Orrin", eu disse. "Você está certo em pensar em paz. Por que meus pastores de cabras ou seus criadores de porcos devem sofrer em uma guerra para ver qual de nossos traseiros irá polir o trono do

Império? Cruze espadas comigo e, se me render, então, no dia em que você vier reivindicar o Império, eu não me oporei a você. Vamos, saque sua espada. Ou mande seu defensor tentar a sorte, se quiser." Eu acenei para o homem ao lado dele.
"Ah", Orrin disse. "Você não vai querer lutar com ele. Este é meu irmão Egan. Deus o criou para ficar atrás de uma espada. Dá até medo às vezes! E, além disso, vocês dois são parecidos demais. Egan acha que toda essa conversa é um desperdício. Ele mandaria nossos fazendeiros contra seus pastores e inundaria o mundo com sangue, não é mesmo, Egan? Eu tenho um sonho para o Império. Para o meu Império. Um sonho brilhante. Mas temo que todos os sonhos de Egan sejam vermelhos."
Egan grunhiu como se estivesse entediado.
O príncipe desmontou. "Abram caminho e não deixem nenhum homem interferir."
"Esta é..."
"Eu sei, Makin." Eu o cortei. "É uma má ideia."
Makin desceu de seu cavalo e ficou ao meu lado enquanto os homens de Orrin se afastavam. "Ele pode ser bom", ele disse.
"Bom está bem", eu disse. "Eu sou *ótimo."*
"Não vou discutir sobre sua excelência em matar, Jorg", Makin chiou. "Mas isso é luta de espadas e apenas luta de espadas."
"Então terei de jogar o jogo", eu disse. O príncipe não havia perguntado o que exigiria dele quando eu vencesse. Isso deixou um sabor amargo.
Nós nos juntamos, dois dos cem, as linhagens de imperador e comissário juntas para a batalha.
"Nós podemos fazer isso do jeito inteligente, Jorg", Orrin disse. Ele já me conhecia o suficiente para não dizer do jeito fácil. "Apoie-me. O novo imperador precisará de um novo comissário."
Eu cuspi no cascalho.
"Você não sabe o que quer ou por que quer, Jorg", ele disse. "Você não viu nada do Império que quer possuir. Você já foi ao leste, perseguindo o sol até a muralha de Utter? Você já viu as margens da Afrique *dark?* Já falou com os jarls, que navegam de suas fortalezas nórdicas quando o gelo permite? Se você fosse desovado nos descampados de Arral, todos os quilômetros que percorreu em seus anos itinerantes teriam lhe mostrado apenas pradarias. De navio, Jorg, de navio. Essa é a única maneira de ver o Império. Você ao menos já viu o mar?"

O tordilho soltou um longo e complacente peido, livrando-me de uma resposta. Eu sempre amei esse cavalo.
Nós nos rodeamos. Como muita coisa na vida, uma luta de espadas, especialmente uma luta de espadas longas, é sobre escolher seu momento. Uma investida é um compromisso, muitas vezes um compromisso de vida. Você espera pelas melhores chances e então aposta sua vida na chance oferecida. Contra um homem de armadura você precisa usar seus músculos. Toda a sua força. Para colocar dor suficiente através daquele metal para que ele não se aproveite enquanto você recua para o próximo ataque. Uma estocada pode ser mais provisória. É necessário ser preciso. Encontrar e perfurar aquela fenda na armadura antes que ele encontre e perfure a sua.
Eu balancei a espada, não para atingi-lo, mas apenas para deixar nossas espadas se encontrarem. A espada dele tinha uma aparência esfumada, algo mais escuro misturado ao aço dos Construtores. O choque ecoou severamente pelas encostas. De alguma forma, ele rolou sua espada no instante que elas se encontraram e quase arrancou a minha de minhas mãos. Não gostei nada daquilo. Eu o pressionei, com lances curtos para mantê-lo ocupado, para adormecer suas mãos e fazê-las parar de ser tão traiçoeiras. Era algo como cortar uma coluna de pedra e deixaram as palmas de minhas mãos doloridas, com a dor latejando em meus pulsos.
"Você é melhor do que eu esperava", ele disse.
Então ele veio para cima de mim, estocada, meio giro, estocada. Combinações rápidas demais para pensar.
Nós treinamos para que nossos músculos aprendam. Para que nossos olhos falem com nossos braços e mãos, ignorando o cérebro e a necessidade de se preocupar com decisões e julgamentos. É como aprender as notas de uma música na harpa. Primeiro você pensa nelas, lá, dó, dó, ré... e com o tempo seus dedos aprendem e você esquece as notas.
Meu braço da espada fazia os movimentos sem me consultar.
"Realmente nada mal", ele dizia.
Mas quando você tenta tocar a música mais rápido, e depois mais rápido ainda, e mais rápido, em algum momento seus dedos falham. O que vem em seguida?, eles querem saber. O que vem em seguida?
Uma barra pesada de metal do lado da cabeça é o que vem em seguida, aparentemente. Pelo menos foi isso que o lado plano de sua lâmina me pareceu. Eu disse algo que parecia meio palavrão, meio resmungo, e todo sangue, e então caí como se ele houvesse cortado todos os meus fios.

"Renda-se." Parecia que ele estava chamando do outro lado de um longo túnel.
"Nem fodendo." Mais sangue, possivelmente alguns pedaços de dente.
"Última chance, Jorg", ele disse. A borda de sua espada estava fria contra meu pescoço.
"Ele se rende", disse Makin do outro lado do mesmo túnel. "Ele se rende."
"Nem pelo demônio." A diferença entre céu e chão começou a se reafirmar. Eu me concentrei em um borrão escuro que poderia muito bem ser Orrin.
"Renda-se", ele disse novamente. Calor descendo por meu pescoço onde o sangue escorria do corte superficial.
Eu consegui dar uma risada. "Você já disse que não vai me matar, Príncipe de Arrow. Não é de seu interesse. Então por que devo me render?" Eu cuspi novamente. "Se você algum dia chegar às minhas fronteiras com um exército então eu decidirei o que fazer."
Ele se virou com um olhar de desgosto.
"A Passagem Alta", eu disse. "Eu lhe dou passe livre para a Passagem Alta e você pode importunar o conde com suas filosofias. Você mereceu isso." Eu tentei me levantar e fracassei. Makin me ajudou a ficar de pé.
Nós os observamos partir. O irmão, Príncipe Egan, lançou-me um olhar maligno ao passar. Orrin nem virou a cabeça.
Nós os observamos até o último cavalo desaparecer na subida.
"Vamos precisar de um exército maior", eu disse.



Sir Makin é quase o belo cavaleiro das lendas, com madeixas escuras onduladas, alto, porte de espadachim, os olhos mais escuros, sua armadura
sempre polida e a lâmina afiada. Somente a espessura de seus lábios e a delicadeza de seu nariz o afastam do sonho de uma donzela. Sua boca é expressiva demais, sua aparência aquilina demais. Em outras questões Sir Makin também é "quase". Quase honrado, quase honesto. Sobre sua amizade,
porém, não há quase.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

7

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Nós havíamos cavalgado por duas horas desde que o Príncipe de Arrow partira para a Passagem Alta. Duas horas de um tipo bem diferente de silêncio daquele que havia nos feito companhia na primeira parte de nossa jornada. Eu tinha o tipo de dor de cabeça que faz a decapitação parecer uma boa opção. Qualquer idiota sabia que não precisaria de muito para que eu usasse o pescoço dele como prática.

"Ai."

Bem, nem todos os idiotas.

"Sim, Maical", eu disse. "Ai." Eu o observei com olhos semicerrados, os dentes apertados contra o latejo em minha cabeça. Às vezes não dava para

saber que o velho Maical tinha problemas. Nem sempre dava para saber qual peça faltava nele. Em vários momentos ele parecia pronto para tudo, robusto, confiável, até astuto. E aí ela aparecia, aquela fraqueza na boca, o franzir da testa, os olhos vazios.
Maical achara o caminho de volta para a irmandade semanas após nossa vitória nas Terras Altas. Sabe Deus como, mas imagino que até pombos consigam encontrar o caminho de casa somente com uma gota de cérebro dentro de seus crânios minúsculos. Nos meses desde que eu fiz do Assombrado meu lar, ele havia atuado como cavalariço ou assistente de cavalariço, ou coletor de esterco, algo assim. Deixei claro que queria que fosse alimentado e tivesse um lugar para dormir. Afinal, eu havia matado seu irmão. Gemt não gostava muito dele. Batia nele e o mandava fazer as tarefas de ambos na estrada. Mas garantia que Maical comesse e tivesse um lugar onde dormir. "Ele fez um estrago em você, Jorg", Maical disse. Ele parecia estúpido ao falar, com os lábios sempre molhados e reluzentes.
Eu vi Makin estremecer e Algazarra fazer uma aposta com Grumlow.
"Sim, Maical, ele certamente fez."
Eu não me sentira mal por apunhalar Gemt. Nem por um segundo. Mas me magoava pensar em Maical débil demais para me odiar, preso em quaisquer ganchos que agarravam sua mente, enxergando, porém preso. Eu pensei no relógio fazendo *tic tic tic* em meu pulso. Toda aquela inteligência, aquelas rodas dentro de rodas, girando, sendo giradas, os dentes mordendo, e mesmo assim um minúsculo grão de areia, um fio de cabelo no lugar errado e ele pararia, arruinado, inútil. Eu me perguntei o que havia acontecido com Maical lá atrás. O que foi que roubou o juízo dele?
"Diga a Makin para vir até aqui", eu disse.
Maical puxou as rédeas e o tordilho diminuiu. Eu vi a careta de Algazarra. Ele perdeu a aposta.
As montanhas pulsavam de vermelhas a verdes conforme a dor ia da frente para trás, de trás de meus olhos para a base de minha cabeça.
"Às vezes eu acho que você o mantém por perto só para o tordilho ficar feliz", disse Makin. Eu não o havia percebido chegar.
"Quero que você me ensine a usar a espada", eu disse.
"Você sabe como..."
"Achava que sabia", eu disse. "Mas agora vou levar a sério. O que acabou de acontecer..." – pus a mão na cabeça e meus dedos ficaram ensanguentados – "... não acontecerá novamente."

"Bem, pelo menos é um jeito nobre de passar o tempo", ele disse. "Vai ajudá-lo a manter sua vantagem também. Você ao menos balançou uma espada desde que tomamos O Assombrado?"
Eu dei de ombros e me arrependi. Meus dentes fizeram um rangido desagradável ao bater uns nos outros.
"Fiquei sabendo que você vem tentando fazer um bastardo em praticamente todas as serventes do castelo." Ele sorriu.
É bom ser rei.
Exceto quando você leva uma pancada na cabeça com uma espada.
"É uma tentativa de repovoamento", eu disse. "Qualidade e quantidade."
Coloquei a mão na cabeça. "Arrrrgh, caralho." Você pode se distanciar de algumas dores, mas uma dor de cabeça se dá exatamente na essência do que somos.
Makin continuou sorrindo. Acho que gostava um bocado de me ver derrubado.
Ele enfiou a mão no alforje, procurou, retirou um embrulho apertado de couro e jogou para mim. Eu quase deixei cair. A visão dupla faz isso.
"Cravo-da-índia", ele disse.
"Estava escondendo essa, Sir Makin." Você poderia trocar um bom cavalo e não obter cravo-da-índia suficiente para encher uma mão. É muito bom para dor. Se exagerar você morre, claro, mas é como flutuar para a morte, carregado por um rio quente. Quase abri o embrulho. "Pegue." Eu o joguei de volta. Ceder às coisas vira um hábito. Transformei a dor na minha cabeça em inimiga e comecei a lutar.
Nós prosseguimos. Ocupei a mente com venenos antigos, trouxe à tona o ódio que nutria pelo Conde de Renar. Eu não tinha muito onde exercê-lo desde que ele havia passado dessa para uma melhor. A pulsação atrás de meus olhos fez a dor de meu dente quebrado parecer uma picada.
Rike acelerou naquele seu cavalo monstruoso e manteve o passo. Ele me observou por um tempo. Makin pode ter gostado de me ver cair de bunda, mas Rike achou que todos os seus dias de festa vieram de uma vez só.
"Sabe por que o mantive por perto, Rike?", eu perguntei.
"Por quê?"
"Você é como a pior parte de mim." Aquele guincho de esmalte sobre esmalte novamente quando rangi os dentes. "Merda." O dente afrouxou. "Eu não tenho um anjo sobre um ombro e um diabo sobre o outro. Tenho diabo nos dois. Mas é você que é mau. Como eu mesmo seria se perdesse meu

charme e minha boa aparência." Percebi que estava balbuciando e tentei sorrir.
"Cai fora, Rike." Makin novamente. Eu não o vira voltar.
"Meu pai estava certo, Makin", eu disse. "Certo em pegar o dinheiro de seu irmão, para William e para mamãe. Ele teria perdido metade de seu exército somente para chegar ao Assombrado."
Makin franziu a testa. Ele pegou o cravo-da-índia outra vez. "Tome."
"Meu pai sabia do sacrifício. Corion também. O caminho no qual ele me pôs. O caminho certo. Eu só não gostava de ser pressionado."
Eu mal conseguia ver Makin, com os olhos entreabertos por causa da pulsação em minha cabeça.
Makin balançou a cabeça. "Alguns crimes exigem uma resposta. Corion tentou tirar isso de você. Eu atravessei três nações para encontrar os homens que mataram minha garota." Ele pareceu preocupado.
"Idiota." Lábios dormentes formaram a palavra.
"Jorg." Makin manteve sua voz baixa. "Você está chorando. Pegue o maldito cravo."
"Vamos precisar de um exército maior." Tudo escureceu e parecia que eu estava caindo. E então atingi o chão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

8

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Acordei em um quarto escurecido. Uma mosca zumbiu. Alguém em algum lugar estava vomitando. A luz se infiltrava por onde a taipa se rachou com o cipó. Mais luz através das venezianas, deformadas em sua moldura. Uma cabana rústica. O som de vômito parou, substituído por soluços abafados. Uma criança.

Eu me sentei. Um cobertor frio deslizou de mim. A palha me pinicou. A dor na minha cabeça havia sumido. Meu dente doía como um desgraçado, mas não era nada comparado ao que sentira na cabeça. Tateei em volta procurando por minha espada e não a encontrei.

Há algo mágico em uma dor de cabeça passada. É uma pena que a alegria diminua e você não agradeça a cada momento de sua vida por não estar tendo uma. Aquela não havia sido uma dor de cabeça comum, claro. O velho Jorgy tem o cérebro machucado. Eu já havia visto isso antes. Quando o irmão Gains caiu do cavalo uma vez e bateu a cabeça ele ficou mais louco do que Maical durante quase dois dias. "Eu caí do cavalo?" Ele deve ter perguntado aquilo umas mil vezes seguidas. Chorando uma hora. Rindo na outra. Nós somos coisas frágeis, nós homens.

Senti meus pés, ainda um pouco trêmulos. A porta se abriu e a luz veio ofuscante ao redor da silhueta escura de uma mulher. "Eu trouxe sopa", ela disse.

Eu a peguei e me sentei novamente. "O cheiro está ótimo." Estava mesmo. Meu estômago roncou.

"Seu amigo Makin, ele trouxe uns coelhos para cozinhar", ela disse. "A gente não comia carne desde que os porcos foram roubados."

Eu ergui a tigela até os lábios: não havia colher. Ela saiu quando eu comecei a tomar, queimando minha boca e não me importando muito. Por um bom tempo, apenas tomei a sopa e fiquei observando a poeira dançar nos dedos de luz que entravam pelas frestas. Mordi pedaços de coelho, mastiguei os nervos, engoli a gordura. É bom comer de cabeça vazia.

Afinal, fiquei de pé novamente, agora com mais firmeza. Eu me revistei. Minha velha adaga estava em minha cintura e havia uma protuberância na algibeira em meu cinto que vi serem os cravos de Makin. Mais uma olhada em volta à procura de minha espada e fui em direção à porta. O dia parecia um pouco claro demais e o vento estava frio e cortante com o fedor de coisa velha queimando. Eu me espreguicei e pisquei. Fora a cabana da qual eu havia saído, uma cocheira para animais, ao que parecia, o lugar estava em ruínas. Duas casas com paredes tombadas e vigas enegrecidas, algumas cercas quebradas, currais que pareciam ter sido pisoteados por cavalos pesados. Eu vi a mulher agachada no esqueleto da casa mais próxima, de costas para mim.

A súbita necessidade de mijar bateu forte. Eu me virei contra a cabana, um longo fluxo de ácido quente que parecia não terminar nunca. "Jesus! Será que eu dormi uma semana?"

Um sábio disse uma vez: "Não cague onde você come". Aristóteles, talvez. Na estrada, essa é uma regra a se respeitar. Encontre alívio onde quiser. Siga adiante todo dia e deixe a merda, todas as formas de merda, para trás. No

castelo eu tenho uma latrina. O que, na verdade, é um buraco na parede para cagar dentro. Em um castelo, você caga onde come e é preciso pensar um pouco mais em que tipo de merda vale a pena mexer. Isso é o que eu aprendi em três meses sendo rei.
Finalmente terminei. Com certeza foi o equivalente a uma semana.
Eu me sentia melhor. Que bom. Um bocejo rachou meu rosto. A terra era plana ao norte, as Matteracks em uma linha irregular ao sul. Nós havíamos saído das Terras Altas ou quase disso. Eu me alonguei e caminhei até a mulher. "Foram meus homens que fizeram isso?" Eu franzi a testa e olhei em volta outra vez. "Onde diabos estão eles, afinal?"
Ela se virou, com o rosto cansado, assustado em volta dos olhos. "Soldados de Ancrath fizeram isso." Uma criança estava pendurada em seus braços, mole e acinzentada, uma menina de seis anos, talvez sete.
"Ancrath?" Arqueei a sobrancelha. Meus olhos continuavam voltando-se para a garota. "Estamos perto da fronteira?"
"Oito quilômetros", ela disse. "Eles falaram que a gente não podia morar aqui. Que a terra era anexada. Eles começaram a pôr fogo nas casas."
Anexada. Aquilo me trouxe alguma lembrança do fundo da memória. Alguma disputa sobre a fronteira. Os mapas mais antigos diziam que a propriedade de Lorde Nossar chegava até aqui.
Eu sentia o cheiro de vômito agora, azedo no ar da manhã. A garota tinha uma mancha escura de sangue no cabelo.
"Eles mataram seu marido?", perguntei. Eu me surpreendi. Não me importo tanto com essas coisas para desperdiçar palavras com elas. Culpei a batida na cabeça.
"Eles mataram nosso menino", ela disse olhando além das vigas pretas, além de mim, além do céu. "Davie saiu gritando e engasgando, cego da fumaça. Chegou perto demais de um soldado. Só um golpe rápido, como se estivesse cortando uma trepadeira, e meu menino estava aberto. Suas tripas..." Ela piscou e olhou para a menina. "Ele continuou gritando. Ele não parava. Outro soldado acertou uma flecha em seu pescoço."
"E seu marido?" Eu não havia perguntado sobre o menino dela. Eu não queria aquela história. E a garota continuava me observando, sem interesse, sem esperança.
"Eu não sei." Sua voz era cinzenta. Do jeito que fica quando as emoções já se esgotaram. "Ele não foi até Davie, não o segurou, com medo demais que

os soldados fossem cortá-lo também." A garota tossiu, um som molhado.
"Agora ela chora o tempo todo ou fica olhando para o chão."
"E a criança?" Eu amaldiçoei minha cabeça vazia. Era só eu pensar em uma pergunta que ela saía sem querer de mim.
"Doente", ela disse. "Na barriga. Mas acho que está no sangue dela também. Acho que é do lixo." Ela puxou a garota para perto. "Está doendo, Janey?"
"Sim." Um sussurro seco.
"Um pouco ou muito?"
"Muito." Ainda um sussurro.
Por que fazer tais perguntas se não há nada a ser feito? "Ele fez certo", eu disse. "Seu marido. Às vezes é preciso se segurar. Esperar a hora certa." Os espinhos haviam me segurado no momento mais importante, tomaram a decisão por mim. "Ele fez certo." As palavras que soavam tão verdadeiras antes de eu cair do cavalo pareciam vazias perante a estrutura de sua casa. Uma pancada na cabeça pode arrancar uma dose de bom senso de um homem.
Eu vi cavaleiros do outro lado do prado. Dois homens, três cavalos. Makin e Rike se aproximaram, lentamente.
"Bom ver você de pé, Jorg." Makin me deu um sorriso. Rike apenas fez uma careta. "Estou vendo que a senhora Sara e o senhor Marten tomaram conta de você." E isso era Makin, sempre fazendo amigos, lembrando-se de nomes, alegrando as pessoas.
"Sara, não é?", eu disse. Suponho que aquele fosse meu povo, afinal. "E a pequena Janey." Por um momento eu vi outra Jane, esmagada e quebrada debaixo de pedras, com sua luz se apagando. Aquela Jane me disse uma vez que eu precisava de motivos melhores. Motivos melhores se eu quisesse vencer, mas talvez apenas motivos melhores para tudo.
"Leve-a para dentro", eu disse. "Está muito frio aqui." Uma vaga culpa pairou sobre mim por ter mijado em uma das únicas quatro paredes que ainda restavam.
Sara se levantou e carregou a garota para dentro.
"Então você me deixou aqui para morrer, Makin?", perguntei. "Onde estão os outros?"
"Acampados na estrada a um quilômetro daqui." Ele acenou para o norte. "De olho em outros grupos de invasores."
Estranho pensar no velho e alegre Nossar por trás das invasões. Dava um toque amargo em lembranças doces. Eu me lembrava dele em seu salão de

festas, com os mapas desbotados espalhados pela mesa, como se debruçava sobre eles. Nossar em sua cadeira de carvalho no forte de Elm, com a barba grisalha e olhos calorosos. Nós brincávamos naquele salão, Will e eu, quando éramos do mesmo tamanho da criança que Sara carregava. Nossar e suas linhas no mapa. Falando rispidamente em "seus rapazes" darem um sumiço nos rapazes de Renar.
"Você está pronto para cavalgar?", Makin perguntou.
"Logo." Eu fui até meu cavalo. "Brath", era assim que o chefe do estábulo o chamava e eu não achei necessário mudar o nome. Era suficientemente robusto, mas nem se comparava a Gerrod, que caiu sob aquela montanha que derrubei em Gelleth. Catei algumas coisas em meus alforjes e acompanhei Sara.
A luz havia me cegado quando saí. A escuridão me cegou quando entrei. A cocheira fedia. Eu não havia percebido quando acordei, mas agora sentia. Vômito velho, suor, bosta de animal. Eu acreditei no Príncipe de Arrow quando ele disse que protegeria o povo e lhe daria paz. Eu acreditei em Jane quando ela disse que eu precisava de motivos melhores para as coisas que eu fazia o destino me dar. Eu acreditei em tudo. Tudo, exceto que aquilo significava algo para mim.
Eu me agachei ao lado da mulher. Já precisei me esforçar para lembrar seu nome. "Então o novo rei não a protegeu?"
"Tem um rei?", ela perguntou sem interesse, querendo que eu saísse.
"Olá, Janey", eu disse, transferindo meu charme para a garota. "Você viu que eu trouxe o maior e mais feio homem do mundo para lhe mostrar?"
Um meio-sorriso se contorceu em seus lábios.
"O que você quer, pequena Janey?", perguntei. Eu não sabia o que estava fazendo, agachado no fedor com camponeses. Talvez apenas quisesse ganhar do Príncipe de Arrow em alguma coisa. Ou talvez fossem os ecos daquela pancada na cabeça. Talvez Maical houvesse levado uma pancada quando bebê e a pancada estivesse ecoando durante sua vida inteira.
"Eu quero Davie." Ela se manteve anormalmente imóvel. Só sua boca se mexia. E seus olhos.
"O que você quer ser? Fazer?" Eu pensei em minha infância. Eu queria ser a morte sobre asas. Eu queria abrir o mundo à força até ele me dar o que era meu.
"Uma princesa", Janey disse. Ela fez uma pausa. "Ou uma sereia."

"Eu conto histórias a ela, senhor", a mãe disse, até agora meio temerosa, arruinada e à beira do desespero. Eu me perguntei o que ela pensava que eu tomaria dela. "Minha avó lia", ela disse. "E minha família guarda as histórias." Ela acariciou o cabelo de Janey. "Eu as conto quando ela tem dor. Para distraí-la. Encher a cabeça dela de bobagem. Ela nem sabe direito o que é sereia."
Eu mordi minha língua. Três pedidos impossíveis em tantos momentos. Eu fora atrás deles pensando em ser o rei. Pensando em minha coroa e meu trono, meus exércitos, ouro e muralhas.
Ela quer seu irmão, ela quer ser uma princesa, ela quer ser uma sereia. E o lixo irá levá-la, gritando, dos braços de sua mãe para uma abertura fria no chão. E todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não podem fazer nada a respeito disso.
Então eu a toquei, Janey, apenas um leve toque na testa. Já havia morte suficiente dentro dela e não precisava que eu acrescentasse. Mas eu a toquei, com meus dedos, apenas para senti-la pulsando sob a pele, corroendo a medula de seus ossos. A doença dela chamou a necromancia em mim, estabelecendo um elo. Pude sentir a batida de seu coração palpitar sob a do meu.

"Pronto para cavalgar, Jorg?"
"Sim." Eu me lancei sobre a sela de Brath.
Saímos a passos lentos.
"Sobrou um pouco daquela especiaria, irmão Jorg?", perguntou Makin.
"Devo ter engolido tudo por conta da dor", eu disse, apalpando meu bolso.
Makin revirou os olhos. Ele olhou para trás, na direção da chácara arruinada. "Pelo sangue de Jesus. Havia o bastante para..."
O som distante de pratos o interrompeu. Pratos batendo, engrenagens zumbindo, passos, e a risada de uma criança.
"Deixou alguma coisa para trás, Jorg?", ele perguntou.
"Kent, o Rubro, tinha razão", eu disse. "Estava amaldiçoada. Maligna. Melhor que a dor caia sobre os camponeses, né?"
Nas planícies, o vento pode fazer seus olhos arderem.
Rike puxou suas rédeas e começou a voltar.
"Não volte", eu disse.
E ele não voltou.

O sono custou a vir naquela noite. Meses suaves no Assombrado talvez tenham feito que eu desejasse o conforto de uma cama. O sono foi difícil e os sonhos mais ainda, arrastando-me para baixo.

Eu estava em um quarto escuro, um quarto escuro com o fedor de vômito e animais, e não via nada a não ser o brilho dos olhos dela, os olhos da criança. Só ouvia o *tic tic tic* do relógio em meu pulso e o *arf arf arf* de sua respiração quente, seca e rápida.

Fiquei deitado por muito tempo com o tique e a respiração e o brilho de seus olhos.

Nós nos deitamos e um rio quente nos carregou, com o aroma forte de cravos.

Tique, respiração, tique, respiração, tique, respiração.

E então eu acordei, de repente e com um suspiro.

"Quê?", alguém murmurou. Talvez Kent em seus cobertores.

"Nada", eu disse. O sonho ainda me confundia. "Achei que meu relógio tivesse parado."

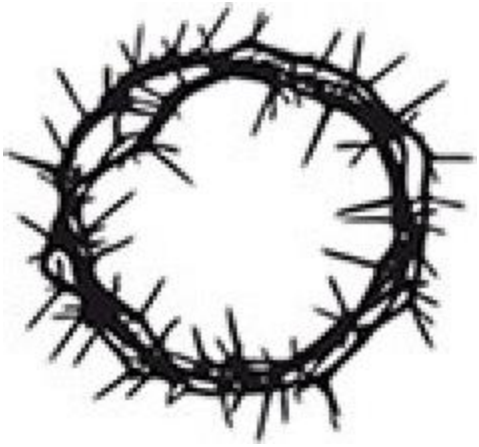
Mas não era o relógio. No crepúsculo cinzento, Makin se levantou ao meu lado, abrindo a boca para bocejar, cuspindo e esfregando suas costas.

"Jesus, como estou dolorido." Ele lançou um olhar turvo na minha direção.

"Nada que uma pitada de cravo-da-índia não resolvesse."

"A criança morreu ontem à noite", eu disse a ele. "Suavemente, em vez de duramente."

Makin apertou aqueles grossos lábios dele e não falou mais a respeito. Talvez estivesse pensando em sua própria criança perdida anos atrás. Ele nem perguntou como eu sabia.



Os anos parecem nunca pesar sobre o irmão Maical, como se sua inabilidade em contar sua passagem o protegesse dela. Ele observa o mundo por olhos cinzentos e calmos, de peito largo e braços grossos. O irmão Grumlow corta o cabelo de Maical rente, com um rabo atrás, e faz a sua barba, deixando-o com
as bochechas limpas e acentuadas. E, se ninguém dissesse que seus pensamentos chacoalham dentro de uma cabeça oca, você poderia pensar que o irmão Maical era um patife tão capaz quanto os que andam entre os irmãos. Em batalha, contudo, suas mãos se tornam espertas e você o acharia são, até o estrondo diminuir, com a queda mortal, e Maical perambular pelos campos, chorando.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

9

— QUATRO ANOS ATRÁS —

As Terras Altas têm planícies, embora poucas, e as que existem são pedregosas e ficam ainda mais quando cultivadas. Em meus três meses como rei eu me ative às montanhas. Somente agora, quando a estrada me levara ao norte até Heimrift, eu descobria as margens de meu reino, onde ele se avizinhava a Ancrath e aos Pântanos de Ken.

Nós nos afastamos da chácara arruinada, dos camponeses, Marten e Sara, cujos nomes eu havia guardado dessa vez, e de sua filha morta, Janey, cuja respiração parou uma noite às vésperas da primavera, antes de cavalgarmos

por trinta quilômetros trilha abaixo. Ficamos nas terras de fronteira, onde irmãos de estrada costumam viajar e as oportunidades abundam. Quanto mais para dentro de um reino uma trupe de bandidos consegue se aventurar, sem resistência significativa, mais evidente fica a fraqueza desse reino. Thurtan sempre foi fraco nas beiradas, e os Pântanos de Ken mais fracos ainda. Ancrath, nós diríamos, era forte. Forte o bastante para quebrar seus dentes.

"Por que paramos?", Makin quis saber.
A estrada bifurcou-se. Um entroncamento sem identificação, uma estrada de terra riscada através de colinas sombrias onde Ancrath se encontrava com os Pântanos de Ken e com as Terras Altas. O vento agitou a grama alta. Qualquer lugar em que três nações se encontrem se desenvolverá bem, dada a oportunidade. O sangue enriquece o solo.
"Há duas opções. Escolha a que não for Ancrath", ele disse.
Eu fechei os olhos. "Você está ouvindo, Makin?"
"O quê?"
"Ouça", eu disse.
"O quê?" Ele levantou a cabeça. "Pássaros?"
"Mais ao fundo."
"Mosquitos?", Makin perguntou, agora com a testa franzida.
"Gog está ouvindo", eu disse. "Não está, rapaz?"
Eu o senti se mexer atrás de mim. "Um sino?"
"O sino de Jessop, até onde a maré do pântano leva os mortos. O som é tão grave que simplesmente atravessa os brejos, quilômetro após quilômetro", eu disse.
Aquele sino havia me chamado de volta para casa uma vez. Aquele sino havia me contado que eu tinha um novo irmão escondendo-se na barriga de uma estranha, sendo montado peça após peça após peça debaixo de vestidos feitos para uma rainha. Debaixo de seda e renda. E agora ele me remetia às palavras do Príncipe de Arrow. Palavras que sua espada quase arrancou de minha cabeça. Que meu irmãozinho havia saído para brincar, e os primeiros brinquedos de berço que meu pai lhe deu foram os direitos à minha herança.
"Vamos por este caminho", eu disse e me virei para o caminho mais difícil.
"O Heimrift é para *lá",* Makin disse. Ele apontou para deixar claro. "Não estou discutindo. Só não quero que ninguém diga que eu não avisei, sabe, quando estivermos todos no chão sangrando até a morte."

Ele *estava* discutindo, a bem da verdade, mas ele tinha razão e eu não o impedi.
Cavalgamos por cerca de uma hora, deixando o azedume dos brejos para trás. A primavera se apressa por Ancrath antes de começar a enfrentar os aclives até as Terras Altas. Nós chegamos às florestas, com folhas nascendo em cada galho, como se um golpe do martelo verde da primavera as fizesse explodir de seus brotos. Eu tirei os irmãos da estrada e nós percorremos trilhas pela mata. Se você não quer encontrar ninguém, pegue o caminho da floresta, especialmente em Ancrath, já que eu roubei a Guarda da Floresta de meu pai.
O calor da primavera, o verde luminoso de novas folhas, a música de tordos e cotovias e a riqueza da floresta inspiravam e lentamente expiravam... Ancrath possui encantos não conhecidos nas Terras Altas de Renar, mas eu havia começado a apreciar a selvageria de meu novo reino, a rocha bruta, os picos inalcançáveis e até o incessante vento vasculhando de leste a oeste.
Grumlow se inclinou e retirou algo do cabelo do jovem Sim. "Carrapato." Ele o estourou entre as unhas. Até o Éden tinha problemas com cobras.
A carroça começou a se prender em arbustos e troncos caídos conforme as trilhas se estreitavam. Os xingamentos de Rike estavam mais frequentes e mais pesados por conta dos galhos que lhe batiam no rosto repetidas vezes.
"Não devia cavalgar tão alto, Pequeno Rikey", eu lhe disse.
Makin apareceu, e atrás dele estavam Kent e Algazarra rindo de alguma piada que ele havia lhes contado. "Vamos começar a caminhar em breve, então?" Ele se abaixou sob folhagens baixas.
Eu parei em um córrego atravessado por uma pequena ponte de pedra que já devia ser velha quando Cristo aprendeu a andar. Eu me lembrei da ponte, possivelmente o mais longe que havia me aventurado antes de deixar o Castelo Alto para sempre. "Deixaremos os cavalos aqui", eu disse. "Você pode vigiá-los, Grumlow, por ser o homem com a visão aguçada hoje."
E não era só aquilo que era afiado em Grumlow. Aquele bigode podia fazê-lo parecer idiota, mas ele sabia lidar com punhais e tinha um grande número deles escondido consigo.
Pensei em deixar Gog e Gorgoth. Principalmente Gorgoth, porque não se podia levá-lo despercebido. Quando eu o levei até O Assombrado, após sentar meu traseiro no trono por um ou dois dias, ele causou um grande alvoroço. Mesmo manco, das flechadas que havia levado por mim segurando aquele portão aberto, ele parecia um monstro a ser enfrentado. Mandei

Coddin levá-lo através do pátio oeste em dia de feira. Parecia que alguém tinha derrubado um ninho de vespas de tanto tumulto. Uma velha gritou, apertou o peito e caiu para trás. Aquilo me fez rir. E quando me contaram que ela nunca mais se levantou... bem, aquilo também pareceu engraçado na época. Talvez eu esteja ficando velho demais, porque isso não me deixa mais tão alegre. Mas, verdade seja dita, ela caiu de um jeito engraçado.
No fim, acabei levando os dois. Gorgoth é do tipo que você precisa em uma situação difícil e Gog – bem, ele torna a tarefa de acender a fogueira do acampamento menos árdua.
Fazer o caminho pela floresta sem que as pessoas o vejam não é tão difícil, se você conhecer o caminho e não considerar os carvoeiros como pessoas. Eles são uma raça solitária e não costumam fofocar. Então Rike não precisou matá-los.
E assim nós nos locomovemos até Ancrath com bastante facilidade, pelas trilhas dos cervos. Até reinos fortes têm suas fraquezas.
"Não devia ser tão fácil assim", disse Makin. "Não era, na minha época. Duvido que Coddin e seus camaradas deixariam bandidos vagarem tão despreocupadamente." Ele balançou a cabeça, embora parecesse uma reclamação estranha.
"O exército de seu pai enfraqueceu?", Gorgoth perguntou destruindo a vegetação conforme andava.
Eu dei de ombros. "Metade de suas forças está no pântano ou aquartelada nas cidades pantaneiras. Os mortos continuam a aparecer na lama ultimamente. Há outros tendo problemas parecidos. Um comerciante me contou na corte que as Ilhas Submersas se submeteram ao Rei Morto. Todas elas. Entregues aos homens-cadáveres, espíritos do pântano, necromantes." Makin fez o sinal da cruz em seu peito e apertou o passo.
Nós viajamos leves, encontrando bom abrigo na floresta e boa comida. O jovem Sim levava jeito para achar coelhos e eu conseguia derrubar um esquilo aqui ou um pombo ali com uma boa pedra. Os bichos ficam fáceis na primavera, cheios do novo calor, ocupados demais com as novas possibilidades, sem prestar muita atenção a pedras voando das sombras em sua direção.
Ancrath lança um feitiço sobre você e mais ainda na floresta, onde o dia escorre como mel e o sol se põe dourado em meio a poças de sombra. Nós andamos em fila indiana ao som dos tordos e dos pardais e com o aroma de espinheiro-alvar e cebola selvagem. O dia me fez sonhar conforme andava e

meu olfato me levou de volta através dos anos à lembrança de William. Houve uma noite em que meu irmão estava doente, minha mãe chorava e os cavaleiros não viravam os rostos sérios para mim. Eu me lembrei das orações que sussurrei na capela escura, quando todos os homens santos estavam na cama, e das promessas que fiz. Nada de ameaças naquela época. Eu mal negociava com o Todo-Poderoso naqueles tempos. E quando voltei para nossos aposentos eu me deitei ao lado de William e segurei sua cabeça. O frei havia lhe dado poções amargas e feito um corte em sua perna para soltar o sangue ruim. Minha mãe havia passado uma pomada de mel e cebola no peito dele. Pelo menos aquilo pareceu facilitar um pouco sua respiração. Nós ficamos deitados com os sons da noite, o chiado seco de William, nosso cachorro Justiça roncando perto da porta, o estalo das agulhas da criada no corredor e o barulho dos morcegos, quase altos demais para se ouvir, conforme voavam ao redor do Castelo Alto na escuridão sem luar.
"Dou uma moeda para saber o que está pensando", Makin disse.
Levantei a cabeça assustado, quase tropeçando. "Meus pensamentos valem menos que isso hoje." Eu havia sido uma criança tola.
Às vezes, eu gostaria de cortar velhas memórias e deixar que o vento as levasse. Se uma faca afiada pudesse dar cabo da fraqueza daqueles tempos eu cortaria até que somente as duras lições permanecessem.

Continuamos nosso caminho sem problemas até a floresta acabar. A terra ao redor do Castelo Alto é livre de árvores e dedicada ao cultivo para alimentar o rei e para que ele possa ver seus inimigos se aproximarem.
Eu me recostei no tronco de uma enorme faia, uma das últimas grandes árvores antes de a mata ceder lugar a um campo de quase um hectare de terra arada com pontos verdes que podiam ser qualquer coisa, de cenouras a couves, até onde eu sabia. Mais campos à esquerda e à direita, e outros à frente. Um espantalho solitário nos observava.
"Vou continuar sozinho", eu disse. Comecei a desafivelar minha couraça.
"Para onde?", Makin perguntou. "Você não pode entrar lá, Jorg. Ninguém pode. E a troco de quê? O que você vai ganhar com isso?"
"Um homem tem o direito de visitar sua família de vez em quando, irmão Makin", eu disse.
Retirei as braceleiras, minha couraça e finalmente o gorjal. Gosto de ter ferro em volta do pescoço, já o protegeu de ser cortado uma ou duas vezes, mas a armadura não me salvaria aonde eu estava indo.

Retirei também a bainha de meu cinto. "Kent, tome conta disso para mim."
Os olhos dele se arregalaram, quase como se não soubesse que é assim que um líder segura seus soldados – com confiança.
"Uma espada como esta... Sir Makin..."
"Eu a dei a você." Eu o interrompi.
"Você precisa de uma espada, Jorg", Maical disse, os olhos confusos. Atrás dele, o jovem Sim me observava sem comentar, desembrulhando sua harpa. Ele pelo menos sabia que era melhor sossegar e esperar.
Eu escondi minha velha faca na mão, um truque que aprendi com Grumlow.
"Isto serve para o que eu tenho em mente, irmão Maical."
"Deem-me dois dias", eu lhes disse. "Se eu não voltar até lá, mandem Rike tomar o castelo à força."

E, com uma reverência, eu os deixei observando as cenouras crescerem. Ou as couves.

Percorri o caminho às margens da floresta em direção à estrada de Roma. Eles dizem que você pode pôr o pé nessa estrada e só parar quando chegar à porta do papa. Eu pretendia andar na direção contrária.
Há um cemitério perto da estrada de Roma, a maior parte devorada pela floresta, quase esquecido. Eu caçava nele quando criança, os mausoléus destruídos cobertos de hera, sufocados por musgo, rachados pelas árvores. O cemitério se estende escondido, hectare após hectare – uma necrópole perdida. Eles o chamam de Perechaise em livros empoeirados. As legendas não significam nada para mim. *Adorado, 1845. Saudoso, 1710. Meu coração jaz aqui, 1908.* Quase ilegíveis. Faz tanto tempo que até o calendário deles perde o sentido.
As pedras são assentadas com uma resina transparente, mais resistente que o vidro, que as protege com uma crosta da espessura de um fio de cabelo. Levou anos até que eu percebesse. A deterioração que elas sofreram aconteceu em um tempo muito distante. Agora nem uma porrada de martelo pode estragá-las. Os Construtores davam muito valor a essas placas e as protegiam dos séculos.

Eu prossegui por lápides tombadas perto da estrada onde uma parte permanece desobstruída. Boa parte foi roubada. Há uma cabana de camponeses, um pouco a oeste, feita inteiramente com lápides, placas envelhecidas de granito com legendas apagadas que lembravam os mortos para homens do campo analfabetos. Uma casa construída com histórias, para abrigar um homem que não sabe ler.

Eu a encontrei à beira da estrada, com o cabelo rosa de flores caídas. O ciclo das estações desgastou a definição de seus traços. Mas a beleza permanece, a saliência de suas bochechas, a graça dos braços longos, o leve inchaço do peito de uma criança, as sardas de líquen. Ela não precisa de runas profundamente entalhadas para explicitar sua vida. Aqui eu enterrei minha criança. Uma mensagem que não requer leitura. Ela morreu no inverno de um ano perdido, a filha de um rico homem que daria toda a sua riqueza, e mais, para comprá-la até a primavera.

A primeira vez que a vi era outono, há muito tempo, quando as folhas caíam tão fortes que esconderam o cão de pedra que ela persegue. Enquanto a observava, outros viajantes passavam apressados na estrada, empurrando-se contra o vento de garras afiadas. Alguns paravam para ver o que ela perseguia, abraçando a si mesmos, fechando os olhos contra a chuva. Eles seguiam em frente. Eu ficava. Talvez se perguntassem o que *eles* perseguiam.

Ela está atrás de seu cachorro. Um pequeno terrier, lembrado em pedra, perdido naquele outono em uma corrente de ocre molhado. Uma perseguição de séculos que viu a morte de todos que se importavam, o fim de cada alma que sabia o nome daquele terrier. Uma perseguição que viu parar cada mão que tocara esta criança, a perda de cada vida que compartilhou de seu mundo.

Voltei novamente com a neve do primeiro dia de inverno para ver minha estátua da menina. Meu primeiro amor, talvez. Observei a neve cair, minúsculos cristais, quase tão perfeitos que poderiam ressoar contra o chão. A luz caiu cedo e uma brutalidade infectou o vento, rodopiando a neve em riachos leitosos pela estrada de Roma, com o gelo chiando sobre a pedra. Uma geada chegou e desenhou rendilhados prateados em seu vestido, e somente eu vi.

As estações mudam e cá estou outra vez, e ela ainda aguarda a primavera. Eles enterraram grandes senhores e grandes damas aqui. Poetas e bardos. Agora é um local de cadáveres de serviçais. É suficientemente perto do Castelo Alto para que damas sentimentais visitem suas amas de leite e longe

o bastante para que seja conveniente. Eles enterram velhos criados, às vezes até cães fiéis, em volta de minha menina, que aguarda a primavera. Senhoras da corte, de coração mole, vêm com seus brinquedos perfumados que pararam de latir.
E uma vez um menino de seis anos, molhado e quase congelado, arrastando algo que pode ter sido um lobo.
"Olá, Jorg."

Eu me virei e por entre as velhas tumbas passou Katherine, com o sol fazendo mágica em seus cabelos.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

10

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Olá, Jorg. *Aquilo foi tudo que ela me disse? Katherine, ali na Floresta Rennat, entre as lápides.* Olá, Jorg?
Estou tentando acordar de alguma coisa. Talvez eu sempre estivesse tentando. Estou me afogando em confusão, em algum lugar alto acima de mim a luz dança em uma superfície e acima disso o ar está esperando. Esperando que eu tome fôlego.

Eu mal conheço Katherine, mas eu a desejo, com uma ferocidade irracional. Como uma doença, como a necessidade de água. Como Páris por Helena, eu estou abatido por uma vontade irresistível.

Analiso de memória a luz em seu rosto, sob as lâmpadas do Castelo Alto, sob as árvores do cemitério. Invejo aqueles fragmentos da luz do sol, deslizando sobre seus cabelos, movendo-se sem oposição pela extensão de seu corpo, pelas maçãs de seu rosto. Lembro de tudo. Eu me recordo do ritmo de sua respiração. No calor da cozinha de Drane eu me lembro da única gota de suor escorrendo lentamente, descendo por seu pescoço, ao longo do tendão, sobre a garganta. Já matei homens e os esqueci. Esquecime do ato de tirar uma vida. Mas aquela gota de suor é um diamante aos olhos de minha mente.

"Olá, Jorg." E minhas palavras inteligentes fogem de mim. Ela me faz sentir todos os meus catorze verões, mais menino que homem.

Eu a desejo além da razão. Preciso possuir, consumir, adorar, devorar. O que eu criei em minha cabeça não pode existir na realidade. Ela é apenas uma pessoa, apenas uma garota, mas ela está à porta de um velho mundo, e embora eu não possa voltar... ela pode atravessá-la e talvez trazer consigo um perfume daquilo, um gosto daquele calor perdido.

Esses sentimentos são ardentes demais para durar. Eles podem apenas queimar, transformando-se em cinza e carvão.

Eu a vejo em sonhos. Eu a vejo contra as montanhas. Alta, fria como a neve, pura como a neve, inalcançável. Eu escalo e, no cume vazio, digo seu nome ao vento, mas o vento leva minhas palavras. Ele me leva também. Caindo pelo vazio.

"Olá, Jorg."

Minha carne formiga. Esfrego minha bochecha e meus dedos saem ensanguentados, cortados. Cada parte de mim arde com picadas de alfinetes e agulhas. Alfinetes reais, agulhas reais. Eu grito e, como os botões no galho, cada picada estoura, centenas de espinhos correndo em minha pele, crescendo a partir do osso. Há animais empalados, espetados como exposições sobre a mesa de um guarda-caça. Rato, arminho, furão, raposa, cachorro... bebê. Sem vida e observando.

Grito novamente e giro na escuridão. Uma noite com apenas um sussurro para lhe dar forma. Um canto sussurrado, ficando mais alto.

Topologia, tautologia, torção, tortura, tanto, tenso, teso, tirado, tirando... tirando... tirar... o que ele está tentando tirar?

Alguém apalpando meu braço, os dedos estúpidos demais para a lingueta do relógio. Um movimento rápido e eu peguei o pulso dele, impossivelmente

grosso, forte. Enterrei o dedão no ponto de pressão necessário. Lundist me mostrara em um livro.
"Arrgh!" A voz de Rike. "Pax!"
Eu me sentei, alerta, quebrando a superfície, tomando aquele fôlego tão esperado e espantando a escuridão de minha mente. Topologia, tautologia, torção... teias sem sentido de palavras caindo de mim.
"Rike!" Lá estava ele, agachado sobre mim, tapando o sol muito forte.
Ele deu uma risada e se sentou. "Pax."
Pax. Gíria da estrada. *Paz, está na minha natureza.* Uma desculpa para qualquer crime em que você é pego no meio. Às vezes, acho que devia usar a palavra na testa. "Em que parte do inferno nós estamos?", perguntei. Uma sensação vazia passou por mim, saindo de minha barriga e atrás dos olhos.
"Inferno é a palavra." Kent, o Rubro, se aproximou.
Levantei a mão. Areia por toda a parte. Areia em todos os lugares, de fato.
"Um deserto?"
Duas unhas da minha mão direita haviam sido arrancadas. Desapareceram. Começou a doer. Minhas outras unhas estavam rachadas e quebradas. Eu tinha hematomas no corpo todo.
Gog saiu de trás de um arbusto, devagar, como se pensasse que eu fosse morder.
"Eu..." Pressionei minha mão no lado da cabeça, com a areia áspera contra a pele. "Eu estava com Katherine..."
"E depois?" A voz de Makin, do fundo.
"Eu..." Nada. E depois nada. Como se o pequeno Jorgy estivesse muito pleno com o calor da primavera e suas possibilidades, e então uma pedra surgisse das sombras e o derrubasse do galho.
Eu me lembro dos espinhos. A coceira e as pontadas deles permaneceram comigo. Ergui os braços. Sem feridas, mas a pele estava vermelha e sarnenta. Na verdade, Kent também estava vermelho, como seu nome sugere.
Eu me virei para encontrar Makin, também com sarnas, guiando seu cavalo. A fera parecia pior do que ele, com fios de muco em torno da boca, com bolhas na língua.
"Este não é um bom lugar para estarmos, acho." Fui pegar minha faca e ela havia sumido. "O que estamos fazendo aqui?"
"Nós viemos ver um homem chamado Luntar", disse Makin. "Um alquimista de Utter Oriental. Ele mora aqui."
"E aqui é...?"

"Thar."
Eu conhecia o nome. No mapa, aquela palavra ficava à beira das pradarias de Thurtan. Havia uma marca de queimado no mapa obscurecendo o que o nome indicava. Mas talvez a queimadura não fosse um acidente.
"Terra envenenada", Makin disse. "Alguns dizem que é prometida."
Um Sol dos Construtores havia queimado aqui, muitos séculos atrás. A promessa era que um dia a terra seria segura novamente. Enfiei os dedos de volta na areia. Não os que estavam sem unhas. Eu podia tocar a morte ali. Podia esfregá-la entre a ponta do dedo e o dedão. Quente. Morte e fogo juntos.
"Ele mora aqui?", perguntei. "Ele não queima?"
Makin deu de ombros. "Sim", respondeu. "Ele queima." É preciso muito para Makin estremecer.
A sensação de vazio me corroía, engolindo as perguntas que eu mais queria fazer.
"E o que nós queríamos com esse mago do leste?", perguntei,
Makin mostrou o que ele estava segurando todo o tempo. "Isto."
Uma caixa. Uma caixa de cobre, com um espinho estampado, sem trinco ou trava. Uma caixa de cobre. Não era grande o suficiente para caber uma cabeça. O punho de uma criança caberia.
"O que tem na caixa?" Eu não queria saber.
Makin balançou a cabeça. "Havia uma loucura em você, Jorg. Quando você voltou."
"O que tem nela?"
"Luntar pôs a loucura aqui." Makin enfiou a caixa de volta em seu alforje. "Ela estava matando você."
"Ele pôs minha memória nessa caixa?", perguntei incrédulo. "Você o deixou tirar minha memória!"
"Você o implorou para fazê-lo, Jorg." Makin não olhava para mim. Rike, por outro lado, não conseguia parar de olhar.
"Dê-me essa caixa." Eu teria pegado, mas minha mão não quis.
"Ele me disse para não dar," Makin respondeu infeliz. "Ele me disse para fazê-lo esperar durante um dia. Se você ainda a quisesse após isso, poderia pegá-la." Makin mordeu o lábio. Ele o mastigou bastante. "Confie em mim, Jorg, você não quer voltar ao jeito que estava."
Dei de ombros. "Amanhã, então." Porque a confiança é a forma de um líder segurar seus homens. E porque minhas mãos não queriam aquela caixa. Elas

preferiam queimar. "Agora, onde está a porra da minha faca?"
Makin apenas olhava para o horizonte. "Melhor esquecer."

Nós prosseguimos, conduzindo os cavalos, todos reunidos. Fomos para o leste e, quando o vento soprava, a areia ardia na pele como urtiga. Apenas Gog e Gorgoth pareciam não se afetar.
Gog ficou afastado, como se não quisesse estar perto de mim. "É tudo assim?", perguntei, só para fazê-lo olhar para mim. "Até onde Luntar vive?"
Ele balançou a cabeça. "A areia vira vidro ao redor de sua cabana. Vidro negro. Corta os pés."
Nós andamos mais. Rike marchava ao meu lado, lançando um olhar vez ou outra. Algo havia mudado na maneira como ele olhava para mim. Como se fôssemos iguais agora.
Mantive a cabeça baixa e tentei me lembrar. Cutuquei o buraco em minha mente. "Olá, Jorg", ela dissera.
Memória é tudo que nós somos. Momentos e sentimentos, capturados em âmbar, amarrados em filamentos de razão. Tire a memória de um homem e tomará tudo dele. Desbaste uma lembrança de cada vez e você o destruirá tão certamente como se martelasse prego após prego em seu crânio. Eu reaveria o que era meu. Eu abriria a caixa.
"Olá, Jorg", ela dissera. Nós estávamos perto da estátua da garota e seu cachorro, em sua sepultura, onde mulheres sentimentais e crianças tolas enterram seus bichos.
Nada.
Aprendi há muito tempo que, se não conseguir o que deseja entrando pela porta da frente, você deve encontrar um caminho por trás. Conheço uma entrada traseira para aquele cemitério. Não por um caminho que eu quisesse trilhar, mas eu o faria assim mesmo.
Quando eu era muito jovem, seis anos talvez, um duque visitou meu pai, um homem do norte, com cabelos loiros, bem claros, e uma barba até o peito. Alaric de Maladon. O duque levou um presente para minha mãe, uma maravilha do velho mundo. Algo brilhante e se movendo, rodopiando dentro de um vidro, a princípio perdido na enormidade da mão do duque e em seguida nas dobras do vestido de mamãe.
Eu queria aquela coisa, vista pela metade e não compreendida. Mas tais presentes não eram para minúsculos príncipes. Meu pai o tomou e o pôs na tesouraria para pegar poeira. Aprendi tudo isso ouvindo silenciosamente.

O tesouro no Castelo Alto fica atrás de uma porta de ferro com três trancas. Não uma porta feita pelos Construtores, e sim trabalho dos turcomanos, de ferro preto com uma centena de tachas. Quando se tem seis anos, a maioria das portas trancadas representa um problema. Aquela representava vários. De todas as lembranças, a primeira que tenho é a de me inclinar de um parapeito alto na direção da ventania, com a chuva chicoteando enquanto eu ria. A segunda é de mãos me puxando para trás.

Se você for determinado, se você puser algo na sua cabeça, nunca haverá mãos suficientes para puxá-lo de volta. Quando fiz seis anos eu já conhecia o lado de fora do Castelo Alto tão bem quanto conhecia o lado de dentro. Os Construtores deixaram pouco para um escalador usar, mas séculos de ajustes por parte dos Ancrath, ou da Casa de Or antes de nós, haviam criado vários pontos de apoio para os pés, pelo menos suficientemente profundos para uma criança.

Há uma única janela alta no tesouro real, colocada em uma parede plana trinta metros acima do solo, estreita demais para um homem e bloqueada por uma floresta de barras tão próximas que uma cobra teria que se contorcer para passar. Do lado oposto do castelo, perto da sala do trono, há um buraco que leva à cabeça da gárgula do lado de fora da parede. Se a porta do tesouro se abrir, a corrente de ar pelo castelo faz a gárgula falar. Em um dia sem vento ela geme e quando o vento está forte ela uiva. Ela também fala se o vento estiver forte no leste e uma janela específica dos depósitos da cozinha ficar destrancada. Quando isso acontece é uma confusão e alguém é açoitado com corda e arame. Sem a janela alta do tesouro a gárgula não falaria e o rei nunca saberia quando a porta que guardava seus tesouros estava aberta.

Saí da minha cama certa noite sem lua. William continuou dormindo em sua pequena cama. Ninguém me viu sair, só o Justiça, nosso cachorro. Ele soltou um lamento de reprovação e em seguida tentou ir atrás de mim. Eu o xinguei para que ficasse em silêncio e fechei a porta em cima dele.

Aquelas barras parecem fortes, mas como tantas coisas de que dependemos na vida elas estão completamente podres por dentro. A ferrugem as corroeu. Até as que ainda têm aço em seu interior se curvam com determinada força. Uma noite, quando minha ama estava dormindo e três guardas de plantão discutiam a propriedade de uma moeda de prata encontrada nos degraus durante a mudança de turno, desci por uma corda com nós e pus os pés em meio às riquezas de meu pai. Limpei a ferrugem de minha túnica, sacudi

grandes flocos de meu cabelo e coloquei minha lanterna, agora descoberta, no chão.
A pilhagem de Ancrath, roubada de quase todas as esquinas do Império, ficava em prateleiras de pedra, derramada de cofres, jogada em montes descuidados. Armaduras, espadas, moedas de ouro em tonéis de madeira, mecanismos que pareciam partes de insetos, brilhando à luz da lanterna e contaminando o ar com cheiros estranhos, quase cítricos, quase metálicos. Encontrei meu prêmio ao lado de um capacete cheio de engrenagens e cinzas.
O presente do duque não decepcionou. Por baixo de uma cúpula de vidro que não era vidro, vedada por um disco de marfim que não era marfim, estava uma minúscula cena, uma igreja em miniatura, com minúsculas casas em volta, e uma pessoa aqui, outra ali. E quando eu a segurava contra a luz e virava seu peso surpreendente para lá e para cá, para ver os detalhes, surgia uma nevasca, rodopiando do chão para cima até que o turbilhão de flocos obliterasse a visão, deixando apenas uma tempestade. Pus o globo de neve de volta, preocupado por um instante que, de alguma maneira, eu o tivesse quebrado. E – o maior dos milagres – a neve começou a se assentar.
Não há mágica naquilo agora. Eu sei que o grupo certo de artesãos podia fazer algo semelhante em poucas semanas. Eles usariam vidro e marfim, e eu não sei o que a neve seria, mas em termos de maravilhas antigas não há muito encantamento em tais coisas se você já passou dos seis anos. Mas naquela época era uma mágica do melhor tipo. Mágica roubada.
Eu agitei o globo de neve outra vez e de novo a abrangente nevasca apareceu – caos, seguido de calmaria, de neve caindo, e um retorno ao mundo de antes. Eu o balancei novamente. Parecia errado. Toda aquela tempestade e fúria significando nada. O mundo inteiro sublevado – e para quê? O mesmo homem se arrastava para a mesma igreja, a mesma mulher esperava diante da mesma porta da casinha. Eu segurava um mundo em minha mão e, não importava o modo com que eu o agitasse, a maneira com que os pedaços caíssem, em quaisquer novos padrões nada mudava. O homem nunca chegaria à igreja.
Mesmo aos seis anos eu sabia da Guerra Centenária. Eu fazia soldados de madeira marcharem sobre os mapas de meu pai. Vi as tropas voltando pelo Portão Alto, ensanguentadas e desfalcadas, as mulheres chorando pelas sombras enquanto outras se atiravam a seus homens. Eu lia as histórias de batalha, de avanço e recuo, de vitória e derrota, em livros que não me permitiriam abrir caso meu pai me conhecesse. Eu entendia tudo isso e sabia

que tinha o mundo inteiro em minha mão direita. Não uma terra de brincadeira, uma igreja de brinquedo e homenzinhos feitos por anciãos. *Meu mundo inteiro.* E não havia agito que o mudasse. Nós nos viraríamos uns contra os outros, batalharíamos, mataríamos e cairíamos, e sossegaríamos e, conforme a neblina se dissipasse, a guerra ainda estaria lá, inalterada, esperando, por mim, por meu irmão, por minha mãe.
Quando um jogo não pode ser vencido, mude o jogo. Eu li isso no livro de Kirk. Sem pensar, ergui o globo de neve acima da minha cabeça e o espatifei no chão. Dos fragmentos molhados eu peguei o homem, menor que um grão de trigo, entre o polegar e o indicador.
"Você está livre agora", eu disse e o atirei a um canto para encontrar seu próprio caminho para casa, porque eu não tinha *todas* as respostas, nem naquela época nem agora.
Saí do tesouro levando nada, quase derrotado pela escalada de volta. Estava cansado, porém contente. O que eu havia feito parecia tão certo que de algum modo achei que os outros também veriam isso e que meu crime não me acompanharia. Com os braços doloridos e coberto de ferrugem e arranhões, eu me arrastei de volta sobre o parapeito.
"O que é isso agora?" Uma grande mão me pegou pelo pescoço e me levantou do chão. Parece que os guardas haviam brigado menos a respeito da minha moeda do que eu esperava.
Não demorou muito até eu estar na sala do trono de meu pai com um pajem sonolento acendendo tochas. Nada de óleo de baleia em luminárias de prata para os assuntos daquela noite, apenas tochas de piche crepitando, pintando mais fumaça no teto preto. Sir Reilly segurou meu ombro, com sua manopla pesada demais me apertando. Nós aguardamos na sala vazia e observamos as sombras dançarem. O pajem saiu.
"Sinto muito", eu disse. Embora não sentisse.
Sir Reilly estava sério. "Eu também sinto, Jorg."
"Não vou fazer de novo", eu disse. Mas faria.
"Eu sei", Sir Reilly disse, quase afetuoso. "Mas agora nós precisamos esperar por seu pai e ele não é um homem gentil."
Pareceu termos esperado metade da noite. Quando as portas se abriram com um estrondo, eu dei um salto, apesar das promessas que havia feito para mim mesmo.
Meu pai, em seu manto púrpura e com a coroa de ferro, sem o menor sinal de sono, caminhou sozinho até o trono. Ele se sentou e abriu as mãos sobre os

braços da cadeira.
"Eu quero Justiça", ele disse. Alto o suficiente para uma corte inteira, embora Reilly e eu fôssemos sua única plateia.
Mais uma vez. "Eu quero Justiça." Os olhos na direção das grandes portas.
"Eu sinto muito." E dessa vez eu sentia mesmo. "Eu posso pagar..."
"Justiça!" Ele nem olhou para mim.
As portas se abriram novamente e, em um desses carrinhos usados para levar prisioneiros da masmorra, veio meu cachorro, meu e de Will, acorrentado em cada perna e empurrado por um criado de rosto suave chamado Polegada, um homem de braços largos que uma vez me deu um doce em dia de festa.
Comecei a me aproximar, mas a mão de Reilly me segurou onde eu estava. Justiça tremia no carrinho, de olhos arregalados, tremendo tanto que mal conseguia ficar de pé, embora ele tivesse quatro pernas. Ele parecia molhado e quando Polegada o empurrou mais para perto eu senti o fedor de óleo de pedra, do tipo que colocam nas lâmpadas dos criados. Polegada procurou algo dentro do carrinho e tirou uma marreta feia e grande, usada para quebrar carvão em pedaços menores para a fogueira.
"Vá", meu pai disse.
A expressão nos olhos suaves de Polegada dizia que preferia ficar, mas ele colocou a marreta no chão e saiu sem protestar.
"Há lições a serem aprendidas hoje", meu pai disse.
"Você já se queimou, Jorg?", meu pai perguntou.
Já. Uma vez peguei um atiçador que fora deixado com uma ponta no fogo. A dor tirou meu fôlego. Eu não conseguia gritar. Só depois que as bolhas começaram a crescer eu consegui emitir algum som além do chiado, e quando consegui eu gritei tão alto que minha mãe veio correndo de sua torre, chegando junto com as empregadas e a ama do aposento vizinho. Minha mão ardeu durante uma semana, exsudando, mandando explosões de uma dor horrível pelo braço ao menor movimento de meus dedos. A pele caiu e a carne por baixo ficou ferida e úmida, doendo até pela respiração.
"Você tirou algo de mim, Jorg", meu pai disse. "Você roubou o que era meu."
Sabia que não devia dizer que era de mamãe.
"Eu reparei que você ama este cachorro", meu pai disse.
Desconfiei daquilo, mesmo com medo. Achava mais provável alguém ter lhe contado.

"Isso é uma fraqueza, Jorg", meu pai disse. "Amar qualquer coisa é uma fraqueza. Amar um cão é burrice."
Eu não disse nada.
"Devo queimar o cão?" Meu pai pegou a tocha mais próxima.
"Não!" Um grito horrorizado saiu de mim.
Ele se recostou. "Está vendo como este cão o tornou fraco?" Ele olhou para Sir Reilly. "Como ele irá governar Ancrath se não consegue governar a si próprio?"
"Não queime ele." Minha voz tremeu, implorando, mas de certo modo também era uma ameaça, mesmo que nenhum de nós a tenha reconhecido.
"Por acaso há outra maneira?", meu pai disse. "Um meio-termo." Ele olhou para a marreta.
Eu não entendia. Eu não queria entender.
"Quebre a pata do cachorro", ele disse. "Uma pancada rápida e Justiça terá sido feita."
"Não", engoli, quase engasgando. "Eu não posso."
Papai deu de ombros e se inclinou em seu trono, alcançando a tocha outra vez.
Eu me lembrei da dor que o atiçador havia marcado em mim. O pavor me pegou e eu sabia que podia deixá-lo me levar à histeria, chorando, enfurecido, e eu podia ficar lá até que o ato fosse concretizado. Eu podia correr e me esconder aos prantos e deixar Justiça para ser queimado.
Peguei a marreta diante da mão de meu pai, fechada em torno da tocha. Tive que me esforçar só para erguê-la, pesada de várias maneiras. Justiça apenas tremia e me observava, choramingando, com o rabo entre as pernas, sem compreensão, apenas medo.
"Bata com força", ele disse. "Ou terá que bater de novo."
Olhei para a perna de Justiça, sua perna fina e rápida, o pelo lambuzado de óleo sobre osso e tendão, a corrente de ferro, uma espécie de torno da Câmara de Interrogatórios machucando seu tornozelo, sangue sobre o metal.
"Sinto muito, papai, nunca mais roubarei novamente." E eu falei sério.
"Não teste minha paciência, garoto." Vi a frieza em seus olhos e me perguntei se ele sempre me odiara.
Ergui a marreta, com os braços quase fracos demais, tremendo quase tanto quanto o cachorro. Eu a ergui lentamente, esperando, esperando que meu pai dissesse: "Basta, você já provou a si mesmo".

As palavras nunca vieram. "Quebre ou queime", ele disse. E, com um grito, eu deixei a marreta bater.
A perna de Justiça se quebrou com um estalo alto. Por um instante, não houve nenhum outro som. O membro parecia errado, parte superior e inferior em ângulos repugnantes, o osso branco em uma poça de sangue vermelho e pelo preto. Em seguida, o uivo, a fúria e o rosnado, puxando suas amarras, procurando algo contra o qual lutar, alguma batalha para afastar a dor.
"Mais uma, Jorg", meu pai disse. Ele falou baixo, mas eu o escutei acima dos uivos. Por um momento muito longo suas palavras não fizeram sentido para mim.
Eu disse "Não", mas não o fiz pegar sua tocha. Se eu o fizesse alcançá-la novamente ele não recuaria. Disso eu sabia.
Dessa vez Justiça entendeu a marreta levantada. Ele chorou, gemeu, implorou como só os cães imploram. Eu bati forte e errei, cegado pelas lágrimas. O carrinho se chacoalhou e Justiça pulava e uivava, sangrando em todas as amarras agora, a perna quebrada esticada com tendões expostos. Eu o atingi no segundo golpe e quebrei sua outra perna dianteira.
O vômito me pegou de surpresa, quente, ácido, jorrando de minha boca. Engatinhei nele, engasgando e arfando. Quase não ouvi meu pai dizer: "Mais uma".
Com a terceira perna esmagada, Justiça não conseguia ficar de pé. Ele desabou, quebrado no carrinho, fedendo em sua própria sujeira.
Estranhamente ele não rosnou ou gemeu dessa vez. Em vez disso, enquanto eu me afundava em lágrimas, me esforçando para respirar, ele me fuçou como costumava fuçar William quando ele chorava por causa de um joelho ralado ou uma ambição frustrada. Os cães são estúpidos assim, meus irmãos. E eu era estúpido daquele jeito aos seis anos, deixando a fraqueza tomar conta de mim, deixando que o mundo dobrasse o ferro que há em minha alma.
"Mais uma", meu pai disse. "Ele ainda tem uma perna com a qual se levantar, não tem, Sir Reilly?"
E pela primeira vez Sir Reilly não respondeu seu rei.
"Mais uma, Jorg."
Eu olhei para Justiça, quebrado e lambendo as lágrimas e o ranho de minha mão. "Não."
E com isso papai pegou a tocha e a atirou dentro do carrinho.

Eu rolei para trás com a repentina explosão de fogo. Não importava o que meu coração me dizia para fazer, meu corpo se lembrava da lição do atiçador e não me deixava ficar. O uivo que vinha do carrinho não se comparava a nada que acontecera antes. Eu chamo de uivo, mas eram gritos. Homem, cachorro, cavalo. Com bastante dor todos nós soamos iguais. Naquele momento, rolando para trás, mesmo tendo seis anos e minhas mãos não fossem hábeis, peguei a marreta que havia parecido tão pesada e a atirei sem esforço, com força e para frente. Se meu pai se movesse um pouco mais lentamente eu poderia ser rei de duas terras agora. Em vez disso, ela tocou sua coroa somente o suficiente para girá-la um quarto de círculo e em seguida atingiu a parede atrás de sua cadeira e caiu no chão, deixando uma marca superficial na pedra dos Construtores.

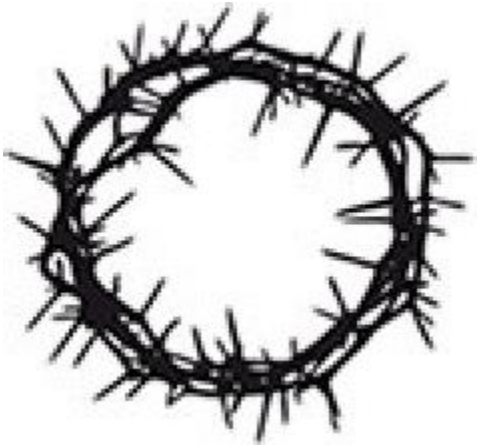
Papai tinha razão, é claro. Havia lições a serem aprendidas naquela noite. O cachorro era uma fraqueza e a Guerra Centenária não pode ser vencida por um homem com tais fraquezas. Nem pode ser vencida por um homem que se renda ao mal menor. Dê um pouco, dê algo a qualquer homem e a próxima coisa que irá ouvir é "Mais uma, Jorg, mais uma". E, no final, o que você ama irá se queimar. A lição de meu pai era verdadeira, mas saber disso não me faz perdoá-lo pela forma como ele a ensinou.

Durante um período na estrada eu segui o ensinamento de meu pai: força em todas as coisas, sem piedade. Na estrada eu sabia, com a total convicção de uma criança, que o trono do Império só seria meu se eu me mantivesse fiel às duras lições de Justiça e dos espinhos. A fraqueza é uma doença contagiosa; um sopro dela pode corromper um homem por inteiro. Agora, porém, mesmo com todo o mal dentro de mim, eu não sei se poderia ensinar tais lições a um filho meu.

William nunca precisou de tais ensinamentos. Ele tinha força dentro si desde o início; sempre o mais inteligente, o mais seguro, o mais feroz de nós, apesar de meus dois anos a mais. Ele disse que eu deveria ter atirado a marreta assim que a ergui e que não deveria ter errado. Eu seria rei então e ainda teríamos nosso cachorro.

Dois dias depois, eu fugi tanto da ama quanto do guarda e fui até os depósitos de lixo atrás do estábulo dos cavaleiros. Um vento norte carregava o fim do inverno, trazendo chuva que era quase gelo. Encontrei os restos mortais de meu cachorro, uma sujeira fedida, preta, molhada, mole porém pesada. Tive que arrastá-lo, mas eu havia dito a William que o enterraria em vez de deixá-lo apodrecer no lixo. Eu o arrastei por três quilômetros, na

chuva gelada, pela estrada vazia de Roma, exceto por um comerciante com seu vagão amarrado e fechado, e de cabeça baixa. Eu levei Justiça à garota com o cachorro e o enterrei ali, ao lado dela, na lama, com as mãos dormentes e o restante de mim desejando estar dormente também.
"Olá, Jorg", disse Katherine. E então nada.
Nada? Se eu pudesse me lembrar de tudo aquilo. Se eu pudesse me lembrar do caminho escuro até o cemitério de Perechaise e viver com isso esses anos todos... o que diabos estava naquela caixa e como eu poderia querer aquilo de volta?



Muitos homens não aparentam o que são. A sabedoria pode estar por trás de um sorriso bobo, a bravura pode espiar de olhos que choram de medo. O irmão Rike, porém, é aquela criatura rara, um homem cujo rosto conta a história completa. Feições bruscas sob uma pesada testa, o feio franzir de velhas cicatrizes, pequenos olhos pretos que veem o mundo com maldade impessoal, cabelos escuros, curtos e grossos de poeira, arrepiados sobre a mais dura das cabeças. E se Deus houvesse lhe dado um corpo menor, em vez do de um gigante com quantidades descabidas de músculos, e fraqueza no lugar da estamina de um bando de touros, ainda assim Rike seria o pior anão da cristandade.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

11

Dia do Casamento

Montanhas são ótimos niveladores. Elas não se importam com você ou com quem quer que seja. Alguns dizem que os Construtores fizeram as Matteracks bebendo o sangue vermelho da terra para roubar seu poder, e que os picos foram postos ali quando as próprias rochas se revoltaram e afugentaram os Construtores. Gomst conta que o Senhor Deus pôs as montanhas ali, com ondulações na argila molhada conforme Ele moldava o mundo com as duas mãos. Quem quer que tenha feito o trabalho tem minha gratidão. São as Matteracks que garantem a "altura" das Terras Altas de Renar. Elas marcham de leste a oeste, enrugando o mapa até outros reinos, mas nas Terras Altas é que fazem seu melhor trabalho. Aqui são as Matteracks que dizem aonde você pode e não pode ir.

Já disseram uma ou duas vezes que tenho uma personalidade teimosa. De qualquer maneira, nunca aceitei a ideia de que possa se dizer a um rei aonde ele não pode ir em seu próprio reino. Portanto, ao longo dos anos, desde que cheguei como um jovem inexperiente, entre aprender a canção da espada, dominar a arte de barbear e fazer justiça de forma afiada, eu comecei a escalar montanhas.

O alpinismo, descobriu-se, era tão novo para as pessoas das Terras Altas quanto para mim. Elas sabiam tudo sobre chegar a lugares que precisavam ir. Pastos altos para as cabras de lã, as passagens de verão para o comércio, o penhasco Eiger para procurar opalas. Mas chegar a lugares que não precisavam ir... bem, quem tem tempo para isso quando suas barrigas estão roncando ou há dinheiro a se ganhar?

"Que diabos você está fazendo, Jorg?", Coddin me perguntou uma vez quando voltei ensanguentado, com meu pulso moendo o osso com cada movimento.

"Você devia vir comigo", eu lhe disse só para vê-lo se retrair. Eu escalo sozinho. Na verdade, nunca há espaço para dois no topo de uma montanha.

"Vou reformular a pergunta", disse Coddin. Eu podia ver o grisalho aparecendo em seu cabelo. Fios brancos em suas têmporas. "Por que você está fazendo isso?"

Franzi os lábios e em seguida sorri com a resposta. "As montanhas me disseram que eu não podia."

"Você sabe quem foi o Rei Canuto?", ele perguntou. "Não é um caminho que eu aconselhe a você – já que você me paga para aconselhá-lo hoje em dia."

"Hehe." Eu me perguntei se Katherine escalaria montanhas. Achei que sim, se tivesse a oportunidade. "Já vi o mar, Coddin. O mar pode engolir montanhas inteiras. Posso ter uma diferença ocasional de opinião com uma montanha ou outra, mas se me pegar desafiando o oceano você tem minha permissão para jogar um boi em cima de mim."

Contei a Coddin que a teimosia me levou a escalar, e talvez tenha mesmo, mas é mais que isso. As montanhas não têm memória, não têm julgamentos a oferecer. Há uma pureza no esforço em alcançar um pico. Você deixa seu mundo para trás e leva somente o que precisa. Para uma criatura como eu não há nada mais próximo da redenção.

"Ataque", Miana dissera, e certamente um homem não deve refutar sua esposa no dia de seu casamento. Claro que ajudou o fato de eu ter planejado atacar o tempo todo. Eu mesmo mostrei o caminho, pois poucos conhecem as

poternas de ataque e os túneis que levam a elas. Ou melhor, muitos sabem delas, mas, como um padre honesto, poucos conseguiriam mostrá-las.
Nós caminhamos em filas de quatro homens, com os mais altos curvados para evitar arranhar as cabeças na pedra bruta. Um a cada dez homens segurava uma tocha de piche e ao fundo de nossa coluna eles quase se sufocaram com a fumaça. Minha própria tocha mostrava pouco mais que os dez metros de túnel à nossa frente, retorcendo-se para aproveitar as lacunas e fendas naturais. O barulho de passos de muitos pés, a princípio hipnótico, desvaneceu-se em ruído de fundo, despercebido até parar sem aviso. Eu me virei e as chamas mostraram nada além de minha sombra oscilante. Nenhum homem do meu comando, nem um sussurro deles.
"O que é que você pensa que está fazendo aqui, Jorg?" As palavras do bruxo dos sonhos flutuaram ao meu redor, um rio de cadência suave, carregando apenas pitadas de sua ascendência sarracena. "Eu o observo a cada momento. Conheço seus planos antes de você os revelar."
"Então você sabe o que penso estar fazendo aqui, Sageous." Procurei em volta por um sinal dele.
"Você sabe que fazemos piada de você, Jorg?", Sageous perguntou. "O fantoche que acha que está jogando o próprio jogo. Até Ferrakind ri disso por trás do fogo, e Kelem ainda se conserva em suas minas de sal. Lady Blue tem você em seu tabuleiro de safira, Skilfar vê seu futuro estampado no gelo, na Mathema eles o fatoram em suas equações, uma pequena expressão próxima de zero. Nas sombras por trás dos tronos você conta muito pouco, Jorg, eles riem do quanto você me serve sem saber. A Irmã Silenciosa só sorri quando seu nome é dito."
"Fico satisfeito de ser útil, então." À minha esquerda, as sombras na parede se moviam relutantemente, lentas em responder ao movimento de minha tocha. Dei um passo à frente e atirei as chamas no local mais escuro, soltando faíscas sobre a pedra.
"Este é seu último dia, Jorg." Sageous chiou enquanto as chamas consumiam a sombra e a escuridão se despiu da rocha como camadas de pele. Agradou-me muito ouvir sua dor. "Eu o verei morrer." E ele desapareceu.
Makin, que vinha atrás, quase se chocou comigo. "Problema?"
Espantei o restante do devaneio e apertei o passo. "Sem problemas."
Sageous gostava de puxar as rédeas tão gentilmente que um homem nunca suspeitaria estar sendo conduzido. Deixar Sageous irritado, fazê-lo odiar, apenas erodia os poderes sutis que usava. Minha primeira vitória do dia. E

se sentia a necessidade de me insultar é porque devo tê-lo preocupado de alguma maneira. Ele deve ter pensado que eu tinha alguma chance – o que o tornava bem mais otimista do que eu estava.
"Sem problemas. Na verdade, a manhã está começando a melhorar!"
Mais cinquenta metros até uma escada nos levar às encostas, rastejando por baixo de uma grande rocha conhecida como Velho Bill.

Quando você sai do Assombrado, imediatamente está entre montanhas. Elas o diminuem de uma maneira que as muralhas e torres altas não conseguem. Em meio às elevações das Matteracks, todos nós, o próprio Assombrado, até os vinte mil do Príncipe de Arrow eram nada. Formigas brigando na carcaça de um elefante.
Lá naqueles aclives, no frio do vento, com as montanhas altas e quietas por todos os lados, eu me senti bem por estar vivo e, se tivesse que ser, era um bom dia para morrer.
"Mande Marten levar suas tropas para defender o Runyard para mim", eu disse.
"O Runyard?", Makin disse fechando seu capote bem apertado contra o vento. "Você quer que nosso melhor capitão proteja um vale sem saída?"
"Nós precisamos daqueles soldados, Jorg", Coddin disse se ajeitando de sua engatinhada. "Não podemos ceder dez soldados, muito menos cem dos nossos melhores." Mesmo argumentando, ele acenou para um homem transmitir minhas ordens.
"Você acha que ele não pode defendê-lo?", perguntei.
E isso fez Makin mudar de direção. "Defendê-lo? Ele defenderia os portões do paraíso por você, esse homem; ou do inferno. Sabe Deus por quê."
Dei de ombros. Marten o defenderia porque eu lhe dera o que ele chamava de salvação. Uma segunda chance de se levantar, de proteger sua família. Durante quatro anos ele estudou apenas sobre guerra, da flecha ao exército, os quatro anos desde que chegara ao castelo com Sara a seu lado. No fim das contas, ele o defenderia porque anos atrás, nas ruínas de sua fazenda, eu dera à sua filhinha um palhaço à corda e o cravo-da-índia de Makin. Um brinquedo dos Construtores para fazê-la sorrir e o cravo-daíndia para tirar sua dor – e sua vida. A droga a levou embora, em vez de o lixo, e ela morreu sorrindo para doces sonhos, em vez de engasgando no próprio sangue.
"Por que o Runyard?", Coddin queria saber. Não era tão fácil despistar Coddin.

"O Príncipe de Arrow não tem assassinos em meu castelo, Coddin, mas ele tem espiões. Eu vou lhe dizer o que precisa saber, o que irá fazer diferença em suas ações. O resto – os tiros no escuro, os palpites – é melhor deixar guardado." Tamborilei o lado da minha cabeça. Por um momento, porém, a caixa de cobre ardeu em meu quadril e sua estampa de espinho preencheu minha visão.
"Eu estaria mais feliz em um cavalo", disse Makin.
"Eu estaria mais feliz em uma cabra gigante da montanha", eu disse. "Uma que cagasse diamantes. Até encontrarmos algumas, vamos andar."
Trezentos homens andaram atrás de nós. Exércitos são propensos a marchar, mas marchar nas Terras Altas é certeza de um tornozelo quebrado. Trezentos soldados da guarda na montanha cinza, saindo pela poterna no meio do campo de seixos a oeste do Assombrado onde o túnel subia através da rocha. Nada de tabardos escarlates aqui ou trançados dourados, nada de leões exuberantes ou dragões exibidos ou merdas de rãs coroadas, apenas vestes surradas em tons de rocha. Eu não estava ali para uma competição de uniformes. Eu estava ali para vencer.
Atrás de nós foguetes voaram, pintando a manhã sem graça com rastros de faísca e soltando uma nuvem de fumaça sulfurosa sobre o castelo. Celebrações de casamento para divertir os locais, mas também uma conveniente atração para os olhos ao norte, os visitantes não convidados.
O exército do príncipe começou a se mexer, unidades reunidas em suas formações de ataque, lanceiros de Normardy à frente, fileira após fileira de arqueiros do outro lado, homens de Belpan com seus arcos quase tão grandes quanto eles, unidades de balestra vindas de Ken, com as barbas trançadas, galhardetes marrons flutuando acima dos tambores, cada homem com um rapaz de escudo à sua frente. Os arqueiros estavam prontos para sair e encontrar seu lugar nas serras ao leste, com a inútil cavalaria de Orlanth na retaguarda. O dia deles chegaria mais tarde, depois da passagem do inverno nas ruínas de meu lar, depois que as passagens altas se abrissem e o príncipe seguisse seu caminho a fim de aumentar sua contagem de reinos caídos. Os thurtos seriam os próximos, sem dúvida. E em seguida a Germânia e a dúzia de reinos teutões.
Nós descemos as encostas a oeste do Assombrado em uma onda cinzenta, com espadas, adagas, arcos curtos. Eu havia gasto a maior parte do ouro de meu tio naqueles arcos. Os homens da Guarda da Floresta dominavam o arco curto e os recrutas das Terras Altas aprenderam rápido o suficiente.

Trezentos arcos compostos recurvados, feitos pelos citas. Dez ouros cada. Dava para colocar cada homem em um cavalo mais ou menos decente por esse preço.
Os sentinelas do príncipe nos viram. Isso nunca esteve em dúvida. Um observador de visão aguçada nas linhas de frente poderia ter nos visto ao longo do quilômetro que restava. Mas por que eles estariam olhando? Eles tinham olheiros.
Eu apertei o passo. Nada como montanhas para fazê-lo ficar em forma para correr. A princípio, quando você vem para as montanhas, tudo é difícil. Até o ar parece escasso demais para respirar. Os anos passam e seus músculos viram ferro. Especialmente se você escala.
Nós nos locomovemos rapidamente. A velocidade na inclinação é uma arte. O Príncipe de Arrow não era burro. Os comandantes que ele elegera haviam escolhido oficiais, os quais selecionaram batedores que conheciam montanhas. Eles se moviam rapidamente, mas os poucos homens que caíram não se levantaram de novo até nós os capturarmos.
É sempre bom surpreender alguém. O Príncipe de Arrow não esperava que eu atacasse suas dezenas de milhares com os meus trezentos. Provavelmente esse é o motivo pelo qual nós pudemos chegar apenas segundos após a primeira palavra de nossa investida e muito antes que pudessem agir em cima daquela palavra.
Trezentos é um número mágico. Rei Leônidas resistiu a um oceano persa nas Termópilas com apenas trezentos homens. Eu gostaria de ter conhecido os espartanos. Essa história sobreviveu aos impérios por ter sido contada tantas e tantas vezes. Rei Leônidas deteve um oceano; Canuto não.
Eu podia sentir a ardência em minhas pernas, a respiração fria entrando e a respiração quente saindo. Um rio de suor dentro de minha armadura, sob a couraça. Essas são de couro duro, curtido e fervido em óleo, com linho acolchoado por baixo, nada de chapa ou corrente hoje. Hoje nós precisávamos nos mexer.
Quando dei o grito, nós paramos no campo de pedras, espalhados na encosta, a duzentos metros das linhas deles, não mais, perto o bastante para sentir o cheiro deles. Neste lado, longe dos arqueiros em direção ao cume, homens de Arrow formavam o maior contingente, unidades de lanceiros vestindo cota de malha leve, espadachins de correntes mais pesadas, entre eles os cavaleiros terratenentes que haviam recrutado os soldados das fazendas e vilas ou esvaziaram a guarda de seu castelo a serviço de seu príncipe. E

todos eles, pelo menos aqueles que podíamos ver antes que a ondulação das montanhas escondesse a vasta extensão de seu progresso, marchando sem pressa, confiantes, alguns brincando, observando os fogos de artifício e a fumaça acima do Assombrado. As grandes armas de cerco rangiam entre eles, carregadas por muitas mulas.
Não precisei avisar a guarda. Eles começaram a atirar suas flechas imediatamente. Os primeiros gritos transmitiram a mensagem de nosso ataque de forma bem mais eficaz do que sentinelas ainda procurando recuperar o fôlego.
Ao mirar nos maiores grupos de homens era difícil não acertar um alvo. Conseguimos uma segunda saraivada antes que a primeira do inimigo começasse a chegar. Os arqueiros do príncipe, reunidos do outro lado da coluna do exército, a mais de quatrocentos metros, não podiam revidar.
Conhece-te a ti mesmo, disse Pitágoras. Mas ele era um homem de números e não se pode contar com eles. Sun Tzu nos diz: *Conhece teus inimigos.* Eu havia perdido homens que não podia perder patrulhando aquelas encostas, mas conhecia meu inimigo e conhecia a disposição de suas forças.
Os arqueiros do príncipe teriam nos achado alvos difíceis de qualquer modo, soltos entre as rochas e as longas sombras da manhã.
Outra saraivada e mais outra. Centenas de mortos ou feridos em cada rajada. Feridos são bons. Às vezes, ferido é melhor que morto. Os feridos criam problemas. Se você os permitir.
Os soldados de infantaria vieram para cima de nós, sozinhos ou em duplas, depois em grupos, e em seguida numa torrente, como uma onda se quebrando e se espalhando sobre a areia.
"Escolham seus alvos", eu gritei.
Outra saraivada. Um único homem entre os precursores caiu, espetado na coxa.
"Porra! Escolham seus alvos."
Outra saraivada e nenhum dos soldados caiu. As mortes ocorreram quando as massas ainda estavam movendo-se confusamente, apanhadas na turba de corpos. Um dos meus para cada vinte deles. Probabilidades difíceis. Se nós conseguíssemos dez saraivadas antes que eles nos alcançassem poderíamos ter chacinado três mil soldados. Nós conseguimos seis mil.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

12

Dia do Casamento

Estejam prontos para correr", eu gritei.
"Esse é seu plano, Jorg?" O rosto de Makin conseguia colocar a surpresa em outro nível. Era alguma coisa nas sobrancelhas.

"Estejam prontos", eu repeti. Na verdade, se eu tivesse um plano ele estava por um fio, sendo revelado centímetro após centímetro. E o fio que eu segurava me dizia: *Esteja pronto para correr.* Sun Tzu instrui: *Se em todos os aspectos seu inimigo o supera, esteja pronto para fugir dele.*

"Se isso era a porra do plano", disse Makin, colocando o arco no ombro, "nós devíamos ter começado duas semanas atrás."
O primeiro soldado de Arrow me alcançou, com o rosto roxo da corrida montanha acima.
Katherine Ap Scorron preenche minhas noites. Mais do que é salutar. E todos esses sonhos são sombrios. Chella aparece em alguns deles, surgindo diretamente dos salões dos necromantes sob o Monte Honas, perversa e deliciosa. Seu sorriso diz que ela conhece até o meu interior podre, e o rosto de Katherine se contorce sobre o dela enquanto a pele firme se transforma em uma ondulação apodrecida.
A criança morta passeia em muitos sonhos, segurando a caixa da estampa de espinho em mãos de carmim. Ela tem nomes diferentes. William é o mais frequente, embora ele não seja o irmão que conheci. Mas ele acompanha Katherine toda vez que eu a chamo para minha cama; recém-falecido em alguns, com o sangue ainda escorrendo, e em outros cinzento e podre.
Contar sonhos é um negócio enfadonho, mas experimentar os sonhos de um estranho em primeira mão é outra coisa. Criar pesadelos como armas ou algemas e soltá-los para caçar suas vítimas pode muito bem ser divertido. Parece manter certo bruxo dos sonhos ocupado.
Meu pai acreditava que Sageous era sua criatura. Quiçá ele ache que tenha mandado o bruxo embora após eu ter quebrado seu poder no Castelo Alto, e talvez o Príncipe de Arrow agora pense contar com os serviços de Sageous. Como Corion, porém, e a Irmã Silenciosa e outros espalhados pelo Império, Sageous se vê como um jogador por trás dos tronos, empurrando reis e condes e príncipes pelo tabuleiro. Eu nunca gostei de ser empurrado. O Príncipe de Arrow também me pareceu ser um homem difícil para o bruxo dos sonhos empurrar, mas vamos ver.
Sageous aprendeu duplamente a não mandar suas criaturas me enganarem durante meu sono. Acho que cada fracasso tira algo vital dele. Com certeza ele não persistiu. A criança não é sua criação. Eu saberia se fosse.
O pagão observa, contudo. Ele fica à beira de meus sonhos, em silêncio, esperando não ser visto. Eu já o persegui até acordar e cair da cama estrangulando o travesseiro. Uma vez minha mão adormecida encontrou um punhal. Penas para todo lado. Ele tenta me conduzir com os estímulos mais suaves. Até um leve toque, se feito bem à frente do evento crucial, pode ter um grande impacto. Sageous tenta me guiar, guiar a todos nós, com dedos

ágeis e leves como aranhas, puxando fios delicados, até que o poder que ele deseja caia em seu colo como se por acidente.

Tutor Lundist disse que Sun Tzu devia ser meu guia na guerra. Meu pai pode ter executado Lundist uma semana após minha fuga do Castelo Alto, mas o que o tutor ensinou ficará comigo por mais tempo que qualquer lição que Olidan Ancrath tenha infligido a seu filho.

Toda guerra é enganação, Sun Tzu me diz em páginas amareladas como icterícia, secas como areia. Toda guerra é enganação, mas onde estão minhas chances de enganar? Tenho espiões em meus corredores, observadores em meus sonhos. O túmulo é um lugar agradável e reservado, dizem, mas eu suspeito que até lá seja difícil manter segredo nos dias de hoje.

E então eu uso o que tenho. Uma caixa de cobre que guarda lembranças. Que guarda uma lembrança tão terrível que eu não podia mantê-la em mim. Eu tenho a caixa e eu a uso. Há muito tempo aprendi que, pressionada contra a testa, com força suficiente para deixar a marca do espinho na pele, ela roubará uma lembrança, um pensamento, um plano, o que for mais importante em sua mente. O plano está perdido, mas a salvo da espécie de Sageous, e tudo que resta é a recordação de que você teve uma boa ideia e a lembrança de onde encontrá-la novamente quando for preciso.

Segure a caixa com força em sua mão e você pode sentir os cantos sombrios de horror lá dentro, cortando, queimando. A dor escorre para fora, desprovida de seu contexto, bruta e fria, e com ela, se for esperto, se os dedos de sua mente forem hábeis, você pode puxar o fio de um estratagema previamente guardado em um lugar além de todos os espiões. E, se você puder surpreender seu inimigo, surpreender a si mesmo é um pequeno preço a se pagar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

13

Dia do Casamento

O primeiro homem que matei em meu décimo oitavo ano fez a maior parte do trabalho por mim. Correr duzentos metros para cima de uma montanha íngreme e pedregosa em uma malha de aço é tarefa árdua. O soldado parecia prestes a capotar, como a velha na feira que nunca se levantou depois de ver Gorgoth pela primeira e última vez. Eu o deixei se encontrar com minha espada e aquilo foi o fim de tudo.

Com o homem seguinte foi mais ou menos da mesma maneira, só que eu precisei ser um pouco mais rápido e perfurá-lo em vez de simplesmente deixá-lo se empalar. Na batalha, a estocada é uma morte muito mais limpa que o corte. A não ser, claro, que seja nas tripas, porque você leva a

estocada e aí demora um tempo longo e difícil até a podridão se estabelecer e levá-lo embora aos berros dias depois.
O terceiro homem, alto e barbado, tomou os dois corpos aos meus pés como um conselho e desacelerou para me encarar. Ele deveria ter esperado seus amigos atrás dele na encosta, mas em vez disso veio brandindo sua espada, ainda bufando da corrida. Dei um passo para trás, a fim de evitar o alcance de sua espada, depois girei a minha e acertei sua garganta. Ele se virou, borrifando sangue arterial em cima dos amigos que deveria ter esperado, e em seguida tropeçou e caiu entre as rochas. Até você ver não dá para acreditar na distância que o sangue jorra com o corte certo. É de se admirar que não sentimos essa pressão dentro de nós o tempo todo – é uma surpresa não explodirmos às vezes.
Eu devia ter virado e fugido naquele ponto. Esse era o plano, afinal. Meu plano. E os homens da guarda já estavam em plena retirada atrás de mim. Em vez disso, prossegui movendo-me rapidamente entre os dois soldados respingados de sangue que saíram do caminho do barbudo quando ele caiu. Girei a espada por cima da cabeça com movimentos que lembravam um oito, atacando de um lado a outro, e ambos caíram, com a malha rasgada, uma clavícula destroçada no da direita e um peitoral fatiado no da esquerda. Não devia ter derrubado os dois, mas derrubou, e senti que quatro anos de treino duro com a lâmina não haviam sido inteiramente desperdiçados.
Ambos os homens estavam se debatendo no chão, gritando a respeito de seus ferimentos, enquanto eu cortava o sexto, também cambaleante, exausto do ataque. Quando terminei, eu me virei e corri, ultrapassando a perseguição e me esforçando para alcançar a guarda.
Os soldados de Arrow nunca iriam correr mais que nós, mas também não podiam parar a perseguição e nos deixar voltar a praticar nosso arco de novo, então eles continuaram. Os capitães que os guiavam estavam fazendo as escolhas certas, dadas as condições que tinham. O que eles deveriam ter feito, porém, era retirar as forças principais e confiar no senso de batalha de seu comandante para utilizar seus arqueiros como defesa contra nós. Embora talvez o Príncipe de Arrow ficasse satisfeito o suficiente mandando alguns milhares de soldados montanha acima para conter a ameaça e manter seu exército focado no Assombrado.
Alcancei Makin alguns minutos mais tarde, costurando meu caminho pelos homens da guarda com menos força em suas pernas do que eu tinha aquele dia. O mestre da guarda Hobbs corria com ele, com seus capitães ao lado,

Harold, Stodd e o velho Keppen, que havia tomado a sábia decisão de se recusar a pular das Cataratas de Rulow anos atrás, ordenado por um mestre da guarda anterior. Eu digo que o mestre da guarda corria, mas, àquela altura, estava mais para uma "caminhada rápida".
"Ponha quatro pelotões naquela serra", eu disse. "Vamos atirar mais umas flechas."
"E quando o inimigo os alcançar?", perguntou Hobbs.
"Hora de correr de novo", eu disse.
"Pelo menos eles vão descansar", Keppen falou e cuspiu um punhado de catarro na pedra.
"Você também vai, velho." Eu sorri. "São os seus pelotões que eu acho que devem ficar."
"Eu devia ter pulado", ele balbuciou. Balançou a cabeça e ergueu seu arco bem alto, com sua fita vermelha se agitando no vento. Seus soldados começaram a convergir atrás dele enquanto ele corria em direção à serra.
"Correr é ótimo", disse Hobbs, a passos largos, "mas vamos acabar ficando sem montanha no final, ou sairemos completamente das Terras Altas."
"O que me parece" – Makin puxou fôlego – "a melhor opção no fim das contas." De todos, ele parecia estar pior. Muitos anos deixando o cavalo correr. Ele escalou uma grande pedra e ficou lá em cima olhando para o vale. "Deve ter três mil desgraçados atrás de nós. Talvez quatro."
"Ele gosta de manter as probabilidades a favor dele, o príncipe", disse Hobbs. Coçou a cabeça onde o cabelo era mais grisalho e mais ralo. "Espero que você tenha uma porra de um plano, Rei Jorg."
Eu também esperava. Se não fosse por Norwood e Gelleth, esses soldados da guarda teriam fugido décadas atrás. Os fatos viram ficção muito rápido e, estranhamente, quando os fatos viram lenda, as pessoas parecem mais dispostas a acreditar. E talvez eles estivessem certos em ter fé, porque eu realmente reduzi o Lorde de Gelleth, seu poderoso castelo e seus exércitos a pó. Talvez eles estivessem certos e eu errado, mas achava difícil acreditar em qualquer truque que eu tivesse guardado em uma pequena caixa de cobre. Acreditando ou não, a caixa era tudo que eu tinha. Eu então a pressionei contra minha testa, com força, como se pudesse empurrar a lembrança de que eu precisava através do osso. A sensação é aquela de um nome esquecido aparecendo sem preâmbulo, pronto a ser dito, após tanto tempo dançando fora de alcance na ponta da sua língua. Exceto que em vez de uma palavra

são muitas, com imagens e toques e sabores. Um pedaço da sua vida devolvido a você.

A lembrança me inundou e me levou das frias encostas para anos atrás. Sumiram os soldados amontoados da guarda, sumiram os gritos e berros. Eu me atirei para o próximo ponto, jogando meu corpo após o braço e a mão, soltando o ponto anterior antes de meus dedos encontrarem apoio no próximo, antes de perder o impulso. Escalar é uma forma de fé, não há como controlar, não há reservas. Meus dedos se enfiaram na rachadura, a borda afiada machucando, os dedos dos pés raspando na pedra áspera, o couro macio encontrando tração conforme eu começava a deslizar.

Há um pico nas Matteracks que aponta para o céu como se fosse o próprio dedo indicador de Deus. Como ele surgiu, quem o esculpiu na solidez das montanhas, eu não sei. Um livro que tenho fala do vento e dos rios e do gelo esculpindo o mundo há muito tempo, mas isso parece história para crianças, e uma bem idiota. Melhor falar de demônios do vento, deuses do rio e gigantes do gelo em Jotenheim. É uma história mais interessante e tão provável quanto.

Com o braço dolorido, a perna esticada, curvado em uma pose esquisita sobre a pedra rachada, eu ofeguei, roubando uma lufada fria do vento. Eles dizem para não olhar para baixo, mas eu gosto. Gosto de ver os pedaços soltos caindo e se perdendo na distância. Meus músculos ardiam, com o calor sendo levado pelo vento. Parecia que eu estava preso entre gelo e fogo.

O pico fica evidente em uma grande serra onde uma das raízes da montanha divide dois vales profundos. Das encostas pedregosas na base do pico até o seu topo, onde caberia uma pequena chácara, há cento e vinte metros de rocha despedaçada, vertical na maior parte, inclinada em algumas partes. Eu podia ver, trinta metros abaixo, a saliência onde havia encontrado a cabra. As alturas que uma cabra da montanha escala pela possibilidade de um punhado de verde nunca deixa de me impressionar. Elas devem usar sua própria espécie de mágica para escalar sem ter dedos. Eu havia me puxado para cima e fiquei cara a cara com a fera, de rosto longo emoldurado por dois chifres enrolados. Há algo estranho no olho de uma cabra, algo que não se vê em cachorros ou cavalos ou pássaros. É a pupila retangular. Como se elas houvessem saído do inferno ou caído da lua. Nós nos sentamos juntos

em desconfiança mútua enquanto eu recuperava o fôlego e esperava que a vida voltasse a meus membros e extremidades.
Eu encontrei o pilar de pedra no meu primeiro ano como Rei de Renar e em todo o meu tempo no trono talvez fosse aquela agulha de montanha que chegara mais perto de me matar. Fracassei em escalá-la sete vezes e não sou um homem que desiste de nada facilmente.
Coddin uma vez me perguntou por que eu escalo e lhe contei algumas mentiras bonitas. A verdade – pelo menos por hoje – é que, quando eu ainda não tinha muitos anos, minha mãe tocava para William e para mim um instrumento das profundezas do Castelo Alto. Um piano. Uma coisa mágica e de muitas teclas em preto e branco. Nós éramos problemáticos, Will e eu, é preciso dizer. Brigávamos, fazíamos planos, aprontávamos todo tipo de travessura que fosse possível – mas quando ela tocava nós ficávamos em silêncio e apenas escutávamos. Eu me lembro de cada momento, os longos dedos se movendo tão rápido sobre as teclas que se embaralhavam, o balanço de seu corpo, o cabelo que pendia em uma longa trança entre os ombros, a luz caindo sobre o corpo de madeira do instrumento. Mas eu não consigo ouvi-la. Ela toca atrás de um vidro, um muro de muitos anos, perdidos quando me afastei de tudo aquilo, dela, daquela maldita carruagem e dos espinhos.
Eu vejo, mas não ouço.
Quando escalo, e somente então, à beira de tudo, pego notas soltas. Como palavras desprovidas de sentido no limiar da audição... a música quase me alcança. E por isso eu desafiaria qualquer altura.
Fiz uma oitava investida no pico no começo do verão em que o Príncipe de Arrow cruzou minhas fronteiras com seus exércitos recém-carregados com pilhagens de conquistas em Normardy e Orlanth. Pilhagens e, verdade seja dita, recrutas, pois os senhores daquelas terras não eram bem-amados e o príncipe ganhou o coração das pessoas quase antes de seus mortos serem encaixotados e enterrados.
Escalar é uma questão de compromisso. No pico, há locais tão lisos que um ponto de segurança deve ser totalmente largado antes que se possa obter o próximo, e às vezes somente se arremessando para cima de uma extensão aberta de rocha que não oferece ponto de apoio. Em tais momentos você está caindo, embora para cima, e se o próximo apoio falhar aquela queda o levará ao chão. Não há meio-termo em tais subidas: você aposta tudo que é ou será em cada decisão. A vida pode ser vivida dessa maneira, mas eu não

recomendo. No fim, porém, todos morrem, mas nem todos vivem – o alpinista, embora possa morrer jovem, terá vivido.
Chega um ponto em uma longa escalada em que você sabe que precisa se render ou morrer. Não tem perdão. Eu me pendurei na pedra fria quinze metros abaixo do topo, fraco feito uma criança, me doendo de fome, com bolhas nas mãos e nos pés, os braços gritando. A arte da sobrevivência nas montanhas é saber quando desistir. A arte de chegar ao topo é saber quando não desistir.
"Se eu morrer aqui", sussurrei à pedra. "Se eu cair e morrer, vou contar uma vida vivida, talvez não tão bem, mas plenamente. Nenhum livro saberá meu fim, mas terei morrido na batalha mesmo assim." E reunindo minhas forças comecei a escalar outra vez.
Como o rei dos escoceses e sua famosa aranha, minha oitava tentativa provou ser a da sorte.
Com ânsia de vômito, babando sobre a rocha, eu me rastejei sobre o último canto, finalmente horizontal. Fiquei tremendo, ofegante, meio soluçando, o mais próximo do fim de minha resistência que já havia chegado.
Quando se está escalando é melhor não levar absolutamente nada que não seja necessário. Essa é uma boa disciplina a se adquirir, e as montanhas a ensinam a você de graça. Eles dizem que o tempo é um ótimo professor, mas infelizmente ele mata todos os seus alunos. As montanhas também são grandes professoras e melhor ainda: elas ocasionalmente deixam os melhores alunos viverem.
As montanhas o ensinam a estar preparado para mudanças. Entre os picos, o clima pode mudar de bom para horrível em um piscar de olhos. Em um instante você pode estar subindo uma inclinação indulgente e no próximo pode estar agarrado a ela como se fosse sua mãe, enquanto um vento leste tenta carregar seu corpo congelado consigo.
Escalando o Dedo de Deus aprendi muito sobre segurar com as pontas dos dedos. Quando enfim me arrastei, fraco e trêmulo, para o topo daquele pico cheguei à conclusão de que havia me segurado pelas pontas dos dedos a vida inteira.
Baqueei de costas. Fiquei deitado na rocha sem nada para ver, apenas um céu azul implacável. Eu havia escalado com pouco peso, sem levar nada desnecessário comigo, e não havia lugar naquele pico estreito para mais ninguém, fantasmas ou não, nada de Katherine, nada de William, minha mãe e pai cento e vinte metros abaixo, todos longe demais para escutar. Nem

mesmo a sombra de uma criança na rocha ou o brilho de uma caixa de cobre na memória. Não é o perigo ou o desafio que me mantém escalando, é a pureza e o foco. Quando se está a beira de uma queda – de se transformar em um borrão de tripas e ossos pulverizados em cinco segundos e todo seu peso está sustentado sobre oito dedos, depois sete, cinco – suas escolhas são feitas por puro instinto.

Quando você escala para valer e atinge um pico ou elevação impossível, ganha uma nova perspectiva, vê o mundo de maneira diferente. Não é só o ângulo do qual você vê que muda. Você muda também. Dizem que não dá para voltar atrás, e eu aprendi isso quando voltei para o Castelo Alto após quatro anos na estrada. Andei pelos mesmos corredores, vi as mesmas pessoas, mas eu não havia voltado, eu fui a um novo castelo, visto com novos olhos. O mesmo acontece se você escala alto o bastante, só que você não precisa se afastar durante anos. Escale uma montanha, veja o mundo de seu ponto mais alto, e um novo homem descerá a um mundo de diferenças sutis no dia seguinte.

Deixando a metafísica de lado, há muito a ser visto de um ponto alto nas montanhas. Se você se sentar com as pernas balançando sobre a maior queda do mundo, com o vento correndo por seu cabelo atrás de você, e sua sombra caindo tão longe que talvez nunca atinja o chão... você percebe coisas novas. Na estrada, nós temos nossos ditados. "Pax", nós dizemos se somos pegos com as mãos nos alforjes de outrem. "Visitando os moradores locais", nós dizemos quando um irmão sai para negócios escusos após uma batalha. Cadê o irmão Rike? Visitando os moradores. Nas Terras Altas de Renar, há um ditado que eu não conhecia até chegar à vila de Gutting com Sir Makin a tiracolo. "Ele tava levando uma pedra pra passear, sua excelência." Naquela época eu não prestei atenção, era um colorido regional, uma pitada de verde no estrume. Ouvi a expressão mais algumas vezes nos anos que se seguiram, geralmente quando alguém saía para negócios misteriosos. Levar uma pedra para passear. Depois que você percebe uma frase ou palavra ela começa a aparecer por toda a parte. "Perdeu seu rebanho" era outra. Eu ouvia essas coisas principalmente nas paradas, dos recrutas locais. "Aquele John de Bryn pegou minhas cordas de arco quando eu estava de guarda no muro." "O que você vai fazer a respeito?" "Não te preocupa, já aconteceu. Perdeu seu rebanho, ele."

Em um lugar alto, especialmente um alcançado com esforço, você ganha uma nova perspectiva. Ao olhar sobre os picos e penhascos e encostas que

conhecia eu percebi algo novo. As sombras se traíam, conduzindo o olhar aqui e ali a lugares onde a terra não estava muito certa. Precisou de um tempo observando no vazio, de pernas ociosas balançando, e de pensamentos rodopiando por trás de meus olhos antes de, como a neve no globo, tudo se assentar e eu ver claramente a mesma cena, mas com novos detalhes.
Bem alto dos lados de quase todo o vale, de todos os desfiladeiros, exceto os mais altos, as pedras soltas se juntavam de maneira muito grosseira, empoleirando-se muito precariamente. A princípio, os olhos aceitam a enganação. Tem de ser natural. Mover tanta pedra levaria mil existências – e para quê?
Acontece que levar uma pedra para passear é um passatempo nacional autêntico das Terras Altas, tão arraigado, tão conhecido, que ninguém precisa dizer mais nada. Por gerações, os homens que subiam para cuidar de suas cabras preenchiam os momentos de ócio carregando pedras soltas de uma parte da encosta a outra parte mais alta, lentamente acumulando as mesmas pilhas que seus pais e avôs fizeram.
Se um homem de Renar toma a maior liberdade e decide pastar suas cabras na terra de outro homem, há chance de haver um deslizamento de pedra repentino e o homem perder seu rebanho. Se não fosse um homem de Renar ele podia perder até mais que isso.

É difícil puxar um fio quando se está correndo, especialmente quando esse fio é um plano e puxado de uma caixa de lembranças e você está correndo morro acima com milhares de soldados em sua perseguição. Mas mesmo nossos inimigos chamam os Ancrath de ardilosos, e eu nos chamo de espertos. Então eu puxei um pouco mais e de repente vi os morros em que estávamos correndo com uma perspectiva totalmente nova. Ou melhor, uma mais antiga que havia esquecido.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *25 de outubro, ano 98 interregno*

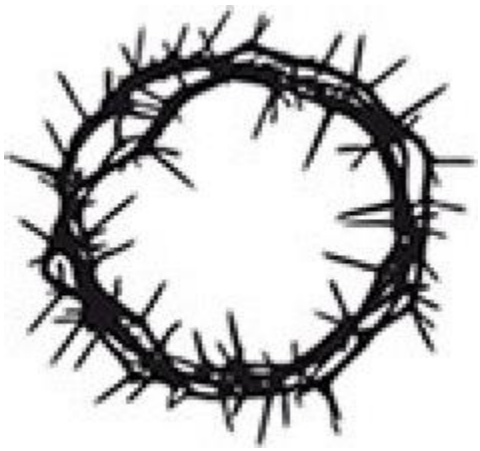
ANCRATH. CASTELO ALTO. EM MEUS APOSENTOS DE NOVO. ESTOU SEMPRE EM MEUS APOSENTOS.

Tive aquele sonho outra vez. Aquele com Jorg. Eu estou com a faca, como sempre. Trinta centímetros e fina como um dedo. Ele está lá, de pé, de braços abertos e rindo de mim. Rindo. Eu estou ali, de vestido rasgado, com a faca, e ele rindo, e eu a enfio nele, como ele enfiou... e eu o apunhalo. E a velha Hanna observa e sorri. Mas o sorriso dela é estranho e quando Jorg cai há hematomas nele também. Em seu pescoço. Contusões longas e escuras. E eu quase consigo ver as marcas de dedos e do polegar. Estou passando este cetim rasgado entre os dedos e parece que sou eu que estou rasgada. Minhas lembranças lutam com meus sonhos. Todo santo dia. E eu não sei quem está ganhando e quem está perdendo. Eu não me lembro.

7 de novembro, ano 98 interregno ANCRATH. CASTELO ALTO. TORRE DO SINO – TORRE DE MENAGEM.

Encontrei um lugar para ficar sozinha, o ponto mais alto do Castelo Alto, só eu, os corvos e o vento. A torre tem apenas um sino, enorme e feito de ferro. Eles nunca o soam. Pelo menos agora está servindo ao propósito de me abrigar do vento.
Eu me pego querendo ficar sozinha. Todas as mulheres me irritam, até as que têm boa intenção. Não há paz no castelo – apenas a sensação de que algo está errado, algo que eu não sei o que é.
Eu encontrei iniciais aqui, H.J.A., dá para ver do outro lado da torre, quando se inclina sobre a parede externa da torre de menagem. Não há jeito de alcançar aquele local. Isso diz algo sobre Honório Jorg Ancrath: até seu nome está fora de alcance.
Sageous veio até meu quarto hoje. Somente até a porta. O Príncipe de Arrow chegou novamente. O príncipe e seu irmão; Orrin e Egan. Sareth disse que eles voltariam. Ela disse que voltariam para me farejar outra vez. Foi assim mesmo que ela disse. Como se eles fossem cachorros e eu fosse uma cadela no cio.
Não acho que seja verdade. Que eu esteja no cio, quero dizer. Posso ser uma cadela. Posso ser uma cadela todos os dias. Eu fiz Maery Coddin

chorar hoje e nem tive a intenção.
Mesmo assim, há alguma coisa a respeito de Orrin e outra coisa em Egan. Vovó diria que os dois são "radiantes" demais. "Radiantes" demais para pessoas comuns, ela diria. Mas eu nunca me achei comum. E se eles forem mesmo "radiantes" – e realmente me excitassem – o que é que tem? Imagino que eu também os deixe assim. Ou por que os dois estariam de volta ao Castelo Alto uma lua depois de sua primeira visita? Eu não acho que seja pelo prazer da companhia do Rei Olidan. Não acredito que o charme de Orrin ou a ameaça de Egan teve muito impacto naquele velho assustador. Acho que nem o diabo faria Olidan parar. Creio que ele não abaixaria a cabeça nem se Deus enviasse um anjo a suas portas.
Sareth diz que os dois Arrows estão apontados na minha direção. Ela tem a boca suja. Diz que ambos vão pedir minha mão. Mesmo que eu não seja a primeira filha dos Scorron e meu pai já tenha prometido aliança e terras para Olidan. Ela diz que ambos pedirão minha mão, mas que não é em minha mão que eles estão interessados nem em meu dote. Ela disse mais, mas sua boca é mais suja que minha pena preta de tinta como está agora. E, se eles realmente pedissem, o que eu diria? Mal parece possível que eles sejam irmãos, um tão inteligente e bom quanto meu Sir Galen, o outro tão sombrio e tentador quanto Jorg, que o matou.
Sonhei de novo na noite passada. Acordei falando as palavras daquele sonho e agora nem consigo me lembrar da forma dele. Eu me lembro de uma faca, uma faca longa. Sei que preciso usá-la. Eu me lembro que Jorg me machucou. Preciso voltar e ler meu diário, mas de alguma maneira minhas mãos não querem virar as páginas para trás, só para frente. Eu sonhei com isso também.
Sageous está à porta de novo. Os príncipes estão esperando.
Eu não gosto dos olhos desse homem.



Não há ninguém como Gorgoth. Não há molde para as leucrotas. Corrompidas pelos venenos dos Construtores, elas saem arruinadas do ventre e percorrem caminhos estranhos conforme crescem. As costelas que perfuram sua carne e saem de cada lado são pretas e grossas, sua pele mais vermelha que sangue e o músculo embaixo sobe e desce quando se mexe. Embora ele
seja feito para a guerra e para o horror, há poucos homens à imagem de Adão cuja aprovação teria tanta importância para mim – e a maioria está morta.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

14

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Um dia após deixarmos as areias de Thar e começarmos a cavalgar pelas pastagens de Thurtan eu peguei a caixa de Makin. Senti as pontas afiadas da lembrança perdida através das paredes de cobre e percebi o veneno contido ali. Makin me disse uma vez que um homem que não tem medo está perdendo um amigo. Com o cobre de estampa de espinho apertado e apreensivo em meu punho, pensei que talvez tivesse finalmente encontrado aquele amigo. Virei a caixa para um lado e depois para outro. Não continha nada de bom – apenas eu. E um homem deveria ter um pouco de medo de si mesmo, claro. Do que ele poderia fazer. Conhecer-te a ti mesmo deve ser uma coisa

terrivelmente chata. Coloquei a caixa no fundo de meu alforje e a deixei fechada. Não perguntei de Katherine. Peguei uma nova faca com Grumlow e cavalguei em direção ao nosso assunto em Heimrift.

Nós fomos para o norte, percorrendo terrenos amplos onde o vento chicoteava a grama da primavera em um mar agitado e ondas verdes corriam uma atrás da outra. Uma terra feita para cavalos, para galopar, para perseguir entre as fronteiras escuras de uma floresta e a seguinte. Deixei Brath à vontade e dei uma canseira em nós dois, como se o inferno inteiro estivesse em nosso encalço. Os irmãos mantiveram o passo o máximo que conseguiram, pois todos nós queríamos deixar Thar muitos quilômetros para trás. Fogueiras antigas ainda queimavam ali, despercebidas. Em mil anos o Monte Honas, o lugar em que acendi um Sol dos Construtores, pode ficar como Thar, uma Terra Prometida que no futuro retornaria ao homem, mas que agora não nos amava.

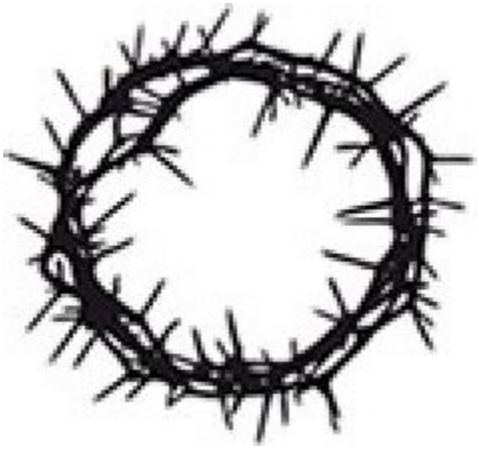
Naquela noite, quando nos ajeitávamos para dormir, eu vi o bebê pela primeira vez, caído morto na grama alta perto de nosso acampamento. Retirei meu cobertor e andei até ele, observado por Gorgoth e por Gog, que dormia ao lado dele agora. O local onde a criança havia caído estava vazio. Senti um sopro de perfume, almíscar branco talvez. Dei de ombros e voltei para minha cama. É melhor esquecer certas coisas.
Nós viajamos no dia seguinte e no outro, ao longo das margens do Rio Rima, que corre entre Thurtan e seus vizinhos ao leste. As terras do Rima haviam sido o jardim do Império, cultivadas com um cuidado primoroso. Empurre as fronteiras de uma nação para lá e para cá sobre um jardim uma dúzia de vezes e tudo que restará será lama e ruína.
Em certo ponto, atravessamos um campo de pedras antigas, centenas por cima de centenas delas, enfileiradas, cada bloco um pouco mais alto que um homem e um pouco mais largo, todos colocados ao comprido, cobertos de líquen e grama até a altura dos joelhos, se balançando ao redor deles. Antigas, de antes da chegada dos Construtores; anteriores aos gregos, Lundist me contou. Uma força desconfortável pulsava entre os monólitos e conduzi os irmãos mais rápido do que era prudente para sair do campo.
No quarto dia, uma leve chuva nos envolveu e caiu sem parar, do alvorecer ao anoitecer. Cavalguei por um tempo ao lado de Maical, deslizando suavemente na sela do tordilho. Ele sempre cavalgava como se estivesse no

mar, Maical, afundando para frente, deslizando para trás, sem um pingo de elegância.
"Você gosta de cachorro, Maical?", perguntei.
"Carne de vaca é melhor", ele disse, "ou carneiro."
Eu pus um sorriso em meu rosto. "Bem, essa é uma nova perspectiva. Achei que você pudesse gostar deles pela estupidez." Por que estava atormentando Maical eu não fazia ideia. Parte de mim até gostava de Maical. Quase.
Eu me lembrei de uma época quando voltei para o acampamento depois de explorar a cidade de Mabberton, na parte suave dos Pântanos de Ken. Eu havia chegado pelo caminho do pântano, com Gerrod escolhendo passar pelas moitas e pelos erióforos. A princípio, achei que os gritos agudos eram de uma menina da vila, boba o bastante para ser agarrada pelos irmãos, mas acabou que eram apenas dois dos rapazes em cima de um cachorro amarrado, espetando-o com alguma coisa afiada para fazê-lo cantar.
Desci de Gerrod e os peguei pelos cabelos, um punhado de cabelo preto e o outro de vermelho, e puxei para trás, jogando meu peso no movimento. Os dois começaram a gritar e um até veio para cima de mim, com raiva. Abri a palma de sua mão com um corte rápido e bonito.
"Você não devia ter feito aquilo, irmão Jorg", Gemt disse, apertando a mão cortada, com o sangue jorrando solto e rápido. "Não devia."
"Não?", perguntei, conforme os irmãos começavam a se reunir ao nosso redor. "E onde eu estava, irmão Gemt, enquanto você praticava suas habilidades de batalha nesse vira-latas inútil?"
Jobe se pôs ao lado de Gemt, esfregando o local onde eu arrancara seus cabelos. Olhei incisivamente para o cachorro e ele se ajoelhou para libertálo.
"Você estava observando aquela cidade", Gemt disse, agora com o rosto bem vermelho.
"Eu estava patrulhando aquela cidade, Mabberton, sim", eu disse. "Para que pudéssemos atacá-la com o que o idiota do seu irmão chama de o elefante da surpresa. E tudo o que eu disse a vocês era para não chamar a atenção."
Gemt cuspiu e usou a mão esquerda para manter fechado o corte na direita.
"Não chamem a atenção, eu disse, não para acordar a porra do pântano inteiro, dos girinos até os sapos, com a porra de um cachorro uivando. Além disso", continuei, virando-me lentamente para ver meu pequeno bando inteiro, "todo mundo sabe que atormentar um cachorro burro dá azar. Vocês todos saberiam disso se não fossem burros para caralho e soubessem ler."

Makin foi um dos primeiros a participar do espetáculo e estava com um enorme sorriso. "Eu sei as letras", ele disse, surpreendendo vários dos irmãos. "Então, qual é o livro que diz isso, irmão Jorg?"
"O grande livro do Vai Se Foder", respondi.
"Então machucar cachorros dá azar agora, é?" Ainda com aquele sorriso.
"Perto de mim dá", eu disse.
Agora piscando, peguei a chuva ainda molhando meu rosto em nossa longa jornada ao lado do Rima. Apaguei a lembrança. "Você se lembra daquele cachorro que seu irmão encontrou antes de chegarmos a Mabberton, irmão Maical?", perguntei. Ele não se lembrava, claro. Maical se lembrava de muito pouco sobre qualquer coisa.
Ele olhou para mim, com os lábios contraídos, cuspindo a chuva. "Colocar dor em cachorro dá azar", ele disse.
"Deu para o seu irmão", eu disse. "Teve um acidente no dia seguinte."
Maical franziu a testa, confuso, e assentiu lentamente com a cabeça. "Todo mundo sabe que não se machuca o que se come", ele disse. "Deixa a carne amarga."
"Outra nova perspectiva, irmão Maical", suspirei. "Sabia que o mantive conosco por algum motivo."
Aquele cachorro voltou na manhã seguinte, logo antes de chegarmos a Mabberton, como se eu fosse amigo dele ou coisa assim. Não iria embora até eu lhe dar um bom chute, uma lição gratuita de como o mundo funciona, se preferir.
Maical apenas deu um sorriso vago e continuou a cavalgar. Heimrift fica no ducado de Maladon, uma terra onde os mares famintos devolveram o pouco das Terras Dane que não conseguiram engolir. É uma boa viagem das Terras Altas de Renar, sob qualquer aspecto, e dadas as rotas sinuosas que teríamos que fazer seria uma jornada de semanas. Na estrada você cai na rotina. A minha incluía uma árdua sessão de uma hora de espadas com Sir Makin toda noite antes do sol se pôr. Eu me dediquei à arte com interesse renovado. Um novo desafio muitas vezes o impede de ficar meditando sobre o passado.
A espada para mim havia sido um meio de levar a morte através de uma multidão. Com os irmãos, frequentemente me via entre inimigos desqualificados, mais interessados em fugir do que em lutar, e eu usava minha lâmina para o abate. Eu havia conhecido adversários mais habilidosos, é claro, soldados enviados para nos impedir, mercenários bem

treinados para vigiar as carroças dos comerciantes e outros bandidos com seus próprios irmãos na estrada querendo o que nós tínhamos.
Quando vi o defensor de Katherine enfrentar Sir Makin, e depois quando eu mesmo me coloquei contra o Príncipe de Arrow, compreendi a diferença entre o operário e o artista. Claro que há tempo de ser artista quando você não precisa se preocupar com um fazendeiro chegando por trás e enfiando um forcado em seu pescoço enquanto você exibe suas fintas e defesas.
Então treinei com Makin, dia após dia, desenvolvendo o tipo certo de músculo, aprendendo a sentir as diferenças sutis pela espada, mesmo quando ela está sendo atingida com tanta força por outra espada que tudo que você quer fazer é soltá-la. E toda vez que eu melhorava um pouco ele aumentava a dificuldade. Comecei a odiá-lo. Só um pouco.
Quando se lida bastante com a espada e você se coloca em muitas lutas, há uma espécie de ritmo que se detecta. Não o ritmo do seu oponente, mas uma espécie de batida necessária em matéria de cortes e estocadas, como se seus olhos lessem as primeiras insinuações de cada ação e as arranjassem como música para se dançar. Eu ouvia apenas sussurros do refrão, mas toda vez que os percebia aquilo fazia Makin prestar atenção de repente e começar a suar para me conter. Eu ouvia apenas frases murmuradas da canção, mas só de saber que ela estava ali era suficiente para me manter empenhado.
Se você continuar indo ao norte e a leste das Terras Altas de Renar, uma hora precisará atravessar o Rio Rima. Como o rio tem pelo menos quatrocentos metros de largura em qualquer ponto onde se possa alcançálo sem uma hoste invasora, o exercício de cruzá-lo normalmente requer um balseiro.
Há uma alternativa. Uma ponte na cidade livre de Remagen. Como uma ponte consegue abarcar tal extensão de água é de se admirar e eu decidi vêla com meus próprios olhos em vez de regatear com o proprietário de uma barca instável rio acima.
Nós nos aproximamos de Remagen pelos morros de Kentrow, serpenteando por intermináveis vales estreitos – barrancos cheios de pedras, essencialmente, do tipo que deixa os cavalos coxos. O tédio da trilha nunca me incomodara quando costumávamos vaguear quilômetros em busca de travessuras ou pilhagem, ou talvez ambos. Desde Thar, porém, eu achava os longos silêncios um sofrimento. Minha mente vagava por caminhos sombrios. Não sei quantas maneiras existem de colocar Katherine junto com uma faca desaparecida e um bebê morto, mas acho que devo ter considerado

a maioria delas, extensamente. Eu sabia onde a resposta estava e continuava constatando que não queria descobri-la. Pelo menos não o suficiente para abrir aquela caixa.



A sabedoria do irmão Maical reside em saber que ele não é inteligente em se deixar ser liderado. A tolice da humanidade é que nós não fazemos o mesmo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

15

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Gog teve um pesadelo nos cânions secos dos morros de Kentrow. Um sonho tão ruim que nos afugentou de lá, tropeçando sobre nossos cobertores fumegantes enquanto o fogo pingava e cuspia à nossa volta. Enquanto caçávamos os cavalos no escuro, cambaleando sobre cada pedra e arbusto, o outro lado do cânion brilhava com um calor vermelho feroz.

"Vamos encontrar um monstrinho crocante quando voltarmos lá", Rike disse, com o fogo ressaltando os ossos brutos de seu rosto em formas demoníacas.

"Nunca se queimou antes", Grumlow disse, minúsculo ao lado de Rike.

À nossa frente, mais próximo do calor que nós queríamos chegar, mais próximo do que nós *poderíamos* chegar, Gorgoth aguardava para retornar.

Sua silhueta contra o brilho tinha uma forma perturbadoramente aracnídea, com as costelas espalmadas saindo de seu flanco como pernas.
O jovem Sim voltou trazendo Brath e seu próprio pangaré. "Seria mais útil em uma viagem de inverno." Ele acenou em direção às chamas, deu de ombros e saiu com os cavalos. Sim levava jeito com cavalos. Ele fora um rapaz de estábulo a serviço de algum lorde outrora. Passou um tempo em um bordel também, quando criança, ganhando e não gastando.
Montamos um novo acampamento e esperamos para ver o que restava do anterior.
Quando voltei com Gorgoth, o céu havia começado a se perolizar. As rochas estalavam conforme esfriavam e eu podia sentir o calor pelas solas de minhas botas. Maical veio conosco. Ele parecia gostar da leucrota.
Nós encontramos Gog dormindo pacificamente em uma área enegrecida que se assemelhava a uma fogueira apagada. Iluminei o garoto com a única lanterna que nos restava. Ele apertou os olhos e depois se virou. "Desculpe incomodar." Dei uma risada e me sentei, levantando-me rapidamente com a bunda queimada.
"Ele está mudando", Gorgoth disse.
Eu também havia notado. O pontilhado vermelho e preto de sua pele havia assumido tons mais ardentes, carmesim sobre cinza, e um formato mais parecido com chamas, como se o fogo houvesse de alguma maneira se congelado em sua pele.
Nós então dormimos – nós de volta ao novo acampamento e Gorgoth com Gog nas ruínas do antigo. De manhã, eles se uniram a nós e Gog correu até o fogo do desjejum como se fosse uma novidade que ele nunca houvesse visto. As chamas enrubesceram quando ele se aproximou e a água nas panelas de Algazarra começou a ferver, mesmo sendo fresca do riacho.
"Vocês não conseguem vê-los?", ele perguntou enquanto Gorgoth o puxava de volta.
"Não", eu disse, acompanhando-os para longe do acampamento. "E é melhor você não vê-los também. Logo vamos nos encontrar com um homem que sabe tudo sobre essas coisas. Até lá, fique... frio."
Eu me sentei com eles mais para baixo do desfiladeiro. Brincamos de jogar pedras e cruzar bastões. Parece que quando se tem oito anos é possível superar qualquer coisa, pelo menos em curto prazo. Gog ria quando ganhava e sorria quando perdia. Eu não me lembro de uma vez em que brinquei para não vencer, mas não me irritei com as maneiras fáceis dele. Quando a

ambição finca seus dentes em você é difícil saber quando aproveitar o que está à sua frente.
"Bom menino." Maical passou os bastões que recolhera para Gog, um pequeno punhado em sua mão calejada. "Sonhos ruins."
Franzi a testa. Gorgoth fez um barulho.
"Todos nós demoramos a acordar...", eu disse. "Poderia ter terminado mal." Eu me lembrei de sentir o calor, o cheiro de queimado e a lenta luta para me libertar de meus próprios pesadelos.
Gorgoth e eu encontramos a resposta na mesma hora, mas ele falou primeiro: "Sageous".
Assenti lentamente assim que a compreensão do quão burro eu havia sido caiu sobre mim. Coddin estava certo: muitas mãos tentariam empunhar uma arma como Gog. Por duas vezes o bruxo dos sonhos já havia virado aquele poder contra mim. Ele pode não conseguir me matar com meus próprios sonhos, mas tinha uma boa chance com os de Gog.
"Mais razão ainda para seguir em frente." Eu podia ter dito que "a terceira vez é a que vale", mas não faz sentido atentar o destino – a menos que você tenha uma espada grande o bastante para matá-los também.

Prosseguimos após o desjejum e nos aproximamos de Remagen. Há um pequeno forte em um cume não muito distante do rio, ao sair dos morros de Kentrow. Ele oferece uma visão da estrada que leva à cidade. Nós vimos o Rima, como uma fita brilhante atrás do forte, e um sinal das torres da ponte. Kent e Maical me flanqueavam à frente de nosso bando e nos aproximamos do forte a trote, com Gog agarrado às minhas costas e Gorgoth correndo próximo. Makin e Rike trotavam atrás, rindo. Makin conseguia fazer até Rike gargalhar quando queria. Depois Grumlow e em seguida Sim e Algazarra. Suponho que possa ter sido Gorgoth que assustou os homens do forte, embora àquela distância não desse para vê-lo nitidamente. De qualquer modo, em um momento eu tinha Kent à minha direita e Maical à minha esquerda, e no momento seguinte o tordilho estava com a sela vazia.
Puxei Brath, que descreveu um pequeno círculo, e saltei rapidamente enquanto os outros continuaram, confusos. Havia de ser um tiro de sorte. Com a distância entre nós e os muros do forte, um bom arqueiro teria dificuldade de acertar uma casa usando um arco. Mas lá estava ela, uma ponta emplumada enfiada em seu pescoço, a ponta afiada vermelha e

gotejando, com trinta centímetros saindo do outro lado. Maical me olhou com uma lucidez incomum quando me ajoelhei a seu lado.
"Hora de morrer, irmão Maical." Eu não queria mentir para ele. Peguei sua mão.
Ele me observou, mantendo seus olhos nos meus enquanto os outros viravam seus cavalos e começavam a gritar.
"Rei Jorg", ele disse, porém sem som, com o sangue escorrendo dos cantos de sua boca. Ele parecia estranho com seu capacete virado para um lado e uma luz dentro dele, como se tudo que estivesse quebrado na sua vida toda houvesse sido consertado por uma simples queda do cavalo. Ele nunca me chamara de "rei" antes, como se "irmão" fosse o máximo que ele alcançasse.
"Irmão Maical", eu disse. Já perdi muitos irmãos, mas não muitos enquanto eu observava seus olhos. A força deixou sua mão. Ele tossiu sangue e seguiu seu caminho.
"O que diabos...?" Makin saltou de seu cavalo.
A ponta da flecha reluzente chamou minha atenção. Uma gota de sangue estava pendurada na ponta, com o reflexo de um bebê distorcido em sua curva. Vi uma faca vermelha e Katherine andando entre as tumbas.
"Olá, Jorg", ela dissera.
"Tá morto." Kent se ajoelhou ao lado de Maical. "Como?" A flecha estava bem clara, mas não parecia responder a pergunta.
Eu me levantei e passei pelo cavalo de Makin, pegando o escudo de cima de seus alforjes. Continuei andando. Uma frieza rastejou por mim, formigando em minhas bochechas. Peguei a balestra do nubano nas costas de Brath e verifiquei sua carga dupla.
"Jorg?" Kent se levantou.
"Vou entrar", eu disse. "Ninguém sai vivo. Entenderam? Qualquer um que me seguir, eu mato." Sem esperar por resposta segui adiante.
Caminhei por cem metros antes de outra flecha cair, bem longe à esquerda. O disparo que matou Maical há de ter sido uma exceção, sem a real esperança de atingir seu alvo. Pendurei a balestra do nubano em meu ombro. Finas amarras prendiam os dardos em suas canaletas.
Eu podia ver quatro homens nas ameias agora. Cinquenta metros adiante eles soltaram uma saraivada. Ergui o escudo. Uma flecha o acertou, com a ponta visível do meu lado, as outras bateram nas pedras.
Não era um forte grande, era mais um ponto de observação. Trinta homens o preencheriam lado a lado e parecia ter se passado muitos anos desde que ele

havia sido totalmente guarnecido.
Quando eu estava devidamente dentro do alcance, os homens na muralha encontraram sua coragem. Um guerreiro solitário se aproximava deles em um passo constante, e ele não parecia ter muito mais de dezesseis anos. Outros três se uniram a eles atrás das ameias; não eram soldados, estavam sem uniforme – eram apenas um bando desorganizado e outros mais vigiavam pela grade levadiça.
"Então vocês não vão me deixar entrar?", gritei para eles.
"Como vai seu amigo?" Um gordo gritou da muralha. Os outros riram.
"Vai bem", eu disse. "Algo assustou o cavalo dele e ele caiu. Ele vai se levantar assim que recuperar o fôlego." Espiei sobre meu escudo e arranquei a flecha dele. "Alguém quer isso de volta?" Eu me sentia completamente calmo, sereno e, ao mesmo tempo, com a sensação de alguma coisa correndo em minha direção, como uma rajada de vento através das pradarias sob um céu se escurecendo.
"Com certeza." Um dos seis atrás do portão riu e começou a girar a roda, elevando a grade aos poucos enquanto a corrente atracava em suas engrenagens. O músculo grosso de seus braços brilhava, branco através da sujeira, conforme ele se contraía.
Vi dois dos homens na muralha trocarem olhares. Acho que a flecha não era tudo que eles planejavam tirar de mim. Comecei a me aproximar para alcançar o portão assim que ele estivesse alto o suficiente para eu passar por baixo sem me curvar. O fedor do lugar, após tantas noites ao ar livre, fez meus olhos arderem.
A tempestade que corria em minha direção através de algum deserto oculto em minha mente me atingiu assim que entrei no forte. Ofereci a flecha ao homem mais próximo, um cara magro com, entre todas as coisas, um machado de executor. Ele tentou pegá-lo e eu enfiei a flecha em seu olho.
Há um momento de silêncio quando algo assim acontece, quando uma flecha se projeta de um olho reluzente e seu dono ainda não gritou. Os homens que agem quietos em tais momentos tendem a viver mais. Do grupo atrás do portão, somente um se mexeu antes de o homem gritar, mas eu me mexi mais rápido. Peguei seu pulso na hora em que ele me alcançou e empurrei o escudo de Makin contra a articulação de seu cotovelo. Com o braço dele reto, eu o girei para seu corpo acertar outro homem antes de bater a cabeça contra a parede. Os homens rápidos tendem a viver mais, mas às vezes acabam sendo os primeiros da fila a morrer.

Dei um passo para trás, quase até a grade que havia começado a cair, e sacudi a balestra do nubano em meu ombro, deixando que seu peso a balançasse para debaixo de meu braço. Ao erguê-la, puxei os dois gatilhos sem me preocupar em mirar. Ambos os dardos atingiram o mesmo homem, o que foi um pouco de desperdício, mas de todos ele era quem tinha mais armadura e a balestra do nubano fez dois grandes buracos nela.
A grade bateu no chão atrás de mim. O vento fez cócegas em meu pescoço quando ela desceu com tudo. Restavam quatro à vista. O grandão à roda do portão procurando sua espada, outro sem ferimentos se levantando do chão. Dois que podiam ser irmãos, ambos largos, com cabelos desgrenhados e dentes podres, vindo para cima de mim. Eles fizeram a escolha certa. Quando os números estão do seu lado, lute com seu inimigo antes que ele pegue seu aço.
Tomei impulso no portão, usando-o para acelerar meu ataque. A dupla diante de mim tinha a vantagem do peso, mas se você se atira com força por trás de um escudo, especialmente se você se certifica de que a borda de ferro atingirá algo útil, como a garganta, pode ter um pouco de sua própria vantagem, não importa quanto você pese.
Não havia medo em mim, apenas a necessidade de matar, apenas algo rastejando sobre mim, dentro de mim, que talvez pudesse ser lavado com bastante sangue.
Um dos dois feiosos veio sob mim, com sangue, cuspe e dentes respingando em meu rosto. O outro pairava sobre nós quando eu puxei a faca de Grumlow de minha bota.
O trabalho com a faca é um negócio violento, irmãos. Com a faca, você fatia a carne de perto, a enterra até o osso e mergulha no que sai jorrando. Os gritos estão em seu ouvido, a dor estremece através da lâmina curta. Eu podia dizer que me lembro de tudo, mas não lembro. Uma fúria me tomou, pintando o mundo de escarlate, e eu uivava enquanto matava. Tenho uma visão do momento em que deixei o pátio do portão, retirando minha espada pela primeira vez enquanto o restante da guarnição descia correndo dois lances de escadas estreitas à esquerda e à direita. Os homens que apareceram primeiro tentaram recuar, com os outros se aglomerando atrás, empurrando.
Não foi por Maical que eu matei aqueles homens, nem pela alegria da chacina, nem pela orgulhosa lenda do Rei Jorg. Como Gog, eu tenho meu próprio fogo armazenado e aceso, e em alguns dias a fagulha certa pode

fazê-lo arder além do meu controle. Talvez essa fosse a verdadeira razão de eu ter me aventurado por meia dúzia de reinos para encontrar um mago do fogo para meu monstro de estimação. Talvez eu quisesse saber que tal fogo pudesse ser contido. Que eles não precisavam matar nós dois.
Sobrevivi à minha tolice, embora catorze homens não, e caminhei, meio bêbado de cansaço, do portão mais uma vez. Os irmãos deixaram seus postos no perímetro em volta do forte e me seguiram de volta em direção aos cavalos.
"Jorg", disse Makin.
Eu me virei e eles pararam.
"Jorg, o Rubro", disse Kent, o Rubro, e bateu com a mão em seu peito.
"Jorg, o Rubro", Rike grunhiu. Ele bateu o pé.
Gorgoth bateu seu grande pé. Makin pegou sua espada e a bateu contra sua couraça. Os outros começaram a cantar. Olhei para baixo e vi que nenhuma parte de mim estava sem sangue. Eu pingava com o sangue dos outros, tão vermelho quanto Kent no dia em que o encontramos. E então soube por que ele não falava naquilo.
Fui até Maical e tirei seu machado dos arreios do tordilho. "Faremos um marco para seu túmulo", eu disse. "E colocaremos as cabeças dos homens do forte em volta para vigiá-lo." Joguei o machado para Rike. Ele o pegou e saiu para o forte sem reclamar. Pela primeira vez, acreditei que a pilhagem não estava à frente de seu pensamento.
Nós fizemos o marco. Gorgoth trouxe pedras que nenhum homem sozinho conseguiria rolar. Não sei se Maical iria querer as cabeças, ou se ele se importaria, ou se teria qualquer opinião sobre o assunto, mas, de qualquer forma, nós as colocamos como sua guarda de honra. Eu não sei o que Maical teria desejado. Nunca o conheci realmente até aqueles últimos segundos quando ele caiu, morrendo. Eu me surpreendi ao descobrir que me importava.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

16

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Há sete tonalidades que se pode extrair de um homem. Carmesim do sangue arterial, roxo das veias, verde como grama recém-cortada da bile, marrons do intestino, mas tudo isso seca em algum ponto entre a ferrugem e o alcatrão. Hora de Jorg, o Rubro, ir até um córrego e limpar-se dos vestígios dos homens do forte. Observei a sujeira deixando a água rosada.
"Então, o que foi aquilo?", Makin perguntou, chegando por trás.
"Eles atiraram em meu idiota", eu disse.
Uma pausa. Parecia que Makin sempre dava aquela pausa comigo, como se eu fosse uma incógnita para ele. "Nós lhe dissemos que ele estava morto lá

em Norwood e você não ligou a mínima", disse Makin. "Então por que agora? A verdade, Jorg."
"O que é a verdade?", perguntei, lavando o resto de sangue de minhas mãos. "Pilatos disse isso, sabia? 'O que é a verdade?'"
"Tudo bem, então não conte", Makin disse. "Mas nós precisamos atravessar aquela ponte correndo agora antes que isso se espalhe."
Eu me levantei, sacudindo a água de meu cabelo. "Estou pronto. Vamos."
Com os irmãos em suas selas e na estrada, aproveitei o momento para revisitar o marco do túmulo. A necromancia pulsou em meu peito quando me aproximei, um eco da dor quando a faca de meu pai cortou. Um eco de todos os sabores de dor que me preencheram naquele momento, apunhalado, traído, as forças se esvaindo de mim, quentes e vermelhas. Corvos saíram voando das cabeças quando cheguei mais perto. Fiquei mudo diante do monte de pedras secas, com a cabeça vazia, sem saber o que sentia. Meu olho viu os respingos de líquen amarelado, os veios de quartzo em uma grande pedra, os pingos pretos de sangue na pedra. Parecia que as cabeças me observavam, como se seus olhos bicados pelos corvos estivessem virados para mim. E então não era mais questão de "parecer". Conforme circulei lentamente o marco, cada cabeça virou o olhar para me acompanhar. Eu havia matado o primeiro homem com uma flechada no olho. O olho se contraiu quando ele tentou virá-lo em minha direção. Eu atraí o olhar do único olho com que ele podia me ver.
"Jorg", seus lábios formaram meu nome.
"Chella?", perguntei. Quem mais poderia ser? "Pensei que a tivesse enterrado bem fundo." Por um momento, eu a vi tombando sobre aquele dardo, arrastando o nubano, após eu ter atirado em ambos com a balestra dele.
O mesmo sorriso contorceu os lábios de cada homem.
"Eu a encontrarei, vadia", falei baixo. Seus ouvidos bastavam para me escutar.
As cabeças alargaram os sorrisos para exibir os dentes. Os lábios se mexeram. Pareciam dizer "Rei Morto".
Dei de ombros. "Aproveitem os corvos." E os deixei. Duvido que qualquer força que estivesse a serviço ali importunaria Maical debaixo de tanta pedra.
Nós prosseguimos, reabastecidos do forte, substituindo o que Gog havia queimado à noite. Remagen amontoava-se em torno das duas margens do

Rima, uma modesta cidade murada, com fumaça subindo de dezenas de chaminés alinhadas ao longo de ruas bem organizadas. A ponte chamou minha atenção, contudo. Eu nunca pensara em pontes como sendo graciosas antes, mas esta pendia resplandecente entre duas torres prateadas mais altas que O Assombrado, suspensas pelo que pareciam ser fios brilhosos, mas que deviam ser cabos tão grossos quanto um homem.

Meia hora depois, estávamos enfileirados nos portões da cidade, esperando nossa vez atrás de mascates, comerciantes com seus carrinhos, fazendeiros levando vacas ou transportando patos e galinhas. Guardamos nossas armas nos cavalos, fora de visão, mas ainda parecíamos um grupo perigoso. Gorgoth atraía muitos olhares, mas nada dos gritos e correrias de costume.

"Vocês devem estar com o circo", disse o fazendeiro com os patos nas gaiolas de vime. Ele balançou a cabeça como se concordasse com sua frase.

"Estamos sim", eu disse, antes que Rike pudesse resmungar. "Faço malabarismos", acrescentei, e dei-lhe um sorriso.

Os homens do portão eram do mesmo bando desorganizado que encontramos no forte. A cidade não tinha soldados, de acordo com Algazarra, apenas uma milícia avulsa, de pessoas locais, a serviço do prefeito por um ou dois meses, depois liberadas para voltarem a seus afazeres.

"Prazer em conhecer." Eu bati minhas mãos nos ombros do que deveria ser o capitão do portão em qualquer cidade decente. Sorri como se houvéssemos sido melhores amigos a vida toda. "Jorg, o Rubro, e seus artistas viajantes nos reunindo com nossos colegas do circo. Eu faço malabarismos. Você gostaria de ver?"

"Não", ele disse, tentando se desvencilhar. Uma boa resposta, principalmente porque não faço malabarismos.

"Tem certeza?", insisti, finalmente soltando-o. "Meu amigo aqui faz truques com a faca. E o Pequeno Rikey é notoriamente feio."

"Andem logo", ele disse e se virou para o funileiro atrás de nós.

Eu passei entre os guardas – "Querem ver malabares? Não?" – e atravessei os portões.

"A ponte é daquele lado", Makin disse, apontando outra vez como fez no cruzamento, como se ela não tivesse duzentos metros de altura e brilhasse no sol da manhã.

"De fato", eu disse. "Mas nós estamos com o circo." E saí para a direita, sem apontar para o pavilhão multicolorido se elevando acima dos telhados. "Eu faço malabarismos!"

Nós tivemos de começar pelos cantos para seguir caminho antes de avistarmos completamente o pavilhão. A população de Remagen havia saído às centenas, lotando as ruas em torno do circo, espalhando-se pelas tavernas e aglomerando-se nas tendas menores e barracas em volta da atração principal.
"Deve ser domingo", Sim disse, sorrindo como um menino, o que eu suponho que ele fosse, no fim das contas.
Rike foi para a frente, abrindo caminho até a grande tenda. Como Sim, ele tinha um olhar ansioso, com o tipo de brilho que aquele palhaço de brinquedo havia causado lá no Assombrado. Eu não era o único que me lembrava.
"É o Raiz-Mestra?", perguntou Makin, franzindo a testa.
Eu assenti. "Deve ser."
"Excelente", disse Kent. Ele havia pegado três pirulitos de algum lugar e estava tentando colocar todos eles na boca ao mesmo tempo.
Chegamos à entrada do pavilhão, amarrada de cima a baixo e presa com uma estaca, com a entrada menor também abaixada. Um homem e um garoto estavam sentados na poeira diante da porta, debruçados sobre um tabuleiro de madeira com marcadores pretos e brancos dispostos sobre ele em várias cavidades.
"O espetáculo só começa ao pôr do sol", o homem disse quando minha sombra caiu sobre o tabuleiro. Ele não olhou para cima.
"Você tem mancala em três lances, se jogar do buraco final e depois do buraco do olho", eu disse.
Ele olhou para cima rapidamente, levantando sua cabeça careca sobre o pescoço grossíssimo. "Por Cristo Jesus! É o pequeno Jorg!"
Ele se levantou e me tomou em seus braços, jogando-me um metro para cima antes me pegar de volta.
"Ron", eu disse. "Você costumava ser forte!"
"Seja justo." Ele sorriu. "Você dobrou de tamanho."
Dei de ombros. "A armadura pesa um pouco também. Salvou minha costela, porém!" Acenei para os outros se aproximarem. "Você se lembra do Pequeno Rikey?"
"Claro, Makin, bom te ver. Grumlow." Ron viu Gorgoth. "E quem é esse grandão?"
"Mostre a coisa a ele", disse Rike, excitado como uma criança, "mostre a coisa a ele."

"Mais tarde", Ron sorriu. "Os pesos estão todos guardados agora. Além disso, parece que seu amigo pode me tirar do ramo."
Ron ou, para lhe fazer justiça, o incrível Ronaldo, fazia o número do fortão do circo. Ele ganhou o respeito eterno de Rike pelo simples ato de levantar um peso maior do que Rike podia. É verdade que a natureza dera a Ron uma quantidade exorbitante de músculos, mas eu acho que o Pequeno Rike deve ser mais forte ainda assim. Com certeza eu apostaria em Rike em vez de Ron em uma briga de taverna. Mas com o levantamento de pesos há a pegada, o tempo e o comprometimento, e Rike fracassava onde Ron se esforçava.
"Então, onde podemos encontrar o bom doutor Raiz-Mestra?", perguntei.
Ronaldo nos conduziu através da abertura lateral, deixando o garoto, que na verdade era um anão velho o suficiente para estar grisalho, para vigiar nossos cavalos. Levei a balestra do nubano. Eu não confiava que o anão pudesse afugentar possíveis ladrões e, além disso, posso querer atirar em um ou dois palhaços de circo. Só por diversão.
Contornamos o picadeiro central, levantando serragem e observando três acrobatas praticarem seus saltos onde o sol brilhava através da abertura superior. Na parte de trás da grande tenda, divisórias de lona delimitavam vários quartos. Aqui se sentia o forte odor das jaulas dos animais e podia-se ouvir um ou dois rosnados por cima das batidas e gritos dos acrobatas.
Raiz-Mestra estava de costas para mim quando entrei atrás de Ron. Duas dançarinas estavam de pé diante dele em poses preguiçosas, entediadas e revirando os olhos.
"Observem-me!", disse Raiz-Mestra. "Quadris e peitos. Isso vende ingressos. E façam cara de quem está gostando, pelo amor de Deus. Observem-me."
Ele falava com as mãos, Raiz-Mestra, mãos com dedos longos sempre voando acima de sua cabeça.
"Estou observando", eu disse. Dizem que Raiz-Mestra pegou esse hábito de sua época no jogo dos três copos. Observem-me! E o garoto batia suas carteiras.
Ele se virou ao ouvir aquilo, com as mãos atiradas no ar. "E quem você trouxe para me ver, Ronaldo? Um belo jovem, de fato, com amigos lá fora."
Raiz-Mestra me conhecia. Raiz-Mestra nunca se esquecia de um rosto, ou um fato, ou uma fraqueza.
"Jorg, o Rubro", eu disse. "Faço malabarismos."

"Ah, faz, é?" Ele correu os dedos por sua mandíbula até a ponta de seu queixo. "E você faz malabarismos com o quê, Jorg, o Rubro?"
Eu sorri. "O que você tem?"
"Observe-me!" Ele pescou uma garrafa escura das profundezas de sua capa de muitas cores desbotadas. "Venha se sentar, traga seus irmãos se eles couberem." Ele dispensou as dançarinas com um agitar de mãos.
Raiz-Mestra recuou atrás de uma escrivaninha no canto, encontrando óculos em sua gaveta. Peguei a única outra cadeira, enquanto os outros se enfileiraram atrás de Makin.
"Suponho que você ainda faça malabarismos com vidas, Jorg", disse RaizMestra. "Embora em ambientes mais salubres hoje em dia." Ele colocou uma dose verde em cinco copos, em um só movimento, sem uma gota perdida.
"Você ouviu a respeito da mudança de minhas circunstâncias?" Eu peguei o copo. O conteúdo parecia urina, um pouco mais verde.
"Absinto. Ambrosia dos deuses", disse Raiz-Mestra. "Observem-me." E ele virou o copo com uma leve careta.
"Absinto? Isso em grego não quer dizer intragável?" Cheirei o copo.
"Dois ouros a garrafa", ele disse. "Tem de ser bom por esse preço, não?"
Dei um gole. Tinha o tipo de amargor que tira camadas de sua língua. Tossi sem querer.
"Devia ter me dito que era um príncipe, Jorg. Sempre soube que havia algo em você." Ele apontou dois dedos para seus olhos. "Observe-me."
Mais irmãos entraram. Gorgoth se abaixou sob a aba da lona, com Gog apressado à frente. Raiz-Mestra tirou o olhar de mim e balançou-se para trás em sua cadeira. "Agora esses dois camaradas eu poderia empregar", ele disse. "Mesmo que eles não façam malabarismos." Ele acenou para os três copos extras. "Sirvam-se, senhores."
Há uma ordem hierárquica na estrada e é bom saber como ela funciona. Na superfície, o negócio de Raiz-Mestra podia ser serragem e cambalhotas, dançarinas e ursos dançantes, mas ele lidava com mais do que entretenimento. Doutor Raiz-Mestra gostava de saber das coisas.
Um instante se passou. A maioria não perceberia, mas não Raiz-Mestra. Foi o suficiente para que os irmãos soubessem que Makin não estava interessado. Rike pegou o primeiro copo, Kent o seguinte, outro instante, e depois Algazarra tomou o último. Algazarra engoliu o dele e lambeu os lábios. Ele poderia beber ácido sem reclamar.

"Ron, por que você não leva Rike e Gorgoth e lhes mostra o negócio do barril?", perguntei.
Rike tragou sua bebida, fez uma cara azeda e acompanhou Ron, com as leucrotas em seguida, Gog por último.
"O restante de vocês pode se perder também. Vejam se não conseguem aprender truques novos no picadeiro." Dei outro gole. Ainda seria horrível mesmo que custasse vinte ouros a garrafa.
"Makin, talvez você pudesse descobrir algo sobre aquela bela ponte para nós", eu disse.
E eles saíram em fila, deixando nós dois, eu e Raiz-Mestra, observando um ao outro do outro lado da escrivaninha sob o fraco brilho do sol através da lona.
"Um príncipe, Jorg? Observe-me!" Raiz-Mestra sorriu, mostrando os dentes em seu rosto fino. "E agora um rei?"
"Eu teria entalhado um trono para mim, não importa a mulher da qual eu saí", respondi. "Se eu fosse filho de carpinteiro, nascido no estábulo, eu o teria entalhado."
"Não duvido." Novamente o sorriso, aquela mistura de cordialidade e cálculo. "Lembra-se dos tempos que passamos juntos, Jorg?"
Eu me lembrava. Dias felizes são raros na estrada. Os dias que viajamos com a trupe do circo haviam sido de ouro para um menino rebelde de doze anos.
"Conte-me sobre o Príncipe de Arrow", eu disse.
"Um grande homem, sob todos os aspectos", disse Raiz-Mestra. Ele fez um campanário com os dedos e o pressionou a seus lábios.
"E sob os seus aspectos?", perguntei. "Não me diga que você não conheceu o homem."
"Conheci todo mundo, Jorg", ele disse. "Você sabe disso. Observe-me."
Eu nunca sabia se gostava de Raiz-Mestra.
"Conheci até seu pai", ele disse.
Raramente fico inseguro em tais questões, mas Raiz-Mestra, com seus "observe-me" e suas mãos falantes, com sua vida toda sendo um espetáculo e seus segredos? É difícil conhecer um homem que sabe demais. "O Príncipe de Arrow", eu disse.
"Ele é um bom homem", Raiz-Mestra disse por fim. "Ele acredita no que diz e o que ele diz é bom."
"O mundo come homens bons no café da manhã", eu disse.

"Talvez." Raiz-Mestra deu de ombros. "Mas o príncipe é um pensador, um planejador. E ele tem recursos. Os clãs banqueiros da Florentina o adoram. A paz é um bom negócio. Ele está definindo suas peças. As Fenlands renderam-se a ele antes do inverno chegar. Ele acrescentará mais tronos às suas contas em breve. Observe-me. Ele estará diante dos seus portões em alguns anos se ninguém o impedir. E dos portões de seu pai."
"Deixe que ele vá a Ancrath primeiro", eu disse. Eu me perguntei o que meu pai acharia desse "bom homem".
"O irmão dele", disse Raiz-Mestra, "Egan?"
Raiz-Mestra sabia, ele só queria saber se eu sabia. Eu apenas o observava. Afinal, era isso que ele me dizia para fazer.
"O irmão dele é um assassino. Um espadachim como as lendas contam, e cruel com sua espada. Um ano mais novo que Orrin – e sempre será, graças a Deus. Mais absinto?"
"E quanto apoio há para o Bom Príncipe entre a Centena?" Dispensei a garrafa com um aceno. É preciso estar de cabeça limpa com Raiz-Mestra.
"Bem, eles todos o matariam por meio florim", Raiz-Mestra disse.
"Claro."
"Mas ele é misericordioso e isso pode ser uma coisa poderosa." RaizMestra apertou o peito como se imaginasse um pouco daquela misericórdia para si.
"Não há um lorde por aí que não saiba que se abrisse seus portões a Arrow ele manteria sua cabeça e a maior parte do que estivesse atrás dos portões também. No próximo Congresso, os amigos poderiam votar nele para o trono do Império. E, se continuar do jeito que está, ele poderia se eleger para o trono daqui a dois Congressos."
"É uma manobra inteligente", eu disse. Misericórdia como arma.
"Mais que isso, observe-me." Raiz-Mestra deu um gole e passou a língua sobre seus dentes. "É quem ele é. E ele não precisará mais de muitas vitórias até que mais portões estejam abertos a ele do que fechados." Olhou para mim então, sombrio e perspicaz. "Como ficarão seus portões, Jorg de Ancrath?"
"Vamos ver, não é?" Eu passei um dedo molhado em volta da borda do copo e o fiz cantar. "Mas eu sou um pouco jovem para desistir da ambição, né?" Além disso, às vezes um portão aberto significa apenas que você preferia que *eles* saíssem andando. "E quanto aos outros?", perguntei.
"Outros?" A expressão inocente de Raiz-Mestra era uma obra de arte, aperfeiçoada ao longo dos anos.

Eu o observei. Raiz-Mestra manteve sua inocência congelando mais um instante. Cocei a orelha e o observei.
"Ah... os outros." Ele deu um rápido sorriso. "Há apoio para Orrin lá. Ele é predestinado, o Príncipe de Arrow. Profecia em abundância. Demais para os sábios ignorarem. A Irmã Silenciosa está obviamente..."
"Silenciosa?", perguntei.
"Mesmo assim. Mas outros estão interessados. Sageous, Lady Blue, Luntar de Thar, até Skilfar." Ele me analisou ao falar cada nome, sabendo no mesmo instante se eu os conhecia. Mudei muito pouco meu rosto nessas horas, mas um homem como Raiz-Mestra precisa de menos que pouco para saber o que você está pensando.
"Skilfar?" Ele já sabia que eu não sabia.
"Bruxo do gelo", disse Raiz-Mestra. "Joga os jarls uns contra os outros. Há muitos olhos nesse Príncipe de Arrow, Jorg. Sua estrela ainda não subiu, mas esteja certo de que ela está ascendente! Quem sabe quão alta e quão brilhante ela poderá ser quando o Congresso chegar?"
Se alguém sabia, seria o mestre do circo à minha frente. Revirei as palavras de Raiz-Mestra em minha mente. O próximo Congresso seria em dois anos, e quatro anos antes do que viria em seguida. Como senhor de Renar eu tinha minha vaga reservada, um único voto à mão, e a Guarda Gilden me acompanharia até Vyene. Eu não conseguia ver a Centena elegendo um imperador para se sentar acima deles, porém. Nem mesmo Orrin de Arrow. Se eu fosse, se deixasse a Guarda Gilden me arrastar por oitocentos quilômetros para jogar meu voto no pote, eu votaria em mim.
"Sinto muito por Kashta", disse Raiz-Mestra. Ele encheu o copo e o ergueu.
"Quem?"
Raiz-Mestra abaixou o olhar para a balestra do meu lado. "O nubano."
"Ah." Raiz-Mestra sabia das coisas. Kashta. Eu o deixei encher meu copo outra vez e nós bebemos ao nubano.
"Outro bom homem", disse Raiz-Mestra. "Eu gostava dele."
"Você gosta de todo o mundo, Raiz-Mestra", eu disse. Lambi os lábios. "Mas ele era um bom homem. Estou levando os monstros a Heimrift. Conteme sobre o mago de lá."
"Ferrakind", disse Raiz-Mestra. "Um homem perigoso, observe-me! Já tive piromantes que treinaram com ele. Não mágicos, não muito mais do que engolidores de fogo, cuspidores de chama, dá para fazer a mesma coisa com isso e uma vela." Ele ergueu seu copo novamente. "Homens de fumaça e

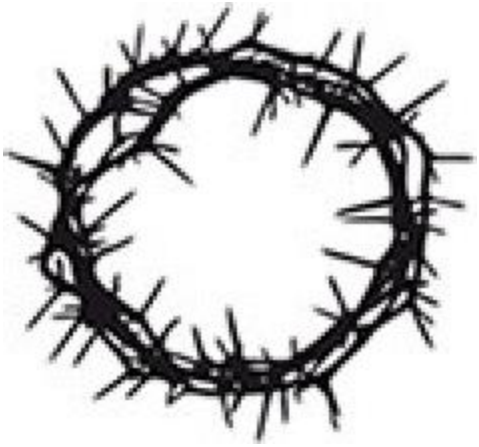
faísca. Acho que ele não deixa os bons saírem. Mas todos os que eu tive tinham pavor do homem. Você podia acabar com qualquer discussão com eles apenas dizendo o nome dele. Ele é autêntico. Jurado pelo fogo."
"Jurado pelo fogo?", perguntei.
"O fogo está nele. No final, irá consumi-lo. Ele era um jogador. Você sabe do que estou falando, um jogador de homens e tronos. Mas o fogo tomou demais dele e nós não o interessamos mais."
"Quero a ajuda dele", eu disse.
"E essa é sua oferta?" Raiz-Mestra tamborilou seu pulso. Eu não o vira sequer olhar para meu relógio, mas ele parecia saber tudo sobre ele.
"Talvez. O que mais pode interessá-lo?", perguntei.
Raiz-Mestra contraiu os lábios. "Ele gosta de rubis. Mas acho que preferirá sua criança com estampa de fogo. Ele pode querer ficar com ela, Jorg."
"Eu também posso querer ficar com ela", disse.
"Ficando mole com a idade, Jorg?", perguntou Raiz-Mestra. "Observe-me! Eu conheci um menino de doze anos duro feito um prego e duas vezes mais afiado. Talvez você devesse deixar os monstros comigo. Dá para tirar um bom sustento na tenda das aberrações."
Eu me levantei. Peguei a balestra do nubano. "Kashta, é?"
"Ainda assim", disse Raiz-Mestra.
"Tenho que ir, doutor", eu disse. "Tenho uma ponte para cruzar."
"Fique", ele disse. "Aprenda a fazer malabarismos."
"Vou dar mais uma olhada, pelos velhos tempos", eu disse.
Raiz-Mestra levantou as mãos. "Um rei sabe o que pensa."
E eu saí.
"Boa caçada", ele disse às minhas costas.
Eu me perguntei se ele havia tirado o bastante de mim para vender com lucro. Eu me perguntei o que alguns homens conseguem guardar entre os ouvidos.
Passei pelas dançarinas. Elas não foram longe.
"Lembra-se de mim, Jorg?" Cherri sorriu. A outra fez uma pose. As duas seguiram o conselho de Raiz-Mestra. Quadris e peitos.
"Claro que lembro." Ensaiei uma reverência. "Mas, infelizmente, damas, não estou aqui para dançar."
De Cherri eu me lembrava, flexível e empinada, com os cabelos clareados com limão e enrolados em pinças quentes toda manhã, nariz arrebitado e olhos malvados. As duas se aproximaram de mim, meio brincalhonas, meio

sérias, as mãos vagueando, a respiração quente e o movimento giratório da pélvis que significa desejo. De sua amiga, de cabelos escuros, pele clara e esculpida pela fantasia, eu não me lembrava, mas gostaria.
"Vem brincar?", a amiga murmurou. Ela sentia o cheiro de dinheiro. Às vezes, porém, as razões não importam.
É difícil deixar passar uma oferta como aquela quando se é jovem e cheio de energia, mas catorze cabeças em volta de um marco de pedra me diziam para seguir em frente, e eu havia pegado o que precisava aqui, quase.
Eu as deixei e passei por uma saída atrás da tenda. Em uma clareira à esquerda, vi Thomas engolindo uma espada, observado por um bando de pivetes do circo. Ele nem precisava treinar, mas assim era Thomas, agradando as multidões. Uma raça estranha, os ciganos e os artistas, precisando viver no picadeiro, somente vivos quando maquiados. Juro que alguns deles definhariam e morreriam se ficassem uma semana sem aplauso.
Burburinhos das jaulas me atraíram. Uma pilha delas no lado leste do acampamento onde o vento levava um pouco do fedor embora. Eles ainda tinham os dois ursos de que me lembrava, andando loucamente em círculos pequenos, com o pelo sem brilho e desgrenhado, as argolas de bronze no nariz, grandes o bastante para passar um braço. A enorme tartaruga – RaizMestra alegava que o bicho tinha duzentos anos – parada feito estátua e tão interessante quanto uma grande pedra, sem jaula, mas acorrentada a uma estaca. A cabra de duas cabeças era uma nova aquisição, uma coisa de aparência doentia, que devia ter nascido morta, mas era mais saudável que qualquer um poderia esperar. Vez ou outra as cabeças se viam e se assustavam como se surpresas.
"Vê alguma coisa que gosta?" Uma voz suave atrás de mim.
"Agora vejo." Eu me virei para encará-la. Ela estava bonita.
"Jorg", disse Serra. "Meu doce Jorg. Um rei, nada menos."
Dei de ombros. "Eu nunca soube quando parar."
Ela sorriu. "Não." Sombria e deliciosa.
"Vi Thomas ali atrás, se exibindo", eu disse.
Serra fez um bico à menção de seu marido. "Sempre me impressiona o quanto as pessoas querem ver aquilo."
"É por isso que o circo continua se movendo", eu disse. "Tudo perde a graça rápido. Engolir espadas e cuspir fogo são maravilhas por uma noite ou duas..."
"E eu perdi a graça rápido, Rei Jorg das Terras Altas?", ela perguntou.

"Nunca", eu disse. Se os pecados da carne perdiam a graça, eu não queria nunca ter idade suficiente para saber. "Não encontrei uma garota que se comparasse."
"Garota" pode ter sido exagero, mas ela era uns dez anos mais nova que Thomas, e quem melhor do que uma contorcionista de circo para dar a um garoto as primeiras lições sobre carnalidade?
Serra deu um passo mais perto, com o xale apertado em seus ombros contra o frio da brisa. Ela se movia daquela maneira fluida que faz cada espectador se lembrar que ela consegue cruzar os tornozelos atrás da cabeça. Mesmo assim, em suas bochechas, aqui e ali, o pó branco se rachava e em volta de seus olhos a luz cruel da manhã encontrava várias pequenas rugas. Ela ainda usava fitas e cachos, mas agora pareciam errados nela e um ou dois fios prateados riscavam o negrume do seu cabelo.
"Quantos aposentos seu palácio tem, Jorg?" Havia uma rouquidão em sua voz. Uma insinuação de algo desesperado no fundo de seu sorriso.
"Muitos", eu disse. "Quase todos frios, pedregosos e úmidos." Não queria que ela começasse a implorar e maculasse minhas memórias douradas. Eu não sabia o que fora procurar no acampamento do circo; as histórias de Raiz-Mestra, com certeza, mas não agora, não aqui nessa realidade bagunçada atrás da máscara do picadeiro. Eu não sabia por que fora, mas não foi por isso, não por Serra mostrando sua idade e sua necessidade.
Um momento de silêncio e então veio um rosnado, profundo e gutural demais para um urso, como uma lixa grossa passando por madeira.
"Mas o qu..."
"Leão", disse Serra. Ela rodopiou, se animando, e pegou minha mão. "Viu?"
E virando a esquina, ao pé da pilha de jaulas, doutor Raiz-Mestra realmente tinha um leão. Ergui a balestra do nubano para ver o trabalho no ferro em torno do gatilho. A fera na jaula pode estar um pouco surrada, exibindo muitas costelas, mas sua juba suja lembrava aquela que emoldurava a cabeça rosnando na arma do nubano.
"Que coisa", eu disse. O nubano havia contado que em sua juventude andou por pradarias quentes onde leões caçavam em bandos. Mesmo que o nubano nunca mentisse, eu acreditei mais ou menos nele. "Que coisa." As palavras fugiram de mim dessa vez.
"Ele se chama Macedônio", disse Serra, inclinando-se para mim. "A plateia o adora."

"O que mais Raiz-Mestra tem nas jaulas? Eu espero que um grifo, depois um unicórnio e um dragão, um conjunto heráldico completo!"
"Bobo", ela riu. Velha ou não, aquela sua mágica havia começado a funcionar comigo. "Dragões não existem." A contração de um sorriso em seus lábios pintados, sua boca pequena e merecedora de beijos.
Eu voltei a mim – o circo estava cheio de distrações, demais. Distrações que eu queria examinar completa e detalhadamente. Mas eu tinha fantasmas em meu encalço e Gog estava prestes a entrar em combustão a qualquer momento...
"Ele parece faminto", eu disse. "O circo não pode alimentar sua atração principal?"
"Ele não come", respondeu Serra. "Raiz-Mestra está arrancando os cabelos com isso. Não sabe quanto tempo ele vai durar."
O leão nos observava, sentado como uma esfinge com suas pesadas patas jogadas na palha à sua frente. Olhei para seus enormes olhos cor de âmbar e imaginei o que ele via. Provavelmente um pedaço de carne sobre duas pernas que não foram feitas para correr.
"Ele quer caçar", eu disse.
"Nós damos carne a ele", disse Serra. "Ron corta pedaços grandes de vaca, ainda sangrando. Ele mal os cheira."
"Ele precisa pegá-la", eu disse. "Não recebê-la."
"Isso é bobagem." Os dedos dela percorreram os meus, começando um incêndio.
"Está na natureza dele." Olhei para o outro lado. Acho que não conseguiria ganhar uma competição de olho no olho com Macedônio nem se tivesse tempo de tentar.
"Vocês deviam deixá-lo ir", eu disse.
Serra riu, com uma nota desconfortavelmente estridente. "E o que ele caçaria? Nós devíamos deixá-lo comer crianças?"
Um grito distante me salvou de responder. Um grito distante e uma labareda alcançando além do alto das tendas. Uma fogueira apagada nas proximidades se acendeu repentinamente. A chama ardeu, sugou como se tomasse fôlego e se tornou um pequeno homem todo feito de fogo, um homúnculo da altura de uma galinha. Ele deu uma olhada em volta por um instante e em seguida disparou na direção do grito, deixando a fogueira preta e fumegante e um rastro de pegadas carbonizadas atrás dela.

Serra abriu a boca, prestes a gritar, mas decidiu não fazê-lo e saiu atrás do homem-chama.
Meu olhar se voltou para o leão, que parecia completamente indiferente à agitação.
"Você acha que Raiz-Mestra ainda vai querer Gog em seu show de horrores agora?", perguntei.
O leão não respondeu, apenas me observou com aqueles olhos cor de âmbar.
Os leões sobre os quais o nubano havia me contado eram feras magníficas, senhores das planícies. Ele entendia por que homens que nunca haviam visto um podiam lutar sob sua imagem em uma bandeira. Quando ele falava de leões em noites frias, acampado ao lado da estrada, jurei que andaria pelas mesmas planícies castigadas pelo sol e os veria pessoalmente. Eu não os havia imaginado enjaulados, sarnentos, cheios de pulgas ao lado de uma cabra de duas cabeças.
Um único pino prendia a porta da jaula, fixado apenas por um arame retorcido.
Eu havia puxado um único pino para libertar o nubano anos atrás, mundos atrás. Eu puxei um pino e ele levou duas vidas no mesmo instante.
Aquele Jorg teria puxado este pino também. Aquele Jorg teria puxado este pino sem pensar por um momento nas crianças aglomeradas em volta de um engolidor de espadas, na subsistência de dançarinas e acrobatas, nos habitantes da cidade ou na vingança de Raiz-Mestra. Mas eu não sou ele. Eu não sou ele porque nós morremos um pouco todo dia e gradualmente nascemos outra vez, homens diferentes, homens mais velhos com as mesmas roupas, com as mesmas cicatrizes.
Eu não me esqueci das crianças, nem das dançarinas, nem dos acrobatas. Mas puxei o pino. Porque está em minha natureza.
"Por Kashta", eu disse.
Eu abri a porta e fui embora. O leão ficaria ou sairia, caçaria ou morreria, não importava, mas pelo menos poderia escolher. Quanto a mim, eu tinha uma ponte a cruzar.
Fui atrás de Serra para ver que estragos Gog havia causado.



O irmão Sim tem a aparência agradável o bastante, um pouco bonito, um pouco delicado, porém forte. Debaixo dos corantes seu cabelo é de um loiro que toma sol, sob as drogas seus olhos são azuis, sob o céu eu não conheço ninguém mais reservado em suas maneiras, mais secreto em suas opiniões, mais mortal em um momento de silêncio.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

17

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Quando se viaja ao norte, além do Rio Rima, você entra nas Terras Dane, aquelas regiões ainda não reivindicadas junto ao mar onde os vikings de outrora desembarcaram para conquistar e em seguida se estabelecer entre as pessoas que se curvaram perante o machado. Há poucos nativos de Dane que não aleguem ter sangue viking, mas é somente quando o mar bloqueia seu caminho que tais alegações adquirem peso e você começa a se sentir realmente entre os homens do norte selvagem e congelado.

Nós cruzamos a ponte de Remagen conduzindo nossos cavalos, pois em alguns lugares a trama de metal do chão tinha buracos abertos, alguns da espessura de uma lança, alguns largos o bastante para engolir um homem. Em nenhum lugar a ferrugem havia tomado conta do metal prateado e o que havia feito os buracos ninguém sabia. Eu me lembrei do camponês em sua casa de lápides perto do Perechaise, incapaz de ler uma única inscrição nelas. Eu não devia ter rido. Vivemos em um mundo feito das lápides dos Construtores e não sabemos ler quase nenhuma das mensagens que elas trazem – e mesmo estas nós mal entendemos.

Deixamos Remagen sem problemas e cavalgamos rápido em direção ao norte para que os problemas não nos alcançassem, caso estivessem nos seguindo. Fazendas, florestas, vilas intocadas pela guerra, terra boa para atravessar com o sol em suas costas. Aquilo me lembrou Ancrath, casas douradas de colmo, pomares florescentes, tudo tão frágil, tão fácil de apagar.
"Obrigado por não queimar tanto do circo, Gog", eu disse.
"Sinto muito pelo fogo, Jorg", disse Gog atrás de mim.
"Não causou nenhum grande dano", eu disse. "Além disso, as histórias que eles contarem sobre o que aconteceu atrairão mais pessoas ao espetáculo."
"Você viu os homenzinhos?", Gog perguntou.
"Os anões?", perguntei.
Suas garras se apertaram. "Meus homenzinhos, da fogueira."
"Eu vi", respondi. "Parecia que eles estavam tentando puxar você para dentro."
"Gorgoth os impediu", disse Gog. Eu não sabia se ele estava feliz ou triste por isso.
"Você não devia ir", eu disse. "Você precisa aprender mais. Saber como ficar seguro. Saber que pode voltar. É por isso que vamos a Ferrakind. Ele pode lhe ensinar essas coisas."
"Eu acho que já o vi", disse Gog. A princípio, achei que não havia ouvido direito por cima das batidas e barulhos dos cascos.
"Eu consigo olhar para dentro de um fogo e para fora de outro", disse Gog. "Todo tipo de coisas." Ele riu com aquilo e por um momento soou como William, rindo na manhã em que entramos naquela carruagem.
"E *ele* viu *você?"*, perguntei.
Eu o percebi assentir em minhas costas.

"É melhor continuarmos então", eu disse. "Não há como se esconder dele agora. Melhor descobrir o que ele tem a dizer."
Prosseguimos e a chuva começou a cair, o tipo de chuva que vem e vai na primavera, fria e repentina, deixando o mundo arejado, mais fresco. Heimrift fica em Danelore, uma viagem difícil das terras do Rima. Nós fomos em boa velocidade e seguimos o ritmo da estação, pegos em uma onda incessante de despertar, como se carregássemos o mês de maio conosco. Gorgoth corria a meu lado frequentemente, incansável, socando a estrada com grandes pés que quase pareciam cascos. Ele falava tão raramente que fazia com que você quisesse que ele falasse, como se por guardar cada palavra ele as tornasse preciosas. Achei seus pensamentos profundos, embora ele nunca houvesse lido um livro ou aprendido seu conteúdo com alguém.
"Por que você pergunta tanto?", ele quis saber certa vez, com os braços socando para frente e para trás como a grande máquina em York conforme ele corria.
"A vida não examinada não vale a pena ser vivida", respondi.
"Sócrates?"
"Como diabos você sabe disso?", perguntei.
"Jane", ele disse.
Eu grunhi. Ela poderia ter saído dos salões escuros das leucrotas, aquela criança, mesmo sem dar um passo das cavernas de entrada. Eu havia trilhado alguns dos caminhos que ela trilhou, e os caminhos da mente podem levá-lo a qualquer lugar.
"Quem era ela para você, afinal?", eu perguntei.
"Minha irmã mais velha", ele disse. "Só dois de nós sobrevivemos da linhagem de minha mãe. O resto", ele olhou para Gog, "forte demais."
"Ela também foi jurada pelo fogo?" Eu me lembrei do fogo-fátuo dançando diante dela.
"Jurada pelo fogo, pela luz, pela mente." Os olhos de Gorgoth se estreitaram em fendas enquanto ele me observava. Jane morrera por causa de meus atos, por minha causa, porque eu não me importava se ela viveria ou não. O Monte Honas havia caído sobre Jane e a necromante. A pessoa errada sobreviveu. Chella ainda me pagaria pelo nubano e os outros irmãos, mas nem mesmo minha sede de vingança me faria escavar os escombros ardentes de Gelleth à procura dela tão cedo.

"Maldição!" De repente me ocorreu que eu devia ter perguntado a RaizMestra sobre o Rei Morto. A agitação do circo havia feito eu me esquecer dele de alguma maneira. Já que mais de uma dúzia de cabeças decepadas haviam murmurado o nome do Rei Morto para mim, é um tributo ao poder da serragem e da maquiagem que elas pudessem fazê-lo.
Gorgoth virou a cabeça mas não perguntou.
"Quem é o Rei Morto?", eu lhe perguntei. Gorgoth havia lidado bastante com necromantes. Quem melhor do que necromantes para saber a respeito de alguém que fala através de cadáveres?
"Quem ele é eu não sei." Gorgoth falou no ritmo de sua corrida. "Eu posso lhe contar um pouco do *que* ele é."
"Sim?"
"Um novo poder, surgido nos lugares secos além do véu, nas terras mortas. Ele fala àqueles que extraem suas forças dali."
"Ele falou à Chella?", perguntei.
"A todos os necromantes." Um aceno de cabeça. "Eles não queriam escutar, mas ele os forçou."
"Como?" Chella me pareceu uma pessoa difícil de coagir.
"Medo."
Eu me recostei à sela e ruminei sobre aquilo. Gorgoth corria em silêncio, correspondendo ao trote de Brath, e por um tempo muito longo achei que ele não falaria mais. Mas então disse: "O Rei Morto fala a todos que chegam além da morte".
"Então o que eu devo fazer quando ele falar comigo?"
"Correr."
A irmã de Gorgoth uma vez me dera o mesmo conselho. Decidi acatá-lo dessa vez.

Avançamos bem e toda noite eu lutava com Makin, aprendendo com cada virada e ocasionalmente ensinando a ele um novo truque. Eu lhe ensinei um novo truque no primeiro dia em que o conheci, treinando escudeiros no Castelo Alto. Desde então, contudo, o processo havia sido lentamente revertido. Em algum ponto, Makin se transformara de meu salvador, enviado por meu pai para me resgatar, em meu seguidor, e desde que decidira seguir meu comando ele me ensinava. Não com livros e tabelas, como o tutor

Lundist, mas daquela maneira sorrateira e indireta que o nubano tinha, do tipo que prende seu interesse e o transforma lentamente pelo exemplo.

Quatro dias após sairmos de Remagen, uma tempestade nos encontrou nas planícies, um aguaceiro feroz e frio carregando toda a crueldade que a primavera pôde reunir. Açoitados pela chuva, nós encontramos o caminho para Endless, a cidade perpétua, por trilhas que viraram córregos inflados. Algum fidalgote sem dúvida chamava Endless de sua, mas seria ótimo se os homens que porventura vigiassem a cidade estivessem ocupados com outras coisas. Nós passamos ruidosamente e sem oposição pela rua principal de paralelepípedos e encontramos um estábulo sob o brilho de uma única lanterna atrás da torrente jorrando de seu beiral. O zelador do estábulo permitiu que Gog e Gorgoth ficassem com os cavalos. Levar a dupla entre a boa gente de Endless seria um convite à carnificina.
"Nós sairemos daqui ao amanhecer", eu disse ao zelador, um cara esguio, bexigoso, mas somente de um lado, como se a varíola não houvesse encontrado apoio em seu lado direito. "Se eu voltar e encontrar curiosos aqui olhando para meus monstros mando o grandão arrancar suas pernas. Entendeu?"
Ele entendeu.
Tiramos nossas capas ensopadas em alguma taverna sem nome e nos sentamos diante de uma lareira fria enquanto uma servente pegava nossas cervejas. O lugar estava abarrotado com corpos molhados e suados, lenhadores em sua maioria, alguns bêbados e fedorentos, outros apenas fedorentos. Nós atraímos olhares, vários hostis, mas nenhum que durasse muito tempo quando oferecido de volta.
Sim estava com sua harpa, uma coisa surrada porém de qualidade, fruto de certo roubo ocorrido em uma casa muito rica. Ele a tirou de seu alforje e a desembrulhou com o tipo de cuidado que normalmente reservava para armas. Quando nossas bebidas chegaram, começou a dedilhar uma canção nela. Ele tinha dedos rápidos, rápidos e espertos, e as notas rolavam rápido o bastante para fazer um rio.
Quando eu saí para ir para a cama, na pousada do outro lado da estrada, a tempestade havia passado. Sim e Makin estavam com metade dos presentes berrando "Dez Reis", e a voz de Sim, aguda e límpida, me acompanhou até a saída, erguendo-se no refrão mais profundo e sobre o barítono entusiasmado

de Makin. Trechos de "A Dama Superficial" entraram pela janela conforme eu me acotovelava rastejando sob as cobertas e espantava os insetos. Pelo menos estava seco. Eu caí no sono aos sons distantes do nonsense burlesco "Merican Pie".
Eu acordei bem mais tarde nas horas silenciosas e mortas da noite, ainda envolvido pela música, embora tudo estivesse quieto, exceto pelos roncos dos irmãos.
Chevy levy was dry.
O luar entrou pelo quarto e me apresentou duas figuras paradas à porta, uma apoiada na outra. Makin parou para fechar a porta atrás de si. O jovem Sim mancou adiante, com algo estranho em seu jeito de andar.
"Problemas?" Eu me sentei, com a cerveja ainda rodando dentro de mim.
My, my, missamerican pie.
Por que dois bêbados cambaleando significavam problema eu não sabia dizer, mas sabia que problema era o que tínhamos.
Makin se virou, puxando de lado a tampa da lamparina que trouxera consigo. "Eu o encontrei na rua", ele disse. "Deixei-o uma hora atrás com cinco habitantes, os últimos da taverna."
Sim olhou para cima. Eles haviam lhe dado uma bela de uma surra, os lábios rachados e inchados, metade de um dente quebrado, um olho cheio de sangue. Pelo jeito que andava, imaginei que ele mijaria rosa durante uma semana. Na verdade, a maneira como se movia insinuava que sofrera outros tipos de danos.
"Eles levaram minha harpa, irmão." Ele abriu as mãos vazias. Fazia muito tempo que Sim não me chamava de irmão. Eu me perguntei o que mais eles levaram.
Chutei a cabeça de Rike. "Acordem!" Kent e Grumlow já estavam se levantando do chão. "Levantem-se", eu disse novamente.
"Problemas?", perguntou Kent, ecoando minha própria pergunta. Ele se sentou quieto no escuro, com o luar fazendo buracos negros em seus olhos. Sempre pronto para problemas esse Kent, o Rubro, embora nunca os procurasse.
Grumlow ficou de pé rapidamente e pegou o braço de Sim. O garoto recuou, mas Grumlow segurou mais firme e o levou até a janela. "Traga a lamparina, Makin, alguns pontos são necessários aqui."
"Eles eram cinco?", perguntei.
Sim assentiu ao passar por mim.

"Não posso deixar isso assim", eu disse.
Makin deixou a lanterna cair alguns centímetros com aquilo. "Jorg..."
"Eles levaram a harpa", eu disse. "Isso é um insulto à irmandade." Eu deixei o orgulho da irmandade levar a ofensa: seria uma vergonha para Sim que fosse por ele.
Makin deu de ombros. "Sim cortou pelo menos um deles. Há um rastro de sangue na rua."
"Eles estavam armados?", perguntei. Conhece teus inimigos.
Makin balançou a cabeça. "Facas. Provavelmente têm seus machados de lenha na mão a essa altura. Ah, e o baixinho tinha um arco. Gosta de caçar de vez em quando, ele disse."
My, my.
Eu joguei minha trouxa de cobertores em Rike e fui em direção à porta.
"Vamos logo então. Você também, irmão Sim, você vai querer ver isso."
Eu deixei Rike ir primeiro para a rua e fui atrás, observando as janelas escuras, as linhas dos telhados. Makin encontrou o rastro de gotas de sangue de novo, preto à luz fria da lua, e nós o seguimos, passando a igreja, passando o poço, ao longo do beco entre o curtume e os estábulos, com o burburinho do ronco de Gorgoth lá dentro mais alto que os bufos dos cavalos. Passamos um armazém, um muro baixo e seguimos pelo pasto irregular entre a cidade e a floresta. Nós nos reunimos de costas para um celeiro, a última construção antes de as matas dominarem. Ninguém precisou ser avisado – se seu inimigo tem um arco, você mantém uma construção às costas e não deixa que a luz marque sua silhueta.
"Eles estão na floresta", disse Grumlow.
"Não devem estar longe." Makin colocou a lanterna de lado, com a luz escondida.
"Por que não?", perguntou Grumlow, com os olhos na linha escura de árvores.
"A lua não chega lá. Não é um lugar para se andar às cegas." Eu levantei a voz o suficiente para os homens na floresta. "Por que vocês não saem? Nós só queremos conversar."
Uma flecha se fincou na parede do celeiro metros acima da minha cabeça e risadas se seguiram. "Mande sua namorada vir atrás de nós se ela quiser mais."
Grumlow deu um passo para frente com aquilo, mas não era burro o bastante para dar outro. Rike, por outro lado, deu dois e teria dado mais se eu não

tivesse latido seu nome. Foi o irmão verdadeiro de Rike, Price, que tirara o jovem Sim daquele bordel em Belpan muito tempo atrás. Por que ele havia escolhido uma criança para salvar e chacinado violentamente o restante, junto com as putas crescidas e seu mestre, nenhum dos irmãos jamais pôde me dizer, mas parecia importar para Rike que ele havia feito isso. E lá estava a prova, se fosse preciso, de que embora Deus possa moldar a argila e fazer alguns de nós vigorosos, alguns fortes, alguns bonitos, do lado de dentro somos nós que nos fazemos, de coisas bobas, quebráveis, coisas frágeis: os espinhos, aquele cachorro, a esperança de que Katherine possa me tornar melhor do que eu sou. Até os desejos brutos de Rike nasceram de perdas de que ele provavelmente se lembrava apenas em sonhos. Todos nós fragmentados, colagens desajeitadas de experiências bem amarradas para apresentar um rosto defensável para o mundo. E o que nos torna humanos é que às vezes nós estouramos. E naquele momento de alívio nós estamos mais próximos dos deuses que pensamos. Eu disse não a Rike, mas não havia parte de mim que não quisesse atacar aquelas florestas.

"Vamos ter que esperar até de manhã", disse Makin.

Eu não queria admitir, mas ele estava certo. Eu teria deixado daquele jeito, a não ser por Gorgoth chegando pelo beco ao lado do celeiro. Uma mistura estranha de esperto e estúpido, aquele ali. Ele era um bom alvo com a lua brilhante atrás dele, bem grande. Eu ouvi o chiado de uma flecha e depois o grunhido profundo dele.

"Aqui, idiota!" Eu gritei e ele se arrastou até meu lado, com Gog galopando ao redor de suas pernas. Makin levantou a lanterna, mas eu o impedi de abrir a tampa. "Ele não está morto. Ele pode esperar."

"Precisa de mais que uma flecha", murmurou Rike.

Mesmo assim a luz floresceu e nós vimos a haste pendendo do ombro de Gorgoth, a flecha enterrada apenas uns dois centímetros como se a pele da leucrota fosse carvalho.

"Makin! Eu disse nã..."

Mas não era Makin. A luz sangrava dos olhos de Gog, quente e amarela.

Eu poderia ter dito não a Gog, tê-lo embrulhado em um canto e deixado os lenhadores de lado até de manhã, mas o fogo que queimava em Gog ao ver Gorgoth ferido ecoava um fogo mais frio que se acendeu em mim quando Sim cambaleou porta adentro. Eu estava cansado de dizer não. Em vez disso, peguei a mão de Gog, embora os fantasmas da chama suspirassem por sua pele.

Ele olhou para mim, com os olhos brancos feito estrelas. "Deixe queimar", eu lhe disse.
Algo quente me atravessou, subindo por meu braço e pela medula, quente como uma promessa, a raiva transformada em líquido posta para correr.
"O que está cozinhando?" A provocação veio da linha das árvores, em algum lugar além de um velho curral curvando-se sobre suas vigas.
Gog e eu andamos na direção do som, a passos lentos, com o chão chiando onde seus pés descalços tocavam a grama molhada.
"Que diabo...?" As vozes se elevaram preocupadas na escuridão da floresta. Uma flecha zarpou pela noite, ao largo de sua marca, a criança brilhante como um alvo desconcertante, enganando o olhar.
Nós ouvimos o chiado antes de termos andado dez metros, mil cobras chiando na escuridão... Ou talvez apenas vapor escapando das árvores conforme a seiva começava a ferver. Uma risada borbulhou de mim do mesmo modo, escapando de meu calor. A raiva que eu trouxera comigo se incendiou, tornando-se grande demais para meu corpo, separando-se dos homens que machucaram Sim e transformando-se em um fim, consumindo tudo, um glorioso êxtase risonho de raiva.
Uma camada de chamas se ergueu de Gog, passando sobre mim em uma onda quente. Lá na floresta, a primeira das árvores explodiu, com seus fragmentos virando chamas incandescentes ao encontrar o ar. O fogo ascendeu ao redor dos troncos intactos, passando através da folhagem de primavera, fazendo de cada folha uma sombra momentânea. Mais árvores explodiram, e mais outras, até que as explosões se tornassem um estrondo contínuo de detonação brilhante. O curral pegou fogo, embora ficasse a vinte metros da chama mais próxima, com um lado dele simplesmente rompendo-se em fogo líquido e alaranjado. Eu vi um arqueiro solitário correndo pela borda da floresta, com as roupas em chamas. Mais ao fundo, tochas humanas cambaleavam e caíam.
Aquele poder, irmãos, é uma droga. Uma alegria mais feroz que sementes de papoula, e mais certa de deixar um vazio em você. Se Gorgoth não houvesse me derrubado de lado e apanhado Gog nenhum de nós teria parado até que nenhuma árvore restasse, nenhuma tábua ou viga de Endless. Talvez nem assim.
A manhã nos encontrou ainda na grama molhada atrás daquele celeiro, um buraco enfumaçado na floresta à nossa frente, com hectares de largura. Gog foi caçar entre as brasas e voltou com um emaranhado contorcido, as cordas da harpa de Sim fundidas e retorcidas pelo calor. Ele as pegou com um

sorriso curioso, torto por causa da surra. "Obrigado, Gog." Pegou as cordas e as balançou para que chacoalhassem umas contra as outras. "Uma canção mais simples, mas ainda doce."
E isso foi Endless, a cidade perpétua. Nós vimos a fumaça a dias de distância, ainda cercando as fronteiras dos reinos teutões. Uma coluna cinza alcançando quilômetros de altura no céu, da altura de uma montanha e além, como se Satã quisesse enxotar os anjos do paraíso com fumaça.
A visão incitou Kent, o Rubro, à curiosidade. "O que é um vulcão, Jorg?"
"É onde a terra sangra", eu disse a ele. Sim e Grumlow cavalgaram mais perto para ouvir. "Onde seu sangue borbulha. Rocha derretida, como chumbo derretido para o cerco, derramando-se vermelha e líquida das profundezas."
"Foi uma pergunta séria." Kent virou seu cavalo para o outro lado, parecendo ofendido.
Dias depois, sentimos o enxofre no ar. Em alguns lugares, uma poeira fina e preta se assentava nas folhas novas, mesmo enquanto se desdobravam, e grupos de árvores haviam morrido, hectare após hectare, desfolhadas e marrons, esperando por um incêndio de verão.
Você sabe que está entrando nas Terras Dane pelas pedras dos trolls. Você começa a vê-las em cruzamentos, depois em riachos, depois em círculos no alto das colinas. Grandes blocos de pedra assentadas com as runas antigas, as runas nórdicas que relembram os deuses mortos, o martelo do trovão e o velho caolho que via tudo e falava pouco. Eles dizem que os danes escolheram uma rocha sobre a outra para as pedras dos trolls porque veem os traços de um troll em algumas pedras mas não em outras. Tudo que posso dizer, então, é que os trolls devem ser incrivelmente parecidos com pedaços de pedra.
Nós não havíamos visto tantas pedras troll até que um cavaleiro se uniu a nós na estrada. Ele vinha do sul, em passo apertado, e diminuiu quando alcançou nosso bando.
"Prazer em conhecer", ele gritou, levantando-se em seus estribos. Um homem da região, com os cabelos em duas tranças, cada uma terminando com uma fivela de bronze trabalhada com serpentes, um capacete redondo de ferro apertado em sua cabeça e um bigode fino fluindo em uma barba curta.
"Prazer em conhecer", eu disse quando ele chegou à frente de nossa coluna. Ele trazia um arco curto nas costas, um machado de lâmina simples amarrado a seus alforjes e uma faca, embainhada no quadril, com cabo de osso polido. Ele evitou Gorgoth. "Você devia me seguir", ele disse.

"Por quê?"
"Lorde Maladon deseja vê-lo", ele disse. "E seria mais fácil por esse caminho, não?" Ele sorriu. "Eu sou Sindri, a propósito."
"Conduza-nos", eu disse. Um bando de guerreiros provavelmente nos observava da floresta; do contrário, Sindri merecia ser recompensado por seus colhões.
Nós o seguimos por alguns quilômetros em uma trilha cada vez mais movimentada por tráfego sobre rodas e gente a pé ou a cavalo. De vez em quando, ouvíamos um ronco parecido com uma versão gigante do leão que Raiz-Mestra tinha na jaula e o chão tremia.
Sindri nos conduziu através de duas vilas cinzentas e nos levou ao longo da margem de um lago estreito. Quando as montanhas roncavam, a água se ondulava de um lado a outro. A fortaleza do outro lado parecia ser feita de madeira e grama, com apenas um ou outro bloco de pedra acima das fundações.
"O grande salão do Duque de Dane", Sindri disse. "Alaric Maladon, o vigésimo sétimo de sua linhagem."
Rike deu uma risada atrás de mim. Eu não me preocupei em silenciá-lo. Uma voz estava falando no fundo da minha mente, um pouco além da audição, um gemido baixo ou um lamento... um rosto de pedra flutuou em minha visão, um rosto de gárgula.
Homens estavam reunidos em frente ao salão, alguns trabalhando, outros se preparando para uma patrulha, cada um armado com machado e lança, carregando um grande escudo redondo de madeira pintada e couro cru. Estribeiros vieram pegar nossos cavalos. Como de costume, Gorgoth atraiu os olhares. Quando passamos ouvi homens murmurarem "Grendel-kin".
Sindri nos conduziu e subimos os degraus até a entrada do grande salão. O lugar todo tinha uma aparência triste. A poeira preta cobria tudo com uma fina película. Fazia cócegas na garganta como uma pena. Os cavalos da patrulha eram magros e malcuidados.
"O duque quer nos ver ainda sujos da estrada?", eu perguntei, esperando por um pouco de água quente após tantos quilômetros na sela. Um pouco de tempo para me preparar seria bom também. Eu queria me lembrar de onde conhecia o nome.
Sindri sorriu. Apesar da barba, ele não era muito mais velho do que eu. "O duque não é dado a finezas. Não somos exigentes nas cortes do norte. O verão é curto demais."

Dei de ombros e subi as escadas. Dois grandes guerreiros flanqueavam a entrada, empunhando machados de dois gumes, as lâminas de ferro repousadas no chão entre seus pés.
"Dois de seu grupo devem ser suficientes", Sindri disse.
Nunca é ruim confiar em alguém, especialmente quando você não tem absolutamente nenhuma opção. "Makin", eu disse.
Makin e eu acompanhamos Sindri até a escuridão e a fumaça do grande salão. O local parecia vazio a princípio, com longas mesas de cavalete feitas de madeira escura e polida, vazias exceto por um garrafão abandonado e um osso de pernil. Fumaça de madeira e cerveja temperava o fedor de cães e suor.
Do outro lado do salão, em uma plataforma forrada de pele, uma figura aguardava em uma cadeira alta de carvalho. Sindri abriu caminho. Corri os dedos pela mesa conforme andamos, sentindo a madeira lisa.
"Jorg e Makin", disse Sindri ao seu senhor. "Encontrados rumo ao norte em sua estrada, Duque Alaric."
"Bem-vindos às Terras Dane", o duque disse.
Eu apenas o observei. Um homem grande, com cabelos loiros-claros e uma barba até o peito.
O silêncio se estendeu.
"Eles têm um monstro com eles", acrescentou Sindri, constrangido. "Um troll ou Grendel-kin, grande o bastante para estrangular um cavalo."
Em minha mente uma gárgula uivou. "Você trouxe um globo de neve", eu disse.
O duque franziu a testa. "Eu o conheço, garoto?"
"Você trouxe um globo de neve, um brinquedo dos antigos. E eu o quebrei." Havia sido um presente raro, ele se lembraria do globo, e talvez da cobiça com a qual um garotinho olhara para ele.
"Ancrath?" A testa do duque se franziu ainda mais. "Jorg Ancrath?"
"O próprio." Eu fiz uma reverência.
"Faz muito tempo, jovem Jorg." Alaric bateu o pé e vários de seus guerreiros adentraram o salão por um recinto nos fundos. "Eu ouvi histórias a seu respeito. Meus agradecimentos por não matar meu filho idiota." Ele acenou em direção a Sindri.
"Tenho certeza de que as histórias foram exageradas", eu disse. "Não sou um homem violento."

Makin teve de cobrir a boca ao ouvir aquilo. Sindri franziu a testa, olhando rapidamente de mim para Makin, e novamente para o duque.
"Então o que o traz às Terras Dane, Jorg de Ancrath?", o duque perguntou, sem desperdiçar tempo; nada de oferecer vinho ou cerveja, nada de presentes trocados.
"Gostaria de alguns amigos no norte", eu disse. Não havia passado pela minha cabeça, mas de vez em quando gosto das pessoas à primeira vista. E eu gostei de Alaric Maladon à primeira vista oito anos antes, quando ele levou um presente para minha mãe. Ainda gostava dele. "Este lugar parece ter perdido uma colheita ou duas. Talvez você precise de um amigo no sul."
"Gosta de falar francamente, não é?" Pude ver o sorriso no fundo de sua barba. "Cadê toda a sua música e dança sulista, hein? Nada de 'obséquios' ou 'súplicas por minha saúde'?"
"Eu devo ter largado tudo isso em algum lugar no caminho", respondi.
"Então o que realmente quer, Jorg de Ancrath?", Alaric perguntou. "Você não viajou oitocentos quilômetros para aprender a dança do machado."
"Talvez eu quisesse apenas conhecer os vikings", eu disse. "Mas, por obséquio, conte-me o que aflige estas terras. Eu lhe suplico."
Ele deu uma gargalhada. "Vikings de verdade têm sal em sua barba e gelo em sua pele", ele disse. "Eles nos chamam de *fit-firar*, homens da terra, e não gostam muito de nós. Meus antepassados vieram para cá há muito, muito tempo, Jorg. Eu preferia que eles ficassem no mar. Posso não ter sal em minha barba, mas está em meu sangue. Eu já o provei." Ele bateu novamente o pé e uma mulher corpulenta com cabelos enrolados trouxe cerveja em um chifre para ele e duas jarras para nós. "Quando me enterrarem, meu filho terá de comprar o escaler e mandar navegá-lo e transportá-lo de Osheim. Meu vizinho mandou habitantes da região fazerem o dele. Teria afundado antes de deixar o porto, caso ele tivesse visto o mar algum dia."
Bebemos nossa cerveja, um troço amargo e salgado – como se tudo precisasse lembrar esse povo de seus mares perdidos. Coloquei minha jarra sobre a mesa e o chão tremeu, mais forte que todas as outras vezes, como se fosse eu o responsável. Poeira se levantou das vigas, capturadas aqui e acolá pela luz do sol que entrava pelas janelas altas.
"A menos que consiga domar vulcões, Jorg, você não descobrirá muito a ser feito por Maladon", disse Alaric.
"Ferrakind não consegue botá-los para dormir para você?", perguntei. Eu havia lido que vulcões adormeciam, às vezes por uma vida, às vezes mais.

Alaric ergueu uma sobrancelha cabeluda diante do que eu disse. Atrás de nós, Sindri riu. "Ferrakind os atiça", ele disse. "Que os deuses o façam apodrecer."
"E você o deixa viver?", perguntei.
O Duque de Maladon olhou para sua lareira como se um inimigo pudesse estar agachado ali em meio às cinzas. "Não há como matar um mago do fogo, não um de verdade. Ele é como uma queimada de verão em uma floresta seca. Você acaba com as chamas e elas brotam de volta do chão quente."
"Por que ele faz isso?" Virei o último gole de minha cerveja salgada e fiz uma careta. Quase tão ruim quanto o absinto.
"É da natureza dele." Alaric deu de ombros. "Quando homens olham por tempo demais para o fogo, o fogo os olha de volta. Ele queima o que os torna homens. Eu acho que ele fala com os jötnar por trás das chamas. Ele quer fazer um segundo Ragnarök."
"E você vai permitir?", perguntei. Eu me importava muito pouco com jötnar ou qualquer outro tipo de espírito. Se você for muito fundo em qualquer coisa, seja fogo ou céu, ou até a morte, irá encontrar as criaturas que sempre habitaram lá. Chame-as do que quiser. "Eu ouvi dizer que não havia problema que um dane não pudesse resolver com um machado." É um negócio perigoso questionar a coragem de um homem em seu próprio salão, especialmente a de um viking, mas se existia algum lugar que precisava de uma sacudida era aquele.
"Conheça-o antes de nos julgar, Jorg", disse Alaric. Ele bebeu a cerveja em sua taça de chifre.
Eu esperava uma resposta mais calorosa, talvez violenta. O duque parecia cansado, como se algo também houvesse se apagado nele.
"Na verdade, vim conhecê-lo", eu disse.
"Eu o levarei", Sindri disse, sem pestanejar.
"Não", disse o duque, tão rápido quanto seu filho.
"Quantos filhos você tem, Duque Maladon?", eu perguntei.
"Está olhando para meu único filho." Alaric acenou para Sindri. "Eu tive quatro que nasceram vivos. Os três mais velhos se queimaram no Heimrift. Você devia ir para casa, Jorg Ancrath. Não há nada para você nas montanhas."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

18

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Sindri nos alcançou antes de estarmos a oito quilômetros do salão de seu pai. Eu havia deixado Makin com Duque Alaric. Makin levava jeito para encontrar coisas em comum e construir amizades. Deixei Rike também. Ele só reclamaria de ter que escalar montanhas – se havia alguém que pudesse mostrar aos danes o verdadeiro espírito berserker era Rike. E deixei Kent, o Rubro, por seu sangue nórdico por parte de pai e porque ele queria que lhe fizessem um bom machado.

"Bom vê-lo", eu disse, conforme Sindri cavalgava por entre os pinheiros. Nunca duvidei que fosse nos perseguir. Ele nos encontrou quando deixamos as encostas mais baixas e a densa floresta para trás.

"Você precisa de mim", ele disse. "Eu conheço estas montanhas."
"Nós realmente precisamos", eu disse.
Sindri abriu um sorriso. Ele tirou o elmo e enxugou o suor de sua testa, e estava ofegante por conta do trajeto. "Dizem que você destruiu metade de Gelleth", ele disse. Ele parecia desconfiado.
"Mais para um quinto", eu disse. "As lendas aumentam quando são contadas."
Sindri franziu a testa. "Quantos anos você tem?"
Senti os irmãos ficarem tensos. Pode ser irritante que as pessoas à sua volta sempre achem que você matará todo mundo que olhar torto. "Sou velho o suficiente para brincar com fogo", eu disse. Apontei para a maior montanha à frente. "Aquele é um vulcão. Dá para saber pela fumaça. E o resto?"
"Aquele é Lorgholt. Outros três já se manifestaram durante minha vida", Sindri disse. "Loki, Minrhir e Vallas." Ele apontou para os vulcões na ordem. Vallas tinha os sopros mais fracos de fumaça ou vapor subindo de seus flancos ocidentais. "Nas eddas mais antigas as histórias falam de Halradra como sendo o pai e estes quatro seus filhos." Sindri apontou para a parte baixa de Halradra. "Mas ele dorme há séculos."
"Vamos para lá então", eu disse. "Gostaria de observar um gigante adormecido antes de cutucar um acordado."
"Eles não são pessoas, Jorg", Makin me dissera antes de partirmos. "Eles não são inimigos. Você não pode combatê-los."
Ele não sabia o que eu pensava que poderia alcançar vagando pela paisagem. Eu também não, mas sempre vale a pena dar uma olhada. Se pensar em minhas vitórias, tais como são, elas frequentemente vêm do simples exercício de juntar dois fatos discrepantes e fazer uma arma com eles. Eu destruí Gelleth com dois fatos que, quando dispostos um sobre o outro, criaram algo perigoso. Há algo assim no coração das armas dos Construtores, dois pedaços de mágica, bem inofensivos sozinhos, mas que formam uma massa crítica quando unidos.
O Halradra não é tão alto quanto seus filhos, mas é alto. Suas encostas mais baixas foram suavizadas pelos anos, pedregulhos pretos em sua maioria, esmagando-se debaixo dos cascos, as rochas tão podres com bolhas que dá para esmigalhá-las com as mãos, com o fogo apagado há tanto tempo que nem o cheiro permanece. Através da cinza e da rocha quebrada, erva-do-fogo crescia em profusão – epilóbio, como estava escrito nos livros de

mestre Lundist. As primeiras a aparecerem onde antes havia fogo. Mesmo após quatrocentos anos, nada mais queria brotar da terra preta.
"Você está vendo elas?", Gorgoth resmungou em meu ombro. A profundidade de sua voz sempre me surpreendia.
"Se por 'elas' você quer dizer as montanhas, então sim. Do contrário, não." Ele apontou com um dedo grosso, quase da espessura do antebraço de Gog. "Cavernas."
Eu ainda não as via, mas depois vi. Bocas de caverna ao pé de uma queda acentuada. Não muito diferente do antigo lar de Gorgoth sob o Monte Honas.
"Sim", eu disse. "São." Às vezes, eu achava que Gorgoth devia apenas continuar segurando aquelas palavras preciosas.
Nós fomos em frente. Mais para cima, o trajeto fica muito íngreme e traiçoeiro demais para cavalos. Deixamos nossas montarias com Sim e Grumlow e continuamos a pé, marchando através de uma fina camada de neve. Os picos dos filhos de Halradra parecem quebrados, entalhados, forjados com violência. O velho poderia passar por uma montanha comum sem o menor sinal de uma cratera até você subir por barrancos cheios de neve e encontrar o lago diante de você, de repente e sem aviso.
"Satisfeito agora?" Sindri escalou do meu lado e achou um poleiro onde o vento havia limpado a neve de uma pedra. Ele parecia bastante contente apesar de seu tom.
"É uma visão e tanto, não é?", eu disse.
Gorgoth subiu com Gog em seu ombro.
"Eu gosto desta montanha", disse Gog. "Ela tem coração."
"O lago é de um azul estranho", eu disse. "A água está estragada?"
"Gelo", Sindri disse. "A água é apenas gelo derretido, um metro de profundidade no máximo, que escorreu da encosta da cratera. O lago fica congelado o ano todo, por baixo."
"Ah, bom. Que coisa", eu disse. E agora eu tinha dois fatos à mão.
Agachamos atrás de algumas pedras, um pouco abaixo da borda da cratera, para nos proteger do vento e observar o azul estranho daquelas águas enquanto comíamos uma refeição fria das cozinhas de Alaric.
"Que tipo de coração a montanha tem, Gog?" Joguei três ossos de galinha encosta abaixo e lambi a gordura de meus dedos.
Ele parou, fechando os olhos para pensar. "Antigo, lento, quente."
"Ele bate?", eu perguntei.
"Quatro vezes", disse Gog.

"Desde que começamos a escalar?"
"Desde que vimos a fumaça quando passamos pela ponte", Gog disse.
"Águia", Algazarra apontou para o azul nebuloso acima de nós. Ele pegou seu arco.
"Bons olhos como sempre, Algazarra." Segurei seu braço. "Deixe o pássaro voar."
"Então", disse Sindri, encolhido, com as tranças se agitando no vento. "E agora?"
"Eu gostaria de ver aquelas cavernas", respondi. A observação de Gorgoth parecia mais importante, de repente. Preciosa, até.
Começamos a fazer o caminho de descida, estranhamente uma empreitada mais difícil que a escalada, como se Halradra quisesse nos manter ali. A rocha parecia se esfarelar sob cada passo pesado para baixo, com o gelo para ajudar aqueles que caíam. Eu peguei Sindri uma vez, segurando seu cotovelo quando o chão se abriu debaixo de seu calcanhar.
"Obrigado", ele disse.
"Alaric não ficaria contente em perder outro filho aqui em cima", eu disse.
Sindri riu. "Eu teria parado lá embaixo."
Gorgoth veio em seguida, tirando os pontos de apoio do seu caminho a cada passo; Gog corria afastado, em vez de arriscar ser esmagado caso o gigante caísse.
Encontramos Sim e Grumlow compartilhando um cachimbo, esparramados nas pedras ao sol, bem à vontade.

As cavernas eram quase mais difíceis de se ver conforme chegávamos mais perto. Cavernas pretas em um penhasco preto com interior preto. Avistei três entradas, uma grande o bastante para caber um carvalho.

"Alguma coisa vive aqui", disse Gorgoth.
Procurei por sinais, ossos ou excremento em volta da boca da caverna. "Não há nada", eu disse. "O que o faz dizer que há?"
As expressões eram raras em um rosto como o de Gorgoth, mas muitas rugas e sulcos se mexeram para que um observador atento soubesse que algo o intrigava. "Eu posso ouvi-los", ele disse.
"Ouvidos e olhos aguçados. Eu não ouço nada. Só o vento." Parei e fechei os olhos, como o tutor Lundist me ensinara, e deixei o vento soprar. Deixei os

sons da montanha fluírem por mim. Contei as batidas do meu coração e as respirações. Nada.
"Eu os ouço", disse Gorgoth.
"Vamos com cuidado então", eu disse. "Hora do seu arco, irmão Algazarra. Que bom que não gastou uma flecha naquele pássaro."
Amarramos os cavalos e nos preparamos. Eu peguei minha espada. Sindri retirou o machado de suas costas, uma bela arma com arabescos gravados na lâmina atrás do fio de corte. E nós nos aproximamos. Eu os conduzi contra o vento, um antigo hábito que nos custou meia hora cruzando as encostas. A cinquenta metros de distância, o vento trouxe um toque dos habitantes, um fedor de animais, fraco porém marcante. "Nossos amigos mantêm a entrada limpa", eu disse. "Não são ursos ou gatos-monteses. Você ainda consegue ouvi-los, Gorgoth?"
Ele assentiu com a cabeça. "Eles estão falando de comida e batalha."
"Mais estranho ainda", eu disse. Não ouvia nada.
Chegamos a passos lentos à grande boca da caverna, ladeada por duas bocas menores e várias rachaduras pelas quais um homem pudesse passar. Olhando para a caverna, diante dela, parecia impossível que não a houvesse visto do outro lado das encostas. Fora um osso fragmentado entalado entre duas pedras, não havia sinal de habitação. Exceto pelo fedor.
Gorgoth entrou primeiro. Ele carregava um mangual rudimentar em seu cinto. Apenas três correntes grossas com uma empunhadura de madeira, com metal afiado retorcido. Um avental de couro impedia que as correntes retalhassem suas pernas quando corria. Eu nunca o vira pegar a arma e de alguma maneira ele parecia mais assustador desarmado. Gog foi atrás de Gorgoth; eu e Sindri os flanqueávamos. Depois passaram Sim e Grumlow, enquanto Algazarra, ao fundo, observava tudo com desconfiança.
"Não podemos ir longe", disse Algazarra. "Escuro demais." Ele não parecia aborrecido.
Gog ergueu a mão e chamas surgiram da ponta de seus dedos. Algazarra conteve uma imprecação.
Eu olhei para fora, para o outro lado das montanhas. A extensão de pedras e poeira que se espalhava da boca da caverna me lembrava alguma coisa. Pensamentos soltos se arranhavam no fundo da minha memória, lutando para se formarem, para as palavras dizerem o que queriam.
"Vamos continuar avançando", eu disse. "Um pouco mais. Eu quero ouvir o que Gorgoth está ouvindo." Afinal, ele estava certo a respeito das cavernas.

Em direção ao fundo da caverna, vários túneis levavam ao interior da montanha. A passagem maior subia gradativamente. "Aquela ali."
Nós continuamos. Sob os pés, o chão do túnel era arenoso, repleto de pedras pequenas, mas as paredes eram lisas, quase escorregadias. As sombras se moviam e dançavam conforme Gog seguia Gorgoth, com sua mão fogosa lançando uma enorme sombra à nossa frente. Cinquenta metros nos levaram a uma câmara quase esférica, com o túnel continuando ao fundo, que agora subia quase tão íngreme quanto as encostas do lado de fora. O brilho do fogo deu ao lugar lembranças da catedral de Shartres, com nossas sombras projetadas sobre a rocha lisa por todos os lados.
"Platão chegou a uma caverna como esta", eu disse. "E viu o mundo inteiro em suas paredes."
"Hã... Como assim?", Sindri disse.
Eu balancei a cabeça. "Está vendo aqui?" Apontei para uma depressão lisa na pedra ali perto, como se um gigante houvesse enterrado o polegar na lama macia e deixado sua marca.
"O que é isso?", perguntou Gog.
"Não sei", respondi. Mas me pareceu familiar. Como um buraco no leito de um rio.
Corri para o túnel ao fundo e fiquei parado na entrada. Homens não faziam essas passagens, nem troll ou Grendel-kin, gnomos, duendes ou fantasmas. O ar era quase parado, mas se movia mesmo assim, rastejando pelo túnel. Ar gelado. Muito gelado.
"Jorg", disse Algazarra.
"Estou pensando", eu disse, sem olhar para trás.
"Jorg!", ele disse outra vez.
E eu me virei. Na boca do túnel pelo qual nós entramos estavam dois trolls. Eu os chamei de trolls porque eles se pareciam com os trolls da minha imaginação, não as massas disformes com que os danes decoravam a paisagem, mas criaturas esguias e perigosas, de pele com manchas escuras, músculos como nós em uma corda, espalhados por membros que terminavam em garras negras. Agachados como estavam, sua altura era difícil de calcular, mas imaginei dois metros e meio, talvez três. Eles se moviam resolutos, abraçando as pedras.
"Segure a flecha", eu disse a Algazarra. Não seria uma flecha que acalmaria nenhum deles, a não ser que fosse no pescoço ou no olho.

Eu os teria chamado de monstros, leucrotas, equívocos como Gorgoth, só que havia dois deles. Um par não é acidente – é um modelo.
"Olá", eu disse. Soou idiota, uma voz fina naquela grande câmara, mas não consegui pensar em nada mais para dizer, e lutar com eles simplesmente não era interessante. O único consolo é que aqueles pares de olhos pretos estavam virados para Gorgoth e não para mim.
"Você não consegue ouvi-los?", perguntou Gorgoth.
"Não", eu disse.
O troll da esquerda deu um salto à frente sem preâmbulos, sem falsear ou rosnar. Ele se jogou em Gorgoth, em direção ao seu rosto. Gorgoth agarrou os pulsos do troll e o parou de repente. Os dois monstros ficaram ali, engatados, inclinados, com os músculos contorcidos e contraídos. A respiração do troll escapava rápida e desagradável. Gorgoth roncava. Eu não o via ter dificuldade com nada desde que ele segurou o portão no Assombrado. Toda tarefa desde então, como descarregar barris, deslocar pedras ou qualquer outra coisa, não o fazia nem suar.
Algazarra ergueu seu arco novamente. Pela segunda vez eu contive seu braço. "Espere."
Eles estavam se segurando, com esforço, ocasionalmente reajustando os pés com rapidez. Garras de troll cinzelando a rocha. Os dedos dos pés de Gorgoth ancorando seu peso. Músculo amontoado contra músculo, ossos rangendo com a tensão, baba salpicada em seus lábios com a respiração forte que escapava. Momentos se estenderam longamente. Cravei minhas próprias unhas nas palmas das mãos, as articulações brancas em volta do cabo da espada – alguma coisa tinha de ceder, alguma coisa. E, sem aviso, o troll desabou. Um instante de silêncio e Gorgoth soltou um rugido profundo que doeu em meu peito e fez o nariz de Algazarra sangrar.
Gorgoth puxou fôlego. "Eles irão servir", ele disse.
"O quê?", eu disse. "Por quê?"
O troll no chão virou e se levantou, voltando-se para seu companheiro.
"Eles são soldados", ele disse. "Querem servir. Eles foram feitos para isso."
"Feitos?", perguntei, ainda observando os trolls, pronto para tentar me defender.
"Foi escrito em seu dena", disse Gorgoth.
"Por Ferrakind?"
"Muito tempo atrás", disse Gorgoth. "Eles são uma raça. Não sei quando eles foram modificados."

"Os Construtores os fizeram?", perguntei, imaginando.
"Talvez sim. Talvez depois." Gorgoth deu de ombros.
"Eles são os filhos de Grendel", Sindri disse, como se pensasse que estava sonhando. "Feitos para a guerra nas cinzas do Ragnarök. Eles estão esperando aqui para a batalha final."
"Eles sabem o que fez estes túneis e aonde eles levam?", perguntei.
Gorgoth fez uma pausa. "Eles sabem lutar", ele disse.
"Isso é bom também." Eu sorri. "Você fala com eles na sua cabeça, não é?"
Gorgoth se surpreendeu outra vez. "Sim", ele disse. "Suponho que sim."
"E agora?", perguntou Sindri, ainda olhando para um troll e para o outro, testando a ponta de seu machado com os dedos.
"Nós voltamos", respondi. Eu precisava refletir, e refletir é mais confortável sob o teto de um duque do que em um vulcão varrido pelo vento ou enterrado em cavernas fétidas.
"Gorgoth, diga aos trolls que vamos voltar e para guardarem nossa visita para si." Examinei a dupla mais uma vez. Imaginei o tipo de estragos que eles causariam no campo de batalha. O melhor tipo, eu pensei.
"Vamos voltar", eu disse. *E ver se nossas perspectivas mudaram um pouco após nossa escalada.*

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

19

— QUATRO ANOS ATRÁS —

As florestas em Danelore têm características próprias, pinheiros densos que tornam cada dia um crepúsculo perene e cada noite uma sopa negra, com ou sem lua. Agulhas velhas amortecem cada passada e casco, deixando como som apenas os arranhões secos de galhos mortos. Em um lugar como esse, não é preciso muita imaginação para acreditar em cada conto de duende que se ouve pelos corredores. E, ao sair outra vez para céu aberto, você compreende que foi com o machado de lenha que o homem conquistou aquelas terras, não com o machado de guerra.

Chegamos de volta ao salão de Duque Alaric cedo, com os galos cantando e cada sombra se esticando sobre a grama como se indicasse o caminho. Uma névoa baixa ainda caía em trechos em torno das árvores, girando onde os cavalos pisavam. Alguns criados estavam em movimento, de lá para cá, entre o grande salão e as cozinhas, cavalariços aprontando os cavalos para montar, um padeiro da vila próxima com pães quentes empilhados em sua caçamba.

Dois rapazes dos estábulos pegaram nossos cavalos. Dei um leve tapa na garupa de Brath quando eles o levaram. Uma chuva amena começou a cair. Eu não me importei.

A chuva fez a construção de pedra reluzir, caindo mais pesada a cada momento. Que palavra. *Reluzir.* Correntes prateadas em árvores sagradas, o lustro nos lábios para beijar, orvalho nas teias de aranha, suor nos seios. Reluzir, reluzir, luzir. Repita até que o significado se esvaia. Até sem significado ela continua verdadeira. A chuva fez a pedra cinzenta reluzir. Não exatamente um brilho, não exatamente uma cintilação, mas um reluzir nas pedras encharcadas, um gorgolejo das sarjetas onde a sujeira corria e as folhas rodopiavam em corredeiras fugazes, destinadas a gargantas sombrias e famintas, engolidas além dos dentes de pedra. Um pedaço de palha passou por meus pés, disparado no percurso mais reto; um caiaque em águas turbulentas, ele balançou, mergulhou, emergiu, alcançou o ralo, girou duas vezes e sumiu.

Às vezes, o mundo fica mais lento e você percebe cada coisinha, como se você estivesse entre duas batidas do coração da eternidade. Parecia que eu já havia sentido algo semelhante antes, com Corion, com Sageous, até com Jane. O ar ficou pesado com o aroma metálico da chuva. Eu me perguntei: se ficasse ali, na enchente, a chuva envolveria uma vida cinzenta e a faria brilhar? Devo ficar de pé, de braços abertos, com o rosto para cima? Deixe que ela me lave. Ou minhas máculas eram profundas demais?

Eu escutei a chuva cair, o tamborilar, o gotejamento, o pinga-pinga. Os outros se moviam à minha volta, entregando rédeas, pegando alforjes, tratando dos assuntos da vida, como se não houvessem percebido que eu me distanciara de tais coisas. Como se não pudessem senti-la.

Rike veio tropeçando do grande salão, esfregando o sono de seus olhos. "Jesus, Rike", eu disse. "Nós ficamos fora um dia. Como a sua barba cresceu?"

Ele deu de ombros e esfregou os pelos, tão longos que seus dedos quase sumiam. "Quando estiver em Roma, faça como os romanos."
Ignorei sua geografia ruim e até o fato de que ele conhecia o ditado, e fiz a pergunta mais óbvia. "Por que você está de pé?" Na estrada, Rike era sempre o último a sair de seu saco de dormir e nunca se levantava sem algum tipo de ameaça ou tentação.
Ele coçou a cabeça, sem saber. Sindri voltou dos estábulos e deu um tapa em meu ombro. "Ele vai ficar bem de barba. Ainda vamos fazer dele um viking!"
Rike franziu a testa. "Ela disse para encontrá-la no fim do lago."
"Ela quem?"
Ele franziu novamente, deu de ombros e voltou para o salão.
Olhei para o lago. Do outro lado, desbotada através dos véus cinzentos da chuva, estava uma tenda, uma yurt, amarelada pelo tempo, uma fina fumaça saindo pela chaminé. A estranheza vinha de lá. Lá ela o aguardava.
Sindri olhou também. "Aquela é Ekatri, uma völva do norte. Ela não aparece muito. Duas vezes, quando eu era jovem."
"Völva?", perguntei.
"Ela sabe de coisas. Ela pode ver o futuro", Sindri disse. "Uma bruxa. É assim que vocês chamam?" Ele franziu a testa. "Sim, uma bruxa. É melhor ir até lá. Não é bom deixá-la esperando. Talvez ela leia seu futuro para você."
"Eu vou agora", disse. Às vezes você espera e observa; outras vezes entra direto. Não há muito que aprender do lado de fora de uma tenda.
"Vejo você lá dentro." Sindri acenou para o salão, sorriu e enxugou a chuva de sua barba. Ele estaria acordando seu pai antes que eu chegasse ao outro lado do lago, contando-lhe sobre os trolls e Gorgoth. Eu me perguntei o que o bom duque acharia de tudo aquilo. Talvez a bruxa me dissesse.
O chão tremeu uma vez enquanto eu andava ao longo do lago, fazendo a água dançar. O cheiro que eu sentia, o da fumaça que vinha da chaminé da bruxa, pôs um gosto acre em minha boca e me lembrou os vulcões. O vento aumentou, soprando chuva em meu rosto.
Meu velho tutor Lundist certa vez me ensinou sobre profetas, adivinhos e os observadores de astros que contam nossas vidas por meio das lentas previsões de planetas girando nos céus. "Quantas palavras seriam necessárias para contar a história de sua vida?", ele perguntara. "Quantas para chegar a este ponto, e quantas mais para chegar ao final?"
"Muitas?" Sorri e desviei o olhar, para fora da janela estreita até o pátio, os portões, os campos além dos muros da cidade. Eu tinha uma coceira nos pés,

uma vontade de sair perseguindo qualquer coisa enquanto o sol ainda brilhava.
"Essa é a nossa maldição." Lundist bateu o pé e se levantou de sua cadeira com um resmungo. "O homem está fadado a repetir seus erros várias vezes porque aprende apenas por experiência."
Ele desenrolou um velho pergaminho sobre a escrivaninha, coberto de pictogramas de sua terra natal. Havia figuras também, brilhantes e interessantes ao estilo oriental. "O zodíaco", ele disse.
Eu pus o dedo sobre o dragão, capturado em alguns traços ousados de vermelho e dourado. "Este aqui", eu disse.
"Sua vida é definida no momento de seu nascimento, Jorg. Você não tem escolha. Todas as palavras de sua história podem ser substituídas por data e local. Onde os planetas estavam naquele instante, como eles viraram suas faces e quais delas olhavam em sua direção... essa configuração forma uma chave e essa chave revela tudo que um homem será", ele disse.
Eu não sabia se ele estava brincando. Lundist sempre foi um homem de pesquisa, de lógica e julgamento, de paciência e sutileza. Tudo isso parecia bastante inútil se nós percorrêssemos um caminho fixo do berço até qualquer fim que estivesse escrito nas estrelas.
Eu havia chegado à yurt sem perceber. Parei abruptamente e consegui não dar de cara com ela. Dei a volta procurando a entrada e entrei sem anunciar. Afinal, ela deveria saber o futuro.
"Ouça", ela disse, enquanto eu abria a aba de sua tenda, um lugar fétido de peles e coisas mortas penduradas.
"Ouça", ela disse outra vez, quando fiz que abriria a boca.
Então eu me sentei de pernas cruzadas sob as peles penduradas, escutei e não falei.
"Bom", ela disse. "Você é melhor que a maioria. Melhor que aqueles garotos corajosos e ruidosos querendo tanto ser homens, querendo apenas ouvir as palavras de suas próprias bocas."
Ouvi sua respiração seca quando falava, a agitação e o rangido da tenda, a insistência da chuva e as reclamações do vento.
"Então você ouve, mas você escuta?", ela perguntou.
Eu a observei. Ela estava acabada da idade e a escuridão não disfarçava. Ela me observava de volta com um olho só; o outro ficava afundado e fechado nas dobras cinzentas de sua pele. Algo como ranho escorria de sua bochecha.

"Quero ver você ficar melhor após noventa invernos", ela escarneceu. Ela só precisava de um olho para ler minha expressão. "Os primeiros cinquenta foram anos difíceis nas terras de fogo e gelo onde os verdadeiros vikings vivem."
Eu teria imaginado uns duzentos anos só de olhar para ela, para o desmoronamento de seu rosto, os vincos, verrugas e pelancas. Apenas seu olho parecia jovem; aquilo me decepcionou, pois eu estava atrás de sabedoria.
"Eu escuto", disse. Segurei minhas perguntas porque as pessoas só iam até ela com perguntas. Se ela realmente soubesse as respostas talvez eu não precisasse perguntar.
Ela pôs a mão dentro dos retalhos e peles em camadas em torno de sua cintura. O fedor aumentou imediatamente e eu me segurei para não sufocar. Quando tirou a mão, mais uma garra de ossos do que dedos macios, ela segurava um pote de vidro, com o conteúdo balançando. "Vidro dos Construtores", ela disse, molhando os lábios com a língua rosa e rápida, de alguma maneira obscena em sua boca murcha. Ela embalou o frasco em suas mãos. "Como foi que perdemos a arte? Não há um homem que se possa encontrar em cinco semanas de viagem que faça isso agora. E se eu derrubar isto, da altura de um dedo, sobre uma pedra... adeus! Mil pedaços inúteis."
"Quanto tempo?" A pergunta me escapou, apesar de minha resolução.
"Dez séculos, talvez doze", ela disse. "Palácios já ruíram nesse tempo. Estátuas de imperadores estão arruinadas e enterradas. E isto..." Ela ergueu o frasco. Um olho rodopiou lentamente no líquido esverdeado. "Ainda inteiro."
"É o seu olho?", perguntei.
"O próprio." Ela me observou com seu olho brilhante e pôs o outro sobre o tapete em seu frasco dos Construtores.
"Eu o sacrifiquei pela sabedoria", ela disse. "Como Odin fez no poço de Mimir."
"E você obteve a sabedoria?" Talvez tenha sido uma pergunta impertinente para um garoto de catorze anos, mas foi ela quem havia pedido para me ver, não o contrário, e quanto mais eu ficava sentado ali menor e mais velha ela parecia.
Ela sorriu, exibindo um único toco de dente apodrecido. "Eu descobri que teria sido sábio deixar meu olho do lado do outro." O olho parou no fundo do pote, virado ligeiramente para a esquerda.

"Estou vendo que trouxe um bebê", ela disse.
Eu olhei para o lado. O bebê jazia morto, o cérebro escorrendo pelo crânio quebrado, sem muito sangue, mas o que havia era horrivelmente vermelho sobre sua cabeça branca como leite. Ele raramente parecia tão nítido, tão real, mas a tenda de Ekatri tinha o tipo de sombras que atraem fantasmas.
Não falei nada.
"Mostre-me a caixa." Ela estendeu a mão.
Eu a tirei de seu lugar dentro de minha couraça. Apertando-a forte, segurei-a na direção da bruxa. Ela tentou pegá-la, mais rápido do que uma velha tem direito de ser, e puxou a mão de volta com um suspiro. "Poderosa", ela disse. Sangue pingou de seus dedos, brotando de uma dúzia de pequenos furos. O fato de que havia sangue a derramar naqueles dedos velhos e ossudos me surpreendeu.
Pus a caixa de volta. "Devo avisá-la que não sou muito ligado a horóscopos e coisa dos tipo", eu lhe disse.
Ela lambeu os lábios outra vez e não disse nada.
"Se você quer saber, eu sou cabra", eu disse. "É isso aí, a porra de uma cabra. Há uma nação inteira de gente atrás da Muralha do Leste que diz que eu nasci no ano da cabra. Não tenho tempo para nenhum sistema que me põe como uma cabra. Não importa quão antiga seja sua civilização."
Ela deu uma leve rodada no frasco. "Ele vê outros mundos", ela disse, como se eu nada houvesse dito.
"E isso é bom?", perguntei.
Ela tamborilou seu olho vivo. "Este aqui vê outros mundos também", respondeu. "E tem visão mais nítida." Ela pegou um saco de couro de dentro de seus farrapos e o colocou ao lado do frasco. "Runas", ela disse. "Talvez se você for para o leste e pular a Grande Muralha será uma cabra. Aqui no norte as runas contam sua história."
Fiquei de boca bem fechada, lembrando de minha promessa finalmente. Ela me diria o futuro ou não. O que ela me dissesse sem perguntas para responder poderia ser verdade.
Ela tirou um punhado do saco, pedras cinzentas batendo suavemente umas contra as outras. "Honório Jorg Ancrath." Suspirou meu nome para as pedras e em seguida as deixou cair. Parece que elas levaram uma vida para chegar ao tapete, cada uma virando-se lentamente, para cima e para baixo, de um lado a outro, com as runas gravadas sobre elas aparecendo e reaparecendo.

Caíram como bigornas. Posso sentir o tremor até agora. Ele ecoa nestes ossos meus.
"A runa Perth, *iniciação",* ela disse. "Thurisaz. Uruz, *força."* Ela as empurrou para o lado como se não fossem importantes. Virou uma pedra. "Wunjo, *alegria*, virada para baixo. E Kano, a runa da *abertura."*
Pus o dedo sobre Thurisaz e a völva puxou uma respiração forte sobre suas gengivas cinzentas. Ela fez uma careta e bateu na minha mão para movê-la, a pedra fria ao toque e a mão da bruxa mais fria ainda, com a pele fina feito papel. Ela não havia dito o nome da runa no idioma do Império, mas eu conhecia a língua antiga do norte pelos livros de Lundist.
"Os espinhos", eu disse.
Ela bateu de novo e eu retirei a mão. Seus dedos passaram rapidamente sobre o restante, contando. Ela recolheu todas e as despejou de volta sobre as outras ainda no saco. "Há flechas à sua frente", ela disse.
"Eu serei alvejado?"
"Você viverá feliz se não quebrar a flecha." Pegou o frasco e um olho encarou o outro. Ela se arrepiou. "Abra seus portões." Em sua outra mão, a runa Wunjo, como se ela não a houvesse colocado dentro do saco. *Alegria.* Ela a virou, com o lado vazio para cima. "Ou não."
"Mas e Ferrakind?", perguntei. Eu não estava interessado em flechas.
"Ele!" Ela cuspiu algo escuro em suas peles. "Não vá lá. Até você devia saber disso, Jorg, com seu coração sombrio e cabeça vazia. Não chegue nem perto daquele homem. Ele queima."
"Quantas pedras você tem nesse saco, velha?", perguntei. "Vinte? Vinte e cinco?"
"Vinte e quatro", ela disse, e pôs a garra sobre o saco, ainda sangrando.
"Não são muitas palavras para contar a história da vida de um homem", eu disse.
"As vidas dos homens são coisas simples", ela retrucou.
Eu senti as mãos dela sobre mim, mesmo que uma estivesse sobre o saco e a outra segurando o frasco. Eu as senti beliscando, cutucando, tentando vasculhar minhas memórias. "Pare", eu disse. Deixei a necromancia aparecer em mim, ácida no fundo de minha garganta. As coisas mortas acima de nós se contorceram, uma pata seca se contraiu, os trançados negros das entranhas de um homem estalaram ao se flexionar, como uma cobra.
"Como quiser." Outra vez aquela língua rosa passando sobre os lábios, e ela parou.

"Por que você veio para cá, Ekatri?", perguntei. Eu me surpreendi ao me lembrar do nome dela. Os nomes das pessoas me escapam. Provavelmente porque eu não me importo com elas.
Seu olho encontrou o meu, como se me visse pela primeira vez. "Quando eu era jovem, jovem o bastante para você me desejar, Jorg de Ancrath – ah, sim –, quando eu era jovem jogaram as runas para mim. Vinte e quatro palavras não bastam para contar toda a história de uma mulher, especialmente quando uma delas é desperdiçada em um garoto pelo qual ela terá que envelhecer esperando. Chamei você aqui porque me disseram para fazer isso há muito tempo, antes mesmo de seus avós nascerem."
Ela cuspiu novamente, dessa vez sobre as peles do chão.
"Eu não gosto de você, garoto", ela disse. "Você é muito... espinhoso. Você usa esse seu charme como uma lâmina, mas charme não funciona em bruxas velhas. Nós vemos o seu interior, e o seu interior é podre. Se restou qualquer coisa decente aí está enterrada mais fundo do que eu quero procurar e provavelmente está amaldiçoada também. Mas vim porque jogaram as runas para mim e me disseram que eu devia fazer o mesmo por você."
"Belas palavras para uma megera que fede como se tivesse morrido dez anos atrás e não teve a decência de parar de falar bobagem", eu disse. Não gostava da forma como ela me olhava, com qualquer um dos olhos, e insultá-la não fez eu me sentir melhor – fez eu me sentir com catorze anos. Tentei lembrar que eu me refiro a mim mesmo como rei e fiz meus dedos pararem de percorrer o punhal na bainha. "Então por que suas runas a enviaram para me aborrecer se não há chance para mim, velha? Se eu sou uma causa perdida?"
Ela deu de ombros, balançando seus farrapos. "Há esperança para todos. Uma esperança mínima. A esperança de um tolo. Até um homem atingido nas vísceras tem a esperança de um tolo."
Eu quase cuspi ao ouvir aquilo; um cuspe de rei talvez até melhorasse o local. Além do mais, bruxas podem fazer toda sorte de estrago com uma gota de seu catarro e um fio de seu cabelo. Em vez disso, eu me levantei e fiz a menor das reverências. "O desjejum me espera, se eu encontrar meu apetite novamente."
"Brinque com fogo e sairá queimado", ela disse, quase sussurrando.
"Você ganha a vida com chavões?", perguntei.
"Não fique diante da flecha", ela disse.
"Ótimo conselho." Eu me virei em direção à saída.

"O Príncipe de Arrow irá tomar o trono", disse com os lábios pressionados, como se doesse falar francamente. "Os sábios sabem disso desde antes de o pai de seu pai nascer. Skilfar me contou quando ela jogou minhas runas."
"Nunca fui muito de leitura de sorte." Peguei a aba da tenda e a abri para o lado.
"Por que você não fica?" Ela acariciou as peles atrás dela, a língua passando sobre os lábios secos. "Talvez você goste." E, por um instante, Katherine estava ali, sentada no cetim safira do vestido que ela usava em seu quarto naquela noite. Quando eu bati nela.
Corri ao ver aquilo. Disparei pela chuva, perseguido pela risada de Ekatri, com minha coragem correndo à minha frente. E meu apetite não voltou para o café da manhã.
Enquanto os outros comiam, eu me sentei às sombras perto de uma lareira fria e me balancei em minha cadeira. Makin apareceu, com a mão segurando um osso de carne de carneiro, cinzento e gorduroso. "Achou alguma coisa interessante?", perguntou.
Eu não respondi, mas abri a mão. Thurisaz, os espinhos. Não é uma grande façanha roubar de uma mulher caolha. A pedra engoliu a sombra sem devolver nada, com a runa solitária gravada de preto sobre ela. Os espinhos. Meu passado e meu futuro sobre a palma de minha mão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

20

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Makin exerce uma espécie de mágica nas pessoas. Se passarem meia hora em sua companhia elas irão gostar dele. Ele não precisa fazer nada especial. Parece não haver nenhum truque envolvido, e ele não parece se esforçar. O que quer que faça é diferente toda vez, mas o resultado é o mesmo. Ele é um matador, um homem duro que em má companhia faz coisas ruins, mas basta metade de uma hora e você vai querer que ele seja seu amigo.

"Bom dia, Duque Maladon", eu disse, conforme seus guardiões me conduziram ao grande salão.

Sequei os cabelos molhados pela chuva. Makin estava sentado em uma cadeira um degrau abaixo do trono do duque. Ele havia acabado de passar

uma jarra para Maladon e bebeu cerveja de sua própria jarra quando eu me aproximei. Dava para acreditar que eles se sentavam assim toda manhã por dez anos.
"Rei Jorg", disse o duque. A seu favor, ele não hesitava em me chamar de rei, embora eu estivesse pingando em meus trapos de viagem.
O salão estava à sombra, apesar da manhã cinzenta abrindo caminho pelas janelas altas e as lamparinas ainda queimando em pilares alternados. Em seu trono, Alaric Maladon era uma figura imponente. Ele poderia ter saído das lendas antigas.
"Espero que Makin não o esteja aborrecendo com suas histórias. Ele é dado a umas mentiras chocantes", eu disse.
"Então você não empurrou o mestre da guarda de seu pai cachoeira abaixo?", o duque perguntou.
"Talvez eu pos..."
"Ou decapitou um necromante e comeu seu coração?"
Makin enxugou espuma de seu bigode e observou um dos cães roer um osso. Todos os irmãos pareciam estar se esforçando com os pelos faciais. Acho que os danes os faziam se sentir inadequados.
"Nem tudo que ele diz é mentira. Mas fique de olho", eu disse.
"E Ekatri? Tinha palavras carinhosas para lhe dizer?", o duque perguntou. Não se desviava do assunto com esses nortistas.
"Isso não deveria ficar entre nós dois? Não dá azar contar?"
Alaric deu de ombros. "Como saberíamos se ela era boa se ninguém contasse o que ela diz?"
"Acho que ela me passou uma mensagem de cem anos atrás, dizendo para eu me deitar e deixar o Príncipe de Arrow fazer o que quiser com meu rabo."
Makin soltou uma risada dentro da cerveja e alguns dos nórdicos sorriram, embora seja difícil saber atrás de uma barba séria.
"Eu ouvi algo parecido", disse Alaric. "Um vidente dos fiordes, com gelo em suas veias e um jeito para ler as entranhas quentes. Disse-me que os velhos deuses e o Cristo branco concordavam todos. Chegou a hora de um novo imperador e ele surgirá da semente do antigo. O que se cochicha na Centena é que esses sinais apontam para Arrow."
"O Príncipe de Arrow pode ir se ferrar", Sindri disse. Eu não o havia visto nas sombras atrás dos guardas de seu pai.
"Você não o conheceu, meu filho", disse Alaric. "Ouvi dizer que ele causa uma boa impressão."

"Então como ficarão suas portas, Duque de Maladon, se o príncipe vier para o norte?", perguntei.
O duque sorriu. "Gosto de você, garoto."
Deixei o "garoto" passar.
"Sempre achei que o sangue do Império se acumulava no norte", Alaric disse. "Sempre achei que um homem de Dane deveria tomar o trono do Império, com machado e fogo, e que eu fosse o homem a fazê-lo." Ele tomou um demorado gole de sua jarra e ergueu uma sobrancelha espessa para mim. "Como ficariam os seus portões se o príncipe aparecesse uma bela manhã?"
"Isso, meu amigo, dependeria de quão bela a manhã fosse. Mas nunca gostei de ser pressionado, especialmente por videntes e bruxas, pelas palavras de homens mortos, por previsões baseadas no balanço invisível dos planetas, gravadas em pedras numeradas ou esmiuçadas das tripas esparramadas de uma ovelha infeliz", respondi.
"Por outro lado", Alaric disse, "essas previsões são muito antigas. O caminho do novo imperador foi preparado há cem anos ou mais. Talvez esse Príncipe de Arrow seja o tal de que falam."
"Homens velhos tornam palavras velhas sagradas. Eu acho que palavras velhas estão desgastadas e devem ser postas de lado. Leve uma noiva nova para a cama, não uma velha feia", eu disse, pensando em Ekatri. "Um tolo pode rabiscar em uma pedra e, se ninguém tiver a esperteza de limpá-la por mil anos, o rabisco vira a sabedoria dos tempos."
Assentindo entre os guerreiros, mais sorrisos. "A mensagem de Ekatri veio de Skilfar no norte." Isso fez os sorrisos sumirem bem rápido.
Alaric cuspiu no chão. "Uma bruxa do gelo no norte, um mago do fogo na nossa porta. Vikings nasceram na terra de gelo e fogo, e encontraram sua força opondo-se a ambos. Escreva sua própria história, Jorg."
Eu gostava dele. Deixe os jogadores ocultos tentarem mover o Duque de Maladon sobre o tabuleiro e eles podem ficar sem vários dedos.
O chão tremeu, uma vibração que causou um zumbido em meus dentes e deixou todos nós em silêncio até passar. As lamparinas não balançaram, mas se agitaram em seus suportes e as sombras se embaçaram.
"E o que você achou de Heimrift?", perguntou Alaric.
"Gostei bastante", disse. "As montanhas sempre me agradaram."
Na ampla lareira ao nosso lado, a cinza acumulada da noite anterior soltava uma leve fumaça, o que me lembrou do Monte Vallas com o vapor surgindo de seus flancos.

"E você está pronto para procurar Ferrakind?", perguntou Alaric.
"Estou", retruquei. Eu tinha a sensação de que Ferrakind me procuraria muito em breve se eu não fosse até ele.
"Conte-me sobre os trolls", disse Alaric. Ele me surpreendia, esse duque, com seu jeito dos primórdios, seus deuses antigos, seus machados e peles, tanto que você pensaria que ele era apenas um instrumento afiado feito para a guerra e nada mais, mas seus pensamentos eram tão rápidos que sua boca tinha de pular de um assunto para o outro só para conseguir acompanhar. "Os trolls e suas companhias estranhas", ele disse. E, como se obedecendo a uma deixa, as grandes portas se abriram do outro lado do salão para admitir Gorgoth, com sua corpulência escura contra a chuva.
Os guerreiros do duque seguraram seus machados com mais firmeza enquanto Gorgoth avançava em nossa direção, com o salão em silêncio exceto pela batida forte de seus pés. Logo atrás, Gog se apressava, com a chuva fumegando sobre ele e cada lamparina queimando mais forte conforme ele passava.
O chão tremeu. Dessa vez ele sacudiu como se o martelo de um gigante houvesse caído perto dali. Lá fora, alguma coisa gemeu e caiu com um estrondo. E ao meu lado uma lamparina saiu de seu gancho e se espatifou no chão de pedra, espalhando óleo fervente em um grande círculo brilhante. Vários respingos atingiram minha calça e queimaram ali, mas o tecido estava molhado demais para se alastrar. Gog se mexia rapidamente. Ele jogou uma mão em formato de garra na minha direção e a outra para a lareira. Soltou um grito, rápido e agudo, e o óleo da lamparina pingou para fora. Na lareira, um fogo novo queimava, com chamas joviais, como se fosse madeira seca empilhada ali em vez de cinzas.
Os homens à nossa volta praguejaram – ou por causa da força do tremor, ou pelo negócio da lamparina quebrada, ou apenas para aliviar a tensão acumulada quando Gorgoth passou pelo salão ensombrado. Eu não sabia.
"Bem, isso foi um truque esperto." Eu me agachei para ficar no nível de Gog e acenei para ele se aproximar. "Como você fez isso?" Meus dedos testaram onde o fogo havia queimado o chão e a calça e saíram frios e oleosos.
"Fez o quê?", Gog perguntou, com a voz aguda, os olhos no duque e no brilho dos machados empunhados à sua volta.
"Apague o fogo", eu lhe disse. Olhei para a lareira. "Mova o fogo", eu me corrigi.

Gog não tirou os olhos de Alaric em sua cadeira alta. "Só existe um fogo, seu bobo", ele disse, esquecendo-se de qualquer assunto de reis e duques. "Eu só o espremi."
Franzi a testa. Eu estava à beira de entendê-lo, mas continuava fora de meu alcance. Odeio isso. "Fale para mim." Eu o segurei pelos ombros e o virei na minha direção até nossos olhos se encontrarem.
"Só existe um fogo", ele disse. Os olhos dele eram escuros, tudo preto como de costume, mas havia algo quente em seu olhar, algo desconfortável, como se fosse acender você como um pavio de sebo.
"Um fogo", eu disse. "E todas essas..." Fiz um gesto para as luminárias. "São janelas para ele?"
"Sim." Gog suspirou, exasperado, e se esforçou para ir embora para uma nova brincadeira.
A imagem de um tapete me veio à cabeça. Um tapete com uma ruga. Eu me lembrei dele, de dias mais suaves. De dias em que eu dormia em um mundo que nunca tremia ou queimava, em um quarto ao qual minha mãe sempre ia para dar boa-noite. Um tapete com uma ruga e uma empregada tentando alisá-la com o pé. E, toda vez que ela achatava a ruga, outra aparecia ali perto. Mas nunca duas. Porque só havia uma dobra no tapete.
"Você pode tirar o fogo de um lugar e colocar em outro", eu disse.
Gog assentiu.
"Porque só há um fogo e nós vemos pedaços dele", eu disse. "Você aperta um canto para baixo e puxa outro para cima."
Gog fez que sim e tentou se libertar.
"E é só isso que você faz", eu disse.
Gog não respondeu, como se fosse óbvio demais para comentar. Eu o deixei ir e ele correu para baixo da mesa mais próxima para brincar com um cão de pelo ruivo.
"E os trolls?", Alaric perguntou, com ar de um homem se esforçando a ter paciência.
"Nós vimos alguns. Gorgoth pode se comunicar com eles. Eles parecem gostar dele", respondi.
Alaric esperou. É um truque bastante bom. Não diga nada e os homens se sentem compelidos a preencher o silêncio, mesmo que seja com coisas que eles prefeririam manter em segredo. É um truque bastante bom, mas eu o conheço e não falei nada.

"O Duque de Maladon sabe a respeito dos trolls", disse Gorgoth. Os danes estremeceram quando ele falou, como se achassem que ele fosse incapaz de fazê-lo e esperassem que rosnasse e rugisse. "Os trolls servem a Ferrakind. O duque deseja saber por que os que nós descobrimos não estavam a serviço do mago do fogo."
Alaric deu de ombros. "É verdade."
"Os trolls servem a Ferrakind por medo", disse Gorgoth. "A carne deles queima tão facilmente quanto carne humana. Alguns se escondem dele."
"Por que eles simplesmente não saem de Heimrift se querem viver livres?", perguntei.
"Humanos", ele disse.
Por um momento não entendi. É difícil pensar em tais criaturas como vítimas. Eu me lembrei de suas mãos com garras negras, mãos que poderiam arrancar a cabeça de um homem.
"Eles já foram muitos", disse Gorgoth.
"Você me disse que eles foram feitos para a guerra, soldados, então para que se esconder?" perguntei.
Gorgoth assentiu. "Feitos para a guerra. Feitos para servir. Não feitos para ser caçados. Não para ser espalhados e caçados sozinhos por terras estranhas."
Eu me levantei e fiquei de pé, batendo um metro e oitenta ultimamente. "Eu acho qu..."
"O que você acha, Makin?" O duque me cortou.
Makin olhou para mim e deu um sorriso mínimo. "Acho que todas essas coisas são o vislumbre do mesmo fogo", ele disse. "Tudo aqui volta para Ferrakind. As árvores mortas, os vermes nos pulmões de seu gado, suas colheitas perdidas, a derrubada de seus salões, um tijolo, uma aresta, uma viga de cada vez, os trolls, as chances de qualquer um de vocês concorrer ao trono do Império – tudo isso com Ferrakind queimando no centro."
É sempre uma coisa diferente que faz a mágica acontecer. Hoje foi sua inteligência. Mas, no fim de tudo, você queria que Makin fosse seu amigo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

21

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Os *danes são vikings que se estabeleceram, em sua maioria. O sangue de ladrões misturado ao de fazendeiros que eles conquistaram. Cada dane conta sua ascendência remontando ao norte, a um guerreiro com as mãos sujas de sangue pulando de seu barco, mas na verdade os homens bárbaros dos fiordes desdenham dos danes e os chamam de* fit-firar *– um erro que fez muitos vikings acabarem do lado errado do machado.*

"Você é mais útil para mim aqui, Makin."
"Você é louco de ir, para início de conversa", disse Makin.
"É por isso que viemos", respondi.

"Cada coisa nova que eu ouço sobre esse Ferrakind é uma nova boa razão para não chegar perto dele", disse Makin.
"Nós estamos aqui porque ele amoleceu com o monstrinho", disse Algazarra da porta. Ele não havia sido convidado para a conversa. Nenhum deles havia. Mas na estrada qualquer voz levantada é um convite para uma plateia. Embora não estivéssemos literalmente na estrada. Nós estávamos em quartos reservados para hóspedes em um salão menor, paralelo ao grande salão do Duque de Maladon.
"Ou *endureceu* com ele." Rike se inclinou sob o batente da porta, com um olhar desagradável. Desde que eu pegara a caixa de cobre ele parecia achar que tinha licença para dizer o que pensava.
Eu me virei para a porta. "Duas coisas que vocês devem se lembrar, meus irmãos."
Grumlow, Sim e Kent apareceram com as cabeças apontadas atrás de Rike.
"Primeiro: se vocês me responderem a respeito disso eu juro por cada padre no inferno que não sairão vivos deste lugar. Segundo: talvez vocês se lembrem de uma época quando vocês e nossos saudosos irmãos estavam ocupados morrendo do lado de fora do Assombrado. E de quando os soldados de infantaria do Conde de Renar estavam matando vocês. Matando Elban, Mentiroso e Burlow, o Gordo... Bem, Gog fez toda a guarda pessoal do conde – mais de setenta homens selecionados – ou virar uma poça de gordura humana queimada, ou ficar paralisada de medo. E ele tinha sete anos. Então, o tipo de homem que ele se tornará, se é que ele vai crescer, é uma questão de muito mais interesse para mim do que se vocês, seus infelizes, viverão até amanhã ou não. Na verdade, há muitas questões mais importantes para mim do que se você vai ficar um dia mais velho ou não, Rike, mas essa está no topo da lista."
"Você ainda precisa de mim aqui", disse Makin. Muitos anos me protegendo transformaram dever em hábito, uma necessidade.
"Se as coisas correrem bem não precisarei de você", eu disse. "E se elas correrem mal acho que uma ou duas espadas a mais não vão fazer diferença. Ele tem um pequeno exército de trolls à sua disposição e pode atear fogo nas pessoas apenas com o pensamento. Não acredito que uma espada irá ajudar."
Deixei Makin ainda argumentando e os outros se esgueirando como cachorros surrados. Bem, não Kent, o Rubro. Ele tinha um machado novo. Não novo de fato, mas um bom machado, forjado no alto norte e comprado

nos dracares de Karlswater. Kent ergueu o machado para mim quando eu saí, acenou com a cabeça e não disse nada.
Gorgoth e Gog me aguardavam nas despensas do duque com um saco de mantimentos entre eles e cobertores encerados caso precisássemos de abrigo nas montanhas.
Saímos em direção a Heimrift com uma bela manhã de primavera se rompendo por toda a parte. Todos nós caminhamos. Eu havia me acostumado a Brath e não desejava deixá-lo abandonado do lado de um vulcão. Até onde eu sabia, os trolls tinham predileção por carne de cavalo. Eu mesmo gosto bastante.
Sindri nos alcançou após oitocentos metros de estrada, com suas tranças balançando em suas costas conforme ele galopava.
"Não desta vez, Sindri, só eu e os bonitões aqui", eu disse.
"Você precisa de mim até sair da floresta."
"A floresta? Não tivemos problemas antes", eu disse.
"Eu vigiei você." Sindri sorriu. "Se você tivesse errado eu o teria guiado. Mas você teve sorte."
"E do que eu deveria ter medo na floresta?", perguntei. "Trolls verdes? Duendes? Ou mesmo um Grendel? Vocês danes têm mais bichos-papões do que o resto do Império junto."
"Homens dos pinheiros", ele disse.
"Como eles queimam?", perguntei.
Ele riu e em seguida deixou o sorriso desaparecer. "Há algo na floresta que extrai o sangue dos homens e o substitui com seiva de pinheiro. Eles não morrem, esses homens, mas mudam." Ele apontou para seus olhos. "O branco fica verde. Eles não sangram. Os machados não os incomodam."
Contraí os lábios. "Você pode nos guiar. Estou ocupado hoje. Esses homens dos pinheiros terão que ir às Terras Altas e entrar na fila se quiserem um pedaço de mim."
E então caminhamos, com Sindri guiando seu cavalo, pelas trilhas da floresta que ele julgava seguras e observamos as árvores com renovada desconfiança.
Ao meio-dia, a floresta rareou e deu lugar à vegetação rasteira. Nós marchamos através de samambaias da altura da cintura, com grupos de tojo nos arranhando ao passar, e urze em toda a parte tentando nos fazer tropeçar, com nuvens de pólen marcando o caminho.

Sindri não precisou ser mandado embora. "Esperarei aqui", ele disse, e se aninhou nas samambaias em uma encosta onde batia sol. "Boa sorte com Ferrakind. Se o matar, você terá pelo menos um amigo no norte. Provavelmente mil!"
"Não estou aqui para matá-lo", eu disse.
"Melhor assim, provavelmente", respondeu Sindri.
Franzi a testa. Se eu tivesse três irmãos que morreram em Heimrift teria uma conta a acertar com o homem que reinava ali. Os danes, porém, pareciam ter a mesma opinião sobre Ferrakind do que sobre os próprios vulcões. Criar problema com ele seria a mesma coisa que rivalizar com um penhasco porque seu amigo caiu dele.
Eu nos conduzi de volta a Halradra pelos caminhos e encostas que seguimos da primeira vez. Conforme ganhamos altura, o vento aumentou e levou nosso suor. O sol continuava a brilhar e parecia um bom dia. Se fosse o nosso último, pelo menos estava bonito até então. Trilhamos um longo vale de cinza preta e fluxos de lava rompida, correntes antigas ainda visíveis na rocha congelada. Muito acima de nós, uma única cabana de pastores era diminuída pela grande elevação das montanhas ao seu redor, construída em uma época em que a grama deve ter encontrado um jeito de crescer ali. Despercebida no céu azul, uma nuvem passou na frente do sol e sua sombra se ondulou sobre a extensão de rocha silenciosa e iluminada de leste a oeste.
Gorgoth fez um som profundo em seu peito. Eu gostava disso ao viajar com ele. Gorgoth represava suas palavras, então você não sabia o que ele estava pensando em momento algum, mas o gigante nunca perdia nada, nem mesmo aquelas raras ocasiões em que a miríade de partes deste nosso mundo sujo e acabado entra em um alinhamento passageiro que constrói uma beleza tão forte que dói só de ver.
Onde Gorgoth ficava em silêncio, Gog normalmente tagarelava bastante por dois. Na maior parte do tempo eu deixava passar. Crianças tagarelam. É a natureza delas e é a minha ignorar. Ao escalar Halradra pela segunda vez, contudo, Gog não falou nada. Após tantas semanas de infindáveis questionamentos – "Por que os cavalos têm quatro patas, irmão Jorg?"; "De que cor é feito o verde, irmão Jorg?"; "Por que aquela árvore é mais alta do que a outra, irmão Jorg?" –, você acharia que eu poderia querer um descanso, mas na verdade me irritou mais quando ele ficou calado.
"Sem perguntas hoje, Gog?", perguntei.
"Não." Ele me lançou um olhar e depois se virou.

"Nada?", insisti.
Nós continuamos a subir a encosta sem falar. Eu sabia que não era apenas medo que comeu a língua dele. Para as crianças, há um pavor em descobrir as limitações daqueles que você ama. A hora em que você descobre que sua mãe não pode protegê-lo, que seu tutor cometeu um erro, que o caminho errado precisa ser tomado porque os adultos não têm a força para tomar o correto... cada um desses momentos é o roubo de sua infância, cada um deles um golpe que mata alguma parte da criança que você foi, deixando outra parte do homem exposta, uma nova criatura, mais resistente, mas temperada com amargura e decepção.
Gog não queria fazer suas perguntas porque não queria me ouvir mentir.
Nós chegamos às cavernas que eu não havia visto antes, torcemos os narizes com o fedor dos trolls e passamos para a escuridão.
"Um pouco de luz se possível, Gog", eu disse.
Ele abriu a mão e o fogo brotou como se ele o estivesse segurando o tempo todo.
Eu abri o caminho, através do grande salão da caverna de entrada, pela passagem lisa que subia por cinquenta metros até a caverna da catedral, quase esférica com seu chão esburacado e paredes esculpidas.
Os trolls vieram rápido desta vez, meia dúzia deles se insinuando no círculo sombreado em volta da chama de Gog. Gorgoth estava pronto para colocar sua força contra qualquer um dos novos trolls que duvidasse dela, mas eles se agacharam e nos observaram – observaram Gorgoth –, sem atacar.
"Por que estamos aqui?", Gorgoth perguntou enfim. Eu havia me perguntado se ele cederia.
"Escolhi o meu terreno", eu disse. "Se você precisa encontrar um leão, é melhor que não seja em sua toca."
"Você não procurou em nenhum outro lugar", disse Gorgoth.
"Eu encontrei o que queria aqui."
"E o que era?", ele perguntou.
"Uma ponta de esperança." Sorri e me agachei para ficar no nível de Gog.
"Nós temos que encontrá-lo em algum momento, Gog. Esse seu problema, esses fogos, vão derrubar você mais cedo ou mais tarde e não há nada que eu possa fazer, nem mesmo Gorgoth pode ajudá-lo. Da próxima vez vai ser pior e a vez seguinte será pior ainda." Eu não menti para ele. Ele não queria me ouvir mentir.

Uma lágrima rolou em sua bochecha e em seguida virou vapor. Peguei sua mão, muito pequena dentro da minha, e pressionei a runa roubada em sua palma, fechando seus dedos em volta dela. "Você e eu, Gog, somos iguais. Lutadores. Irmãos. Vamos entrar juntos e sair juntos." E nós éramos iguais, sem mentira. No fundo, esquecendo toda a bondade dele, toda a maldade em mim, nós tínhamos um vínculo. Eu precisava vê-lo vencer. Não havia nada de altruísmo nisso. Se Gog pudesse sobreviver ao que o corroía por dentro, talvez eu também pudesse. Porra, eu não viajei meio Império para salvar uma criança magricela. Eu vim para me salvar.
"Vamos chamar Ferrakind até nós", eu disse. Olhei para os trolls. Eles me observavam com olhos pretos e molhados, sem reação ao nome de Ferrakind. "Eles entendem o que eu estou dizendo, pelo menos?"
"Não", disse Gorgoth. "Eles estão se perguntando se você é bom de comer."
"Pergunte a eles se há outras saídas daqui, que deem em um ponto mais alto da montanha."
Uma pausa. Eu me esforcei para ouvir o que se passava entre eles, mas não ouvi nada além da agitação da chama de Gog.
"Eles podem nos levar até uma", disse Gorgoth.
"Diga a eles que Ferrakind irá chegar. Avise-os para se esconderem por perto, mas para ficarem prontos para nos tirar daqui por algum desses outros caminhos."
Eu percebia quando os pensamentos de Gorgoth chegavam neles. Eles ficaram de pé rapidamente, as bocas negras esticadas em rosnados e rugidos silenciosos, as línguas negras batendo em seus dentes irregulares. Mais rápido do que surgiram eles se foram, perdidos na escuridão.
"Certo, vamos chamar Ferrakind. Tentarei fazer com que ele nos ajude." Virei o rosto de Gog, que observava a entrada, na direção do meu. "Se as coisas correrem mal, quero que você faça o truque que vimos no salão do duque. Se Ferrakind tentar nos queimar, quero que você pegue o fogo e o coloque onde eu lhe mostrei."
"Vou tentar", disse Gog.
"Tente com força." Eu tive medo de me queimar a vida toda, desde o atiçador, talvez até antes disso. Pensei em Justiça uivando enquanto ardia acorrentado. Vômito ácido borbulhou no fundo de minha garganta. Eu poderia ir embora. Eu poderia simplesmente sair.
"Como vamos fazê-lo vir aqui, irmão Jorg?" Eis a primeira pergunta do dia de Gog.

A visão de mim descendo a montanha ainda preenchia meus olhos. Eu assobiaria sob o sol da primavera e sorriria. O suor escorreria sob meus braços, frio sobre minhas costelas. Se Makin estivesse aqui diria que tinha uma sensação ruim a respeito. Ele estaria certo.
Eu poderia simplesmente ir embora. Eu poderia simplesmente ir embora.
Se Coddin estivesse presente ele diria que era um risco grande demais sem recompensa certa. Ele diria isso, mas gostaria de dizer "Caia fora daí, Jorg", porque ele não gostaria que eu queimasse.
E se meu pai estivesse aqui. Se ele me visse andando em direção à luz do sol. Tomando o caminho fácil. Ele diria em uma voz tão suave que você quase não perceberia, "Mais um, Jorg. Mais um". E em cada encruzilhada eu escolheria o caminho mais fácil de novo. E, no final, o que eu amava ainda ia queimar.
"Faça uma fogueira, Gog", eu disse. "Faça uma puta fogueira, a maior do mundo."
Gog olhou para Gorgoth, que assentiu e deu um passo para trás. Por um longo momento, medido por meia dúzia de respirações lentas, nada aconteceu. Fracas, a princípio, como se tudo fosse imaginação, as estampas de chamas nas costas de Gog começaram a tremer e a se mover. A cor se intensificou. Ondas escarlates correram através dele e o cinza empalideceu. O calor me alcançou e eu dei um passo atrás, e mais outro. As sombras haviam fugido da caverna, mas eu não tinha tempo de ver o que elas revelavam. Gog pulsava com calor, como uma brasa no fogo do ferreiro pulsa com cada sopro dos foles. Gorgoth e eu recuamos para o túnel que subia por trás da caverna da catedral. Ficamos com o calor do fogo de Gog queimando em nossos rostos e o ar descendo atrás de nós, gelado em nossas nucas.
As chamas vieram sem som e a caverna da catedral inteira se preencheu com um turbilhão de fogo laranja. Cambaleamos para trás, perdendo a visão da caverna mas ainda empolados pelo inferno. Minha respiração vinha em suspiros, como se o fogo houvesse queimado o que eu precisava do ar.
"Como isto irá ajudar?", perguntou Gorgoth.
"Só existe um fogo." Aspirei uma lufada de ar quente e inútil. Pontos pretos flutuavam em minha visão. "E Ferrakind observa através dele como se fosse uma janela para o mundo inteiro."
Gorgoth pegou meu ombro e impediu que eu caísse. Aquilo pareceu não exigir esforço e senti uma pontada de ressentimento, mesmo que eu estivesse

entrando em um lugar mais sombrio onde sua mão não pudesse me segurar. Eu não ouvia nada além de minhas próprias arfadas e o som dos meus calcanhares se arrastando enquanto ele me puxava mais para trás, mais para cima. A maior parte de mim se sentia quente o bastante para entrar em combustão de forma espontânea, mas estranhamente meus pés estavam congelando.

O fogo, que não fizera barulho quando veio, se foi com um marcante *"whumpf"*. Ele se apagou antes de eu desmaiar completamente e um choque de frio me trouxe de volta com uma maldita rouquidão.

"Mas que diabos...?" Eu estava em um pequeno córrego de água gelada. O túnel estava seco antes, mas agora um riacho corria por ele, com pedrinhas chacoalhando em sua corrente. Eu me revirei no fio d'água congelante e em seguida usei a parede para me pôr na vertical. Gorgoth guiou o caminho de volta. Ele havia passado uma vida inteira no escuro sob o Monte Honas e seus olhos de gato o ajudaram a encontrar o caminho, enquanto eu tropeçava atrás. O pequeno riacho nos seguiu de volta à câmara da catedral, onde borbulhou e evaporou nas rochas quentes.

Gog aguardava onde nós o havíamos deixado, ainda brilhando, e Ferrakind estava na boca do túnel que levava à câmara de entrada.

Eu pensava encontrar um homem com fogo dentro dele. Ferrakind era mais um fogo com uma pitada de homem restante. Tinha a forma de um homem, mas como se feito de ferro derretido, tal qual o que corre nos tonéis de Barrow e de Gwangyang. Cada parte dele ardia em chamas e sua figura inteira tremeluzia. Quando seus olhos, como estrelas brancas e quentes, viraram-se em minha direção, seu olhar chamuscou minha pele.

"Para mim, Gog!" Doeu gritar, mas o vapor da água gelada em volta de meus pés ajudou um pouco.

"A criança é minha", Ferrakind falou no crepitar de suas chamas.

Gog correu em nossa direção. Ferrakind avançou lentamente.

"E por que você o quer?", gritei. Eu não podia chegar mais perto sem que minha pele derretesse.

"O fogo grande consome o pequeno. Nós iremos nos unir e nossa força se multiplicará", respondeu Ferrakind.

Parecia-me que ele falava de memória, usando quaisquer partes do homem que ainda não haviam queimado.

"Nós viemos salvá-lo disso", eu disse. "Você não pode tirar o fogo dele e deixar o menino para trás?"

Aqueles olhos quentes me encontraram de novo e me olharam fixamente, como se de fato me vissem pela primeira vez. "Eu conheço você."
Eu não sabia o que dizer. Meus lábios estavam secos demais para as palavras tolas que eu talvez encontrasse em outras circunstâncias.
"Você despertou um fogo de uma espécie antiga que não queimava havia mil anos", disse Ferrakind.
"Ah, sim", eu disse. "Isso."
"Você trouxe o sol à Terra", a crepitação de Ferrakind diminuiu, como se impressionada pela lembrança da arma dos Construtores. Sombras passaram por ele.
Gog chegou até nós, e o calor dele havia passado, deixando novas marcas, chamas brilhantes capturadas em laranja por suas costas, peito e braços.
"Você pode mudá-lo? Pode tirar o fogo dele ou pelo menos o suficiente para que ele possa viver com isso?", perguntei. Ainda doía respirar e o vapor do degelo tornava difícil enxergar. Em algum lugar acima e atrás de nós, o calor de Gog e Ferrakind encontrava o gelo antigo do interior de Halradra.
O fogo de Ferrakind pingou e estalou, caindo sobre o chão da caverna. Percebi que ele estava rindo.
"Os Construtores tentaram quebrar as barreiras entre pensamento e matéria", ele disse. "Eles tornaram mais fácil mudar o mundo com um desejo. Estreitaram as paredes entre a vida e a morte, entre o fogo e o não fogo, desbastaram a diferença entre isto e aquilo, até mesmo entre aqui e acolá."
Ocorreu-me que a sanidade de Ferrakind havia sido uma das primeiras coisas a serem consumidas em seu próprio incêndio pessoal. "Você pode ajudar o garoto?", perguntei, tossindo.
"Está escrito nele. Seus pensamentos tocam o fogo. O fogo toca sua mente. Ele é jurado pelo fogo. Nós não podemos modificar a forma como somos escritos." Ferrakind deu um passo em nossa direção, as chamas subindo em torno dele como asas se preparando para o voo. "Dê-me o garoto e você poderá partir."
"Eu vim de muito longe para um 'não'", eu disse.
O fogo não é paciente. O fogo não negocia. Eu deveria saber dessas coisas. Ferrakind veio em nossa direção e uma coluna de chama branca irrompeu de suas mãos. Eu me considerava rápido, mas Gog se moveu mais rápido do que eu pudesse pensar e pegou a conflagração em seus braços, e seu corpo mudou o tom de laranja para um branco quente, mas nada atingiu nem a Gorgoth nem a mim.

"Atrás de nós!", eu gritei. "Mande-a de volta."
E Gog obedeceu. O túnel atrás de nós se preencheu com o fogo branco de Ferrakind conforme Gog o pegava com uma mão e o lançava para fora com a outra. Eu não conseguia ver nada do mago do fogo, apenas o incêndio branco fervendo nele, e nada do túnel, apenas um tufão feroz de fogo rodopiando para cima através dele. Nós ficamos em um casulo com um calor de fornalha de cada lado e um menino pequeno impedindo que nossa pele se queimasse até o osso.
Por um tempo, não vimos nada além do calor ofuscante e não ouvimos nada além do rugido do fogo. E a cada momento que eu achava que não podia durar muito mais a fúria aumentava. Gog resplandecia; primeiro, o laranja vivo de ferro pronto para o martelo, depois o branco do fogo da fornalha e em seguida um branco puro como o brilho das estrelas. Eu podia ver as sombras de seus ossos, mais nítidas a cada instante, como se o fogo estivesse queimando através dele, levando a substância dos músculos, pele e gordura. Deixando-o frágil e cinzento.
E, em um instante, o fogo e a fúria pararam, revelando Ferrakind, branco de calor e derretido, e Gog agachado, pálido como cinza prateada, sem se mexer.
Uma torrente de água de degelo corria ao nosso redor até a altura cintura, branca e ribombante, despejada na câmara principal pela boca de um túnel que estava seco e arenoso quando corremos por ele antes para escapar do fogo. As águas se dividiam em volta de Gog e novamente em torno de Ferrakind, como se incapazes de tocar a essência do fogo. Gorgoth e eu ficamos perto de Gog e a água quase não nos atingia.
Ferrakind riu outra vez, com novas chamas pulsantes surgindo dele. "Você pensou em me apagar, Jorg de Ancrath?"
Dei de ombros. "É a maneira tradicional. Combater fogo com fogo não parece ter funcionado." O fluxo ao nosso redor já havia começado a diminuir.
"Precisaria de um oceano!", disse Ferrakind. Ele reuniu fogo em suas mãos e deixou-o arder branco. "A criança está acabada. Hora de morrer, Jorg de Ancrath."
Se fosse a hora, então que assim fosse. Eu tinha uma ponta de esperança, mas só uma ponta mesmo. Pelo menos não seria um fogo lento. Brandi minha espada. Sempre pensei que teria uma espada na mão quando a hora chegasse.

Ouvi um estrondo, não o estrondo do fogo, mas de alguma maneira mais profundo e mais distante.
Precisaria de um oceano.
"Que tal um lago?", perguntei e avistei, ao longo de minha espada, o mago em chamas.
"Um lago?" Ferrakind estacou.
As águas surgiram naquele momento, com uma parede preta desabando junto do fio d'água em nossos pés. Mergulhei em direção a Gog, carregandoo comigo para a caverna da catedral, rolando para a lateral da boca do túnel. Como se fosse feito de vidro, ele se quebrou e se estilhaçou, como um brinquedo, em mil pedaços afiados e brilhantes. Senti o clarão repentino de calor. Agulhas de fogo perfuraram minha bochecha onde eu o atingi, minha mandíbula, minha têmpora. Fiquei em meio aos cacos cintilantes, os restos de Gog, paralisado por um mundo inteiro de dor, curvado no chão arenoso da caverna com uma enchente de proporções bíblicas correndo para fora pelo túnel poucos metros atrás de mim.
Na cratera de Halradra, mil vezes mil toneladas de gelo lá permaneceram por centenas de anos. Mas antes disso, numa era muito distante, as águas corriam. De que outra maneira esses túneis seriam lisos, cheios de pedregulhos e lama antiga, seriam polidos e esburacados como a pedra onde correm os rios? Com lentidão glacial, o gelo entrou onde riachos subterrâneos esculpiram catedrais escondidas e longas galerias, e Halradra dormiu, sufocado pelo gelo e em silêncio.
Eu não podia esperar que fogo algum derretesse tanto gelo para afogar um mago do fogo, muito menos que o próprio fogo do mago fizesse o derretimento enquanto ele ficava ali pacientemente esperando sua própria enxurrada. Mas eu tinha uma esperança, uma ponta de esperança: que o fogo dele e o de Gog, juntos, pudesse ao menos derreter uma passagem através do gelo, uma passagem por onde os túneis os levassem e onde o calor subisse... uma passagem para cima.
Durante a primavera e o verão, a cratera de Halradra é de um azul extraordinário. O azul de um metro de degelo em cima de metros e metros de gelo. Um lago de dez hectares, com apenas um metro de profundidade, em cima de todo aquele gelo.
Quando um buraco grande o bastante para engolir uma carroça é derretido através daquele gelo, você descobre que um metro vezes dez hectares é muita coisa.

A água gelada atingiu Ferrakind em uma grossa coluna, mais rápido do que o mais ágil dos cavalos, e o levou embora sem pestanejar.
Com o mago derrotado e as fagulhas se apagando dos fragmentos de Gog, a escuridão voltou. Eu só sentia dor e ouvia a enxurrada das águas. Saber que eu me afogaria em vez de queimar não fazia diferença. Só queria que fosse rápido.
De alguma maneira, na escuridão e na enchente, mãos me encontraram. O fedor de troll se misturou ao fedor de minha carne queimada e tentei escapar. Eu os amaldiçoei, pensando apenas que a agonia duraria mais desse jeito. Imaginei por um momento se eles ainda se perguntavam se eu tinha gosto bom. Talvez eles gostassem de sua comida parcialmente cozida. Mordi um deles em algum momento e posso dizer que os trolls têm sabor pior do que o cheiro. Não me lembro de mais nada. Acho que eles bateram minha cabeça em uma parede enquanto corriam para escapar da inundação.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** 16 de dezembro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. MEU QUARTO. MAERY CODDIN COSTURANDO NA CADEIRA DO CANTO. CHUVA BATENDO NAS PERSIANAS.

"Madame, você bota o inverno para correr. Nós nos aquecemos no calor de seu sorriso."
Foi o que o Príncipe de Arrow disse quando desci as escadas para o Salão Leste. "Madame", e não "princesa", porque é assim que eles dizem na terra de Arrow. Madame. É pomposo, talvez, mas me fez sorrir, pois eu estava séria antes, pensando em Sageous e no que estava escrito em seu rosto. E muito embora um poeta morto tenha provavelmente escrito a frase de Orrin ele pareceu autêntico como se a houvesse dito apenas para mim.
"Katherine, você está bonita."
Egan disse isso enquanto seu irmão fazia uma reverência. Noite e dia, esses dois. Ou talvez manhã e crepúsculo. Orrin loiro feito um jarl e belo

como os príncipes pintados naqueles livros para encantar princesinhas antes que elas aprendam que não é o beijo que transforma sapos em príncipes – é apenas a posse de um castelo e alguns hectares. Egan com seus cabelos curtos e mais pretos que fuligem, sua pele ainda manchada do sol de verão e seu rosto que seria brutal, que caberia em um açougueiro ou carrasco se não fosse pelo fogo por trás dele, a energia que punha os pelos dos braços e do pescoço de pé.

E quais foram as últimas palavras de Jorg Ancrath para mim? "Talvez a sua mira seja melhor, tia", foi o que me disse ao me convidar para terminar o trabalho de seu pai. Enquanto estava ali, mais pálido que Orrin, mais sombrio que Egan, com os cabelos sobre os ombros como um rio negro, ele observava a mim e a minha faca, com o rosto anguloso e complicado, como se fosse possível ver ali não o homem que ele se tornará, mas os homens que ele poderia se tornar.

E por que estou escrevendo sobre esse garoto quando há homens dos quais falar? Aquele garoto que me bateu. Não creio que ele tenha rasgado meu vestido. Mas creio que tenha considerado, no entanto.

Ambos pediram minha mão. Orrin com palavras doces que não consigo descrever. Ele fez eu me sentir perfeita. Limpa. Sei que ele me protegeria e faria tudo para me fazer feliz. Sei que o retrato muito... certinho. Há fogo e força em Orrin de Arrow. Em seu interior, ele é de ferro e toda parte dele está inteiramente viva.

Egan pediu com palavras curtas e olhares longos e sombrios. Acho que suas paixões apavorariam Sareth, apesar da boca suja que ela tem. Acho que uma mulher fraca morreria em sua cama. E uma forte pode achar que lá é o único lugar em que se sentiria viva.

Nós caminhamos pelo roseiral que a Rainha Rowan plantara no ano antes de morrer, lá entre a torre de menagem e a muralha. Passeei primeiro com Orrin, já que ele é o irmão um ano mais velho, e depois com Egan, com Maery Coddin um metro atrás para nos acompanhar. O jardim está cheio demais agora, não abandonado, mas tratado sem cuidado, as rosas murchas em suas hastes, espinhos e flores mortas, todas cobertas com geada. Orrin começou a caminhar sem falar, apenas com a trituração dos pés no cascalho para quebrar o silêncio frio. Suas primeiras palavras se emplumaram diante dele: "Não seria fácil ser minha esposa".

"Sinceridade é sempre interessante", eu lhe disse. "Por que seria tão difícil?"

E ele me disse ali, em meio às rosas, sem arrogância ou orgulho, que ele seria imperador um dia, mas que o caminho para Vyene não seria fácil. Deus não lhe dissera para fazê-lo, nem ele havia feito uma promessa para um pai à beira da morte; ele não descrevia aquilo como destino, apenas como obrigação. Orrin de Arrow é, eu acho, aquela coisa mais rara. Um homem verdadeiramente bom, com todas as forças para fazer o que sua bondade exige dele.
Ele estava certo, claro. Amar tal homem podia ser fácil; casar-se com ele muito mais difícil.
Se Orrin primeiro pensou e depois falou sobre o futuro, Egan falou sem hesitação e sobre o agora. Tudo que eles tinham em comum era a sinceridade. Egan me disse que me desejava e eu acreditei nele. Ele me disse que me faria feliz e como. Tenho certeza de que, se eu me virasse, o rosto de Maery estaria tão corado quanto o meu. Egan falou de seus cavalos, das batalhas que havia lutado e das terras a que me levaria. Um pouco daquilo era bazófia, com certeza, mas no fim ele falou de suas paixões: matar, cavalgar, viajar – e agora eu. Pode ser frívolo de minha parte, mas ser considerada entre os simples prazeres essenciais de um homem como Egan de Arrow é um elogio. E sim, pode ser que ele me veja como um prêmio a ser conquistado, mas acho que eu seria páreo para seu fogo e ele se consideraria em boa companhia.
Eu disse a eles que teria que pensar.
Sareth acha que eu sou louca de não escolher logo e me atirar à chance de deixar Ancrath.
Maery Coddin diz que eu deveria escolher Orrin. Ele tem mais terras, mais perspectivas e fogo suficiente para derretê-la, mas não tanto para queimá-la.
Mas eu escolhi esperar.

8 de fevereiro, ano 99 interregno

CASTELO ALTO. BIBLIOTECA. FRIA E VAZIA.

Sareth teve seu fedelho Ancrath. Ela berrou alto o suficiente para meio castelo saber, mais do que eles gostariam, sobre a atividade de empurrar

uma cabeça grande e gosmenta através de um buraco apertado até para um dedo. Ela me mandou embora após poucas horas. Pelo meu mau humor. Sinceramente, fiquei feliz em ir.
Eu deveria estar contente por ela. Deveria agradecer que ambos sobreviveram. Eu realmente a amo, e suponho que irei amar o garoto. Não é culpa dele ser um Ancrath. Mas estou com medo.
Não era mau humor. Era medo. Ela uivou o resto do dia e à noite, até conseguir fazê-lo sair dela. Eu sabia que Sareth tinha a boca suja, mas as coisas que ela gritou mais para o fim... Imagino como os criados olharão para ela agora. Como os cavaleiros vigiarão sua rainha por trás de suas viseiras.
Estou com medo e esta pena põe o medo oscilando em cada letra. Estou tremendo e tenho que escrever devagar e firme só para conseguir ler o que registrei.
Perdi minhas contas mês passado, e este mês também. Acho que antes de o ano terminar serei eu gritando sem me importar com o que digo ou quem está ouvindo. E não haverá bandeiras expostas e preces na capela para meu bastardo. Não como houve para o pequeno Príncipe Degran à meia-noite. Nem mesmo se meu bebê tiver o mesmo cabelo preto grudento e os mesmos olhos escuros observando de um rosto espremido.
Eu o odeio. Como ele pôde? Como ele pôde estragar tudo?
Eu sonhei com Jorg nesta noite, vindo a mim, e minha barriga toda gorda, tensa, quente e esticada, esticando-se como se o bastardo quisesse sair de mim, as mãozinhas deslizando sobre minha pele. Sonhei que Jorg trazia uma faca consigo. Ou a faca era minha. Aquela, longa e estreita. E ele me abria, como Drane estriparia um peixe na cozinha, e ele tirava o bebê, vermelho e gritando.
Eu deveria contar a alguém. Deveria ir até frei Glen com a história. Que Jorg me estuprou. E procurar perdão, embora não saiba por que eu é que precise pedir. Eu deveria ir. Eles me mandariam para as Irmãs Sagradas na Rocha Frau.
Mas eu odeio esse homem, esse frei atarracado de olhos inexpressivos e dedos grossos. Não sei o porquê, mas eu o odeio ainda mais que Jorg Ancrath. Ele faz minha pele querer cair e rastejar para longe.
Ou eu poderia pedir a alguém para me ajudar a perdê-lo. Havia mães velhas no cortiço em Scorron que trituravam uma pasta amarga... e os bebês caíam das mulheres que as visitavam, pequenos e mortos. Mas isso

era em Scorron. Eu não sei a quem pedir aqui. Maery Coddin, talvez, mas ela é muita boa, muito certa. Ela contaria a Sareth e esta contaria ao Rei Olidan e sabe-se lá o que ele faria comigo por estragar seus planos, por não jogar seu jogo de soberania como um bom peão, por cair do tabuleiro. Melhor se eu me casasse com o Príncipe Orrin ou Egan. Rápido, antes que desse para ver. Egan não esperaria o casamento. Ele estaria em cima de mim em um instante. Ele nunca saberia se não fosse dele. Orrin esperaria.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

22

Dia do Casamento

Onde está Coddin, droga?"
"Lá embaixo." O mestre da guarda Hobbs apontou para o vale abaixo. A retaguarda cinza da guarda esboçava uma linha irregular à frente do início das tropas de Arrow.
"Deveria tê-lo deixado no castelo, Jorg", disse Makin, tomando fôlego a cada duas palavras. "Ele está velho demais para correr." Eu cuspi. "Keppen tem cem anos, se não tiver mais, e ele estaria para cima e para baixo dessa montanha antes de você tomar o café da manhã, Sir Makin."

"Ele deve ter sessenta", disse Makin. "Bem mais velho que Coddin, de todo modo, admito."
O mestre da guarda Hobbs se uniu a nós na serra, com o capitão Stodd a seu lado, com sua barba curta e branca em um rosto vermelho.
"Bem?", disse Hobbs.
Eu o observei.
"Majestade", ele acrescentou.
É fácil perder a fé na montanha, mas encontrá-la também é. De alguma maneira, estar mais próximo de Deus alguns milhares de metros faz toda a diferença.
Hobbs tinha um bom motivo para suas dúvidas, de todo modo. Acima de nós, o vale se estreitava em uma passagem íngreme, um gargalo que atrasaria trezentos homens a ponto de os soldados de Arrow conseguirem finalmente sujar de sangue suas espadas após uma longa perseguição. Acima disso, o limiar da neve e a longa escalada até a Passagem da Lua Azul que, apesar da promessa de seu nome, está bloqueada nesta época do ano. Abaixo de nós está dez vezes o nosso número e mais um tapete de homens em movimento constante preenchendo o vale, com o sol refletindo em capacetes, escudos, pontas de espadas e lanças.
"Vamos esperar Coddin", eu disse. Até Coddin precisava de sua fé restabelecida.
"Majestade." Hobbs curvou a cabeça. Ele pegou seu arco e aguardou, com a respiração ofegante em seu peito. Um bom homem – ou pelo menos sólido. Papai o selecionou da guarda real para a Guarda da Floresta, não como punição, mas para recompensar a guarda.
Eu desviei o olhar da massa humana agitada para os picos, cobertos de neve, serenos. O limite das neves esperava por nós, não muito acima do gargalo. O vento carregava neve fresca, cristais de gelo em um leve redemoinho. Nenhum de nós sentia frio. Dez mil passos na montanha ardiam em minhas pernas, deixando-as tremerem, e esquentavam meu sangue quase até ferver. A oeste, eu podia ver o Dedo de Deus. O cansaço em mim não era nada comparado ao que eu senti no dia em que me arrastei para a ponta daquele dedo e fiquei deitado quase morto sob o céu mais azul. Fiquei ali durante horas e no final me levantei, inclinando-me contra o vendo, e brandi minha espada.
Quando você escalar, não leve nada que não seja essencial. Levei uma espada, amarrada às minhas costas. Há uma canção por trás do ato de

brandir uma espada. No Dedo de Deus ela pode ser ouvida mais claramente. Eu escalara perseguindo a memória da música de minha mãe, mas o pico me cantou uma canção diferente. Talvez seja pelo paraíso estar mais perto, talvez o vento a traga. De todo modo, eu ouvi a canção da espada naquele dia e fiz o kata com minha arma, cortando a ventania, girando, virando, golpeando alto e depois baixo. Dancei a canção da espada naquele lugar alto por uma hora, talvez mais, uma brincadeira louca com uma queda infinita em todos os lados. E depois, antes que o sol ficasse baixo demais, deixei a espada na pedra, uma oferenda aos elementos, e comecei a descer.
No Dedo de Deus, entendi pela primeira vez por que os homens brigam por um lugar, por rochas e riachos, não importa quem se proclame rei ali. O poder dos lugares. Eu o senti novamente no alto do vale, com as hordas de Arrow se aglomerando em minha direção.
"O que há, Coddin?", perguntei quando meu chanceler cambaleou até nós. "Você parece estar morrendo."
Ele não tinha fôlego para responder.
"Você está com o que eu lhe dei?" Na hora eu não sabia por que dera a ele, somente que eu devia.
Ainda ofegante, Coddin pegou seu fardo e procurou lá dentro. "Fique contente por eu não ter jogado isso fora só para me manter à frente do inimigo", ele disse.
Peguei o apito dele, um apito das Terras Altas, tal qual os pastores usam, de trinta centímetros de comprimento com um pistão de couro.
"Sempre confio em suas promessas, Coddin", eu disse, embora tenha mandado Makin carregar um segundo e tinha um terceiro com Keppen. Confiança é ótimo, mas tente não fazer planos sobre ela.
"Nenhum de nós é da região", eu disse a meus capitães, com a voz levantada para os homens da guarda começarem a se reunir. "Bem, você é." Apontei para um camarada na segunda fileira. "Mas a maioria de nós nasceu e foi criada em Ancrath."
Os últimos da guarda estavam se aproximando agora, com os homens de Arrow poucas centenas de metros atrás, avançando lentamente sobre rochas quebradas.
"Vocês estão aqui comigo, homens de Ancrath, porque são meus melhores guerreiros, porque aprenderam a lutar em terras difíceis de defender e que outros querem tomar. Estas nossas Terras Altas, porém, são mais fáceis de

proteger e de vigiar, essa merda toda, tirando as pedras e as cabras." Isso causou uma risada ou duas. Alguns homens da guarda ainda tinham energia. "Hoje todos nós nos tornamos altaneiros", eu disse.
Peguei o apito, segurei-o bem alto e empurrei o pistão, não muito forte, pois isso estraga o tom. É uma pressão constante que traz os melhores resultados. Um apito de cabras se propaga por quilômetros pelas montanhas. O tom é determinado para deixar o vento carregá-lo e rebatê-lo em cada pedra. Uma soada longa chegaria quase até O Assombrado. Sem dúvida bem longe para atingir cada um dos altaneiros que eu havia escondido nas encostas altas com vista para nosso caminho montanha acima. E não qualquer altaneiro, mas os homens que haviam protegido essas determinadas encostas geração após geração. Os homens que, como seus pais e avôs, levavam uma pedra para passear. Eles guardavam bem seus segredos, os homens de Renar, mas do topo do Dedo de Deus, naquele dia anos antes, tudo havia se revelado para mim.
Foi preciso o sopro de sete trombetas para derrubar os muros de Jericó, mas eles não foram feitos para cair. Um sopro do apito de um pastor fez as montanhas se moverem nas Terras Altas de Renar. Nos dois lados do vale, por toda a sua extensão, uma dúzia de deslizamentos de pedras individuais. Os altaneiros conhecem suas encostas com uma intimidade que envergonharia o conhecimento de amantes sobre as curvas um do outro. Grandes pedras prontas para cair, rochas nas beiradas com alavancas preparadas, tombadas com um empurrão e um grunhido, rolando, colidindo, cascateando – uma, depois várias, muitas, demais. Nós sentimos o chão tremer sob nossos pés. O barulho era como um moinho em atividade, com os dentes chacoalhando-se em encaixes soltos. Em instantes, o vale inteiro havia sido posto em movimento e os milhares de Arrow desapareceram conforme a poeira subiu e a pedra transformou a carne em uma pasta sangrenta.
"Obrigado, Coddin. Muito agradecido." Devolvi o apito a ele. "Hobbs, quando a poeira abaixar o bastante para um tiro bom, você pode mandar os homens derrubarem qualquer um ainda de pé."
"Sangue de Jesus", disse Makin, olhando para o vale abaixo de nós.
"Como..."
"Topologia", eu disse. "É uma espécie de mágica."
"E agora, Rei Jorg?", Coddin perguntou, com a fé restabelecida, mas ainda concentrado nos números, sabendo que nossas chances contra dezesseis ou

dezessete mil não eram tão melhores do que contra vinte mil.
"De volta para baixo, claro!", eu disse. "Não podemos atacar daqui de cima, podemos?"

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

23

Dia do Casamento

A viagem de volta ao Assombrado nos levou a um território fresco, uma superfície nova e partida, repleta de homens mortos transformados em carne moída, e aqui e ali se ouviam os gritos dos vivos aprisionados debaixo de nós. Nós continuamos, com o cinza das vestes rotas da guarda renovado pelo pó das rochas, os homens pálidos pela pedra pulverizada e pelo horror. O exército do príncipe cercava O Assombrado agora – arqueiros nas alturas, armas de cerco sendo arrastadas para suas posições. Todas as minhas tropas no castelo estavam aglutinadas nas muralhas, com ou sem espaço. Não havia como ficar contra o inimigo em campo aberto.

Vi unidades de arqueiros descendo em longas filas, supostamente enviados ao leste para encontrar nosso avanço em face do massacre recente. O

príncipe parecia aprender rápido. Ele previu meu ataque renovado. Não parecia provável que ele considerasse meus trezentos homens um mero aborrecimento dessa vez.
"Ele não deveria estar com pressa", Makin disse do meu lado.
"Ele irá reduzir as muralhas e desbastar as fileiras primeiro", disse Coddin.
"Ele não precisa entrar até as neves chegarem, as grandes neves", disse Hobbs. "Lá dentro nas grandes neves. Inverno ao lado do fogo. Além das passagens quando a primavera desobstruí-las."
"Ele quer entrar hoje", contei a eles. "Amanhã no mais tardar. Ele passará pelo portão da frente."
"Por quê?", perguntou Coddin. Ele não estava discutindo, mas queria entender.
"Para que desperdiçar um bom castelo?", eu disse. "Um empurrão forte. Uma rendição. Uma dose de misericórdia e ele ganha uma nova fortaleza, uma nova guarnição e um pequeno conserto para fazer na entrada. Ele não é de meias medidas, assim como eu. Vá com tudo, rápido, faça o serviço."
"Uma dose de misericórdia?", perguntou Makin. "Você acha que a famosa misericórdia de Arrow sobreviveu aos eventos recentes?"
"Talvez não", eu disse, com um sorriso cruel, "mas não pretendo oferecer nenhuma também. Escute o que eu digo, velho amigo, ninguém sai vivo, não desta vez."
"Jorg, o Rubro." Makin bateu a mão em seu peito como havia feito no Forte de Remagen anos antes.
"Um dia vermelho", eu disse. Molhei dois dedos em algo que vivia e ria apenas algumas horas antes e desenhei uma linha carmesim em minhas bochechas, primeiro na esquerda e depois na direita.
Ao fazermos o caminho de descida do vale, mexi na caixa de cobre no saco de couro pendurado na minha cintura. O dia todo eu havia sentido Sageous ultrapassando os limites de minha imaginação, os quase-sonhos e devaneios para os quais ele conseguia encontrar atalhos. Minhas próprias fontes, uma rede de espiões muito menos sofisticada do que a maioria da Centena possuía, disseram-me que o Príncipe de Arrow tinha um segundo exército, bem menor do que o que estava em meus portões, rumando para Ancrath e o Castelo Alto, presumivelmente para garantir que meu pai mantivesse suas tropas do lado de dentro. Isso não parecia motivo para Sageous estar assombrando meus sonhos, a não ser que ele houvesse se unido a Arrow quando o equilíbrio de poder se tornara claro e agora atuasse como assessor

do príncipe, procurando obviamente possuir sua mente em vez de simplesmente guiá-la.
Mas, por outro lado, o bruxo dos sonhos poderia estar no Castelo Alto. Talvez Sageous quisesse saber meus planos para vendê-los a Arrow e comprar a independência de Ancrath para meu pai. De qualquer modo, eu não iria mostrá-los a ele.
Peguei o fio da memória que estava tentando encontrar e o puxei. Os planos predefinidos que eu guardara na caixa sempre apareciam como inspiração repentina, momentos de epifania nos quais fatos díspares se conectavam. Eu me aproximei do fio de meus esquemas, mas dessa vez alguma coisa deu errado. Dessa vez, apesar de meu cuidado, a caixa se abriu, uma abertura da espessura de um fio de cabelo, e vi em minha mente uma luz escura vazando por debaixo da tampa. Eu a empurrei para baixo num instante e a fechei com um clique.
Por um momento muito longo achei que nada houvesse escapado.
Então a lembrança me enlevou.

"Olá, Jorg", ela diz, e minhas palavras inteligentes me abandonam.
"Olá, Katherine."
E ficamos parados entre as sepulturas, com a menina de pedra e o cachorro de pedra entre nós, e as flores rodopiam como neve rosa quando o vento fica mais forte, e eu penso em um globo de neve quebrado há muito tempo e me pergunto como tudo isso se acalmará.
"Você não devia estar aqui sozinha", eu digo. "Dizem que há bandidos nestas matas."
"Você quebrou meu vaso", ela diz, e eu fico contente por sua língua também a trair.
Os dedos dela retornam ao local onde eu a golpeei, onde o vaso se quebrou e ela caiu.
Eu pus seus entes queridos debaixo da terra, mas ela fala sobre um vaso. Às vezes, uma ferida é grande demais e nós contornamos suas beiradas procurando uma maneira de entrar.
"Para ser justo, você estava prestes a me matar", eu digo.
Ela franze a testa.
"Eu enterrei meu cachorro aqui", digo a ela. Katherine já está me fazendo dizer coisas tolas, contando segredos que ela não tem direito de saber. Ela é

como aquela pancada na cabeça que levei de Orrin de Arrow. Ela rouba o meu bom senso.
"Hanna está enterrada aqui." Ela aponta. Sua mão é muito branca e firme.
"Hanna?"
Tempestade em sua fronte, os olhos verdes flamejam.
"A velha que tentou me estrangular?", pergunto. Uma imagem de um rosto roxo flutua em minha frente, emoldurado por mechas grisalhas, com minhas mãos sob seu queixo.
"Não... É... Verdade!", Katherine diz, mas cada palavra é mais suave que a anterior e a convicção foge dela. "Ela não faria isso."
Mas ela sabe que fez.
"Você matou Galen", ela diz, ainda olhando fixamente.
"É verdade", eu digo. "Mas ele estava a um passo de enfiar sua espada em minhas costas."
Ela não pôde negar. "Desgraçado", ela diz.
"Você sentiu minha falta, então?", digo e sorrio porque estou satisfeito em vê-la, em respirar o mesmo ar.
"Não." Mas seus lábios se contraem e sei que ela tem pensado em mim. Eu sei disso e fico ridiculamente feliz.
Ela joga a cabeça e se vira, pisando lentamente como se caçando seus pensamentos. Observo a linha de sua nuca. Ela está usando um vestido de montaria de couro e camurça marrom e verde apagado. O sol encontra uma centena de ruivos em seus cabelos enrolados. "Eu odeio você", ela diz.
Melhor do que indiferença. Eu ando atrás dela, aproximando-me.
"Meu Deus, você fede, garoto", ela diz.
"Você disse isso quando nos conhecemos", eu digo. "Pelo menos é um fedor honesto da estrada. Cavalo e suor. Fede menos que intrigas da corte. Pelo menos para mim."
Ela cheira como a primavera. Eu estou próximo agora e ela parou de se afastar. Estou próximo e há uma força entre nós, formigando em minha pele, sob as maçãs de meu rosto, tremendo em meus dedos. É difícil respirar. Eu a desejo.
"Você não me deseja, Jorg", ela diz como se eu houvesse falado. "E eu não desejo você. Você é apenas um garoto – um garoto perverso ainda por cima."
A linha de sua boca é firme, seus lábios contraídos em uma linha, mas ainda carnudos.

Posso ver os ângulos de seu corpo e eu a quero mais do que já quis qualquer coisa. E eu sou cheio de vontades. Não consigo falar. Vejo minhas mãos se mexendo em sua direção e faço força para fazê-las parar.
"Por que você se interessaria pela irmã de uma 'puta Scorron', afinal?", ela pergunta, franzindo novamente a testa.
Isso me faz sorrir e eu consigo falar de novo. "O quê? Eu tenho que ser coerente agora? É esse o preço por ter crescido? É alto demais. Se eu não puder me opor à mulher que substituiu minha própria mãe... não puder fazer insultos infantis... o preço é alto demais, eu lhe digo."
Outra vez a contração de seus lábios, a rápida insinuação de um sorriso.
"Minha irmã é uma puta?"
"Na verdade, não tenho provas nem que sim nem que não", respondo.
Ela sorri um sorriso apertado e enxuga as mãos em suas saias, olhando para as árvores como se procurasse por amigos ou inimigos.
"Você não quer que eu seja razoável", eu digo.
"Eu não quero você de jeito algum", ela diz.
"O mundo não é feito por homens razoáveis", eu digo. "O mundo é um ladrão, um trapaceiro, um assassino. Mande um ladrão para pegar outro ladrão, eles dizem."
"Eu deveria odiá-lo por Hanna", ela responde.
"Ela estava tentando me matar." Eu caminho até a sepultura que Katherine apontou. "Devo me desculpar com ela? Posso falar com os mortos, sabia?"
Eu me abaixo para pegar um jacinto, uma flor para o túmulo de Hanna, mas o caule murcha em minha mão, o azul escurece até ficar quase preto.
"Você devia estar morto", ela diz. "Eu vi o ferimento."
Levanto minha camisa e mostro a ela. A linha escura onde a faca de meu pai entrou, as raízes pretas se espalhando a partir dela, costurando minha pele, mergulhando em direção ao coração.
Ela faz o sinal da cruz em seu próprio peito, uma proteção rapidamente esboçada. "O mal está em você, Jorg", ela diz.
"Talvez", eu digo. "O mal está em muitos homens. E em mulheres também. Talvez eu só demonstre mais."
Eu gostaria de saber, todavia. Primeiro Corion, depois o coração do necromante. Eu poderia culpá-los por meus excessos, mas algo me diz que meus defeitos são meus mesmo.
Ela morde o lábio, dá um passo adiante e se endireita. "De qualquer forma, meu coração já se afeiçoou a um bom homem."

Com toda a minha esperteza eu não havia pensado nisso. Eu não havia pensado em Katherine ter olhos para outros homens.
"Quem?" É tudo que consigo dizer.
"Príncipe Orrin", ela diz. "O Príncipe de Arrow."
E eu desabo.

Bati nas pedras dizendo um palavrão e esfolei a mão protegendo meu rosto. Makin me puxou para cima rapidamente. "Reis caem na batalha", ele disse, "não tropeçando no caminho."
Demorou um pouco para eu me livrar da lembrança. Mas não há nada como uma reunião dura com o chão e sangue em suas mãos para trazer um homem para o aqui e agora. As montanhas, neve iminente e um inimigo com a força de muitos milhares. Problemas reais, não lembranças nocivas que era melhor esquecer.

"Eu estou bem." Apalpei a bolsa presa à minha cintura. A caixa ainda estava lá. "Vamos arrebentar esse Arrow."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

24

Dia do Casamento

Do alto, até os muitos milhares de Arrow pareciam pequenos, espalhados pelas encostas em frente ao Assombrado e ao longo das serras ao leste. A cena poderia ter me enternecido se meu castelo não parecesse menor ainda, abarrotado em três lados por soldados e mais soldados, com o sol refletindo os brilhos de lanças e capacetes. Se os planos do Príncipe de Arrow estavam de acordo com minha previsão de um ataque avassalador ou com o cerco de Makin e Coddin, ainda não estava claro. O que estava claro era que nosso segundo ataque nos traria prejuízo. Em nossa linha de ação, as tropas do príncipe se espalharam na frente do corpo principal de seu exército em uma zona de amortecimento dispersa, com soldados de infantaria sob a

melhor proteção que as encostas podiam oferecer e defesas adicionais rapidamente improvisadas com carroças viradas e mantimentos empilhados. Eles ficaram abrigados enquanto a guarda escolhia quaisquer alvos que podia. Nossas flechas estavam matando e ferindo homens em quantidade, mas o tempo inteiro as colunas de arqueiros descendo das serras ao leste se aproximavam. Talvez mil dos quatro mil arqueiros do príncipe estariam atirando de volta em cinco minutos.

"Eles não estão felizes", disse Makin. Ele também não parecia muito feliz.
"Não", eu disse. O rugido do exército do príncipe aumentava e diminuía conforme o vento subia e descia. Nenhum guerreiro de verdade sente o menor amor por arqueiros ou pelo arco. A morte vem voando de longe, invisível, e há pouco que a habilidade ou o treinamento possa fazer para salvá-lo. Eu me lembrei de quatro anos atrás, Maical escorregando do tordilho como se houvesse se esquecido de como montar. Eu mesmo não apreciava a chegada dos arqueiros do príncipe. Minha pequena história de maldade e apostas poderia ser facilmente encurtada pela chegada repentina da flecha certa no lugar errado.
"Nós temos que ir agora", disse Coddin.
"Eles não vão nos seguir até os arqueiros se unirem a eles", eu disse.
"E por que nós queremos que eles nos sigam? O deslizamento de pedras, bem, aquilo foi impressionante, não vou negar, mas não pode acontecer de novo", disse Coddin.
"Não pode?", perguntou Hobbs à minha direita, esperançoso.
"Não", eu disse. "Mas precisamos tirar de combate quantos homens conseguirmos. O castelo pode trabalhar a nosso favor, mas não com essas probabilidades. E lembrem-se, senhores, a linda Rainha Mi... Mi-o quê?"
"Miana", completou Coddin.
"Isso. Rainha Miana. Faça os soldados se lembrarem por quem estamos lutando, Hobbs."
E assim era Coddin. Ele observava e se lembrava. O homem possuía uma mistura de decência e discrição que me tocava, qualidades que eu nunca teria, mas que sabia apreciar, no entanto. Ele havia sido o primeiro homem de Ancrath que encontrei em meu retorno quatro anos antes. Eu o achava alto naquela época, embora agora eu o sobrepujasse. Eu o achava velho, embora agora ele tivesse cabelos grisalhos em meio aos pretos e o achasse em seu auge. Eu o havia promovido a capitão da Guarda da Floresta porque algo

nele me dizia que não iria me decepcionar. A mesma qualidade pôs o manto de camareiro em seus ombros um ano depois.
Do outro lado da encosta, o velho Keppen mandava seus arqueiros mirarem suas flechas bem para o alto, passando sobre os soldados de infantaria espalhados e caindo sem mira no meio das forças do príncipe.
Eu vi os primeiros arqueiros surgindo das fileiras, homens de Belpan com seus arcos altos, e os recrutamentos do próprio príncipe com os dragões de Arrow pintados de vermelho em seus tabardos de couro.
"Hora de ir." Coloquei a fita roxa no final de meu arco curto e o segurei no alto para que a guarda visse.
Em retrospecto, teria sido melhor ter mandado outra pessoa fazê-lo. Alguém sem importância. Felizmente, os arqueiros do príncipe ainda estavam procurando um terreno desobstruído de onde atirar e as flechas disparadas na minha direção passaram longe, pelo menos longe suficiente para não me atingirem. Um homem dez metros à nossa frente caiu para trás com uma flecha enfiada abaixo de sua clavícula.
"Merda", disse Coddin.
Eu me virei rapidamente em direção a ele. Algo embaixo da montanha atraía seu olhar, mas eu não sabia o quê.
"Problema?", eu perguntei.
Coddin ergueu dedos ensanguentados. Não fazia sentido a princípio. Tentei ver onde ele estava cortado.
"Calma." Makin moveu-se para apoiá-lo quando ele cambaleou.
Finalmente eu vi a flecha, somente as penas aparecendo, negras contra o couro preto em cima de sua barriga. "Ah, caralho."
Um homem atingido na barriga não sobrevive. Todo mundo sabe disso. Até com seda sob o couro para torcer e enrolar a flecha para que ela possa ser puxada facilmente – você não vive após uma flechada na barriga.
"Carreguem-no", eu disse.
Os outros apenas olharam para mim. Por um instante, vi a bruxa nórdica, senti a intensidade de seu único olho e o escárnio em seu sorriso murcho. "Até um homem atingido nas vísceras tem a esperança de um tolo", ela dissera. Será que ela estava olhando para além de mim nesse dia?
"Maldita profecia e maldita previsão!" Eu cuspi e o vento o levou embora.
"Como assim?" Makin olhou para mim. Até Coddin me fitou.
"Mande alguns homens aqui para pegá-lo e carregá-lo", eu disse.
"Jorg..." Makin começou.

"Eu ficarei aqui", disse Coddin. "Tem uma boa vista."
Eu gostei de Coddin desde o início. Quatro anos com ele no Assombrado só fizeram o sentimento se aprofundar. Eu gostava dele por sua mente rápida, por sua honestidade curiosa e por sua coragem em face de escolhas difíceis. Porém, eu gostava dele principalmente porque ele gostava de mim. "A vista é melhor dali de cima." Fiz um gesto para cima da montanha.
"Isso vai me matar, Jorg." Ele me olhou nos olhos. Não gostei daquilo. Causou um tipo estranho de dor em mim.
Flechas nas entranhas não matam rápido, mas o ferimento piora. Você incha e sua e grita – e depois morre. Dois dias, talvez quatro. Certa vez, um irmão durou uma semana e mais um pouco. Nunca conheci um homem que pudesse me mostrar uma cicatriz em sua barriga e me contar como doeu pra caralho quando puxaram a flecha.
"Você me deve, Coddin", eu disse. "Seu dever para com o rei é o de menos. Essa flecha provavelmente irá matá-lo, mas não hoje. E se você pensa que tenho um lado sentimental, que lhe dará uma morte rápida aqui, mas me fará perder vários dias de conselhos úteis quando eu mais preciso, você se enganou."
Eu nunca havia conhecido um homem que tivesse sobrevivido após esse tipo de ferimento. Mas eu ouvi falar de um. Era possível acontecer.
"Nós o levamos até a queda da pedra. Mandamos soldados antes para fazer um esconderijo na pedra solta. Nós o colocamos lá e o cobrimos. Se ele tiver sorte, voltamos mais tarde. Se não, ele já está enterrado", eu disse.
Imediatamente, homens da guarda estavam se aglomerando, juntando os braços para erguer Coddin. Ninguém reclamou. Também gostavam dele.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

25

Dia do Casamento

Nenhum dos homens que carregaram Coddin montanha acima soltou uma palavra de queixa. Eles não tinham fôlego para isso, mas mesmo que tivessem teriam ficado em silêncio. Coddin liderava os homens pelo exemplo. De alguma maneira, ele fazia você querer acertar.

"Eu amo você, Jorg, como meu rei, mas também como um pai ama seu filho, ou como deveria."

Há algumas coisas que dois homens só podem dizer um ao outro quando está chovendo flechas e um deles fica fatalmente ferido, emparedado em um buraco áspero em meio a um monte de pedras caídas e milhares de tropas inimigas estão se aproximando. Ainda assim é desagradável.

Nós carregamos Coddin, capitão Lore Coddin, originalmente de Ancrath, alto chanceler das Terras Altas de Renar. Nós o carregamos antes de o crescente exército de Arrow chegar, incentivado como estava pelo desejo de vingar os milhares esmagados debaixo de nossas avalanches. Os arqueiros da guarda vigiaram cada encosta até o último momento, soltando carreira atrás de carreira sobre os soldados que se aproximavam, fazendoos escalar seus mortos, além das montanhas. E, cansados como estavam, os homens de minha guarda ainda abriram vantagem sobre o inimigo, mesmo aguentando Coddin em seus braços.

As tropas enviadas antes aos escombros soltos do deslizamento da manhã encontraram uma cavidade apropriada entre duas grandes rochas que se libertaram em meio à queda geral. Elas ampliaram o espaço e separaram pedras apropriadas para fechar e esconder o local.

Quando chegamos à caverna, os homens que carregaram Coddin estavam escarlates com seu sangue e ele resmungava a cada solavanco do caminho. Os capitães Keppen e Harold reuniram seus comandos em pontos separados ao longo da encosta e atiraram suas últimas flechas para prender a atenção de nossos inimigos. E para matá-los.

Com o gargalo estreito do vale à nossa frente, o limiar da neve reluzindo bem acima dele e o vento aumentando, roubando o calor com dedos rápidos e afiados, e os homens de Arrow arquejando enquanto percorriam as últimas centenas de metros, eu me deitei na pedra e falei através das fendas para o homem agonizando embaixo.

"Você fique de boca calada, velho", eu disse.

"Você precisaria me desenterrar para me impedir", ele arfou. "Ou fugir. E eu imagino que não irá fugir, pelo menos por enquanto." Ele tossiu e tentou esconder um gemido. "Você precisa ouvir essas palavras, Jorg. Você precisa saber que é amado, não apenas temido. Você precisa saber para acalmar o que o envenena."

"Pare."

"Você precisa ouvir." Outra vez a tosse.

"Eu volto para buscá-lo quando isso acabar, Coddin. Então não diga nada de que se arrependerá, porque *eu vou usar* contra você."

"Eu amo você sem nenhum motivo concreto, Jorg. Não tenho filhos, mas se eu tivesse não gostaria que eles fossem como você. Você é um desgraçado perverso, na melhor das hipóteses."
"Cuidado, velho. Eu ainda posso enfiar uma espada neste buraco e acabar com meu tormento."
Um soldado da guarda gritou e caiu à minha esquerda, com uma flecha em seu pescoço. Assim como Maical, mas mais barulhento. Outra flecha atingiu a rocha atrás de mim e se estilhaçou.
"Eu te amo sem um bom motivo...", disse Coddin, voltando a algum sotaque de onde quer que ele tenha nascido, com a voz fraca agora.
Eu ouvi o barulho de botas. Aço sobre aço. Gritos.
"...mas eu te amo bastante."
Eu olhei para cima, piscando. Para baixo da encosta, Makin cortou o primeiro inimigo a nos alcançar, uma exímia espada contra espadas comuns exaustas. Sem comparação. Pelo menos até os números aumentarem.
"Faça alguma coisa a respeito daquela garota." A voz de Coddin surgiu com nova força.
"Miana?", perguntei. Ela devia estar a salvo no castelo. Pelo menos por enquanto.
"Katherine de Scorron." Outra tosse. "Essas coisas parecem ser terrivelmente importantes quando se é jovem. Assuntos do coração e da virilha. Eles preenchem seu mundo aos dezoito anos. Mas acredite em mim. Quando você está para lá dos quarenta e cinco e o passado é uma névoa brilhante... eles são ainda mais importantes. Faça alguma coisa. Você é assombrado por muitos fantasmas. Eu sei disso, embora você esconda bem."
Os homens da guarda se reuniram em nossa posição, em pleno corpo a corpo contra as primeiras dúzias de inimigos, com mais se aproximando a cada momento. Eles conheciam o arco como amantes se conhecem, mas sabiam lutar mano a mano também. Lutar em uma encosta íngreme de pedras partidas não é uma habilidade que você queira aprender no momento em que alguém está tentando matá-lo, e a guarda tivera anos para aprender a arte, então, por ora, eles deram conta.
"Perca uma oportunidade como Katherine e isso irá assombrá-lo por mais tempo e mais profundamente do que qualquer fantasma que você tenha agora", disse Coddin.
Outra flecha zuniu, mais perto que antes.
"Fujam!", gritei.

Qualquer outra sabedoria que Coddin estivesse guardando teria de esperar. Há uma hora para palavrórios sentimentais e a hora não é em uma montanha enquanto atiram em você.
"Fujam!", gritei. Mas não ergui minha fita roxa no arco porque tinha um plano a pôr em prática e nenhuma parte dele incluía ser atingido por flechas.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

26

Dia do Casamento

Eu já havia enterrado irmãos antes, até amigos, mas nunca vivos.

Nós deixamos Coddin em seu túmulo, não morto, mas com sua passagem reservada. Fizemos uma retirada bagunçada, lutando em cima do local onde o enterramos. Eu entrei na briga e abri caminho através dos homens de Arrow, como se estivesse planejando fazer o caminho direto de volta ao Assombrado. Há algo em uma luta que o faz se esquecer de seus problemas. O que ocorre principalmente é que todos os seus problemas de repente ficam

muito pequenos em face dos novos problemas balançando-se à sua frente com pontas afiadas.
Talvez haja algo errado comigo. Talvez seja parte daqueles três passos que eu dera para longe do mundo dos homens justos, dos homens bons. Mas pouca coisa me satisfaz mais do que um golpe de espada bem bloqueado, seguido de uma rápida riposta e o grito do inimigo. Meu Deus, o barulho e a sensação de uma lâmina cortando a carne são tão doces quanto qualquer flauta tocando sua melodia. Contanto que a carne não seja a minha, claro. Não pode ser certo. Mas aí está.
Eu lutei bem, mas o inimigo continuava a chegar, como se morrer fosse a única coisa em sua lista. Nós recuamos e os deixamos escorregando no sangue, tropeçando nos corpos. A maioria de nós conseguiu achar espaço para se virar e fugir. Muitos outros não.
Cerca de dois terços da guarda chegaram ao gargalo do vale e correram para cima das encostas mais íngremes até o amplo ombro da montanha. O restante, mesmo que fosse apenas um ferimento leve que os retardara, foi engolido pelo exército que avançava.
O vento torna o frio mais cruel. Expostos na lateral da montanha, nós sentimos aqueles dedos afiados roubando nosso calor. Todas as corridas e escaladas não faziam diferença. O vento deixa você gelado mesmo assim, levando sua força um bocado por vez.
Continuamos lutando contra o vento, um bando esfarrapado sem classificação ou pelotão, a neve nos cegando agora, flocos pequenos demais para grudar nas pedras. Não muito longe, acima de nós, o limiar da neve cintilava, a brancura ocultando as dobras e reentrâncias, fazendo tudo ficar parecido. Branco, estendendo-se até a Passagem da Lua Azul, entupida de neve e inútil para a fuga, esticando-se até o pico do Monte Botrang e além dele, até o céu.
Alcancei Makin, com o rosto cinzento e cambaleando. Ele olhou para mim, apenas de relance, como se estivesse cansado demais para fazer qualquer coisa além de pendurar a cabeça. Ele não tinha fôlego para palavras, mas seu olhar, rápido como foi, me disse que iríamos morrer nas encostas. Talvez na próxima crista, talvez mais para cima, na neve, com nosso sangue fazendo bonitas estampas, carmesim sobre o branco.
"Fique comigo", eu disse. Eu ainda tinha um pouco de energia. Não muita, mas um pouco. "Tenho um plano."
Eu esperava ter um plano.

O vento deixava meu rosto dormente. Do lado direito, onde Gog me deixara uma cicatriz, a sensação era boa. Aquela pele retorcida nunca havia parado de queimar, como se estilhaços dele houvessem encontrado os ossos de minha mandíbula e bochecha, e se alojado ali com fogo dentro deles. O vento fazia meu rosto parecer sólido, como um bloco que se racharia se eu falasse novamente. Gostei do alívio. Eu me tornei bom em encontrar migalhas de consolo. Às vezes, elas são tudo que você tem para comer. Gritos atrás de nós, conforme os homens mais lentos da guarda encontravam os homens mais rápidos de Arrow.

Eu fiquei de cabeça baixa, concentrando-me em um pé após outro, puxando uma respiração e jogando-a fora para abrir espaço para a seguinte. Ao meu lado, Makin parecia ter recuado àquele lugar fechado e solitário que todos nós encontramos se continuarmos a cavar. Cave mais um pouco que isso e de repente você estará no inferno.

A neve me pegou de surpresa. Em um momento, o ruído ao caminhar sobre as pedras e no outro um passeio silencioso sobre pó profundamente branco. Demorou talvez quatro passos de rocha lisa a neve até os joelhos. Mais cem passos e meus pés estavam tão dormentes quanto meu rosto. Eu me perguntei se estava morrendo por partes, uma introdução lenta em vez do abraço inesperado tradicional.

O campo de neve começou a nos matar. Trilhar um caminho através da neve é uma tarefa árdua. Seguir o trajeto batido de duzentos homens é mais fácil. Mais soldados foram capturados. A seleção natural havia definido os homens mais resistentes de Arrow em nosso encalço, com as tropas mais fracas ainda se esforçando para passar pelo gargalo do vale abaixo do limite da neve.

"Lá em cima!" Apontei para um local sem nenhuma distinção de qualquer outra parte branca. Eu sentia a caixa quente em contato com meu quadril. Apertei o passo e deixei Makin se arrastando. "Lá em cima!" Eu não sabia o porquê, mas eu sabia.

Peguei a caixa em minha mão e corri, com os pulmões se enchendo de sangue, ou era assim que parecia.

A coisa que me fez tropeçar não era uma pedra. A neve cobria todas as pedras, bem abaixo de nossos pés. O que me fez tropeçar era algo longo e duro, próximo à superfície. Um cabo de vassoura me veio à mente enquanto eu caía. Então a caixa estalou e minha mente se encheu de coisas inteiramente novas. Coisas antigas.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

27

Dia do Casamento

Com um estalo a caixa se abre. A memória me arrasta de volta para a Floresta Rennat, em meio a sepulturas e flores silvestres ao sol da primavera.
"De qualquer forma, meu coração já se afeiçoou a um bom homem", diz Katherine.
"Quem?"
"Príncipe Orrin", ela diz. "O Príncipe de Arrow."

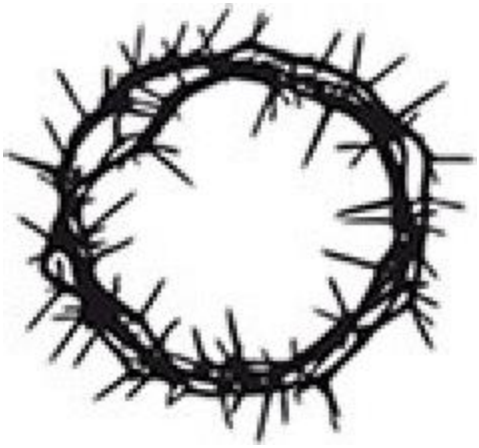
"Não", eu digo. Não quero falar nada, mas falo. Não quero admitir qualquer tipo de interesse, qualquer forma de fraqueza, mas nada disso está indo como planejei, e planos são a minha especialidade.
"Não?", ela pergunta. "Você se opõe? Quer apresentar uma proposta? Seu pai é meu guardião. Você deveria ir discutir o assunto com ele."
Não era para acontecer assim. Nenhuma das outras me deixou assim. Nem Serra, me desencaminhando enquanto criança ainda; nem Sally, comprada e paga; nem as empregadas de Renar, damas de companhia, esposas entediadas de nobres, garotas camponesas graciosas; nem as que os irmãos pegavam e compartilhavam na estrada – nenhuma delas.
"Eu quero você", digo. As palavras são difíceis, elas têm formas esquisitas, deixando minha boca desajeitada e malformada.
"Que romântico", ela diz. Seu desdém me faz murchar. "Você gosta de mim porque sou agradável a seus olhos."
"Você agrada mais que a meus olhos, senhorita", eu digo.
"Você mataria Sareth?", ela pergunta. Por um momento, acho que ela está me pedindo para fazê-lo. Mas então eu me lembro que ela não é como eu.
"Talvez... ela satisfaz meu pai?" Eu não pergunto se ele a ama; ele jamais amou. E eu não minto. Se perdê-la magoasse meu pai, então talvez sim.
"Não. Eu acho que nada satisfaz Olidan. Não posso nem imaginar o que o agradaria. Embora ele tenha rido aquele dia em que você matou Galen", ela diz.
"Posso matar Sareth caso você esteja errada ou tentando protegê-la", eu digo. Não sei por que não consigo mentir para ela. "Mas você provavelmente está dizendo a verdade. Há muito pouco neste mundo com que meu pai não se decepciona."
Ela dá um passo em minha direção e, embora esteja se aproximando, seus olhos ficam mais distantes. Eu sinto seu perfume, lilases e almíscar branco.
"Você me bateu, Jorg", ela diz.
"Você ia me apunhalar."
"Você me bateu com o vaso de minha mãe." Sua voz está onírica. "E o quebrou."
"Eu sinto muito", digo. E a estranha verdade é que sinto mesmo.
"Eu não fui criada para ser desse jeito." Ela está procurando alguma coisa nas dobras de seu vestido de montaria, debaixo da camurça de corço. "Não fui feita para ser o prêmio pelo qual os príncipes competem ou o recipiente

no qual gerar seus bebês. Foda-se. Você gostaria de ser um troféu? Ou de apenas gerar bebês e criar filhos?"
"Eu não sou mulher", respondo. São apenas meus lábios preenchendo o silêncio enquanto as perguntas, ou melhor, as novas imagens que pintam delas flutuam em minha mente.
Eu a vejo tirar a faca de sua saia. Uma lâmina longa como aquelas para enfiar nas fendas das armaduras quando você imobiliza o inimigo, só que não tão resistente. Esta aqui se quebraria se o homem se contorcesse e talvez não atingiria o coração. Eu não deveria estar olhando para a faca. Deveria estar observando seus olhos, sua boca, o relevo de seus seios – e estou –, mas geralmente vejo mais do que deveria.
"Eu não posso desejar algo mais?", ela pergunta.
"Desejar é de graça." Não consigo parar de observá-la. Meu olhar dirigese à faca apenas de vez em quando. Os olhos dela não me veem. Acho que ela não sabe o que suas mãos estão fazendo, a direita apertando o cabo, a esquerda em sua barriga, agarrada como se quisesse rasgá-la.
"Eu tenho que ser um monstro? Eu preciso ser a nova Rainha de Vermelho para..."
Eu seguro seu pulso quando ela movimenta a faca em minha direção. Ela é mais forte do que eu imaginava. Nós dois olhamos para minha mão escura sobre seu pulso branco, e a fina lâmina com a ponta tremendo a dois centímetros de minha virilha.
"Golpe baixo." Torço seu braço, mas ela solta a faca antes de eu forçá-la.
"O quê?" Ela fita a sua mão e a minha, com a boca aberta.
"Você está criando o hábito de tentar me esfaquear", eu digo. A amargura aparece em mim. Sinto o gosto dela.
"Eu matei nosso filho, Jorg." Sua risada é muito alta, muito selvagem. "Eu o matei. Tomei uma pílula amarga de Saraem Wic. Ela mora aqui." Katherine gira a cabeça, atarantada, como se esperasse ver a velha entre as árvores.
Eu sei quem é Saraem Wic. Eu já a vi colhendo suas ervas e fungos. Fui à sua cabana uma vez, quase perto bastante para olhar lá dentro, mas não quis me aproximar mais. Tinha cheiro de cachorro queimado. "Do que você está falando?", eu pergunto. Ela está linda. Ela reclama de ser mulher, mas aqui estou, esquecendo-me até da faca no chão, a faca que ela quase enterrou em mim, esquecendo-a por causa da curva de seu pescoço, o tremor de seus lábios. O desejo faz dos homens uns tolos.

"Você me bateu e depois me possuiu. Você pôs sua semente em mim." Ela cospe. Não atinge meu rosto, mas escorre em meu cabelo e molha minha orelha. "E eu a expeli. Com uma pílula amarga e uma pasta ardida."
Ela sorri e agora posso ver o ódio. Ela me vê nitidamente pela primeira vez, de cabeça baixa, os cabelos a emoldurando, os olhos escuros. Ela mostra seus dentes. Ela me desafia.
Eu me lembro dela deitada ali, na poça de safira de seu vestido. Desmaiada. A voz da roseira-brava, talvez minha, talvez de Corion, ou algo de ambos, dizia-me para matá-la. Meu pai teria dado esse conselho. A frase mais difícil. O desejo faz dos homens uns tolos. Mas eu não a matei. A voz me disse para estuprá-la também. Simplesmente possuí-la. Mas eu apenas toquei seu cabelo. O que eu queria não podia ser tomado.
"Nada a dizer, Jorg?" Ela cospe novamente. Dessa vez em meu rosto. Eu pisco. A saliva quente esfria em minha bochecha. Ela me quer nervoso. Ela não se importa com o que eu possa fazer. "Eu derramei o sangue de seu bebê. Antes mesmo de ele crescer o bastante para ver."
E eu não sei o que dizer. Que palavras caberiam? Eu não acreditaria em mim. Tenho que acreditar em minha memória – coisas foram retiradas dela no passado, mas nunca acrescentadas. No entanto, quem mais daria a Jorg de Ancrath um voto de confiança? Eu não.
Dobro o braço de Katherine em suas costas e a levo pelo cemitério, de volta por onde cheguei. Há marcas brancas onde meus dedos tocaram sua pele. Eu a apertei tão forte assim? Eu já imaginei minhas mãos sobre ela muitas vezes, mas parece que quebrei algo precioso e estou carregando os pedaços, sabendo que eles não podem ser colados.
"Você vai fazer isso de novo?" A raiva dela sumiu. Ela parece um tanto confusa.
"Não", eu digo.
Continuamos andando. Espinheiros prendem o vestido dela. Suas botas de montaria deixam pegadas que até um cego poderia seguir. "Deixei meu cavalo amarrado", ela diz. Essa não é a Katherine que eu deixei no chão naquele dia. Aquela Katherine era atenta, esperta; essa é aturdida, como se acabasse de acordar.
"Eu vou me casar com o Príncipe de Arrow", ela diz, virando-se para me olhar por sobre os ombros.
"Eu achei que não quisesse ser um prêmio", eu digo.
Ela desvia o olhar. "Não podemos ter tudo que queremos."

Eu preciso dela. Eu me pergunto se posso ter o que preciso.
Nós caminhamos em silêncio até Kent, o Rubro, sair do matagal à nossa frente. Minha espada está amarrada no ombro dele. "Rei Jorg." Ele acena com a cabeça. "Milady."
"Leve-a a Sir Makin", eu digo e solto o braço dela.
Kent gesticula para que Katherine lidere o caminho pela trilha que ele estava vigiando. "Não quero que nada de mal aconteça a ela, Kent. Vigie Algazarra e Rike, principalmente. Diga a eles que você tem permissão de cortar qualquer parte deles que tocá-la. E para mudarem o acampamento. Nós deixamos um rastro de lá até aqui." Eu me afasto.
"Aonde você vai?", ela pergunta.
Eu paro e me viro, enxugando o cuspe dela de minha bochecha. "Quem encontrou você?"
"Quê?"
"Quem a encontrou após eu bater em você?", pergunto. "Um homem estava com você quando recuperou os sentidos."
Ela franze a testa. Seus dedos tocam o local onde o vaso se estilhaçou. "Frei Glen." Pela primeira vez ela me vê com seus antigos olhos, claros e verdes e nítidos. "Oh."
Eu me afasto.

Com um estalo, um instante depois, a caixa se fecha novamente, trancada por dedos dormentes.
Estou de volta à montanha, com neve até os joelhos. Minha canela dói. Eu tropecei em uma pá.



Há homens com os quais andar até a montanha e há homens que são a montanha. Gorgoth, embora eu não o chame de irmão, foi feito com as qualidades que me faltam.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

28

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Há livros na biblioteca de meu pai que dizem que nenhuma montanha jamais cuspiu lava a menos de mil milhas de Halradra antes do Dia dos Mil Sóis. Eles dizem que os Construtores perfuraram até o sangue fundido da Terra e beberam de seu poder. Quando os sóis queimaram tudo que os Construtores haviam feito, os ferimentos permaneceram. A Terra sangrou e Halradra e seus filhos nasceram do fogo.

Gorgoth me carregou até onde Sindri aguardava. O sol ainda brilhava, embora eu achasse que deveria estar escuro. Voltei a mim na metade do

caminho montanha abaixo, sacudindo sobre as amplas costas de Gorgoth. Meus sentidos voltaram um a um, primeiro a dor e somente a dor, depois, após um instante, o cheiro de minha própria carne queimada, o gosto de vômito, o som de meus gemidos e, finalmente, uma visão embaçada das encostas negras de Halradra.

"Deus, mate-me logo", choraminguei. As lágrimas pingaram de meu nariz e lábios por estar pendurado feito um saco no ombro de Gorgoth.
Não era por Gog que eu lamentava, era por mim.
Em minha defesa, ter uma parte de seu rosto torrada, do tamanho de uma mão, é ridiculamente doloroso. Doía ainda mais pendurado ali, balançando com os passos do monstro, do que quando aconteceu, e eu já queria morrer lá na caverna.
"Mate-me", eu gemi.
Gorgoth parou. "Sim?"
Eu pensei naquilo. "Jesus Cristo." Eu precisava de alguém para odiar, alguma coisa para me distrair do fogo que ainda me consumia. Gorgoth esperou. Ele obedeceria à minha ordem. Pensei em meu pai com sua jovem esposa e seu novo filho, bem confortáveis no Castelo Alto.
"Talvez mais tarde", eu disse.
Eu me lembro apenas de trechos até Gorgoth me deitar sobre a vegetação e Sindri se inclinar sobre mim.
"Uskit'r!" Ele voltou para o velho idioma do norte. "Isso é ruim."
"Pelo menos ainda sou metade bonito." Tive ânsia de vômito e virei meu rosto para cuspir um líquido ácido nas samambaias.
"Vamos levá-lo de volta", Sindri disse. Ele olhou em volta por um momento, abriu a boca e depois fechou.
"Gog se foi", eu disse.
Sindri balançou a cabeça e olhou para baixo. Ele tomou fôlego. "Venha, nós precisamos que vocês voltem. Gorgoth?"
O monstro não se mexeu.
"Gorgoth não vem", eu disse.
Gorgoth abaixou a cabeça.
"Você não pode ficar aqui", Sindri disse, alarmado. "Ferrak..."
"Ferrakind se foi também", eu o interrompi. Cada palavra doía, quase o bastante para transformá-las em um grito.
"O quê?" A boca de Sindri continuou aberta.

"Nós não somos amigos, Jorg de Ancrath", Gorgoth falou, mais grave do que jamais falara. "Mas nós dois amávamos o menino. Você o amou primeiro. Você deu nome a ele. Isso significa algo."
Eu teria dito quanta bobagem ele estava dizendo, mas meu rosto doía demais para mais palavras.
"Vou ficar em Heimrift, nas cavernas."
Eu teria dito *espero que o fedor de troll o sufoque*, mas o preço para abrir minha boca era alto demais. Só ergui minha mão. E Gorgoth ergueu a dele. E nós partimos.
Sindri fechou a boca e depois a abriu novamente. "Ferrakind morreu?"
Eu assenti.
"Você consegue andar?", ele perguntou.
Eu dei de ombros e fiquei deitado nas samambaias. Talvez eu pudesse. Talvez não. Mas eu não ia andar, isso era o principal.
"Vou buscar ajuda. Cavalos", ele disse. "Espere aqui." Ele ergueu ambas as mãos como se fosse me impedir de ficar de pé, depois se virou e saiu em disparada. Achei que a notícia o estimulou mais do que minhas necessidades. Ele queria ser aquele a contá-la. O que era bastante justo.
Observei o céu azul e rezei por chuva. Moscas zumbiam à minha volta, atraídas pelo rosado cru, o músculo sem pele e gordura em oferta. Elas queriam depositar seus ovos. Após um tempo, parei de tentar espantá-las. Fiquei gemendo, contorcendo-me de um lado para outro como se pudesse haver um jeito de melhorar. De tempos em tempos eu desmaiava. À tarde, uma leve chuva realmente veio e eu rezei para que ela parasse. Cada gota queimava feito ácido.
À noite, nuvens de mosquitos surgiram de onde quer que os mosquitos se escondam. As Terras Dane eram infestadas deles. Deve ser por isso que as pessoas são tão pálidas. O sangue foi sugado delas. Eu fiquei lá, deixando que eles me devorassem, até que ouvi vozes.
Makin veio e eu queria implorar pela morte, mas meu rosto doía demais. Ele se racharia se eu abrisse a boca, com todas as feridas escorrendo. Depois Rike apareceu, negro contra o azul profundo do céu, e um pouco de força fluiu em mim. Não vale a pena ser fraco na frente de Rike e há algo nele que me faz esquecer de morrer e querer matar um pouco em vez disso. "Eu sabia que havia trazido você por um motivo, Rike." Cada palavra uma agonia, emoldurada por assassinato.

Nós ficamos cinco dias no salão de Alaric Maladon. Não no salão de hóspedes, mas em seu grande salão. Eles puseram uma cadeira para mim na plataforma do trono, quase tão grande quanto a do próprio duque, e eu fiquei lá sentado, enrolado em peles quando tremia, despido até a cintura quando suava. Makin e os irmãos celebraram com o povo de Maladon. Mulheres apareceram pela primeira vez em grande número, carregando a cerveja em jarras e taças feitas de chifres do depósito, com facas na cintura, comendo em mesas longas como os homens, bebendo e rindo quase tão alto. Uma, quase tão alta quanto eu, loira feito leite e bonita de um jeito ossudo, veio até minha cadeira enquanto eu me encolhia em minhas peles. "Meus agradecimentos, Rei Jorg", ela disse.
"Posso ter inventado tudo", eu disse. Por me sentir péssimo e feio, eu quis estragar o dia.
Ela sorriu. "O chão não tremeu desde que trouxeram você de volta. O céu está limpo."
"O que é isso?", eu perguntei. Ela tinha um pote de barro em uma das mãos, cheio de uma pasta preta e brilhante, com uma pele retorcida ao lado.
"Ekatri me deu. Um bálsamo para as queimaduras e um pó para tomar com água para tirar o veneno de seu sangue."
Eu consegui dar meia risada antes que a dor me impedisse. "A bruxa velha que continua prevendo meus fracassos? Ficarei envenenado se eu tomar qualquer coisa que ela mandar, isso sim. Provavelmente é assim que o futuro fica do jeito que ela diz que será."
A mulher – garota, talvez – riu. "Não é assim que as völvas são. Além disso, meu pai não gostaria nada se você morresse aqui. Repercutiria mal para ele, e Ekatri depende da proteção dele."
"Seu pai?", perguntei.
"Duque Maladon, seu bobo", ela disse e saiu, deixando o pote e o embrulho em meu colo. Eu observei seu traseiro ao sair. Pensei que talvez não fosse morrer, já que ainda encontrava tempo para apreciar uma bunda bem-feita.
Ela olhou por sobre o ombro e me pegou admirando. "Eu sou Elin." E continuou andando, perdendo-se na multidão e na fumaça.
Eu tomei o pó de Ekatri e mordi uma alça de couro enquanto Makin passava a pomada em minhas queimaduras. Ele pode ter mãos leves com a espada, mas como curandeiro parecia ter dez polegares. Quase mastiguei a alça, mas quando ele terminou a dor havia diminuído a um rugido fraco.

A garota, Elin, disse que a völva dependia da proteção de seu pai. Espero que seja assim em vez de ele depender da dela. Makin estava investigando, usando minhas perguntas nos círculos certos, fazendo aquela coisa que ele faz, aquilo que obtém as respostas. Ninguém disse isso, mas, se você juntasse todas as respostas e olhasse para elas do ângulo certo, parecia que a bruxa do gelo, Skilfar, metia o dedo gelado em todos os assuntos do norte. Eu não duvidava que muitos jarls e lordes nórdicos dançavam conforme a música dela sem nem mesmo saber. Ekatri, porém, era peixe pequeno, de acordo com Makin. Isso me fez pensar, sentado sozinho com minha dor na calada da noite. Alaric de Maladon deveria ficar atento – até o menor peixe pode asfixiá-lo.

Fiquei sentado por cinco dias, alimentando-me de mingau de aveia enquanto os irmãos se empanturravam de leitão assado, cabeças de boi, trutas gordas do lago, frutas-do-conde e qualquer outra coisa que seria um martírio para eu mastigar. A cada noite, mais amigos e parentes do duque chegavam para engrossar a turba. Vizinhos também. Homens de Hagenfast, com as barbas trançadas com mechas de cabelo daqueles que morreram sob seus machados, verdadeiros vikings altos, brancos e cruéis, saídos do Forte de Ferro e dos portos do norte, e um guerreiro gordo solitário da região de Snjar Songr, fedendo a óleo de foca e sem tirar nenhum das peles que o agasalhavam, apesar do calor do salão.

Eu observei Rike vencer a competição de luta após dez eliminatórias embriagadas, finalmente derrubando um viking de braços musculosos e rosto permanentemente rosado. Observei Kent, o Rubro, ficar em primeiro lugar no lançamento do machado de mão a um alvo de madeira, e em terceiro no corte de lenha. Um habitante local de olhos claros deixou Grumlow em segundo no lançamento de facas, mas Grumlow era mais de apunhalar e mais motivado a atingir o alvo se ele respirasse. Disseram que Algazarra se saiu bem no tiro com arco, mas isso aconteceu do lado de fora e eu não deixei que me movessem. Makin perdeu em tudo; ele sabe que vencedores podem ser admirados, mas ninguém gosta deles.

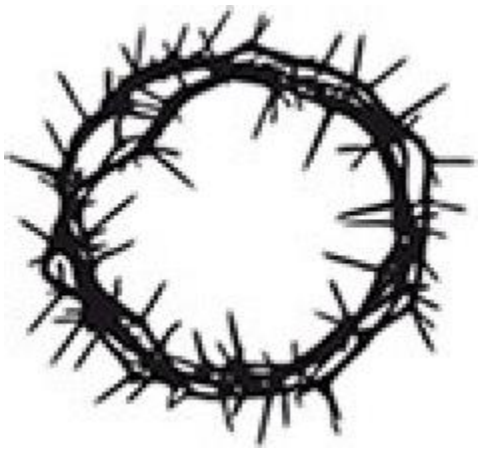
O duque e Sindri sentaram-se comigo várias vezes, perguntando sobre a história do fim de Ferrakind, mas eu balançava a cabeça e a contava com uma única palavra. "Molhado."

A cerveja corria solta, mas eu bebi apenas água e observei as chamas das tochas mais do que os danes em suas festas e esportes. As chamas tinham cores novas para mim. Pensei em Gog, destruído pelo fogo, e em seu

irmãozinho, que levou o nome que eu lhe dera, Magog, por apenas algumas horas. Pensei em Gorgoth em meio ao silêncio dos trolls nas cavernas negras. Segurei a caixa de cobre em minha mão e pensei se seu conteúdo me distrairia de minha dor.

Acima de tudo, porém, como os garotos fazem quando se machucam – e aos catorze anos eu via que ainda era um garoto quando a dor vinha forte o bastante – pensei em minha mãe. Eu me lembrei de como me contorci e gemi nas encostas após Sindri me deixar, o sofrimento que se apossou de mim e a sede que eu sentia, quase tão grande quanto a dor. Eu teria me encaixado bem entre os moribundos em Mabberton, entre os feridos que eu havia observado com um sorriso, curvados em sua dor, pedindo água. E, quando a dor bate, os homens regateiam. Os garotos também. Nós nos contorcemos e reviramos, nós suplicamos e imploramos, nós oferecemos a nosso algoz o que ele quiser para que a tortura pare. E quando não há torturador a aplacar, nenhum homem encapuzado com ferros quentes e pinças, apenas uma queimadura da qual não há como escapar, nós negociamos com Deus ou com nós mesmos, dependendo do tamanho de nosso ego. Eu havia debochado das mortes em Mabberton e agora os fantasmas deles me observavam queimar. Tire a dor, eu disse, e serei um homem bom. Ou pelo menos um homem melhor. Todos nós nos tornamos uns molengas com bastante dor. Mas acho que uma pequena parte era mais que isso. Uma pequena parte era aquela terrível faca de dois gumes chamada experiência, cortando a criança cruel que eu era, esculpindo o tipo de homem que talvez viesse a ser. Prometi ser um homem melhor. Embora eu já houvesse mentido antes.

Nós estávamos indo em direção a Wennith, na Costa Equina, naquele dia, quando Mabberton pegou fogo. Wennith, onde meu avô se senta em seu trono em um castelo alto com vista para o mar. Assim dizia minha mãe, pois eu nunca o vira. Corion vinha da Costa Equina. Talvez ele houvesse me dirigido para lá, uma arma para sanar antigas dívidas para ele. De qualquer modo, no salão do Duque Maladon, nas horas tranquilas antes do amanhecer, quando as tochas se apagaram e as lamparinas queimaram até o fim, em meio a nórdicos roncando caídos sobre as mesas, meus pensamentos se viraram mais uma vez a Wennith. Eu tinha amigos no norte agora, mas, para vencer esta nossa – minha – Guerra Centenária, eu talvez precisasse de apoio familiar.



A idade pôs a mão sobre o irmão Algazarra e o deixou para sempre com cinquenta anos, sem querer tocá-lo uma segunda vez. Grisalho, esguio, duro, mau. Esse senhor de olhos claros se dobra e se enverga, mas nunca se quebra. Ele resiste quando o melhor dos homens fracassaria diante de sua carga. O mais baixo de nosso grupo, imundo e fétido, repleto de cicatrizes esquecidas, muitas vezes ignorado por homens que tinham pouco tempo para refletir a respeito de seu erro.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

29

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Na longa viagem para o sul, questionei o motivo de minha mudança de direção mais de uma vez. Mais de cem vezes, verdade seja dita. A questão era que eu ainda não havia encontrado o que precisava. Eu não sabia do que precisava, mas sabia que não estava no Assombrado. Meu antigo tutor, Lundist, uma vez disse que se você não souber onde procurar alguma coisa comece procurando onde estiver. Para um homem inteligente, ele podia ser muito burro. Eu pretendia procurar em todos os lugares.

Nós partimos no sexto dia. Eu me sentei na sela de Brath, com todos os músculos duros, meu rosto dolorido e pingando.

"Você ainda está doente", Makin disse atrás de mim.
"Estou farto de ficar sentado naquela cadeira vendo você se empanturrar como se sua única ambição fosse ser esférico", eu disse.
O duque veio aos portões de seu salão com cem ou mais de seus guerreiros para se despedir. Sindri estava do seu lado direito, Elin à esquerda. Alaric puxou os aplausos. Três vezes eles gritaram e balançaram seus machados no alto. Eles eram bastante assustadores se despedindo de amigos. Eu não queria estar no lugar de quem eles consideravam inimigos.
O duque deixou seus homens para ficar do meu lado. "Você fez mágica aqui, Jorg. Isso não será esquecido."
Eu assenti. "Deixe Heimrift em paz, duque", eu disse. "Halradra e seus filhos estão dormindo. Não precisa ir cutucá-los."
"E você tem um amigo lá em cima." Ele sorriu.
"Ele não é meu amigo", eu disse. Parte de mim queria que ele fosse, contudo. Eu gostava de Gorgoth. Infelizmente, ele julgava bem os homens.
"Boas viagens." Sindri ficou ao lado de seu pai, sorrindo como sempre.
"Volte para nós no inverno, Rei Jorg." Elin uniu-se a eles.
"Você não gostaria de ver este rosto feio de novo." Eu observei seus olhos claros.
"As cicatrizes de um homem contam sua história. A sua história é uma que eu gosto de ler", ela disse.
Eu tive que sorrir com aquilo, embora tenha doído. "Ha!" E eu conduzi Brath para liderar meus irmãos rumo ao sul.

De volta à estrada, e com aplicações regulares da pomada preta de Ekatri, meu rosto começou a melhorar, e a carne viva se solidificou em uma massa feia de tecido cicatricial. Do lado direito estava o belo Jorgy Ancrath; do esquerdo, algo monstruoso: minha verdadeira natureza aparecendo, alguns diriam. A dor diminuiu, substituída por um retesamento desagradável e uma queimação mais profunda em volta dos ossos. Finalmente eu conseguia suportar comer. Agora que todas as belas porções da mesa do duque estavam ficando cada vez mais para trás, descobri que tinha uma fome horrorosa. E isso é uma coisa da estrada. Em um cavalo, trotando pelo Império dia após dia sem nada para comer além do que puder carregar ou roubar, você descobre que tudo fica bom quando seu estômago está vazio. Se olhar para

um pedaço de queijo mofado e sua boca não salivar você não está com fome suficiente.

No Assombrado, as cozinheiras pincelavam carne de cervo com mel e a decoravam com arganazes assados com manjericão só para atentar meu paladar. Após dias na sela, percebo que, para a comida me apetecer, ela precisa estar quente ou fria e, de preferência, embora não essencialmente, se for animal, que não esteja se mexendo e que tenha possuído uma espinha dorsal.
Em volta da fogueira do acampamento, naquela primeira noite, nós fizemos um pequeno amontoado, de certa forma mais reduzido pela ausência de nossa menor companhia do que da maior delas. Olhei para as chamas e imaginei um formigamento compreensivo nos ossos de minha mandíbula, mesmo sob o efeito amortecedor da pomada.
"Tenho saudade do camaradinha." Grumlow me surpreendeu.
"É", cuspiu Sim.
Kent, o Rubro, levantou a cabeça do polimento de seu machado. "Ele se saiu bem, Jorg?"
"Ele salvou a minha vida e a de Gorgoth", eu disse. "E acabou com o mago do fogo antes de morrer."
"É isso aí", disse Algazarra. "Era um desgraçado sem Deus, aquele lá, mas tinha um fogo nele, por Deus."
"Makin", eu disse.
Ele levantou a cabeça, as chamas refletindo em seus olhos.
"Já que Coddin está em casa..." Eu parei, percebendo que chamara O Assombrado de "casa" pela primeira vez. "Já que Coddin está em casa e o nubano não está conosco..."
"Sim?", ele perguntou.
"Quero dizer que, se eu escolher um caminho que... talvez seja um pouco difícil, apenas me avise. Tudo bem?"
Ele franziu aqueles lábios carnudos demais e depois sugou o ar por entre os dentes. "Vou tentar", respondeu. Ele vinha tentando todos esses anos, eu sabia disso, mas agora eu lhe dera permissão.
Durante uma semana, contornamos vilas, circundamos cidades e escolhemos nosso caminho através das bordas suaves dos reinos pelos quais passamos em nossa viagem ao norte. Chegamos ao povoado de Rye, grande demais para ser uma vila, recente demais e improvisado demais para ser uma

cidade. Em nossa viagem de ida, havíamos comprado mantimentos lá e com nossos alforjes sacudindo vazios voltamos para reabastecê-los. Pagar por produtos ainda é estranho para mim, mas é um bom hábito quando você tem dinheiro para gastar. Claro que você deve roubar de vez em quando, pegar algo à força só por maldade, senão como vai se manter no jogo? Mas, fora isso, pagar é recomendável, principalmente se você for um rei com o bolso cheio de ouro.

A praça principal de Rye não é quadrada e é mais ou menos a "principal", já que há outros mercados e descampados em Rye quase tão grandes quanto ela. Rike carregou o último saco de aveia em seu grande cavalo de carga e Makin estava tentando amarrar seu alforje sobre quatro peles de lebre quando as pessoas ao nosso redor começaram a abrir caminho, como o Mar Vermelho para um homem velho. Eu estava apoiado em Brath e me sentindo bastante fraco. O verão havia decidido nos dar uma prévia e o sol desceu com tudo do céu desbotado. Meu rosto doía feito um condenado e a febre pôs suas garras em mim.

"Príncipe dos Espinhos!", o velho gritou ao se aproximar de mim, alto o bastante para atrair as atenções.

"Para início de conversa, é 'rei'", resmunguei. "E se há um lugar chamado Espinhos no mapa eu devo ter passado batido por lá."

Ele parou cerca de um metro de mim e se empertigou. Um cara magro, enrugado feito uma passa, com cabelos brancos dos lados da cabeça careca. Seus olhos eram leitosos, mas não como catarata; de alguma maneira, eram perolados com um toque de arco-íris. "Príncipe dos Espinhos!" Mais alto dessa vez. As pessoas começaram a se aproximar.

"Vá embora." Usei minha voz baixa, a que se recomenda que se escute.

"O Portão Gilden se abrirá para o Príncipe de Arrow." Algo elétrico crepitou no ar à nossa volta, os cabelos brancos se levantaram da lateral de sua cabeça. "Você pode apen..."

Há uma arte em sacar uma espada rapidamente. Contanto que a presilha da bainha esteja desatada – e eu sempre deixo a minha assim –, você pode jogar a espada inteira para o alto apenas enganchando a mão de leve sob um lado do guarda-mão literalmente atirando-a para cima. Com boa velocidade e um rápido giro de corpo, você pode agarrar o cabo no ápice da jogada e, conforme a espada cai, é possível transformar esse impulso em uma estocada repentina no que estiver a seu lado.

Olhei para trás sobre meu ombro. Os olhos do homem ainda tinham seu brilho leitoso, mas ele havia parado de profetizar para cima de mim. Ao me afastar, retirei a lâmina de seu peito. Ele olhou para baixo na direção do ferimento escarlate, mas estranhamente não caiu.
Esperei um momento, depois outro. A multidão manteve o silêncio e o velho continuou de pé, analisando de perto o sangue bombeando sobre sua barriga.
"Ei", eu disse.
Ele ergueu a cabeça, o que facilitou. Seu queixo estava no caminho.
Arranquei sua cabeça com um único golpe. Não gosto de me vangloriar, mas não é fácil decapitar um homem com uma rodada. Já vi carrascos experientes precisarem de três golpes durante uma execução, quando o pescoço das vítimas está ali, estirado para eles, em cima de um bloco.
O profeta teve a decência de deixar seu corpo tombar após sua cabeça aterrissar diante de seus pés. Ele continuava me olhando, todavia, com aqueles olhos perolados. Não há mágica nenhuma nisso, uma cabeça cortada pode vê-lo por quase um minuto se você deixar, mas dizem que dá azar ser a última coisa que ela vê.
Peguei a cabeça pelos tufos de cabelo e a segurei na altura dos meus olhos para me encarar. "Sério? Você sabe me dizer onde eu vou me sentar ou deixar de me sentar daqui a alguns anos, mas não sabia que isso ia acontecer?" Mantive a voz elevada para a multidão. "Este farsante vive do sofrimento de vocês e do sofrimento de gente como vocês há anos."
E, com a voz baixa, apenas para o vidente e para quem estivesse me observando através dos olhos dele, para todos aqueles que estivessem vendo aquele momento através dos anos antes de eu nascer, completei: "Eu farei meu próprio futuro. Morrer não faz você acertar. Todo mundo morre".
Os lábios sorriram. Contorceram-se. "Rei Morto", eles disseram, sem som, e onde eu o toquei minha pele se arrepiou, como se uma aranha se revelasse na palma da minha mão.
Soltei a cabeça e a chutei para a multidão. Digo "chutei", mas, na verdade, é uma má ideia chutar uma cabeça. Aprendi isso anos atrás, uma lição que me custou dois dedos do pé quebrados. O que você tem que fazer é empurrar a cabeça com a lateral do pé, como se fosse arremessá-la. Ela vai rolar de qualquer maneira, então você não precisa de muita força. O negócio das cabeças cortadas é que seu proprietário não tem mais o menor interesse em minimizar a força do golpe ou a menor habilidade de fazê-lo, aliás. Quando você chuta alguém na cabeça, como acontece de vez em quando, elas tendem

a estar ativamente tentando sair do caminho e o contato é diminuído. Uma cabeça cortada é um peso morto, mesmo que ela esteja olhando para você.
E isso esgota meus conhecimentos sobre chutes em cabeças cortadas. Reconheço que é mais do que a maioria das pessoas pode oferecer sobre o assunto, mas os maias sabiam muito mais que eu. Mas isso, claro, é uma coisa completamente diferente.
Makin terminou suas amarrações e parou ao meu lado. "Isso provavelmente foi um pouco duro demais", ele disse. "Você me pediu para apontar essas coisas."
"Vá se foder", eu disse.
Acenei para os irmãos. "Vamos cavalgar."

Por quase cento e cinquenta quilômetros, refizemos o percurso pelo Caminho do Norte, descendo pelos ducados de Parquat e Bavar, onde a maioria dos viajantes é bem-vinda, contanto que não pretendam ficar, e até nosso tipo é tolerado, se não descermos de nossos cavalos.
A cidade de Hanver nos saudou com bandeirolas. Entre aqueles aglomerados pacíficos de cabanas de palha que eu havia encontrado ao viajar para o norte, Hanver se mantinha igualmente intocada e inexplorada, um lugar não visitado pela guerra e aninhado em meio a terras idílicas divididas em minúsculos campos férteis.
"Parece que é dia santo." Kent se levantou em seus estribos para ver. Por mais que ele fosse um desgraçado sombrio e mortal, Kent tinha uma natureza religiosa, o tipo bom de religioso, ou pelo menos o melhor tipo.
"Nossa." Rike gostava de suas celebrações mais altas, mais selvagens e mais propensas a terminarem em tumulto.
"Vai ter coral", Sim disse, sempre o que mais gostava de música.
E, portanto, com pouco mais do que uma insinuação ao fato de eu ser Rei de Renar e eles não muito mais que camponeses insignificantes, no fim das contas, os irmãos me conduziram a Hanver. Nós passamos pela rua principal, pela multidão, os residentes com os rostos limpos, vestindo seus melhores trapos, as crianças agitando varas de fita, algumas segurando maçãs do amor que se mantiveram doces durante o inverno. Os irmãos saíram em direções separadas – Sim para a igreja, Grumlow para o ferreiro, Rike entregando suas rédeas para um garoto do lado de fora da primeira taverna. Algazarra, mais minucioso, escolheu a segunda taverna e Kent

desviou-se para um estábulo para que um especialista analisasse a pata direita dianteira de Hellax.
"Parece que vai ter mais que corais." Makin acenou à frente, para a praça principal. Uma plataforma de madeira havia sido montada, com madeira fresca, ainda úmida. Um amplo palco, um suporte de forca e três cordas de enforcamento balançando-se na brisa.
Nós amarramos nossos cavalos na corrente pública e Makin jogou um dobrão de cobre para o garoto que vigiava.
"Execução da Igreja", disse Makin. Uma bandeira branca se agitava no outro canto da plataforma, com a santa cruz e o cálice sagrado pintados no linho.
"Hummm." Eu já tinha pouco entusiasmo para assuntos ecumênicos no Castelo Alto. Na estrada, a Igreja espalhava os venenos de Roma sem moderação. E esta talvez tenha sido a única vez em que considerei meu pai uma influência moderadora.
Nós ficamos com os outros sob o sol, pegando espetos de carneiro assado de um vendedor ambulante. Um vendedor de cerveja nos vendeu arac em copos de estanho, uma bebida local escura e amarga, mais forte que vinho. Ele esperou que nós bebêssemos e depois foi embora com seus copos devolvidos. Eu posso não ter tempo para a Igreja, mas para que perder uma boa execução? Uma vez, anos atrás, assistimos ao enforcamento do irmão Merron e Algazarra disse: "Uma boa execução não precisa de um bom motivo". O que é bem verdade.
Nós ouvimos a música primeiro. Quatro meninos coristas, provavelmente nenhum deles castrado, não em uma cidadezinha de pau a pique como Hanver. Nada para ver, a princípio, a não ser por uma cruz prateada no alto de um mastro. Em seguida, a multidão se dividiu e os meninos de túnicas brancas surgiram com as vozes crescentes. Eu vi Sim lá atrás, balbuciando a letra, embora ele não soubesse latim, só os sons da música.
Em seguida, os padres, dois corvos pretos com o roxo sagrado aparecendo em seus peitos, balançando turíbulos. De rostos brutos, parecidos como irmãos, da idade de Makin. Depois, puxadas em um carrinho e amarradas nas mãos e nos pés, uma mãe e duas filhas de dez, doze anos, difícil saber, brancas de pavor. O padre mais importante entrou por trás, com sedas roxas aparecendo em losangos através do preto de sua batina, um homem sisudo, bastante bem-apessoado, com os cabelos prateados formando um bico de viúva que lhe conferia seriedade.

"Preciso de uma cerveja decente", Makin cuspiu. "Aquele arac deixou um gosto amargo."
Pode até ser que uma boa execução não precise de uma boa razão, mas me parecia que nenhuma execução conduzida pela Igreja poderia ser considerada boa. Eu menosprezara o padre Gomst a vida inteira, tanto pelas mentiras que ele contava quanto por sua fraqueza. Aquela noite de espinhos e chuva havia exposto suas mentiras, tão claras como se um relâmpago as houvesse encontrado em um quarto escuro. Mas elas teriam aparecido com o tempo de uma maneira ou de outra. Para ser justo, porém, o otimismo débil e as palavras de amor de Gomst possuíam pouco da doutrina de Roma. Meu pai não permitia que a mão do papa entrasse em seu castelo.
Houve vaias na multidão quando a mulher e suas filhas foram maltratadas na plataforma, embora muitos permanecessem em silêncio, com os rostos tensos e tristes.
"Você sabe o que a Igreja de Roma tem em comum com a Igreja que veio antes dela, a fé que os papas tinham na época dos Construtores, nos séculos antes dos Construtores?", perguntei.
Makin balançou a cabeça. "Não."
"Ninguém sabe também", eu disse. "O papa Anticus pôs cada bíblia que sobrevivera ao Dia dos Mil Sóis em cofres profundos, todos os livros de doutrina, todos os registros do Vaticano. Tudo. Pode ser que tenha queimado tudo. Pode ser que siga cada letra e nota de rodapé. Os estudiosos não dizem nada, exceto que não é permitido saber."
O padre na plataforma encontrara seu passo, patrulhando a beirada diante da multidão e berrando sobre maldade e bruxaria. Gotículas brancas de saliva brilhavam sob o sol ao se arquearem sobre as cabeças dos camponeses mais próximos.
"Nunca achei que você fosse um teólogo, Jorg." Makin se virou. "Vamos beber aquela cerveja?"
Eu assisti aos executores arrastarem a primeira garota ao poste. Não era um simples enforcamento, então. Talvez alguns cortes antes. Ela resistiu por pouca coisa: dava para ver o esforço nos braços do homem.
"Muito cedo para ver sangue, Sir Makin?" Eu o alfinetei, mas a brincadeira se voltou ao que quer que estivesse pondo aquele mesmo gosto amargo em minha própria boca.
Makin resmungou. "Pode me chamar de mole, mas não tenho estômago para isso. Não para crianças."

Acho que Makin nunca teve estômago para isso, nem para crianças nem para homens, embora houvesse se deixado levar pela escuridão da irmandade lá naqueles primeiros anos, quando ele era tudo que havia para me defender.
"Mas elas são bruxas." Outra provocação feita para mim mesmo. Elas provavelmente eram bruxas. Eu já havia conhecido bruxas de muitos tipos e a cada ano que passava parecia que mais mágica era derramada sobre o mundo, encontrando seu caminho através desta ou daquela pessoa, como se fossem rachaduras no tecido de nossos dias. Tenho certeza de que o padre me colocaria em sua plataforma também se soubesse que eu podia falar com os mortos, se ele visse as veias pretas correndo em meu peito, corrompidas – se ele tivesse colhões para me pegar. Elas podem ser bruxas, mas provavelmente a mulher havia ousado discordar ou inventar. Roma odiava mais que tudo a invenção. Um padre podia ordenar que o queimassem por experimentar algum feitiço, mas se você descobrisse o truque de fazer um aço melhor ou redescobrisse alguma alquimia dos Construtores eles mandariam um especialista passar a semana inteira matando-o.
Makin cuspiu novamente, balançou a cabeça e saiu andando. Fazendo juízo de mim. De seu maldito rei! Eu ignorei a raiva, era um escape, eu podia me esconder nela, mas não era Makin que me causava raiva.
Deixe que as pessoas rezem a Deus, não tenho nada com isso. Talvez alguma coisa boa até surja disso, se a bondade é algo importante para você. Aprisionem o Criador em igrejas, se for preciso, e lamentem-se por Ele nelas. Mas Roma? Roma é uma arma usada contra nós. Um veneno adoçado e dado a homens famintos.
Em cima da plataforma, a garota gritava enquanto a despiam. Um homem se aproximou segurando um bastão todo feito com dentes de metal, reluzente e bonito.
"É o bispo, não é?" Encontrei Kent ao meu lado, com sua mão sobre a minha como se de alguma maneira pudesse sacar a espada sem pedir minha permissão. Com a ajuda de Kent, eu mantinha minha espada em sua bainha.
"Murillo", eu concordei. Poucos homens ousariam mencionar o bispo Murillo para mim. Eu ainda me arrependo dos pregos. Eu os havia martelado lentamente em sua cabeça, mas ainda assim foi uma fuga rápida demais para ele.
"Um dia negro", disse Kent, embora eu não soubesse se ele queria dizer aquele dia ou agora. Devoto ou não, ele nunca havia me criticado pelo sobrinho do papa.

Eu assenti. Tinha motivos melhores para odiar a Igreja de Roma do que Murillo, mas o bispo o aguçara. "Como está Hellax?", perguntei.
"Ela vai ficar bem. Puseram um cataplasma na pata dela", disse Kent.
A garota uivava como uma condenada, embora tudo que eles tivessem feito era lhe mostrar a chibata.
"Ela está pronta para ser cavalgada?", perguntei.
Kent me lançou um olhar. "Jorg!"
Somos feitos de contradições, todos nós. São essas forças opostas que nos dão força, como um arco, cada bloco pressionando o outro. Mostre-me um homem cujas partes estão todas alinhadas, em consonância, e eu lhe mostrarei a loucura. Nós percorremos um caminho estreito, cercados de insanidade. Um homem sem contradições para se equilibrar se desviará em breve.
"Vamos ter uma visão melhor." Eu me movi pela multidão. A maioria saiu de meu caminho, alguns eu tive que machucar. Kent ficou logo atrás.
Makin saiu de perto porque suas contradições permitiram-lhe fazer uma concessão. As minhas não são tão gentis. Eu direi que foi o ódio que me pôs naquela plataforma. Ódio de Roma, de sua doutrina de ignorância, da corrupção de seus mais altos oficiais e talvez do fato de que não tenha sido ideia minha. Meus irmãos diriam que a decisão devia muito à contrariedade também, ao fato de eu me ofender com a ideia de que as únicas coisas segurando aqueles prisioneiros, fora as cordas, eram o medo do padre e o cerco da multidão. Certamente meus atos não tinham nada a ver com os três meses no trono de Renar. Quando eles puseram aquela coroa em minha cabeça, tecnicamente aceitei a responsabilidade pelo povo de meu reino, mas a coroa pesava mais do que a responsabilidade jamais pesou e eu a tirei assim que possível.
Ninguém tentou me impedir de subir ao palco. Juro que houve até alguns empurrões ajudando. Peguei a chibata da mão do carrasco quando ele recuou para o primeiro golpe. Pequenas voltas afiadas de ferro cravejavam sua extensão. A garota, nua no poste, observava aquela chibata como se fosse a única coisa no mundo. Ela parecia limpa demais para uma camponesa. Talvez os padres a tenham lavado para que as marcas de tortura não se perdessem na sujeira.
O massacre sangrento era uma opção, meus dedos coçavam pelo cabo da espada e eu me sentia razoavelmente seguro de que poderia matar todos no palco sem fazer muito esforço. Hanver não havia visto guerra em uma

geração – eu estava mais que pronto para mudar aquilo. Em vez disso, tentei o raciocínio, ou pelo menos o meu tipo de raciocínio. Três passos me levaram a um metro de distância do padre grisalho. Com o bastão dentado em uma das mãos.
"Eu sou Rei Jorg de Renar. Já matei mais padres do que você matou bruxas e eu digo que solte estas três sem motivo algum além de me agradar." Falei claramente e alto o bastante para a multidão, que havia ficado tão quieta que dava para ouvir uma flâmula balançando. "As próximas palavras de sua boca, padre, serão 'Sim, majestade', ou sua próxima refeição será este bastão."
A seu favor, o padre hesitou e em seguida disse "Sim, majestade". Duvido que ele tenha acreditado em minha linhagem, mas ele com certeza acreditou em minhas previsões culinárias.
Homens armados estavam entre os camponeses, não muitos, mas em bom número, valentões de capacete e gibão acolchoado mantendo a ordem para qualquer fidalgote que se agitasse ali. Olhei em seus olhos e fiz sinal para um grupo de três deles perto da cocheira dos cavalos. Eles deram de ombros e se viraram. Não posso dizer que aquilo me agradou. Makin estava logo depois do trio, sua concessão não o havia levado nem até a taverna mais próxima, no fim das contas.
"Digam-me não!" Minha espada saiu de sua bainha tão rapidamente que quase soou.
Fome de sangue nos rostos da multidão, o choque de que lhe negaram o que lhe era de direito. Eu também sentia aquilo. Como um espirro que sai sem som, um vácuo exigindo ser preenchido. Esperei, com mais da metade de mim querendo que eles se rebelassem, que corressem para a frente em uma onda de indignação.
"Digam-me não." Mas eles ficaram em silêncio.
As cordas das prisioneiras se romperam diante do fio de minha espada.
"Saiam", eu disse a elas, com raiva como se fosse culpa delas. A mãe saiu mancando, puxando suas filhas atrás de si. Makin as ajudou a descer.
Eu me perguntei mais tarde se aquilo seria o suficiente para mandar meu fantasma embora; se minha boa ação, seja lá qual fosse o motivo, afastaria aquele bebê morto de meus sonhos. Mas ele voltou com as sombras, como sempre.

Nós ficamos um dia inteiro em Hanver e saímos em uma manhã clara, com nossos alforjes cheios e as bandeirolas ainda penduradas. Assim é a beleza de lugares intocados pela guerra. E o motivo pelo qual não resistem.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

30

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu deixara meus monstros no norte – Gog e Gorgoth – e meus demônios eu carregara comigo para o sul, como sempre.

Nosso tempo foi bom na viagem ao sul. Cruzamos o Rima a bordo de uma daquelas balsas cambaleantes que eu havia desprezado tanto na direção norte. Achei uma experiência interessante – minha primeira jornada *pela* água em vez de simplesmente atravessá-la ou passar por cima dela. Os cavalos se amontoaram, nervosos no cercadinho do convés, e durante os poucos minutos que puxaram a barca por meio de uma corda fixa eu me

debrucei sobre a proa e observei o rio brilhar. Pensei no capitão, um homem barrigudo e ensopado de suor, e nos três homens a seu serviço. Na vida que eles levavam em um rio largo que os levaria ao mar em algumas poucas horas. Em transportar sua embarcação quilômetro após quilômetro, centenas em um mês, e nunca ficar a mais que um grito de distância de onde saíram.

"Faça-me lembrar outra vez", Makin disse quando nós descemos na outra margem. "Por que não estamos simplesmente voltando ao Assombrado onde a gente, ou pelo menos você, pode viver como rei, em vez de cruzar meio mundo para ver parentes que você nunca conheceu?"
"Já conheci alguns deles. Eu só nunca fui até onde eles moram."
"E a razão pela qual estamos fazendo isso agora? Você tomou as Terras Altas só para Coddin poder governá-las para você?", perguntou Makin.
"Minha família sempre teve grande estima pelos comissários", eu disse.
Makin sorriu ao ouvir aquilo.
"Mas nós estamos indo porque precisamos de amigos. Todo vidente e seu cachorro estripado me diz que o Príncipe de Arrow está destinado ao trono do Império. Se isso for pelo menos parcialmente verdade, ele terá que passar pelas Terras Altas de Renar muito em breve, e conhecendo-o eu diria que seria difícil impedi-lo. E, apesar da lendária simpatia de minha natureza, tenho a impressão de que hoje em dia preciso cruzar meio mundo para achar alguém que esteja pronto a ajudar em uma hora de necessidade", eu disse.
Aquilo tudo era bem verdade, mas mais do que qualquer lance no jogo do Império eu queria muito encontrar um membro de minha família que não quisesse me matar. Dizem que os laços de família são fortes, mas o que eu tenho com meu pai é fraco. Conforme fui ficando mais velho e comecei a examinar as partes que me compõem, senti necessidade de ver a família de minha mãe, mesmo que só para me convencer de que nem tudo em mim era ruim.
Nós passamos pela base dos Aups, montanhas que humilhavam as Matteracks tanto em tamanho quanto em número. Legião após legião de picos brancos marchando de leste a oeste atravessando nações – a grande muralha de Roma. O jovem Sim ficou fascinado por elas, observando-as tão fixamente que você acharia que ele cairia de sua égua a qualquer momento.
"Um homem nunca conseguiria escalar estas", ele disse.
"Aníbal as atravessou com elefantes", eu disse a ele.
Uma careta cruzou seu rosto e em seguida passou. "Ah, elefantes", ele disse.

Até aquele momento, não havia passado pela minha cabeça que ele não fazia a menor ideia do que era um elefante. Nem o circo do doutor RaizMestra tinha elefantes. Sim provavelmente achava que eles escalavam feito macacos.

Durante semanas, viajamos ao longo das margens sem lei de reinos menores, por rotas menos batidas. Sete é um número perigoso de homens para viajar. Não são tão poucos para passarem despercebidos. Não são muitos para garantir a segurança. Ainda assim, nós parecíamos duros na queda. Talvez não tão duros na queda quanto éramos, mas o suficiente para dissuadir bandidos que pudessem nos ver passar. Parecer pobre ajuda também. Tínhamos cavalos, armas, armaduras, é verdade, mas nada que prometesse um prêmio rentável – certamente não tão rentável para se enfrentar Rike e Makin.

Os contrafortes dos Aups se desdobravam pelas margens de Teutônia em longos e improdutivos vales divididos em serras altas de pedra quebrada. Coisas ruins aconteceram aqui em um tempo muito distante. A Interdição, como eles a chamavam, e pouca coisa cresce na poeira amarga, mesmo agora. Em meio ao vazio daqueles vales, a uma semana de viagem de qualquer lugar que se queira ir, nós passamos pela casa mais solitária do mundo. Eu li que no norte branco, além do mar congelado, homens vivem em casas de gelo, cobertos de peles, protegendo-se de um vento que pode cortá-los em dois. Mas aquela cabana de pedra, diminuída entre rochedos abandonados, com as janelas vazias como olhos escuros, parecia pior. Uma mulher saiu da cabana e três crianças se enfileiraram diante dela para nos ver passar. Nenhuma palavra foi dita. Naquele vale seco, com apenas o sussurro do vento, sem gritos de corvos ou o canto alto das cotovias, parecia que palavras seriam um pecado, como se fossem acordar alguma coisa que era melhor continuar a dormir.

A mulher nos observou com um rosto que parecia branco demais, liso demais, como o rosto de uma criança morta. E as crianças se agachavam em volta dela com seus farrapos cinzentos.

Na viagem ao norte, nós seguimos o ritmo da primavera. Agora parecia que galopávamos com o verão. A lama secou e se transformou em terra dura, as flores derreteram, as moscas vieram. Rike ficou vermelho como sempre fica ao menor sinal de verão, nem mesmo a poeira o impede, e as marcas de sol não melhoravam seu humor nem um pouco.

Nós deixamos as montanhas e seus contrafortes sombrios, fazendo um caminho através dos urzais selvagens até as grandes florestas do sul.
Ao final de um dia quente, quando meu rosto doía menos, não curado, mas não mais exsudando, eu sacava minha espada. Nós havíamos montado acampamento à beira de uma clareira da floresta. Algazarra nos conseguiu um cervo e estava com um pernil cozinhando no fogo.
"Tome cuidado, Sir Makin de Trent!"
"Se você tem certeza de que não se esqueceu de como se usa esse troço." Ele sorriu e sacou. "Meu amo."
Lutamos um pouco, atacando e defendendo, alongando nossos membros e praticando nossos golpes. Sem avisar, Makin apertou o passo, com a ponta de sua espada buscando por mim.
"Hora de outra lição?", ele perguntou, ainda sorrindo, mas agora ferozmente.
Deixei meu braço da espada me guiar, observando apenas o plano da luta, os avanços e recuos, e não os detalhes de cada corte e estocada. Atrás de Makin, o sol atravessava o dossel da floresta em raios dourados como as cordas de uma harpa, e abaixo do farfalhar das folhas, acima do pio dos pássaros, captei os sons da espada. O ritmo de nossas lâminas aumentou, gritos agudos e duros de aço contra aço, a rouquidão da respiração – mais rápidos. A ardência em meu rosto pareceu se reacender. A velha dor correu por mim, ácida e relampejante, como se os fragmentos de Gog estivessem alojados em meus ossos, ainda queimando. Mais rápido. Vi o sorriso de Makin esmorecer, o suor escorrendo em sua testa. Mais rápido – o brilho da luz refletida em seus olhos. Mais rápido. Um momento de desespero e então – "Basta!" E ele deixou a espada voar de seus dedos. "Jesus!", ele gritou, balançando a mão. "Ninguém luta desse jeito."
Os irmãos haviam parado suas várias tarefas e observavam como se não tivessem certeza do que viram.
Eu dei de ombros. "Talvez você não seja um professor tão ruim."
Meus braços tremiam agora e eu usei minha mão livre para colocar a ponta de minha espada na bainha. "Ai!" Por um momento achei que houvesse me cortado e pus a ponta dos dedos em minha boca. Mas não havia sangue, apenas bolhas onde o metal havia me queimado.

Seguimos a curva da cordilheira e a extensão de um grande rio e depois de outro. Os mapas davam nomes a eles. Às vezes, os habitantes davam seus próprios nomes, sem confiar nos mapas. Às vezes, aqueles em um ponto do

rio o chamavam de uma coisa e aqueles em outro ponto davam um nome diferente. Eu não me importava muito, contanto que ele nos levasse aonde eu escolhera ir. Mas ultimamente parecia que éramos bloqueados a cada volta. Torres de vigia, patrulhas, enchentes, rumores de praga, cada evento desses nos fazia virar em uma ou outra direção, como se nos afunilassem para o sul por caminhos específicos. Eu não gostava muito daquela sensação, mas ela era, como dizia Makin, apenas uma sensação.

"Mas que merda!" Eu pulei da sela de Brath e me aproximei da ponte destruída. Do nosso lado, a construção de pedra ainda tinha parte de seu arco original, estendendo-se sobre as águas brancas por vários metros até terminar como um dente quebrado. Dava para ver grandes pedaços da ponte logo abaixo da superfície do rio, fazendo ondas e valas na correnteza. O estrago parecia recente.
"Então nós andamos um pouco para o leste. Não é o fim do mundo", Makin disse.
De todos nós, Makin tinha a melhor cabeça para encontrar um caminho. Os mapas ficavam comigo. Eu podia fechar os olhos e ver cada detalhe do mapa, mas Makin tinha um instinto para transformar a tinta sobre couro em sábias escolhas em matéria de decidir entre este vale ou aquela serra.
Eu resmunguei. Agachado ao lado da ponte, sentia cheiro de alguma coisa, apenas um toque, por baixo daquele cheiro fresco e metálico de águas rápidas, algo podre. "Para o leste, então", eu disse. E nós nos viramos na direção da trilha que levava ao leste, uma fina linha de verde mais escuro em meio às matas verdejantes, cheias de salgueiros pendurados e sufocadas por espinheiros. Os espinhos arranhavam minhas botas enquanto passávamos.

A coisa do caminho menos viajado é que geralmente ele é menos viajado por um bom motivo. Quando o motivo não são os perigos que assolam a estrada, a própria estrada é o motivo. Às vezes são os dois. Em Cantanlona, as bordas suaves da civilização se tornam muito macias, tão macias que o sugarão para baixo sem pestanejar.
"Nós vamos atravessar?" Kent se levantou em seus estribos, franzindo a testa para o terreno pantanoso e salpicado de colmos estendendo-se à nossa frente em uma infinidade marrom-esverdeada.
"Fede." Makin aspirou como se não tivesse o bastante daquele fedor que o ofendia.

Rike apenas cuspiu e estapeou os mosquitos. Ele parecia atraí-los, como se eles não soubessem quão podre o sabor dele seria.
O ducado de Cantanlona fica ao longo do que um dia foi a fronteira entre dois grandes reinos, a ligação que foi o primeiro passo que Filipe deu ao forjar o Império. Dizem que a mãe de Filipe deu à luz naquela fronteira, em Avinron, e por ser um homem de duas terras ele achava que tinha direito às duas. Parecia apropriado então que nada restasse de Avinron a não ser um pântano fétido alimentado por um rio adequadamente chamado de "o Lodo".
Nossa rota passava pelo pântano. Havia bons motivos para isso em ambos os lados. Eu liderei o caminho, a pé, segurando as rédeas de Brath. Os irmãos e eu passamos tempo suficiente nos Pântanos de Ken para desenvolver uma noção de terreno incerto. É a vegetação que dá a dica. Preste atenção aos erióforos, o primeiro sussurro de lama profunda; juncoescuro onde o solo aguenta um homem, mas um cavalo afunda; ciperáceas para águas limpas; pimpinela escarlate para águas impróprias; taboa onde a água é funda, mas a lama embaixo é firme. É preciso ter olhos vivos e pés cuidadosos, e esperar que os pântanos quentes de Cantanlona não sejam muito diferentes dos brejos frios que fazem fronteira com Ancrath.
Makin estava certo a respeito do fedor. O calor indicava o auge do verão. Uma podridão que permeava tudo nos envolvia, o forte odor de carne pútrida e coisa pior.
Nós progredimos lentamente naquele dia, embora tivéssemos andado o suficiente para fazer com que o caminho se parecesse basicamente idêntico nas duas direções, intransitável, uniforme e sem esperança de terminar.
Eu encontrei um lugar para acampar onde pudéssemos ter certeza de encontrar o conjunto completo pela manhã. Uma série de montinhos de grama unidos por filamentos de terra firme fornecia espaço suficiente para os homens e os cavalos, apesar de termos que nos manter todos mais próximos do que gostaríamos.
Grumlow se pôs a cozinhar, usando gravetos e carvão que ele tivera a previdência de trazer consigo. Ele pegou seu tripé de ferro e pendurou uma panela sobre a pequena fogueira e se agachou sobre ela, salpicando cevada em cima de tiras de cervo defumado, com o vapor subindo ao redor dele e pingando de seu bigode de volta para o cozido.
Quando a noite caiu, ela veio pesada e sem lua, engolindo as estrelas. O pântano, silencioso de dia, a não ser pelo barulho de nossos pés, ganhava vida no escuro. Um coro de coaxos, zumbidos, chilros e outros sons mais

perturbadores, mais molhados, correram sobre nós do pôr do sol à aurora. Eu montei uma vigília, embora as brasas de nossa fogueira não permitissem vigiar nada, e quando minha hora chegou eu me sentei de olhos fechados, ouvindo a escuridão falar.
"Makin." Eu o chutei, com cuidado para que ele não arrancasse meu pé. "É sua vez."
Eu o ouvi grunhir e se sentar. Ele não havia retirado sua couraça nem suas manoplas. "Não dá para ver porra nenhuma. Para que diabos eu estou vigiando?"
"Para me agradar", eu disse. Aquele lugar me dava a sensação de que se todos nós caíssemos no sono juntos talvez nenhum de nós acordasse novamente. "E por que você ainda está de armadura se acha que este lugar é seguro?"
Os sonhos me levaram antes que Makin encontrasse uma resposta. Katherine passeava neles, com a criança morta em seus braços e acusações em seus lábios.

O sol da manhã atraiu uma bruma das poças de água parada. A princípio, ela se elevava trinta ou sessenta centímetros acima dos erióforos, mas quando estávamos prontos para partir a neblina fervia na altura de nossos peitos como se estivesse pronta para nos afogar, já que a lama havia falhado até então.
Você se acostuma a alguns fedores. Após um tempo curto, você não sabe se o cheiro passou ou não. Não era o caso do fedor do Pântano de Cantanlona. Ele permanecia tão maduro após um dia e uma noite quanto no primeiro momento em que a brisa relutante o trouxera até mim.
A bruma conseguiu me fazer suar e ter calafrios ao mesmo tempo. Envolvido nela, com meus irmãos reduzidos a aparições no limiar da visão, por algum motivo pensei na mulher e seus pirralhos naquela cabana remota – a mulher com o rosto morto e as crianças feito ratos em volta das canelas dela. O isolamento vem de várias maneiras.
"Nós poderíamos esperá-la passar", disse Kent.
Uma esguichada e Rike cuspiu. "Lama até a porra do meu joelho."
Kent tinha razão. A neblina não poderia continuar resistindo ao calor do dia conforme o sol se elevava.
"Você quer ficar aqui mais tempo que o necessário?", perguntei.
Kent continuou a se arrastar como resposta.

Onde quer que o sol estivesse, estava fazendo um péssimo trabalho de me manter aquecido. A neblina parecia se infiltrar em mim, colocando um calafrio em meus ossos, enevoando meus olhos.
"Estou vendo uma casa", Sim gritou.
"Não está nada!" Makin disse. "O que diabos uma casa estaria fazendo em..."
Havia duas casas, depois três. Uma vila inteira de casas de madeira bruta, com telhas de ardósia, aparecendo à nossa volta enquanto diminuíamos o passo.
"Que porra é essa?" Algazarra cuspiu. Acho que foi ele quem inventou o cuspe.
"Cortadores de turfa?", sugeriu Grumlow.
Parecia ser a única explicação quase sensata, mas eu sabia que as turfeiras ficavam em climas mais frios e que mesmo lá os moradores iam ao pântano para cortar a turfa e depois voltavam para casa – eles não construíam suas casas sobre ele.
Uma porta se abriu na casa à nossa esquerda e sete mãos pegaram suas armas. Uma criança pequena saiu correndo, descalça, perseguindo algo que eu não conseguia ver. Ela passou por nós, perdida na neblina, apenas com o barulho de seus pés para me convencer de que era real, e a entrada escura para a casa cuja porta estava aberta.
Eu me aproximei da entrada com minha espada em punho. Ela parecia uma cova e o sopro de podridão úmida que emanava dela não fazia nada para apagar essa imagem.
"Jamie, você esquec..." O brilho de minha espada interrompeu a mulher. Até na neblina o aço dos Construtores encontra um brilho. "Oh", ela disse.
"Madame." Eu fingi uma reverência, sem querer abaixar minha cabeça nem por um milímetro.
"Eu sinto muito", ela disse. "Não estava esperando companhia." Ela parecia não ter mais que vinte e cinco anos, de cabelos claros, bonita de um jeito meio acabado, suas roupas caseiras eram simples porém limpas.
Entre as casas à nossa esquerda, apareceu um homem com seus cinquenta anos, agitado debaixo de um barril de madeira. Ele o descarregou de seu ombro em uma pilha de palha e ergueu a mão. "Bemvindo!", disse. Ele passou a mão em sua barba branca e olhou para cima em meio à neblina. "Você trouxe o clima com você, meu jovem."
"Entre, sim?", a mulher disse. "Estou com uma panela no fogo. É só mingau de aveia, mas você está convidado. Mãe! Mãe! Ache a tigela boa."

Olhei para Makin. Ele deu de ombros. Kent observava o homem velho com os olhos arregalados e os nós dos dedos brancos em volta de seu machado nórdico.
"Desculpe-me. Eu sou Ruth. Ruth Millson. Quanta indelicadeza minha. Este é o irmão Robert." Ela acenou para o velho quando ele entrou na casa onde havia posto o barril. "Nós o chamamos de irmão por ele ter passado três anos no monastério Gohan. Ele não se saiu muito bem!" Ela deu um largo sorriso. "Entre!"
Uma lembrança veio à mente. Gohan. Eu conheci um Gohan perto de casa.
"Sua hospitalidade se estende a meu amigo?", perguntei, abrindo o braço em direção a Makin.
Ruth se virou e entrou na casa. "Não sejam tímidos. Temos muita comida para todos. Bem, o suficiente, de todo modo, e não há pecado maior que barriga vazia!"
Eu a segui, e Makin atrás de mim. Nós dois nos abaixamos para passar pela porta. Eu meio que esperava que o interior estivesse cheio de lodo, mas o local parecia limpo e seco. Uma lamparina estava acesa sobre a mesa, de metal e polida até brilhar muito, como se fosse uma relíquia preciosa da família. O lugar estava às sombras, com as janelas fechadas como se a noite ameaçasse. Makin embainhou sua espada. Eu não fui tão educado.
Olhei em volta. Algo estava faltando. Ou eu não estava encontrando alguma coisa.
Rike ficou do lado de fora, avultando-se sobre os irmãos que se amontoavam ao seu redor. Eles pareciam bem idiotas, eriçados com seus armamentos enquanto duas meninas corriam por eles, rindo. Uma mulher velha mancava com uma trouxa debaixo do braço, alheia aos punhais de Grumlow ao passar resmungando.
"Ruth", eu disse.
"Sente-se! Sente-se!", ela gritou. "Você parece quase morto. Você é apenas um garoto. Grandalhão, mas um garoto. Dá para ver. E os garotos precisam se alimentar. Não é verdade, mãe?" Ela pôs a mão em seu pescoço, um gesto inconsciente, e apertou sua garganta. Pele clara, muito clara. Ela se queimaria mais do que Rike ao sol.
"Precisam, sim." A mãe pôs a cabeça na entrada do que deveria ser o único outro aposento. Os cabelos grisalhos emolduravam um rosto sério, suavizado por uma boca gentil. "E qual é o nome do garoto, então?"

"Jorg", eu disse. Por mais que eu goste de exibir meus títulos, há hora e lugar.
"Makin", disse Makin, embora Ruth tivesse olhos apenas para mim, o que é estranho porque mesmo que eu fosse bonito antes das queimaduras é Makin que leva jeito com... todo mundo.
"E existe um senhor Millson?", perguntou Makin.
"Sente-se!", disse Ruth. Então eu me sentei e Makin seguiu o exemplo, pegando a cadeira de balanço ao lado da lareira vazia. Eu apoiei minha espada contra a mesa. As mulheres não deram nem uma olhadela para ela. Ruth pegou uma jaqueta de lã de trás do meu banco. "Esse Jamie esquece até a cabeça!"
"Você tem marido?", perguntei.
Um desconforto passou por ela como uma nuvem. "Ele foi ao castelo dois anos atrás. Para prestar serviço ao duque." Ela se animou. "Em todo caso, você é jovem demais para mim. Eu deveria chamar Seska. Ela é linda como a manhã." A mulher tinha malícia nos olhos. Olhos azuis, claros como miosótis.
"E o que você está fazendo neste lugar?", perguntei. Eu havia me afeiçoado a ela. Ruth tinha um brilho que me fazia lembrar de uma serviçal chamada Raquel no Assombrado. Alguma coisa nela me deixava inexplicavelmente excitado. Inexplicável se você não contar oito semanas na estrada.
"Neste lugar?" Distraída, ela levou os dedos à boca, uma bela boca, digase, e mexeu em um de seus dentes de trás.
A mãe veio da cozinha com uma panela de barro, carregada por um cabo escurecido de madeira para afastar o calor de seus dedos. Makin se levantou para ajudá-la, mas ela nem lhe deu atenção. Ela parecia minúscula ao lado dele, curvada pela idade. Ela pôs a panela diante de mim e colocou a mão sobre a tampa, hesitando. "Sal?"
"Por que não?" Eu teria pedido mel, mas aquele lugar não era O Assombrado. Mingau com sal é melhor que sem nada, mesmo quando você comeu sal e mais sal nas mesas de Duque Maladon durante uma semana.
"Oh", disse Ruth. Sua mão se afastou de sua boca com um dente em sua palma. Não um dente pequeno, mas um molar grande lá do fundo, com raízes brancas longas e lambuzado de sangue escuro, tão escuro que era quase preto. "Desculpe-me", ela disse, segurando a mão com o braço estendido como se estivesse horrorizada pelo dente, mas sem conseguir parar de olhar, com os olhos arregalados e lúgubres.

"Não tem problema", eu disse. Estranho como o tesão impessoal pode rapidamente se transformar em repulsa. Ele provavelmente atravessa o final daquela linha tênue que os poetas dizem dividir o amor e o ódio.
"Talvez devêssemos comer", disse Makin.
Meu estômago se revirou ao pensar em comida. O fedor do pântano, que ainda não havia diminuído, invadiu o recinto com vigor renovado.
A mãe voltou com três tigelas de madeira, uma decorada com flores esculpidas, e uma cadeira que parecia elegante demais para a casa. Ela pôs as tigelas sobre a mesa, a mais sofisticada para mim, uma diante da nova cadeira. A terceira ela segurou, procurando em volta por alguma coisa, com os olhos confusos. Ela pôs a mão do lado da cabeça, esfregando distraidamente.
"Perdeu alguma coisa?", perguntei.
"Uma cadeira de balanço." Ela riu. "Um lugar pequeno como este. Você acha que não pode perder uma coisa assim!" Sua mão se afastou de sua cabeça com um tufo de cabelo branco. O couro cabeludo rosa mostrava de onde ele havia saído. Ela olhou para o tufo com tanto espanto quando sua filha analisando o dente.
"Você disse o castelo do duque, Ruth?", perguntou Makin, da cadeira de balanço. "Qual duque seria esse?" Makin poderia aliviar a estranheza do momento, mas nenhuma das mulheres olhou para ele.
A mãe enfiou o cabelo no avental e voltou para a cozinha. Ruth colocou o dente no parapeito da janela. "Não dizem que dá sorte?", ela perguntou. "Perder um dente. Acho que ouvi isso uma vez." Ela abriu a janela. "Para deixar a manhã entrar."
"Qual duque governa aqui?", perguntei.
Ruth sorriu, com uma pequena mancha de sangue preto no canto da boca. "Você está *mesmo* perdido, não está? Duque Gellethar, é claro!"
Naquele momento, percebi o que estava faltando. O bebê morto, a criança da caixa, ele aparecia em qualquer sombra desocupada. Mas não naquele lugar. As sombras eram cheias demais.
A porta da frente se abriu de repente e o pequeno Jamie entrou com tudo. Meninos de uma certa idade parecem que vão com tudo ou de maneira nenhuma. Ele se roçou no batente da porta ao passar e perdeu um pedaço de pele do tamanho de uma moeda em um prego solto.
Ele correu até mim, sorrindo, com ranho em seu lábio superior. "Quem é você? Quem é você, moço?" Alheio à pele perdida onde o músculo escuro

brilhava feito fígado.
"Então esta seria a terra de..." Eu ignorei o menino e observei os olhos turvos de Ruth.
"Gelleth, é claro." Ela abriu as janelas. "Monte Honas está a oeste de nós. Em uma noite clara, às vezes dá para ver as luzes."
Makin podia ser o homem dos mapas, mas eu sabia que estávamos a oitocentos quilômetros ou mais de Gelleth e da poeira em que eu transformara seu duque. Seria preciso ter os olhos do senhor das águias para ver o Monte Honas de qualquer janela de Cantanlona... e no entanto Ruth acreditava no que dizia.
Ela se virou da janela, com o lado direito tão vermelho quanto se houvesse sido mergulhada em água fervente.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

31

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu me levantei rapidamente, mais rápido do que Makin de sua cadeira de balanço. "Damas, muito obrigado, mas nós temos que ir."
"Nós?", a mãe perguntou da porta da cozinha, metade escarlate como a filha, mas do lado esquerdo em vez do direito, como se juntas elas pudessem fazer uma mulher intocada e uma completamente escaldada.
"Só existe você, Jorg", disse Ruth, com a lateral de seu rosto começando a empolar e pingar. "Sempre só existiu você para nós." Ela cuspiu dois dentes incisivos, um de cima e um de baixo, fazendo um buraco em seu sorriso.
Makin passou por mim e saiu para a neblina. Eu recuei em seguida, segurando a espada pronta para afastar as mulheres. O sorriso de Ruth

prendeu minha atenção e eu me esqueci do filho dela. Ele se agarrou à minha perna, com a pele caindo de cima dele como papel molhado. "Quem é você? Quem é você, moço?"
"Só você, Jorg", disse a mãe, com a cabeça careca agora a não ser por tufos brancos aleatórios. "Desde que o sol apareceu." Ela ergueu a mão em direção à janela.
A neblina se iluminou com um brilho amarelo e depois se encolheu, recolhida pelo pântano como se fosse uma toalha de mesa puxada rapidamente e deixando tudo em seu lugar.
Por todo o pântano, parecia que um segundo sol havia surgido, terrível demais e claro demais para se olhar, e horrível demais para parar de se olhar. Um Sol dos Construtores.
Em uníssono horrível, ambas as mulheres começaram a gritar. O cabelo de Ruth entrou em combustão. O couro cabeludo de sua mãe ardeu lentamente. Sacudi Jamie de minha perna e ele bateu na parede, com pedaços de sua pele grudando em minha calça. Eu me afastei da casa. Reconheci os gritos. Os mesmos sons de quando Gog me queimou. Justiça soltou aqueles gritos quando meu pai ateou fogo nele.
Houve um tempo em que talvez eu achasse que duas mulheres ardendo lentamente fosse um espetáculo grátis. Rike teria soltado aquela risada dele até agora. Algazarra apostaria em qual delas cairia primeiro. Mas ultimamente meus antigos gostos tornaram-se amargos. Eu havia passado a compreender esse tipo de dor. E quaisquer feitiços que possam ter encenado este espetáculo para mim, aquelas pessoas pareceram reais. Elas pareceram gentis. Uma verdade permeava tal mentira e eu não gostei disso.
Do lado de fora, o sol brilhava, observando-nos de um ângulo do meio da manhã, e os gritos ficaram mais fracos, mais distantes.
"Que porra...?" Kent, o Rubro, balançou a cabeça. "Aonde a neblina foi?"
"Que coisa." Algazarra cuspiu.
As casas gotejavam de lama. Elas pareciam apodrecidas. Os telhados haviam desaparecido.
"O que você viu lá dentro, Makin?", perguntei, observando a porta. Nada de fogo. Nada de fumaça. Parecia escuro. Como se o sol não estivesse entrando, mesmo que não houvesse telhado.
Ele balançou a cabeça.
"Elas estão afundando", disse Rike.

Eu vi. Pouco a pouco, cada uma das casas se afundou na podridão do pântano. O som daquilo me fez lembrar de sexo, embora nada estivesse mais distante de meus pensamentos.
"Elas estão voltando", Sim disse. Ele manteve distância das paredes.
Ele estava certo. Se estivéssemos enxergando bem, agora que a neblina havia desaparecido, aquelas casas afundaram muito tempo atrás e algo fez o pântano regurgitá-las só para nós.
"O que aconteceu?", perguntou Makin, embora seu rosto dissesse que ele preferia não saber.
"Eles eram fantasmas", eu disse. "Invocados por minha causa." Uma reconstituição atormentada do sofrimento de Gelleth. Pessoas que morreram por minha causa. "Eles não podem nos ferir."
Em poucos minutos as casas foram engolidas e não restou nenhum sinal delas sobre a lama. Eu perscrutei o horizonte. Nada além de poças paradas, quilômetro após quilômetro. A bruma em retirada havia clareado mais que a minha visão, contudo. Um segundo véu havia sido retirado. Uma espécie mais sutil de neblina que nos acompanhara desde que sentimos o cheiro do pântano. A necromancia formigou em mim. Nós estávamos na superfície de um oceano e os mortos nadavam embaixo. Alguma coisa estava sobrescrevendo meu poder, cegando-me. Alguma coisa ou alguém.
"Mostre-se, Chella!", eu gritei.
O peso de sua necromancia me fez virar para observar o atoleiro de onde ela surgiu. Ela apareceu gradualmente, com lodo negro escorrendo por sua nudez, os cabelos lambuzados em volta de seus ombros, em cima do topo de seus seios. Dez metros de lama negra e traiçoeira nos separavam. Algazarra estava com seu arco nas costas, a balestra do nubano ficou amarrada à sela de Brath. Grumlow pelo menos estava com um punhal na mão. Um em cada mão, na verdade. Mas ele não parecia tentado a atirar nenhum deles. Talvez não quisesse atrair a atenção dela para si.
Nenhum de nós falou. Nenhum de nós pegou sua arma. A necromante tinha uma mágica que funcionava com os vivos, assim como com os mortos. Ou pelo menos uma mágica que funcionava com homens. O lamaçal havia maculado a pele da qual eu me lembrava tão bem, deixando-a escura, mas ainda firme. O lodo que corria dela, que pingava e grudava, parecia guiar o olhar, dourando cada curva e ponto escuro.
"Olá, Jorg", ela disse.

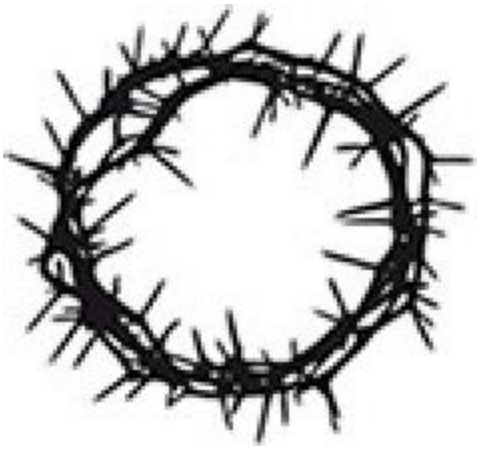
Ela usou as palavras de Katherine no cemitério. Talvez o que seja dito em tais lugares seja sempre ouvido por aqueles que se casaram com a Morte.
"Você se lembra de mim." Eu me perguntei por quanto tempo ela havia me guiado até aquele ponto. Eu não tinha dúvidas agora de que suas criaturas haviam derrubado a ponte que esperávamos cruzar.
"Eu me lembro de você", ela disse. "E o pântano se lembra de você. Pântanos têm boa memória, Jorg, eles sugam segredos e os guardam, mas no fim, no fim todas as coisas vêm à tona."
Em pensei na caixa em minha cintura e nas lembranças que ela guardava.
"Suponho que você veio me dizer para não ficar contra o Príncipe de Arrow."
"Por quê? Você acha que tenho meus poderes sobre ele?"
Eu balancei a cabeça. "Eu teria sentido seu cheiro nele."
"Você não sentiu meu cheiro aqui e este lugar fede à morte", ela disse, sempre se movendo, girando e se esticando lentamente, exigindo atenção. "Para ser justo, fede a muitas outras coisas mais."
"O Príncipe de Arrow tem defensores suficientes, não precisa de mim. De qualquer modo, é melhor não acreditar em tudo que lê, e quanto mais velho um livro é menos confiáveis são suas histórias."
Havia profecias escritas também? Aquilo me fez rir. Já era ruim o bastante que cada carta de tarô virada e cada runa jogada colocasse Arrow no trono. Agora os livros, meus amigos mais antigos, haviam se transformado em traidores. "Então por que estamos aqui?", perguntei. Eu sabia, mas perguntei mesmo assim.
"Estou aqui para você, Jorg", ela disse, rouca e sedutora.
"Venha me pegar, Chella", eu disse. Não levantei minha espada, mas a virei para que a luz refletida passasse em seu rosto. Eu não perguntei o que ela queria. Vingança não precisa de explicação. "E *como* você está aqui?" Uma montanha havia caído sobre ela em Gelleth, enterrando-a mais fundo que as profundezas.
Ela franziu a testa. "O Rei Morto veio até mim." E por um momento, só por um momento, eu juro que a vi estremecer.
"O Rei Morto." Isso era novidade. Eu achava que havia entendido – que ela estava atrás de vingança, pura e simplesmente, sentimentos que eu compreendia. Afinal, eu jogara o Monte Honas sobre ela. "Ele a enviou?"
"Eu teria vindo de qualquer maneira, Jorg. Nós temos assuntos inacabados."
Novamente a sedução, paralisando os irmãos que haviam começado a se

mexer.
"Então quem me quer mais, Chella? Você ou esse seu rei?"
Chella deu um leve rosnado e os irmãos começaram a se libertar de sua influência, pois a irritação a enfraquecia.
"Ou ele me queria mais do que queria você, Chella? É isso? Seu novo rei só a desencavou para me achar para ele?" Dei-lhe meu melhor sorriso. Eu havia chegado à verdade: ela não conseguiu disfarçar a irritação que atravessou sua fronte. Melhor assim – um inimigo com raiva é o melhor tipo para se ter. Mas por que esse Rei Morto havia ficado contra mim dessa maneira eu não fazia ideia.
"Venha me pegar." Eu a convidei novamente, acenando, esperando incitála a ficar ao alcance. Com minha mão livre, empurrei Makin. "Sei que há uma mulher nua e tudo mais, mas se você apontar os irmãos em sentidos mais úteis, então há menos probabilidades de ser devorado pelos amigos dela."
"Ir pegar você?" Chella sorriu, recobrando a compostura. Ela passou a mão por sobre a boca, jogando a lama para o lado, com os lábios vermelhos como sangue. "Eu realmente quero você. Quero sim. Mas não para quebrálo. Eu conheço seu coração, Jorg. Una-se a mim. Nós podemos ser mais do que matéria."
A criatura fazia a região da minha virilha doer, é verdade, como se aquela linha entre luxúria e repulsa houvesse sido apagada tão completamente quanto a vila. Parte de mim queria aceitar seu desafio. *Abrace o que você teme*, eu havia dito a Gog. *Cace seus medos*. E o que é a morte se não o maior dos medos, o inimigo final? Eu havia comido o coração frio de um necromante. Talvez eu devesse pegar Chella, pegar a morte pelo pescoço, e fazê-la me servir. Eu pensei nas mulheres queimando em sua casa. "Você é menos do que matéria", eu disse.
"Palavras cruéis." Ela sorriu e chegou mais perto. Seu movimento fluido capturou meu olhar. O balanço dos seios, a saliência dos quadris, a vermelhidão de sua boca. "Há uma magia entre nós, Jorg. Certamente você a sentiu. Ela não ecoa em seu peito? Ela não subscreve a própria batida de seu coração, querido? Nós fomos feitos para ficar juntos. O Rei Morto me disse que posso ficar com você. E para levá-lo até ele. E eu o farei."
"Você terá uma longa espera por mim no inferno", eu disse. "Porque eu pretendo mandar você para lá agora." Uma frase fraca, talvez, mas a menção ao Rei Morto me fez perder as estribeiras.

Ela sorriu e mandou um beijo com os lábios escarlates. "Você está com raiva porque eu lhe mostrei seus fantasmas? Não fui eu quem os fiz, Jorg."
Aquilo roubou minha certeza. Eu vi Ruth e sua mãe outra vez, escaldadas pela luz quente do Sol dos Construtores. "Eu não sabia qu..."
"Você não sabia que um sol os queimaria. Você achou que uma nuvem de veneno iria se espalhar e devastar a terra. Não é isso? Então, se Ruth, sua mãe e seu filho estivessem sufocando com seus próprios intestinos, sangrando pelos olhos e ânus, bradando diferentes gritos, estaria tudo bem? Estaria tudo bem porque esse foi o plano?" Chella deu mais um passo adiante. Implacável.
Eu não sabia responder àquilo. Eu havia pensado em envenenar o Castelo Vermelho e sabia que todas as pessoas dentro dele, não apenas os guerreiros, pereceriam. E se as toxinas houvessem se espalhado? Eu não tinha ideia da distância que elas poderiam alcançar. E eu não me importava.
"Você sabe do que os homens realmente têm medo, Chella?", perguntei.
"Conte-me." Ela passou as mãos sobre as coxas, pela barriga, lambuzando a pele escura com lama mais escura ainda.
Makin apertou a balestra do nubano contra a palma de minha mão. Eu a peguei. O troço era quase pesado demais para segurar com uma só mão.
"Os homens têm medo de morrer. Não da morte. Eles querem que seja rápida, limpa. Essa é a pior coisa, a ferida que se prolonga. Não é verdade, Makin?"
"Sim", ele disse. Makin não é um homem de poucas palavras, mas é difícil quebrar o encanto de uma necromante.
"Prolongar", eu disse. "Eis uma palavra que amedronta os irmãos. Não deixem prolongar, eles dizem. E você sabe o que é um morto-vivo, Chella? É a definição do prolongamento. Um covarde morre mil vezes, o Bardo nos disse. E quanto a você? Você só morreu uma vez, mas se prolonga mil vezes mais do que deveria."
"Não zombe de mim, criança", Chella disse. Suas costelas se destacaram agora, suas bochechas ficaram ocas. "Eu tenho mais poder qu..."
"Você pode me mostrar meus fantasmas, Chella. Você pode tentar me assustar com a morte e com coisas mortas para que eu escolha o seu caminho. Mas tenho minha própria estrada para seguir. Meus fantasmas são somente meus e lidarei com eles sozinho. Você é um produto de podridão e medo e deveria encontrar um túmulo que a aceite."

O momento em que nada podia me pôr medo havia passado. Parece que o pavor é uma companhia nos primeiros anos, quando tudo é novidade, e volta para nós com a idade, quando adquirimos coisas que podemos perder. Talvez eu ainda não tivesse preenchido minha cota completa de covardia, mas os fantasmas de Gelleth e o fato de saber quantas coisas mortas nadavam sob a lama, prontas para o chamado da necromante, fizeram meus ossos se arrepiarem. Eu tinha um príncipe para derrotar, talvez Katherine para cortejar e um trono confortável para aquecer. Ser afogado no lodo por homens mortos não se encaixava naqueles planos.
"Não foram só fantasmas que eu trouxe comigo de Gelleth, Jorg." Chella levantou os braços bem alto, em um movimento lânguido.
Outras formas começaram a surgir do lamaçal, formas humanas.
Eu finquei minha espada no solo e ergui a balestra do nubano.
"Eu andei colecionando", disse Chella.
A figura se levantando na frente dela tinha traços familiares, um porte grande e poderoso, mais escuro onde a lama era rala. Com um buraco em seu peito.
"Acho que ele quer sua balestra de volta", Chella disse.
À sua esquerda, surgiu uma forma inchada, com as tripas penduradas como salsichas negras de sua barriga cortada. Havia outros ao nosso redor, agarrando e sacudindo a lama de seus rostos. Um era uma cabeça e ombros mais altos que o restante, com a carne pendurada de seus ossos em frangalhos.
"Eu andei onde você andou, Jorg, peguei o que você tentou queimar e cavei onde você enterrou. Até na sombra de suas paredes."
Eu conhecia todos eles. O nubano entre Chella e minha balestra... sua balestra; Burlow, o Gordo, à esquerda dela; Gemt com pedaços de cabelo vermelho desbotado no meio da sujeira, com a cabeça costurada de volta; irmão Gains, irmão Jobe, irmão Roddat. Também o velho Elban, que sempre rezou por um túmulo calmo; Mentiroso, cujo corpo nós nunca encontramos para enterrar, mesmo tendo caído no Assombrado; irmão Price, apenas ossos e farrapos após quatro anos debaixo da terra. E outros surgindo das profundezas do lamaçal ou se arrastando para terreno mais firme.
Chella me observava por cima do ombro do nubano, usando-o como escudo. Outra valiosa lição sobre atacar sem hesitar.
"Una-se a mim." Sua voz tremia pelos pulmões corrompidos. Seus olhos brilhavam, fundos em suas cavidades, como se levantar meus irmãos das

profundezas houvesse sugado sua vitalidade. "A força de meu irmão corre em você, sem uso, sumindo, desperdiçada."
Irmão? O necromante que eu havia cortado era irmão dela?
"Obrigado, senhora, mas já esgotei minha cota de necromantes." Disparei ambos os dardos da balestra do nubano. Um fez um buraco no ombro dele. O outro passou pelo pescoço de Chella apenas em um lado de sua garganta.
O nubano, que quase havia se virado pelo impacto, endireitou-se e me encarou novamente, sem expressão em seus lábios cinzentos. Chella pôs a mão em seu pescoço e torceu a cabeça fazendo um barulho como se estalasse cartilagem.
"Nós somos família, Jorg. Famílias discutem. Mas eu o perdoo, e quando eu o levar para o pântano comigo... quando estivermos juntos nos lugares profundos e frios... abraçados como as famílias fazem... você me perdoará também."



Irmão Sim se mantém fechado e você nunca irá conhecê-lo, não importa quais palavras vocês troquem. Ele sussurra algo a cada homem que mata. Se
ele dissesse aquilo a um homem e o deixasse viver, talvez eu tivesse perdido
um matador.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

32

— QUATRO ANOS ATRÁS —

No pântano quente e interminável de Cantanlona, muitas coisas são perdidas, segredos engolidos, vidas atraídas para a escuridão abaixo. E, às vezes, correntes lentas devolvem o que era melhor ter permanecido escondido.

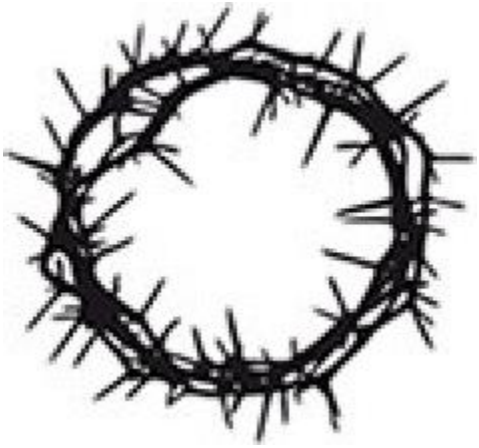
Nunca é uma boa ideia correr em um atoleiro. Passos lentos são necessários quando um lugar é repleto de poças de areia movediça, lamaçais profundos e montículos de tufos perfeitos para quebrar um tornozelo. No entanto, há momentos em que uma má ideia é o melhor que se tem.

"Sigam-me!", eu gritei, e saí correndo entre os charcos e as touceiras de capim à minha esquerda. Chella se deixou escorregar sob a lama enquanto o nubano se moveu para interceptar.
A necromancia que eu ganhara do irmão de Chella era apenas uma gota no oceano de força que ela possuía. Mas os segredos contêm poder. O segredo que eu tinha em mente havia escapado dos lábios do doutor RaizMestra e ele nunca teria dado a informação de graça se soubesse que ela ainda possuía valor.
"Eu o liberto, Kashta!" Bati a palma de minha mão no peito dele, sem me importar com suas mãos me agarrando.
Quando um nome é mantido em segredo, seu poder se multiplica. O nubano tombou sem pestanejar e eu senti que ele nunca se levantaria de novo. Quando ele caiu minha raiva aumentou.
Eu continuei chapinhando com os irmãos vivos atrás de mim e os irmãos mortos atrás deles. Atrás e à minha direita, Burlow, o Gordo, se moveu para bloquear Rike. Continuei a correr, encontrando uma crista baixa em solo mais firme. Ao me virar, vi o sabre de Rike atravessar o braço de Burlow. Burlow o agarrou com sua outra mão, mas Makin a cortou e os dois homens seguiram em frente, diminuindo ao atingir solo mais mole e começando a prosseguir com dificuldade. Makin perdeu uma bota para a areia movediça, mas conseguiu chegar até o meu lado. Nossos cavalos em pânico correram em várias direções; alguns galoparam atrás de nós, Brath entre eles, mas eu vi dois cavalos atingirem a lama e começarem a afundar, empinando-se e mergulhando como se achassem que fossem sair dali.
A alguns metros de distância, uma poça de lama começou a fervilhar com atividade. Cadáver após cadáver, os mortos saíram dela como se estivessem empilhados a uma enorme profundidade e com intimidade perturbadora.
Eu prossegui. Pareceu-me que, embora os mortos-vivos não tivessem medo e precisassem ser cortados em pedaços antes de parar de tentar nos matar, pelo menos eles eram lentos. Em um campo aberto, nós os teríamos deixado comendo poeira. No pântano, a briga parecia ser mais de igual para igual.
Uma aura generalizada de morte lenta contamina a lama nos pântanos de Cantanlona. De alguma maneira, o próprio lamaçal está meio vivo, ou meio morto, dependendo da sua perspectiva, e ele apoiava os mortos-vivos, regurgitando-os, impedindo-os de afundar.
Os cadáveres da poça de lama conseguiram nos interceptar quando a terra firme se virou para a esquerda.

"Continuem se movimentando!", gritei.
Makin cortou um deles no peito, seu treinamento o enganou pela primeira vez. A criatura não percebeu o ferimento e o agarrou com os braços lamacentos. Rike nem se preocupou em usar a espada. Ele meteu sua bota na barriga do cadáver em seu caminho com tanta força que o atirou metros para trás, derrubando outro antes que nos alcançasse. De todos os irmãos, Kent provou ser o mais indicado para o trabalho. Seu machado nórdico arrancava membros ávidos, costurando um padrão furioso que deixou o charco repleto de mãos, braços e cabeças.
Nós continuamos a correr, com as criaturas em nosso encalço, silenciosas em sua determinação de nos capturar e nos desmembrar, apenas com o som de seu chapinhar e de nossa respiração ofegante. Em um ponto, um exército cinzento de mortos-vivos estava atrás de nós, mas a cada quilômetro eles ficavam mais para trás, até que finalmente sumiram de vista.
Mandei parar em um monte baixo que nos oferecia uma base sólida e uma visão elevada dos pântanos. Um círculo de pedras desgastadas indicava que o local havia sido usado para um enterro, algum comandante da região talvez, mas a sepultura parecia ter sido esvaziada anos atrás e eu não senti mais morte ali do que em qualquer outro lugar do atoleiro que nos cercava.
Minha raiva se manteve comigo durante a longa perseguição. Chella havia mantido o corpo do nubano como um brinquedo por mais de meio ano. Eu não sabia se alguma coisa do homem resistia quando a necromancia habitava seu corpo, mas a possibilidade de seu sofrimento e o pavor dele, se isso acontecesse, fizeram com que eu jurasse vingança. Só havia feito uma promessa como essa antes e naquela ocasião, como agora, eu a fiz sem palavras e com toda a intenção de acabar com o mundo, se isso fosse necessário para cumpri-la.
"Eu não quero passar outra noite neste lugar", disse Makin.
"É mesmo?", Rike grunhiu, sentado na maior pedra. Eu nunca o vira usar de sarcasmo antes. Imaginei que ele devia guardá-lo para circunstâncias extremas.
"Fique em pé por um instante, Rike", eu disse.
Ele ficou. Ergui a ponta de minha espada até o lado dele. Com uma estocada e uma torção, arranquei a mão cortada de Burlow, rasgando o pedaço da túnica que ela segurava, e a atirei no pântano.
"Nós entramos no inferno", Grumlow disse com convicção. "Nós nos perdemos e agora estamos no inferno." Ele tinha lama lambuzada em um lado

do rosto e sangue coagulado em seu bigode, fios dele formando caminhos vermelhos do nariz ao lábio.
"O inferno cheira melhor", eu disse.
Com os cavalos à nossa volta, o monte estava lotado e nossas linhas de visão bloqueadas. Eu empurrei o tordilho de lado, dando um tapa em sua traseira. Dos cinco cavalos que nos restavam ela era a única relaxada o bastante para pastar na grama curta.
"Nós devíamos ir", disse Makin.
Nós devíamos, mas para onde? O horizonte não oferecia nada. A não ser, talvez...
"Aquilo é o mar?", apontei. Ao leste, uma pitada de preto ou azul contornava os pontos mais distantes do pântano.
Um grito agudo interrompeu qualquer um que estivesse inclinado a responder. Eu me virei em direção ao som. Logo atrás de nós, com água até as coxas e com a vegetação até o peito, Chella segurava o jovem Sim pelo pescoço e pela cabeça. Ela deu outro passo para trás no monte, arrastando Sim. Parecia que ela fizera alguma coisa a ele, pois seus braços estavam estáticos ao longo do corpo, embora ele nos observasse com os olhos ferozes. Nós o chamávamos de jovem Sim e ele talvez tivesse dezesseis anos, mas em matéria de matar ele era veterano e não teria ido facilmente sem um bom motivo.
"Jorg, você não deveria fugir de mim", disse Chella. A água havia lavado a lama, mas não conseguiu tirar as manchas do pântano de sua pele, da cor de madeira velha. Os motivos celtas que a estampavam também eram profundos, não da cor que eu pensava que fossem. Uma agulha deve ter feito aqueles redemoinhos e nós nos braços dela, estendendo-se por suas laterais.
"Não quero nada de você, necromante." Eu ainda estava com a balestra do nubano, embora não a houvesse recarregado. Mirei nela, supondo que Chella não fosse prestar muita atenção ao número de dardos adequados. "Qualquer poder que eu tenha consumido está se desvanecendo. Mais devagar do que eu gostaria, mas ele sumirá e eu não me lamentarei. Não quero parte alguma de você ou de seu negócio sujo."
Ela sorriu. "O Rei Morto não o deixará escapar, Jorg. Ele está reunindo toda a nossa espécie. Navios negros aguardam para nos levar às Ilhas Submersas."
Eu não respondi. Minha raiva havia diminuído uma vez que eu havia prometido destruir Chella. A vingança é paciente quando precisa ser e ela

queria usar os irmãos contra mim, para me enfurecer, para me fazer persegui-la até afundar na lama. Eu não queria que ela soubesse quão fundos seus ganchos haviam me prendido.
"Você não vai me pedir para soltar seu irmão, Jorg?" Ela arrastou Sim mais um metro para trás.
Algazarra estava com uma flecha apontada para ela e Grumlow parecia pronto para atirar sua faca dessa vez. Grumlow gostava de Sim: o medo não paralisaria sua mão.
"Então você tem meu irmão. Coma o coração dele e nós estaremos quites. De volta ao ponto em que começamos", eu disse. Sabia que ela não soltaria Sim. Ela só queria que eu pedisse.
"Ah, não dá para voltar, Jorg. Você deveria saber disso. Você nunca pode voltar. Nem mesmo se todos os sinais de necromancia saíssem de você. Veja!" Ela mudou rapidamente a posição das mãos e puxou a cabeça de Sim para a direita. Exageradamente para a direita. A fricção dos ossos me fez ranger os dentes. "Agoooora..." Ela girou lentamente a cabeça dele de volta para nos encarar. "Ele está de volta. Mas ele não é o mesmo agora, é?"
"Vaca!" Algazarra soltou sua flecha. Não sei se sua mão tremeu ou se Chella se mexeu mais rápido do que eu pude ver, mas a flecha acabou projetada no olho de Sim.
"Agora veja o que você fez." Sua boca vermelha sorrindo, seus olhos sedutores, e ela sussurrou no ouvido de Sim.
Grumlow jogou sua faca, mas Chella já estava caindo. Talvez a faca a tenha cortado, mas as águas a encobriram antes que desse para ver.
Sim, apesar da flechada e de seu pescoço quebrado, permaneceu de pé. Em seguida, ele deu um passo incerto em nossa direção. A água limpa entre os juncos se anuviou conforme a lama abaixo começou a se agitar.
"O mar", eu gritei. Apontei só para garantir. O Príncipe de Arrow havia me aconselhado a ver o oceano e parecia que talvez fosse a última coisa que eu faria. Os irmãos não precisaram de incentivo. Nós começamos a correr, esperando que o irmão Sim fosse tão lento quanto os outros homens mortos e não tão rápido quanto nos lembrávamos que ele era.



Você pode confiar no irmão Algazarra. Confiar que ele irá mentir, confiar que irá trapacear, talvez trair. Acima de tudo, confiar que será fiel ao que ele é, um enganador, um assassino no escuro, habilidoso no combate. Confie em tudo isso e ele não decepcionará.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

33

— QUATRO ANOS ATRÁS —

A maresia só acrescentava um sabor salgado ao fedor dos pântanos de Cantanlona. Dava para ver uma extensão de água agora, ainda a quilômetros de distância.
"Pelo menos eles são lerdos", disse Kent. Ele chapinhou a meu lado, de machado em punho, e arriscou uma olhada para trás. Correr em um pântano com um machado afiado enquanto se olha para trás não é recomendável. Mas, pensando bem, nada do que havíamos feito durante dois dias era recomendável.
A brisa do mar trazia consigo um gemido baixo. Tentei não me preocupar com aquilo.

Nós prosseguimos, sem querer descansar depois da última vez. Quatro cavalos nos seguiam, depois que o de Algazarra havia quebrado a pata ao pisar em um buraco de lama. Fiz Kent arrancar as pernas dele após Algazarra ter cortado sua garganta. "Não quero que Chella o faça levantar de novo e mande seus mortos cavalgando atrás de nós."
O mar parecia ficar maior a cada minuto. Em breve estaríamos no pântano salgado.
"Jesus amado." Algazarra parou subitamente à minha frente. De todos os irmãos, ele era o menos propenso a chamar por auxílio divino.
Eu cheguei até seu ombro. Os pântanos que estávamos atravessando terminaram sem avisar e um grande trecho de lama se estendia à nossa frente, até dar lugar a canaviais após uns duzentos metros. Foram as cabeças que fizeram Algazarra parar, não a lama.
A cada cinco metros, como repolhos em um campo, uma cabeça se projetava da lama. As mais próximas pararam de gemer e viraram seus olhos para nos observar.
A que estava perto dos pés de Algazarra, uma mulher de meia-idade, de queixo protuberante, esforçou-se para ver nossos rostos. "Deus me salve", ela disse. "Salve-me."
"Você está viva?", eu me ajoelhei ao lado dela, com a lama firme sob mim, como argila molhada.
"Salve-me!" Um grito agudo agora.
"Eles estão embaixo." Um homem à nossa esquerda, da idade de Makin talvez, de barba preta, com lama apenas na parte inferior da barba, como se a chuva o houvesse lavado.
Estendi a mão, com a necromancia concentrando-se na ponta de meus dedos. Eu não sentia mais morte nesta lama do que em qualquer outra parte do pântano. Exceto em volta das próprias pessoas. Eu sentia a vida escoando-se deles – sendo substituída por algo menos vital, mas mais durável.
"Eles estão arrancando a minha pele!" A voz do homem elevou-se a um grito.
À nossa direita, uma mulher mais jovem, com os cabelos pretos caídos na lama. Ela se virou para nos encarar, sua pele manchada por veias negras como aquelas em meu peito. Ela rosnou. Um som profundo e gutural, cheio de fome. E atrás dela outra mulher que poderia ser sua irmã. "Elas vêm à noite. Crianças mortas. Elas nos dão água suja e nos alimentam com coisas horríveis. Coisas horríveis." Ela abaixou a cabeça novamente.
"Matem-me." Um homem mais ao longe do lamaçal.

"E a mim." Outro.
"Quanto tempo..." eu disse.
"Há quanto tempo vocês estão aqui?", perguntou Makin.
"Três dias."
"Duas semanas."
"Nove dias."
"Desde sempre!" Os gemidos e rosnados aumentaram de volume.
Eu me levantei, com os braços frios, me sentindo enjoado. "Por quê?", perguntei a Makin. Ele deu de ombros.
"Eu sei", disse Rike.
"Você não sabe de nada, Rike", eu lhe disse.
Mas ele sabia. "Os vivos e os mortos", ele disse. "Ela os está fazendo aqui. Deixando-os cozinhar. Ela está transformando-os lentamente para que sejam rápidos. Já ouvi falar disso antes."
Na lama, outra cabeça nos observou com novo apetite e soltou um guincho. Várias outras aproveitaram o ensejo.
"Dê o que elas querem, Kent", eu disse.
"Não! Por favor, misericórdia." A mulher aos pés de Algazarra implorou. "Eu tenho filhos."
"Ou, se elas não quiserem, dê-lhes o que precisam", eu disse.
Kent começou a aparar o campo. Um trabalho sangrento e difícil para as costas. Os outros contribuíram, Rike com um raro entusiasmo.
Nós nos locomovemos trotando, ávidos por ficarmos livres do lugar.
"Este não será o único campo", disse Makin. Ele perdera sua outra bota no caminho e corria descalço agora.
Eu não estava tão preocupado com o que mais Chella estivesse cultivando. Eu me preocupava mais com o que ela já havia cultivado.
Nós saímos de um mar verde para chegar a um cinza. O canavial alcançava até o peito ou mais alto, com lama escura ao redor que ia até suas canelas antes de dar o próximo passo. Amplas faixas de lama aberta dividiam os canaviais, cada uma com um minúsculo fio d'água correndo no meio.
Comecei a ouvir as ondas distantes ao chegarmos a mais uma dessas divisões.
"Não." Grumlow pôs a mão em meu ombro antes que eu pisasse na lama.
Em direção ao meio, onde o fio d'água formava uma fita brilhante, a lama se agitou.
Algazarra pegou seu arco. Girei a balestra do nubano.

A lama se mexeu novamente, amontoou-se e começou a fluir em ondas relutantes conforme algo negro emergia.
"É a porra de um barco", disse Rike.
Obviamente era o dia de Rike estar certo. Um barco de pesca de madeira preta e podre emergiu como se surgisse debaixo de uma onda gigantesca, com sua tripulação se erguendo do convés, derramando lama e nacos de carne apodrecida ao se levantar. Eu pensei no capitão gordo em sua barca cruzando o Rima. Talvez ele tenha feito a escolha certa ao se ater à rota que conhecia, no fim das contas.
"Para trás!" E eu os conduzi aos canaviais outra vez.
Nós corremos, abrindo caminho entre canas mais altas que eu, batendo em meu rosto.
"Algo está vindo", gritou Rike. Ele ainda podia ver acima do verde.
"Do barco?", eu gritei.
"Não. Do outro lado."
Nós nos desviamos e corremos mais rápido.
Eu podia ouvi-los. Aproximando-se de nós, atravessando as hastes.
"O que é?", eu gritei.
"Não dá para ver", disse Rike, ofegante agora. "Só vejo a cana caindo."
"Parem!" E obedeci à minha própria ordem. Joguei a balestra do nubano no chão e saquei minha espada, ceifando as canas. "Abram uma clareira!", eu gritei.
Não faz sentido correr se você será capturado.
Três homens mortos chegaram à nossa clareira enquanto a abríamos. Eles se moviam com uma rapidez desconcertante, uivando no momento em que nos viram. Sem vacilar, os três se atiraram contra nós, com as mãos em direção aos pescoços. Algazarra caiu. Eu espetei o que me escolheu. Ele literalmente engoliu minha espada, com suas bochechas partidas alcançando o cabo enquanto a ponta escavava entre os pulmões até o estômago. Uma imagem de Thomas no circo veio à mente.
Ter seus órgãos vitais divididos por um metro e vinte de aço só pareceu enfurecer meu inimigo. Ele quase arrancou a espada de minha mão enquanto se esforçava para agarrar meu pescoço. Eu me segurei e ele me empurrou de volta pelo canavial, com o inimigo quase de quatro, atacando como se quisesse engolir a espada mais ainda. Se pudesse abrir mais a boca ele teria engolido o cabo e minhas mãos também. Órgãos vitais parecia ser uma expressão incorreta.

O morto continuou a empurrar, gargarejando sangue escuro ao me forçar para trás, caindo em uma poça de areia movediça. Enterrei e girei minha espada, e a arranquei, atravessando seu pescoço, peito e barriga. Suas tripas saíram escorrendo e ele caiu na poça, tentando me agarrar conforme eu me libertava e fincava minha espada em solo mais firme. Chutando com um medo incontrolável e me rebocando em minha espada, consegui me arrastar para fora da poça. Fiquei deitado de costas, arquejando. Eu podia ouvir os gritos e rosnados dos outros mortos e os xingamentos dos irmãos enquanto lutavam. O canavial se elevava acima de minha cabeça como gigantes da floresta, balançando-se suavemente contra o azul do céu.

Quando recuperei o fôlego e voltei para a clareira a luta havia terminado.

"Algazarra está morto", Makin esfregou rasgos em sua bochecha com um punhado de canas. Elas pareciam tornar as coisas piores, mas talvez ele quisesse que o sangue saísse limpo.

"Nunca gostei dele", eu disse. Nós dizíamos esse tipo de coisa na estrada. E, além do mais, era verdade.

"Certifiquem-se de que não há nada com que Chella possa brincar", eu disse a Kent.

Ele começou a decapitar o primeiro de nossos atacantes. Alguém já havia arrancado seus braços e sua boca estava cheia de lama, mas ele ainda se contorcia e olhava fixamente.

Ver Makin cuidar de suas feridas me fez lembrar de me apalpar. Às vezes, você leva horas até perceber um ferimento ocorrido na batalha.

"Merda", eu disse.

"O quê?" Makin levantou a cabeça.

"Eu perdi a caixa." Passei as mãos em minha cintura como se pudesse não tê-la percebido da primeira vez.

"Já foi tarde", Makin disse.

Andei de volta pelo caminho de canas achatadas onde o morto-vivo havia me empurrado. Nada. Cheguei à areia movediça.

"Está afundada aqui", eu disse.

"Que bom." Makin apareceu atrás de mim.

Eu me virei. Não parecia certo perdê-la. Eu achava que era algo que devesse manter. Parte de mim.

"Kent!", eu gritei. Ele parou com seu machado levantado acima da cabeça e o corpo de Algazarra a seus pés.

"Deixe-o", eu disse.

Andei de volta e me ajoelhei ao lado de Algazarra. A morte não é bonita de perto. O velhote havia se borrado e fedia ainda mais que de costume. Farrapos vermelhos e rosados de sua garganta estavam dependurados sobre suas clavículas; pedaços soltos de cartilagem branca saíam para emoldurar o buraco escuro em seus pulmões. Rastros de catarro e sangue roxo escorriam de seu nariz, e seus olhos se reviraram para a esquerda em um ângulo dolorosamente agudo.
"Não terminei com você, irmão Algazarra", eu disse.
Peguei as mãos dele. As mãos de homens mortos não são intrinsecamente desagradáveis, mas na verdade aquilo fez minha pele se arrepiar, quando entrelacei meus dedos com os dele. Ele ficou lá, flácido, com a pele endurecida da palma de suas mãos arranhando-se contra mim.
"O que você está fazendo?", perguntou Grumlow.
"Tenho um trabalho para você, irmão Algazarra", eu disse.
Eu procurei por ele. Ele não podia estar longe em apenas alguns minutos. Senti o pulso da necromancia na ferida aberta em meu peito. Uma mão escura se fechou em volta de meu coração e um calafrio me envolveu.
Eu sabia que possuía muito pouco poder, apenas um fio, como aquele filete de água nas largas avenidas de lama. Mas Algazarra ainda estava morno. Seu coração não batia, mas se contorcia e se estremecia, e o mais importante – eu o conhecia do sangue até os ossos. Nunca gostei dele, mas o conhecia.
Para fazer um morto andar, você precisa vestir sua pele. Você precisa entrar debaixo dela, deixar as batidas de seu coração ecoarem nela, correr a sua mente pelos pensamentos do morto.
Cuspi como Algazarra fazia. Levantei a cabeça e observei os irmãos com os olhos apertados, vendo-os com os gostos e desgostos de Algazarra, a inveja, velhos ressentimentos, dívidas relembradas.
"Irmão Algazarra", eu disse.
Eu me levantei. Nós nos levantamos. Ele se levantou.
Fiquei cara a cara com seu corpo e ele me observava de um lugar distante, através de olhos que um dia possuiu. Os irmãos não disseram nada quando eu caminhei de volta à poça e Algazarra me seguiu.
"Encontre-a", eu disse.
Eu não precisei me explicar. Nós vestíamos a mesma pele.
Algazarra entrou na poça e deixou que ela o levasse. Eu me agachei para assistir.

Algazarra havia desaparecido de vista antes de eu sentir o aço em meu pescoço. Olhei em volta e para cima ao longo da lâmina.
"Nunca faça isso comigo", disse Makin. "Jure."
"Eu juro", respondi.
Eu não precisei ser convencido.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

34

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Parecia que estávamos correndo nos pântanos a maior parte de nossas vidas. Tínhamos respingos de lama até na cabeça. Os irmãos exibiam pele branca apenas onde haviam enxugado a sujeira, ao redor dos olhos. Agora, com o sol se pondo avermelhado no horizonte, a oeste, aquilo dava a eles um visual selvagem. Em breve, quando o sol se afogasse no pântano e nos deixasse na escuridão, nós nos afogaríamos também.

"Mais dos desgraçados", gritou Rike. Mais uma vez ele era o único que conseguia enxergar acima do mar de cana.

"Quantos?", eu perguntei.

"Todos eles", ele disse. "É como se todo o canavial estivesse caindo."

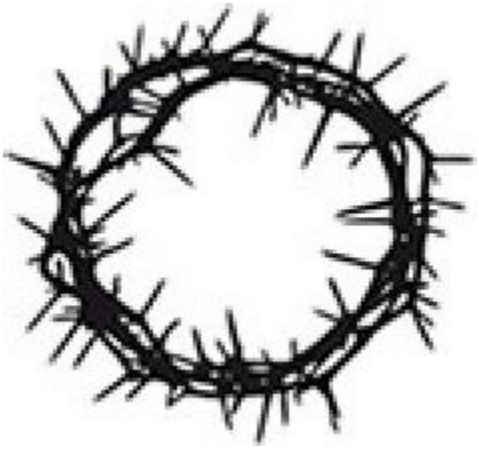
Eu podia ouvir os rosnados, fracos porém claros no ar do anoitecer. Apalpei a caixa em meu quadril. Algazarra demorou duas horas para encontrar, duas horas até sua mão finalmente romper a superfície para dála para mim. Os irmãos não gostavam de esperar, mas duas horas a mais não teriam nos tirado do inferno lamacento de Chella. Nós o deixamos na poça. Eu disse a Makin que o havia libertado. Mas não era verdade.
"Você consegue ver algum terreno limpo?", perguntei.
Rike não respondeu, mas zarpou com propósito, então nós o seguimos.
Os rosnados ficaram mais altos, mais próximos de nós. Corremos com força, com o barulho dos pés rápidos e mortos mais perto a cada segundo, e a destruição do canavial conforme abriam caminho.
Em um momento, eu corria através de uma cegueira verde e apressada, e no outro cheguei a um pequeno monte. Parecia uma colina, apesar de não ter mais que um metro de altura do nível da água.
"Bom trabalho", eu disse a Rike, e em seguida tomei fôlego. É melhor morrer a céu aberto.
O exército de Chella convergiu para nós por todos os lados. Os rápidos, mosqueados e manchados de lama, com uma ira imortal em seus rostos e uma luz malévola em seus olhos, dezenas deles, cercaram o monte. Atrás deles, minutos mais tarde, cambaleando pelo canavial achatado, vieram os mortos cinzentos e putrefatos, e entre eles os mortos das profundezas do pântano, curtidos até a resistência de couro velho e de cor semelhante. Eu vi os ossos altos e a carne esfarrapada de Price sobrepujando todos os outros. Chella andava a seu lado usando um vestido branco, todo com rendas e caudas que poderiam ser usadas em um casamento real. Quase sem um pingo de lama nele.
"Olá, Jorg", ela disse. Ela estava longe demais para eu ouvir, mas todas as bocas mortas sussurraram suas palavras.
"Vá para o inferno, vadia." Eu preferia ter dito algo inteligente.
"Não, palavras grosseiras no dia de nosso casamento não, Jorg", ela disse, e os mortos a ecoaram. "O Rei Morto ressuscitou. Os navios negros navegam. Você se unirá a mim. Amará a mim. E juntos nós iremos abrir o Portão Gilden para nosso mestre e colocar um novo imperador no trono."
Os mortos de Gelleth vieram em seguida, vagueando pelo pântano como se estivessem perdidos, perambulando de um lado para o outro. Esses eram fantasmas, mas pareciam bastante reais, com suas queimaduras e suas feridas, dentes faltando, cabelo e pele caindo. Centenas deles, milhares, em

um grande círculo de acusação. Eles se apertaram tanto que lá no fundo alguns dos mortos do pântano foram empurrados de lado e pisoteados.
"Então", disse Rike, "case-se com a vadia."
"Ela vai matar todos vocês de um jeito ou de outro, Rike. Ela terá seu cadáver andando ao lado dela. Price de um lado, você do outro, os irmãos todos juntos novamente."
"Ah", ele disse. "Então que se foda."
"Vamos lá, Jorg, não seja infantil", disse Chella, e os mortos falaram junto com ela. Ela falou novamente, desta vez ecoada apenas por uma voz, de um cadáver de mulher próximo à beirada de nosso monte. Um cadáver lamacento, com um braço carcomido até o osso, a pele manchada, os lábios cinzentos e podres, mas com algo dos traços de Ruth em seu rosto. "O Rei Morto está vindo. Os mortos se elevam como a maré. Eles são mais numerosos que os vivos e cada batalha faz mais cadáveres, não mais homens." A língua da mulher morta se contorceu, preta e brilhante, com as palavras de Chella saindo dela. "Una-se a mim, Jorg. Há um lugar para você aqui. Há poder a ser tomado e detido."
"Há mais que isso", eu disse. Mesmo a alta consideração que eu tinha de meus encantos não me permitia acreditar que ela estivesse tão apaixonada a ponto de atravessar nações para aquilo. E, se fosse vingança que a motivasse, ela poderia realizá-la facilmente agora sem toda aquela farsa. "O Rei Morto lhe dá medo." Ela parecia ávida demais, desesperada até. "O que ele quer comigo?"
Até com tantos metros entre nós eu conseguia lê-la. *Ela não sabia.*
Fiz que ia dar um passo à frente, mas algo pegou meu pé. Ao olhar para baixo, vi dentes, um crânio de cachorro meio enterrado, meio para fora, segurando meu pé. Outro fantasma, mas me agarrou mesmo assim.
Eu olhei para a horda de mortos, analisando a multidão amontoada de fantasmas atrás deles. Chella não poderia saber sobre meu cachorro, Justiça. Ela não poderia ter reunido todos os mortos de Gelleth ou aprendido suas histórias. De alguma maneira, isso vinha de mim. De alguma maneira Chella, estava puxando os fantasmas de meu passado por qualquer buraco que eu tenha feito no mundo. Nem mesmo eram fantasmas que eu conhecia, mas fantasmas daqueles cujo fim eu causei. Senti a ponta de uma ideia, não a forma toda, mas uma ponta.
O crânio trouxe meu olhar de volta ao chão a meus pés. "Você não devia ter feito isso", eu disse. Eu me libertei. Senti me dilacerar, mas os dentes de

Justiça não deixaram marcas sobre minha bota. Era apenas dor, sem sangue. Era apenas minha mente que me aprisionava. Os fantasmas não podiam nos fazer mal, senão teríamos morrido na casa de Ruth, teríamos queimado com eles quando o Sol dos Construtores se acendeu. Chella os trouxera apenas para me atormentar.
"Vamos nos casar, querido", disse Chella. "A congregação está reunida. Tenho certeza de que conseguimos encontrar um clérigo para realizar a cerimônia."
E movendo-se entre os outros fantasmas veio frei Glen, uma sombra bruxuleando à luz do dia, menos nítido do que os outros espíritos, como se algo tentasse mantê-lo afastado. Em minha cintura, a caixa de memórias ficou mais pesada. Eu não ficara sabendo que frei Glen havia morrido, mas talvez eu soubesse e escolhesse esquecer. Ele se aproximou lentamente, mancando, embora eu não visse ferimento nele, e ele não parecia muito satisfeito. Em uma das mãos, segurava uma faca, uma faca familiar, vermelha de sangue. Quando um morto cambaleou em seu caminho o frei o apunhalou no pescoço. A criatura tombou com a faca ainda nela. Os fantasmas não podiam machucar os vivos, mas aparentemente podiam machucar os mortos à vontade. Frei Glen seguiu mancando até ficar ao lado de Chella.
Eu me perguntei como o fantasma do frei havia chegado até aqui, observando-me com tanto ódio. Eu o sentia a cinquenta metros de distância. Mas, mais do que isso – mais do que eu me perguntava sobre frei Glen –, circulei em torno das palavras que Chella disse antes de chamá-lo.
A congregação está reunida.
Os mortos-vivos se aproximaram, embora eu não tenha ouvido nenhuma instrução. Eles deram passos lentos, com as mãos prontas para agarrar e torcer e rasgar. Contra tantos, nós resistiríamos por instantes.
"Não é um casamento de verdade se minha família não puder comparecer." Embainhei minha espada.
"Alguns fantasmas eu não posso convocar. Os mortos da realeza estão enterrados em túmulos consagrados e repousam com magias antigas. Se eu pudesse fazer sua mãe dançar para você teria feito isso há muito tempo", disse Chella. O sussurro chegou a mim através da multidão, contorcendo-se nos lábios dos mortos-vivos conforme eles chegavam ainda mais perto.
A congregação está reunida, mas alguns fantasmas ela não pode convocar.
Os cavalos remanescentes relincharam atrás de mim, nervosos, inclusive o tordilho.

"Estava pensando em meus irmãos", eu disse. Abri os braços para a esquerda e para a direita para indicar Makin, Kent, Grumlow e Rike.
"Eles podem comparecer", disse Chella. "Eu os deixarei com seus olhos."
"Não vamos ter música? Poetas para declamar? Sem flores?", perguntei. Eu estava protelando.
"Você está protelando", ela disse.
A congregação está reunida. Fora aqueles que ela não consegue convocar. E aqueles que ela não quer.
"Há um poeta no qual estou pensando, Chella. Um poema. Um adequado. 'À sua recatada senhora.'"
"Eu sou recatada?" Ela se aproximou, balançando-se entre os mortos.
A sabedoria dos poetas sobreviveu à dos Construtores.
"O poema é sobre o tempo, pelo menos em parte. Sobre como o poeta não pode parar o tempo. E, no final, ele diz: 'Portanto, embora nosso sol não possamos fazer/ Fique parada, e assim fá-lo-emos correr'."
Fantasmas não podem machucar os homens. Eles podem enlouquecê-los. Podem atormentá-los ao ponto de tirarem suas próprias vidas, mas eles não podem feri-los. Eu senti que isso era verdade. Minha necromancia roubada me disse que era assim. Mas eles podem machucar os mortos, ao que parece. Eu havia visto com meus próprios olhos. Os cadáveres que Chella pusera para andar podiam ser derrubados por espíritos porque eles estavam mais próximos de seu mundo, pertos o bastante dos portões da morte para que um fantasma estendesse a mão e os esganassem.
"Muito gentil", disse Chella. "Mas isso não me fará parar."
"Então eu a farei correr." E com cada fragmento de minha vontade convoquei meus fantasmas. Eu os puxei pelos portões que Chella havia aberto. Com os braços abertos, devolvi cada sombra e fantasma, cada assombro e espírito que havia me seguido nesses longos anos. Eu os sangrei através de meu peito, deixei que pulsassem através de mim com cada batida de meu coração. Eu não podia impedir Chella de suscitar aqueles que ela queria, mas podia muito bem me certificar de que todos viessem, cada um deles. Correndo.
E eles vieram. A congregação que Chella havia escolhido não convidar. Os mortos queimados de Gelleth, aqueles que o Sol dos Construtores levou primeiro – não as vítimas dos arredores da explosão, como Ruth e sua mãe, mas aqueles que arderam no Castelo Vermelho, no coração do incêndio. Eles jorravam de mim em uma torrente interminável. Dez deles para cada filho de

Gelleth que Chella havia produzido. E os meus mortos, os mortos queimados, traziam consigo um fogo como nenhum outro. Eles ardiam como velas na lareira, a pele escorrendo, as chamas saltando, cada homem ou mulher gritando e correndo ou cambaleando e se segurando. E atrás deles, com passo moderado, um novo tipo de fantasma, cada um brilhando com uma luz terrível que tornava sua carne um rosa turvo e fazia sombras de seus ossos.
Eu vi apenas fogo sem calor, ouvi apenas gritos, e após muito tempo nós estávamos sozinhos em nosso monte sem sinal de Chella ou seu exército, salvo por ossos escurecidos fumegando no canavial úmido.
"O casamento está cancelado", eu disse, e tomando a direção do pôr do sol guiei os irmãos para o sul.



Irmão Makin tem altos ideais. Se ele se ativesse a eles, nós seríamos inimigos.
Se ele alimentasse seu fracasso, nós não seríamos amigos.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

35

Dia do Casamento

Uma pá?", disse Hobbs.
Se havia alguém para dar nomes aos bois, era o mestre da guarda Hobbs. Eu estava simplesmente impressionado que um homem da idade dele ainda tivesse fôlego a essa altura para constatar o óbvio ou não.
Dei chutes na neve. Pás estavam por toda parte, cobertas pela neve recente. "Mande os esquadrões de Stodd e Keppen atirar para baixo da montanha. Os soldados de Harold, eu quero que eles usem estas pás para cavar", eu disse.

"Stodd está morto." Hobbs cuspiu e observou o campo de neve. O espaço entre a guarda e nossos perseguidores havia desaparecido. Aqui e ali os homens haviam parado de correr. Poucos conseguiram sacar uma espada, quiçá usá-la, antes de serem abatidos.
Sangue na neve é muito bonito. Quando a neve é um polvilhado profundo, o sangue abre um buraco e não há muito para se ver, mas onde a neve tem uma camada de gelo aquele branco reluzente brilha através do escarlate e faz o sangue parecer de algum modo mais rico e mais vital do que jamais fora em suas veias.
"Ponha homens para atirar para baixo. Não me importa o que eles atinjam. Pernas são boas. Coloquem mais corpos no caminho. Atrase-os."
Um homem ferido é um obstáculo maior do que um morto. Faça um ferimento grande em um homem e ele geralmente fica pegajoso, como se achasse que você pudesse salvá-lo e tudo o que ele precisa fazer é se agarrar para que você não vá embora. Os recém-feridos gostam de companhia. Dê-lhes um pouco de tempo e eles preferirão ficar sozinhos com sua dor. Por um momento, eu vi Coddin, com frestas irregulares de luz iluminando seu contorno, curvado em seu túmulo. Alguns povos enterram seus mortos assim, curvados, com a testa nos joelhos. Makin disse que fica mais fácil cavar uma cova, mas a meu ver é mais um retorno. Nós ficamos curvados no útero.
"Atirem nos desgraçados!", gritei. Agitei as mãos na direção dos homens que eu queria usando seus arcos. "Não escolham alvos."
Makin cambaleou para cima e joguei uma pá em seu peito. Capitão Harold e eu começamos a pegar outros soldados e a colocá-los para cavar. Nenhum deles perguntou por quê. Exceto Makin, mas, honestamente, acho que ele só queria a oportunidade de descansar.
"Nós viemos aqui uma vez", ele disse.
"Sim." Joguei mais um monte de neve para trás de mim. Parecia estranho ter escalado, pelo que pareceu uma eternidade, para agora estar desesperadamente cavando de volta, com a última de minhas forças.
"Nós estávamos a caminho de alguma vila... Cutting?"
"Gutting", eu disse. Outro monte de neve. Os gritos e o choque de lâminas estavam mais próximos agora.
"Isto é maluquice!" Makin soltou a pá e sacou sua espada. "Eu me lembro agora. Há cavernas aqui. Mas elas não levam a lugar algum. Nós as vasculhamos. Os homens que temos aqui – eles mal caberiam nelas."

Minha pá bateu no nada e escorregou de meus dedos dormentes para o vazio embaixo. "Eu acabei! Cave aqui!"
O combate chegou a cinquenta metros de nossa posição, uma briga sangrenta, retumbante, com homens escorregando na neve, que agora era uma papa rosada, gritos, membros amputados, lâminas escorrendo. E além da carnificina, como uma flecha apontada diretamente para mim, mais e mais e mais soldados, em uma fileira que se engrossava a uma massa de várias centenas de largura, cruzando o limite da neve lá embaixo.
"Talvez eu tenha saído tarde demais", eu disse. Eu sabia que havia saído tarde demais. Passei tempo demais com Coddin. E os homens de Arrow eram mais rápidos do que eu achei que seriam.
"Tarde demais?", gritou Makin. Ele balançou sua espada ao exército convergindo para nós. "Nós estamos mortos. Poderíamos ter feito isso lá embaixo! Pelo menos eu teria forças para lutar."
Ele parecia forte o bastante para mim. A raiva sempre abre uma nova reserva, um restinho do qual você se esquecera.
"Continuem a cavar!", gritei aos homens à minha volta. A entrada para as cavernas era larga o suficiente para três homens. Um buraco negro na neve.
"Quantos homens morreram em avalanches nas Matteracks ano passado, Makin?", perguntei.
"Eu não sei!" Ele me olhou como se eu houvesse pedido para ter filhos com ele. "Nenhum?"
"Três", eu disse. "E um no ano anterior."
Alguns dos inimigos estavam tentando nos flanquear, espalhando-se ao redor da confusão para nos atacar pelos lados. Eu desprendi minha balestra e atirei um dardo nos homens à esquerda.
"Terminamos", Hobbs avançou com dificuldade pela encosta, evitando os escavadores. Ele teve o mérito de conseguir acrescentar "majestade".
Meu dardo havia atingido um homem logo acima do joelho. Parecia um velho. Algumas pessoas não sabem a hora de parar. Ele tropeçou para a frente e caiu, rolando montanha abaixo. Imaginei se ele pararia antes de atingir O Assombrado. "Há um motivo pelo qual perdemos quatro homens em dois anos em avalanches", eu disse.
"Descuido?", perguntou Makin. Um dos soldados mais corajosos do príncipe havia conseguido chegar ileso à beira da batalha abaixo de nós. Makin fez uma defesa rápida e o derrubou. Um segundo homem no encalço do primeiro foi flechado no pomo de adão.

O choque do metal na pedra. Os escavadores encontraram a borda da caverna. O buraco era grande o bastante para uma carroça passar, mas não ficaria maior que aquilo.
Quando o mundo está coberto de neve, ele fica plano. Todas as reentrâncias, todas as protuberâncias são escritas em uma superfície contínua, como a página branca pronta para a pena. Você pode colocar em um campo de neve o que sua imaginação criar, pois seus olhos não lhe dirão nada.
"E então?", perguntou Makin. Os homens de Arrow estavam cada vez mais perto. Ele parecia estar querendo uma distração, irritado porque eu estava divagando, perdido em um devaneio.
"Você precisa ver as sombras", eu disse.
"Sombras?"
Dei de ombros. Eu tinha tempo a perder: a caverna ainda não nos era útil.
"Pensei que o poder de ser jovem era ver apenas preto e branco", eu disse.
Olhei adiante e vi um homem que eu conhecia da guarda cair com a ponta vermelha da espada saindo de suas costas, com as mãos grudadas ao pescoço do dono da espada.
"Sombras?", Makin perguntou novamente.
"Nós nunca olhamos para cima, Makin, nós nunca levantamos a cabeça e olhamos para cima. Nós vivemos em um mundo tão grande. Nós rastejamos sobre sua superfície e nos preocupamos apenas com o que está diante de nós."
"Sombras?", Makin teimosamente continuou em seu objetivo. Sua boca de lábios grossos conhecia mil sorrisos. Sorrisos para ganhar corações. Sorrisos para fazer amigos. Sorrisos para arrancar uma risada dos relutantes. Agora ele usou seu sorriso teimoso.
Balancei os braços para trazer a vida de volta a eles. A fileira fraquejava aqui e acolá: muito em breve eu precisaria de minha espada. "Sombras", eu disse a ele. Quando tudo que você tem para ver é branco, com o tempo você verá uma sinfonia em tons claros. Os camponeses em Gutting me disseram isso – embora em suas próprias palavras. Há muitos tipos de neve, muitos tons e, mesmo em um tom, vários sabores. Há camadas. Há granulosidade, porosidade. Há poder e há perigo. "Quando apunhalei o irmão Gemt eu me antecipei a algo", eu disse. "Você entende de antecipação, irmão Makin?"
Mil sorrisos; uma expressão de desagrado. Ele me mostrou o desagrado.
"Eu o matei porque quis, mas também porque seria apenas uma questão de tempo até ele se virar contra mim. Até ele tentar cortar minha garganta

durante a noite. E não apenas pelo corte de sua mão."
"O que a porra do Gemt tem a ver com is..." Ele abateu outro homem que cruzou a linha e eu soltei uma flecha nos homens que nos flanqueavam à direita.
"Houve quatro mortes em dois anos, em vez de quarenta, porque os altaneiros antecipam as avalanches", eu disse. "Eles as desencadeiam."
"O quê?"
"Eles observam a neve. Eles veem os tons. Eles veem os altos e baixos, e não a página lisa. Eles cavam e testam. E então eles a antecipam." Balancei meu arco no alto, com a fita roxa agitando-se no vento. "Para as cavernas. Agora!"
Quando uma encosta parece perigosa, os altaneiros passam sobre elas por serras e passagens e penhascos. Eles levam consigo palha, pedras, uma tigela rudimentar de barro, gravetos, carvão – muitas vezes das fornalhas das florestas de Ancrath –, um pote vitrificado e uma bexiga de ovelha. Eles cavam um buraco no alto das camadas mais traiçoeiras, colocando a tigela em cima de vários centímetros de palha compactada. Na tigela, eles põem os gravetos e o carvão, e pedras para que o pote fique acima da tigela. Eles enchem o pote de neve e inflam a bexiga, soprando-a o máximo que puderem e amarrando-a com uma faixa de tripa. Eles acendem o graveto e vão embora.
Os homens da guarda começaram a se amontoar nas cavernas. Achei que o lugar fosse ficar lotado, quando ordenei que deixassem as pás lá. Eu me perguntei se todos nós caberíamos nelas. Menos de cem homens chegaram até ali. Tínhamos espaço de sobra.
Muitas coisas na vida são simplesmente uma questão de timing.
Eu tomei meu lugar na boca da caverna, ávido por cruzar espadas com os homens de Arrow. Calculei o timing errado. Pura e simplesmente. Eu devia ter dito a Coddin o que importava dias atrás, meses atrás. Meu timing estava errado.
Homens cansados morrem facilmente, como se apreciassem a perspectiva da eternidade. Minhas pernas tremiam, mas meus braços estavam prontos. Eu segurei minha espada com as duas mãos e com a ponta dela atingi o primeiro homem no olho. Makin veio lutar ao meu lado. Além do inimigo, eu podia ver eternamente. Eu via a brutalidade e a grandiosidade das montanhas. Além delas, a lua diurna, branca como um osso. Leves toques da canção da espada chegaram a mim quando cruzei lâminas novamente, atravessando

parcialmente o pescoço de um homem. Minha espada parecia mais leve, contorcendo-se com música como se tivesse vida própria e pulsasse com seu próprio sangue. *Vaivém, vaivém,* e os homens caíam aos pedaços. O sol brilhou em carmesim na espada de meu tio como se transmitisse uma mensagem ao Príncipe de Arrow.
"Eu sinto muito!", gritei para Makin e os outros.
Timing.
Nós não estávamos suficientemente à frente. Os homens de Gutting teriam acendido o fogo em suas tigelas quando nos vissem emergir do gargalo do vale até a lateral da montanha. Eu pensava que chegaríamos às cavernas com uma boa margem. Que escavaríamos e remexeríamos a encosta com flechas em chamas. Eu estava errado. Apenas alguns minutos errado, mas o bastante para os inimigos encherem as cavernas com nossos cadáveres.
Makin praguejou e caiu para trás, se atirando para longe de uma espada que vinha em sua direção.
Eu quase me desculpei outra vez, mas uma montanha é um bom lugar para morrer. Se você vai morrer, tente fazê-lo em um lugar com vista.
Por instantes sem tempo eu lutei, envolto em uma alegria aguda, um calor que subia por mim até as queimaduras em meu rosto arderem e o vento não ter poder sobre mim. Cada parte daquela luta se desdobrou sob uma trilha sonora secreta, e o tempo que me havia escapado voltou ao grito do aço contra aço. Uma selvageria me contaminou e eu pensei em Ferrakind, incandescente e consumido, o que o tornava humano e abandonado ao incêndio.
Um bloqueio, um desvio, passo ao lado, o zunido e a raspagem de minha espada conforme ela deslizava pela carne perfurada do inimigo. Quando uma lâmina pesada encontra a cabeça de um homem que descartou seu capacete na longa escalada, uma ruína vermelha é formada. Pior do que a carnificina organizada do açougueiro em seu abatedouro é essa destruição. Cérebro, crânio e cabelo acompanham o movimento de sua espada em um arco molhado de carmim, branco e cinza. Pedaços de um rosto ficam pendurados por um momento congelado: um olho acusatório, com seus líquidos vazando, e em seguida tudo cai e o próximo homem chega cambaleando para a batalha, vestindo fragmentos do anterior.
O fogo me envolveu, ou assim me pareceu, linhas quentes serpenteantes da queimadura de Gog, abrasadoras, violentas.

A ponta de uma espada percorreu seu caminho a um milímetro de minha testa, sussurrando pela ponte do meu nariz quando eu recuei. Ao atacar, estendi os dois braços, segurando a espada como uma barra pelo cabo e pela ponta, que se pressionava com força contra a chapa de ferro na palma de minha luva de couro. O aço dos Construtores dividiu o rosto do homem horizontalmente entre o nariz e o lábio. A força de seu osso tentou levar a espada consigo enquanto ele caía, mas segurei o cabo e deixei o movimento libertar a lâmina, pegando um golpe de lança e inclinando-o acima de meu ombro. Aquele homem que eu chutei para baixo da montanha e o rugido que se irrompeu de mim agitaram o ar como o sopro de uma fornalha. Se eu tivesse tempo de olhar para baixo não ficaria surpreso em ver a neve se encolher do calor pulsando de minha pele.

Boa parte de mim, talvez quase tudo em mim, queria se render à loucura da batalha, ser consumido, jogar-se entre os inimigos e pintar a montanha com o sangue deles a qualquer custo. Mas rendição de qualquer espécie é difícil para mim. Em vez disso, recuei e a fúria me deixou, apagada tão rapidamente quando havia se acendido. Eu tinha um plano a seguir e o seguiria mesmo que todas as esperanças parecessem perdidas. E seguir planos exige ideias claras.

Mais homens pressionaram-se contra mim. Meus braços começaram a ficar tão cansados quanto minhas pernas. Nós precisávamos apenas de mais alguns minutos, mas às vezes você não consegue o que quer ou o que precisa. Meus olhos piscaram com a visão. Hora de morrer.

No passado, fui salvo por um cavalo. Não levado à segurança por um nobre corcel, mas salvo pelo coice de um cavalo em pânico. Aquilo havia sido inesperado. Provavelmente surpreendeu Corion mais ainda. Mas ser salvo pela bexiga frouxa de uma ovelha... essa foi de lascar. Essa levou todos os prêmios.

Muito acima de nós, fogos lentos queimavam, derretendo a neve nos potes, aquecendo as bexigas infladas que agora flutuavam na água fumegante. O processo dá tempo aos altaneiros de se retirarem até um ponto de segurança. É preciso colocar os potes na zona de perigo. Você os põe o mais alto que puder para sua própria preservação, mas não tão alto, senão não tem o efeito desejado.

O ar quente se expande. As bexigas se incham ainda mais, esticando-se mais do que um homem poderia inflá-las. É apenas uma questão de tempo. Uma questão de cálculo. A água começa a ferver. A pressão cresce. E bum!

Os altaneiros tocam a gaita de fole – as coisas que haviam guinchado no meu casamento naquela manhã, parecidas às que existem mais ao norte, mas menos complexas e tão estridentes quanto. Você nunca imaginaria que uma bexiga explodindo fizesse tanto barulho. O som é como se cada guincho e cada uivo que uma gaita de fole possa fazer em sua vida longa e infeliz fossem comprimidos em meio instante. É um barulho que acorda os mortos. Mas neste caso foi um barulho para fazer os mortos.

Uma das seis ovelhas que doaram as seis bexigas para os seis potes da avalanche, que os homens de Gutting acenderam nas encostas quando surgimos à vista, deve ter sido um bicho especialmente incontinente, pois sua bexiga explodiu vários minutos antes do esperado.

Você sente uma avalanche antes de ouvi-la. Há um estranho acúmulo de pressão. Ela comprime seus ouvidos. Mesmo com homens tentando me cortar em cubos sangrentos eu percebi a pressão. E então há o estrondo. Ele começa fraco e vai crescendo sem fim. E, finalmente, antes da avalanche irromper, há o chiado.

Meus cálculos deram certo no momento certo. Eu me atirei para dentro da caverna. Antes que os homens me atacando pudessem me seguir, o mundo ficou branco e eles haviam desaparecido.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

36

Dia do Casamento

A caverna estava uma escuridão absoluta e silenciosa, embora abrigasse quase cem homens.

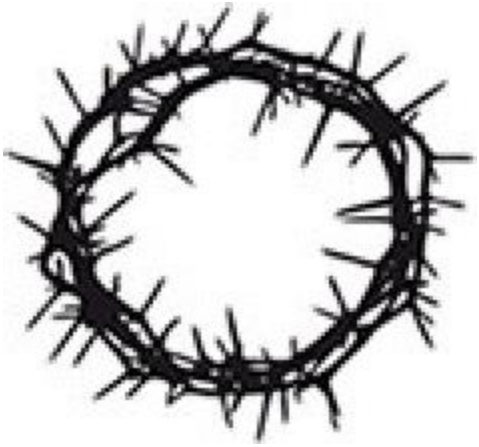
Os últimos barulhos da avalanche se aquietaram. Na minha queda, eu havia machucado a bunda em uma pedra impiedosa e meu palavrão foi o primeiro som. "Puta que os pariu!" Eu aprendi esse com irmão Elban e sentia uma obrigação de usá-lo de tempos em tempos, já que ninguém mais usava.

Ainda sem nenhum som, como se uma gangue de trolls houvesse arrancado a cabeça de cada homem ao entrar.

"Há lanternas no fundo, e mechas", eu gritei.
Pés se arrastando agora.
Mais barulho de pés, o raspar da pedra na lâmina e depois o brilho destacando dezenas de homens na escuridão.
Olhei para o relógio de prata em meu pulso pela primeira vez em muito tempo. Doze e quinze. O braço de contar os segundos fazia *tic tic tic* em mais um círculo.
"Sei que minha espada entrou aqui", eu disse, me levantando, com cuidado para não quebrar a cabeça no teto baixo. "Encontrem outras e vamos cavar para sair."
"Devíamos fazer uma lista de chamada", disse Hobbs, movendo-se para a frente. Mais lanternas foram acesas e a parede de neve atrás dele brilhava.
"Nós poderíamos", eu disse. Sabia que o interesse dele não era apenas burocrático. Ele perdera amigos, protegidos, filhos de amigos e queria saber o que restava da guarda, da *sua* guarda. "Poderíamos, mas não é a neve que mata os homens em uma avalanche", eu disse. "Nenhum daqueles soldados lá fora está morto."
Eu tinha a atenção deles agora.
"Eles estão todos ocupados sendo sufocados enquanto a neve os aprisiona. E isso, meus amigos, é exatamente o que está acontecendo conosco. Enquanto explico isso a vocês estou usando a quantidade extremamente limitada de ar desta caverna. Enquanto me ouvem, vocês estão inspirando o ar bom e expirando o ar ruim. Cada uma dessas lanternas que permitem que vocês me vejam está consumindo ar." Agradecimentos silenciosos ao tutor Lundist e suas lições de alquimia – eu podia até não sobreviver ao dia de meu casamento, mas não tinha a menor vontade de partir me extinguindo como a vela na redoma de vidro.
Eles aceitaram meu argumento. Três homens que encontraram pás correram até a neve, os demais procuraram por outras. Logo todo o espaço da saída estava ocupado. Eu poderia simplesmente ter mandado cavar, mas é melhor que eles saibam o motivo – é melhor não acharem que eu não tinha o interesse de Hobbs no sacrifício da guarda.
Vi o capitão Keppen encostado a uma pedra, apertando sua lateral. Makin havia se posicionado contra a parede do fundo da caverna, de costas, com os joelhos elevados até a testa.
"Cuide dos feridos", eu disse a Hobbs. Pus a mão em seu ombro. Reis devem fazer tais gestos.

Fui até o lado de Makin. O chão da caverna estava abarrotado de homens, mas não dava para saber se eles haviam sido derrubados por exaustão ou ferimento. Deslizei as costas pela parede gelada e me sentei ao lado dele. Nós observamos a labuta dos escavadores e tentamos respirar pouco. Ele cheirava a cravo-da-índia e suor.
Eu trilhara um caminho estranho para acabar preso pela neve em uma caverna, enterrado no mais alto dos lugares. Do Castelo Alto à estrada, da estrada ao trono de Renar, mais de um ano percorrendo o Império até que, enfim, as Terras Altas me chamaram de volta. E, nas Terras Altas, achar o prêmio menos recompensador do que a perseguição, chegando à idade adulta em um trono de coroa de cobre, lutando contra coisas mundanas, da peste à fome, construindo uma economia como um espadachim constrói músculos, recrutando, treinando – e para quê? Para um imperador predestinado passar por cima disso tudo em sua marcha até o Portão Gilden.
Fechei os olhos e escutei minhas dores e sofrimentos se anunciarem, na minha primeira pausa desde que o padre Gomst me casara com Miana naquela manhã. O peso do dia caiu sobre mim e as palavras saíram com dificuldade.
"Há homens mortos lá fora porque eu passei tempo demais falando com Coddin", eu disse. "Homens de Renar e homens de Ancrath."
"Sim." Makin não levantou a cabeça.
"Bem, aqui estamos, ambos morrendo em uma caverna como Coddin. Tem alguma coisa que você precise desabafar, Sir Makin? Ou precisamos de circunstâncias mais extremas e ainda menos tempo?"
"Não", Makin ergueu a cabeça, com o rosto na sombra e apenas a curva da bochecha e a ponta de seu nariz à luz da lanterna. "Esses homens escolheram segui-lo, Jorg. E eles estariam todos mortos se não fossem por seus truques."
"E por que eles escolheram me seguir? Por que você me segue?", perguntei.
Consegui ouvi-lo passar a língua pelos dentes antes de responder. "Não há respostas simples no mundo, Jorg. Toda pergunta tem um outro lado. Tudo é complicado. Mas você torna as perguntas fáceis e de alguma maneira isso funciona. Para outros homens o mundo não é assim. Talvez eu pudesse ter encontrado uma maneira de arrastá-lo de volta para o seu pai anos antes de você mesmo se levar – mas eu queria ver você fazer o que prometeu. Queria ver se você realmente podia vencer tudo."
"Parecia simples quando eu tinha o Conde Renar para odiar", eu disse.
"Você era...", ele sorriu, "...focado."

"É questão de juventude também. Eu mal me reconheço naquele garoto."
"Você não está tão diferente", disse Makin.
A neve em volta dos escavadores agora também possuía um brilho próprio, com a luz do dia atravessando o que faltava remover.
"Eu estava consumido por mim, pelo que eu queria. Nada mais importava. Nem a minha vida nem a vida de ninguém. Tudo era um preço que valia a pena pagar. Tudo valia a pena arriscar pela probabilidade mínima de vencer."
Makin riu. "Está aí um lugar que todos visitam no caminho da transformação de criança para homem. Você apenas fez como os locais."
Eu pus a mão na bolsa em minha cintura e deslizei os dedos em torno da caixa. "Eu tenho... arrependimentos."
"Todos nós somos feitos deles." Makin observou os escavadores. Um feixe de luz atravessou a caverna.
"Eu lamento por Gelleth... Meu pai pensaria que sou fraco. Mas, se fosse agora, eu encontraria outra maneira."
"Não havia outra maneira", Makin disse. "Até a maneira que você escolheu era impossível."
"Fale-me de sua criança", eu disse. "Uma menina?"
"Cerys." Ele disse seu nome como um beijo, piscando conforme a luz do dia nos encontrou. "Ela seria mais velha que você, Jorg. Tinha três anos quando a mataram."
Dava para ver o céu agora, um círculo azul lá no leste além das nuvens de neve.
"Eu segui você porque estou cansado de guerra. Quero vê-la terminar. Um Império. Uma lei. Não importa tanto como ou por quem, apenas ficar unido pararia com a loucura", Makin disse.
"Nossa, posso sentir a lealdade!" Eu dei impulso e me levantei, me espreguiçando. "O Príncipe de Arrow daria um imperador melhor?" Eu fui em direção à saída.
"Não acho que ele vá vencer", disse Makin, e me seguiu.



Muito tempo atrás, nos dias calmos, o irmão Grumlow esculpia madeira, trabalhava com serra e cinzel. Quando tempos difíceis vêm, carpinteiros tendem a ser pregados em cruzes. Grumlow pegou a faca e aprendeu a esculpir os homens. Ele parece afável, meu irmão de lâmina, de porte franzino, de cor pálida, queixo fraco, olhos tristes, tudo caído como o bigode que se pendura em seu lábio. No entanto, ele tem mãos rápidas e nenhum medo de uma ponta afiada. Vá contra ele acompanhado apenas com um punhal e ele lhe entalhará uma nova opinião.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

37

Dia do Casamento

Cento e doze homens saíram da caverna abaixo da Passagem da Lua Azul. Deixei o mestre da guarda Hobbs fazer sua chamada quando eles se reuniram sobre a neve recente. Eu achava impressionante que a avalanche que havia se chocado como uma onda nas rochas abaixo e corrido como leite para dentro e ao redor da caverna agora aguentava meu peso, deixando meus pés se afundarem não mais que dois ou quatro centímetros a cada passo. Ouvi os nomes, as respostas e, mais frequentemente, o silêncio que seguia um nome. A neve nova reluzia embaixo de nós, perfeita e uniforme, sem rastros de sangue, da carnificina derramada ali apenas minutos antes. E, enquanto Hobbs fazia sua contagem, mil e mais mil e mais mil homens morriam

despercebidos embaixo daquele fresco lençol branco, sem movimento, cegos, lutando para respirar e não encontrando nada.
Às vezes, sinto necessidade de uma avalanche dentro de mim. Uma página em branco com o passado varrido para longe. Tábula rasa. Eu me perguntei se isso havia limpado a minha barra. E então vi uma sombra na brancura embaixo de meus pés, uma criança enterrada tão superficialmente que a neve não a escondia. Nem mesmo a força das montanhas podia limpar as manchas de meu passado.
Enquanto Hobbs continuou a chamar, peguei a caixa de cobre em minha cintura e me sentei na encosta, enterrando os calcanhares na neve.
Um homem é feito de lembranças. É tudo que nós somos. Momentos capturados, o cheiro de um lugar, cenas reproduzidas repetidamente em um pequeno palco. Nós *somos* lembranças, amarradas em histórias – as histórias que contamos sobre nós mesmos, atravessando nossas vidas até o amanhã. O que a caixa continha era meu. Era eu.
"E agora?" Makin despencou ao meu lado.
Lá embaixo, além do alcance mais longínquo da avalanche, eu via movimento, pontos minúsculos, os remanescentes das forças de Arrow retirando-se para se unir a seu exército principal.
"Para cima", eu disse.
"Para cima?" Makin fez aquela coisa de surpresa com as sobrancelhas. Ninguém fazia cara de surpresa como ele.
Não parecia certo morrer incompleto.
"Não é um conceito difícil", eu disse ao me levantar. Comecei a andar montanha acima, na direção um pouco à esquerda do pico, onde a Passagem da Lua Azul faz um caminho profundo sobre a lateral do Monte Botrang.
Hobbs me viu sair. "Para cima?", perguntou. "Mas a passagem está sempre bloqueada no..." Depois ele olhou em volta. "Ah." E acenou para os homens que haviam se apresentado para responder à contagem para que o acompanhassem.
Eu ainda estava com a caixa na mão, quente e fria, lisa e afiada. Não parecia certo morrer sem saber quem eu era.
A criança andava ao meu lado agora, descalça na neve, com sua morte resistindo até mesmo à luz do dia.
Com a unha do polegar eu abri a caixa.

Árvores, sepulturas, flores e ela.

"Quem a encontrou após eu bater em você?", pergunto a Katherine. "Um homem estava com você quando recuperou os sentidos."
Ela franze a testa. Seus dedos tocam o local onde o vaso se estilhaçou. "Frei Glen." Pela primeira vez ela me vê com seus antigos olhos, claros e verdes e nítidos. "Oh."
Eu me afasto.
Deixo a Floresta Rennat para trás e ando em direção à Cidade de Crath. O Castelo Alto fica atrás e acima da cidade. É um dia calmo e a fumaça sobe das chaminés da cidade em linhas retas, como se fizesse grades para o castelo. Talvez para protegê-lo de mim.
Dos campos eu vejo a expansão da Cidade Baixa, estendendo-se até o Rio Sane e as docas, e a seguir os degraus de terra que sobem para a Cidade Velha e a Cidade Alta. A Estrada de Roma cruza meu caminho e eu a sigo até a Cidade Baixa, sem portões e aberta ao mundo. Tenho um chapéu enfiado em minha túnica, uma coisa disforme de quadriculados desbotados como os capangas das docas do rio usam. Escondo meu cabelo dentro do chapéu e o puxo para baixo. Não serei descoberto na Cidade Baixa. As pessoas que podem reconhecer meu rosto não vão lá.
Eu ando pelo subúrbio, nada além de favelas e lixões, um furúnculo no cu da cidade. Nem mesmo um belo dia de primavera consegue fazer essas ruas florescerem. Crianças se agitam pelo lixo empilhado deixado pelo povo pobre. Elas me perseguem enquanto passo. Garotas de dez anos ou mais novas tentam me distrair com olhos grandes e as bocas em bicos, enquanto meninos magricelos tentam puxar alguma coisa de minha bolsa, qualquer coisa que eles possam surrupiar. Pego minha faca e eles somem. Orrin de Arrow talvez lhes desse pão. Ele talvez decidisse mudar este lugar. Eu apenas passo por ele. Mais tarde eu o limparei de meus sapatos.
Onde o subúrbio se transforma em Cidade Baixa as piores tavernas se agrupam em torno de ruas estreitas. Passo pelo Anjo Caído onde eu inicialmente tramei o fim de Gelleth, onde pensei pela primeira vez em pagar por afeto. Agora eu já sei. Sempre se paga por afeto.
Eu escolho outra cervejaria, O Dragão Vermelho. Um nome grandioso para um lugar cheio de sombras, escuro e fedorento.
"Amarga", eu digo.
O taverneiro pega minha moeda e enche uma caneca na torneira do barril. Se acha que eu pareço jovem demais para beber ali, entre os velhos acabados com seus narizes vermelhos e olhos lacrimejantes, ele não diz nada.

Pego uma mesa onde eu possa ficar de costas para o canto e observar as janelas. A cerveja é tão amarga quanto meu humor. Dou goles lentos e espero a noite chegar. Penso em Katherine. Faço uma lista.

Ela disse que sou mau e que me odeia.
Ela está com o coração destinado ao Príncipe de Arrow. Ela tentou me matar.
Ela destruiu a criança que pensou ser minha. Ela foi deflorada por outro homem.

Eu a percorro repetidamente enquanto o sol se põe, enquanto os bêbados vêm e vão, carroças e putas e cachorros e trabalhadores passam na rua, e eu ainda releio minha lista.
O amor não é uma lista.
Totalmente escuro e minha caneca está vazia há horas. Saio para a rua. Aqui e ali uma lamparina pendurada, muito alta para os ladrões, lançando uma luz parcimoniosa que chega ao chão com dificuldade.
Apesar de toda a minha espera, apesar de minha decisão, eu ainda hesito. Posso trilhar os caminhos da infância novamente sem me sujar? No alto, as estrelas giram, uma lenta revolução em torno da Estrela Polar, a Garra do Céu. Parte de mim não quer voltar ao Castelo Alto. Eu afasto essa parte. Cruzo o rio pela Ponte Nova e encontro um canto quieto onde eu possa observar o Muro Alto. A Cidade de Crath e suas partes foram nomeadas com a mesma falta de imaginação que os Construtores puseram na arquitetura de seu castelo. Como se o utilitarismo tipo caixote do castelo houvesse contaminado a linguagem da cidade. Se eu tivesse o poder de construir para durar, de saber que o que eu fizesse com a pedra ficaria de pé por milênios, colocaria pelo menos alguma medida de beleza na mistura.
O Muro Alto é realmente alto, mas não é bem iluminado, e um pouco a oeste do Portão Triplo a cantaria é quebrada pelos restos de um segundo muro que saía perpendicularmente e que agora desapareceu. Eu praticava minha escalada aqui quando era pequeno. Parece fácil agora. Apoios para as mãos que eu me esforçava para alcançar agora podem ser ignorados completamente em favor do próximo. Minhas mãos conhecem essa superfície. Não preciso enxergá-la. Isso é memória. Chego ao topo muito antes do próximo guarda fazer sua ronda. Do outro lado, heras desaconselháveis tornam a descida bem simples.

O jovem Sim ensinou a si próprio os modos do assassino. Ele fez disso um hobby, a faca curta, veneno em pó ou extrato, ou de vez em quando uma corda de harpa usada para garrotear. De todos os meus irmãos, Sim é o mais mortífero a longo prazo. Em uma batalha, eu certamente poderia abatê-lo. Mas perca o rapaz de vista e ele não virá atrás de você no momento seguinte ou no dia seguinte, mas em seu próprio tempo. Quando você tiver se esquecido do mal que lhe causou, ele o encontrará outra vez. Sim ensinou a si mesmo o longo jogo e passou um pouco de conhecimento para mim.
O disfarce não é uma questão de roupas e talento artístico com tinturas e delineador. Claro que o uniforme certo, um queixo feito de massa de vidraceiro, uma cicatriz bem aplicada, tudo isso pode ser de grande ajuda nas circunstâncias adequadas, mas o primeiro passo, como Sim me ensinou, o passo mais importante, é exatamente isso... como você anda. Mova-se com segurança ou pelo menos segurança em seu papel. Acredite que você tem todo o direito de estar onde está. Pise com propósito. E então um adereço tão pequeno quanto um chapéu pode fornecer um disfarce completo.
Ando pelas ruas da Cidade Velha, indo diretamente para o Portão Leste, o portão onde as entregas são feitas para o Castelo Alto, os mantimentos descarregados, as mensagens entregues aos mensageiros para serem transportadas para lugares distantes. Uma patrulha de meu pai, de uns dez soldados, passa pela frente da Rua dos Olmos enquanto caminho por ela. Eles me lançam um primeiro olhar, mas não um segundo.
Três tochas queimam acima do Portão Leste. Eles o chamam de portão, mas é uma porta, de cinco metros de altura, três de largura, de carvalho preto com faixas de ferro, e uma porta menor no meio, para quando homens, e não gigantes, quiserem simplesmente passar por ela. Um cavaleiro de armadura monta guarda à frente da porta. Se quisesse ver alguma coisa ele deveria ficar no escuro.
Eu me viro para o lado e chego à base do muro do castelo, perto da esquina da grande praça da torre de menagem.
Um homem que procura se proteger da faca do assassino concentra sua defesa. Você não pode impedir um único inimigo anônimo de entrar em seu reino. Você não pode impedi-lo de entrar em sua cidade. A menos que ele seja inexperiente, você teria sorte em impedi-lo de encontrar um caminho além do muro do castelo. Sua fortaleza pode segurá-lo do lado de fora se for segura e bem vigiada, mas seria imprudente apostar sua vida nisso. Para derrotar o assassino, você não espalha suas defesas por toda a sua

propriedade – você as concentra ao seu redor. Dez bons homens firmes em torno de seu quarto podem fazer mais para preservá-lo do que dez mil espalhados pelo reino.
A torre de meu pai é segura e bem vigiada, mas quando completei sete anos eu conhecia o lado de fora melhor que o interior. Sob a escuridão da lua, escalei o Castelo Alto mais uma vez. A pedra dos Construtores, áspera sob meus dedos, meus pés caçando apoios familiares através do couro macio de minhas botas, a parede se arrastando em meu rosto ao abraçá-la. Eu vejo minhas juntas embranquecerem à luz das estrelas conforme agarro a quina do Castelo Alto e subo.
Fico imóvel logo abaixo das ameias. Um soldado para e se inclina para fora, observando alguma luz ao longe. As ameias são novidade, de pedra polida por cima da pedra dos Construtores. Os Construtores possuíam armas que faziam troça de castelos e de ameias. Eu não sei o que o Castelo Alto era quando os Construtores o fizeram, mas não era um castelo. Na parte mais profunda dos calabouços, debaixo de camadas de lixo, uma placa antiga adverte: "Não Estacione Durante a Noite". Mesmo quando as palavras dos Construtores fazem sentido sozinhas elas não significam nada juntas.
O soldado segue adiante. Eu escalo, atravesso a espessura da parede e derrubo um dos suportes de madeira para as passarelas.
Em um canto escuro do pátio, tiro meu chapéu de bandido e o ponho de volta em meu fardo. Retiro uma túnica azul e vermelha, as cores de Ancrath. Mandei uma mulher chamada Mable ajustá-la para mim no Assombrado, ao estilo do traje dos servos de meu pai. Vestindo a túnica e com meu cabelo escondido dentro dela, entro pela Porta dos Impressores. Passo por um cavaleiro fazendo sua ronda. Sir Aiken, se me recordo corretamente. Mantenho a cabeça erguida e ele não presta atenção a mim. Um homem de cabeça baixa está escondendo seu rosto e merece uma inspeção rigorosa.
Da Porta dos Impressores vira-se à direita e depois à esquerda ao longo de um corredor curto para chegar à capela. A porta da capela nunca está trancada. Olho para dentro dela. Apenas duas velas ainda queimam, ambas pouco mais que tocos fornecendo luz insuficiente. O local está vazio. Sigo em frente.
Os aposentos de frei Glen são próximos da capela. Sua porta está travada, mas eu carrego um pedaço curto de aço fino e maleável o bastante para se encaixar entre a porta e o batente, e forte o bastante para levantar a trava.

Seu quarto está muito escuro, mas tem uma janela alta que se abre para o pátio onde Makin costumava educar os escudeiros na arte do combate. Uma luz é filtrada para dentro e deixo meus olhos aprenderem o caminho. O lugar fede a queijo deixado tempo demais ao sol. Paro e ouço o ronco do frei enquanto meus olhos o caçam.

Ele se deita curvado em sua cama, como uma minhoca congelada no meio de seu movimento. Não dá para ver muita coisa do quarto, apenas uma cruz na parede com o salvador ausente, como se ele houvesse feito um intervalo em vez de assistir aos assuntos desta noite. Dou um passo à frente. Eu me lembro de como frei Glen cavou minha pele procurando os espinhos que a roseira-brava deixou em mim. Como ele os caçou. Os prazeres que ele sentia, com seu homem, Polegar, segurando-me para baixo. Puxo minha faca da bainha.

Agachado ao lado de sua cama, com minha cabeça no mesmo nível da dele, os roncos são altos. Tão altos que você acharia que ele mesmo se acordaria. Não consigo ver seu rosto; então, em vez disso, me lembro dele: achatado, eu diria, bruto demais para emoções profundas, mas apropriado para o escárnio. Na missa, com padre Gomst pregando no púlpito, frei Glen assistia da cadeira ao lado da porta da capela, com o cabelo feito palha molhada em volta de uma tonsura que não requeria um barbear frequente, e os olhos pequenos demais para a largura da testa acima.

Eu deveria cortar sua garganta e ir embora. Qualquer outra coisa faria barulho demais.

Você estuprou Katherine. Você a estuprou e a deixou pensar que eu o fizera. Você a engravidou e a fez me odiar tanto que ela envenenou a criança em seu útero. Fez com que ela me odiasse o bastante para me apunhalar.

O golpe de Katherine era para frei Glen, não pra mim.

Meus olhos se acostumam à escuridão e o quarto se revela em tons noturnos. Corto uma longa faixa da beirada de seu lençol. Faço apenas um sussurro abaixo do rugido de seu ronco, mas ele se mexe e reclama mesmo assim. Corto uma segunda faixa, uma terceira, uma quarta. Enrolo a última faixa, transformando-a em uma bola apertada. Um suporte de vela e uma pequena mesa ficam perto da cama. Eu os empurro mais para trás, para não esbarrar neles e fazer barulho. Conto seus roncos e aprendo seu ritmo. Quando ele inspira, enfio o chumaço de pano em sua boca. Amarro outra faixa em volta de sua cabeça para mantê-lo no lugar. Frei Glen demora a acordar, mas é

surpreendentemente forte. Arranco o restante do lençol dele e enterro meu cotovelo em seu plexo solar. O ar sibila dele através de sua mordaça. Vejo o brilho de seus olhos. Ele se curva, fetal, e eu amarro seus tornozelos bem apertados com a terceira faixa. A quarta é para seus pulsos. Preciso dar um soco em sua garganta até conseguir segurá-los.
Perco o gosto pelo trabalho quando ele enfim está atado. Ele é um homem feio e nu choramingando no escuro e eu só quero sair daqui. Pego minha faca na mesa que empurrei para o lado.
"Eu tenho uma coisa para você", digo. "Algo que foi quase entregue à pessoa errada."
Enterro minha faca embaixo, na base de seu escroto. Eu a deixo ali. Não a quero de volta. E também, se eu puxá-la, ele sangrará até morrer rapidamente. Acho que ele deve morrer aos poucos.
Além do mais, eu tenho uma sobressalente.
Estou quase à porta, com frei Glen gemendo e chiando atrás de mim. Ele dá uma pancada alta ao cair da cama, mas não é isso que me faz parar.
Sageous aparece. Ele não passa pela porta, ele não surge de trás de um baú, ele simplesmente está lá. Sua pele brilha com luz própria, não brilhante o bastante para iluminar nem mesmo o chão a seus pés, mas suficiente para fazer silhuetas dos manuscritos intermináveis tatuados em cada centímetro dele. Seus olhos e sua boca são buracos negros no brilho.
"Vejo que está fazendo do clero um hábito. Está fazendo uma lista de cima para baixo? Primeiro um bispo, agora um frei. E em seguida? Um coroinha?"
"Você é pagão", eu digo. "Devia me aplaudir. Além disso, seus pecados clamavam por isso."
"Ah, bem, neste caso..." Seu sorriso forma um crescente negro na luz de seu rosto. "E os seus pecados, pelo que clamam, Jorg?"
Eu não tenho resposta.
Sageous apenas dá um sorriso mais largo. "E quais foram os pecados do frei? Eu perguntaria a ele, mas você parece tê-lo amordaçado. Espero que os sonhos que dei para a jovem Katherine não tenham causado problemas. Mulheres são criaturas tão complexas, não?"
"Sonhos?", pergunto. Minha mão vasculha minha bolsa em busca da segunda faca.
"Ela sonhou que estava grávida", diz Sageous. "De alguma maneira, o sonho chegou a enganar o corpo dela. Acho que chamam isso de gravidez

psicológica." A caligrafia em seu rosto pareceu se mover, as palavras pulsaram como se fossem ditas. "Criaturas tão complexas."
"Havia uma criança. Ela a matou." Minha boca está seca.
"Houve sangue e sujeira. Os venenos de Saraem Wic fazem isso. Mas não havia criança alguma. Duvido que jamais haja agora. Os venenos daquela bruxa velha não são suaves. Eles raspam um útero até o fim."
Eu encontro a lâmina e vou em sua direção. Tento correr, mas é como atravessar neve profunda.
"Bobinho. Você acha que realmente estou aqui?" Ele não faz movimento para escapar.
Tento alcançá-lo, mas estou chafurdando.

Clique.
A mão de Makin sobre a caixa. A caixa fechada.
Eu me vejo gelado, sem fôlego, as mãos apertando uma à outra em vez do pescoço de Sageous. Ele sumiu. Apenas uma lembrança. E estou nas montanhas. Ainda correndo.
"O que diabos você está fazendo?", arquejou Makin.
Olhei em volta. Eu estava com neve até a cintura. Paredes de pedra se agigantavam em ambos os lados. Os homens da guarda marchavam atrás de mim... cem metros atrás de mim.
"Você não pode abrir isso. Nem agora nem nunca. Certamente não agora!", Makin gritou, engasgou e puxou o fôlego de volta. Ele deve ter corrido muito para me alcançar. Peguei a caixa dele e a enfiei em um bolso.

É raro a Passagem da Lua Azul estar aberta no inverno. Muito raro. Uma boa avalanche a desobstrui, porém, e por alguns dias, antes que a neve nova a feche novamente, um homem pode escapar por trás do Monte Botrang. Em seguida, por uma série de passagens mais baixas, paralelas à espinha das Matteracks, esse homem pode sair completamente da cordilheira e o Império será seu para perambular.

"Corra."
Um sussurro em meu ouvido. Uma voz familiar.
"Corra."
"Sageous?", perguntei, com a voz baixa para que Makin não ouvisse.

"Corra."
Gotas de puro pesadelo escorreram por minha nuca. Eu me arrepiei. "Não se preocupe, pagão. Eu correrei."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

38

Dia do Casamento

Então nós iremos a Alaric?", perguntou Makin.
Continuei a andar. As laterais da Passagem da Lua Azul se elevavam rentes a nós, endurecidas com gelo e neve, com a rocha preta aparecendo somente onde o vento a havia limpado.
"Acredito que as estradas até Danelore serão difíceis no inverno. Mas ela queria que você fosse no inverno, aquela menina dele... Ella?"
"Elin", eu disse.
"Seu avô lhe ofereceria santuário", disse Makin.

Ele sabia que havíamos perdido. Os homens mortos estirados atrás de nós pela montanha, sob pedra e neve, não mudavam isso.
Continuei a andar. Sob os pés, a neve deixada pela avalanche era firme, rangendo ao gravar minhas pegadas.
"É legal lá? Na Costa Equina? Seria quente, pelo menos." Ele se abraçou.
Há dois caminhos que sobem até a Passagem da Lua Azul; é como a língua de uma cobra, bifurcada na ponta. A avalanche havia aberto ambas. Eu mandara os altaneiros colocarem seus potes explosivos para garantir.
"O quê?", disse Makin. "Você disse 'para cima'."
Continuei a virar à direita, um caminho difícil que descia de volta para a segunda bifurcação da Passagem da Lua Azul, apertando o passo. "Agora estou dizendo 'para baixo'. Eu mandei Marten segurar o Runyard por um motivo, sabe."
E então, com a terça parte da guarda sobrevivente me seguindo, abri caminho para baixo através da Passagem da Lua Azul até o vale alto acima do Runyard. E quando a inclinação se reduziu e o chão ficou mais firme... nós corremos.
Vimos a fumaça antes de ouvirmos os gritos e ouvimos os gritos antes de vermos O Assombrado. Finalmente, lá embaixo, O Assombrado surgiu à vista: uma ilha de pedras da montanha em um mar de tropas de Arrow. Suas forças fechavam o cerco por todos os lados, atacando com escadas e cordas, armas de cerco arremessando pedras à frente do castelo, um aríete coberto esmurrando os portões, uma legião de arqueiros na serra alta mandando suas flechas por cima dos muros.
Na minha opinião, a arma de cerco é mais um ato de exibição e determinação do que um investimento de tempo bem calculado. Vejam! Nós atiramos pedaços enormes de madeira e ferro em seu castelo – estamos falando sério, viemos para ficar. As Terras Altas de Renar talvez fossem aquele lugar raro onde realmente havia um sem-número de pedras grandes ao redor para um castelo ser reduzido a escombros por trabucos, embora isso fosse levar uma eternidade. Mas o aríete! O aríete é o rei dos cercos, especialmente onde as muralhas não podem ser derrubadas. Nada de mecânica, nada de contrapesos e escapamentos, apenas uma simples força direta aplicada com vigor ao ponto mais fraco para que você ponha seus homens contra os deles – e isso, no fim das contas, é o objetivo de tudo. Se você não fosse mais numeroso que seu inimigo não teria marchado até o castelo dele e ele não estaria escondido atrás de muros.

Os homens de Marten se abrigaram às margens do Runyard, que tinha a inclinação mais longa e suave que se podia encontrar nas Terras Altas, descendo de nosso vale até a esquerda do Assombrado. A serra na qual os arqueiros do príncipe ganhavam sua vantagem interrompia o Runyard do outro lado.

Nós podíamos ver as tropas de Marten, mas mais abaixo da encosta elas eram quase invisíveis, protegidas por rochas e camufladas em suas roupas cinza. Marten representava pouca ameaça ao inimigo, no entanto. Seus cem homens não causariam impressão alguma aos três mil ocupando a serra, mesmo que eles não fossem derrubados ao avançar.

"Por quê?", Makin perguntou.

"Por que ele é chamado de Runyard?" Escolhi responder à pergunta errada.

"Porque é o único lugar em quilômetros em que você pode realmente fazer um cavalo correr sem quebrar suas pernas. Já vi você galopando lá muitas vezes."

Makin balançou a cabeça. Hobbs e Keppen se uniram a nós.

"Nós vamos pela poterna leste?", perguntou Hobbs.

Poucos homens sabiam da existência das poternas de ataque, uma a leste, outra a oeste. Eu não me lembrava de jamais ter dito a Hobbs sobre a poterna leste, mas supus que fosse sua obrigação saber. Afinal, nós havíamos conduzido sua guarda pela poterna oeste naquela manhã.

"Sim", respondi.

Percorremos o último trecho com grande cuidado, abraçando as paredes do vale sem pressa. Os arqueiros se mostraram concentrados em seus alvos dentro do Assombrado, agachados atrás de suas ameias. Chegamos até Marten sem atrair a menor atenção.

"Rei Jorg." Marten mantivera seu sotaque do interior, apesar de quatro anos na corte. Ele estava na entrada da poterna, uma abertura grande o suficiente apenas para um único cavaleiro. As pedras acima da fenda pareciam naturais, mas um olho experiente saberia que elas haviam sido colocadas para cair ao menor incentivo, um número suficiente delas para lacrar o portal quase permanentemente. Um fedor peculiar flutuava em torno da entrada. Eu vi Makin torcer o nariz e fazer uma careta como se o reconhecesse.

"Capitão Marten", eu disse. "Vejo que protegeu o Runyard contra todas as expectativas!"

Ele não sorriu. Que eu soubesse, Marten nunca sorrira. Ficaria estranho em seu rosto, longo como o restante dele, cinza como os fios curtos acima de

seus olhos.
"O inimigo não demonstrou interesse em tentar tirá-lo de nós. Acredito que eles não saibam que estamos aqui", ele disse.
"Melhor assim", eu disse. "Keppen, leve a guarda de volta ao castelo."
Keppen deslizou para dentro da abertura e a guarda começou a se enfileirar atrás dele. Eles tinham uma jornada de trezentos ou quatrocentos metros à sua frente, a maior parte através de cavernas naturais esculpidas por riachos antigos, e os últimos cem metros por um túnel escavado por homens com picaretas e velas para iluminar seu trabalho.
Olhei para o relógio em meu pulso, começando a pegar o hábito novamente. Duas e quinze.
"Venha comigo", eu disse a Marten. Makin e o capitão Harold acompanharam.
Nós nos arrastamos até as pedras que nos escondiam das encostas abaixo e ficamos em uma posição que dava vista para os arqueiros na serra. Empurrei o relógio para cima de meu pulso para que minha manga o ocultasse. Nunca vale a pena brilhar quando você espera passar despercebido.
"Há muitos deles", disse Makin.
"Sim." Na verdade, mesmo que não tivesse um único soldado de infantaria, só com os arqueiros o Príncipe de Arrow havia trazido consigo quatro homens para cada soldado que eu tinha.
Nós observamos. Eles não estavam fazendo chover flechas no Assombrado, apenas escolhendo alvos oportunos e certificando-se de que os homens atrás dos meus muros ficassem de cabeça baixa. Eles poderiam causar uma torrente de flechas caso fosse necessário, mas para que desperdiçá-las?
Nós continuamos a observar.
"Fascinante", disse Makin.
"Espere", eu disse. Olhei para o relógio outra vez.
"Para..." Makin parou de perguntar. Uma mancha negra se espalhou por baixo da serra.
"O que é isso?", perguntou Harold.
As fileiras de arqueiros começaram a se romper. Uma onda de confusão agitando a ordem.
"Trolls", eu disse.
"O quê?", Makin gritou. "Como? Quem? Quantos?"
De onde estávamos, era difícil ver os detalhes, mas parecia uma bagunça. As rochas ficaram vermelhas.

Makin bateu um punho na palma da mão. "Senti o cheiro deles lá na entrada. O mesmo fedor que você tinha quando Gorgoth o trouxe para baixo naquele dia." Ele fez uma careta novamente. "Acho que isso explica todas aquelas cabras que compramos – aquela história de se segurar para um cerco longo nunca fez muito sentido."
"Gorgoth os trouxe para o sul", eu disse. "Ofereci santuário para eles nas Matteracks, embora possivelmente tenha sido a promessa das cabras que fechou o acordo... Ele arregimentou cento e vinte dessas criaturas. Eles vêm escavando túneis. Construindo saídas cobertas por baixo daquela serra."
Marten quase sorriu. "Isso explica por que você se recusou a ouvir quando eu lhe implorei para defendê-la."
"Eles não podem vencer", disse Makin. "Não com cem. Nem mesmo trolls!"
"Não. Mas olhe para eles. Que bagunça estão fazendo, né? Como diria Maical, ajuda ter o elefante da surpresa do seu lado." Desci de volta para a sombra da pedra. "Certo, vamos lá."
Marten se uniu a mim. "Mas por que agora? E como você sabia?"
"Ah. O que você devia perguntar é como Gorgoth sabia. Uma hora após a avalanche eu disse a ele. E ele concordou – mas como diabos ele sabia quando a avalanche aconteceu?"
À entrada da poterna, os últimos homens da guarda estavam entrando no escuro.
"Preciso que você espere aqui, Marten", eu disse. "Haja o que houver."
"Nós iremos esperar. Eu não me esqueço do que você fez, e meus homens irão me seguir aonde eu for", disse Marten.
Parecia uma coisa pequena o que eu havia feito. Um brinquedo e algo para a dor, para facilitar a passagem de uma garotinha. Eu nem o fizera por boas razões.
Makin pôs a mão no ombro de Marten ao passar. Eles possuíam uma ligação em comum. Duas filhas perdidas. Eu vi a profundidade daquilo – tão profundo que Makin só foi falar disso depois que eu já o conhecia pela metade da minha vida. Eu me perguntei se eu tinha capacidade para tais sentimentos ou se eu era apenas o garoto esperto e superficial que a maioria das pessoas via. Estes homens carregaram filhas mortas através dos anos. Eu tinha uma criança morta cujo nome não sabia, que perseguia meu rastro porque eu não aguentaria o fardo de minha culpa. Para uma caixa tão pequena, ela certamente carregava um peso enorme de lembranças. Talvez mais do que eu pudesse carregar.

Caminhamos pelas trilhas da caverna, que estavam lisas por anos de uso. Segurei uma lanterna retirada de um depósito logo após a entrada. Ela brilhava mais forte conforme eu entrava e minha bochecha latejou. Eu possuía um toque daquela magia desde que Gog me queimara. Tomei Ferrakind como uma lição objetiva em não seguir aqueles caminhos.
Eu parava de tempos em tempos para contemplar as galerias das florestas de pedra que se estendiam por todos os lados. Estalagmites e estalactites, Lundist as chamava, embora ele só tivesse figuras em livros e, francamente, elas pareciam uma chatice dos infernos. Eu não sei bem qual é a diferença – talvez as grandes sejam estalagmites. Lundist disse que elas cresciam, mas eu nunca vi acontecer. O que eu sei é que, à luz das chamas, debaixo de um peso imensurável de pedra, elas têm uma beleza que não dá para descrever.
Por longos momentos, a admiração da rocha viva me segurou e quando ela me deixou eu me vi sozinho, uma ilha de luz na escuridão antiga. Olhadas rápidas pelo caminho me confirmaram. Nenhum homem da guarda, nenhum irmão, nem mesmo passos ao longe.
Algo está errado.
"Jorg." E Sageous saiu detrás de uma coluna de pedra, com a luz em seu interior escrevendo suas tatuagens em sombras pelas paredes, deslizando, movendo-se, envolvendo cada dobra e curva da caverna.
"Pagão." Eu mantive meus olhos nos dele. "Há mais religiosos que você precisa que sejam mortos, talvez?"
Ele sorriu. "Tem sido tão difícil encontrar você, Jorg. Uma barreira de espinhos em volta de todos os seus sonhos..." Ele franziu a testa. "...ou uma caixa? É uma caixa, Jorg? Há outra mão nisso. Alguém está mantendo você longe de mim."
Mantive as mãos paradas, meus olhos nos dele, mas senti o peso em minha cintura e o olhar dele se direcionou para lá.
"Interessante", ele disse. "Mas não importa. Agora estamos tão próximos que posso tocá-lo novamente."
"Você veio brincar comigo, pagão? Para me mandar no caminho de sua escolha?" Saquei minha espada, mas ele não pareceu se impressionar. "Não me diga – você não está aqui de novo?"
Outra vez o sorriso. Ele inclinou sua cabeça uma fração. "Estou além do seu alcance, Jorg, e você ainda trilha o caminho em que eu o coloquei há muito tempo. Tudo que você ainda tem para escolher é a forma de morrer. Tomei Katherine de você. Ela o teria fortalecido. Yin para o seu yang, digamos. E

agora você é fraco, e ela serve, em vez disso, para colocar em minha mão um Arrow que eu possa apontar para onde desejar."
"Não." Balancei minha cabeça e dei um passo em sua direção, pisando com cuidado.
Nas cavernas, um passo em falso pode deixá-lo arrasado ao final de uma longa queda. Ainda assim, não importava o quanto eu escolhesse meus passos, o pagão sempre me fazia duvidar deles. Ele carregava a dúvida consigo, dúvida de si mesmo, dúvida dos motivos, o tipo de incerteza que corrói um homem como o câncer.
"Não." Eu me repeti, caçando a confiança. "Vangloriar-se é para os tolos. Se eu estivesse jogando o seu jogo você me deixaria jogá-lo." Avancei em direção a ele com a ponta de minha espada. "Talvez esses toques sutis não tenham funcionado tão bem quanto esperava e agora você vem, desesperado, para me desviar mais audaciosamente do caminho que estou trilhando. Vangloriar-se é para os tolos e eu nunca o considerei um tolo."
A luz bruxuleou por sua pele. "Você não pode vencer, garoto. Não pode vencer. Então por que você ainda está aqui? O que está planejando? Onde está escondendo seus segredos?" Seus olhos dirigiram-se para a caixa novamente, apesar de ela fazer um volume mínimo.
Um passo rápido e eu lhe dei uma estocada. Ele chiou conforme a lâmina entrou, com a mesma resistência como se apenas sua túnica estivesse diante de mim.
"Eu não estou aqui!", ele disse entredentes, como se a insistência tornasse aquilo realidade. E se foi.
"Jorg?", disse Makin, a meu lado, com a testa franzida, sua mão em meu braço. "Jorg?"
"Ha. Sonhando acordado." Eu balancei a cabeça. "Prossigam!"

Os túneis de ataque ligam-se a porões separados embaixo do Assombrado, com suas saídas disfarçadas como enormes barris de vinho. Eu me acotovelei entre os homens da guarda e encontrei Hobbs.
"Faça o que puder a respeito do aríete", eu disse. "Ele parece estar bem coberto, mas precisa de homens descansados para balançá-lo, então atire em alguns dos desgraçados quando eles forem se revezar. Além disso, você verá que não há muita coisa entrando no momento. Pelo menos nada pontudo. Eles ainda estarão atirando pedras em nós. Então aproveite e simplesmente mate quantos soldados dele você puder."

Em seguida, me conduzi ao pátio onde meus recrutas, súditos e vassalos aguardavam, agrupados em fileiras diante da guarita. Cavaleiros de Morrow à esquerda da grade levadiça, com as armaduras reluzentes, espadas em punho. À direita, mais cavaleiros, com armaduras de metal, os filhos mais nobres da Cidade de Hodd, minha capital nos vales ao norte. Sem dúvida, eles vieram para ganhar a confiança do rei e honrar suas casas. Homens jovens, em sua maioria, cheios de ouro e mais acostumados aos torneios de lança do que a sangue e ruína. Eu vi Sir Elmar de Golden entre eles, com sua armadura radiante como o nome sugeria. Um guerreiro, aquele ali, apesar de seus enfeites.

Eles tinham certa força entre eles. Agrupados na galeria e nas escadas, homens de Westfast com balestras, sob o comando de Lorde Scoolar, de olhos duros e queimados pelo vento. Aglomerados diante do portão estilhaçado, homens do lado do Assombrado, lutadores resistentes das colinas, vestindo couro e ferro, com os machados afiados e os escudos redondos de madeira forrados de couro de cabra. Atrás deles, guerreiros da Cordilheira Remota, com seus elmos de ferro modelados com prata e estanho, cada homem armado com martelo e machadinha. E, ao fundo, enfileirados à frente do muro da fortaleza, dançarinos com escudos de Cennat, com suas pranchas de guerra mais altas que um homem.

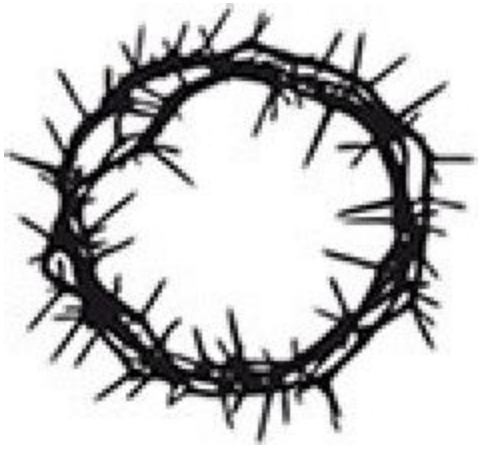
Caminhei entre eles, com Makin a meu lado, entre o fedor e a respiração de corpos, a tensão que se pode saborear no ar, ao mesmo tempo azeda e doce. Eu não tinha palavras para eles, nenhum gesto majestoso, nenhum discurso para gritar por cima dos gritos do outro lado do muro e o estrondo do aríete. Quando se luta ao lado de irmãos, você os une com palavras e gestos. Quando se luta entre súditos, você é uma figura, uma forma, uma ideia. Os homens morrem por muitas coisas, vidas acumuladas com cuidado podem ser desperdiçadas pelos motivos mais estranhos. O que nos uniu aqui, homens das Terras Altas, foi a rebeldia. Todos os homens batem o pé se provocados o bastante. Todos os homens chegam ao ponto em que dizem "não" por nenhum outro motivo além da oposição, por nenhum outro motivo além da palavra caber em sua boca e ter um gosto tão bom quanto o som que ela faz. E nas Terras Altas, em nossas montanhas, a altitude cria homens que não cedem um único centímetro sem desafiar.

Caminhei entre os homens das Terras Altas, os velhos e os jovens, alguns barbudos, alguns de cara limpa, alguns pálidos, alguns vermelhos, os trêmulos e os estáveis, e cheguei à frente da grade levadiça, com sua

madeira ferrada estilhaçada, o ataque do aríete do outro lado, os gritos selvagens dos cem homens empurrando-o em minha direção. Meus dedos encontraram o cabo de minha faca e eu a puxei. Contra minha bochecha que não fora queimada, o metal dava a sensação de gelo. A grade levadiça estremeceu e rangeu perante o aríete. Homens de Arrow gritaram e morreram diante da chuva de projéteis. A lâmina da faca cortou minha pele macia como um beijo. Limpei o sangue de dedos escarlates sobre a madeira do portão. Eu virei as costas para o portão, me agachei diante de meus soldados e desenhei uma linha de sangue sobre as pedras da laje. Ao voltar para a torre de menagem, peguei um grupo de guerreiros, os mais ávidos, aqueles nos quais eu via um eco da mesma vontade que me fazia querer aquele portão aberto tanto quanto os homens ao aríete.
"Sangue do rei!" Sir Elmar de Golden ergueu seu machado, com o traço carmesim de meus dedos marcando seu elmo reluzente.
"Sangue do rei!" Um guerreiro cabeludo do lado do Assombrado apertou a mão sobre a marca vermelha que eu deixei em sua fronte.
"Sangue do rei!" Um dançarino de Cennat girou o enorme escudo onde a marca de minha mão ficou, escarlate sobre a lua branca de seu brasão.
"Sangue do rei!"
O rugido pulsou para frente e para trás, acompanhando-nos dentro da fortaleza. Um rei é um selo, uma ideia – não um homem. Eu achei que agora eles entendiam a ideia.

Fui até a minha sala do trono, com Makin a meu lado, e convoquei meus cavaleiros, Kent, o Rubro, e o capitão do contingente da Casa Morrow, Lorde Jost.
Lorde Jost chegou por último, com um segundo cavaleiro e Miana. Rainha Miana, como suponho que devo chamá-la. Ela ainda usava seu vestido de noiva, embora sem a cauda e os véus, acrescido de um xale bordado com pérolas contra o frio. Lorde Jost parecia bastante constrangido pela presença dela em meu conselho de guerra.
"Senhores", eu disse. "Milady."
Eu me sentei no trono. Desabei, para ser mais exato. Era bom tirar o peso dos pés. Eu havia corrido e escalado e descido mais do que queria e estava pronto para dormir por uma semana.
"Quantos inimigos vocês mataram e quantos vocês perderam?", perguntou Miana. Os homens estavam esperando que eu falasse primeiro. Ela não

sentiu necessidade disso. Eu teria feito a mesma pergunta.
"Cerca de seis mil. Perdemos duzentos", respondi.
"Uma proporção de trinta para um. Melhor do que a razão de vinte para um de que precisávamos." Ouvir sua voz doce e aguda recitando as estatísticas da contagem de vítimas parecia errado.
"Verdade. Mas eles eram duzentos dos meus melhores homens e eu já usei os ases de minha mão."
"E o chanceler Coddin não voltou", disse Miana. Ela era consideravelmente bem-informada para uma garotinha.
Uma pontada de alguma coisa passou por mim ao ouvir aquilo. Eu vi Coddin mais uma vez na sepultura que fizemos para ele. "Ele está mais seguro do que nós", eu lhe disse. Ele provavelmente viveria mais também. Ele resistiria.
Peguei de um escudeiro um cálice de vinho diluído e um prato de torradas com queijo de cabra.
"E seus planos?", ela perguntou.
Soltei o ar através de meus lábios. "Teremos que depositar nossa fé na pedra e no cimento e esperar que a sorte decida sorrir para nós nesse meio-tempo."
O vinho tinha o sabor do paraíso e me deixou tonto após um gole.
"Talvez meu novo sogro nos mande ajuda", disse Miana, com um sorriso fraco e velho demais para ela.
"Eu estava esperando algo parecido", eu disse.



Mais do que de músculos empilhados sobre os ossos, a força do irmão Rike vem da habilidade de odiar o inanimado.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

39

— QUATRO ANOS ATRÁS —

"Ela já se foi, certo?" Makin cobriu os olhos contra a luz do sol e olhou para trás pelo pântano. Nós estávamos em cima de um matagal, com rochas amarelas aparecendo em pedaços arenosos aqui e acolá.
"Espero que sim", eu disse. Parte de mim queria que Chella encontrasse a destruição em minhas mãos, aquele toque pessoal, mas talvez ela tenha morrido ali no pântano entre os mortos ardentes. Eu não havia sentido aquilo. Nenhuma sensação de satisfação, mas a morte de meu tio me ensinara que a vingança é bem menos doce do que promete ser. Uma refeição vazia, não importa quanto tempo você leve com ela.

Nós fomos a cavalo pela primeira vez no que parecia ser um século. Rike foi no ruão de Algazarra, pois seu cavalo de tração provou ser pesado demais para seu próprio bem nos brejos. Kent e Makin foram em seus cavalos. Grumlow montou em dupla comigo, já que nós dois éramos os irmãos mais leves e Brath era o mais forte dos cavalos.

O cheiro azedo dos pântanos nos seguiu por quilômetros. Lama preta endurecendo em nossas roupas, secando, tornando-se cinzas e esfarelandose. Mais persistente que o fedor ou a lama era a imagem de Chella enquanto as chamas surgiam ao seu redor, e o eco de suas últimas palavras. *O Rei Morto navega.*

Em três dias, chegamos a um descampado e arbustos, depois a estradas esquecidas e, finalmente, por trilhas interioranas, ao porto livre de Barlona. Rike reclamava sem parar sobre sua queimadura de sol até que eu o convenci a espalhar merda de porco em cima das piores áreas afetadas. Por algum motivo, pareceu funcionar, embora não fosse essa minha intenção. A sugestão pode ser uma coisa poderosa.

Os muros antigos brilhavam ao calor do verão conforme nos aproximamos. Eles devem ter sido imponentes mil anos atrás. Agora apenas a base dos muros restava, com seis metros de altura e a mesma largura, transbordando pedra preta em grandes quantidades para os camponeses pilharem e fazerem cabanas e cercas para seus campos.

Gostei da cidade assim que entramos. O ar tinha aromas exóticos de temperos e fumaça de cozinha que fizeram meu estômago roncar. As pessoas se aglomeravam, exageradas na voz e nas roupas, sedas brilhosas, joias berrantes feitas de vidro e metais básicos, peles de todas as cores exibidas em grandes porções. Homens e mulheres tão claros quanto eu, tão escuros quanto o nubano e de todos os tons intermediários. Ninguém tão pálido quanto Sindri e Duque Alaric, porém. Esses eu acho que o sol derreteria.

Música saía de quase todas as esquinas, em tantos tons quanto as pessoas. Parecia que os cidadãos andavam no ritmo da batida e na pulsação de mil tambores, trompas, vozes. Eu nunca ouvira tais sons, tantas melodias estranhas, algumas parecidas com os ritmos de marcha que o nubano costumava batucar em sua coxa quando andávamos e os quais ele elaborava em volta da fogueira do acampamento. Outras se assemelhavam ao curioso cantarolar atonal que o tutor Lundist fazia em momentos ociosos.

Um porto é um ouvido aberto para o mundo, uma boca pronta para novos sabores. Chegando aos meus quinze anos, eu me sentia mais do que pronto

para explorar a amplidão do mundo que Barlona oferecia.
"Sabe, Makin, você pode pegar um barco aqui e partir para qualquer lugar que já tenha ouvido falar e para mil outros que jamais ouviu", eu disse.
"Barcos me fazem vomitar." Makin fez uma cara de quem estava se lembrando do gosto.
"Você não gosta deles?"
"São as ondas. Eu fico enjoado. Vomito de uma costa até a outra. Eu estava quase passando mal cruzando o Rima."
"Bom saber." Com Makin você pode continuar a fuçar e descobrir um fato novo ano após ano. Eu não sabia que ele havia cruzado um oceano ou mesmo velejado.
"Por que isso é bom saber?" Ele franziu a testa.
"Bem, o único jeito de chegar à Costa Equina é por mar e eu vou sozinho. Saber que você é um péssimo marujo torna mais fácil mandá-lo de volta ao Assombrado."
"Nós podemos cavalgar até lá", disse Makin. "São menos de cento e cinquenta quilômetros."
"Através do ducado de Aramas e depois pelas terras do Rei Filipe novecentos", eu disse.
"Trigésimo segundo", corrigiu Makin.
"Que seja. O negócio é que esses não são lugares por onde homens como nós possam passar despercebidos, enquanto um barco me levará diretamente à porta de meu avô em um dia ou dois."
"Então nós pegamos um barco e eu forro o convés de vômito. Qual o problema?"
"O problema, querido Makin, é que eu não quero Rike lá, nem Grumlow, nem Kent. Não quero nem você lá. Quero fazer minhas próprias apresentações no meu próprio tempo. Isso é negócio de família e eu o farei da minha maneira."
"Isso geralmente significa que todo mundo morre." Makin sorriu.
"Talvez, mas eu também não preciso de você lá para isso. Apenas leve-os de volta ao Assombrado. Já perdemos muitos nesta viagem. Não direi que perdemos bons homens, mas alguns que eu preferia ter mantido. Se bem que se você perder Rike no caminho de volta não vai fazer diferença."
"Essa é uma má ideia, Jorg." Makin fez aquele semblante teimoso dele, com os lábios apertados e uma linha vertical no meio de sua testa.

"Preciso de você em Renar", eu disse. "Precisava de você lá desde o início. Se você se lembra, em primeiro lugar, fiz o diabo para que você não viesse. Coddin é um bom homem, mas quanto tempo ele pode segurar um reino? Volte, quebre as cabeças que precisam ser quebradas e avise ao meu povo que eu voltarei."
"Ei!" Grumlow gritou. Um homem fugindo em meio à turba. Eu vi o braço de Grumlow se esticar e atirar. O homem caiu sem som a vinte metros dali, atropelando as pessoas.
Eu andei com Grumlow até onde ele caiu. As pessoas saíram de nosso caminho, exceto pelas crianças que corriam para todos os lados como se fôssemos parte de um espetáculo. Grumlow puxou seu alforje das mãos do homem.
"Cortou a maldita alça! Isso vai lhe custar!", ele disse.
"Eu lhe avisei para guardá-la melhor", eu disse. As poucas bobagens que Grumlow conseguiu trazer pelos pântanos estavam amarradas aleatoriamente ao redor da rédea de Brath.
Grumlow grunhiu e se curvou para reaver sua faca. Ela havia atingido o homem pelo cabo, atrás da cabeça. Uma poça de sangue brilhava embaixo do rosto dele, mas devia ser de seu nariz ou boca atingindo o calçamento. Não perdemos tempo virando-o para descobrir.
"Eu amo esta cidade", eu disse, e voltamos até os outros.
Estabulamos os cavalos e nos sentamos em uma taverna junto às docas. Eu chamo de taverna, mas nós nos sentamos do lado de fora, em mesas ao sol, com vinho em garrafas em formato de lágrima e cestas tramadas em volta delas. Makin estava de pés descalços, com traços de lama seca ainda visíveis. Rike, é claro, reclamou, do sol, do vinho, até das cadeiras, que pareciam não aguentar seu peso, mas eu prestei mais atenção ao som das gaivotas. Fiquei sentado assistindo aos barcos atracados no cais, maiores do que eu pensava que seriam e mais complexos, com cordames e mastros e cordas de convés e uma infinidade de velas. Eu me sentia melhor do que me sentira em muito tempo. Até minhas queimaduras doíam menos, como se o sol quente aliviasse a fúria delas. Pela primeira vez em muito tempo nós relaxamos, sorrimos e falamos dos mortos. Do irmão Algazarra, de quem eu me lembraria, e do irmão Sim, de quem eu sentiria falta por sua harpa e sua promessa. Erguemos nossas garrafas aos dois e bebemos.
Só Kent ofereceu resistência à ideia de voltar sem mim. Eu o deixei protestar um instante até ele não ter mais o que dizer e finalmente se

convencer de que meu plano era o melhor. Kent, o Rubro, é assim. Dê a ele um pouco de espaço e ele mudará de ideia.
Eu me levantei, revirei o pescoço e me alonguei sob o sol. "Vejo vocês na estrada, irmãos."
"Você vai agora?", perguntou Makin, abaixando sua garrafa.
"Bem, a menos que você queira beber até estarmos todos queimados de sol e emotivos e declararmos amor eterno uns pelos outros e partirmos com abraços embriagados", eu disse.
Rike cuspiu. Ele pareceu ter herdado o papel de cuspidor de Algazarra.
"Nesse caso, seu caminho fica para aquele lado." Apontei para o norte. "Devo salientar que os primeiros quatrocentos metros daquele caminho são em uma rua que possui vários puteiros que parecem bons. Portanto, fique à vontade. Quanto a mim, vou aprender algo sobre barcos."
Saí passeando, seguindo minha sombra pelo chão de pedras brilhantes.
"Tome conta de Brath para mim", gritei de volta.
Eles levantaram suas garrafas e beberam a mim. "Vejo você na estrada", eles responderam. Até Rike.
Se Makin não estivesse lá, acho que realmente poderia ter me livrado deles tão facilmente assim.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

40

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Em um grande porto como Barlona, há centenas de barcos ancorados. A maioria pertence a mercadores, ou coletivos de mercadores, e eles abraçam o litoral carregados de coisas que são baratas, de onde os barcos saem e que demandam um preço mais alto em seu destino. É uma equação simples e o diabo está nos detalhes. Há navios de guerra também, de propriedade nominal do Príncipe de Barlona e a serviço de seu povo. Na realidade, são os comerciantes mais ricos que põem novos príncipes no trono e os navios de guerra servem para proteger suas rotas de comércio. E em meio aos barcos dos comerciantes e dos navios de guerra do príncipe, há vários

navios de longo curso, com três ou mais mastros e cascos profundos, das costas mais estranhas e distantes. Até uma grande embarcação de madeira podre, com o dobro do tamanho de sua maior rival, suas tábuas cinzentas umas sobre as outras, quase viva, apesar do serrote do madeireiro. Seu casco, incrustado com cracas do tamanho de pratos de jantar, mesmo acima da linha das ondas, exibia muitas cicatrizes e em seu convés homens de pele cor de cobre trabalhavam em reparos.

Passei algumas horas observando os grandes barcos com suas equipes estrangeiras, homens amarelos de Utter, equipes negras dos muitos Reinos de Afrique, marinheiros de turbante com barbas enroladas, manchados de sol, passeando pelo convés de barcos de temperos picantes. As palavras do Príncipe de Arrow voltaram para mim – suas observações a respeito da pequenez de meu mundo e a grandeza de minha ignorância. Mesmo assim, cada homem entre os viajantes sabia do Império, mesmo que ele estivesse em pedaços. Então nós tínhamos algo em comum.
Vi Makin e os outros me seguindo quase desde o início. Ele tivera o bom senso de deixar Rike para trás, provavelmente em um dos puteiros que eu havia mencionado. Rike é do tipo que não dá para perder, nem em uma rua lotada. Makin teria feito melhor em deixar a si e a Kent, o Rubro, no puteiro também. Grumlow eu talvez não percebesse. Grumlow tem um jeito quieto.
Os barcos comerciais menores e mais velhos ficavam ancorados às margens do grande porto. Eles ficavam ancorados em cais que balançavam, ligados a galpões semiabandonados separados por becos perigosos, onde o fedor de peixe podre fez meus olhos lacrimejarem. Eu segui dois homens sem camisa carregando um barril para cima da prancha de desembarque do *Cabra do Mar*.
"Você! Saia do meu navio." O homem gritando comigo era menor e mais sujo que os outros homens do convés, mas alto o suficiente para ser o capitão.
"Navio, é?" Eu olhei em volta. "Bem, suponho que se puser uma vela em um barco a remo você pode chamá-lo de navio. Mas você não foi esperto ao jogar fora os remos."
"Eu ia deixá-lo escolher por qual lado você queria sair. Mas essa oferta agora já venceu", o homenzinho disse. O monte de cachos pretos emoldurando seu rosto feio parecia ser uma peruca, mas eu não entendia por que alguém iria querer colocar cinco quilos de cabelo suado e roubado em cima da cabeça nesse calor.

Fiz um truque com uma moeda de prata na minha mão, um escudo de Ancrath estampado com a cabeça de meu pai. "Cliente", eu disse.
O gordo avançando para cima de mim parou. Ele pareceu aliviado.
"Quero ir à Costa Equina", eu disse. "Algum lugar perto da orelha serve."
A Costa Equina não tem esse nome pelos garanhões que a tornam famosa hoje em dia. Aparentemente, o desenho da península lembra a cabeça de um cavalo. Eu estudei os mapas na biblioteca de meu pai e posso dizer com certeza que ela se parece com a cabeça de um cavalo da mesma maneira que as pedras dos trolls se parecem com trolls, ou que a constelação de Órion se parece com um gigante de cinto segurando uma clava. Eles poderiam tê-la chamado de Costa do Porco Feliz ou Costa do Polegar Torto e teria dado na mesma. Para dar crédito aos povos antigos, vou salientar que o mar subiu duas vezes a altura do Castelo Alto desde o tempo da Construção, e os mapas antigos tiveram de ser reescritos muitas vezes. Mesmo assim, eu apostaria um saco de ouro roubado no fato de que nunca houve um tempo em que "cavalo" era a primeira coisa que vinha à mente quando se contemplava o curso da Costa Equina.
Tive bastante tempo para pensar enquanto o capitão me favorecia com uma olhada azeda e mordia o lábio. Eu poderia ter escolhido um barco ao acaso. Qualquer embarcação pequena sendo ativamente carregada estaria de partida para portos acima ou abaixo da costa de Barlona. Eu havia comprado algumas cervejas para um marinheiro mais cedo. Ele já acabara com sua cota da viagem anterior e estava protelando uma nova tarefa até o último momento possível. Em troca de mantê-lo bêbado por mais algumas horas, ele fez uma lista dos mais prováveis de rumar para o sul. O nome do *Cabra do Mar* me atraiu. Quem quer velejar no *Maria* ou no *Graça de Deus* quando há uma *Cabra do Mar* para se montar?
"Duas pratas e você puxa corda quando mandarem", ele disse.
"Uma prata e eu ganho comida junto com a tripulação", eu disse e comecei a andar em direção à prancha de embarque. Eu poderia muito bem ir no *Maria*. Na verdade, isso soava melhor a cada vez que eu dizia.
"Fechado", ele disse.
E então eu velejei no *Cabra do Mar* com o capitão Nellis.
Antes de o *Cabra do Mar* içar velas, dei um último passeio à beira-mar e parei no posto do comandante do porto por tempo suficiente para oferecer um suborno de bastante peso, que fez meu estoque de ouro ficar consideravelmente mais leve. O ideal seria que os irmãos fossem

conduzidos a um navio que os levaria ao norte da costa e os abandonaria em um porto menor. Makin estaria ocupado demais vomitando para perceber em qual lado do barco a terra estava. Se isso não desse certo, eles só precisariam prender Makin e segurá-lo por uma semana ou duas – tempo suficiente para meu rastro esfriar e lembrá-lo de que quando seu rei lhe diz para fazer algo você o faz.

Eu gosto do mar. Mesmo com a ondulação suave, com a costa à vista apenas quinze quilômetros a estibordo, ele me faz lembrar de montanhas em movimento. Eu gosto das expressões náuticas. Encaixe isso, amarre aquilo. Se Lundist estiver certo e nós todos renascermos, quero girar a roda da vida de novo como um pirata. Tudo que diz respeito ao oceano me deixa de bom humor. O cheiro e o sabor. O grito das gaivotas. Deus enfiou algum tipo de magia em suas gargantas. Não me espanta que os corvos queiram matálas e as gralhas sejam cruéis.
Capitão Nellis não gostava que eu ficasse no tombadilho superior, ou assim ele dizia, mas eu passava meu tempo lá, com as pernas balançando para fora, com ele atrás de mim, diminuído pelo leme. Ele poderia ter amarrado a corda ali, pelo tanto que guiava, mas ele parecia gostar de segurá-lo enquanto gritava com seus homens. A meu ver, ele os conduzia tão pouco quanto fazia com o barco. Seus xingamentos e instruções eram ignorados pela tripulação e eles continuavam seus afazeres, alheios.
"Vou comprar um barco para mim um dia", eu disse.
"Claro." Capitão Nellis cuspiu algo grosso e desagradável no convés. Se homens como ele e Algazarra não existissem, os conveses não precisariam ser esfregados.
"Um grande, aliás. Não uma barca como esta. Algo que corte as ondas em vez de chafurdar nelas."
"Um jovem mercenário como você não devia sonhar tão baixo", resmungou Nellis. "Compre uma frota inteira."
"Uma ideia válida, capitão. Muito válida. Se meu reino um dia ganhar um litoral comprarei uma frota. E me certificarei de apelidar um deles de *Cuspidor Nellis."*
E pelo resto daquele dia e na maior parte do dia seguinte, o *Cabra do Mar* chafurdou serenamente pela costa, parando uma vez em um porto pequeno para descarregar um enorme pote de cobre e para preencher o espaço com um peixe de água doce e barbatanas vermelhas chamado perca. Dormi à

noite em uma rede, sob o convés, rolando nos braços macios das águas costeiras e sonhando com absolutamente nada. Eu só recomendo redes se você estiver no mar. Na terra, elas parecem não fazer sentido. E durma no convés, se tiver a oportunidade. O *Cabra do Mar* tinha um cheiro apropriado de bicho no calor rançoso de seu porão de carga.

O castelo de meu avô chama-se Morrow. Ele tem vista para o mar e fica tão perto de um penhasco alto quanto uma criança corajosa ficaria, mas não tão perto quanto uma atrevida. Há uma elegância nele, por ser alto e fino em suas torres, e é sensatamente coberto com telhas, já que travou batalhas mais longas e violentas com tempestades oceânicas do que com qualquer exército que chegasse por terra.

O porto de Arrapa fica apenas a três quilômetros do Castelo Morrow e eu desembarquei lá tendo o prazer de perturbar o capitão Nellis com agradecimentos entusiasmados por seus serviços. Deixei a tripulação descarregando a perca e pegando caixotes de selas destinadas à Cidade de Wennith. Por que os pescadores de Arrapa não pescavam suas próprias percas eu nunca descobri.

Uma trilha bem conservada vai do porto até o Castelo Morrow. Caminhei, aproveitando o sol, e recusei a oferta de pegar carona em uma carroça de carvão.

"Fica íngreme", ele disse.

"Não tem problema", eu disse. E ele deu uma chicotada em sua mula.

Eu queria chegar incógnito ao Castelo Morrow, tanto que preferia ver Makin atirado em uma cela do que arriscar que ele estragasse meu disfarce. Há de ser dito que minha experiência com parentes era ambígua. Ter um pai como o meu causa precaução em situações assim. Eu precisava ver esses novos membros da família à vontade, sem as complicações de quem eu era ou o que eu queria.

Acrescente à mistura o fato de que meu avô e meu tio, dizia-se, odiavam Olidan Ancrath com força pela maneira com que ele trocara a absolvição pela morte de minha mãe – como se seu irmão houvesse meramente o incomodado ao enviar assassinos para matá-la. Eu posso ser filho de minha mãe, mas tenho uma parcela do sangue de meu pai e, com as histórias que meu avô provavelmente ouviu a meu respeito, não seria de todo injusto que ele me moldasse à imagem de Olidan, em vez de como filho de sua amada Rowen.

Eu estava suando quando cheguei aos portões do castelo, mas o alto do penhasco recebia uma brisa do mar e eu a deixei esfriar meu corpo. Cheguei até o arco. Grades levadiças duplas, merlões bem construídos em cima da guarita, seteiras posicionadas com certa atenção – no geral, uma agradável construção de castelo. O menor dos três guardas veio me interceptar.
"Estou procurando trabalho", eu disse.
"Não há nada para você, filho." Ele não me perguntou que tipo de trabalho. Eu tinha uma grande espada em meu cinto, um peitoral escaldante por cima de meus couros e um elmo pendurado na cintura.
"Que tal um pouco de água, então? Suei da praia até aqui em cima, estou morrendo de sede."
O guarda acenou para um cocho de pedra para cavalos ao lado da estrada.
"Hummm." A água parecia apenas um pouco melhor do que a substância do Pântano de Cantanlona.
"Melhor seguir seu rumo, filho. Vai dar sede até voltar para Arrapa também", o guarda disse.
Eu comecei a antipatizar com o homem. Eu o apelidei de "Sunny" por sua disposição e suas repetidas afirmações de paternidade. Pus a mão dentro de minha couraça, tentando não tocar o metal, sem conseguir. Meus dedos descobriram o canto que estavam procurando e eu puxei uma carta selada, embrulhada em linho manchado. "Eu também tenho isto para o Conde Hansa", disse, desenrolando-a do tecido.
"É mesmo?" Sunny estendeu a mão para pegá-la e eu a puxei de volta na mesma velocidade. "Melhor me deixar ver isso, filho", ele disse.
"Melhor ler o nome na frente antes de você encardi-la demais, pai." Eu o deixei pegá-la e usei o linho para enxugar o suor de minha testa.
A favor de Sunny, ele segurou a carta com certa reverência pelas beiradas, e embora nós dois soubéssemos que ele não sabia ler, Sunny fez a pantomima muito bem, espreitando o texto acima do selo de cera. "Espere aqui", ele me disse e saiu pelo pátio adentro.
Sorri para os dois guardas remanescentes e depois fui até uma área com sombra, onde me agachei e deixei as moscas à vontade. Eu me recostei ao tronco da árvore solitária fornecendo a sombra. Parecia ser uma oliveira. Eu nunca havia visto a árvore antes, mas a fruta eu conhecia e os caroços se espalhavam pelo chão. Parecia antiga. Mais antiga que o castelo, talvez.
Sunny levou quase uma hora para voltar e àquela altura o cocho dos cavalos estava começando a parecer tentador. Ele trouxe dois guardas da casa

consigo, com o uniforme mais rico, com cota de malha no peito, em vez dos couros dos guardas do muro que tinham de suportar o calor.
"Vá com eles", disse Sunny. Acho que ele daria um dia de seu ordenado só para poder me mandar de volta colina abaixo, e mais um dia para poder me mandar de volta com a ponta de sua bota.
No pátio, um chafariz de mármore jorrava. A água saía de muitos buracos pequenos dentro da boca de um peixe e se acumulava em um tanque circular. Eu havia visto ilustrações de chafarizes nos livros de meu pai. Fazia-se referência ao time de homens necessários para trabalhar na bomba de modo a manter a pressão. Eu tive pena de qualquer homem sufocando de calor no escuro para fazer essa coisa bonita funcionar... mas as finas borrifadelas proporcionaram um frescor dos céus enquanto passamos.
Muitas janelas voltavam-se para o pátio, não fechadas, mas revestidas com véus de pedra perfurados, trabalhados com grande maestria em padrões elaborados que deixavam mais ar do que rocha. Eu não conseguia ver dentro das sombras por trás, mas me senti observado.
Nós passamos por um corredor curto, com piso de mosaicos geométricos, até um pátio menor onde, em um banco de pedra à sombra de três laranjeiras, um nobre aguardava, com vestes simples mas com uma pulseira de ouro em seu braço e limpo demais para ser qualquer coisa que não fosse menos que de alta linhagem. Não era o Conde Hansa; ele era jovem demais para isso, mas certamente alguém de sua família. De minha família. Eu tinha mais os traços de meu pai, mas este homem tinha um pouco dos meus traços, maçãs do rosto altas, cabelo escuro cortado rente, olhos atentos.
"Eu sou Robert", ele disse. Estava com a carta aberta em sua mão. "Minha irmã escreveu isso. Ela fala bem de você."
Na verdade, eu falava bem de mim mesmo quando levei a pena ao pergaminho alguns meses atrás. Eu me chamei de William e disse que havia sido um fiel ajudante da Rainha Rowen, honesto, corajoso e com talento tanto para as letras quanto com números. Copiei a inclinação e formato das letras de uma carta antiga, um fragmento amassado que guardei perto do peito por muitos anos. Uma carta de minha mãe.
"Estou lisonjeado." Fiz uma profunda reverência. "Espero que a recomendação da rainha, que Deus a tenha, me ajude a encontrar uma colocação em sua residência."
Lorde Robert me observou e eu o observei. Era bom encontrar um tio que eu não quisesse matar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

41

— QUATRO ANOS ATRÁS —

"Você parece muito jovem, William. Quantos anos você tem? Dezesseis? Dezessete?", perguntou Robert.
"Dezenove, milorde. Eu pareço novo para minha idade", respondi.
"E minha irmã morreu há quase cinco anos. Então você tinha catorze ou quinze quando ela escreveu isto?"
"Quinze, milorde."
"Cedo na vida para causar tamanha impressão. Honesto, corajoso, bom com números, letrado. Então por que você está vagando tão longe de casa em circunstâncias tão pobres, William?"

"Eu servi à Guarda da Floresta, milorde. Após a Rainha Rowen ser morta. E quando o mestre da guarda nos conduziu contra o Conde Renar, que tirou a vida de sua irmã, quero dizer, da Rainha Rowen, eu lutei nas Terras Altas. Mas tenho família em Ancrath, então, quando a justiça foi feita com o conde, peguei a estrada para que pensassem que eu havia morrido no combate do Assombrado e nenhuma punição recairia sobre meus parentes para fazer com que eu me rendesse ao Rei Olidan. Desde então, milorde, estou vindo para cá, esperando continuar a servir à família da Rainha Rowen."
"É uma história e tanto", disse Robert, "para ser contada de uma vez só sem parar para respirar."
Eu não disse nada e observei as sombras das laranjeiras dançarem.
"Então você lutou ao lado de meu sobrinho, Jorg?", perguntou Robert. "Foi assim que você se machucou?" Ele pôs a mão em sua bochecha.
"Eu não lutei ao lado dele, milorde. Mas estava no mesmo campo de batalha. Ele não reconheceria meu nome ou meu rosto", eu lhe disse. "Nem mesmo com esta cicatriz. Isto veio mais recentemente. Em minhas viagens."
"Esta deve ser a honestidade sobre a qual Rowen escreveu. Muitos ficariam tentados a dizer que lutaram do seu lado esquerdo a fim de se aproveitar de minha generosidade." Robert sorriu. Ele esfregou o pequeno triângulo de barba escura em seu queixo. "Você sabe usar essa espada?", perguntou. Ele usava linhos comuns, uma camisa folgada, com o peito e braços bronzeados e musculosos. Talvez mais um cavaleiro do que um espadachim, mas ele entendia de espadas.
"Sei."
"E ler. E escrever?"
"Sim."
"Um homem de muitos talentos", disse Robert. "Mandarei Lorde Jost encontrar uma posição para você na guarda da casa. Isso servirá por ora. Preciso apresentá-lo a Qalasadi também – ele sempre gosta de conhecer um homem que entende os números." Ele sorriu como se houvesse contado uma piada.
"Obrigado, Lorde Robert", eu disse.
"Não agradeça a mim, William. Agradeça a minha irmã. E não deixe de mostrar a todos nós quão bem ela sabia julgar um caráter." Ele olhou para cima, através das folhas das laranjeiras, em direção ao céu azul brilhante.
"Levem-no ao capitão Ortens", ele disse, e guardas da casa me conduziram.

Dormi aquela noite em um beliche no posto da guarda da torre oeste. Ortens, um homem com mais cicatrizes em sua careca do que parecia razoável ou mesmo possível, havia resmungado e xingado, mas ele mandou trazerem uma cota de malha do arsenal e chamou a costureira para ajustar um uniforme para mim, com os azuis da Casa Morrow. Eu também recebi uma espada de serviço, da mesma forja das espadas dos outros guardas, que supunham ser superior à que estava em minha bainha imunda e certamente mais agradável esteticamente, por completar o conjunto da guarda da casa.

Os homens mais velhos da guarda apresentaram as tradicionais dúvidas a respeito de minha habilidade de usar a espada, perguntaram se eu não sentiria falta de minha mãe e apostaram quanto tempo se passaria até o capitão me expulsar. Além disso, ser estrangeiro me permitia manifestar opiniões ruins sobre os reinos do norte em geral e de Ancrath em particular. Ancrath provou ser um ponto especialmente sensível, já que a Princesa Rowen deles havia tido um fim horrível lá. Admiti que sentia saudades de minha mãe, mas que isso não me faria ir correndo para casa. Também admiti que era um cidadão de Ancrath, mas um que havia lutado às portas do homem que havia matado sua rainha e que o vira pagar por seus crimes. Quanto a minhas habilidades de luta, convidei qualquer homem que se sentisse sobrecarregado de sangue para vir e testá-las por si próprio.

Dormi bem naquela noite.

A Casa Morrow acorda cedo. A maior parte antes do amanhecer para que algum progresso possa ser feito antes de o verão chegar e qualquer homem sensato possa se retirar para a sombra cada vez menor. Eu me vi no pátio de treinamento com quatro outros recrutas recentes. Capitão Ortens saiu de seu desjejum para observar pessoalmente enquanto um sargento idoso nos fazia treinar com espadas de madeira.

Resisti ao impulso de dar um show e me ative aos movimentos básicos. É difícil enganar um olhar experiente, contudo, e suspeitei que Ortens tivesse saído com uma opinião melhor do recruta William do que a que trouxera consigo ao pátio.

Após algumas horas, ficou quente para o trabalho com espadas, e o sargento Mattus nos mandou para nossos afazeres. Sempre imaginara que as obrigações dos guardas do Assombrado e do Castelo Alto fossem tediosas. Mas só depois de eu mesmo tentar fazê-las durante metade do dia é que compreendi quão enfadonhos tais serviços são. Fiquei de pé no Portão Lowery, uma porta de ferro que dava acesso a algo que era pouco mais do

que um jardim de varanda aumentado, onde as nobres damas cultivavam sálvia, miniaturas de limoeiros e várias plantas floríferas que haviam perdido suas flores meses antes e começavam a semear. Caso qualquer intruso chegasse à varanda, eu deveria impedir sua entrada no castelo. Algo improvável, já que ele teria que cair de uma nuvem passando por ali para alcançar tal objetivo. Se qualquer dama da casa quisesse visitar o jardim, então eu estava habilitado a destrancar a porta para o acesso e trancá-la novamente quando elas houvessem saído. Já estou entediado até de rabiscar isso nesta página. Fiquei lá por três horas em um uniforme que coçava e não vi absolutamente ninguém. Ninguém sequer passou pelo corredor adjacente. Outro recruta do exercício de treinamento da manhã me substituiu ao meio-dia e eu saí para achar o refeitório dos guardas. Agora eu sei por que eles chamam de alívio.

"Um instante de sua atenção, rapaz."

Parei a apenas um metro da porta do refeitório e deixei meu estômago reclamar por mim. Eu me virei lentamente.

"Fiquei sabendo que você conhece os números." O homem havia saído da sombra de um arbusto de lilases que invadia a muralha interna do pátio principal. Um mouro, mais escuro que a sombra, enrolado em um albornoz preto, com a pele de um marrom queimado, exposta apenas em suas mãos e rosto.

"Pode apostar", eu disse.

Ele sorriu. Seus dentes eram pretos, pintados com algum pigmento, e o efeito era perturbador. "Eu sou Qalasadi."

"William", eu disse.

Ele ergueu uma sobrancelha.

"Como posso ajudá-lo, Lorde Qalasadi?", perguntei. Ele se portava como um nobre, embora nenhum ouro brilhasse nele. Eu o julguei pelo corte de sua túnica e os cachos arrumados de sua barba curta e cabelos. A riqueza compra certo cuidado com a aparência que transparece dinheiro, mesmo quando os gostos do homem rico são simples.

"Apenas Qalasadi", ele disse.

Gostei dele. Simples assim. Às vezes eu simplesmente gosto.

Ele se agachou e, com uma varinha de marfim retirada de sua manga, escreveu números na terra. "Seu povo me chama de matemágico", ele disse.

"E como você chama a si mesmo?", perguntei.

"Numerado", ele disse. "Diga-me o que vê."

Eu olhei para seus rabiscos. "Aquilo é um sinal de raiz?"
"Sim."
"Eu vejo números primos aqui, aqui e... aqui. Este é um número racional, este aqui irracional. Eu vejo famílias." Circulei grupos com o dedo do pé, alguns sobrepostos. "Números reais, números inteiros, imaginários, números complexos."
Ele desenhou novamente, fazendo símbolos dos quais eu me lembrava apenas vagamente. "E isto?"
"Alguma parte do cálculo integral. Mas isso vai além de minhas lições."
Angustiava-me ter de admitir derrota, embora eu devesse ter segurado a língua após reconhecer os números primos para ele. O orgulho é a minha fraqueza.
"Interessante." Qalasadi esfregou a poeira para apagar seus rabiscos como se eles pudessem ser perigosos para os outros.
"Então, você já conseguiu me decifrar?", perguntei. "Qual é meu número mágico?" Eu havia ouvido falar de matemágicos. Eles não pareciam tão diferentes dos bruxos, astrólogos e videntes que tínhamos perto de casa, obcecados por prever o futuro, distribuir rótulos, arrancar dinheiro dos tolos. Se ele me dissesse algo sobre as glórias futuras do Príncipe de Arrow eu teria problemas em me segurar. Se ele sugerisse que nasci no ano da cabra, então eu não me conteria!
Outra vez o sorriso preto. "Seu número mágico é três", ele disse.
Eu ri. Mas ele ficou sério. "Três?" Balancei a cabeça. "Há muitos números para escolher. Três parece um pouco... previsível."
"Tudo é previsível", disse Qalasadi. "No fundo, minha arte trabalha com probabilidade, que produz a previsão, e isto nos leva ao tempo, e no final, meu amigo, tudo se resume a uma questão de tempo, não é mesmo?"
Fazia sentido. "Mas... três?" Agitei as mãos, procurando mostrar indignação. "Três?"
"É o primeiro de seus números mágicos. Eles formam uma série", ele disse. "O segundo deles é catorze."
"Ah, agora sim. Catorze. Nisso eu posso acreditar." Eu me agachei ao seu lado, já que ele parecia não querer levantar. "Por que catorze?"
"É a sua idade, não é?", ele perguntou. "E é a chave para seu nome."
"Meu nome?" Um mal-estar subiu por minhas costas me arrepiando, apesar do calor.

"Honório, eu diria. Com alguma certeza." Ele rabiscou na poeira e apagou rapidamente. "Ancrath, muito possivelmente. Jorg, talvez."
"Estou fascinado como você conseguiu calcular tudo isso a partir de catorze", eu disse. Considerei quebrar o pescoço dele e ir embora para as docas. Mas esse não era o homem que eu queria mostrar para o pai de minha mãe ou para o irmão dela. Não era o Jorg que ela conhecera.
"Você tem a aparência de um comissário, para mim. Os traços certos. Especialmente em volta dos olhos, do nariz, da testa também. E você declarou ser de Ancrath, o que se encaixa com seu sotaque e sua cor. Quase todos os comissários têm o nome em homenagem a Honório. Você poderia ser um bastardo, mas quem ensina um bastardo a sequer reconhecer cálculo? E se você for legítimo, então como um comissário de Ancrath seu sobrenome seria Ancrath. E quais membros daquela casa são jovens rapazes? Jorg Ancrath me vem à mente. E quantos anos ele tem? Quase quinze, mas ainda não chegou lá."
Eu ainda não sabia se estava certo em gostar do homem, mas seu acúmulo de fatos e o talento para a dedução me impressionaram. "Espetacular", eu disse.
"Errado, mas espetacular."
Qalasadi deu de ombros. "Eu tento." Ele acenou para o refeitório. "Seu almoço o aguarda, sem dúvida."
Eu me levantei e saí pelo pátio. Depois parei. "Por que três?"
Qalasadi franziu a testa como se tentasse se recordar de uma sensação perdida. "Três passos para fora? Três na carruagem? Três mulheres que o amarão? Três irmãos perdidos em sua jornada? A mágica reside no primeiro número, a matemática no segundo."
Os "três passos" puseram um calafrio em minha coluna, como se ele houvesse vasculhado o fundo de meu cérebro e puxado algo que eu preferia manter escondido. Eu não disse nada e me afastei, com uma noite agitada passando por minha cabeça, cortada por relâmpagos e vislumbres da carruagem vazia enquanto eu me pendurava nos espinhos.
Eu me vi à mesa do refeitório sem lembrança de chegar até lá. Eu me perguntei quanto tempo levaria para Qalasadi jogar suas deduções aos pés de meu tio. Ele podia estragar meu jogo, mas não representava perigo.
"Não está com fome?" O guarda baixinho dos portões se sentou à minha frente. Sunny.
Olhei para meu almoço e tentei entendê-lo. "O que é essa gororoba? Alguém vomitou na minha tigela?"

"Lula apimentada." O guarda beijou as pontas dos dedos e as abriu. *Muah.*
Eu espetei um tentáculo, o que já era um feito difícil, e comecei a mastigar. A experiência não era diferente de mastigar couro de sapato. Exceto que, para uma reprodução completa, você precisa tacar fogo no couro. Temperos são todos muito bons. Sal a gosto, um pouco de pimenta, uma folha de louro na sopa, um cravo ou dois na torta de maçã. Mas na Costa Equina eles parecem gostar de pimentas que arrancam a pele de sua língua. Por ter sido queimado do lado de fora e não gostado da experiência, eu não via motivo em queimar do lado de dentro. Cuspi a colherada de volta para a tigela.
"Isso é realmente nojento!", eu disse.
"Eu teria pegado de você", o guarda disse. "Mas você foi e cuspiu na comida. Eu sou Greyson, a propósito."
"William de Ancrath", eu disse. Peguei meu pedaço de pão e o mordisquei, com medo de o cozinheiro ter misturado um saco de pimenta em pó junto com a farinha.
"Qual é o lance do mouro?", perguntei. Passei os dedos em cima dos dentes, como se "mouro" não fosse uma descrição suficiente.
"Você já conheceu Qalasadi, é?" Greyson sorriu. "Ele faz as contas do castelo. Faz maravilhas com os comerciantes locais. Consegue bons contratos para o Conde Hansa. O melhor de tudo é que ele é encarregado de pagar os guardas e nunca atrasa um dia. Cinco anos atrás nós tínhamos o frei James na contabilidade. Podíamos ficar um mês sem dinheiro." Ele balançou a cabeça.
"Ele é próximo do conde e do filho dele, esse Qalasadi?", perguntei.
"Não especialmente. Ele é apenas o contador." Greyson deu de ombros.
Eu gostei do som daquilo, mas desconfiei de um homem com tanto talento desempenhando uma função relativamente menor sem reclamar.
"Gosto bastante dele", disse Greyson. "Joga baralho com os guardas às vezes. Sempre perde, nunca reclama, nunca bebe nossa cerveja."
"Qualquer um pensaria que ele seria bom nas cartas", eu disse.
"Horrível. Não sei nem se ele sabe as regras. Mas parece adorar. E os soldados gostam dele. Eles nem implicam por ele ser o único mouro do castelo. E eles poderiam muito bem. Com os conterrâneos dele invadindo o continente e nos transformando todos em pagãos ou cadáveres."
"Os mouros?", perguntei. "Devo esperar matar alguns em breve, então?"
Outros da guarda se inclinaram, ouvindo a conversa enquanto mastigavam sua lula. Achei que talvez a pimenta dissolvesse os tentáculos no final

porque a mastigação parecia insuficiente.
"Talvez sim", disse Greyson. "Ibn Fayed, um califa de Liba, já mandou seus navios três vezes este ano. Outro ataque está por vir."
Sem aviso, o rumor da conversa desapareceu e Greyson abaixou a cabeça.
"Shimon, o mestre espadachim", sussurrou. "Ele nunca vem aqui."
Um homem apareceu atrás de mim. Eu me concentrei na lula, mas me abstive de colocá-la na boca.
"Você, garoto", disse Shimon. "Ancrath. No pátio lá fora. Fiquei sabendo que você promete."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

42

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu conhecia o mestre espadachim Shimon de nome. Makin me contou histórias sobre ele. Sobre suas façanhas quando jovem, defensor de reis, professor de campeões, lenda do torneio. Eu não esperava que ele fosse tão velho.

"Sim, mestre espadachim", eu disse e o acompanhei até o pátio.

Dizer que ele se movia como um espadachim seria pouco. Ele aparentava ser tão velho quanto o tutor Lundist, com o mesmo cabelo branco, mas pisava como se ouvisse a música da espada pulsar através de cada momento do dia. Qalasadi havia desaparecido das sombras e o pátio estava vazio, a não ser por uma serviçal passando com um cesto de roupa suja e pelos homens

montando guarda no portão. Outros guardas se aglomeraram à porta do refeitório atrás de nós, mas eles não ousaram nos seguir para fora. Shimon não os havia convidado.
O mestre espadachim virou-se para me encarar. A aparência de estudioso dele me surpreendeu. Ele poderia passar por escriba, a não ser pela pele queimada de sol e uma dureza no olhar. Ele sacou sua espada. Uma lâmina padrão igual à minha.
"Quando estiver pronto, rapaz", ele disse.
Eu deslizei minha espada para fora, pensando em como lidar com isso. Qalasadi estava provavelmente contando a meu tio quem eu realmente era naquele momento, então por que não tirar pleno partido da oportunidade? Bati em sua espada e ele fez aquele truque de girar o pulso que o Príncipe de Arrow usou, só que melhor, e arrancou a espada de minha mão. Eu ouvi risos vindos da porta.
"Esforce-se mais", disse Shimon.
Sorri e peguei minha espada do chão. Dessa vez agi rápido com uma estocada em seu corpo. Ele fez o truque outra vez, mas eu girei meu pulso junto com o dele e mantive a espada.
"Melhor", ele disse.
Eu o ataquei com combinações curtas e precisas, os movimentos que eu estava praticando com Makin. Ele me rechaçou sem esforço aparente, retrucando ao final de cada investida com um contra-ataque que eu mal pude conter. O choque rápido de metal contra metal ecoava pelo pátio. Senti a música do aço aumentar em volta de mim. Senti aquela sensação calma e fria surgindo em meus braços, bochechas e nas costas. Eu ouvi a canção.
Sem pensar eu ataquei, com movimentos altos, baixos, fintando, utilizando toda a minha força nos momentos exatos, mexendo tudo em mim, pés, braços, quadris, apenas com a cabeça parada. Aumentei o ritmo, aumentei e o aumentei de novo. Às vezes, eu não conseguia ver nem a minha espada nem a dele, apenas a silhueta de nossos corpos, e a necessidade da dança me dizia como me mover, como bloquear. O som de nossas paradas tornou-se algo como o *clique-clique* das agulhas de tricô em mãos experientes.
O rosto duro de Shimon não parecia feito para sorrir, mas um sorriso encontrou seu caminho até lá. Eu sorria feito um idiota, com o suor pingando de mim.
"Basta." Ele se afastou.

Achei difícil não ir atrás dele, continuar o ataque, mas deixei minha espada cair. Houve uma alegria naquilo, na pureza, em viver no fio de minha espada sem pensar. Meu coração palpitava e o suor me encharcava, mas eu não tinha nada da raiva que normalmente se acumula até mesmo em sessões de treino. Nós havíamos feito algo belo.
"Você poderia me derrotar?", perguntei, puxando o fôlego. O velho não parecia estar cansado.
"Nós dois ganhamos, garoto", ele disse. "Se eu tivesse alcançado a vitória nós dois teríamos perdido."
Entendi aquilo como um sim. Mas eu o compreendi. Esperei que eu tivesse a elegância de me afastar caso o visse fraquejar. Não fazer isso estragaria o momento.
Shimon embainhou sua espada. "Aproveite seu almoço, guarda", ele disse.
"É isso?", perguntei, enquanto ele se virou para sair. "Nenhum conselho?"
"Você não se esforça o bastante no começo e se esforça demais no fim", ele disse.
"Nada técnico."
"Você tem talento", ele disse. "Espero que tenha outros talentos também. Eles provavelmente lhe trarão mais felicidade."
E ele saiu.
"Inacreditável", Greyson disse quando voltei à mesa. "Nunca vi nada parecido."
E isso foi todo o tempo que eu tive para aproveitar minha glória. O sino tocou para nos avisar que o almoço havia terminado e eu tinha que voltar a guardar o Portão Lowery.
O Portão Lowery quase me derrotou. Considerei seriamente me apresentar a meu avô. No fim, porém, eu queria ver como a corte funcionava por dentro, como meus parentes levavam suas vidas, quem eles realmente eram. Acho que queria uma janela para meu passado, sem estragá-la com minhas próprias surpresas.
Dormi novamente no posto da guarda e acordei com novas obrigações. Qalasadi, pelo visto, não havia contado a meu tio. Suspeitei que ele pensou que eu teria alguma influência, quando minha identidade fosse descoberta, e ele não queria me ter como inimigo. Se ele não deixasse meu segredo escapar, quem saberia que ele o conhecia? Assim ele não enfrentaria repressão por não me revelar.

Minha nova tarefa era como guarda pessoal de Lady Agath, uma prima de meu avô que estava morando no Castelo Morrow havia alguns anos. Uma senhora gorda e velha, chegando ao ponto em que o peso começara a diminuir, como acontece com os muito velhos. Viva tempo bastante e todos nós morremos magros.
Lady Agath gostava de fazer tudo lentamente. Ela não prestou atenção em mim, a não ser para reclamar que minha cicatriz era feia de se olhar. E por que ela não podia ter um guarda apresentável? Às rugas trazidas por sua idade avançada, ela acrescentava aquelas que as pessoas gordas adquirem quando começam a desinchar. O efeito geral era alarmante, como se fosse uma troca de pele, descartada talvez por um réptil gigante. Eu a seguia em volta do Castelo Morrow a passo de lesma, o que me dava tempo de analisar o local, pelo menos a parte dele que ficava entre a latrina, o salão de jantar, o quarto de dormir de Lady Agath e o Salão das Senhoras.
"Fique quieto, garoto, você nunca para quieto", disse Lady Agath.
Eu não mexera um músculo por cinco minutos. Continuei o hábito e segurei minha língua.
"Não seja atrevido comigo", ela disse. "Seus olhos estão sempre passando de uma coisa à outra. Nunca parados. E você pensa demais. Eu posso vê-lo pensando agora mesmo."
"Peço desculpas, Lady Agath", eu disse.
Ela pigarreou, com as papadas se balançando, e se acomodou em suas rendas pretas. "Toque mais", ela disse ao menestrel, um camarada moreno e bonito que tinha uma combinação suficiente de beleza e talento para prender a atenção de Agath e três outras velhas nobres em um dos cantos do Salão das Senhoras.
O Salão das Senhoras parecia ser aonde as mulheres da Costa Equina iam para morrer. Com certeza não havia nenhuma mulher com menos de sessenta.
"Você está fazendo aquilo de novo", chiou Lady Agath.
"Desculpe-me."
"Vá até a adega e diga a eles que eu quero um jarro de vinho, um tinto de Wennith, algo dos morros do sul", Lady Agath disse para mim.
"Não posso deixá-la desacompanhada, Lady Agath", eu disse.
"Não estou desacompanhada. Estou com Rialto aqui." Ela acenou em direção ao menestrel. "Eu sempre tenho meu vinho da adega. Não sei o que fazem com ele naquela cozinha, mas o arruínam. Deixam aberto, acho. E as meninas

sempre demoram demais", ela comentou com as outras senhoras. "Vá, garoto, ande logo."
Eu tinha dúvidas se Rialto poderia proteger Lady Agath de uma vespa nervosa, quiçá de outras ameaças, mas não achei que ela estivesse em nenhum perigo, e não me importava se estivesse, então saí sem reclamar.
Levei um tempo até encontrar o caminho para o porão certo, mas após algumas curvas erradas eu o localizei. Geralmente, é possível reconhecer uma adega pela robustez da porta, atrás apenas da porta da tesouraria na maioria dos castelos. Até os serviçais mais leais podem roubar seu vinho se tiverem alguma chance e ainda urinarão as provas na parede.
Fiz outra viagem para encontrar o cozinheiro diurno e fazê-lo destrancar a porta para mim. Ele se sentou em uma cadeira posicionada à porta e começou a morder a perna de carneiro que havia trazido consigo dentro de seu avental.
"Jarros ficam perto da porta. Pegue o que quiser. Não deixe a torneira pingando. Os tintos de Wennith estão lá no fundo, no canto esquerdo, marcados com uma cruz dupla e coroa."
Eu acendi uma lamparina com a dele e entrei.
"Cuidado com as aranhas", ele disse. "As pequenas marrons são ruins. Não seja picado." Após dizer "pequenas" ele fez um círculo com seu indicador e o dedão que não parecia particularmente pequeno.
A adega se estendia por dezenas de metros, com os barris de vinho empilhados sobre estantes, a maioria deles fechados, alguns espetados com uma torneira. Costurei um caminho pelos corredores estreitos, espremendo-me para passar por um caminhão de carga e vários barris vazios deixados para eu tropeçar.
Os barris de tinto de Wennith estavam todos fechados, exceto por um vazio. Suspeitei que a maior parte de seu conteúdo tivesse passado por Lady Agath no seu caminho à latrina. As ferramentas e torneiras avulsas para perfurar um barril novo não estavam aparentes. Reparei em uma porta, quase ocultada por baixo de um acúmulo de sujeira e mofo, atrás de uma pilha de barris esvaziados. Parecia muito em desuso para ser um armário, mas a necessidade de encontrar uma marreta e uma torneira era uma boa desculpa para olhar o que havia por trás. Sou um explorador por natureza e daria um jeito de bisbilhotar de um jeito ou de outro. O que os nobres mantêm em seus porões e calabouços pode dizer muito a respeito deles. Meu pai mantinha a maioria de meus irmãos de estrada para torturar e executar em seu

calabouço. Não vou dizer que eles não merecessem. Severo porém justo – é isso que o calabouço de meu pai dizia sobre ele. Principalmente severo.
Eu precisei levantar e puxar ao mesmo tempo para sacudir a porta, empurrando os barris vazios para o lado. Quando a abertura ficou grande o bastante para passar, eu entrei. Uma escada em espiral levava para baixo. A escada era feita de pedra esculpida, trabalho dos pedreiros do castelo, mas o eixo sobre o qual ela descia era de pedra dos Construtores, despejada. O eixo descia uns quinze metros, mais ou menos, até o leito de rocha. Lá embaixo, uma passagem levava a uma câmara retangular dominada por uma máquina encardida de cilindros, parafusos e chapas circulares. Lâmpadas forneciam luz fraca, três de talvez vinte ainda funcionando, embora não tão claras quanto as do Castelo Alto.
Eu atravessei até a máquina e passei a mão em um de seus muitos tubos. Meus dedos saíram pretos, deixando riscos brilhantes no metal prateado exposto. A máquina inteira tremia com uma vibração suave, pouco mais que pegadas pesadas ecoando em um chão de pedra.
"Vá embora." Um homem velho estava ali, desenhado rapidamente por uma mão invisível. O fantasma de um homem velho, eu deveria dizer, porque apenas a luz o moldava. Dava para ver a máquina através de seu corpo, e a pele dele não tinha cor, como se ele fosse feito de fumaça. Ele vestia roupas brancas, bem rentes ao corpo, com corte esquisito, e de uma hora para outra sua forma inteira piscava como se uma mariposa houvesse passado na frente da luz que se projetava para criá-lo.
"Venha me tirar", eu disse.
"Rá! Essa é boa." Ele sorriu. Pela aparência, poderia ser irmão do mestre espadachim Shimon. "A maioria das pessoas sai correndo quando eu digo 'bu'."
"Já vi minha cota de fantasmas, velhote", eu disse.
"Tenho certeza, garoto", ele disse. Parecia querer me agradar. O que era estranho, já que ele era realmente um fantasma.
"Há quanto tempo você assombra este lugar e que espécie de máquina é esta?", perguntei. É melhor ir direto ao ponto com fantasmas e espíritos. Eles tendem a desaparecer antes que você perceba.
"Eu não sou um fantasma. Sou um eco de dados. O homem do qual eu fui copiado viveu por mais catorze anos depois que fui capturado..."
"Quanto tempo?"
"...e morreu mais de mil anos atrás", ele disse.

"Você é o fantasma de um Construtor?", perguntei. Parecia absurdo. Nem fantasmas duram tanto tempo.
"Eu sou um algoritmo. Sou retratado à imagem de Fexler Brews e minhas respostas são calculadas a partir de seis teratos de dados reunidos a respeito do homem durante a vida dele. Eu sou o eco dele."
Eu entendi algumas palavras. "Que dados? Números? Como Qalasadi escreve em seus livros de trabalho?"
"Números, letras, livros, imagens, momentos desprotegidos capturados em segredo, frases murmuradas durante o sono, exclamações ditas durante o coito, análise química de seus dejetos, apresentações públicas, meditações provadas, evidências poligráficas, amostras de DNA. Dados."
"O que você pode fazer por mim, fantasma?" Sua linguagem não me dizia nada. Parecia que eles o haviam observado e escrito sua história em uma máquina – e agora a história falava comigo, mesmo que o homem propriamente dito já tivesse virado poeira.
Fexler Brews deu de ombros. "Sou um homem velho fora de minha época. Nem isso – uma cópia incompleta de um homem velho fora de sua época."
"Você pode me contar segredos. Dar-me o poder dos antepassados", eu disse. Eu não achava que ele fosse fazê-lo, senão meu avô já seria imperador, mas não custava tentar.
"Você não entenderia meus segredos. Há uma lacuna entre o que eu digo e o que você pode compreender. Vocês poderiam preencher essa lacuna em cinquenta anos se parassem de tentar matar uns aos outros e começassem a olhar para o que está ao seu redor."
"Tente." Eu não gostei do tom dele. No fim das contas, essa coisa diante de mim era apenas uma brincadeira com sombras, uma história sendo contada por uma máquina de engrenagens e molas e magia, tudo amarrado pelo fogo secreto dos Construtores. "O que isso faz?" Bati na máquina com o pé. "Para que serve?"
Fexler piscou para mim. Talvez ele piscasse assim frequentemente e a máquina se lembrava. "Isso tem vários propósitos, meu jovem, alguns simples que você pode entender – o bombeamento e a purificação da água – e outros que estão fora do seu alcance. É uma central, parte de uma rede sem fim, uma ferramenta de observação e comunicação, protegida aqui embaixo para segurança. Para mim e para minha espécie ela serve como uma de muitas janelas para o pequeno mundo da matéria."

"Pequeno?", eu sorri. Ele vivia em uma caixa de metal não muito maior do que um caixão.
Fexler franziu a testa, irritado. "Tenho outras coisas para fazer: vá brincar em outro lugar."
"Diga-me isto", falei. "Meu mundo. Não é como eu leio nos livros mais antigos. Quando eles falam sobre mágica, sobre fantasmas, é como se fossem contos de fadas para assustar crianças. No entanto, eu já vi os mortos andarem, já vi um garoto produzir fogo só com o pensamento."
Fexler franziu a testa como se considerasse como explicar. "Pense na realidade como um barco cujo curso foi estabelecido, cujo leme está travado em sua posição por constantes universais."
Eu me perguntei se um drinque ajudaria com tais imaginações. Todo aquele vinho parecia muito tentador.
"Nossa maior realização, e ruína, foi virar o leme apenas uma fração. O papel do observador sempre foi importante – nós descobrimos isso. Se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, ela ao mesmo tempo faz e não faz barulho. Se ninguém vê, então ela está ao mesmo tempo ereta e caída. O gato está ao mesmo tempo vivo e morto."
"Quem falou da porra de um gato?"
O fantasma de Fexler Brews suspirou. "Nós atenuamos as barreiras entre pensamento e matér..."
"Já ouvi isso antes", eu disse. Ferrakind me dissera algo semelhante. Será que o fantasma de um Construtor tinha em comum a mesma loucura? O nubano havia falado sobre barreiras desaparecendo, do véu entre a vida e a morte se desgastando. "Os Construtores faziam mágica? Eles a trouxeram ao mundo com suas máquinas?"
"Não existe mágica." Fexler balançou a cabeça. "Nós mudamos as constantes. Só um pouco. Reforçamos a ligação entre o *querer* e o *ser*. Agora não só a árvore está ao mesmo tempo caída e descaída, mas se o homem certo desejar, com foco suficiente, a árvore caída irá se levantar. O gato zumbi irá andar e ronronar."
"O que é um zumbi?"
Outro suspiro. Fexler desapareceu e todas as luzes se apagaram. Até minha lanterna.
Eu subi as escadas de volta no escuro, fui picado por uma aranha, e estava muito atrasado com o vinho de Lady Agath.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

43

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Cheguei ao refeitório do Castelo Morrow com a mão inchada e a cabeça doendo. Veneno de aranha faz suas entranhas se revirarem e põe ilusões no limite de sua visão, ilusões tão sórdidas quanto é possível imaginar. E eu fui amaldiçoado com uma imaginação fértil.

Os guardas da casa e os guardas do muro tendem a concordar com muito pouco, mas todos eles concordaram que eu era um nortista burro e que provavelmente não balançaria minha espada tão elegantemente por um tempo.

Por ser domingo, o cozinheiro preparou uma surpresa especial para nós. Caracóis ao alho e vinho, com arroz de açafrão. Os caracóis vieram das

encostas locais, de uma variedade grande, tão grossos quanto o braço de uma criança. Mas, a bem da verdade, caracóis são apenas lesmas de chapéu. O prato principal parecia grandes caroços de meleca em sangue. Não sei por que a Costa Equina é obcecada em comer coisas que esguicham. Já me sentindo enjoado, experimentei o arroz. Aparentemente, o Conde Hansa havia nos conferido uma grande honra, por açafrão ser o tempero de reis e ser vendido a preços absurdos. Tudo que posso dizer é que tinha gosto de mel amargo e revirou meu estômago. Eu comi só um pouquinho e decidi ficar com fome.

Saí de fininho para minha cama com um pedaço de pão e caí em sonhos vívidos.

O fato de ter sido pego dormindo, ou melhor, ter sido pego enquanto estava dormindo, eu atribuo à mordida da aranha. A verdade é que se você saltasse com a espada sobre cada um que passasse em um dormitório de guardas logo metade do castelo estaria morta.

Acordei com mãos fortes agarrando meus pulsos e tornozelos e descobri que nenhum tipo de esforço iria impedi-los de me arrastar por vários corredores, um lance de escadas, até uma cela do calabouço. Eles tiveram um respeito sadio pela minha habilidade de lhes fazer mal. Então, para que saíssem em segurança, um deles me bateu na barriga com o máximo de força enquanto os outros me esticavam para receber o golpe. Eu os ouvi correndo e o barulho da porta camuflou minha ânsia de vômito.

Gritar para ser libertado sempre me pareceu uma bobagem. Você não vai ajudar as pessoas que o puseram lá a perceber que eles acabaram fazendo a coisa errada. Então não gritei. Eu me sentei no chão e imaginei. Talvez Qalasadi houvesse contado seu segredo e minha família não tivesse gostado. Ou mais provavelmente minha excursão à máquina dos Construtores embaixo da adega havia sido descoberta e julgada da pior forma possível.

Levou uma hora. Um rosto apareceu na pequena janela da porta da cela. Um movimento tolo, em minha opinião, pois se eu quisesse poderia ter causado grandes estragos àquele rosto com a faca que haviam deixado comigo.

"Olá, Lorde Jost", eu disse. Eu o havia conhecido apenas por instantes antes que ele me passasse ao capitão Ortens para a guarda da casa, mas seu rosto comprimido com um bigodinho escuro era fácil de se lembrar.

"William de Ancrath", ele disse. Ele falou as palavras lentamente, como se tivesse dificuldade em dar crédito a elas.

O chão era desconfortável e bastante frio. Eu achei que poderia sair dali mais rapidamente se o deixasse falar. Então não disse nada.
"Que veneno você usou, William?", ele perguntou.
Eu olhei para minha mão à meia-luz. A picada da aranha se tornara roxa.
"Veneno?", perguntei.
"Não estou aqui para brincadeiras, garoto. Eu o deixarei apodrecer. Se eles morrerem antes de você abrir a boca, o conde irá contratar torturadores mouros para usá-lo como exemplo."
O rosto se afastou.
"Espere!" Eu fiquei de pé rapidamente. Não gostei do som de "torturadores mouros". Na verdade, é difícil colocar qualquer palavra depois de "torturadores" que não soe perturbadora. "Conte-me o que aconteceu e você terá toda a verdade de mim. Eu juro por Deus."
Ele se virou e saiu andando.
Eu me atirei à porta, com o rosto na janela. "Eu posso salvá-los", menti. "Mas preciso saber quem foi afetado."
Lorde Jost se virou e eu agradeci a quem quer que tenha inventado a mentira.
"Todos os guardas do turno do dia estão entrando em delírio", ele disse. "Vários ficaram cegos."
"E eu sou o único que não está apresentando sintomas. Então isso me torna culpado?"
"Você é algum tipo de assassino, obviamente. Provavelmente um soldado de Olidan de Ancrath. Se você providenciar um antídoto posso lhe prometer uma morte rápida."
"Não tenho um antídoto", eu disse. Quem envenenaria um turno inteiro de guardas?
"Que veneno você usou? Você prometeu a verdade", disse Lorde Jost.
"Se sou um assassino, por que você esperaria que eu cumprisse minha promessa? E se eu não sou então não posso cumpri-la, não é mesmo? Porque não fui eu."
Lorde Jost cuspiu de uma maneira nada nobre e começou a ir embora outra vez.
"Espere. Tem de ser os mouros, não é? Por que o Rei Olidan iria envenenar alguns guardas? Ele não iria fazer um exército marchar por mil e quinhentos quilômetros para bater à sua porta. Os mouros estão planejando um ataque."
Ele virou a esquina.
"Eu não estou doente porque não comi a comida!", gritei para ele.

Os ecos de seus passos desapareceram.
"Porque a comida de vocês tem gosto de merda em que alguém tacou fogo!", eu gritei.
E eu estava sozinho.
O bebê morto veio a mim no escuro, com os olhos solenes me observando, a cabeça pendendo em um pescoço quebrado. Pela milionésima vez me perguntei se havia matado Katherine lá naquele cemitério. Essa criança era minha. Isso não podia ser porque eu assassinara sua mãe, ou apenas uma das muitas crianças cujo sangue manchara minhas mãos? As crianças de Gelleth. Foi preciso um monstro para torná-las reais para mim. Não um monstro pela forma. Eu chamava Gog e Gorgoth de monstros. Mas Chella e eu éramos para valer, abomináveis nos atos, se não na forma.
Por que envenenar os guardas? Podiam ser os mouros, mas eles dificilmente dominariam o castelo em um único ataque e não poderiam envenenar todos os seus defensores. E não é inteligente mandar um aviso como esse se você espera assaltar rapidamente as cidades e igrejas dos arredores.
Um punho de ferro explodiu em minha barriga, me pegando de surpresa, e eu expeli um vômito aguado pela cela. Caí de frente, em cima de minhas mãos.
"Merda."
A escuridão em volta continuava a rodar, então pressionei minha bochecha no chão frio de pedra. Minha cicatriz ainda ardia, como se as farpas alojadas em minha carne se mantivessem quentes.
Talvez eu tenha sido envenenado, no fim das contas. Mas por que levaria mais tempo comigo? Não teria a ver com minha estrutura resistente do norte, teria? E eu não comi quase nada. Um pedaço de pão. Uma colherada de arroz amargo.
Eu precisava sair. E esse é o problema com celas de calabouço. Alguém teve o trabalho de se certificar de que você não irá a lugar algum e sua vontade, por maior que seja, não irá mudar isso.
Eu me levantei e fui até a porta. Depois que Lorde Jost e sua lanterna foram embora, não havia quase luz nenhuma, mas alguma coisa vazava para baixo, talvez um sussurro do sol brilhando nos pátios acima se o dia já tivesse dado a volta, talvez um eco das tochas mais abaixo no corredor pelo qual me arrastaram. De qualquer modo, ela era suficiente para olhos acostumados à noite encontrarem cantos e detalhes ocasionais. Eu examinei a pequena janela da porta. Dava para passar um braço por ela, se não fossem as barras.

A madeira era da grossura de três dedos, maciça. Eu levaria uma semana talhando com minha faca para fazer um buraco.
Alguma coisa passou correndo atrás de mim. Um rato. Eu conheço os barulhos de um rato no escuro. Atirei minha faca. Era um jogo entre os irmãos. Acertar um rato no escuro. Grumlow era um mestre nesse jogo em especial. Nós frequentemente encontrávamos um rato espetado por uma de suas facas. Às vezes, desconfortavelmente perto de minha cabeça.
"Peguei você."
Já que não havia manhã para aguardar, procurei minha vítima com as mãos e recuperei minha faca.
Voltei à janela e suas barras. Eu as puxei, tentando imaginar como elas eram presas à madeira. Elas não cederam. Engraçado como muitas vezes nossas vidas se reduzem a um único pedaço inflexível de metal. A ponta de uma faca, uma algema, um prego. Gorgoth talvez pudesse torcer aquelas barras com aquela mão bruta dele. Mas eu não. Puxei e empurrei até minha mão sangrar. Nada.
Eu me sentei novamente. Pensei, pensei e pensei mais um pouco. Por fim, andei até a janela e comecei a gritar para me deixarem sair.
Demorou um pouco. Tempo o bastante para minha garganta ficar irritada e minha voz falhar, mas lá no fundo um brilho se aproximou. O brilho oscilante de um lampião.
"Você tem uma chance de calar a boca, garoto. Depois disso..."
"Você vem calar para mim?," perguntei, pressionado contra a porta.
"Ah, você gostaria disso, não é? Que eu abrisse a porta. Eu ouvi a respeito de você e mestre Shimon. Eu não abriria esta porta por uma moeda de ouro. Não. Cale a sua boca ou descobrirá que já bebeu sua última gota de água neste mundo de Deus."
"Ei, não faça assim. Eu sinto muito." Levantei a mão e soltei meu relógio para que ele caísse na cesta da janela. "Olhe, pegue isto aqui, vale cem moedas. Só me traga algo bom para comer, sim?"
Eu me agachei. Escutando. Escutando.
O carcereiro se aproximou para pegar a isca e pou!, enfiei o braço pela abertura de alimentação na base da porta, esfolando meu cotovelo, e o peguei por trás dos tornozelos. Uma puxada brusca e ele caiu. Apertei com mais força, puxando seu pé em direção à porta, mas ele não resistiu.
"Merda."

O desgraçado havia batido a cabeça e perdido os sentidos. Eu estava planejando reduzir o número de dedos em seu pé com a faca até que ele me oferecesse sua chave. É difícil intimidar um homem inconsciente.
Eu peguei meu rato morto. Ainda estava quente.
Há vários usos para um rato morto. Falarei sobre eles outra hora. O uso que eu tinha em mente, no entanto, se revelou difícil. Acabou sendo mais difícil fazer um rato morto correr novamente do que mandar o irmão Algazarra mergulhar na lama. É difícil entender um rato, colocar-se em seu lugar. Eu quase desisti, mas quando foquei na fome ele se contorceu em minhas mãos. Acontece que estar morto não impede um rato de pensar em sua próxima refeição. Assim que possível, a criatura estava dançando conforme a minha música e eu a empurrei pela abertura de comida.
À luz do lampião do carcereiro, que ele utilmente havia pendurado em um gancho antes de pegar meu relógio, mandei o rato para revistá-lo.
Observei o pequeno cérebro de rato dizendo-lhe para roer a tira que prendia o molho de chaves ao cinto do carcereiro. Quando o chaveiro se soltou, mandei o rato arrastá-lo até mim. Em uma cela realmente segura não seria possível destrancá-la por dentro, mas todos os sistemas têm suas falhas. Deixei o rato morrer novamente e saí para o corredor, um homem livre após minhas longas horas de encarceramento!
Meu estômago se contraía, mas eu não sentia que estava morrendo; um pouco tonto, um pouco sujo, mas a necromancia faz isso com você, afinal. Se eu havia sido envenenado, quem fez isso fez um trabalho ruim.
Amordacei o carcereiro com tiras de tecido e o tranquei em minha cela. Ao olhar para as outras celas pelo corredor, parecia que meu avô não era do tipo que prendia. Isso significava que ou ele era bastante favorável a execuções, ou governava com pulso leve.
Passos lentos me levaram à mesa do carcereiro, onde a abertura no teto deixava entrar o luar. Era tarde, mas talvez não fosse meia-noite ainda. Eu havia tido um pouco de tempo para pensar e continuava pensando. Se eu fosse envenenar meus inimigos, não desperdiçaria meus esforços em trinta guardas – tentaria esvaziar o trono e jogar o lugar todo em uma confusão. Mas qualquer tipo de envenenamento é difícil de conseguir. As cozinhas dos castelos são bem vigiadas e os cozinheiros são tão confiáveis quanto os homens que barbeiam o pescoço real. Os mantimentos frescos são difíceis de contaminar, batatas, cenouras e afins. Os mantimentos secos são comprados anonimamente e acompanhados até despensas trancadas.

Saí das masmorras. Eu ainda estava usando o uniforme da casa e o único guarda da saída foi bastante prestativo para me deixar bater sua cabeça contra a parede. Infelizmente, um rosto queimado é difícil de esconder. Não dá para apresentar seu lado bom para o mundo todo. Encontrei uma janela e fui até os telhados.

Sentado de costas para a chaminé principal, com as pernas esticadas sobre as telhas de terracota do telhado do grande salão, eu refleti.

Não eram as lesmas – desculpe, caracóis. Eu não tomei parte. Então o arroz. Mas envenenar arroz? A água e a fervura e o escorrimento iriam lavar tudo. Então o açafrão. Mas ele teria sido comprado de qualquer barco que aparecesse no porto com estoques a bordo. Com que frequência uma residência consome um tempero que custa mais por grama do que ouro? Quantos navios o carregam? Quais residências além daquelas da Centena iriam comprar tal luxo? Junte todos esses fatores... quais seriam as chances... que probabilidades apareceriam? Só de pensar nos cálculos necessários minha cabeça doeu.

Qalasadi!

Eu deslizei para baixo da inclinação do telhado, esperando que nenhuma das telhas viesse comigo. Cheguei à ampla calha de pedra e me equilibrei sobre ela, procurando um local onde tivesse um bom apoio. Terminar meu reinado como rei me esborrachando de forma sangrenta ao final de uma queda de vinte metros não fazia parte de minhas ambições. Eu ouvia vozes abafadas de vários aposentos, o suspiro do oceano, ondas lambendo a base dos penhascos e o incessante zumbido e cri-cri dos insetos da noite que assombram a Costa Equina.

O Castelo Morrow cozinha ao sol do sul a maior parte do ano. Os invernos podem ser ferozes, mas raramente frios. Pode muito bem haver homens de idade na região que nunca viram neve. Por consequência, as janelas são grandes e sem tela, as persianas de tempestades são pesadas e deixadas abertas do início da primavera até o fim do outono. Segurando-me firmemente à borda da calha e com meu tornozelo esquerdo preso debaixo da última fileira de telhas, eu me pendurei de cabeça para baixo e espiei por uma janela alta para o grande salão.

O lado oposto da longa e única mesa havia sido posto com prata e cristal. Luminárias de parede queimando óleo sem fumaça forneciam um brilho acolhedor. Um serviçal trouxe três garrafas de vinho, dois brancos e um

tinto. Guardas de elite com adornos emplumados vigiavam seis pontos do salão.
O serviçal saiu. Minutos se passaram. O sangue correu para minha cabeça, meus olhos começaram a se irritar e coçar, meus dedos ficaram dormentes onde seguravam a pedra. Ouvi barulho no pátio embaixo. Uma comoção rápida. Decidi não me mover. O silêncio voltou.
Finalmente, as portas de carvalho preto se abriram e dois criados entraram para segurá-las bem abertas enquanto meu tio passava, acompanhando Lady Agath. Eles tomaram seus assentos, agora com empregadas puxando as cadeiras e acomodando a nobreza. Duas outras senhoras vieram em seguida. Velhas que eu reconheci do Salão das Senhoras. Um homem jovem com uma barriga protuberante entrou, enrolado em veludo azul apesar do calor. Minha avó, que eu vi uma vez no Castelo Alto, veio acompanhada e apoiada por um pajem. Ela parecia trêmula, com o cabelo muito branco, a pele pálida, magra, curvada. E então meu avô, pegando sua cadeira de encosto alto à cabeceira da mesa. Conde Hansa me surpreendia; ele parecia apenas um pouco mais velho do que meu pai, um homem de estrutura sólida com uma barba grisalha curta e cabelo grande e grosso, ainda rajado de preto.
Mais criados agora, trazendo bandejas de prata cobertas.
Uma gota de suor pingou de meu nariz e caiu para a escuridão. Minha cabeça estava tonta e cheia de sangue.
As tampas se abriram em um movimento coreografado, em um floreio dos serviçais, revelando as iguarias do dia. Nada de caracóis. Nada de arroz.
Eu escorreguei com menos elegância do que esperava e me balancei desastradamente pela janela, sentando no parapeito e me endireitando com as duas mãos. Por um triz não acabei me espatifando sem querer. Ficar pendurado de ponta-cabeça antes de tentar uma acrobacia não é recomendável.
Eu esperava passar despercebido por um pouco mais de tempo, mas talvez Lady Agath tenha sido a única pessoa no grande salão que não levantou a cabeça.
A seu favor, enquanto o garoto gordo se levantou rapidamente e várias das senhoras gritaram, Lorde Robert convocou a guarda da casa para proteger o conde. O próprio Conde Hansa deu um gole em seu vinho e depois gritou "eu tive um neto chamado William Ancrath".
"E eu tive um irmão com esse nome", gritei de volta.
Meu tio se levantou nesse momento.

Eu soltei o parapeito da janela. Com um movimento rápido, atirei minha adaga. Ela atingiu a bandeja do centro e fatias amareladas de batata salpicadas com sal marinho e pimenta do reino pularam pela mesa. A picada da aranha havia deixado as juntas de meus dedos doloridas e inchadas e a faca chegou bem mais perto da orelha de uma das senhoras do que eu pretendia.
Mais gritos. "É aquele garoto execrável!", gritou Lady Agath, finalmente olhando para mim.
"Você não aprova a preparação de nosso cardápio... sobrinho?", perguntou Lorde Robert.
"Acho que se vocês comerem o conteúdo dessa bandeja eu posso em breve não ter mais parentes no sul. Na verdade, talvez eu até possa ser herdeiro legal do condado!"
"É melhor você descer até aqui, Jorg", meu avô disse.
Para meu constrangimento, precisei da ajuda de uma escada para descer. A queda teria quebrado minhas pernas e as paredes internas do grande salão tinham reboco liso. Descer por uma escada com a bunda virada para o recinto não era das entradas mais impressionantes, mas eu *havia* acabado de salvar a vida deles.
"Você acha que nossa comida está envenenada?", meu avô perguntou.
Eu peguei um garfo de prata e espetei uma fatia da batata. "Mande trazer Qalasadi aqui e veja se ele gostaria de experimentar."
Lorde Robert franziu a testa. "Só porque estamos em desacordo com Ibn Fayed não quer dizer que todos os mouros queiram nos pegar."
Conde Hansa acenou para o guarda atrás de seu ombro e o homem saiu em sua tarefa.
"Mesmo assim, ele é culpado", eu disse. "E de tal modo que não há outra maneira de provar do que ver se ele será capaz de experimentar um pouco de seu açafrão."
"O açafrão?", perguntou o conde.
"Você verá que recentemente chegou um novo lote à sua cozinha, devidamente lacrado e mantido em segurança, tanto por seu valor intrínseco quanto por sua proteção. Esse lote provavelmente é parte de um fornecimento maior que está matando gente rica a torto e a direito pela costa. Um ato aparentemente aleatório de destruição despropositada. Mas eu conheço um homem capaz de calcular que parte desse mesmo lote acabaria em sua mesa, Conde Hansa. Um homem que também conhecia minha

identidade e pensou que eu daria um vilão perfeito, e que eu aceitaria a culpa com a elegância de minha linhagem."
"Cavar uma cova mais funda com sua espada, você quer dizer?", perguntou Lorde Robert com um leve sorriso em seus lábios.
Por um momento, eu me perguntei se Qalasadi não havia até mesmo considerado minha chegada, se em vez de ser uma vítima oportuna à qual atribuir seu crime eu não seria parte de um cálculo maior. Deixei esse pensamento de lado, considerando-o tanto improvável quanto irreal. "Nosso matemágico cometeu apenas um erro. Talvez seja até injusto chamá-lo de erro. Suponho que ele tenha considerado a possibilidade e decidido que ela era remota o bastante para arriscar. Ele não achou que fosse provável que o senhor deixasse os cozinheiros desperdiçarem ingredientes tão finos em meros guardas."
O homem que saiu para a incumbência de meu avô voltou. "Qalasadi não está em seus aposentos, Conde Hansa, e também não está no observatório." Acabaram descobrindo que Qalasadi deixou o castelo assim que a notícia do mal-estar dos guardas chegara até ele.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *26 de março, ano 99 interregno*

FLORESTA RENNAT. FIM DA TARDE.

Eu havia pensado em escrever sobre Hanna em seu túmulo. Sareth diz que eu carrego este diário comigo por toda parte, que eu tenho muito pouco em minha vida já que não consigo ficar sem ele. As pessoas que estão realmente vivendo, ela diz, não precisam ficar escrevendo a respeito a cada minuto – elas estão ocupadas demais com as coisas de verdade. Mas Sareth não sai do Castelo Alto há um ano e, enquanto aquele bebê está sugando o leite dela, eu fico sentada na Floresta Rennat com monstros!

Há um ogro de pelo menos três metros de altura com uma boca cheia de dentes afiados e olhos semicerrados. Ele olhou na minha direção a princípio, mas agora ele só fica esculpindo um pedaço de tronco caído, não com uma faca, mas com a unha preta de um dedo da grossura do meu pulso.

O segundo monstro é apenas um garoto, na verdade. Um garoto magrinho, mas quase pelado e marcado com padrões vermelhos e pretos, como ondas ou chamas. Ele salta de arbusto em arbusto, tentando ficar escondido e me observando com grandes olhos pretos. Quando ele corre dá para ver suas garras.

Estou me distraindo. Eu não quero pensar no que Jorg disse.

A criança-monstro chama-se Gog. Ele diz que Jorg lhe deu o nome, em homenagem aos gigantes da bíblia. Eu lhe disse que deveria haver um Magog também. Ele ficou tão triste com aquilo e a floresta pareceu muito quente de repente, como se fosse o mais alto dos verões.

"E o que você quer ser quando crescer, Gog?", eu perguntei a ele para distraí-lo do que o tenha chateado.

"Quero ser grande e forte", ele disse. "Para fazer Jorg feliz. E eu quero ser feliz, para fazer Gorgoth deixar de ser triste." Ele olhou para o ogro.

"E o que você quer para você?", perguntei.

Ele me olhou com os enormes olhos pretos. "Eu quero salvá-los", ele disse. "Como eles me salvaram."

Os homens de Jorg parecem nunca ter saído da estrada. Eles são bandidos, não o séquito de um rei. Sir Makin, que dizem ser um cavaleiro de verdade, é tão imundo quanto o restante. Há porcarias ressecadas em toda a sua armadura e ele fede como esgoto. Há alguma coisa nele, porém, mesmo com a sujeira. Sir Makin tem boas maneiras, ao menos.

O que eles chamam de Kent, o Rubro, tenta ser educado – milady isso, milady aquilo, fazendo reverência a cada curva. É bastante cômico. Quando eu lhe agradeci pela água que me trouxera ele corou do pescoço até o cabelo. Acho que sei como ele ganhou o apelido.

Quando não está me servindo, Kent passa a maior parte do tempo talhando, esculpindo alguma coisa, encostado a uma árvore e com uma faca preta na mão. É um lobo que está fazendo. Parece que ele está saindo da madeira, rosnando para o mundo. Ele disse que já foi lenhador. Muito tempo atrás.

E há um garoto, Sim. De traços bastante delicados como aquele ator que se apresentou na corte semana passada. Ele parece gentil, mas tímido. Não fala comigo, mas eu o pego olhando quando acha que não estou vendo. É o mais limpo de todos eles. Não acho que ele seja um grande guerreiro. Com certeza é fraco demais para balançar aquela espada dele.
Eu sei que Sir Makin sabe lutar. Eu me lembro que pôs Sir Galen à prova quando o pai de Jorg colocou um contra o outro, embora eu ache que meu Galen o teria derrotado. Talvez seja por isso que Jorg tenha derrubado a árvore de Sageous. Para salvar Sir Makin.
Os outros dois, os que Jorg mandou Kent, o Rubro, vigiar, são assassinos por completo. Dá para ver nos olhos deles. Há um gigante chamado Rike que é quase tão alto quanto o ogro e tão largo quanto um lutador eslavo. Ele parece estar com raiva o tempo inteiro. E há um velho, talvez com cinquenta anos, magro, ossudo, com pelos grisalhos no queixo e tão enrugado quanto Hanna era. Eles o chamam de Algazarra e ele tem olhos gentis, mas há algo nele que diz que seus olhos estão mentindo.
E eu estou sentada aqui, rabiscando o papel com minha pena para registrar malandros e vagabundos porque minha mão não quer acompanhar aonde Jorg foi ou escrever o que ele possa estar fazendo, ou emoldurar as palavras que estão martelando em minha cabeça.
Eu tentei apunhalar Jorg, mas foi como um sonho. Eu ao mesmo tempo sabia e não sabia o que minha mão estava fazendo. Eu não queria ouvir sua dor nem vê-lo sangrar. Eu não me lembro de pegar a faca para levar comigo. Eu disse a mim mesma para parar. Mas eu não parei.
E agora, se frei Glen estivesse aqui, eu iria querer ouvir sua dor e vê-lo sangrar. Eu não me diria para parar. Mas eu pararia. Porque pela primeira vez em muito tempo minha mente está lúcida, meus pensamentos são todos meus e eu não sou uma assassina.
27 de março, ano 99 interregno

FLORESTA RENNAT. ANTES DO MEIODIA. UM VENTO ALTO NAS ÁRVORES.

Sir Makin está andando para lá e para cá. Ele não diz, mas está preocupado com Jorg. Nós vimos uma patrulha passar mais cedo, entre os

campos. Estavam procurando por mim. Sir Makin diz que quanto mais deles procurarem por mim menos deles para Jorg se preocupar no castelo. O grandão. O enorme, na verdade. Rike. Está dizendo que eles devem ir embora. Que Jorg foi capturado ou morto. Kent diz que Jorg ajudou todos eles a escapar dos calabouços e que, se estiver preso lá naqueles mesmos calabouços, eles devem ir libertá-lo. Mesmo que Sir Makin diga que é loucura.
A noite foi fria e barulhenta. Eles me deram suas capas, mas eu preferia sentir frio a ficar debaixo daquelas coisas fedorentas e arrepiantes. Tudo se move na floresta à noite, rangendo, coaxando ou farfalhando nas folhas mortas. Eu estava feliz em ver o amanhecer. Quando acordei, o garoto, Sim, estava de pé encostado à árvore ao meu lado, observando.
O desjejum foi pão dormido e pedaços de carne defumada. Eu não quis perguntar de que animal veio. Eu comi. Meu estômago estava roncando e tenho certeza de que eles podiam ouvir.

Jorg voltou. Seus homens estão com mais medo agora do que quando pensavam que ele estivesse perdido. Ele parece um animal selvagem, com o cabelo arrancado e arrepiado com sangue, sem olhar para nada. Seus olhos ficam se revirando e ele mal consegue ficar de pé. Ele tem sangue em suas mãos, até acima dos cotovelos, suas unhas estão despedaçadas e duas delas estão faltando.
Makin disse a ele para dormir e Jorg apenas fez um som horrível. Acho que pode ter sido uma risada. Ele diz que nunca mais dormirá novamente. Nunca. E eu acredito nele.
Jorg continua se mexendo, afastando as árvores com as mãos, batendo em tudo que está em seu caminho. Ele diz que foi envenenado.
"Eu não consigo limpá-las", ele disse. E ele me mostrou as mãos. Parecia que as havia esfregado até arrancar a pele.
Eu perguntei o que estava errado e ele disse "estou rachado por dentro e cheio de veneno".
Ele assusta seus homens e assusta a mim também. De todos nós, eu sou quem os olhos dele mais evitam. Seus olhos estão vermelhos de tanto chorar, mas ele não está chorando agora, é só uma espécie de soluço seco intermitente.
Minha tia-avó possuía uma loucura. Tia-avó Lucin. Ela devia ter uns sessenta anos, uma mulher pequena, roliça, todos nós a amávamos. E um

dia ela jogou água fervente em sua criada. Ela jogou a água e depois ficou louca, declamando cantigas de ninar e se mordendo. O cirurgião de papai a mandou para Thar. Ele disse que havia um alquimista lá cujas poções talvez a curassem. E, caso as poções falhassem, ele tinha outros métodos. O cirurgião disse que esse homem, Luntar, podia remover pedaços da mente de uma pessoa até que sobrasse apenas o que era saudável.
Minha tia-avó Lucin voltou em uma carruagem dois meses depois. Ela sorria e cantava e podia falar sobre o tempo. Ela não era mais minha tia-avó Lucin, mas parecia suficientemente bem, e não escaldou mais nenhuma criada.
Eu não quero isso para Jorg.

• • •

Jorg disse a seus homens para me matarem e alguns deles parecem prontos a fazê-lo. Rike parece interessado. Mas Sir Makin disse que Jorg não sabe do que está falando e para eles me deixarem em paz.
Jorg está dizendo que precisa matar Sareth também. Diz que é uma gentileza. Ele está insistente. Kent e Makin tiveram de agarrá-lo no chão para impedir que ele corresse de volta ao castelo para fazê-lo. Agora ele está deitado na terra me observando. Ele fica me dizendo o que fazem com os homens nas masmorras de seu pai. Não pode ser verdade, nada disso. Fico enjoada só de ouvir. Sinto o gosto de vômito no fundo de minha garganta.
Jorg se sujou. A metade do tempo ele parece ver alguma coisa além da floresta à nossa volta. Ele olha para o nada, observa com grande atenção, depois grita ou ri sem aviso.
Ele está falando sobre nosso bebê. Eu ainda o chamo de nosso. Eu me sinto melhor do que dizer que foi frei Glen que me violentou. Ele está dizendo que o matou, mesmo que seja eu quem carrega este pecado, eu quem irá arder por ele. Ele diz ter matado o bebê com as próprias mãos. E agora está chorando. Ele ainda tem lágrimas, portanto. Está aos prantos, com ranho e sujeira da floresta grudados em seu rosto.
"Eu o segurei, Katherine, um bebê macio. Tão pequeno. Inocente. Minhas mãos se lembram do formato dele."
Não consigo ouvi-lo falar disso.
Contei a Sir Makin a respeito de Luntar e de como chegar a Thar.

Isto é o que Jorg disse quando eles o arrastaram e o amarraram a seu cavalo:
"Nós não somos lembranças, Katherine, nós somos sonhos. Todos nós. Cada parte de nós um sonho, um pesadelo de sangue e vômito e tédio e medo. E quando nós acordamos – nós morremos".
Quando levaram seu cavalo embora, ele gritou para mim, mas aquilo parecia mais lúcido do que o que dissera antes.
"Sageous envenenou a nós dois, Katherine. Com sonhos. Ele põe as mãos em nossas cabeças e puxa as cordas que nos fazem dançar e nós dançamos. Nada daquilo foi verdade. Nada daquilo."
Eu andei pelos campos até a estrada de Roma e a segui em direção ao Castelo Alto até os soldados me encontrarem e me escoltarem de volta. Vou dizer de volta. Não direi para casa.
Enquanto eu caminhava, as palavras de Jorg passavam por minha cabeça, de novo e de novo, como se um pouco de sua loucura houvesse entrado em mim. Fiquei pensando nos sonhos que estava tendo. Parece-me que já ouvi Sageous ser chamado de bruxo dos sonhos antes, mas de alguma maneira esse fato se apagou, tornou-se desimportante. Não era que eu havia me esquecido, era que eu havia parado de enxergá-lo. Assim como parei de enxergar aquela faca que peguei para apunhalar Jorg.
Agora eu estou enxergando.
O pagão esteve em minha cabeça. Eu sei disso. Ele escreveu histórias lá, dentro de meu crânio, atrás de meus olhos, assim como escreveu na pele dele. Precisarei pensar sobre isso. Para esclarecer tudo. Hoje à noite, vou sonhar com uma fortaleza e dormir do lado de dentro de seus muros. E ai de quem vier procurar por mim lá.

Os soldados me trouxeram pelo Portão de Roma para a Cidade Baixa, do outro lado da Ponte da Mudança, com o rio correndo vermelho do nascer do sol. Eu sabia que algo terrível havia acontecido. Toda a Cidade de Crath estava quieta como se um segredo horrível estivesse se espalhando pelos becos como veneno nas veias. As persianas – abertas para o alvorecer – fechavam-se conforme passávamos.
Lá no Castelo Alto o tom monótono de um sino soou várias vezes. O sino de ferro da torre do telhado. Eu já havia ido até lá para vê-lo, mas ele nunca tocou. Eu sabia que tinha de ser aquele, no entanto – nenhum outro

sino poderia fazer um som tão desagradável e maçante. E, em resposta, uma única voz grave de Nossa Senhora.
Perguntei aos soldados, mas eles não diziam nada, nem mesmo palpitavam. Não reconheci os homens, apenas suas cores; não eram guardas do castelo, mas unidades do exército selecionadas para a busca.
"Ele matou o pai?", eu lhes perguntei. "Ele o matou?"
"Nós procuramos pela senhora a noite inteira, milady. Não ouvimos nada do castelo." O sargento abaixou a cabeça e tirou seu elmo. Ele era mais velho do que eu imaginara, cansado, balançando-se em sua sela. "Melhor esperar que as notícias se contem."
Uma certeza fria tomou conta de mim. Jorg havia matado Sareth. Estrangulado-a por tomar o lugar de sua mãe ao lado de Olidan. Eu sabia que eles me levariam a seu corpo, frio e branco, esticado nas criptas onde ficam os Ancrath. Mordi o lábio e não disse nada, apenas deixei os cavalos percorrerem a distância que me separava de saber.
Nós passamos pelo Portão Triplo, fazendo barulho, cascos na pedra, cavalariços à disposição para pegar as rédeas e me ajudar a desmontar, como se eu fosse uma velha. O sino de ferro tocou o tempo todo, um barulho de fazer sua cabeça doer e os dentes rangerem.
No pátio, alguém havia acendido um incenso de mirra, uma vareta grossa soltando fumaça em uma arandela de tocha perto do sarilho. Se a tristeza tivesse cheiro, seria esse. Nós o queimamos em Scorron também, para os mortos.
Do arco da janela, muito acima da sacada da capela, entre os pulsos do sino, eu ouvi uma choradeira. Uma voz de mulher. Minha irmã nunca havia chorado daquela maneira antes, mas eu ainda a conhecia e o medo que havia posto suas garras em mim no Portão de Roma agora se revirava gelado em minha barriga. Os sons de dor, tão vivos e abertos quanto qualquer ferida, não poderiam ser para Olidan.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

44

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu fui visitar minha avó em seus aposentos. Tio Robert me avisara que a idade não havia caído tão bem nela quanto em meu avô.
"Ela não é a mulher que um dia foi", ele me contou. "Mas tem seus momentos."
Eu assenti e me virei para sair. Ele pegou em meu ombro. "Seja gentil com minha mãe", ele disse.
Mesmo agora eles me achavam um monstro. No passado, eu quis construir uma lenda, meter medo naqueles que pudessem ficar contra mim. Agora eu arrastava essas histórias atrás de mim até a casa de minha mãe.

A criada me acompanhou e me conduziu a uma cadeira confortável em frente à que minha avó ocupava.
De todos eles, minha avó era a que tinha mais de minha mãe. Alguma coisa nos traços de suas bochechas e o formato da cabeça. Ela se sentava curvada com um cobertor sobre os joelhos, apesar do calor do dia. Parecia menor do que eu me lembrava, e não somente porque eu não era mais criança. Ela parecia ter se fechado em si mesma após a morte de sua filha, como se tentasse apresentar um alvo menor a um mundo que se tornara hostil.
"Eu me lembro de você pequenininho – o homem diante de mim eu não conheço", ela disse. Os olhos dela passearam por mim, procurando algo familiar.
"Quando vejo meu reflexo eu sinto a mesma coisa, vovó." E a caixa em minha cintura, em um bolso de veludo agora, parecia pesada demais para carregar. *Eu não me conheço.*
Nós ficamos em silêncio por um longo minuto.
"Eu tentei salvá-la." Eu teria dito mais, mas as palavras não vinham.
"Eu sei, Jorg."
A distância entre nós desapareceu então e conversamos sobre anos passados, tempos em que ambos éramos mais felizes, e eu tive minha janela para o mundo que havia esquecido. E foi bom.

E, pouco a pouco, quando eu me sentei a seus pés, com os joelhos dobrados junto ao peito, a mão segurando o pulso à frente deles, aquela mulher idosa cantou as canções que minha mãe tocou anos atrás, como havia tocado na sala de música do Castelo Alto nas teclas pretas e brancas. Vovó pôs palavras na música que eu me lembrava, mas não conseguia ouvir, e ficamos sentados enquanto as sombras se alongavam e o sol caiu no céu.

Mais tarde, quando o silêncio confortável havia se estendido a algo que me convenceu de que ela caíra no sono, eu me levantei para sair. Alcancei a porta sem fazer barulho, mas assim que minha mão tocou a maçaneta minha avó falou atrás de mim.
"Fale-me de William."
Eu me virei e a encontrei me observando com os olhos mais atentos do que antes, como se um vento fortuito houvesse agitado as cortinas da idade e a revelado como um dia fora, forte e atenciosa, mesmo que só por um momento.

"Ele morreu." Foi tudo o que consegui encontrar para dizer.
"William era uma criança excepcional." Ela apertou os lábios enrugados e me observou, esperando.
"Eles o mataram."
"Eu conheci vocês dois, você provavelmente era jovem demais para se lembrar." Ela desviou o olhar para a lareira como se olhasse para a lembrança das chamas. "William. Havia algo de feroz naquele lá. Você também tem um toque disso, Jorg. A mesma mistura de dureza e inteligência. Eu o segurei e soube que se ele se permitisse amar a mim ou a qualquer outra pessoa jamais deixaria de fazê-lo. E que se alguém o contrariasse ele seria... implacável. Talvez vocês dois fossem destinados a ser um pouco assim. Talvez seja isso que aconteça quando duas pessoas tão fortes, e no entanto tão completamente diferentes uma da outra, fazem filhos."
"Quando eles o quebraram..." O relâmpago o revelara para mim em três lampejos rápidos enquanto o carregavam. Em um momento congelado, ele estava olhando para os espinhos, para o coração da roseira-brava. Olhando para mim. Sem nenhum medo. No segundo, ele foi apanhado pelas pernas. No terceiro, atirado contra aquele marco de milha, com fragmentos escarlates de crânio em meio aos cachos loiros. "Meu pequeno imperador", minha mãe costumava chamá-lo. O loiro daquela linhagem, em uma corte cheia de Ancraths morenos como os comissários.
"Quebraram quem, querido?"
"William", eu disse, mas os anos haviam se estabelecido novamente sobre minha avó e ela me viu através da idade.
"Você não é ele", ela disse. "Eu conheci um garoto como você uma vez, mas você não é ele."
"Sim, vovó." Dei um beijo em sua testa e depois saí. Seu cheiro era o de minha mãe, o mesmo perfume. Algo em seu cheiro irritou meus olhos e quase não consegui encontrar a porta na penumbra.

Eles me deram um quarto na torre leste, com vista para o mar. A lua descrevia as ondas em reflexos e fiquei sentado ouvindo o sussurro das águas até tarde da noite.

Pensei novamente na música que minha mãe tocava e que eu me lembrava por imagens, nunca por sons. Vi suas mãos se movendo pelas teclas, como

sempre, a sombra de seus braços, o balanço de seus ombros. E, pela primeira vez em todos os anos desde que nós entramos naquela carruagem, uma leve melodia daquelas notas silenciosas chegou a mim. Mais fraca e mais elusiva que a canção da espada, mas mais vital, mais importante.

Dois dias se passaram até o Conde Hansa me convocar à sala de seu trono, um aposento construído nos fundos do castelo, onde um grande círculo de vidro dos Construtores oferece a vista do Mar Médio em todos os seus tons que mudam constantemente. Eu fiquei de frente para o homem, de costas para as ondas distantes, com o sol poente tingindo cada uma de carmesim, e com o leve estampido da arrebentação pronto para sublinhar qualquer silêncio.
"Estamos em débito com você, Jorg", meu avô disse.
Meu tio estava de pé, ao lado direito do trono de meu avô, enquanto o velho se sentava em um assento de osso de baleia.
"Somos família", eu disse.
"E o que é que sua família pode fazer por você?" Conde Hansa podia ser o pai de minha mãe, mas era sagaz o bastante para saber que rapazes não cruzam meio continente só para visitar velhos parentes.
"Talvez nós possamos fazer coisas um pelo outro. Em tempos turbulentos, ter a possibilidade de pedir ajuda militar pode fazer a diferença entre a vida e a morte. Pode ser que esse Ibn Fayed se torne uma ameaça maior e chegue o dia em que os homens das Terras Altas fiquem lado a lado com a Casa Morrow para combatê-lo. Pode ser que minha própria posição esteja ameaçada e as tropas ou cavalos de meu avô possam ser de ajuda."
"Você está ameaçado agora?", meu avô perguntou.
"Não", respondi. "Não estou aqui em desespero, implorando. Estou procurando por uma aliança estratégica. Algo que dure anos."
"Nossas terras são muito distantes", ele disse.
"Talvez não seja sempre assim." Eu me permiti um sorriso. Eu tinha planos de expansão.
"Parece estranho que tenha vindo de tão longe quando os exércitos de seu pai estão a meros dias de distância de seus portões." O conde passou a língua em seus dentes como se sentisse algo podre.
"Meu pai é um inimigo que enfrentarei no campo de batalha em seu devido tempo", eu disse.
O conde bateu em sua coxa. "Este é o tipo de aliança que eu posso apoiar!" Ele me observou por um momento, com o riso abandonando-o. "Você é filho

de seu pai, Jorg. Não vou mentir. É difícil confiar em você. É difícil falar em enviar meu povo para lutar e morrer em solo estrangeiro para o menino de Olidan."
"Ele se doeria ao ouvi-lo me chamar assim", eu disse.
Lorde Robert se inclinou e cochichou ao ouvido do pai.
"Se você quiser unir seu destino ao meu, Jorg, então precisamos de laços mais fortes. Lady Agath é querida por sua avó e por mim. Seu filho governa Wennith e ele tem duas filhas. São meninas pequenas agora, mas estarão prontas para se casar em breve. No dia em que você se casar com uma delas, meus soldados também estarão prontos para lutar por sua causa." O conde se recostou em seu trono com um sorriso.
"O que você diz, Jorg?", tio Robert perguntou, também sorrindo.
Eu abri os braços. "Que eu aceito?"
Robert acenou para um cavaleiro à porta para abri-la e falou com um criado atrás dela. As mandíbulas da armadilha se fecharam ao meu redor. Muita coisa havia se passado nos dois dias desde que Qalasadi fugiu. Respostas devolvidas, carruagens enviadas.
"Kalam Dean, Lorde de Wennith, terceiro do nome!", o arauto anunciou, suando em suas sedas. "E Lady Miana."
Um homem robusto, baixo e de cabelos grisalhos e ralos entrou. Quase tão velho quanto meu avô, ele vestia uma túnica branca e podia passar por um simples monge, não fosse a grossa corrente de ouro enrolada em seu pescoço e descendo até o peito. Um rubi maior do que o ovo de um pombo pendia da corrente. Lady Miana veio no rastro dele, uma criança de oito anos, embrulhada em crinolina e veludo molhado, de olhos arregalados, corada pelo calor e com uma boneca de pano apertada bem firme em ambas as mãos.
O Lorde de Wennith veio direto até mim sem preâmbulos, esticando seu pescoço para me olhar de cima a baixo como se examinasse um cavalo suspeito. Eu resisti à vontade de lhe mostrar meus dentes. Ele podia ser roliço, grisalho e velho, mas tinha um ar de quem sabia das coisas, de quem conhecia bem os homens, e a ideia de pôr sua filha em meu leito matrimonial o agradava tanto quanto a mim. Ele se inclinou bem perto para dividir alguma confidência ou ameaça que só eu deveria ouvir. Ao se aproximar, o rubi balançou em sua corrente, capturando os últimos raios do sol. Ele parecia armazená-los, queimando em seu interior, e aquela luz despertou

alguma coisa em meu sangue. Um calor subiu por mim enquanto eu lutava para impedir minhas mãos de pegar a joia.
"Escute bem, Ancrath", disse Kalam Dean de Wennith, e o rubi balançou de volta contra o peito dele, terminando a conversa. Ele deu um grito de dor e se afastou, com um pedaço de sua túnica chamuscado embaixo da pedra. Enquanto os guardas se apressaram até o lado de Wennith e meu avô chamou os criados, a criança se aproximou de mim. "Rei Jorg."
"Lady Miana." Eu me ajoelhei para ficar da altura dela, virando o rosto para não assustá-la com minhas queimaduras. "E como a sua bonequinha se chama?" Eu tinha pouca experiência com crianças, mas parecia uma abertura bastante segura. Ela olhou para baixo com surpresa, como se não soubesse que o brinquedo estava ali.
"Ah", ela disse. "Não é minha. Já sou quase crescida. É de Lolly, minha irmã." O formato de sua boca denunciou a mentira: um gosto amargo para ela. Suas primeiras palavras para mim e eu já havia feito dela uma mentirosa. Se nós nos casássemos, seria o menor de meus crimes. Eu seria a ruína de sua vida, dessa garotinha com sua boneca de pano. Se ela tivesse noção disso fugiria. Se eu tivesse decência eu a faria fugir. Mas, em vez disso, eu mentiria para seu pai, sorriria, seria naquele momento qualquer homem que ele precisasse que eu fosse – e tudo pela promessa de cavalaria pesada, de quinhentos cavaleiros nos melhores corcéis da Costa Equina.
Um frei da capela Morrow acompanhou Lord Wennith da sala do trono, com o auxílio de um guarda. Miana saiu atrás deles. Ela parou e se virou.
"Lembre-se de mim", ela disse.
"Lembrarei." Eu acenei com a cabeça, ainda de joelhos. Um dia de orgulho como aquele ficaria para sempre em minha memória se eu deixasse. Dei-lhe um sorriso. "Eu não deixarei sua lembrança sumir, Miana. Tenho um lugar para guardá-la, bem seguro."
No dia seguinte, Kalam Dean e eu terminamos nossas negociações. Ele não trouxe seu rubi para a discussão, mas o prometeu como o dote de Miana. E naquela mesma noite descobri como retirar uma lembrança indesejada de minha mente e colocá-la na caixa de cobre de Luntar. Tudo que eu guardei de Miana foi seu nome, o fato de que eu deveria me casar com ela e que uma cavalaria de quinhentos homens um dia viria em resposta a meu chamado.

• • •

O restante do tempo que passei no Castelo Morrow e minha jornada de volta às Terras Altas são histórias que acho melhor guardar para outro dia. Antes de sair, porém, na véspera de meu noivado, voltei à sala sob a adega, dessa vez com permissão.
Meu tio chamava-a de "câmara dos resmungos". A máquina parecia ter apenas três tarefas. Primeiramente, manter acesas todas as lâmpadas espalhadas pelas partes mais antigas do castelo. Segundo, sugar a água do mar sob os penhascos e convertê-la em pura água potável para os chafarizes dos pátios. E, finalmente, deixar que o resmungão Fexler Brews aproveitasse uma espécie de meia-vida em que ele geralmente escarnecia da ignorância dos vivos, lamentava nossa existência e reclamava das coisas que ele mesmo deixara inacabadas.
"Vá embora."
Fexler apareceu no momento em que entrei na câmara e repetiu sua saudação anterior.
"Venha me tirar", eu disse outra vez.
"Ah, o jovem com as perguntas", disse Fexler. "Eu já fui um jovem com perguntas muito tempo atrás, sabia?"
"Não foi nada. Você é o eco de um homem que foi. Você nunca foi jovem – apenas novo."
"E o que você quer saber?", ele perguntou, fazendo uma cara de zangado.
"Você pode acabar com sua existência?", eu perguntei.
"Nem todo o mundo procura um fim, garoto."
"Você acha que eu procuro meu fim?"
"Todos os jovens são um pouco apaixonados pela morte."
"Eu estaria mais do que apaixonado por ela se passasse mil anos em um porão."
"Tem sido tentador", admitiu Fexler.
"Você ao menos tem permissão de querer acabar consigo mesmo?", eu perguntei.
"Você é obcecado pela morte, criança."
"Você não respondeu a pergunta", eu disse.
"Não tenho permissão para responder essa pergunta."
"Complicado!" Eu dei um passo para trás e me sentei no último degrau.
"Então, o que você pode fazer por mim?"
"Posso conceder-lhe três perguntas."
"Como um gênio", eu disse.

"Sim, mas eles concedem desejos. Faltam duas".
"Isso foi uma observação, não uma pergunta!", gritei.
Eu mordi o lábio. "Você jura dar respostas completas e sinceras?"
"Não. Faltam duas."
Merda. "Fale-me sobre armas", eu disse.
"Não. Falta uma."
"Aponte-me para a mágica dos Construtores mais útil e portátil desta câmara", eu disse.
Fexler deu de ombros e depois apontou para o que parecia ser uma das válvulas da máquina enegrecida. Eu me aproximei para examiná-la. Não era uma válvula, mas outra coisa. Um anel dentro de um buraco.
"Não é nada portátil."
"Gire-o", ele disse.
Eu limpei a região com a manga de minha camisa. Um anel de prata de cerca de sete centímetros de espessura em cima de uma projeção cilíndrica grossa. Sulcos rasos ao redor da borda davam alguma tração. Eu o girei. Era extremamente duro, mas com os ossos de minha mão quase rangendo consegui girar o anel.
Nada aconteceu.
Eu girei novamente. Mais fácil dessa vez. Outra vez. Eu o girei várias vezes e o anel se soltou em minha mão.
"Bonito", eu disse.
"Olhe através dele", Fexler sugeriu.
Eu o segurei contra o olho. Nada por um segundo, em seguida uma imagem se sobrepôs à minha visão, um círculo azul com padrões brancos intrincados, infinitamente detalhados. Por algum motivo, aquilo fez eu me lembrar do globo de neve de Alaric. "É maravilhoso", eu disse. "O que é isso?"
"Seu mundo inteiro. Visto de mais de trinta e dois mil quilômetros acima do solo."
"É uma queda e tanto. O que são os redemoinhos brancos?"
"Formações climáticas."
"Climáticas?" Parecia incrível que eu estivesse vendo nuvens de cima e não de baixo, e de tal altura que todo o ciclo e o desenho delas se revelavam.
"Clima de quando? Da sua época?"
"De hoje. De agora."
"Isto não é só uma pintura?"

"Você está vendo o mundo enquanto ele acontece. O seu mundo", disse Fexler.
Eu mudei a forma como segurava o anel e desabei, ou achei que houvesse, voando para baixo e para a esquerda, como uma águia mergulhando. Uma pequena ondulação na ponta de um grande redemoinho de nuvem agora ocupava minha visão e eu podia ver a terra lá embaixo, e um fio brilhante cortava os verdes e marrons. Eu tropecei, mas consegui manter o equilíbrio.
"Eu estou vendo um rio!" Um velho instinto me pegou. A desconfiança retirou o anel e suas visões de meu olho. "Por quê?"
"Por quê?", ele perguntou.
Girei o anel entre o indicador e o polegar. "Cuidado com presentes de fantasmas, dizem."
"Você quer dizer de gregos, mas a ideia está correta", Fexler franziu a testa. "Você tem algo que me interessa. E, como pode ver, você é mais do que parece. Não é todo dia que um campo de batalha desce minhas escadas."
"Campo de batalha?"
"Você é uma conexão de duas formas opostas de energia, meu jovem – uma escura, outra clara. Há nomes técnicos para elas, mas escuro e claro servem bastante. Com um pouco mais de tempo elas irão destruí-lo. Literalmente. É um processo exponencial, e o final será repentino e 'violento'."
"E por que você sabe disso?" Meu olhar se voltou para o anel.
"Uma lição de vida, Jorg. Tudo que você observa o observa de volta. O anel examinou seu cérebro em detalhes bastante minuciosos."
Minha mandíbula se apertou ao ouvir aquilo. A ideia de ser medido, de ser classificado, não me atraiu. "Mas isso é algo inesperado que você descobriu, não é o que estava procurando?"
"Você sabe o que eu estava procurando." Fexler sorriu. "Talvez você seja gentil o bastante para mostrá-lo ao anel?"
Peguei minha caixinha de lembranças. Hoje ela parecia tremer em minha mão. O anel da visão batia-se contra ela como se ambos fossem pedras-ímã atraídas mutuamente. Por um instante, a imagem de Fexler pulsou mais fortemente.
"Interessante", ele disse. "Bruto porém inteligente. Notável, até."
Caixa e anel se separaram – terminaram um com o outro. Fexler olhava para mim fixa e intensamente.
"Eu posso ajudá-lo, garoto. O fogo e a morte têm suas garras bem presas em você. Chame de mágica. Não é, mas isso será mais fácil se dissermos que é.

Suas feridas ancoram os encantamentos, ambos tentando puxá-lo para os domínios de onde eles brotam. Sozinho, qualquer um dos dois o puxaria para baixo com o tempo e o transformaria em algo diferente, algo que não fosse mais humano. Você me entende?"
Eu assenti. Ferrakind e o Rei Morto esperavam por mim em infernos separados.
Fexler direcionou o olhar para a caixa, apertada em minha mão. "Tudo o que o salva é que essas forças estão em oposição. Muito em breve, porém, tal oposição irá parti-lo ao meio."
Ele esperou que eu falasse, implorasse ou suplicasse por seu auxílio. Eu contive a língua e o observei.
"Eu posso ajudá-lo", ele disse.
"Como?"
Ele deu um sorriso nervoso. "Está feito. Eu vinculei ambas as forças através dessa sua caixinha interessante. Isso é bem mais forte do que você. Pode durar indefinidamente. E, enquanto durar, o processo deve ser paralisado; nenhum poder deve conseguir se apoderar melhor de você ou puxá-lo mais para o fundo de seus domínios."
"E o que é que você quer por esse... presente?", eu perguntei.
Fexler rechaçou a pergunta com um aceno irritado. "Apenas lembre-se disto, Jorg de Ancrath: não abra essa caixa. Abra-a e meu trabalho será desfeito. Abra-a e você estará acabado."
A caixa cintilou quando eu a virei em minha mão. "Pandora tinha uma dessas."
Eu olhei para cima para dividir a piada com Fexler, mas ele havia desaparecido. Vários minutos silenciosos se passaram e eu, sozinho no porão, com a caixa e o anel em minhas mãos. Eu havia conseguido bem mais do que três respostas do fantasma, mas tinha mil perguntas mais do que quando comecei.
"Volte." Eu soei como um bobo.
O fantasma não voltou.
Pus o anel em meu bolso. Interessante ou não, parecia estranho que o rabugento houvesse me beneficiado acima dos outros que o visitaram. Tio Robert nunca mencionou presente de nenhum tipo, nem qualquer resposta realmente significante. Fexler queria algo de mim. Algo pessoal. Aquele último sorriso nervoso o denunciara. Ele podia estar morto por mil anos, podia ser um Construtor ou apenas a história de um Construtor em uma

máquina de engrenagens e mágica, mas antes de tudo isto ele era um homem, e eu conhecia os homens. Ele queria alguma coisa – algo que ele não podia pegar, mas que achava que eu poderia dar.
Eu me perguntei, apesar de sua zombaria, se a morte tinha um fascínio para o fantasma também. Nós não fomos feitos para viver para sempre, nem para permanecer na solidão. Uma vida sem mudança não é vida. O espírito debaixo do Monte Honas concordava comigo. Talvez a única maneira que Fexler Brews teve para me dizer isso foi me oferecer seu presente. E esperar que eu o ajudasse. Ele queria algo, disso eu tinha certeza. Todo mundo quer alguma coisa.
Eu teria que pensar a respeito. A máquina fazia Fexler. Meu avô não me agradeceria por destruir sua fonte de água fresca, nem os homens que precisassem bombear os chafarizes depois. Desaparecido ou não, no entanto, Fexler Brews e eu não estávamos terminados um com o outro.

Falei com meu tio na noite daquela visita ao porão de Fexler. Nós nos sentamos na torre do observatório com um jarro de barro de vinho, que parecia ser tão velho que podia ter sido escavado da tumba de um faraó, e dois cálices de prata entalhados com cavalos empinados. Um vento frio suspirava entre os arcos e uma poeira brilhante de estrelas cobria o céu preto.
"Sua mãe costumava vir aqui quando éramos crianças", disse Robert.
"Ela nos ensinou os nomes das estrelas", eu disse. "Embora William fosse bem pequeno. Ele só conseguia encontrar a Estrela do Cão e a Estrela Polar." Eu vi Will apontando, o braço esticado como se fosse tocar cada estrela, o dedo à procura.
"Sirius e Polaris." Robert deu um gole em seu vinho. "Não me lembro de muito mais. Rowen é que tinha cabeça para isso. Em alguns gêmeos os dons não são compartilhados igualmente. Rowen tinha o cérebro e a beleza. Eu fiquei com... a aptidão para os cavalos."
"Eu tenho aptidão para matar." O vinho correu sobre minha língua, com sabor sombrio e em camadas.
"Mais que isso, certamente." Robert apontou uma constelação através do arco da janela. "Qual é aquela lá?"
"Órion." Eu me levantei e caminhei para olhar para fora. "Betelgeuse, Rigel, Bellatrix, Mintaka, Alnilam, Alnitak, Saiph." Eu falei as partes do gigante.
"Você a sentiu morrer? Gêmeos são assim?"

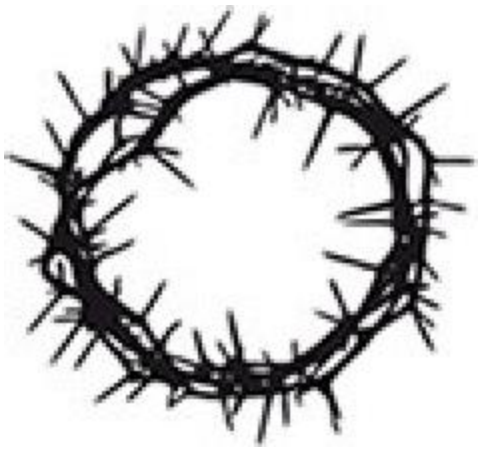
"Não." Ele olhou para dentro de seu cálice.
"Talvez." Ele pôs o vinho diante de si. "Talvez fosse assim para ela. Quando eu fiquei preso contra o Penhasco do Caranguejo pela maré da primavera, Rowen sabia aonde levar o guarda com as cordas. Nós éramos apenas crianças, não tínhamos nem dez anos, mas ela de alguma forma sabia. Outro talento que não se dividiu irmãmente entre nós."
Eu o observei, meio ressentido por ele ter tido tantos anos com ela. Ela era minha mãe e, no entanto, tudo sobre ela me escapava, um pouco mais a cada dia, como areia pelos dedos. Eu não conseguia desenhar seu rosto, dizer a cor de seus olhos ou qualquer coisa concreta, apenas ângulos, vislumbres, momentos, o cheiro e a maciez dela. A segurança que ela dava – e a noite em que eu aprendi que aquilo era uma mentira.
"Fui à câmara dos resmungos de manhã", eu disse.
O anel de visão dos Construtores estava pendurado em uma tira em volta de meu pescoço, sob a túnica que o criado de Robert havia me dado. Eu cogitei puxá-lo para fora para mostrar a ele, mas não o fiz. Hábitos aprendidos na estrada são difíceis de largar. Eu pusera as mãos nele, então ele era meu e eu manteria minha vantagem escondida. O metal pesava bastante em cima do meu coração. Talvez seja assim a sensação da culpa.
"Toda aquela poeira e aranhas só para um fantasma velho mandar você ir para o inferno." Meu tio tomou um gole de seu vinho. "Eu ia lá embaixo algumas vezes por ano. Mas o rabugento nunca muda e no final quem mudou fui eu."
"Você sabe o que a máquina faz?", perguntei.
"Quem sabe para que serve toda aquela diabrura? Ela bombeia água – isso eu sei, mas dizem que tudo que os Construtores fizeram fazia dez coisas diferentes. Meu pai a deixa quieta há sessenta anos, o pai dele a manteve intocada, e o pai dele também. É de um mundo que é melhor esquecer. Gelleth deveria ter lhe ensinado isso."
Meu vinho ficou amargo. A luz daquele Sol dos Construtores havia chegado até a Costa Equina em uma noite de verão. Ele estava errado, de todo modo. Os Construtores não haviam desaparecido, nós não podíamos esquecê-los. Seus fantasmas ecoavam em maquinários enterrados em nossos porões, seus olhos nos observavam de cima das nuvens, nós lutávamos nossas pequenas guerras à sombra deles. Talvez nós até começássemos aquelas guerras instigados por eles, algo para nos manter ocupados, para nos manter concentrados demais no agora para não pensarmos no depois.

"Gelleth me ensinou um monte de coisas. Que somos crianças em um mundo que não nos pertence e que não compreendemos. Que nós estamos sozinhos e que meu fracasso ou sucesso depende da força de minha vontade. Da distância que estou disposto a percorrer. E que ninguém virá nos ajudar na hora em que precisarmos." E que algumas coisas não podem ser consertadas, mesmo que você traga o sol à Terra e desintegre montanhas.
Eu pensei em Gelleth, nos fantasmas que Chella atraiu de mim. Desde a noite da tempestade e dos espinhos, eu havia sido assombrado pelo que os outros fizeram a mim. Gelleth me ensinou que eu também podia ser assombrado pelo que fizera aos outros.
A criança morta me observava, jogada contra as ameias da torre, sangue e cabelo, uma lembrança de William e do marco de milha, os olhos como dois pontos brilhantes de luz das estrelas. Outro fantasma, outro infortúnio procurando um lar.
"Você nunca apareceu. Achei que você fosse me buscar." Na minha cabeça, eu vira tio Robert chegando ao Castelo Alto cem vezes, com a cavalaria da Casa Morrow enfileirada atrás dele, para exigir que se responsabilizassem pela morte de sua irmã, para reivindicar seu sobrinho e levá-lo para casa.
"Se Morrow houvesse aparecido para vingar a morte de mamãe, Gelleth não teria acontecido." Nem os anos na estrada. Nem os rios de sangue. Nem a criança morta observando.
Robert analisou seu cálice. "Você fugiu de Ancrath antes mesmo que a notícia da morte de Rowen chegasse até nós aqui. Olidan demorou a mandar o recado, e o recado demorou a encontrar o caminho."
"Mas você não apareceu." Uma antiga raiva se acendeu dentro de mim e eu fui rapidamente em direção às escadas caso ela fervesse. Eu havia subido os degraus como um rei, um homem chegando aos quinze anos, e agora uma criança magoada e irada gritava através de mim, através dos anos.
"Jorg..."
"Não!" A mão que eu levantei para mantê-lo em seu lugar tremia com a força daquilo que eu segurava dentro de mim e o ar pareceu agitar-se com calor.
Eu não sabia que as lembranças tomariam conta de mim dessa maneira.
Corri da torre, com medo de encontrar o sangue de um segundo tio em minhas mãos.

Acalmamos a dor entre nós na manhã seguinte, mas com as amabilidades, as palavras vazias que são postas por cima em vez de apagadas. Eu não o deixei mencionar aquilo outra vez. Em vez disso, falei sobre Ibn Fayed e sobre Qalasadi. Eu havia percorrido distâncias significativas para ajustar contas pela morte de minha mãe e de William, mas aqui estavam dois homens que estiveram a momentos de tirar de mim a família inteira de minha mãe – meu tio, minha avó e meu avô. Além disso, o matemágico havia, de cabeça fria, descoberto meu segredo e escolhido matar todos antes mesmo que soubessem que eu estava entre eles, envenenando os parentes de minha mãe e desejando minha morte por isso, como uma restituição horrível. Não havia malícia naquilo, apenas cálculos, mas eu não podia deixar uma equação como essa desequilibrada. Não seria direito.

Robert tentou me desencorajar da vingança. "Ibn Fayed virá até nós quando for a hora e perderá sua força aqui. Essa será a hora de prestar contas." Mas eu tinha planos mais imediatos. A vingança pode ser um caminho fácil de seguir, embora eu geralmente dissesse que fosse o mais difícil.

Fui embora pela última vez meses depois, bronzeado, mais alto, abastecido e coberto de presentes. Meus alforjes estavam abarrotados deles, tentadores o suficiente para quaisquer bandidos que pudesse encontrar. Guardei o que mais importava comigo: a caixa com a estampa de espinho, o anel de visão dos Construtores e a arma que matou Fexler Brews mais de novecentos anos antes, uma massa compacta, dura e pesada, amarrada sob meu braço. Eu sempre considerei o "não" um desafio em vez de uma resposta.
Além desses tesouros, porém, eu saí com uma mensagem – um mantra, se preferir. *Não abra essa caixa. Abra-a e meu trabalho será desfeito. Abra-a e você estará acabado.*
Nunca abra a caixa.



Você não verá o irmão Grumlow tentar esfaqueá-lo, só a dor em seus olhos conforme você cai.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

45

Dia do Casamento

O estrondo de uma rocha contra a muralha da fortaleza abafou a minha voz. Um escudo caiu de seu gancho e retiniu no chão, levantando poeira.
"O portão não vai aguentar", eu disse novamente.
"Então nós lutaremos com eles no pátio", disse Sir Hebbron. Eu escolhi não mencionar que ele havia se rendido a mim no mesmo pátio quatro anos antes, apenas com Gog e Gorgoth em minhas costas, em vez dos catorze mil homens do Príncipe de Arrow.

Se Coddin estivesse presente ele mesmo teria falado em rendição. Não por medo, mas por compaixão. Talvez dissesse que, quando retrocedêssemos à fortaleza, ele gritaria as condições para que as pessoas comuns abrigadas no Assombrado pudessem ser poupadas.
Mas Coddin não estava presente.
A criança morta me observava de um canto sombreado, mais velha e triste a cada ano que passava. No canto de minha visão, ela parecia falar, mas se eu olhasse em sua direção ela ficava sem dizer nada, com os lábios azuis apertados. Que homem pode esperar pela vitória quando sua condenação o observa de todas as sombras? Ele não era de mais ninguém a não ser meu, esse fantasma, não era um truque de Chella, não foi enviado pelo Rei Morto, apenas um lembrete triste e silencioso de um crime que nem a caixinha de Luntar podia manter totalmente em segredo.
Outro estrondo e desviei o olhar do canto, livrando-me do momento.
Os cavaleiros e capitães me observavam, com a luz das janelas altas brilhando em suas armaduras. Esses homens foram feitos para a guerra.
Pensei em quantos deles eu sacrificaria para deter o Príncipe de Arrow.
Quantos eu sacrificaria apenas para ferir Arrow, apenas para fazer um buraco maior em seu exército.
A resposta acabou sendo todos eles.
"Quando eles vierem nós iremos combatê-los no pátio. E pelas portas da fortaleza, subindo cada escada, até este mesmo recinto, se necessário."
Minha bochecha latejou onde eu a havia cortado, doendo a cada palavra.
Passei os dedos pela linha de sangue preto e coagulado.
"Sir Makin, Sir Kent, quero vocês liderando a defesa no portão. Quero todo mundo desta sala lá fora."
Eles foram em direção à porta. Kent parou.
"Sir Kent?", ele disse.
"Não vá deixar isso lhe subir à cabeça", eu disse. "E não espere uma cerimônia."
Kent balançou lentamente a cabeça. Vi seus olhos brilharem. Não achava que significaria tanto para ele.
"Pegue os 'escorpiões' das paredes e ponha-os no pátio. Coloque-os à frente e no meio. Você terá um tiro e depois eles serão apenas uma barricada", eu disse. "E Makin, coloque uma armadura."
O Assombrado tinha cinco "escorpiões", balestras gigantes sobre rodas que podiam mandar uma lança a quatrocentos metros. Enfileire um bocado de

homens na frente deles e você terá algo como os pedaços de carne em espetinhos servidos à mesa no Castelo Morrow.
"Você não, Miana. Fique", eu disse quando ela começou a seguir os cavaleiros. "E Lorde Jost!", acrescentei. "Estou dependendo da ajuda de vocês. Tudo está no lugar."
Lorde Jost pôs seu elmo cônico na cabeça e jogou o véu de cota de malha para trás de seu pescoço. Ele olhou para mim e para Miana. "Nossa aliança requer que a união seja selada, Rei Jorg."
Eu joguei as mãos para o alto. "Pelo amor de Deus! Você nos viu casar. Estamos no meio do dia e travando uma batalha campal."
"Mesmo assim." Não havia como negociar com aquele rosto espremido. Ele se virou para acompanhar Sir Makin. "Seu avô sabe que o sangue de ambos os seus pais corre em você, majestade. Não posso agir até a aliança estar completa."
E aquilo me deixou em meu trono, em uma sala que ecoava de tão vazia, com Miana em seu vestido de noiva e dois guardas à porta olhando para os pés.
"Merda." Dei um pulo e peguei sua mão, conduzindo-a até a porta. Parecia que estava levando uma criança para passear.
Passei pelos guardas e me apressei até a escadaria da torre leste. Miana teve que segurar suas saias e quase correr para me acompanhar enquanto eu subia dois ou três degraus ao mesmo tempo.
Um chute vigoroso fez as portas de meu quarto se escancararem. "Saiam!", gritei, e várias criadas passaram correndo por mim, segurando panos e espanadores. Acho que elas estavam se escondendo em vez de limpando.
"Lorde Jost requer que eu remova sua virgindade", eu disse a Miana. "Ou a Casa Morrow não poderá me apoiar." Não queria ter sido tão direto, mas eu estava com raiva e até mesmo constrangido.
Miana mordeu o lábio. Ela parecia assustada, mas determinada. Ela puxou as amarras laterais do vestido.
"Pare", eu disse. Nunca gostei de ser pressionado. De forma nenhuma. Miana tinha uma aparência suficientemente boa e doze anos não é tão jovem. Eu estava matando aos doze. Mas algumas mulheres desabrocham cedo e outras tarde. Ela podia ter a cabeça de uma pirata, mas parecia uma criança.
"Você não me deseja?" Ela hesitou. Agora ela acrescentou mágoa e raiva ao medo e à determinação.
Na estrada, reparei que são os homens velhos que gostam das meninas novas. Irmão Algazarra e irmão Mentiroso iam atrás das bem novas. Mais

novas que Miana. Irmão Sim e eu sempre admiramos experiência. As formas mais cheias. Então não, eu não a desejava. E ser forçado a ter algo que você não quer, assim como ser forçado a comer lula apimentada quando o que você quer é carne e batatas, tira seu apetite. Qualquer tipo de apetite.
"Eu não a desejo agora", eu disse. Soou mais prudente do que chamá-la de lula apimentada.
Pus a mão atrás de minha coxa esquerda. Latejava feito o diabo após a corrida escada acima. Acabei abrindo um ferimento que nem me lembrava ter sofrido. Acho que talvez tenha sido quando caí na caverna logo antes da avalanche. Seis mil homens mortos em uma manhã de trabalho e eu saio com um ferimento autoinfligido na bunda. Meus dedos ficaram ensanguentados.
Quatro passos rápidos me levaram até a cama. Puxei as cobertas. Miana se encolheu como se eu houvesse batido nela. Limpei a mão em cima do linho limpo, apertei a ferida de minha perna outra vez e repeti o processo.
"Pronto", eu disse. "Isso parece o bastante?"
Miana parecia estarrecida. "Eu nunc..."
"Vai ter que ser. Parece o bastante para mim. Até parece que eu vou sangrar mais do que isso."
Arranquei o lençol da cama e o atirei para fora pelas barras da janela, percebendo duas flechas usadas caídas no chão que deviam ter vindo da serra mais cedo. Amarrei o lençol a uma das barras e deixei o vento agitá-lo para que o mundo todo visse que eu havia feito de Miana uma mulher.
"Se contar uma palavra disso a qualquer pessoa, Lorde Jost irá insistir que nós façamos na mesa alta do salão de banquete, com todos assistindo", eu disse.
Ela assentiu.
"Aonde você vai?", ela perguntou quando andei em direção à porta.
"Descer."
"Tudo bem", ela disse. Ela se sentou na cama, quicando levemente. Seus pés não tocavam o chão.
Eu pus a mão na maçaneta.
"Mas eles cantarão músicas sobre Jorg Ligeiro por anos a fio. Rápido com uma espada, mais rápido ainda com a outra", ela disse.
Eu tirei a mão da maçaneta, virei-me e andei de volta para a cama. Derrotado.
"Sobre o que você quer conversar?", perguntei, sentando-me ao lado dela.
"Conheci Orrin de Arrow e seu irmão Egan também", ela disse.

"Eu também." Lembrar de como aquela luta de espadas terminou ainda me dava dor de cabeça. "E onde você os conheceu?"
"Eles foram ao castelo de meu pai em Wennith, em uma de suas grandes excursões pelo Império. Orrin estava com sua nova esposa." Ela me observou, esperando uma reação. Alguém havia falado com ela.
"Katherine." Eu reagi mesmo assim. Não era por estar casado com uma criança que meu fascínio por mulheres acabaria, especialmente por aquela.
"E o que você achou do príncipe?" Eu queria perguntar sobre Katherine, não sobre Orrin e seu irmão, mas contive a vontade, não para poupar os sentimentos de Miana, mas com aversão à fraqueza que a simples menção a Katherine causava em mim.
"Orrin de Arrow me pareceu o melhor homem que já havia conhecido", disse Miana. Ela claramente não tinha o menor remorso de poupar meus sentimentos também! "Seu irmão Egan eu achei muito cheio de si. Papai disse a mesma coisa. A mistura errada de fraco com perigoso. Orrin, contudo, eu achei que daria um ótimo imperador e uniria a Centena em paz. Você nunca cogitou prestar juramento a ele quando chegasse a hora?"
Encontrei o olhar dela, olhos escuros e argutos que não deviam estar no rosto de uma criança. A verdade é que eu havia pensado muitas vezes no que faria se Orrin de Arrow voltasse ao Assombrado trazendo ou não um exército consigo. Eu não tinha dúvidas de que ninguém me acharia mais adequado ao trono do imperador do que Orrin e, mesmo assim, sem eu dizer, milhares estavam preparados a sangrar para impedi-lo. Para chegar a algum lugar na vida é preciso andar sobre cadáveres e eu fiz meu caminho com corpos e mais corpos. Gelleth ardeu por minha ambição. Ainda arde.
"Eu cogitei."
Miana se espantou quando eu falei. Ela achou que eu não fosse responder.
"Houve um tempo em que eu poderia ter servido como comissário ao imperador de Orrin, poderia ter deixado meus pastores de cabras e os fazendeiros dele viverem suas vidas em paz. Mas as coisas mudam, os acontecimentos nos carregam, mesmo quando você acha que está no comando, gritando ordens. Irmãos morrem. Escolhas são tiradas de nós."
"Katherine é muito bonita", disse Miana, abaixando o olhar dessa vez.
Gritos do lado de fora, o chiado de flechas, um estrondo distante. "Já fizemos isso tempo suficiente?" Eu não perguntei sobre Katherine e tinha uma batalha para lutar. Fiz que ia me levantar da cama, mas Miana pôs a mão em minha coxa, meio nervosa, meio corajosa.

Ela pôs a mão em seu vestido novamente, e pensei que pudesse haver mais determinação do que medo nela, mas ela não estava desamarrando. Ela puxou um saco preto de veludo, pendurado em seu cordão. Grande o bastante para conter um olho.
"Meu dote", ela disse.
"Esperava algo maior." Eu sorri e o peguei.
"Não sou eu que digo isso?"
Eu ri alto com aquilo. "Alguém colocou uma velha malvada dentro do corpo de uma garotinha e a enviou para mim com o menor dote do mundo."
Virei o conteúdo do saco em minha mão. Um único rubi, do tamanho de um olho, lapidado por um especialista, com uma estrela vermelha queimando em seu interior. "Legal", eu disse. Ele parecia quente em minha mão. Meu rosto ardeu onde o fogo havia me marcado.
"É um trabalho de magia", Miana disse. "Um mago do fogo armazenou o calor de mil lareiras aí. Ele pode acender tochas, ferver água, aquecer um banho, fornecer luz. Ele pode até se aquecer o suficiente para juntar dois pedaços de ferro. Eu posso lhe mostr..."
Ela estendeu a mão para pegar a pedra, mas eu fechei a mão em torno dela.
"Agora sei por que os jurados pelo fogo gostam de rubis", eu disse.
"Seja cuidadoso", Miana disse. "Seria... desaconselhável quebrá-lo."
No instante em que meus dedos se encontraram em torno da pedra, um impulso de calor correu dentro de mim, como um choque, queimando meu braço. Por um momento, vi apenas o incêndio e senti as mãos afiadas de Gog em cada lado meu, como se ele estivesse sentado atrás de mim em cima de Brath outra vez, como havia feito por tantos dias naquela primavera há muito tempo. Eu ouvi sua voz aguda, quase, como a música de minha mãe, tentando me alcançar de muito longe. Alguma coisa se acendeu em meu interior e o fluxo de fogo se reverteu, descendo rapidamente de meu braço para a joia.
Um barulho agudo de estilhaços veio do rubi e eu o soltei com um grito.
Miana o pegou: tinha mãos rápidas. Eu esperava que ela gritasse e soltasse a pedra, mas o rubi ficou frio na palma de sua mão. Ela o pôs na cama.
Eu me levantei. "É um dote respeitável, Miana. Você será uma boa rainha para as Terras Altas."
"E para você?", ela perguntou.
Andei até a janela. A serra onde os arqueiros do príncipe se enfileiraram ainda estava em confusão. Os trolls já teriam se retirado para suas cavernas

de defesa, mas nenhum homem quer alinhar um disparo enquanto se preocupa se uma mão preta irá arrancar sua cabeça a qualquer segundo.
"E para você?", ela repetiu.
"Isso é difícil de dizer." Peguei a caixa de cobre da bolsa em minha cintura. Eu havia me sentado diante daquela janela na noite anterior e observado a caixa. Um cálice, a caixa, uma faca. Beba para esquecer, abra para se lembrar ou corte para acabar. "É difícil responder a você quando eu não sei quem sou."
Segurei a caixa diante de meus olhos. "Segredos. Eu a enchi de segredos, e resta um último segredo, mais sombrio do que o resto." Algumas verdades talvez não devessem ser ditas. Algumas portas fechadas. Um anjo me disse uma vez para abrir mão dos males que eu mantinha perto demais, abrir mão dos defeitos que me moldavam. O que restava de mim poderia ser perdoado, poderia acompanhá-lo ao paraíso. Eu lhe disse não.
O deslizamento de pedras, a avalanche, os trolls, nada daquilo importava. O exército de Arrow ainda nos derrotaria. Lutar tanto e não chegar nem perto da vitória. Isso tinha um gosto amargo.
Eu já havia enfrentado a morte antes, com probabilidades tão pequenas quanto agora, mas nunca como um homem dividido, com algum pedaço de mim trancado em uma caixinha. Luntar, em seu deserto em chamas, havia feito o que o anjo não pôde. Ele me tirou de mim, permitindo-me andar por aí no lugar de Jorg Ancrath.
Não abra essa caixa.
O garoto morto me observava do canto do quarto, como se sempre estivesse ali, aguardando silenciosamente, dia após dia, por este momento, para olhar em meus olhos. Ele estava pálido, mas sem ferimentos, sem manchas a não ser pelas marcas brancas de mãos em sua pele, como as cicatrizes que as coisas mortas de Chella deixaram no irmãozinho de Gog muito tempo atrás.
Abra-a e meu trabalho será desfeito.
Eu virei a caixa, deixando o desenho do espinho refletir a luz. Maldito Luntar e maldita criança morta também. Quando encarasse as legiões de Arrow pela última vez eu o faria por inteiro.
Abra-a e você estará acabado.
Minhas mãos não estremeceram no metal. Eu agradeci por isso. Eu a abri, e com um movimento rápido soltei a tampa, atirando-a além do agito carmesim do lençol.

Nunca abra a caixa. O quarto de frei Glen mais uma vez, iluminado pelo brilho do pagão. A necessidade de matá-lo tomou minhas mãos imediatamente.
"Houve sangue e sujeira", diz Sageous. Ele sorri. "Os venenos de Saraem Wic fazem isso. Mas não havia criança alguma. Duvido que jamais haja agora. Os venenos daquela bruxa velha não são suaves. Eles raspam um útero até o fim."
Eu encontro a espada e vou em direção a ele. Tento correr, mas é como atravessar neve profunda.
"Bobinho. Você acha que realmente estou aqui?" Ele não faz movimento para escapar.
Tento alcançá-lo, mas estou chafurdando.
"Eu não estou nem nesta cidade", ele diz.
A paz me envolve. Um sonho dourado de sol, campos de milho, crianças brincando.
Eu caminho por ele, embora cada passo pareça uma traição, pareça o assassinato de amigos.
"Você acha que sou como você, Jorg." Ele balança a cabeça e as sombras correm. "A sede de vingança o arrastou por reinos e você acha que sou motivado por seus imperativos grosseiros. Eu não estou aqui para puni-lo. Eu não o odeio. Eu amo a todos igualmente. Mas você precisa ser destruído. Você deveria ter morrido com sua mãe." Os dedos de Sageous voltam-se para os rabiscos em seu pescoço. "Estava escrito."
Quando eu o alcanço, ele some.
Vou até o corredor. Vazio. Fecho a porta, usando minha fita de metal para abaixar o trinco. Frei Glen terá de rezar por ajuda. Eu não tenho tempo para ele agora, e mesmo através das camadas de mentiras e sonhos de Sageous suspeito que ele seja culpado de *alguma coisa.*
Não foi Katherine que me trouxe ao Castelo Alto e certamente também não foi frei Glen. Eu não virei à direita onde a estrada se bifurcava nos Pântanos de Ken apenas para visitar a sepultura de meu cachorro. Eu vim visitar a família. E agora preciso ser rápido com isso. Quem sabe que sonhos Sageous pode mandar para esses lados?
Sim me ensinou a me mover silenciosamente. Não é tanto sobre barulho. A arte consiste em estar sempre se movendo, indo a algum lugar com propósito. Qualquer hesitação convida um desafio. Por outro lado, se não pode haver razão possível para sua presença, então o silêncio absoluto pode

ocultá-lo, mesmo que esteja à vista. O olho pode vê-lo, mas se você estiver petrificado a mente não o percebe.
"Você aí. Parado."
Em dado momento, todos os truques irão fracassar e alguém irá desafiálo. Mesmo nessa hora, eles acharão difícil de acreditar que você seja um intruso. As mentes de guardas são especialmente lentas, debilitadas por uma carreira de tédio.
"Perdão?" Pus a mão atrás da orelha.
Se você for desafiado, finja não escutar. Chegue mais perto, incline-se. Seja rápido ao pôr a mão sobre a boca deles, com a palma reta nos lábios, para que não haja ponta para morder. Pressione-os contra uma parede, se houver. Apunhale o coração. Não erre. Mantenha os olhos deles nos seus. Isso dá a eles algo em que pensar que não seja fazer barulho, e ninguém quer morrer sozinho, afinal. Deixe que a parede ajude-os a cair. Deixe-os à sombra.
Eu deixo o homem morto para trás. Um segundo morre ao final do outro corredor.
"Você!" Este aqui dobra uma esquina com a espada em punho e quase me derruba.
Mãos afiadas. Foi isso que Grumlow me disse. Mãos afiadas. É o tutorial dele sobre o uso da faca. A espada tem tudo a ver com o movimento, a estocada, o ímpeto, coordenar o seu movimento com o de seu inimigo – um homem com uma faca é um homem com mãos afiadas, nada mais. Uma briga de facas é algo assustador. É por isso que os homens dão uma estocada e desviam, ficam em posição e correm. Grumlow diz que a única coisa a fazer é furar rápido, furar primeiro, matá-lo logo.
Eu furo rápido. Sua espada cai no longo tapete e não faz barulho.
Virando a esquina está a porta que procuro. Trancada. Eu pego a chave do cinto do guarda. A porta se abre em dobradiças lubrificadas. Em silêncio. As dobradiças nunca rangem na porta de um berçário. Os bebês já lutam demais contra o sono normalmente.
A ama de leite está roncando em uma cama ao lado da janela. Um lampião brilha no peitoril, com o pavio cortado curto. A sombra das barras do berço chega até mim.
Eu deveria matar a ama, mas é como a velha Mary que correu atrás de mim e de Will há muito tempo. Eu deveria matá-la, mas a deixei dormir. Não seria aconselhável acordá-la.

Eu arrasto o guarda para o quarto e fecho a porta. Por um longo momento, paro e imagino minhas rotas de fuga. Há uma segunda saída do quarto, que dá para os aposentos das amas. Enquanto houver dois caminhos para fugir eu me sinto seguro. Há passagens que saem do castelo. Túneis secretos que levam a portas escondidas na Cidade Alta. Eu não podia abrir essas portas do lado de fora, mas podia sair por elas.
Respirei fundo, lentamente. Almíscar branco – o cheiro de sua mãe. Outra vez. Eu me aproximo do berço e olho para meu irmão. Degran, eles o chamam. Ele é tão pequeno. Eu não pensava que ele seria tão minúsculo. Estendo os braços e o levanto, dormindo. Ele mal preenche minhas mãos. Ele dá um leve suspiro.
O trabalho do assassino é um trabalho sujo.
Eu jurei assumir o trono do Império, trilhar o caminho mais árduo, vencer a Guerra Centenária a qualquer custo. E aqui, nas minhas mãos, eu segurava uma chave para o Portão Gilden. O filho da mulher que substituiu minha mãe. O filho por quem meu pai me pôs de lado. O filho para o qual ele deixou minha herança.
"Eu vim para matá-lo, Degran", sussurrei.
Ele é macio e quente, tem a cabeça grande, as mãos minúsculas, o cabelo muito fino. Meu irmão.
O brilho do lampião reflete as cicatrizes brancas em meus braços enquanto o seguro. Eu sinto os espinhos da roseira-brava em mim.
Eu deveria torcer seu pescoço e ir embora. No jogo do Império, esta não é uma jogada rara, tampouco incomum. Fratricídio. Tão comum que há até uma palavra para isso. Muitas vezes realizado pessoalmente.
Então por que minhas mãos tremem tanto?
Faça e acabe logo com isso.
Você é fraco, Jorg. Até meu pai me diz para fazê-lo. *Fraco.*
Sinto os espinhos muito profundos, encontrando o osso conforme eu lutava para salvar William. O sangue escorre sobre mim. Eu posso senti-lo. Escorrendo em minhas bochechas, cegando-me. Os espinhos me seguram.
FAÇA.
Não.
Eu queimarei o mundo se ele me desafiar, levarei ruína a todos os cantos, mas não vou matar meu irmão. Não outra vez. Eu vim aqui para fazer essa escolha. Para mostrar que eu poderia ter escolhido matá-lo. Para pesar a decisão em minhas mãos.

E eu pus Degran de volta em suas cobertas. A ama pôs um carneiro de lã no berço, com pernas curtas e olhos de botão. Durma, irmão, durma bem.
Ele caiu flácido de minhas mãos, embranquecido onde meus dedos o tocaram. Eu não compreendo. Gelo se forma à minha volta, um vazio doentio me preenche até eu ser nada além de uma casca quebradiça. Eu o cutuco.
"Acorde."
Eu agito as cobertas debaixo dele. Balanço o berço. "ACORDE."
Ele fica imóvel, mole, com as marcas brancas de minhas mãos em sua pele macia como acusações.
"Acorde!" Eu grito, mas nem mesmo a ama acorda.
Sageous está ali, no canto do quarto, todo incandescente. "Jorg Necromante. Quantos gumes tem essa espada?"
"Eu não o matei. Eu podia tê-lo matado e não o fiz."
"Fez, sim." A voz de Sageous é calma, enquanto a minha é estridente.
"Eu não queria!", eu grito.
"A necromancia ouve o seu coração, Jorg. Ela ouve o que você não consegue dizer. Faz o que seu âmago secreto quer e precisa. Ela não é enganada por posturas. Você tem a morte de pequenas coisas em seus dedos. Uma coisa pequena morreu."
"Retire isso." Eu estou implorando. "Traga-o de volta."
"Eu?", pergunta Sageous. "Não estou nem aqui, Jorg. Não posso fazer muito mais do que manter essa gorda relaxada dormindo. Além do mais, eu queria que você o matasse. Por que você acha que eu o trouxe aqui, em primeiro lugar?"
"Trouxe?" Eu não consigo olhar para ele, nem para Degran. Nem mesmo para as sombras, no caso de mamãe e William estarem me observando do canto.
"Com sonhos com Katherine, para trazê-lo até o castelo, e sonhos com William, para fazê-lo entrar. Francamente, Jorg, achei que uma criança inteligente como você já soubesse como eu ajo, a essa altura. Não são os sonhos de morte que são minhas melhores armas – as ferramentas mais sutis têm o efeito mais profundo. Um empurrãozinho aqui, um empurrãozinho ali."
"Não." Como se balançar minha cabeça tornasse aquilo uma mentira.
"Eu sofro por você, Jorg", ele diz, todo cheio de compaixão e olhos suaves. "Eu amo você, mas você precisa ser destruído, é o único jeito. Você deveria ter morrido e agora somente destruído você restabelecerá o equilíbrio, só isso permitirá que as coisas sigam seu curso como deveriam."

"As coisas?"
"O Príncipe de Arrow irá nos unir. O Império irá prosperar. Milhares e milhares que morreriam viverão. A ciência voltará para nós com a paz. E eu conduzirei a mão do imperador para que tudo fique bem. Isso não vale mais do que você, Jorg? Isso não vale a vida de um único bebê?"
Eu grito e me atiro em sua direção, como se a raiva pudesse lavar a dor, mas o que eu fiz abriu uma fenda em mim, e nessa fenda Sageous derrama loucura, uma torrente. Eu cambaleio, cego e aos berros.
Não vejo mais nada. Nada até o momento em que me encontro olhando para uma caixa vazia e sem tampa.
Tanta loucura e arrependimento colocados dentro de mim que não sobrou espaço para a memória, nada para a caixa. Que instintos, sorte ou orientação me tiraram do castelo sem ser descoberto, ou quantos outros corpos deixei em meu rastro – eu não sei.
"Jorg?"
Eu me virei e olhei para Miana. Minhas bochechas estavam molhadas de lágrimas. As mágicas de Sageous rastejavam sob minha pele, mas não foram seus feitiços que me esvaziaram. *Eu matei meu irmão.*
Seu fantasma estava na cama, esticado atrás de Miana. Não o bebê macio, mas o garotinho de quatro anos que ele seria. Pela primeira vez ele sorriu para mim, como se fôssemos amigos, como se estivesse contente em me ver. Ele se desvaneceu enquanto eu observava e eu sabia que ele não retornaria, não cresceria, não sararia.
Alguém esmurrou a porta. "Majestade, o portão cedeu!"
Eu me encostei à parede e escorreguei até o chão. "Eu o matei."
"Jorg?" Miana pareceu preocupada. "O inimigo está dentro de nossos portões."
"Eu matei meu irmão, Miana", eu disse. "Deixe que eles venham."

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

28 de março, ano 99 interregno
CASTELO ALTO. CAPELA.

Degran está morto. O filho de minha irmã está morto. Não consigo escrever sobre isso.

29 de março, ano 99 interregno

Jorg fez isso. Ele deixou um rastro de cadáveres ao chegar e ao sair do quarto de Degran.
Eu o verei morrer por isso.
Há tanta raiva em mim. Não consigo destravar meus dentes. Se frei Glen não estivesse morto. Se Sageous não estivesse ausente. Nenhum deles viveria até a manhã seguinte.

31 de março, ano 99 interregno
Nós o enterramos hoje. Na sepultura onde fica a família de Olidan. Um pequeno caixão de mármore branco para ele. Pequeno Degran. Parece pequeno demais para qualquer criança caber ali. Eu choro só de pensar nele ali, sozinho. Maery Coddin cantou a Última Canção para ele, meu sobrinho. Ela tem uma voz aguda e pura que ecoou na sepultura e me fez chorar. As damas de minha irmã puseram flores brancas no túmulo, lírios, uma flor cada, e elas choravam.
Padre Eldar teve que vir da Nossa Senhora na Cidade de Crath para dizer as palavras, já que não temos homens santos no castelo. Jorg roubou ou matou todos eles. E quando padre Eldar terminou, quando ele já havia lido as passagens, falado sobre o Vale da Morte e Não Temer Mal Algum, todos nós saímos andando. Sareth não andou. Sir Reilly teve de carregá-la, aos gritos. Eu entendi. Se fosse com meu bebê, eu não conseguiria deixá-lo. Por Deus, posso envenená-los em minha barriga, deixá-los cair em sangue e gosma, mas se eu houvesse segurado meu filho, visto seus olhos, tocado seus lábios... precisaria de mais do que Sir Reilly para me arrastar para longe dele.

2 de abril, ano 99 interregno

Eu reli este diário e acompanhei os registros de meus sonhos através de suas páginas. Pelo menos aqueles sobre os quais eu escrevi, mas aparentemente eu escrevi sobre muitos deles, como se estivessem me

atormentando. Eu não tenho lembrança alguma deles. Talvez eles tenham saído de mim quando os rabisquei no papel.
Eu também não quero voltar a página. Parece que a mão de outrem está sobre a minha, segurando-a para baixo. Mas não deixarei que me impeçam.
Agora eu vejo como o pagão me manipulou e me conduziu como um cavalo, com leves estalos do chicote, apenas uma virada aqui e ali para definir o caminho através de um mapa inteiro. Eu não acredito que essa mágica esteja além do meu alcance. Não posso aceitar que uma coisa como Sageous possa ter tal poder e eu não.
Eu não posso dominar um reino como Jorg ou Orrin. Nenhum soldado irá acatar minhas ordens e lutar e morrer em solo estrangeiro quando eu mandar. Essas coisas me são proibidas. Por causa de meu sexo. Porque não tenho barba. Porque meu braço não é tão forte. Mas generais não precisam de um braço forte. Reis não precisam de barbas.
Posso nunca reinar ou comandar, mas posso construir um reino em minha mente. E exércitos. E se eu estudar o que o pagão fez comigo, se eu desmontálo peça por peça, posso fazer minhas próprias armas.

8 de abril, ano 99 interregno

Orrin de Arrow visitou meu cunhado hoje. Eu disse que me casaria com ele. Mas antes ele teve que prometer me levar para bem longe deste castelo, deste lugar que fede ao assassino Jorg Ancrath, e nunca mais me trazer de volta.
Orrin diz que será imperador e eu acredito nele. Jorg de Ancrath tentará impedi-lo e nesse dia eu o verei pagar por seu crime. Até lá, eu me ocuparei em desfazer os métodos do pagão e aprendê-los sozinha. É o medo que impede o homem comum de ter tal poder, nada mais. Não acredito que aquela criatura, Sageous, seja capaz de algo que eu não seja, eu me recuso a acreditar. O medo nos mantêm fracos, medo do que não conhecemos e medo do que conhecemos. Nós sabemos o que a Igreja faz com as bruxas. O papa em Roma e todos os seus padres podem se enforcar, no entanto. Eu vi o que acontece aos homens santos em tempos assim. Aqui está um poder que uma mulher pode reunir em suas mãos tão bem quanto

qualquer homem, e chegará a hora em que Jorg descobrirá qual é a sensação de se espatifar com seus sonhos.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

1º de junho, ano 99 interregno
ARROW. CASTELO YOTRIN.

Nós estamos casados. Eu estou feliz.

23 de julho, ano 99 interregno ARROW. FLORESTA NOVA.

Nós fomos do Castelo Yotrin até a Floresta Nova. Eles a chamam assim porque um tataravô de Orrin mandou plantá-la logo após expulsar os brettans de volta para o mar. É a minha primeira chance real de ver Arrow, apesar de estarmos indo ver principalmente árvores. Egan praticamente exigiu que Orrin fosse caçar com ele e Orrin queria que eu fosse. Acho que Egan não queria. Egan disse que Orrin lhe prometera uma caçada particular, sem cortesãos, sem espalhafato. Orrin disse que quanto mais rico ele ficava menos luxos como aquele ele poderia se permitir, mas prometeu que o grupo de caça seria pequeno.
Arrow é uma região adorável. Ela pode não ter as montanhas e o esplendor de Scorron, mas as florestas são belíssimas, carvalhos e olmos, faias e bétulas, enquanto Scorron tem pinheiros, pinheiros e mais pinheiros. E as matas são tão leves e arejadas, com espaço para passear entre as árvores, não como as florestas-vales escuras e densas de minha terra.
Nós montamos acampamento em uma clareira, os criados estão armando os pavilhões e acendendo o fogo. Orrin convidou Lorde Jackart e Sir Talbar para virem, e Lady Jackart também, com sua filha Jesseth. Eu acho que Lady Jackart foi chamada para me alegrar enquanto os homens matam coisas no mato. Ela é gentil, mas bastante chata e acha que precisa gritar

para que eu entenda seu sotaque. Eu não tenho o menor problema em ouvi-la, só queria que ela fizesse uma pausa para respirar e deixasse uma palavra terminar para começar a próxima. A pequena Jesseth é uma querida, de sete anos, sempre correndo pelo matagal e tendo que ser apanhada por Gennin, o criado dos Jackarts.
Eu gostaria de ter meninas, duas delas, loiras como Orrin.
Orrin voltou com Egan cavalgando na garupa atrás dele, ladeado por Jackart e Talbar. Eu me levantei para perguntar do cervo, mas pensei melhor, já que todos estavam com expressões sérias, a não ser Egan, que parecia pronto para matar. A pequena Jesseth não sabia de nada, porém, e correu gritando até seu pai, perguntando se ele havia trazido um macho ou uma fêmea. Lorde Jackart praticamente caiu de sua sela e a pegou no colo antes de Egan descer. Do jeito que Egan olhava para o homem, eu achei que Jackart fosse entrar em combustão. E então eu vi o sangue, escuro e grudento nas mãos de Egan, como luvas pretas, e respingos ressecados em seus antebraços.
"Vou cortar um pouco de lenha." Foi tudo que Egan disse, e se afastou gritando por um machado.
Lorde Jackart levou sua filha a seu pavilhão, com Lady Jackart apressandose atrás deles. Ela podia ser chata, mas era suficientemente esperta para saber quando ficar quieta.
"Egan entrou com Xanto em um grupo de roseiras-bravas", Orrin me contou. Ele abriu os braços. "Eu também não vi."
"Mas você lhe disse para ir devagar, para prestar atenção." Sir Talbar esfregou suas costeletas e balançou a cabeça.
"Não está em Egan desistir da perseguição, Talbar. Aquele cervo devia valer uns dezoito pontos." Orrin tem uma maneira de mostrar a fraqueza de um homem como força. Talvez seja a bondade dele. Em todo caso, isso faz com que homens o sigam, o amem. Ele pode fazer a mesma mágica em mim também, não sei.
"Pobre Xanto." O garanhão era uma fera maravilhosa, apelidado por causa do cavalo de Aquiles, preto como óleo de pedra com músculos ondulados sob o corpo reluzente. Eu estava querendo cavalgá-lo, mas é tão difícil falar com Egan, ele consegue me fazer sentir como se eu o irritasse com cada palavra. "Nós não temos tantos cavalos em Scorron, mas nunca ouvi falar em um morto por uma roseira-brava." Então eu compreendi, ou achei que sim. "Ele quebrou a perna? Pobre Xanto."

Orrin balançou a cabeça, Sir Talbar cuspiu.
"Roseira-brava é um negócio horrível", disse Orrin. "Foi um milagre ele não ter quebrado a perna, mas ele se rasgou todo dos lados."
"O mestre cavalariço... o cirurgião poderia costurá-lo?" Eu não percebia que tais ferimentos seriam fatais.
Orrin balançou a cabeça novamente. "Eu já vi isso antes e o cirurgião Mastricoles fala disso em sua obra, até as notas de rodapé do Franco Botânica de Hentis falam disso. Os espinhos da roseira-brava são farpados, os que ficam na ferida inflamam, o sangue é envenenado e o animal morre. Até pessoas podem morrer. O tio de Sir Talbar enfiou dois espinhos na palma da mão. A ferida foi cortada e limpa, e tratada com remédio, mas mesmo assim ela ficou preta e apodreceu. Ele perdeu a mão, depois o braço, e depois o resto de seus dias."
Eu entendi o sangue. "Pelo menos Egan deu a ele um fim rápido."
Orrin abaixou a cabeça. "Xanto não demorou muito a morrer."
Sir Talbar olhou para Orrin, desviou o olhar e não disse mais nada.

Caminhei com a pequena Jesseth mais tarde, deixando-a tagarelar conforme seguíamos a margem da clareira. Ouvia-se golpes de machado de algum lugar entre as árvores que Egan havia reduzido a uma montanha de toras, e os cozinheiros já tinham dez vezes a lenha que precisavam. Agora ele estava derrubando árvores. Ele saiu detrás de um olmo uma hora mais tarde, perto de onde Jesseth e eu estávamos nos distraindo com um jogo de tabuleiro. O sangue sumira de seus braços e o suor escorria em um corpo tão musculoso e ágil como o de Xanto. Ele mal acenou quando passou pela gente, com o machado em seu ombro.
"Eu não gosto dele", sussurrou Jesseth.
"Por que não?", perguntei, inclinando-me com um sorriso cúmplice.
"Ele matou o cavalo." Jesseth assentiu com a cabeça como que para provar que não era mentira.
"Mas isso foi uma gentileza."
"Mamãe diz que ele cortou a cabeça do cavalo com sua espada porque o cervo fugiu."

25 de julho, ano 99 interregno CASTELO YOTRIN. BIBLIOTECA.
Encontrei certos manuscritos na biblioteca de Orrin que falam de sonhos em termos de marés e correntes. Há uma mulher na vila de Hannam que lê

o futuro para ganhar a vida, mas ela tem mais a dizer do que isso, à pessoa certa. Em um pequeno aposento no alto de sua casa ela me falou sobre velejar nos mares de sonho.

18 de agosto, ano 99 interregno CASTELO YOTRIN. QUARTO REAL.

Orrin saiu para comandar seus exércitos no oeste. Vou sentir saudades. Mas vou aproveitar o descanso. Parece que passamos um mês dentro do quarto. Se precisar de mais que isso para fazer um bebê eu estarei exausta no inverno e serei uma velha quando chegar a primavera.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *18 de julho, ano 100 interregno*

CASTELO YOTRIN. BIBLIOTECA.

Orrin é um bom homem, provavelmente um grande homem. Todos os oráculos dizem que ele será imperador e usará a coroa total. Mas até grandes homens precisam ser desobedecidos de vez em quando.
Quando Orrin está aqui ele passa no mínimo metade de seus dias nesta biblioteca. Os cavaleiros e capitães que vêm atrás dele adentram a sala de leitura furtivamente, deslocados, olhando as paredes com desconfiança como se o conhecimento pudesse simplesmente escorrer de todos esses livros e infectá-los. Esses homens nos encontram, Orrin em um canto, eu em outro, e ele os observa por cima de um daqueles grandes e respeitáveis volumes com capa de couro. "General Fulano", ele diz. Ele deixa cada um dos reinos que assumiu manter um general. Orrin diz que é importante que as pessoas tenham seu orgulho, seus heróis. "General Fulano", ele diz. E General Fulano fica mudando de um pé para o outro, desconfortável entre tantas palavras escritas, sem esperar que o futuro imperador pareça tão estudioso, como se estivesse usando óculos de leitura.

Orrin lê os grandes livros. Os clássicos de antes do tempo dos Construtores, estendendo-se até os gregos, até Homero. Não é que ele escolha os maiores e mais imponentes livros para se exibir, mas é com esses que ele sempre acaba. Ele gosta de ler filosofia, história militar, a vida de grandes homens e história natural. Ele está sempre me mostrando figuras de animais estranhos. Pelo menos quando ele está aqui. Criaturas que você pensa que o autor inventou em uma tarde quente. Mas ele diz que as figuras foram capturadas e não pintadas, como se a imagem fosse congelada em um espelho, e que essas coisas são de verdade. Algumas delas ele já viu. Ele me mostra a figura de uma baleia e põe a unha ao lado da boca do bicho para mostrar o tamanho de um cavalo perto dela. Ele diz que viu as costas de uma, de um barco saído da costa de Afrique. Diz que ela rolava pela água, um brilho cinzento das costas intermináveis da baleia, larga o bastante para uma carruagem, e mais comprida que nosso salão de jantar.

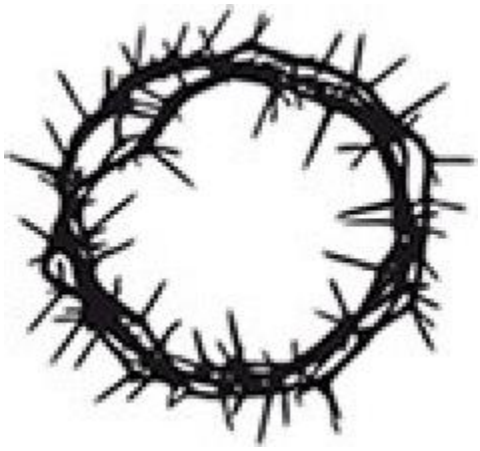
Eu leio os pequenos livros esquecidos. Aqueles que se encontram atrás das fileiras nas estantes. Em baús trancados. Em pedaços para serem montados. Eles parecem velhos. Alguns são – cem, trezentos, talvez quinhentos anos, mas os de Orrin são mais antigos. No entanto, os meus se parecem mais velhos, como se o que estivesse escrito neles tivesse seus efeitos sobre o pergaminho e o couro. Os meus foram escritos após o Incêndio, após os Construtores acenderem seus muitos sóis.

Os livros antigos contam uma história clara. Euclides nos deu o molde e a forma. Matemática e ciência progridem de maneira ordenada. A razão prevalece. As histórias novas são confusas. Ideias e ideologias conflitantes. Novas mitologias, novas magias oferecidas com intenções sérias, mas com centenas de variantes, cada uma envolta em suas próprias superstições e bobagens, mas com um fundo de verdade. O mundo mudou. Em algum ponto da linha dos anos ele mudou e o que não era possível tornou-se possível. O absurdo virou verdade. Para organizar tudo isso em uma arquitetura pura, alguma nova ciência que pudesse controlar o caos presente, seria necessário um trabalho de várias vidas. Mas eu estou começando. Acho isso mais do meu agrado do que costurar.

Orrin diz que eu devo deixar isso para lá. Que conhecimento assim corrompe e que se tiver de fazer uso dele será através de outros, como Olidan usou Sageous, como Renar usou Corion. Eu digo que ele confunde o títere com o titereiro. Ele sorri e diz talvez, mas que quando a hora

chegar será ele a puxar as cordas. Orrin me diz que tem certeza de que eu poderia beber da mesma fonte que Sageous, mas que tais águas me fariam amarga, e ele gosta de mim doce.

Eu amo Orrin, eu sei que amo. Mas às vezes é mais fácil amar alguém que tem defeitos que você pode perdoar em troca do perdão pelos seus.



Na ruína vermelha da batalha, o irmão Kent muitas vezes parece ter saído do inferno. Embora em outra vida ele pudesse ter lavrado seus campos e morrido na cama, lamentado pelos netos, em combate Kent, o Rubro, possui uma lucidez que apavora e assola. Em todo o resto ele é um homem confuso por suas próprias contradições – os instintos de um assassino somados à alma de um fazendeiro. Não é alto, não é largo, mas é sólido e rápido, com grandes maçãs do rosto, olhos escuros que remetem à morte, lábios mordidos, mãos marcadas por cicatrizes, dedos grossos, lealdade e a necessidade de ser leal impressa nele.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

46

Dia do Casamento

Jorg! Os homens do príncipe estão atravessando os portões!"
Miana não precisava gritar comigo. Eu podia ouvi-los pelas janelas, a ressonância grave dos "escorpiões" ao atirarem suas lanças, os gritos, o choque de espadas, o som das cordas dos arcos dos soldados em minhas muralhas, agora atirando em seu próprio castelo. E os tambores! A batida furiosa dos tambores de guerra do tio Renar. Uma batida tão alta e forte que enleva até o mais manso dos soldados e os torna parte da besta. Os tambores incutem coragem em você.

Titio deveria tê-los tocado naquele dia que eu cheguei para uma visita. Nada disso importava. Os sonhos venenosos de Sageous borbulhavam em mim, mas todos eles apenas tocavam variações de um pesadelo que eu mesmo criei. Matei meu irmão. Após anos definido apenas pela busca por vingança – anos consumidos pela necessidade de alcançar o assassino de William –, eu tirei a vida de meu irmão, um bebê que mal cabia em minhas mãos.

"Jorg!"

Eu a ignorei. Estendi as mãos diante de meu rosto, lembrei-me da sensação, lembrei-me da compreensão de que ele estava morto. Degran. Meu irmão. Tutor Lundist me mostrou um desenho certa vez. O rosto de uma mulher velha. Olhe novamente, ele disse, é uma jovem garota. E era. Apenas um truque da mente. Nada havia mudado, nem uma linha do desenho, e mesmo assim tudo era diferente. A caixa me devolveu Degran e ele havia falado comigo ao longo dos anos. Olhe novamente, ele dissera para mim. Olhe para sua vida – agora olhe novamente. E de repente nada mais importava.

Ela me deu um tapa, aquela vadiazinha me deu um tapa, e por um segundo aquilo importava. Ela pusera seu corpo inteiro naquilo. Mas a raiva desapareceu mais rapidamente do que viera.

E então uma pedra de cerco atingiu a janela à nossa direita. Fragmentos de pedra voaram pelo quarto, estilhaçando-se na parede oposta. Uma poeira subiu ao nosso redor.

"Eu não vou morrer aqui", disse Miana.

Ela estava com a mão em meu cabelo. Ela girou minha cabeça para a janela e suas barras quebradas. Parte da parede embaixo da janela havia desmoronado e dava para ver o pátio, onde os camponeses haviam se reunido para nos saudar naquela manhã. Uma cunha dos soldados de Arrow, marcados por suas capas escarlates, havia passado pelas ruínas da grade levadiça que Gorgoth havia segurado aberta para mim. Meus soldados, metade deles pastores com espadas que eu fornecera, encurralavam o inimigo. Eu vi o azul do pequeno contingente de Lorde Jost e o brilho de suas armaduras de metal. As probabilidades estavam contra os intrusos, mas o peso do contingente na retaguarda os impulsionava para frente enquanto morriam. O Príncipe de Arrow soltou seus homens no campo de matança, com meus arqueiros e tropas reduzindo-os, mas não os impedindo. E, sob tudo aquilo, pulsando o tempo todo, a vibração dos tambores de guerra.

"Faça alguma coisa!", gritou Miana.

"Não tem importância", eu disse. "Todos morrem." Meu passado e meus fantasmas dançavam ao meu redor, os mortos, os traídos. Eu cogitei mergulhar através da parede estilhaçada até o inimigo, por cima das cabeças de meus homens. Será que eu conseguia dar um salto assim? Com uma corrida, talvez. Uma corrida curta e uma longa queda para a eternidade.
Ela me estapeou outra vez. "Dê-me o rubi."
Eu pesquei a sacola e a coloquei na mão dela. "Você merece um marido melhor."
Miana me olhou com desprezo. "Eu merecia um mais forte. Não há vitória sem sacrifício. Minha mãe me ensinou isso. Você precisa aumentar as apostas e aumentá-las de novo."
"Ela era guerreira?" Eu balancei minha cabeça com força. Os sonhos jorravam de mim. Os mortos me seguravam com mãos frias, destroçando minhas entranhas.
"Uma jogadora de cartas", disse Miana.
Miana foi até a lareira e pegou uma das duas telas da lareira, uma tapeçaria exótica com moldura de ébano. Ela a espatifou contra a parede e repetiu o processo com a segunda. Lá fora, a cunha escarlate se desenvolveu em um semicírculo em torno dos portões quebrados. Atrás dos muros, um mar vermelho-sangue estaria se movendo para frente.
Miana pegou as duas bases pesadas de pedra, dos destroços das telas da lareira, e posicionou o rubi entre elas. Ela tentou rasgar faixas das tapeçarias e, ao encontrá-las resistentes demais, rasgou pedaços da barra de seu vestido de noiva.
Apesar do vazio pulsando dentro de mim, uma leve curiosidade coçou atrás de minha cabeça.
Uma flecha perdida entrou pela janela à esquerda e se enterrou no teto.
Miana amarrou ambas as bases de pedra juntas, bem firmes, com o rubi entre elas.
"Lorde Jost ainda está lutando?", ela perguntou.
Eu rastejei até a parede quebrada, piscando para clarear minha visão. "Estou vendo cavaleiros da Casa Morrow. Acho que um deles é Jost."
Miana mordeu o lábio. "Às vezes você só consegue vencer se estiver preparado para sacrificar tudo", ela disse.
Eu comecei a imaginar se não havia herdado minha veia mais sombria do lado materno da família.
Seus olhos ficaram brilhantes. Lágrimas para os mortos.

"Miana, o qu..."
Ela correu para a abertura, com os pés caindo à batida do tambor, e arremessou as bases de pedra para fora. Eu não pensava que ela pudesse atirar com tanta força e tão longe. O pacote voou sobre as cabeças dos homens lutando, morrendo, pressionando uns contra os outros na confusão. Ele voou sobre os altaneiros, sobre Jost, sobre a infantaria de capa vermelha de Arrow, ricocheteou uma vez em um ponto à esquerda dos portões e bateu contra a muralha externa.
Eu me lembro apenas da luz e do calor. O estrondo foi ouvido até em Gutting, mas eu não ouvi nada. Um soco quente tirou meu ar. Eu vi Miana ser atirada de volta à lareira. A queimadura em meu rosto ardeu, como se estivesse em chamas novamente, e eu berrei. Um momento antes, nada importava, mas nós somos feitos de matéria antes de sermos feitos de sonhos e a matéria se importa com a dor.
Quando consegui engatinhar, senti o cheiro de minha própria pele queimada, como se a queimadura realmente tivesse reacendido. Rastejei até o buraco e olhei para fora. Por longos instantes, eu vi apenas fumaça. Não havia som, absolutamente nenhum. Então o vento da montanha levou a fumaça para fora da cena e a destruição estava diante de mim. As muralhas frontais do Assombrado haviam desaparecido. Todos os curtumes, tavernas, matadouros, currais diante deles... sumiram. Apenas destroços fumegantes. E lá fora, depois disso, restaram o enorme exército esfarrapado do príncipe e largas avenidas de destruição abertas através deles por pedaços de alvenaria do tamanho de vagões descendo a encosta.
O estrago pareceu ter sido feito pela explosão das muralhas. Embora a maior parte da força parecesse ter sido dirigida para longe de nós, o calor e o fogo haviam sido confinados dentro do pátio. Fileiras e fileiras de corpos carbonizados propagavam-se do local onde o rubi se rompeu e lançou as chamas mágicas armazenadas dentro dele ao longo de muitos anos. Os corpos mais próximos do lançamento pareciam torrados. Os que estavam mais atrás ainda ardiam. Os mortos onde Lorde Jost e seus homens haviam lutado pareciam vermelhos e derretidos. Mais para trás, homens rolavam em uma agonia horrível. Mais atrás ainda os pulmões deles não haviam sido chamuscados e eles podiam gritar. E bem mais atrás, perto da base da fortaleza, sobreviventes se esforçavam para sair debaixo dos mortos que lhes serviram de escudo.

As vigas que apoiavam as passarelas dos arqueiros queimavam. As persianas das janelas viradas para o pátio queimavam. Os restos de meus "escorpiões" queimavam. Alguma coisa alojada no osso de minha bochecha queimava com seu próprio calor e, em cada chama, as possibilidades dançavam. Eu as via. Como se o fogo fosse uma janela para novos mundos quentes.

Eu estimei que houvesse perdido trezentos de meus oitocentos homens remanescentes. Em dois tempos, uma garota de doze anos destruíra os principais guerreiros de Renar.

Olhei para as encostas. O Príncipe de Arrow havia perdido cinco mil, talvez sete mil. Em dois instantes, a Rainha das Terras Altas reduzira seu inimigo pela metade.

Gritei para o pátio lá embaixo. Eu mal podia me ouvir por cima do zumbido em meus ouvidos. Tentei novamente. "Para a torre de menagem! Para a torre de menagem!"

Meu rosto doía, meus pulmões doíam, tudo doía, o ar estava cheio de fumaça e dos gritos dos moribundos e de repente eu queria vencer novamente. Muito.

Fui até a lareira e tirei Miana dos escombros. Poeira caiu de seu cabelo quando a coloquei sobre meu ombro, mas ela tossiu, e isso era bom o suficiente.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

47

Dia do Casamento

Eu deitei Miana em minha cama e a deixei lá. Ela havia provado ser mais resistente do que o esperado até agora e parecia ter simplesmente desmaiado. O hábito me fez colocar a caixa sem tampa de volta no bolso em meu quadril.

Embora não pudesse ver os fogos no pátio, eu podia senti-los. Quando despertei o Sol dos Construtores sob o Monte Honas, seu poder havia despertado o talento de Gog. Parecia que ter liberado em uma explosão a magia do fogo do rubi despertou em mim os resquícios de Gog e suas

habilidades que se alojaram em minha pele quando ele morreu em Halradra. Rejeitei a sensação. Eu me lembrava de Ferrakind. Eu não me transformaria em algo assim.
A parte central do Assombrado tem quatro torres e meu quarto fica no alto da torre mais ao leste. Fui até o telhado. Um jovem guarda estava sentado nos degraus de cima logo abaixo do alçapão. Um recruta novo, pela aparência, com sua camisa de cota de malha grande demais para seu corpo delgado.
"Esperando aqui caso pássaros gigantes pousem em meu telhado e tentem forçar a entrada?", perguntei.
"Sua alteza!" Ele deu um salto e ficou de pé. Se ele não fosse tão baixo teria batido a cabeça no alçapão. Parecia aterrorizado.
"Você pode me escoltar até lá em cima", eu disse. Ele teria bastante tempo para morrer por minha causa mais tarde. Não fazia sentido eu mesmo empurrá-lo escada abaixo. "Rodrick, não é?" Eu não fazia ideia de qual era o nome do covarde, mas Rodrick era comum nas Terras Altas.
"Sim, sua alteza." Um sorriso de alívio se espalhou em seu rosto.
Ele destrancou a porta e a puxou para abri-la. Eu o deixei sair primeiro. Ninguém disparou contra ele, então fui atrás.
Das ameias da torre eu podia ver o exército do príncipe nas encostas, em mais desordem ainda do que minhas próprias tropas. Levaria uma hora ou mais para os capitães dele imporem ordem, as unidades se reformarem e se juntarem, até que os mortos fossem empilhados e os feridos transportados para o fundo. Uma nuvem de fumaça pairava sobre os resquícios da favela que ficava perto das muralhas do Assombrado. O vento fresco pouco fazia para movê-la.
Apesar do fogo no pátio abaixo, fazia frio na torre. O vento estava forte lá em cima e trazia a ameaça afiada do inverno. Rastejei até a muralha leste e olhei em direção à serra onde o príncipe havia posicionado a maior parte de seus arqueiros. Eles pareciam estar em certa confusão. Trolls haviam surgido de várias saídas ainda não descobertas e estavam ocupados novamente separando os arqueiros de armaduras leves de suas cabeças.
Eu me abaixei. Fiquei com a cabeça para fora por dois segundos. Uma flecha levava três segundos para voar da serra até a torre. E, lógico, várias flechas chiaram acima de minha cabeça. Nenhuma delas acertou Rodrick, que não teve a esperteza de se esconder atrás de uma cobertura. Eu o derrubei no chão. "Fique aí."

Peguei o anel de visão dos Construtores de dentro de minha couraça e o segurei contra o olho. Fazer a imagem se aproximar em uma área ainda me fazia sentir como se estivesse caindo, mergulhando de alturas inimagináveis. Eu sabia que devia ser uma questão de lentes móveis, como Lundist me mostrara no observatório de meu pai, mas a sensação era de estar cavalgando as costas de um anjo caindo do céu.
"Jorg! Jorg!" A voz de Makin vinha lá de baixo. Ele soava preocupado.
"Estamos aqui em cima", eu gritei.
Um momento depois a cabeça de Makin apareceu. Pelo menos eu supus que fosse ele com o capacete.
"Você não foi destruído pelo fogo então", eu disse.
"Por pouco! Não consegui encontrar Kent. Acho que ele já era."
"Veja isto." Eu acenei para ele chegar do meu lado. "Deve ser bom. Mas não levante muito a cabeça."
Eu peguei o escudo de Makin e segurei por cima de minha cabeça para proteção extra. Nós olhamos por cima das ameias. O campo de batalha estava quase silencioso após a explosão, ainda com os gritos, claro, mas sem o choque de armas, os gritos de guerra, as vibrações e os baques das armas de cerco. Os tambores também estavam mudos – os seis grandes tambores de guerra de meu tio, de metal e ébano, mais largos que barris, com couro de boi, agora queimados e fumegantes entre os cadáveres no pátio. Por baixo de tudo isso, porém, eu ouvi uma nova batida, um trovão distante. Makin levantou a cabeça. Ele também ouvia. Quase parecia outra avalanche.
"Isso é a cavalaria! Arrow trouxe sua cavalaria, Jorg." Makin começou a engatinhar até a muralha que dava para a frente arruinada do Assombrado. Eu o puxei para trás. "Só há um lugar perto daqui pelo qual um cavalo pode atacar, Sir Makin."
E eles vieram, em uma corrente apressada de capas azuis e violetas e malha prateada, troando pelas tropas ocultas de Marten, os mais à frente com suas lanças abaixadas para o ataque.
"Qual?" Makin quase se levantou.
"Uma vez eu contei a Sim sobre Aníbal levando elefantes para cruzar os Aups. Bem, meu tio comprou cavalaria pesada que atravessou as Matteracks no alto inverno."
"Como?"
Eu desenhei círculos rápidos com minha mão, como se tentasse girar as engrenagens da mente de Makin um pouco mais rápido.

"A Passagem da Lua Azul!" Makin sorriu, mostrando mais dentes do que um homem deveria ter.
"Mesmo assim", eu disse. "Eu a esvaziei para ele. E Lorde Jost deve ter sinalizado que o casamento fora selado... e aqui estão eles."
A cavalaria da Casa Morrow fatiou as fileiras de soldados de infantaria enviados para caçar os trolls de Gorgoth. Ajudou o fato de a maioria das tropas de Arrow estar de costas para o Runyard, já que elas haviam encontrado mais trolls do que gostariam. De fato, os trolls estavam fazendo um buraco impressionante nas tropas de Arrow. Eles se moviam feito cachorros selvagens no ataque, atirando-se a grupos de homens e deixando membros espalhados em seus rastros. Quem quer que os tenha criado para a guerra havia se superado.
Cavalgar até a serra dos arqueiros requeria que a cavalaria diminuísse o passo, mas eles podiam atravessar o trajeto todo galopando em grupos de cinco a oito, matando conforme avançassem. Os arqueiros não eram páreo para os cavaleiros de armadura. A maioria saiu correndo, desabando montanha abaixo.
Havia talvez quinhentos soldados na cavalaria de meu avô. Gorgoth afastou seus trolls conforme combinado e deixou que os homens lutassem uns com os outros. Eu não sabia dizer que perdas os trolls haviam sofrido, mas elas não eram insignificantes e eu sabia que Gorgoth não permitiria que eles voltassem à batalha. Ele queria uma pátria para seus recémencontrados súditos e eles haviam pagado o preço que eu cobrara deles.
"Incrível!", gritou Makin. Ele continuava balançando a cabeça.
"Não é o suficiente", eu disse.
O ataque deixou um massacre sangrento pisoteado no chão, centenas e mais centenas morreram antes de o impulso diminuir. E mesmo sem a coesão do ataque os cavaleiros causaram estragos, golpeando com machado e espada as cabeças dos arqueiros corredores. Mas não dá para colocar quinhentos homens contra quatro mil sem esperar pagar por isso. Os cavaleiros estavam se virando agora, encontrando o caminho de descida pela encosta traseira e indo em direção ao Runyard outra vez. Talvez metade tenha sobrevivido.
"Eles foram magníficos!" Makin ficou de pé rapidamente. "Você não estava vendo?"
"Eles foram magníficos. E quando eles se unirem a nós, teremos pouco mais de setecentos homens neste castelo destruído. Dependendo de quantas tropas

encaminhadas naquele ataque possam ser reagrupadas e reformadas, o Príncipe de Arrow terá algo entre cinco e sete mil homens."
Eu fui olhar para o exército principal do príncipe. No campo de batalha, perdas do tipo que eu infligia teriam mandado qualquer exército sair correndo há muito tempo. Mas eu estava cortando pedaços inteiros da força de Arrow, um de cada vez, separando-os, afastando-os, destruindo-os. Eu havia desbastado seu contingente, diminuído bastante, mas eu não havia enfraquecido seus grupos de modo a erodir o moral do exército. Até a explosão de Miana, a maior parte das tropas de Arrow nem havia sentido a batalha.
A explosão, sim, poderia tê-los botado para correr, mas não o fez, e isso me mostrou que os homens do príncipe eram tão leais e bem treinados quanto se relatou.
Uma olhada para o Runyard me indicou que os cavaleiros da Costa Equina estavam começando a entrar pela poterna de ataque. Um pequeno número de homens permaneceu para conduzir os cavalos de volta às passagens da montanha. Marten e suas tropas ficariam na retarguarda.
"Vamos conhecê-los", eu disse. "A propósito, este é o guarda Rodrick. Guarda Rodrick, Lorde Makin de Ken."
"Agora é lorde, é?" Makin sorriu. "E o que eu poderia querer com os Pântanos de Ken, não que eles sejam seus para ser distribuídos?"
Eu liderei o caminho de descida. "Bem, se não vencermos, não importa que sua promoção seja um gesto oco. E se vencermos, bem, o Príncipe de Arrow conquistou muitas terras recentemente, então eu terei muitas para distribuir."
"E eu fico com a parte que esguicha?", Makin disse atrás de mim.
"Venha conhecer meu tio", eu disse. "Ele tem muitas receitas boas de rã."
Olhei para dentro de meu quarto ao passarmos. Miana estava sentada na cama, esfregando lentamente a cabeça com as duas mãos, como se estivesse com medo de que ela pudesse cair.
"Lorde Robert chegou", eu disse. "Fique aqui. Guarda Rodrick irá protegêla. Ele é um dos melhores que tenho." Eu me virei para o guarda. "Mantenha-a aqui, Rodrick. A menos que ela tenha um plano para destruir o resto dos inimigos. Nesse caso, deixe que ela o faça."
Makin e eu continuamos a descer. Alcancei um de meus cavaleiros, segurando um ombro ferido e com as costeletas queimadas. "Você! Hekom, não é? Vá ao porão sob o depósito de armas. O que tem os barris grandes

para caralho. Você verá nossos aliados do sul saindo por um deles. Mande Lorde Robert e quaisquer capitães que ele queira levar até a sala do trono."
Hekom – se é que era Hekom – pareceu confuso, mas assentiu e se ausentou, então nós fomos em direção à sala do trono. Encontrei outro homem ao passarmos pelos feridos nos corredores. "Leve minha armadura à sala do trono. A especial. Seja rápido."
Tio Robert chegou com dois de seus capitães enquanto três pajens começavam a amarrar a armadura em mim. Vários de meus capitães o precederam, entre eles o mestre da guarda Hobbs.
"Há mais inimigos do que me fizeram acreditar, sobrinho, muitos mais!" Tio Robert não esperava as formalidades. Na verdade, ele apenas esperava passar pela porta.
"Há muitos milhares a menos do que havia esta manhã", eu disse.
"E seu castelo parece ter sido destruído", disse tio Robert.
"Você pode culpar sua afilhada por isso. Mas foi um dote bem gasto", eu disse.
"Minha nossa!" Robert tirou o elmo. "O rubi fez isso?" Ele balançou a cabeça. "Bem que disseram para termos cuidado com ele. Mas eu não tinha noção do perigo!"
"Rubis são difíceis de quebrar", eu disse. "Não é o tipo de coisa que se possa fazer por acidente."
Ele apertou os lábios ao ouvir aquilo. "Então, sobrinho, eu vim por você. Qual é nossa posição?"
Eu ainda gostava dele. Fazia quatro anos desde que eu o vira pela última vez, mas parecia pouco mais do que uma pausa na conversa. E ele viera por mim, da forma como um garoto magrelo havia sonhado antes de fugir, traído, do Castelo Alto. Tio Robert se apresentou com a cavalaria atrás dele. Isso secou um pouco do veneno da ferida.
"Estamos enterrados até os joelhos, tio", eu disse.
"Pareceu mais até o peito, quando entramos naquelas cavernas." Ele estava levemente envergado, sendo alcançado pelos esforços da luta. Borrões de sangue cruzavam o brilho do peitoral de sua armadura, com um amassado fundo refletindo a luz em ângulos estranhos e o lado esquerdo de seu rosto estava começando a escurecer em um único grande hematoma.
Eu dei de ombros. "De qualquer modo, nós estamos com as botas cheias de merda e a situação está fedendo. Ele tem milhares contra nossas centenas. Ele pode nos sitiar nesta fortaleza, das ruínas de minhas próprias muralhas.

Não há dúvida de que ele poderia nos exaurir em meses, possivelmente semanas."
"Se a situação está perdida, se ela sempre esteve perdida, por que eu desperdicei a vida de duzentos cavaleiros lá fora? Por que mesmo fizemos o caminho pelas montanhas, em primeiro lugar?" Suas sobrancelhas se aproximaram, franzindo a testa, com um brilho perigoso em seus olhos. Eu conhecia aquele olhar.
"Porque ele não quer esperar meses, nem mesmo semanas", eu disse.
Makin se aproximou. "O príncipe está atacando como se pretendesse nos destruir em um dia."
"Ele precisa que seja agora", eu disse. "Ele queria uma vitória rápida antes, mas agora precisa dela. Ele não queria esperar o inverno aqui. Ele tinha um exército enorme para alimentar, um cronograma a manter, outros poderes a considerar, terras recém-adquiridas a policiar. Ser prisioneiro do inverno nas Terras Altas nunca foi seu plano. Mas agora ele precisa vencer hoje, amanhã no máximo. Em um dia ou dois o exército dele irá começar a entender a dimensão de suas perdas, seus capitães começarão a reclamar, suas tropas irão se dispersar e as histórias que eles contarem em outros lugares darão coragem aos inimigos de Arrow. Se ele nos conquistar hoje, as histórias terão um curso diferente. A história será de como ele esmagou Jorg de Ancrath que arrasou Gelleth, que humilhou o Conde Renar. Sim, as perdas foram altas, mas ele o fez em um dia! Em um dia!"
"E como tudo isso nos ajuda?", perguntou tio Robert.
"Eu não acho que ele consiga nos derrotar em um dia. Nem ele acredita nisso", eu disse.
"Mesmo assim, todos nós ainda vamos morrer, não? Isso pode arruinar os planos do príncipe, mas isso não é consolo, da forma como estou vendo."
Tio Robert olhou para seus capitães, homens altos e bem queimados pelo sol do sul. Eles não disseram nada.
"Isso ajuda porque o fará aceitar minha oferta", eu disse.
"Oferta? Você disse a Coddin que não haveria acordo algum!" Makin desceu da plataforma para me olhar bem, como se eu pudesse não ser Jorg.
"Acordo algum!" O eco veio de Miana, acompanhada pelo jovem Rodrick. Ela parecia pálida, porém ilesa.
"Não vou oferecer um acordo", eu disse. "Vou oferecer um duelo."

Do diário de ***Katherine Ap Scorron*** *27 de agosto, ano 101 interregno*

ARROW. PALÁCIO GREENITE. SALÃO VERMELHO.

Orrin está em campanha novamente. Quanto maior seu domínio fica, menos eu o vejo. Ele conquistou Conaught na primavera com apenas três mil homens. Agora ele está marchando com um exército para Normardy com nove mil. Ele fala até mesmo em colocar as terras de Orlanth sob sua proteção, embora haja outros reinos a cogitar primeiro.

Ele nunca fala com desejo, como se quisesse esses lugares para si, para fazer com que se curvem e se sintam humilhados diante de seu trono ou para encher seus baús de guerra. Ele fala do que pode fazer pelo povo dessas terras, do que eles irão ganhar, de como a liberdade deles irá aumentar, sua prosperidade, suas perspectivas. Isso soaria falso vindo de qualquer outro homem. Mas Orrin acredita nisso e ele pode fazê-lo. Em Conaught, eles já o idolatram como se fosse a reencarnação de um de seus antigos heróis.
A mim ele fala com desejo. Desde o dia em que nos casamos ele faz eu me sentir valorizada. Feliz. E eu sei que o faço feliz também. Embora sempre haja aquela ponta de decepção, habilmente oculta. Se eu não passasse tanto tempo me aprofundando nas questões dos sonhos dos homens, eu não perceberia. Mas percebo e me dilacero com a faca que eu mesma forjei e afiei. Orrin quer um filho. Eu também quero. Mas já faz dois anos. Sareth diz em suas cartas que às vezes pode levar dois anos, às vezes quatro. Ela mesma não teve filhos nos anos seguintes após Degran, a não ser pela pequena Merrith que adoeceu e morreu tão rapidamente. Acho que a dor tornou Sareth estéril. Jilli e Keriam também dizem que pode demorar dois anos, assim como Sareth. Elas dizem que somos jovens, que ele logo virá. No primeiro ano elas acreditaram nisso.

28 de março, ano 102 interregno ARROW. PALÁCIO GREENITE. JARDIM OESTE.

Egan está de volta ao palácio. Eu digo "de volta" mas ele nunca esteve aqui. Orrin mandou construir o palácio após o ducado de Belpan ter se rendido a ele, e Egan volta tão raramente de campanhas que esta é a primeira vez em que ele o vê.
Ele foi ferido novamente. Do lado, dessa vez, caindo de um cavalo em cima de alguma coisa afiada, ele diz. Egan, no entanto, parece sempre se curar bem rápido, como se simplesmente não tolerasse nenhum tipo de restrição, mesmo que seja imposta por seu próprio corpo.
Eu estou lendo Na Terra dos Sonhos Profundos, *de Roland de Thurtan. Eu gosto de lê-lo na varanda que dá para o jardim de ervas. Os jardins formais são... bem, formais demais e grandes demais. Eu gosto de olhar para o jardim de ervas, com seus tanques pequenos, os relógios de sol e de lua que pus lá, e de sentir os aromas. Além do mais, não é um livro para se ler em lugares fechados ou no escuro. Só é preciso um ou dois parágrafos de Roland de Thurtan para as paredes parecerem que estão se fechando contra você.*
Egan pratica com sua espada na grande praça todo dia, em frente à estátua de seu pai. Há uma feitiçaria na forma como ele se move que me remete aos dançarinos das terras de Slav, aquelas criaturas delicadas cheias de graça e leveza, embora ele acrescente força à graça deles. Só depois que ele convida alguém para lutar é que se compreende quão rápido ele é. Ele os faz parecer idiotas. Mesmo os melhores entre a guarda do palácio.
Alguma coisa nele me assusta, todavia. A paixão com a qual ele persegue cada vitória. Assista-o lutar e você se perguntará se há alguma coisa que ele não possa fazer para obter o que quer.

15 de abril, ano 102 interregno ARROW. PALÁCIO GREENITE. JARDINS DE ERVAS.

Egan ainda está aqui. Ele se recuperou rapidamente, embora digam que foi um ferimento medonho. Ele pareceu ávido por sarar e voltar a fazer o que ama – abrir um buraco em qualquer um que se oponha a Orrin. Mas

agora ele está ocioso pelo palácio. Ele até foi à biblioteca hoje – um lugar em que nunca o vi.
Ao mesmo tempo, gosto e não gosto da maneira como ele olha para mim. Alguma parte animal de mim adora. Cada parte racional em mim se ofende. Embora eu não consiga encontrar nada para gostar em Egan que não comece com o que meus olhos veem, ainda há um mistério ali. Quando ele me olha, é com uma compreensão instintiva das mulheres que é negada aos sábios. Negada a Orrin.
Orrin e Egan estão em campanha novamente neste verão. Os dias são longos, quentes e solitários, embora deva haver umas mil almas neste nosso palácio, sendo no mínimo cinquenta damas de qualidade trazidas só para me fazer companhia.
Aprendi a viajar em sonhos, mantendo cada parte de mim focada e lúcida enquanto ando pelos reinos da possibilidade e da impossibilidade. Ou às vezes voo, ou nado, ou galopo. O caminho do mundo é uma linha, uma única linha através da imensidão dos sonhos e se eu seguir essa linha posso ver o que é real, em vez de chafurdar no acaso da imaginação de estranhos. Já enviei mensageiros para explorar os lugares que visitei dessa maneira e confirmei a veracidade de minhas observações.
Sonhei com Jorg de Ancrath ontem à noite e, ao sonhar com ele, fiquei presa em seus próprios pesadelos. As margens dos sonhos dele são feitas com roseiras-bravas, tão grossas e afiadas que acordei esperando que minhas roupas de dormir estivessem esfarrapadas e ensopadas de sangue. E uma tempestade paira furiosa sobre tudo aquilo, tão violenta que afastou o sono de mim. Parecia quase como se ele houvesse criado barreiras para manter os intrusos longe. Ou talvez fosse tudo minha própria imaginação. Não dá para enviar mensageiros para verificar.
Nesta manhã, minha cabeça dói, a pena estremece em minha mão e eu vejo a página por olhos semicerrados. Eles dão pó de erva-doce em Arrow, em vez de losna – também não adianta muito. Eu trocaria a dor atrás de meus olhos pelos cortes daquela roseira-brava, mas este parece ser o preço que pago por invadir o sonho dos outros.

22 de maio, ano 102 interregno ARROW. PALÁCIO GREENITE. GRANDE BIBLIOTECA.

Orrin me escreveu dizendo que empregou Sageous como uma espécie de assessor! O pagão havia se estabelecido na corte do Duque de Normardy após abandonar a proteção de Olidan. Orrin escreveu que Sageous se mostrou útil em prever a situação das terras à frente de seu caminho e ao interpretar certos sonhos perturbadores que ele vem tendo.

Eu escrevi de volta pelo cavaleiro mais rápido para implorar a Orrin para dispensar o pagão imediatamente. Eu teria escrito "enforcar" em vez de "dispensar", mas Orrin é muito... certinho para isso.

23 de junho, ano 102 interregno

Eu tentei visitar os sonhos de Orrin como tenho feito toda noite desde que descobri a capacidade de fazê-lo. Esta noite eu não encontrei sinal algum dele, apenas um vazio no espaço dos sonhos onde o procurei, apenas um nada e a lembrança do tempero, a semente de coentro que o pagão parece exalar.
Em desespero, busquei Egan em seu sono, mas também não encontrei sinal algum dele. Os outros da comitiva de Orrin eu não tenho familiaridade suficiente para encontrar, entre as centenas de milhares que formam a matéria dos sonhos.
Tenho um novo médico, um homenzinho sujo das estepes eslavas, mas suas infusões acalmam minha cabeça. Ele é muito velho e as palavras que ele diz na língua do Império têm formas estranhas. Mesmo assim, Lorde Malas faz um bom testemunho dele e seus remédios funcionam.

26 de junho, ano 102 interregno

Eu encontrei Orrin sonhando! Eu não consegui caminhar em seu sonho, uma coisa dourada de muitas camadas, mas me pareceu que ele havia repelido qualquer tentativa que Sageous tenha feito para controlá-lo. Talvez ele estivesse certo a respeito de ser aquele que ia segurar as cordas. Perturba-me o fato de ficar de fora. Talvez seja uma barreira feita pelo pagão ou uma defesa própria de Orrin, seja por vontade consciente, seja por resistência natural à direção.
Enquanto Jorg me afastou com espinhos e relâmpagos, Orrin usou calma e simples recusa. Espero que ele tenha enviado Sageous correndo de volta a

Olidan Ancrath no Castelo Alto.
12 de julho, ano 102 interregno ARROW. PALÁCIO GREENITE. SALÃO DE FESTAS.

Este palácio está de pé há quase dois anos e ninguém dançou no Salão de Festas. Orrin daria um baile para me agradar, mandaria seus lordes e damas virem até o palácio em suas carruagens. Centenas viriam de cetim e renda. Ele dançaria com a precisão e a graça que impressionassem seus tutores, seria atencioso às minhas necessidades, elogiaria os músicos. E o tempo inteiro eu saberia que, por trás de seus olhos, pensamentos maiores estavam circulando, planos, filosofias, cartas sendo escritas, e que quando os últimos foliões fossem levados para casa, bêbados deitados nos assentos de suas carruagens, Orrin se encontraria na biblioteca rabiscando anotações nas margens de um volume pesado qualquer.

Egan me escreveu das comemorações após a captura do último castelo de Orlanth. Eu digo que é de Egan, mas nunca o vi escrever. Eu ficaria surpresa se ele já houvesse escrito uma carta até hoje. Talvez um escriba a tenha colocado no papel para ele, pois os caracteres são formados com habilidade treinada, mas a voz é de Egan. Ele escreveu:

Katherine,
Nós temos Orlanth, das planícies a oeste até as fronteiras dos Pântanos de Ken. Orrin se preocupa com planos para o Barão Kennick. Ele banca o político, oferece condições, massageia o ego do velho. Nós deveríamos simplesmente atravessar por lá sem parar e deixá-la fumegante em nosso rastro.
Orrin me mandou ao Castelo Traliegh em Conaught, fica no meio do nada. Após os excessos da Enseada Leste, ele diz que se preocupa comigo. Diz que eu preciso descansar.
Preciso descansar tanto quanto preciso de veneno. O que eu preciso é ser provocado pelo avanço da guerra e cair exausto no sono sem nem sonhar toda noite.
Conaught é um lugar assombrado. Tenho cada sonho aqui. Olho para as paredes e tenho medo da noite. Mesmo que eu sonhe com você, não são sonhos bons.

Eu não sei o que fazer. Orrin não admite ouvir nada ruim sobre seu irmão. Eu já vi isso antes. De alguma maneira, ele encontra um ângulo sob o qual os atos de Egan podem ser vistos como desculpáveis.
Eu nunca fiz nada para estimular essa paixão, essa obsessão em Egan. Eu favoreci Orrin desde o princípio. Se eu quisesse um selvagem eu poderia ter sorrido para Jorg de Ancrath e teria me amarrado a uma criatura e tanto.
Orrin precisa mandar Egan para longe, dar a ele algum castelo em uma fronteira disputada, alguma guerra para ocupá-lo. Não é possível que ele precise sempre do irmão ao seu lado. Uma espada não consegue ganhar uma batalha, com certeza, não importa quão habilidosa.

18 de julho, ano 102 interregno

Eu procurei por Egan no espaço dos sonhos e ele ainda está escondido de mim. As mensagens que eu mando ficam sem resposta. Eu nem sei se os mensageiros estão alcançando o exército de Orrin. Relatos dizem que ele está se aproximando das Terras Altas de Renar. Parte de mim se pergunta se Sageous é uma ferramenta de Jorg Ancrath. Será que ele soltou o animal de estimação de seu pai em cima de meu marido?

28 de outubro, ano 102 interregno

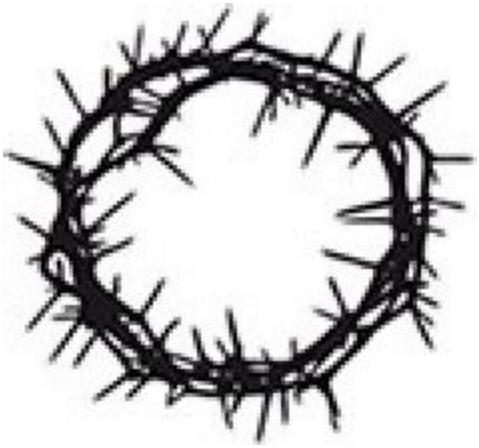
Encontrei os sonhos de Egan, mas eles eram escuros e fechados para mim. Senti o trabalho do pagão e me preocupo com seus planos. Será que Orrin se mostrou difícil demais de guiar? Egan seria mais fácil, como um touro instigado para lá e para cá pelo balançar de uns panos. É de enlouquecer ficar trancada neste palácio, quando tudo que importa está se desdobrando a quinhentos quilômetros daqui.

29 de outubro, ano 102 interregno

Ainda nem uma palavra de Orrin ou de Egan, mas relatos chegam de dezenas de milhares de homens a caminho, homens armados, todos em direção às Terras Altas, de Jorg Ancrath se esquivando em seu único castelo com menos da vigésima parte dessa força.
E eu ainda me preocupo. Com Orrin, com sua esperteza, força, paciência e sabedoria. Até com Egan, com seu fogo e sua habilidade. Porque eu me lembro de Jorg de Ancrath e de seu olhar, das cicatrizes que ele carrega, dos ecos de seus atos que ainda vibram pelo espaço dos sonhos. Eu me lembro dele e me preocuparia mesmo se Orrin tivesse dez vezes o número que tem e Jorg estivesse sozinho.

1º de novembro, ano 102 interregno

Criei um sonho, algo de luz e sombras, e o enviei para dançar na cabeça de Marcus Gohal, capitão da guarda do palácio. Foi mais fácil para ele concordar comigo quando exigi que reunisse uma força apropriada para me proteger em minha jornada a fim de encontrar meu marido. Eu o fiz se esquecer de pensar em argumentar. Em vez disso, ele assentiu, bateu os calcanhares do jeito que os homens de Arrow fazem e convocou quatrocentos lanceiros para me escoltar até o sul.
Nós saímos cedo, antes do alvorecer roubar as sombras do céu, e cavalgamos em um ritmo suave, com a respiração dos cavalos soltando fumaça à frente e as folhas douradas e carmesins das árvores quando a primeira luz as encontrou.
E eu me senti observada, como se alguém lá de cima estivesse prestando muita atenção.



Do irmão Gog eu sinto falta. Não há som mais irritante do que o palavrório de
uma criança e nenhum mais triste do que o silêncio que deixam quando elas
se vão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

48

Dia do Casamento

Isso é loucura, Jorg. Deus fez o Príncipe de Arrow para ficar atrás de uma espada. Isso é o que todos dizem a respeito dele. Ele não é como os outros homens, não com uma espada em punho. Ele não é humano." Makin estava diante do trono agora, como se fosse bloquear meu caminho. "E será o seu destino morrer atrás de uma também", eu disse.
"Eu já o vi lutar." Makin balançou a cabeça. "Espero que você tenha alguma carta na manga, Jorg."
"Claro", eu disse.
Os ombros de Makin caíram conforme ele relaxou um pouco. Tio Robert sorriu.
"O melhor braço de espada da história é o que eu tenho na manga."

Os protestos começaram imediatamente, em coro, como se minha corte estivesse cheia de gansos insatisfeitos.
"Senhores!" Eu me levantei de meu trono. "Sua falta de fé me choca. E eu não sou muito agradável quando fico chocado. Se o Príncipe de Arrow aceitar meu desafio, eu o encontrarei no campo e terei minha vitória lá."
Empurrei Makin para o lado. "Você!" Apontei para um cavaleiro qualquer. "Traga meu arauto aqui." Eu estava razoavelmente certo de que tinha um arauto. Eu me virei e olhei nos olhos de Makin. "Cheguei a lhe contar que lutei com o mestre espadachim Shimon, não?"
"Mil vezes." Ele suspirou e olhou para Lorde Robert.
"Shimon disse que você era bom, Jorg", disse tio Robert. "Um dos melhores que ele viu em quarenta anos."
"Viu?", eu gritei. "Está vendo?"
"Mas ele conheceu Orrin de Arrow dois anos depois e o julgou melhor com a espada. E o irmão de Orrin, Egan, parece que é o mais mortal dos dois, por uma margem considerável."
"Eu tinha catorze anos! Agora sou um homem. Totalmente crescido. Posso derrotar nosso Makin aqui com a perna de uma cadeira. Confiem em mim. Eu farei o Príncipe de Arrow cair e sangrar antes mesmo que ele veja minha espada."
A leviandade foi só para me exibir. Eu lutaria com o príncipe. Ganhando ou perdendo, com chance ou sem chance. A loucura que Sageous pusera em mim havia se extinguido e eu desafiaria as chances de vitória, por menores que fossem – mas ainda assim eu havia matado meu irmão. A chama não poderia consumir essa culpa. Eu a levaria comigo ao campo de batalha e talvez a enterrassem comigo.

• • •

Eles acharam Kent, o Rubro, preso debaixo dos corpos carbonizados dos homens de Lorde Jost. Eu mandei trazerem-no à sala do trono quando soube.

"Você já teve aparência melhor, Sir Kent", eu disse.
Ele assentiu. Dois de meus guardas o carregaram até ali, amarrado a uma cadeira para que não caísse. "E já me senti melhor, irmão." Sua voz veio como um sussurro rouco de pulmões chamuscados pelo ar escaldante.

Mesmo agora, quando nenhum de nós sabia se ele viveria ou morreria, Kent manteve os olhos baixos, humilde entre lordes e cavaleiros, embora eu o tenha promovido à mesma posição deles. Ele se atiraria aos dentes de um exército ao menor incentivo, mas uma sala do trono cheia de homens mais acostumados à seda do que ao couro o intimidava.
Desci de meu trono e me agachei diante dele. "Eu lhe daria algo para a dor, irmão Kent, mas quero que você faça disso uma batalha. Lute contra essas queimaduras. Vença. Não estou oferecendo condição nenhuma de se render."
Minha própria queimadura ainda gritava em mim. Certamente era apenas um eco da dor de Kent e de outros no pátio, mas ainda assim ela me corroía, latejando a maçã de meu rosto e minha cavidade ocular.
Algo em minha visão periférica chamou minha atenção e eu me desviei de Kent, olhando de volta para o trono. Dois lampiões de óleo estavam dos lados do trono, urnas esmaltadas de preto e vermelho, montadas em dois suportes de ferro trabalhado. A chama que dançava em cada pavio dentro da tampa de vidro parecia estranha, brilhante demais, laranja demais, assumindo formatos demais ao mesmo tempo. Eu estendi a mão sobre o vidro e não senti nenhum calor, apenas uma força vital pulsante que correu por meu braço me fazendo querer gritar.
Nunca abra a caixa.
"Alteza, o arauto voltou."
Eu puxei a mão de volta, quase como se pego no flagra. Meu arauto estava à porta entre dois cavaleiros. Ele tinha a aparência que competia à sua função, bonito e alto em sua libré de veludo com fios de ouro.
"E o que o Príncipe de Arrow teve a dizer sobre minha oferta?", perguntei.
O arauto fez uma pausa, um truque de fofoqueiro para atrair mais ouvintes, embora não pudéssemos estar mais atentos.
"O príncipe o encontrará no campo de combate para decidir o resultado desta batalha", ele disse.
Eu vi Makin balançar a cabeça.
"Muito bem", eu disse. "E ele escolheu o local ou aceitou meu convite de lutar na encosta do Runyard?"
"O príncipe achou que a encosta era feita mais por trolls do que por pedras e identificou uma área de solo plano perto da Rocha Rigden, na metade do caminho entre o castelo e a atual posição de sua linha de frente. Ele trará cinco observadores para assistir a uma distância de vinte metros e espera que vossa majestade faça o mesmo."

"Diga a ele que sua escolha é aceitável e que eu o encontrarei lá dentro de uma hora", respondi.
O arauto fez uma reverência e saiu para entregar minha mensagem.
"Makin, eu quero você lá. Mas primeiro pegue Olvin Green ou, se ele estiver morto, alguém que seja bom com ferimentos de flecha. Quero ele e mais seis homens fortes para irem até Coddin. Faça com que tratem o ferimento dele lá, se ainda estiver vivo, e o tragam para baixo assim que for seguro movê-lo."
Makin assentiu e saiu da sala do trono sem uma palavra, apenas colocando a mão no ombro de Kent ao passar.
"Eu vou querer Lorde Robert comigo e também Rike, capitão Keppen e padre Gomst."
Tio Robert abaixou a cabeça de acordo, depois subiu no tablado do trono e se inclinou mais para perto, "Por que um padre? Boas espadas é que são necessárias em caso de traição."
"O Príncipe de Arrow levará cinco bons espadachins. Eu levarei três, mais um arqueiro caso o desgraçado fuja e um padre para que em tempos vindouros a verdade possa ser contada a respeito do que aconteceu."
Deixei que me amarrassem em minha armadura bem-ajambrada e sem adornos, com pedaços de aço prateado. Eu não levava brasões ou emblemas na malha. Decorações são para tempos de paz, para pessoas que estão jogando sem entender que estão jogando.
A Guerra Centenária, há que se dizer, é um jogo. E para vencê-lo você precisa mexer suas peças. O segredo é saber que só há um jogo e as únicas regras são as suas. Com o fim da caixa de memórias eu tinha todos os meus planos em mente agora. O truque estava em não pensar muito sobre eles – para não dar a Sageous nenhuma ponta onde segurar. Um deslize e o jogo estaria acabado.
Enquanto os pajens aferrolhavam e amarravam e suavam, segurei o anel dos Construtores contra o olho. Por um momento, vi Miana através dele, do outro lado do salão, e me perguntei se a mão dela passaria pelo anel para que o usasse como um bracelete naquele minúsculo pulso dela. E então a imagem se formou. O mundo inteiro diante de mim, como uma joia azul e branca. Uma tela na qual nem o Império inteiro pareceria grande.
Um pequeno movimento de meu dedo pela borda sulcada do anel e o ponto de minha percepção recaiu sobre a Terra, mais rápido que uma flecha. Mais rápido até que uma bala. Ah, sim, eu já ouvi falar delas.

A imagem ficou embaçada pela velocidade por um instante, dois, três, e depois entrou em foco. Embora o telescópio que estava pendurado acima de nós fosse grande, ele não poderia oferecer uma visão mais próxima, uma imagem a quilômetros de distância na qual o contorno do Assombrado podia ser visto, mas os detalhes continuavam ocultos. A massa do exército do príncipe fazia uma mancha escura do lado da montanha. Eu conseguia ver a silhueta das maiores armas de cerco e os homens ao redor dela como partículas de poeira. Movi o dedo novamente e a imagem ficou preta. Contei os lampejos conforme ela atravessou quatro espaços vazios, onde os olhos que os Construtores um dia tiveram agora estavam cegos, e depois, com o dedo em cima do último sulco, uma nova cena. Eu vi o exército e os destroços fumegantes de minhas muralhas como se estivesse no alto de uma montanha próxima. Segurando o metal dos dois lados e mexendo meu dedo para frente em milímetros, aproximei a visão, mirando no terreno ao lado da Rocha Rigden.

Na maioria dos lugares, o anel dos Construtores não conseguia ver mais perto do que a perspectiva de um pássaro a quilômetros de altura, como descrevi, mas em aproximadamente um lugar em cada cinco há outros olhos que ele pode usar. Pesquisando e calculando, encontrei a localização de um olho que agora eu explorava. Ele fica em uma encosta alta nas Matteracks, completamente escondido da vista quando não é usado. Quando eu o invoco, uma haste de aço brilhante se ergue de trás de portas pretas embutidas na rocha natural e levanta uma cúpula preta de cristal no ar. Eu já fiquei debaixo dessa cúpula e ouvi o leve ruído e um zumbido conforme trocava a visão do anel. Algum olho mecânico deve ficar lá dentro e responder aos meus comandos. Eu o deixei do jeito que o encontrei. Esses olhos, nas abóbadas do céu e aqui embaixo entre nós, entocados nas pedras vivas, são um trabalho de gênio. Mesmo assim, eu me perguntei que tipo de gente sentia necessidade de ser observada a cada momento em todos os lugares. Talvez tenha sido isso que os levou à loucura. Eu não deixaria me espiarem assim. Eu cegaria esses olhos.

Fexler Brews ficou louco. Catorze anos após seu eco ser capturado e armazenado naquela máquina, ele pegou uma arma e se matou. Eles chamavam essa arma de Colt quarenta e cinco, o mesmo nome dos potros, embora ela se pareça tanto com um cavalo quanto a Costa Equina. Eu encontrei Fexler, mas não foi fácil. Eu o achei em meu longo e errante retorno às Terras Altas de Renar e isso me custou dor e vidas. Vidas que eu

valorizava. Uma mercadoria rara. Fexler pusera uma bala em seu cérebro e mesmo assim as máquinas não o deixavam morrer. Elas o mantinham aprisionado entre frações de um segundo. Afugentei o pensamento, a imagem da arma em sua mão congelada pelo tempo, rubis de sangue parados no ar perto do ferimento de saída. Eu me esqueci da câmara de estase... até que Sageous viu minha lembrança.

Dizem que Deus nos observa a todo o momento. Mas eu acho que, em alguns momentos, quando certas coisas são feitas, Ele vira o rosto.

"O que você vê, Jorg?" Miana estava ao meu lado agora.

"Que o campo de batalha está livre." Tirei o anel de meu olho.

"Você pode vencer, Jorg?", ela perguntou. "Contra esse príncipe? Dizem que ele é muito bom."

Eu senti Sageous. Senti o cheiro dele, cutucando as beiradas de meus pensamentos, tentando furtar meus segredos.

"Ele é muito bom. E eu... Eu sou muito mau. Vamos ver o que sai disso, não é?" Fiz um muro de minha imaginação e impedi minha mente de vagar adiante em relação ao que aconteceria. Minhas mãos sabiam o que fazer – eu não precisava pensar a respeito.

Há uma caixa-forte construída na base de meu trono no Assombrado. Antes de colocarem meu capacete no lugar, eu me ajoelhei em frente ao trono e pus a pesada chave na fechadura. Abaixei a lateral e pus a mão direita lá dentro, deslizando-a pelas tiras do pequeno broquel de ferro e em seguida puxando-a para fora. Fechei os dedos em volta do curioso cabo do objeto que o broquel ocultava e sorri. Imagine Fexler Brews pensando que eu aceitaria um "não" como resposta. Deixei a caixa aberta e me levantei, descendo do tablado para que os pajens amarrassem meu capacete.

"Ponha o cinto de minha espada do outro lado, Keven", eu disse.

O garoto franziu a testa e piscou. Ele parecia uma criança. Suponho que não fosse mais velho do que Miana. "Majestade?"

Eu simplesmente assenti e, ainda franzindo, ele afrouxou o cinto e o amarrou novamente com o cabo apoiado no aço acima do lado esquerdo do meu quadril.

Alguns homens dão nomes a suas espadas. Eu sempre achei isso uma afetação estranha. Se eu tivesse que chamá-la de alguma coisa, seria "Afiada", mas estou tão disposto a batizá-la quanto estaria com meu garfo durante o jantar ou o capacete em minha cabeça.

Eu saí da sala do trono, com passos lentos, todos os olhares sobre mim.

"Jorg, o Rubro", Kent disse em um sussurro quando passei.
"Rubro seria bom, Kent. Mas temo ser mais escuro que isso."
Quando abri aquela caixa recobrei mais do que lembranças.
As chamas das tochas perto da porta brilharam conforme passei, infectando-me com uma paixão estranha. Eu me senti observado por mais do que minha corte, por mais que Sageous e os jogadores que procuram mover a Centena sobre seu tabuleiro. Gog me observava. Do fogo.
Olhei para trás uma vez, para ver Miana ao lado do trono.
Lorde Robert veio atrás de mim. Capitão Keppen e Rike uniram-se a nós do lado de fora.
"Hora de saltar as quedas, velhote", eu disse a Keppen quando ele chegou do meu lado. Ele sorriu com aquilo, como se soubesse que a hora havia chegado e ele compartilhasse da mesma vontade que eu.
Conduzi o caminho através dos corredores de meu tio. Degran não me assombrava mais da penumbra, o motivo de minha culpa não vinha mais junto da promessa de loucura, mas eu sabia de meu crime mesmo assim. A morte esperava por mim nas encostas, de um jeito ou de outro. A morte seria boa o suficiente. Morte pelas mãos do príncipe, morte pelas mãos de seus milhares, ou a morte da qual Fexler me salvara quando ele ancorou na caixinha de Luntar aquelas forças de necromancia e fogo com seus ganchos enterrados em mim tão profundamente e com atrações opostas.
E aquilo me fez lembrar. Peguei a caixa vazia uma última vez para jogá-la fora. A própria caixa de Pandora continha esperança escondida lá dentro, o último de todos os males soltos sobre nós por sua curiosidade equivocada. Ela pode ter até libertado a esperança, mas não em minha direção. Mesmo assim, olhei para dentro da caixa sem tampa mais uma vez, com a mão erguida para atirá-la ao chão. E ali, no interior de cobre polido, uma pequena mancha. Uma última lembrança, relutante em voltar? Coloquei o dedo em cima dela e a escuridão penetrou em minha pele, deixando apenas o cobre reluzente para trás.
Essa lembrança não me arrebatou, não me tirou do agora, mas se estabeleceu como uma recordação enquanto eu andava pelos corredores do Assombrado. Eu me lembrei da última conversa com Fexler, lá no castelo de meu avô. Fexler estava considerando a caixa enquanto eu segurava seu anel de visão contra ela.
"Sageous?", ele ponderou enquanto o anel zumbia.

"Sageous? Aquele ladrão de sonhos imundo fez isso comigo? Colocou loucura em mim?"
"Sageous fez muito pior que isso, Jorg. Ele pôs você nos espinhos." Fexler fez uma pausa como se estivesse se lembrando. "O que o manteve lá é outra história."
Todas as cicatrizes dos espinhos arderam com suas palavras. "Por quê?", eu perguntei. "Por que ele faria isso?"
"As mãos ocultas que mexem as peças de seu Império têm profecias que elas gostam de compartilhar. Elas gostam de falar do Príncipe de Arrow e de seu futuro em Gilden. E elas também têm presságios que não gostam tanto de espalhar. As mãos ocultas acreditam que dois Ancrath juntos acabarão com todos os poderes delas. O jogo terminará."
"Dois?" Eu ri daquilo. "Então elas estão bem seguras!"
"Quando você sobreviveu, contra todas as chances, parece que algum mérito se ligou a você", Fexler disse.
E eu gelei, sabendo finalmente como os jogadores tentaram impedir dois Ancrath de se unirem em seu tabuleiro. Eles precisavam ver os dois filhos de Olidan morrerem juntos. E quando eu escapei daquele fim e me tornei tão útil a seus jogos quanto meu próprio pai querido, eles me deixaram viver porque sabiam que eu nunca uniria minha causa à dele? Ou a possibilidade havia sido considerada muito tempo atrás e o abismo entre pai e filho não havia sido feito inteiramente por nossas próprias mãos?
"Encontrarei o pagão e o matarei", eu prometera a Fexler.
"Sageous não é nada além de um selvagem, deturpando a verdade através de superstições para se envolver em sonhos." Fexler balançou a cabeça.
"Mesmo assim, ele é difícil de pôr as mãos", eu disse.
"Ah, que ele sumisse era o que eu queria", respondeu Fexler, com a voz meio cantando.
"Quê?"
"Uma velha rima. Uma rima antiga, eu suponho. Sageous fez eu me lembrar dela. *Eu vi um homem que não estava lá, ao subir a escadaria; lá ele não estava hoje de novo; ah, que ele sumisse era o que eu queria.* Assim é Sageous; o homem que não estava lá. O que é preciso fazer, claro, é invertêla. *Ah, que ele ficasse era o que eu queria."*
"Quê?" Eu me perguntei se fantasmas ficavam senis.
Fexler então se aproximou e pôs a mão de luz-fantasma sobre a caixa. "Mas nada disso tem a menor utilidade até o enigma da caixa se resolver, até este

nó górdio se desatar. Eu vou colocá-la na caixa."
"Não!", eu gritei. Eu não queria deixá-lo tirar essa lembrança de mim.
"Não o quê?", perguntou Fexler.

"Eu... esqueci", eu disse.

"Não?" Makin perguntou do meu lado, de volta aos corredores do Assombrado, com o Príncipe de Arrow esperando do lado de fora com sua espada e milhares de outros atrás dele.
Eu balancei a cabeça. Minha mão segurava a caixa vazia, agora esmagada pela minha força, com sangue de velhas cicatrizes escorrendo mais uma vez sobre ela. A caixa caiu de minha mão e eu a chutei para a parede.
"Não", eu disse. "Apenas não."

Padre Gomst esperava por nós no pátio. Um caminho havia sido aberto através dos mortos. Eles estavam empilhados dos dois lados, como se fosse a estrada para o inferno. E o fedor daquilo, irmãos! Aquilo fez meu estômago se revirar. Pior: conforme eu andei pelo caminho entre os corpos, empilhados e carbonizados, eles se contorciam. Mãos vermelhas arruinadas se flexionavam ao passar, a pele queimada desprendendo-se dos dedos. As cabeças pendiam, os olhos mortos me encontravam. Os homens que estavam comigo, focados em seu propósito, não viram isso, mas eu vi, eu senti todos eles, desconfortáveis em seu novo sono enquanto o Rei Morto me observava através deles.
Nunca abra a caixa.
A morte e o fogo enterraram seus ganchos em mim. Mais fundos que as profundezas. E cada um havia começado a puxar.
"Eu devia estar amparando os moribundos", disse padre Gomst, quase gritando para ser ouvido sobre os gritos da galeria circular onde eles haviam sido atingidos.
"Deixe que os mortos amparem a si mesmos", eu disse. Sabia que o padre Gomst não teria sido um consolo para mim quando eu estava deitado gemendo em Heimrift. Vi Grumlow às portas da fortaleza, parado nas

sombras. Eu acenei para ele se aproximar. "Mostre aos agonizantes um pouco de misericórdia, Grumlow", eu disse. Ele assentiu e saiu.
Eu sabia que teria agradecido pela misericórdia rápida e afiada de Grumlow lá em Heimrift, em vez de uma lenta partida acompanhada do sermão do padre Gomst.
Nós andamos pelo caminho livre dos mortos, mas não da gordura de carne queimada, dos pedaços de pele, dos contornos chamuscados de homens. Ninguém falou nada; até Rike estava sério. Era apropriado, no entanto. Meu tio, o Duque de Renar, fora um incendiário. Ele espalhava seu próprio terror dessa maneira. E eu cheguei para tomar o lugar dele com Gog a meu lado, enchendo o pátio de cremações. O Príncipe de Arrow estava certo quando chamou os Ancrath de galho mais sombrio da árvore dos comissários. Eu me perguntei por muito tempo se enfrentaria Orrin de Arrow quando ele chegasse. Ele era possivelmente a fruta mais brilhante dos galhos da linhagem do imperador. Nos quatro anos desde que conquistara as Terras Altas, eu andei pelo Império, retornando enfim para conter a rebelião do primo Jarco no oeste, depois lutei contra inimigos menos tangíveis, doenças em meu povo e na economia. Durante o mesmo período, o Príncipe de Arrow havia acumulado sua força e tomado cinco tronos. Talvez fosse apenas o sussurro repetido dos sábios, dizendo-me que eu deveria ceder-lhe o trono do Império, que me fez pensar em me opor a sua marcha ao Portão Gilden. Não gosto de ser mandado.
Agora, porém, com a caixa de cobre aberta e minhas lembranças e pecados devolvidos a mim, senti que mais coisas haviam sido restauradas, como se eu houvesse sido uma sobra de mim mesmo, quase eu, mas com algo vital faltando, alguma coisa tão ligada a meus crimes que Luntar fora forçado a colocá-la também em sua caixa de memórias. Eu poderia não viver para ver o pôr do sol naquele dia sangrento, mas se eu vivesse quatro anos não se passariam novamente sem que eu chegasse mais perto de meus objetivos.
Nós saímos pelas ruínas da expansão da cidade, onde os pedaços em brasa das muralhas externas do Assombrado haviam deixado apenas destroços. Não havia sinal dos estábulos de Jerring onde Makin havia rolado no esterco uma vez para se aprontar para a estrada.
Mesmo agora, eu podia acabar com isso. O príncipe aceitaria a paz: seu progresso era importante demais para não fazê-lo. E quem poderia dizer que ele seria um imperador pior do que eu? Eu podia igualar o pior de seus crimes aos meus e depois superá-los com atos mais sombrios.

Houve várias vezes, na clareza dos lugares altos entre os picos, em que pensei em deixar o caminho livre para Orrin de Arrow. Mas as coisas mudam. Um Jorg diferente se aproximava da área do duelo, um Príncipe de Arrow diferente. Este dia de casamento vira Jorg Ancrath ser refeito em uma forma antiga. Eu tinha aquela velha sede dentro de mim outra vez. Sangue correria solto.

A música surgiu ao meu redor, distante a princípio. Uma obra que minha mãe costumava tocar ao piano. Um instrumento raro, uma coisa complexa de cabos e teclas e martelos, antigo, mas as notas que ela espalhava com sua mão direita eram límpidas e agudas, puras como estrelas contra o céu preto, e uma melodia bamboleante com a esquerda. Às vezes, só uma única nota, pura feito o gelo, pode lhe tirar o ar dos pulmões, e uma segunda, fora do ritmo, jogada no vazio, pode lhe mandar arrepios sobre a pele. Um pequeno arpejo e um batucar das mãos sobre as notas fora podem levá-lo a qualquer lugar, qualquer época, fazê-lo sentir-se novo ou estabelecer a pressão dos anos sobre você, algo bastante pesado para fazê-lo parar de respirar.

Nós andamos sobre pedra partida, madeira queimada. A melodia pulsava sob o crepitar da chama, sua mão esquerda percorrendo as notas mais graves. Rike se agigantava sobre mim de um lado, meu tio caminhava do outro. Senti o refrão agudo. Eu vi a mão de minha mãe procurando as notas altas, as teclas pretas, aquelas que me doíam dentro do peito, como os gritos das gaivotas acima dos mares bravios. Após tantos anos assistindo às mãos dela tocando na memória silenciosa, eu finalmente a escutei, eu escutei sua música.

Descemos a montanha, descemos em direção à densa extensão do exército do príncipe. Ainda a música, a melodia profunda e lenta, o contraponto agudo e recortado, como se as próprias montanhas houvessem se tornado a trilha sonora, como se as glórias de cavernas ocultas e picos secretos houvessem se envolvido na grandiosidade atemporal do oceano e se transformado na música da vida de todos os homens, tocada pelos dedos de uma mulher, sem pausa ou clemência, estendendo-se, girando, deixando-nos expostos.

Ao nível do terreno plano, diante da massa cinzenta da Rocha Rigden, a música ralentou, as notas se espalharam, apenas o contraponto tocou na oitava mais alta, notas tristes, falhadas, desmaiadas. Eu olhei para Makin, relembrando aquele primeiro dia quando ele me entregou uma espada de madeira. Todos aqueles seus garotos determinados, prontos para aprender seu jogo. Eu lhes mostraria que não era brincadeira, que é sempre para

vencer, mas acho que eles não entenderam nem ali nem com o melhor deles caído, sufocando no chão.
Uma grande catapulta estava em chamas ao lado da rocha. Ela deve ter pegado fogo mais perto das muralhas e sido arrastada até aqui até perceberem que era um caso perdido. Eu me perguntei se era a que lançou a pedra no meu quarto. As chamas me observavam. Elas se inclinavam em minha direção.
O Príncipe de Arrow estava à espera, os dragões ainda agarravam seu nome sobre o brilho multicolorido de sua armadura teutônica. Seus cinco cavaleiros estavam à distância combinada e eu deixei os meus adicionais da mesma maneira. Eles formavam uma fila engraçada, com Rike imponente ao centro, parecendo seis tipos de notícias ruins. Makin e Robert em cada lado dele. O velho Gomst à direita, usando todas as coisas santas que ele possuía, na esperança de que ninguém lhe fincasse uma flecha, e o velho Keppen à esquerda, com um rosto amargo como se não tivesse tempo para bobagens.
Andei para me encontrar com o príncipe.
Ouvi a voz abafada do príncipe, de dentro de seu capacete, com olhos escuros observando: "Abra sua fortaleza para mim e nós podemos acabar com isso".
"Você não quer de verdade que eu faça isso", eu disse. "É melhor assim." Eu virei minha lâmina para refletir a luz. "Pare de tentar ser seu irmão. Para ele eu poderia abrir os portões. Talvez."
O príncipe levantou seu visor. Ele deu um sorriso feroz e sem alegria, e em seguida tirou o capacete, passando a mão pelos cabelos arrepiados, grossos, curtos e pretos.
"Olá, Egan", eu disse.
"Eu gostava mais de você como escória da estrada", ele disse. "Caía-lhe bem."
A fumaça da arma de cerco em chamas veio para cima de nós. Ouvi Rike tossir.
"Gosto de sua armadura. Talvez eu fique com ela quando a arrancarem de seu cadáver", eu disse.
Ele franziu a testa, fazendo as sobrancelhas pretas se encontrarem. "Você é destro. Que jogo é este?"
Eu pus a mão esquerda sobre a empunhadura de minha espada. "Geralmente luto com a mão direita. Espero que você não tenha baseado sua avaliação de

minhas habilidades em espiões que viram isso... Sou muito melhor com a esquerda."
Egan deslocou seu peso para seu calcanhar de trás. "Você lutou com Orrin usando a direita..."
"Verdade", eu disse. "Fiquei triste ao saber que você matou Orrin. Ele era um homem melhor do que nós dois. Talvez o melhor homem de nossa geração."
"Ele era um idiota", disse Egan, ajeitando seu capacete no lugar novamente. "Tranquilo demais em sua confiança, talvez. Fiquei sabendo que você o apunhalou nas costas e o viu sangrar até a morte."
Egan deu de ombros. "Ele nunca teria lutado comigo. Ele teria conversado. E conversado. E conversado." Ele falava como se não fosse nada, mas aquilo o assombrava. Eu podia ver em seus olhos.
"E como Katherine recebeu a notícia da morte de Orrin?", perguntei.
Eu o vi empalidecer. Apenas meio-tom. "Prepare-se para se defender", disse Egan. Ele sacou sua espada. Não dei a menor atenção.
"Eu disse a Orrin que decidiria a respeito dele no dia em que viesse às Terras Altas novamente. Acho que eu o teria seguido e chamado de imperador. Espero que sim. Você deveria ter esperado duas semanas e então poderia tê-lo assassinado após passar pelas Terras Altas. Teria dado mais certo para você", eu disse.
Egan cuspiu. "Nós somos dois fratricidas reunidos para a batalha. Você está pronto?"
"Você sabe por que pratiquei com a espada todos os dias desde que nos vimos pela última vez?", perguntei.
"Para que eu demorasse alguns momentos mais para matá-lo?", perguntou Egan.
"Não."
"Então por quê?"
"Para que você acreditasse que eu o enfrentaria em uma briga justa", eu disse.
Ergui minha mão direita, apontando a arma para ele por baixo do broquel do tamanho de um prato.
"O que é isso?", perguntou Egan. Ele deu um passo para trás.
"Tem a palavra COLT gravada no metal, se isso ajudar. Pense nisso como uma balestra, mas toda espremida para dentro de um pequeno tubo. Você pode agradecer a um eco chamado Fexler Brews por ela", eu disse.

Atirei na barriga de Egan. A bala fez um pequeno buraco em sua armadura. Eu sabia, por ter feito o teste em uma melancia, que o buraco do outro lado seria maior.
"Desgraçado!", Egan cambaleou para trás.
Eu tentei baleá-lo na perna, mas a arma travou. "Sorte que isso não aconteceu de primeira, né?" Saquei minha própria espada com a mão esquerda.
Ele quase bloqueou o movimento de minha espada. Tive de admitir que ele era bastante bom. A lâmina acertou seu joelho e ele caiu.
Os cinco cavaleiros que Egan trouxera consigo começaram a avançar. Mexi na arma, batendo-a contra o cabo de minha espada. Eu a ergui novamente e atirei, uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Todos eles caíram com buracos nos rostos. Eu não teria acertado com a mão esquerda.
"Desgraçado!" Egan tentou rastejar em minha direção.
"Este jogo não é seu!", eu gritei. Alto bastante para os milhares de Arrow ouvirem, se eles não estivessem gritando pelo meu sangue enquanto começavam a avançar. Eu dei de ombros. "Eu não jogo com as regras que você escolhe."
Derrubei a espada de Egan de sua mão e acenei para os outros se aproximarem. "Tragam Gomst!"
A arma não tinha mais balas, então eu a joguei fora, junto com o broquel, e me agachei atrás de Egan para tirar seu capacete. Precisei usar minha faca nas tiras. Posso tê-lo cortado um pouco.
"Você não precisa terminar assim, Egan." Segurei seu pescoço. "Há morte em meus dedos, sabia? Você me magoou quando me chamou de fratricida, mas é verdade. Eu matei o pobre Degran sem nem pensar a respeito. Você já está sentindo? Você pode imaginar o que eu posso fazer quando *estou* pensando a respeito? Quando eu realmente quero feri-lo?"
Ele gritou então, mais alto do que eu jamais ouvira um homem gritar.
"Viu?", eu disse, quando houve uma pausa. "Eu não tenho orgulho de como aprendi a fazer isso – mas aí está, o diabo encontra trabalho para mãos ociosas. Posso matar partes de sua medula espinhal e deixá-lo com tanta dor assim por anos até você morrer. Posso paralisá-lo e tirar sua fala para que ninguém saiba o quanto sofre e você não terá a habilidade de procurar ou implorar por um fim."
Os soldados do príncipe vinham correndo, mas eles tinham muita montanha ainda para percorrer.

"O que você quer?", ele perguntou.
Eu já havia cortado a ligação entre sua cabeça e seus músculos, então eu sabia que ele não estava mentindo. Eu só estava mentindo quando dei a entender que pudesse recuperá-la. "Vamos ser amigos", eu disse. "Sei que não posso confiar em você, mesmo que me chamasse de irmão... mas faça isso mesmo assim."
"Quê?", disse Egan.
"Jorg! Precisamos correr!" Tio Robert pôs a mão em meu ombro.
Eu o ignorei e deixei mais dor correr através de Egan. "Chame-me de irmão."
"Irmão! IRMÃO! Você é meu irmão", ele chorou, depois gritou, depois engasgou.
"Padre Gomst, você ouviu isso?", perguntei.
O velho assentiu com a cabeça.
"Vamos tornar oficial", eu disse. "Adote-me em sua família, irmão."
Eu o machuquei novamente.
"Jorg!" Makin apontou para os milhares que vinham em nossa direção, como se eu não tivesse notado.
"Eu... você está adotado. Você é meu irmão", engasgou Egan.
"Excelente." Eu o deixei cair e me levantei. Enxuguei o sangue dele de minhas mãos na capa de Makin.
"Precisamos correr!" Makin deu alguns passos rápidos em direção ao Assombrado para me incentivar.
"Não seja bobo", eu disse. "Nós nunca conseguiríamos."
"Qual é seu plano?", perguntou Makin.
"Eu espero que eles simplesmente desistam. Quero dizer, não é que eles gostem deste monte de bosta." Chutei a cabeça de Egan, mas não forte demais: eu podia precisar daquele pé para correr. "Já matei mais da metade dos desgraçados. Seus dois príncipes se foram. Talvez eles simplesmente voltem para casa!" Gritei esta última parte para as fileiras deles, agora próximas o bastante para ver os rostos.
"É isso?", tio Robert perguntou. "Você simplesmente esperou?"
Sorri e o encarei. "Passei os últimos dez anos com palpites, apostas, esperança e sorte."
O fogo dançou atrás dele conforme tábuas caíam da catapulta. As chamas possuíam a mesma estranheza daquelas do castelo, um aspecto frágil e plano. Estrias carmesins as tingiam em um efeito pontilhado...

"Eu vou ver você morrer." Sageous estava à minha esquerda, nu, a não ser por uma tanga, apesar do frio, com inscrições em cada centímetro de seu corpo.
Ele me surpreendera, mas tentei não demonstrar. Dei um passo em sua direção.
"Eu não estou aqui. Você nunca aprende, Jorg de Ancrath?" Vi que ele me odiava. Isso, por si só, já era uma pequena vitória – colocar um pouco de emoção naqueles olhos calmos de vaca.
"Não está?", perguntei.
Ele olhou para Egan, caído e ensanguentado em sua armadura de arcoíris.
"Eu poderia ter feito grandes coisas com esse aí. Você sabe quanto tempo levou para encontrar um homem tão poderoso e ao mesmo tempo tão maleável? Eu não consegui trabalhar com Orrin. Ele cedia menos do que seu pai, e isso é dizer muito."
"Você o fez matar Orrin?", perguntei.
"Não foi difícil. Só precisou de um pequeno empurrãozinho na direção certa. A doce Katherine se mostrou tentadora demais e o pobre Orrin estava atrapalhando o caminho. Homens como Egan só têm uma resposta para coisas que se põem em seu caminho."
"Tantos empurrõezinhos, bruxo dos sonhos", eu disse.
"Você provavelmente nem se lembra do sonho que o fez implorar para visitar Norwood aquele dia, não é Jorg?"
"O quê?" Imagens borbulharam no fundo de minha mente. A feira de Norwood. As bandeirolas. Eu quis ir. Importunei minha mãe. Eu quase os arrastei para dentro daquela carruagem. "Foi você?"
"Sim." Ele me deu um sorriso apertado e cruel. "Seus pecados clamavam por aquilo." Ele me imitou.
"Eu era uma criança..."
Sageous olhou para Egan. "Eles clamam por isso até agora."
Um fogo frio surgiu dentro de mim. "Eu vou lhe dizer pelo que meus pecados clamam, pagão. Eles querem mais. Eles gritam por companhia." E fui em sua direção.
"Eu não estou aqui, Jorg", ele disse.
"Mas eu acho que está."
Eu o senti tentar embaraçar minha visão, tentar fugir em sonho. E então eu a vi. Um fantasma dela. Katherine, branca de raiva e mais bonita ainda assim. Um fantasma dela atrás dele, esperando no local para onde ele tentou correr,

como uma miragem na areia quente, com os lábios se movendo sem som, entoando alguma coisa. Eu podia vê-la montada em um cavalo, com os mesmos cavaleiros ao seu redor que ela trouxera consigo do palácio de Arrow. Em algum lugar na massa daquele exército, Katherine cavalgava às cegas, com os olhos tomados por visões, conforme ela lançava seus próprios feitiços. E, com cada palavra silenciosa da fina linha de sua boca, Sageous ficava mais sólido, mais quase *lá*.
Eu estendi a mão para pegá-lo. "Eu vi um homem que não estava lá..."
Minhas mãos quase encontraram o pagão, mas seu corpo escapuliu quando fechei os dedos. O que Fexler disse? Está tudo na vontade. Ponha de lado as caveiras, a fumaça, as palavras dos feitiços e no fundo de tudo isso está o desejo. "Ele não estava lá hoje de novo." Querendo é que se torna real. "Ah, que ele ficasse era o que eu queria." E minhas mãos o encontraram. Não importa o que se diga sobre o sabor que ela deixa depois: na hora, a vingança é mais doce que o sangue, meus irmãos.
Agarrei sua cabeça e a arranquei de seus ombros como se eu fosse um troll e ele um mero humano, pois ele havia perambulado por muito tempo em sonho e sua carne estava podre, rasgando como o pergaminho rabiscado com que ela se parecia. Ele deu seus próprios gritos silenciosos e tentou morrer. Mas eu o mantive ali. Deixei a necromancia segurá-lo em seu crânio.
"Não há sofrimento suficiente para você neste mundo." E o fogo que ardia em meus ossos, que ecoava em meu sangue, acendeu-se em minhas mãos e ele também ardeu ali, aprisionado, vivo, consumido.
Atirei sua cabeça na direção das tropas próximas. Ela bateu chamejante nas rochas, a pele borbulhando, os lábios se contorcendo.
Morrer queimado foi bom demais para ele.
Andei em direção aos destroços em chamas da catapulta, com fogo subindo pelos braços agora.
"Jorg?", perguntou Makin, com a voz baixa, como se pelo menos metade dele esperasse não ser percebido.
"Melhor correr", eu disse.
"Nós não podemos ganhar deles", resmungou Rike.
"De mim", eu disse.
O fogo aumentou conforme eu me aproximava. Ele parecia vidro, como uma janela. Atrás de mim, Makin e os outros corriam. Eu ri. A alegria daquilo, a extraordinária alegria da destruição. É por isso que as chamas dançam. Pela alegria.

"Só há um fogo", eu disse, e eu sabia que Gog me assistia de dentro dele. Pus os braços dentro da labareda e o encontrei, feito de chama, com sua mão incandescente segurando a minha, os fragmentos de seu corpo perdido ainda em minha pele, me preservando. Em meu âmago, essa nova magia do fogo – chame de mágica, ou de discernimento, ou de empatia – fez guerra com a necromancia que ainda infectava meu sangue.

As tropas do príncipe passaram a Rocha Rigden e uma lança voou acima de minha cabeça.

"Venha a mim, irmão Gog", eu disse.

"De verdade?", ele perguntou. "Isto não terá fim – como o sol embaixo da montanha."

Um milhão de imagens passaram por mim. Rostos, momentos, lugares, irmãos de todas as espécies. O cansaço do mundo. E o fogo o consumia. Eu soube então como Ferrakind se sentia.

"Deixe tudo queimar."

E Gog fluiu em mim. Um rio de fogo, comendo a magia da morte e fazendo algo novo, um fogo mais escuro que corria feito veneno, enroscando-se em meus membros.

Os primeiros do exército de Egan me alcançaram e o fogo se ergueu de minhas mãos. A carne no corpo dos homens se desprendeu como a espuma do mar diante do vento, seus ossos se acenderam conforme eles caíam. O fogo escuro correu, saltando de homem para homem enquanto os soldados tentavam fugir, tentavam se virar e correr, só para encontrar seus camaradas ainda sem entender, movendo-se para frente.

Eu caminhei entre eles e a morte caminhou comigo.

Morte e fogo. Ferrakind urrou para mim do lugar onde mora o fogo, uma canção de destruição, tirando de mim o que eu sou. Ferrakind e todos os outros que foram perdidos na chama, todos somente um agora, fundidos, gritando para eu me unir a eles. E, no lugar seco no qual os mortos caem, outras vozes, tão atraentes quanto as do fogo, implacáveis. O Rei Morto tentava me alcançar, pelos caminhos através dos quais a necromancia fluía em meu interior e me inundava. Esses dois entre muitos, ambos lutando para me reivindicar, como cachorros lutando por um osso. E, enquanto eles lutavam, a morte e o fogo floresciam em mim em um incêndio, e homens morreram, às dezenas, às dúzias, às centenas, aos montes fedorentos, fumegantes, aos berros.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

49

Dia do Casamento

O guerreiro cavalga um garanhão preto. A fumaça cobre as ruínas do castelo atrás dele e o vento fornece apenas vislumbres do abismo lotado de corpos entre muros altos e destruídos. O mesmo vento agita o cabelo longo e escuro sobre seus ombros, como uma flâmula, e balança o que sobrou de sua capa. À sua esquerda e à direita, mais cavaleiros emergem da neblina de guerra, todos guerreiros, com as armaduras amassadas, rasgadas, cobertas de fuligem e sangue. Um enorme soldado em cota de malha maltrapilha carrega o estandarte, com o javali de Ancrath em preto sobre o campo vermelho de Renar. Eles vêm sozinhos ou em duplas, com movimentos lentos, como se a grande distância da qual eles são vistos tenha de alguma maneira roubado a

urgência de seu deslocamento. Cada casco pisa o chão com a determinação de portas de túmulos se fechando, sem som para acompanhar a ação. Cada salto e sacudida na sela leva muito tempo.

Onde a sujeira endurecida se solta da armadura de chapas do guerreiro, o metal exibe os tons de arco-íris do aço oleado. A seu lado, um cavaleiro mais velho, de cabelo escuro, com meio sorriso nos lábios grossos, cachos pretos colados à testa, a cabeça de uma águia em seu escudo redondo trabalhado em cobre vermelho, bronze e prata, espada em seu quadril e mangual de aço preto amarrado à sua sela. Um segundo homem de cota de malha vem em um cavalo branco de batalha à esquerda deles, tão à vontade em sua sela quanto qualquer velho marinheiro em um convés ondulante. Sua armadura é trabalhada com as gravuras góticas da Costa Equina, sua capa azul lembrando o mar. Em seu escudo de duelos, a faixa azul e o sol negro da Casa Morrow.
Um padre os acompanha, desconfortavelmente empoleirado em uma mula indócil. O vento joga tufos de cabelos grisalhos em sua carranca.
O homem ao centro, na ponta da seta deste exército que surge, olha sempre em frente. Um crânio de lobo foi fixado no pomo de sua sela. Um lobo ou um cachorro grande. O rosto do homem tem cicatrizes, o lado esquerdo é áspero e retorcido, como se o escultor houvesse saído no meio do ato ao ouvir o sino indicando o fim de um dia de trabalho, deixando sua criatura inacabada. Sobre um dos olhos, afixado ao aro em relevo e à lateral de seu capacete por rebites de ferro, está um anel de prata, grande o bastante para se apoiar em sua sobrancelha e maçã do rosto. Se você soubesse que a borda tinha sulcos, talvez imaginasse que pudesse vê-los, mas eles são prisioneiros da distância entre nós, assim como qualquer mensagem naquela olhada de mil metros de distância.
Fiquei entediado de assistir a mim mesmo e coloquei o anel para cima para que minha visão ficasse desobstruída.

• • •

Eles me encontraram nu, com cada item que estava comigo aparentemente consumido pelo fogo, exceto minha espada, sobre a qual chamas ainda dançavam. Aquele fogo ficou na chama por horas e até agora, de tempos em tempos, vejo reflexos das chamas no aço. Batizei minha primeira espada. Eu a chamo de Gog, embora ache que ela tenha apenas um eco dele, como

aquele eco de Fexler Brews, um homem que atirou em si mesmo em uma câmara de estase muito tempo atrás com uma Colt 45. O mundo girou, ele disse. E o deixou para trás.
Eu abri meus olhos quando Makin me enrolou em sua capa. As feridas em meu peito eram apenas bordas rosadas com emendas brancas – o fogo havia queimado qualquer traço de necromancia em mim e no fim, ao terminar, aquela morte levou Gog. Senti a falta de ambos, como buracos no mundo. Gog está terminado. Eu não o verei novamente.
O fogo me deixou, pois sempre fora dele, nunca meu, e a necromancia também. Posso ter roupas e armadura agora, mas estou nu contra o mundo mais uma vez, com nada além da inteligência e da língua, ambas afiadas, e da lâmina dos Ancrath para me ajudar.
Acho que se eles não tivessem lutado um com o outro por minha causa, Ferrakind e o Rei Morto, se um deles tivesse a atenção total voltada para mim enquanto me abria para seus reinos e deixava aqueles lugares me atravessarem de forma tão despreocupada, eu teria sido derrotado. Tais poderes não podem ser dominados, não sem um preço, e esse preço parecia incluir todos os motivos pelos quais você queria tal poder. E é um sacrifício pelo qual eu pagaria no momento, com os braços de milhares erguidos contra mim. No fim, meus irmãos, não há preço que eu não pague para vencer este nosso jogo. Nenhum sacrifício é grande demais a ser pago para impedir que outros imponham sua vontade sobre a minha.

Nós cavalgamos até Arrow. Sinto que eles me devem um castelo, no mínimo. Um palácio pode ser bom também. E todos aqueles adivinhos e videntes mortos – nós somos amigos agora. Eu *sou* o Príncipe de Arrow. Pergunte ao padre Gomst. Ele estava lá, olhando, enquanto Deus virava para o outro lado. Egan me adotou em sua família. E ele está morto agora. Não pela minha mão, mas pisoteado por seus próprios homens. Portanto, eu sou o Príncipe de Arrow, indo para casa, destinado pela razão e pela visão a ser imperador e a me sentar naquele trono dourado além do Portão Gilden.

Nós cavalgamos até Arrow, uma avalanche que rimbomba das Terras Altas. Este mundo irá se curvar ao meu domínio. A caixa está aberta, suas memórias livres, velhas maldades e pecados libertados outra vez. Eu não sou aquele menino, aquele menino selvagem à beira da idade adulta que a

encheu. Ele está em meu passado e logo a curvatura da Terra irá escondêlo, conforme os anos nos afastam. Eu não sou aquele garoto e seus crimes não mancham minhas mãos. Estou indo em direção a Arrow. Eu mergulharei em sangue até os ombros se for preciso, tão fundo que rio nenhum poderá me deixar limpo, embora eles atravessem montanhas. Meus sonhos são só meus agora, sombrios e puros. Se quiser saber quais eles são, irmão, fique em meu caminho.

Eu disse a Sageous que meus pecados clamavam por mais e eu pretendo dar companhia a eles. Eu queimarei e devastarei, e as terras de Orrin, a herança manchada pelo sangue de Egan, serão entregues a mim. Eu serei Rei de Arrow, de Normardy, de Conaught, de Belpan, dos Pântanos de Ken, de Orlanth e das Terras Altas de Renar. Eu tomarei essas terras e transformarei seus povos em armas. Com fogo e sangue eu os farei se curvarem ante a minha vontade, porque este é um jogo sem regras, e eu serei vitorioso mesmo que desafie o próprio inferno.

Escrevo isto enquanto acampamos após um dia árduo de viagem. Minha letra está um garrancho nas páginas mais brancas que o ouro pode comprar. Talvez elas merecessem pensamentos mais dignos, mas eu coloco os meus aqui. Sageous escreveu suas palavras em sua pele e isso o enfraqueceu. Meu pai as guarda para si e isso o torna menos que humano. Eu escrevo as minhas aqui, como se a tinta e o papel pudessem levar a culpa por mim. Os cirurgiões gostam de fazer um homem sangrar, de deixar os maus humores saírem, para que ele possa encarar o mundo novamente. Talvez eles pudessem lhe dar apenas uma pena e deixar que os venenos saiam dele enquanto guarda o sangue para a sua finalidade.

Ao lado de minhas páginas estão as de Katherine, recolhidas das ruínas embaixo da Rocha Rigden. Eu a vi queimar. Eu a vi entre as chamas, com seu cavalo gritando. Ou aquilo foi um sonho na escuridão que se seguiu? De qualquer modo, o vento espalhou suas palavras sobre os mortos e eu as segui até o cadáver de uma mula de bagagem. Eu disse, uma vez, que tais sentimentos são fortes demais para durar. Só podem arder. Eles fazem com que nos tornemos cinza e carvão. E nós ardemos, nós dois – mas eu ainda a desejo. Apesar de que, se estivesse aqui agora, ela apenas me odiaria e o orgulho afiaria minha língua para cortá-la de volta.

O orgulho sempre foi minha fraqueza e minha força, mas só existem três coisas das quais eu me orgulho. A primeira – eu escalei o Dedo de Deus para ficar sozinho naquele lugar alto e encontrar uma nova perspectiva. A

segunda – eu fui à montanha por Gog, mesmo que não pudesse salvá-lo de seu fogo, assim como ninguém pode me salvar do meu. A terceira – eu lutei apenas com espadas com mestre Shimon, com a canção da espada tocando, e nós fizemos algo belo.

Haverá mais orgulho por vir, o bastante para se afogar, mas talvez não haja mais coisas das quais se orgulhar.

Uma era de terror está por vir. Um tempo sombrio. As covas continuam a se abrir e o Rei Morto se prepara para velejar. Mas o mundo tem coisas piores do que homens mortos. Um tempo sombrio virá.

O meu tempo.

Se isso o ofende.

Tente me impedir.

CONTINUA


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
KING OF THORNS
DARKSIDE